

**Trânsitos Geográficos e Trânsitos Textuais
Narrativas de viagem oitocentistas de autoria estrangeira
sobre a Amazônia em tradução brasileira:
o caso dos olhares anglófonos**

Edwiges Conceição de Souza Fernandes

Tese de Doutoramento em Tradução e Terminologia

Julho de 2021

**Trânsitos Geográficos e Trânsitos Textuais
Narrativas de viagem oitocentistas de autoria estrangeira
sobre a Amazônia em tradução brasileira:
o caso dos olhares anglófonos**

Edwiges Conceição de Souza Fernandes

Tese apresentada à Universidade Nova de Lisboa para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Tradução e Terminologia, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Zulmira Castanheira, Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Julho de 2021

DEDICATÓRIA

*A Deus e à Nossa Senhora de Nazaré,
aos meus pais Augusto e Sulamita (in memoriam),
ao meu marido Mesquita Junior e ao meu filho Renan Augusto,
dedico esta tese, como prova de minha devoção, gratidão e amor eterno.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar, iluminar, proteger, fortalecer em todos os momentos de minha vida e, em especial, durante o longo período de escrita desta tese.

À minha adorável família, pelas constantes demonstrações de amor, compreensão, incentivo e dedicação.

À Universidade do Estado do Pará que me concedeu licença e bolsa para cursar o Doutorado. Aos meus colegas do Curso de Letras Inglês que, mesmo sem disponibilidade de carga horária, não hesitaram em me substituir. Aos coordenadores do Curso de Letras Inglês, Professora Doutora. Jessiléia Eiró e Professor Doutor. André Diniz, pelo apoio e amizade. Ao Chefe do Departamento de Língua e Literatura, Professor Doutor Ednalvo Campos, pela presteza com que atendeu às solicitações inerentes à sua gestão e pelas palavras de incentivo e encorajamento. À Professora Doutora Eliete Solano pelas orientações nas questões étnico-raciais presentes nesta tese.

À minha querida orientadora, Professora Doutora Maria Zulmira Castanheira, pelo compartilhamento de saber, pela cientificidade e seriedade de sua orientação, pela paciência, carinho e dedicação e inestimável parceria neste árduo mas prazeroso trabalho.

À Professora Doutora Maria Tereza Roberto, Diretora do Doutorado em Tradução e Terminologia na Universidade de Aveiro, um ser iluminado, que auxiliou na escolha pelo Curso de Doutorado em Tradução e Terminologia quando ainda me encontrava no Brasil, especialmente pela forma polida, carinhosa, competente com que esclareceu minhas dúvidas, e por me transmitir segurança para iniciar o que se tornaria uma longa mas encantadora jornada de pesquisa e aprendizado.

À Professora Doutora Rute Costa pelo seu jeito prático e competente de dirigir o Curso de Doutorado em Tradução e Terminologia na NOVA FCSH e pelo apoio prestado aos doutorandos.

A todos os professores do Curso de Doutorado em Tradução e Terminologia, das Universidades de Aveiro e Nova de Lisboa, que tanto contribuíram para o aprimoramento acadêmico e profissional de todos os doutorandos do curso.

À Dra. Rita Gomes, da Divisão Acadêmica do Núcleo de Doutoramentos, pela forma eficiente e esclarecedora de nos prestar informações e atender às nossas demandas com prontidão e polidez todas as vezes que precisamos.

À Professora Doutora Cristina Carneiro Rodrigues pelos artigos enviados e disponibilidade em esclarecer dúvidas relativas aos viajantes estrangeiros, suas obras e coleções.

Ao tradutor de Wallace na edição da Reconquista do Brasil, Eugenio Amado, que muito gentilmente aceitou colaborar com esta pesquisa ao responder minhas perguntas por e-mail.

À querida Caroline Vaczy, English Teaching Assistant (UEPA-CAPES-FULBRIGHT), pela cuidadosa e competente revisão do *abstract*.

À querida Maria Sardinha que tão bem acolhe os estudantes da UNL na Residência do Lumiar, em Lisboa, pela prestimosidade e amizade.

Aos meus queridos compadres Manuel e Mônica Almeida que me incentivaram, abrigaram, apoiaram na chegada a Portugal e me proporcionaram momentos maravilhosos no convívio com sua família, e nas viagens e passeios pela encantadora região norte de Portugal.

À minha querida amiga-irmã Yone Mattietto, *in memoriam*, pelo seu alto astral, companheirismo, incentivo e carinho.

À amiga querida Professora Doutora Silvia Benchimol, por ter aceitado compartilhar comigo a experiência do Doutorado além-mar, pelo companheirismo e apoio, juntamente com nossas queridas colegas de Doutorado Dra. Rosa Dias e Dra. Izabel Fraústo que alegraram nossos dias na Universidade de Aveiro.

À querida amiga Dra. Anabela Vinagre Mateus, ao Dudu, ao Sr. António e Sra. Antónia Vinagre que sempre receberam a mim e a minha família com muito carinho, amor e atenção na região sul de Portugal, durante todos esses anos.

À minha querida amiga Dra. Ana Paula Costa, com quem tive o prazer de compartilhar momentos de muita alegria, tanto em Portugal quanto no Brasil, agradeço o apoio, o cuidado e a incansável disponibilidade em recepcionar a mim e a minha família em Lisboa, juntamente com seu esposo o Professor Doutor Luís Caeiro.

A todos quantos, direta ou indiretamente, me ajudaram com palavras de apoio, incentivo e orações a minha sincera consideração, estima e gratidão.

Trânsitos Geográficos e Trânsitos Textuais

Narrativas de viagem oitocentistas de autoria estrangeira sobre a Amazônia em tradução brasileira: o caso dos olhares anglófonos

Edwiges Conceição de Souza Fernandes

RESUMO

A interdisciplina dos Estudos de Tradução, nas últimas décadas, tem vindo a prestar uma crescente atenção à relação entre Viagem e Tradução pois, como bem justifica Bassnett, “Translation can be seen as a kind of journey, from one point in time and space to another, a textual journey that a traveller may undertake in reality” (2000: 106). Além disso, é comum associar-se a figura do viajante à do tradutor, dado que ambas se movem entre línguas e culturas; ambas são figuras em trânsito que realizam atos interpretativos (Bassnett, 2007; Cronin, 2000; Hulme and Youngs, 2002). A presente tese de doutoramento tem como *corpus* de análise um conjunto de narrativas de viagem produzido em língua inglesa no século XIX, que retrata a Amazônia brasileira, e respectivas traduções para português do Brasil. Combina abordagens e instrumentos de análise dos Estudos de Tradução com os dos Estudos de Recepção e, pelo fato de tanto a Escrita de Viagem como a Tradução serem práticas culturais que constroem imagens do Outro, aplica também instrumentos de análise dos Estudos Imagológicos, área que se debruça sobre as imagens do estrangeiro tal como se apresentam na literatura e em outras formas de representação cultural. O projeto é particularmente adequado ao âmbito da pesquisa a que se dedica o grupo de investigação ao qual pertencemos: «*Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA)*», da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Assim, explora o modo como a escrita de viagem anglófona oitocentista sobre a Amazônia circulou no Brasil em tradução, e que impacto poderá ter tido na construção da identidade da Amazônia paraense; como a tradução pode ou não promover/negociar uma imagem positiva ou negativa do Outro; como a tradução pode ser uma forma de interrogar o texto-fonte de um modo que confere visibilidade ao tradutor; como os textos e as ideias podem mudar durante o processo da tradução e que consequência isso tem para o nosso entendimento do que nos é familiar e do que nos é estranho; como o fenômeno da tradução garante a sobrevivência das obras e como os agentes de tradução envolvidos geram novos sentidos ao longo do tempo e do espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas de viagem oitocentistas, Amazônia brasileira, olhares anglófonos, tradução brasileira, recepção, projetos editoriais, coleções, imagologia.

ABSTRACT

The interdisciplinary field of Translation Studies, in the last decades, has been paying increasing attention to the relationship between Travel and Translation. As Bassnett states, "Translation can be seen as a kind of journey, from one point in time and space to another, a textual journey that a traveler may undertake in reality" (2000: 106). In addition, it is common to associate the figure of the traveler with that of the translator, as both move between languages and cultures; both are transient figures who perform interpretive acts cultures (Bassnett, 2007; Cronin, 2000; Hulme and Youngs, 2002). The present PhD thesis has as *corpus* of analysis a set of travel narratives produced in English in the 19th century that portrays the Brazilian Amazon and its translation into Brazilian Portuguese. It combines approaches and analytical instruments from both Translation Studies and Reception Studies and, because both Travel Writing and Translation are cultural practices that construct images of the Other, it also applies analytical instruments from Imagological Studies, an area that looks at images of the foreign as they appear in literature and other forms of cultural representation. The project is particularly suited to the scope of the research group «*Culturas e Memórias Amazônicas*» (CUMA), from the *Universidade do Estado do Pará (UEPA)*. Thus, it explores the way in which 19th-century Anglophone travel writing about the Amazon circulated in Brazil in translation, and what impact it may have had on the construction of the *Paraense* Amazon identity; how translation may or may not promote or negotiate a positive or negative image of the Other; how translation can interrogate the source text in a way that it gives visibility to the translator; how texts and ideas can change during the translation process and what effect that may have on one's understanding of what is familiar and what is foreign; how the translation phenomenon guarantees the survival of the literary works and how the translation agents involved in the process generate new meanings across time and space.

KEYWORDS: Nineteenth-century travel narratives, Brazilian Amazon, anglophone views, Brazilian translation, reception, editorial projects, collections, imagology.

SUMÁRIO

Dedicatória

Agradecimentos

Resumo

Abstract

Lista de Abreviaturas e Siglas

Índice das Figuras

Índice dos Quadros

Introdução:	1
Escrita de Viagem.....	8
Estudos de Recepção.....	14
Estudos Imagológicos.....	17
Capítulo I: Caracterização do <i>corpus</i> textual	32
I.1. Critérios de seleção e de análise comparativa, meios de recolha	32
I.2. Breve introdução aos autores e às narrativas de viagem anglófonas selecionadas.....	42
I.2.1. Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher — <i>O Brasil e os Brasileiros</i> . Daniel Parish Kidder — <i>Reminiscências de Viagens</i>	43
I.2.2. Henry Walter Bates — <i>O Naturalista no Rio Amazonas / Um Naturalista no Rio Amazonas</i>	51
I.2.3. Alfred Russel Wallace — <i>Viagens pelo Amazonas e Rio Negro / Viagens pelos Rios Amazonas e Negro</i>	55
I.2.4. Jean Louis Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz — <i>Viagem ao Brasil: 1865 —1866</i>	58
I.3. As narrativas anglófonas em tradução brasileira — Projetos Editoriais e Coleções	61
I.3.1. Coleção «Brasiliana».....	62
I.3.2. Coleção «Reconquista do Brasil»	67
I.3.3. Coleção «O Brasil Visto por Estrangeiros»	71
I.4. Os textos em tradução: tradutores, prefaciadores e outros autores de paratextos.....	73
I.4.1. Textos de Kidder e Fletcher em tradução	74

I.4.2. Textos de Bates em tradução	81
I.4.3. Textos de Wallace em tradução	87
I.4.4. Textos do casal Agassiz em tradução	90
Capítulo II: Dos textos de partida aos textos de chegada.....	95
II.1. Cotejo entre originais e traduções: estudo descritivo	95
II.1.1. Elizabeth e Louis Agassiz: a Expedição Thayer e a questão da raça e miscigenação.....	102
II.1.2. Henry Walter Bates: a mais longa jornada no “Paraíso dos Naturalistas”.....	128
II.1.3. Alfred Russel Wallace: o olhar do naturalista inglês sobre a natureza prodigiosa.....	148
II.1.4. Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher: um panorama das instituições e da sociedade brasileira do século XIX.....	167
II.1.4.1. Daniel Parish Kidder: propagador dos ideais morais dos protestante norte-americanos.....	167
II.1.4.2. James Cooley Fletcher: "O missionário amigo do Brasil"	181
II.2. As estratégias dos tradutores: (in)visibilidade, domesticação e estrangeirização.....	203
II.2.1. Edgar Süsserkind de Mendonça e João Etienne Arreguy Filho.....	212
II.2.2. Cândido de Mello-Leitão e Regina Régis Junqueira.....	237
II.2.3. Orlando Torres e Eugênio Amado.....	247
II.2.4. Moacir N. Vasconcelos e Elias Dolianiti.....	265
Capítulo III — O Outro amazônico: imagens da terra e das gentes.....	282
III.1. A imagologia: algumas concepções teóricas.....	285
III.2. O caráter e a cultura do povo amazônico pelos olhares anglófonos.....	291
III.3. Os diferentes olhares sobre a mestiçagem: da mácula à plenitude do ser.....	303

III.4. A percepção dos viajantes estrangeiros sobre as práticas religiosas locais.....	323
III.5. A Amazônia: identidade e autoimagem.	330
Considerações Finais	348
Bibliografia	360
Bibliografia Primária	360
Bibliografia Secundária	362

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BHB – Biblioteca Histórica Brasileira

BPB – Biblioteca Pedagógica Brasileira

CA – Cultura Alvo

CF – Cultura Fonte

CC – Cultura de chegada

CCSE – Centro de Ciências Sociais e Educação

CEN – Companhia Editora Nacional

CP – Cultura de partida

CUMA – Culturas e Memórias Amazônicas (Grupo de Pesquisa)

EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

LC – Língua/Literatura de Chegada

LP – Língua/Literatura de Partida

NA – Nota do autor

NOVA FCSH - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa

NP – Nota do prefaciador

NT – Nota do tradutor

NTF – Nota da tradução francesa

TC - Texto de chegada / TA – Texto alvo; TT – Target text

TP – Texto de partida / TF – Texto fonte / ST – Source-Text

Trad. – Tradutor / Tradução

UA – Universidade de Aveiro

UNL - Universidade Nova de Lisboa

UEPA – Universidade do Estado do Pará

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP – Universidade de São Paulo

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1	Aquarela Rainha Carlota Joaquina, Debret	21
Figura 2	Óleo sobre Tela, D. João VI, Debret	21
Figura 3	Map of the Amazon, Wallace	22
Figura 4	Cartaz Documentário <i>O Brasil no Olhar dos Viajantes</i>	28
Figura 5	<i>O Brasil e os Brasileiros</i> , Obra e Autores – Brasileira UFRJ	43
Figura 6 e 7	Capas <i>Reminiscências</i> – BHB v. 1 e 2	47
Figuras 8 e 9	Folhas de Rosto <i>Reminiscências</i> – «Brasileira» v. 1 e 2	48
Figuras 10 e 11	Capas <i>Reminiscências «Reconquista»</i> – v. 1 e 2	49
Figuras 12	<i>O Naturalista no Rio Amazonas</i> , Obra e Autor – Brasileira UFRJ	51
Figura 13	<i>Viagem pelo Amazonas e Rio Negro</i> , Obra e Autor – Brasileira UFRJ	56
Figura 14	<i>Viagem ao Brasil</i> , Obra e Autores – Brasileira UFRJ	60
Figura 15	Folha de rosto de <i>O Brasil e os Brasileiros</i> , 1941	66
Figura 16	Referência da obra do TP de <i>O Brasil e os Brasileiros</i> , 1941	66
Figura 17	Dados de outras traduções de Vasconcelos – «Brasileira»	75
Figura 18	Dados iconográficos de Dolianiti – Brasileira UFRJ	80
Figura 19	Dados iconográficos de Mello-Leitão – Brasileira UFRJ	82
Figura 20	Dados iconográficos de Torres – Brasileira UFRJ	88
Figura 21	Traduções de Mendonça – Brasileira UFRJ	91
Figura 22	Fotografias de Louis e Elizabeth Agassiz	102
Figura 23	Agassiz, 1868 – Title page; Dedication page	104
Figura 24	Agassiz/Vogeli, 1869 – Title page; Dedication page	105
Figura 25	<i>Viagem ao Brasil</i> – Apresentação - Brasileira UFRJ	106
Figura 26	<i>Viagem ao Brasil</i> – Folha de rosto; Título Ed. Francesa	107
Figura 27	<i>Viagem ao Brasil</i> – Capa – Ed. Senado	108
Figura 28	Mapa do percurso de Agassiz no Brasil – Ed. Senado	109
Figura 29	<i>Viagem ao Brasil</i> – Capa; Orelhas – «Reconquista»	110
Figura 30	<i>Viagem ao Brasil</i> – Ficha Catalográfica; Dados Editoriais – «Reconquista»	111
Figura 31	<i>Viagem ao Brasil</i> – Folha de rosto; Sumário – «Reconquista»	112
Figura 32	Autoria da nota capítulo Agassiz – «Brasileira»	115
Figura 33	<i>A Journey in Brazil</i> – Intertítulos, início capítulos, TP e Trad. francesa	116
Figura 34	Agassiz – Inserção de intertítulos dentro dos capítulos	117
Figura 35	Página intertítulo sinalizada – Sumário «Reconquista»	117
Figura 36	Négresse Mina - Agassiz/Vogeli, 1869	121

Figura 37	Mina Negress; Agassiz, 1868	121
Figura 38	Negra-mina; Agassiz/Mendonça, 1938 – «Brasíliana»	122
Figura 39	Negra-mina; Agassiz/Etienne Filho, 1975 – «Reconquista»	122
Figura 40	William James – Fotografia e autorretrato	124
Figura 41	Edição (1892) alusiva à memória de Bates	128
Figura 42	Bates, 1863: Front cover; Frontispiece to v. 1; Title page	131
Figura 43	Masked-dance and wedding-feast of Tucúna Indians	132
Figura 44	Bates, 1864: Frontispiece to 2 nd edition; Title page	133
Figura 45	Bates/Mello-Leitão, 1944: Capa – v.1	133
Figura 46	Bates/Mello-Leitão, 1944: Orelhas e Folha de Rosto – v.1	134
Figura 47	Bates/Mello-Leitão, 1944: Frontispiece e Folha de Rosto – v.2	134
Figura 48	Butterflies from Bates' notebooks	135
Figura 49	Bates, Título TP reproduzido com erro – «Brasíliana»	135
Figura 50	Bates, Título TP correto – «Reconquista»	136
Figura 51	Bates/Junqueira/Martins, 1979 - Capa e Folha de Rosto	137
Figura 52	Bates, 1863, v.2: 264. Turtle-fishing and the adventure with alligator	138
Figura 53	Bates/Etienne Filho, 1979: Orelhas	139
Figura 54	Wallace, 1889: Frontispiece; Title Page	149
Figura 55	Wallace/Torres, 1939: Capa; Folha de Rosto; Dados Editoriais	150
Figura 56	Wallace/Amado, 1979: Capa e Folha de Rosto	150
Figura 57	Wallace/ Torres, 2004: Capa; Frontispício	152
Figura 58	Wallace/Torres, 2004: Folha de Rosto e Dados Catalográficos	153
Figura 59	Wallace/Torres, 2004: 606 - Objetos feitos pelos índios	164
Figura 60	One of Wallace's Fish drawings from Rio Negro	165
Figura 61	Fotografias de Kidder e Fletcher	167
Figura 62	Kidder, 1845: v. 1 – Frontispiece – Harbor of Rio de Janeiro	169
Figura 63	Kidder, 1845: v. I – Title page	169
Figura 64	Kidder, 1845: v. II – Front cover; Title page	169
Figura 65	Kidder, 1845; 1980 v. II – Table of contents – Sumário	170
Figura 66	Kidder/Vasconcelos, 1980: Letras capitulares	171
Figura 67	Nota sobre a composição gráfica de <i>Reminiscências</i> – «Reconquista»	172
Figura 68	Kidder/Vasconcelos, 2008 - Capa e página 201 – Cap. XV	173
Figura 69	Kidder, 1845, 204: <i>Sertanejos</i> carrying cotton	177
Figura 70	Kidder & Fletcher, 1857: 3-4 – Preface	183
Figura 71	Fletcher & Kidder, 1867: Frontispiece – D. Pedro II; Map of Brazil	185

Figura 72	Fletcher & Kidder, 1857 e 1867 – Ordem dos nomes dos autores	186
Figura 73	Kidder & Fletcher, 1857: 12. Capítulo XXVII e Apêndices	187
Figura 74	Fletcher & Kidder, 1867: 12 – Temas: acréscimos e substituição	187
Figura 75	Fletcher & Kidder, 1879: Frontispiece and Title page	189
Figura 76	Fletcher & Kidder, 1879: 423 – Fotografia de Carlos Gomes	190
Figura 77	<i>Brazil and the Brazilians</i> – Site Biblioteca Senado Federal	191
Figura 78	Kidder & Fletcher/ Dolianiti, 1941 – v. 1 – Capa	192
Figura 79	Fletcher & Kidder – Brasileira UFRJ – descrição da obra	193
Figura 80	Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941, vol. 2: 373 – Notas do tradutor	194
Figura 81	<i>O Brasil e os Brasileiros</i> – <i>Correio Paulistano</i> , 1858	195
Figura 82	<i>Brazil and the Brazilians</i> , 1879: 8 – Chapter VI – Contents	196
Figura 83	<i>O Brasil e os Brasileiros</i> - <i>Correio Paulistano</i> , 1858	197
Figura 84	<i>O Brasil e os Brasileiros</i> - Brasileira UFRJ, v. 1, 1941:106	197
Figura 85	Folhetim <i>Alberto</i> - <i>Correio Paulistano</i> , 1858	198
Figura 86	Agassiz/ Mendonça, 1938: 371 - Termos em itálico	220
Figura 87	Agassiz, 1868: 304 – Mauhés River	236
Figura 88	Bates, 1863: 73 – v. 1 – <i>Interior of primeval forest on the Amazons</i>	247
Figura 89	Intertítulos dentro dos capítulos – Traduções Agassiz	252
Figura 90	Intertítulos início dos capítulos – Traduções Wallace	252
Figura 91	Wallace, 1889: 15 – <i>Chapel at Nazaré, near Pará</i>	264
Figura 92	Fabrico de manteiga dos ovos de tartaruga	271
Figura 93	Trechos TP – Kidder & Fletcher – Chpater IX	274
Figura 94	Trechos TP – Kidder & Fletcher	275
Figura 95	Trechos suprimidos no TC – Kidder & Fletcher	276
Figura 96	Intertítulos TP suprimidos no TC – Kidder & Fletcher	277
Figura 97	Títulos capítulos Cap. XXVI – Kidder & Fletcher	277
Figura 98	Fletcher & Kidder, 1867: 551: Amazonian Canoa	278
Figura 99	Xilogravuras a partir de fotografias de Augusto Stahl	304
Figura 100	Fotografias de índios Mundurucu	310
Figura 101	A choça de Esperança	333

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1	Caracterização do <i>Corpus</i>	37-41
Quadro 2	Notas idênticas – Traduções de Agassiz	94
Quadro 3	Quadro-síntese dos conteúdos dos volumes de Agassiz	113-114
Quadro 4	Quadro-síntese dos conteúdos dos volumes de Bates	141-142
Quadro 5	Notas Prefaciador de Wallace – «Brasíliana»	159
Quadro 6	Quadro-síntese dos conteúdos dos volumes de Wallace	166-167
Quadro 7	Quadro-síntese dos conteúdos dos volumes de Kidder	180-181
Quadro 8	Quadro-síntese dos conteúdos dos volumes de Kidder & Fletcher	201-202
Quadro 9	Polaridades da Equivalência Direcional (Pym)	208-209
Quadro 10	Tipos de Notas de Mello-Leitão	245-246
Quadro 11	Estratégias dos tradutores de Wallace	253
Quadro 12	Uso pronomes de tratamento TP e TC – Wallace	256
Quadro 13	Trechos Poema Wallace – TP e TC	335-336

Introdução

A journey of a thousand miles must begin with a single step.
(Lao Tzu, n.d.)

Os Estudos de Tradução alcançaram o *status* de disciplina acadêmica independente nos finais da década de 70 do século XX, ocupando-se do estudo do fenômeno da tradução em sentido amplo, e têm desde então vindo a englobar estudos de natureza “pura” e de natureza “aplicada”, feitos com base numa grande diversidade de metodologias e instrumentos de pesquisa. A Ciência da Tradução ou Tradutologia, designações alternativas propostas por alguns teóricos que, contudo, não conquistaram uma aceitação tão alargada quanto a de Estudos de Tradução, começou a estabelecer-se mais precisamente a partir dos anos 60 do século passado, pois até então era considerada uma subárea da Literatura Comparada, ou um domínio específico da Linguística.

A partir da década de 1970, um grupo de acadêmicos conhecido como “o grupo de Leuven”, constituído por membros de nacionalidades diversas como alemã, holandesa, belga, israelense, eslovaca, americana e inglesa, começou a se reunir com a finalidade de estudar a tradução. Segundo Bassnett (2014: 18), tinham diferentes *backgrounds* — uns provinham do campo da Teoria da Literatura, outros do da Linguística e outros ainda trabalhavam em Literatura Comparada —, mas compartilhavam o sentimento de que, apesar de a tradução fazer parte da vida de ‘todos’, ainda não era estudada de forma sistemática nas universidades. Após um encontro em Leuven (Bélgica) em 1976, decidiram formalizar a criação de uma nova disciplina chamada Estudos da Tradução (termo cunhado por James Holmes anos antes e usado no seu texto seminal “The Name and Nature of Translation Studies”, 1972) e, em consequência, publicaram um manifesto preparado por André Lefevere intitulado “Translation Studies: the Goal of the Discipline” (Lefevere, 1978), que viria a ser publicado anos mais tarde aquando da vinda a público das atas do referido encontro (Holmes, Lambert e van den Broeck, 1978). A partir de então, assistiu-se ao desenvolvimento de propostas teóricas que viriam a ter grande fortuna no seio dos

Estudos de Tradução, nomeadamente a Teoria dos Polissistemas¹ formulada pelo israelense Itamar Even-Zohar (“The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem”, 1976), mais tarde ampliada por outro israelense, Gideon Toury,² a quem se deve uma profunda reflexão sobre os Estudos Descritivos de Tradução³ e a necessidade de proceder a uma descrição aturada e sistemática dos fenômenos tradutórios, atendendo às normas que condicionam o ato de traduzir e a recepção das traduções, bem como ao papel e impacto que as traduções têm no contexto cultural em que surgem (“A Rationale for Descriptive Translation Studies”, 1985; *Descriptive Translation Studies and Beyond*, 1995, segunda edição 2012). A ênfase colocada por Toury na necessidade de analisar a tradução no seu contexto histórico e sociocultural, atendendo ao modo como as traduções são produzidas e recebidas, levou-o à formulação de uma frase que viria a ser amplamente citada: “translations are facts of the target cultures” (Toury, 1995: 29).

Logo no início da década de 90, a publicação do volume *Translation, History and Culture* (Bassnett e Lefevere, 1990), resultante de um outro encontro de especialistas em tradução, desta feita realizado na Universidade de Warwick, Inglaterra, viria a marcar uma nova orientação dos Estudos de Tradução, que ficaria conhecida por *the cultural turn*. Encarada como um fenômeno duplamente contextualizado (o contexto de partida e o contexto de chegada) e uma forma de reescrita, entre outras, pugna-se pelo estudo da tradução no seu contexto, atendendo às condições de produção do original e

¹ “Even-Zohar’s polysystem theory moves the study of translations out of a static linguistic analysis of shifts and obsession with one-to-one equivalence and into an investigation of the position of translated literature as a whole in the historical and literary systems of the target culture.” (Munday: 122)

² “Toury’s TT-oriented theoretical framework combines linguistic comparison of ST and TT and consideration of the cultural framework of the TT. His aim is to identify the patterns of behaviour in the translation and thereby to ‘reconstruct’ the norms at work in the translation process.” (Munday: 122)

³ “The term is today used as a general label for those approaches to the study of translation that start from an interest in translation as it actually occurs and as part of cultural history. [...] Translations are seen primarily as empirical facts of the target culture, which implies that research on translation should start not from the STs but with the translated texts (hence the more general label of ‘target-oriented approaches’ sometimes used for this body of research). In the target culture, translations are seen as part of a complex system of texts and expectations, which often implies abandoning the attention traditionally paid to the relationship between translation and original, especially as seen in terms of **equivalence**. The constraints acting on the activity of translators are seen to be not only of a linguistic but also of an aesthetic, economic and ideological nature. Describing these constraints is seen by scholars working in this tradition as a fundamental task of translation studies and one which, in line with Holmes’ initial proposal, can provide the basis for the explanations and predictions put forward at a theoretical level.” (Palumbo: 34-35)

da tradução, expectativas do público-leitor do texto de partida (TP) e do texto de chegada (TC), constrangimentos impostos aos tradutores, convenções literárias vigentes à época, padrões de gosto, relações de poder, etc., o que constitui um afastamento em relação a anteriores abordagens de cariz formalista. Esta atenção prestada aos fatores extratextuais que condicionam a tradução veio a conhecer grandes desenvolvimentos nos últimos anos, ganhando dimensão as abordagens que se focam no contexto de acolhimento e recepção das traduções.

Enquanto parte de um mais vasto sistema de comunicação intercultural, a tradução é um meio privilegiado de dar a conhecer uma cultura a outra. Na perspetiva de Lefevere (*Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*, 1992), por se tratar de uma forma de manipulação textual, a tradução *constrói* uma determinada *imagem* desse Outro, cujas motivações ideológicas, culturais, etc., importa indagar. Partindo desde logo da etimologia do verbo «traduzir», verificamos que um dos significados é «conduzir de um lugar para outro». Neste sentido, a tradução pode ser considerada uma viagem entre o texto/cultura de partida e o texto/cultura de chegada. Ambas formas de mobilidade (movimento de pessoas, de textos), uma de ordem espacial, outra de ordem linguístico-cultural, tanto a Viagem como a Tradução são práticas culturais que lidam com a representação do Outro.

A Escrita de Viagem, tradução de uma outra cultura, como realça Bassnett — “The travel writer creates a version of another culture, producing what might be described as a form of translation, rendering the unknown and unfamiliar in terms that can be assimilated and understood by readers back home.” (Bassnett, 2007: 22) —, enquanto espaço de representação do Outro que, dialeticamente, implica também uma representação de Si Mesmo, constitui um gênero particularmente vocacionado para a abordagem das diferenças culturais e a projeção de *imagens do estrangeiro*, as quais, enquanto *construções culturais*, podem concorrer para um encontro e empatia com o Outro, ou, pelo contrário, promover desencontros e fobias em relação ao que é estranho.

Nas últimas décadas, a Escrita de Viagem tem vindo a captar o interesse de múltiplas disciplinas das áreas das Humanidades e das Ciências Sociais, como a Literatura, a História, a Geografia, a Sociologia, a Antropologia, os Estudos Pós-coloniais, os Estudos de Género e os Estudos de Tradução. No seio desta última, Bassnett sublinha

que “both translation and travel writing are hermeneutic activities, which involve processes of exploration, of uncovering and discovering. Both are activities that involve different kinds of cross-cultural contact.” (Bassnett, 2000: 106). É comum associar-se a figura do viajante à do tradutor, pois ambas se movem entre línguas e culturas; ambas são figuras em trânsito que realizam atos interpretativos (Bassnett, 2007; Cronin, 2000; Hulme and Youngs, 2002). No contexto da tradução, em que não só duas línguas, mas também duas culturas, entram em contato, o tradutor deve ter consciência desse fato e possuir competências adequadas à transposição de um texto de uma cultura para outra, pelo que o conceito de *cultura* é central: “Culture refers to a group’s shared values and conventions which act as mental guidelines for orienting people’s thoughts and behaviour.” (House, 2009: 12)

Apesar da estreita e estimulante relação— como mostrou Michael Cronin no seu estudo *Across the Lines: Travel , Language, Translation* (2000) — entre Viagem e Tradução atrás apontada, tal relação não tem sido devidamente explorada no âmbito dos Estudos de Tradução, como muito bem apontava já Bassnett na década passada: “The travel writer and the translator are major elements in shaping the perspective one culture has of another, and it is interesting that so little research should have been undertaken to date on the relationship between travel and translation.” (Bassnett, 2007: 23)

Foi justamente a amplitude e o encadeamento de ideias e conceitos associados à Escrita de Viagem e à Tradução, incluindo a questão da construção de identidades, que fez nascer em nós um enorme interesse em desenvolver um trabalho de pesquisa que, ao agregar a nossa experiência acadêmica (professora de língua inglesa), o aprendizado adquirido especialmente durante a frequência das sessões do Seminário de Tradução e Estudos de Recepção do programa de Doutoramento em Tradução e Terminologia da Universidade de Aveiro (UA) e da Universidade Nova de Lisboa (UNL) e os focos de pesquisa do grupo de investigação «*Culturas e Memórias Amazônicas/CUMA*» — o qual tem como objetivo central promover estudos, debates e pesquisa acerca de temas relacionados às memórias amazônicas — da Universidade do Estado do Pará (UEPA), a que pertencemos, viesse preencher uma lacuna nos estudos de tradução e de cultura relacionados com a região amazônica. Decidimos, pois, selecionar para objeto de estudo narrativas de viagem de autores anglófonos que estiveram na Amazônia no século XIX,

de modo a contribuir para o objetivo comum que é o de descobrir como nossa cultura foi percebida, difundida e traduzida. Ao concluirmos a seleção das obras, uma segunda motivação surgiu: a possibilidade de introduzir a leitura das obras selecionadas, tanto dos textos de partida (TP) quanto dos de chegada (TC), nas cadeiras dos Cursos de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Pará – UEPA.

A presente tese de doutoramento, intitulada *Trânsitos Geográficos e Trânsitos Textuais — Narrativas de viagem oitocentistas de autoria estrangeira sobre a Amazônia em tradução brasileira: o caso dos olhares anglófonos*, tem, assim, como *corpus* de análise um conjunto de narrativas de viagem produzido em língua inglesa no século XIX — um período em que a prática da viagem se intensificou e a Escrita de Viagem foi um dos gêneros mais consumidos pelo público leitor anglófono, rivalizando com o romance— e suas traduções para português do Brasil; mais precisamente, narrativas de viagem anglófonas sobre a Amazônia originalmente publicadas entre 1836 e 1866, balizas temporais determinadas pelas datas das estadas no Brasil do primeiro e do último viajantes selecionados para a nossa análise. É de sublinhar que se trata de narrativas de viagens efetivamente realizadas (por oposição a viagens imaginadas), *não ficcionais*, domínio que tem merecido menor atenção dentro dos Estudos de Tradução em comparação com a atenção prestada às narrativas de viagem ficcionais. A tese estuda o modo como tais narrativas escritas em língua inglesa “viajaram” pelo Brasil através da tradução publicada em volume, focando a produção das diferentes traduções, as estratégias tradutórias utilizadas e a recepção das mesmas.

Não sendo a tradução de escrita de viagem uma área muito explorada no Brasil, e em particular no que toca à Amazônia, pensamos que a opção tomada confere à tese o caráter de originalidade que se pretende num trabalho de investigação deste tipo. Escolhemos o século XIX por ser um período de grande produção de escrita de viagem, a qual foi objeto de várias traduções no século XX, mais especificamente nos anos de 1930 a 1950, que coincidiram com a época do *boom* editorial brasileiro, do qual fazem parte diversas coleções que serão apresentadas mais à frente. Tais narrativas de viagem, produzidas por forasteiros que integraram expedições científicas, transformaram-se em fontes preciosas de informação e exerceram grande influência no modo como a elite intelectual e política brasileira passou a conhecer e a interpretar o passado do povo brasileiro, visto, escrito e descrito pelos olhos dos outros, sendo pois relevante estudar

o contributo dado pelas traduções e os tradutores para a divulgação em mais larga escala dessas narrativas, inclusivamente já nos séculos XX e XXI, uma vez que continuam disponíveis nos dias de hoje.

Ao analisar as relações interculturais estabelecidas através dos relatos de viagem, investigamos também a Escrita de Viagem como ato interpretativo, ou seja, como *tradução* das culturas visitadas, e o papel da linguagem na construção de identidades. Prestamos igualmente atenção ao modo como a tradução problematiza a diferença, procurando ocorrências de questionamento do conteúdo da obra original, nomeadamente através de prefácios e notas de tradutor. Neste projeto combinamos abordagens e instrumentos de análise dos Estudos de Tradução com os dos Estudos de Recepção, não tanto na sua vertente quantitativa, mas sim na sua vertente qualitativa. O fato de tanto a Escrita de Viagem como a Tradução serem práticas culturais que constroem *imagens do estrangeiro* justifica que se articulem ainda os saberes e instrumentos de análise daqueles dois campos com os dos Estudos Imagológicos, entendidos como o estudo das imagens mentais do Outro (heteroimagens) e de Si Mesmo (autoimagens) tal como se apresentam na literatura e em outras formas de representação cultural.

Enfim, esta tese explora o modo como a escrita de viagem anglófona oitocentista sobre a Amazônia circulou no Brasil em tradução, e que impacto poderá ter tido na construção da identidade da Amazônia paraense; como a tradução pode ou não promover/negociar uma imagem positiva ou negativa do Outro; como a tradução pode ser uma forma de interrogar o texto-fonte de um modo que confere visibilidade ao tradutor; como os textos e as ideias podem mudar durante o processo da tradução e que consequência isso tem no nosso entendimento do que nos é familiar e do que nos é estranho; como o fenómeno da tradução garante a sobrevivência das obras e como os agentes de tradução envolvidos geram novos sentidos ao longo do tempo e do espaço.

A tradução de determinadas obras pode ser motivada pela necessidade de preencher uma lacuna no sistema de chegada (Even-Zohar 1990; Toury 1995); veremos também em que medida tal sucedeu no que diz respeito ao caso da escrita de viagem estrangeira sobre a Amazônia, foco de nosso estudo. Interessar-nos-á ainda investigar que palavras/expressões são utilizadas para descrever a cultura do Outro (brasileiro) na língua estrangeira (inglesa) e de que forma o público-leitor brasileiro reagiu ao perceber

como sua identidade nacional foi construída. Será que a percepção do forasteiro coincide com a autoimagem que os brasileiros têm de si?

As características do nosso estudo, que de acordo com os objetivos se adequam ao tipo de pesquisa bibliográfica e documental, exigiram uma fase inicial de levantamento de todas as narrativas de viagem anglófonas oitocentistas sobre o Brasil, com vista a posterior seleção segundo critérios a explicitar no Capítulo I, ou seja, um tipo de investigação que, em termos de metodologia da História da Tradução, Anthony Pym chamou de *arqueológico*: “Translation archeology is a set of discourses concerned with answering all or part of the complex question ‘who translated what, how, where, when, for whom and with what effect?’” (Pym, 1998: 5). Consequentemente, de acordo com tais pressupostos teóricos, o material coligido e depois selecionado, foi avaliado à luz de várias perguntas de investigação: o que se traduziu (Que narrativas oitocentistas sobre a Amazônia foram traduzidas? Quais os possíveis critérios de seleção?); Quando apareceram as traduções (Com que intervalo de tempo em relação à publicação dos originais?); Onde se traduziu (Onde foram publicadas as traduções? Onde foram impressas? Que editoras? Que coleções/séries? Há antologias de textos deste tipo?); Quem traduziu (Origem social dos tradutores, sexo, sua formação, ideologia. Que conhecimento de línguas estrangeiras tinham, que outras traduções fizeram? Eram amadores ou profissionais?); Por quê (Com que objetivo se traduziu?); Para quem (Qual o público-leitor visado?); Como foram feitas as traduções? (Tradução direta ou indireta? Que estratégias e normas de tradução foram seguidas? Que alterações sofreram os textos de partida?); Qual o impacto obtido / que recepção crítico-valorativa (Que reações houve à publicação das traduções (artigos na imprensa, resenhas críticas, etc.)); Que outros agentes estiveram envolvidos na tradução dos relatos inventariados?

De todas essas perguntas, as que mais tivemos grande dificuldade em responder foram as relacionadas à área de recepção crítico-valorativa, devido à falta de publicação de resenhas e resenhas sobre as obras, seus autores e tradutores na imprensa periódica, ou em outros formatos.

Escrita de Viagem

Carl Thompson, na introdução ao seu livro *Travel Writing*, diz que a Escrita de Viagem é “currently a flourishing and highly popular literary genre” (2011: 1) e que o *status* desse gênero aumentou apenas nas décadas mais recentes. O autor explica que “For much of the twentieth century at least, the genre was usually dismissed by literary critics and cultural commentators as a minor, somewhat **middle-brow**⁴ form” (2), mas que tal tem vindo a mudar nos últimos anos devido ao surgimento de autores de escrita de viagem aclamados pela crítica, como Bruce Chatwin (1940-1989) e Paul Theroux (n. 1941) entre outros. Cerca de dez anos antes, já Hulme e Youngs (2002) faziam notar que a Escrita de Viagem tinha recebido muita atenção no domínio das Ciências Sociais e Humanas nas últimas três décadas do século XX. É possível, de fato, perceber um interesse crescente na academia por este gênero e, não raro, encontrar pesquisadores de áreas diversas a realizar trabalhos sobre o assunto, especialmente por o referido gênero ser bastante relevante para discussões/debates políticos, históricos e culturais.

Essa atenção estendeu-se, entre outras disciplinas, ao domínio dos Estudos Pós-coloniais, que tentam entender e discutir as dinâmicas e consequências dos vastos impérios europeus do século XIX. Nesse contexto particular, a escrita de viagem do século XIX constitui um interessante campo de análise. Acerca do legado das conquistas europeias, apontado por Thompson, destacamos o trecho em que o autor observa o seguinte: “It also did much to establish the enormous inequalities that currently exist between the different regions of the world, and especially between the developed ‘West’ and the less developed ‘Rest’, in terms of wealth, health and technological advancement.” (*op.cit.*: 3).

Enquanto discurso que *traduz* o Outro, a diferença cultural e linguística, a Escrita de Viagem reflete a curiosidade humana relativamente à diversidade do mundo e aborda questões relacionadas com o Eu vs. o Outro, promovendo a reflexão em torno de conceitos como os de identidade nacional, alteridade, fronteira, transgressão, ponto de vista e estereótipo. Por este motivo, o seu interesse para o mundo atual, marcado

⁴ Ênfase do autor.

pela mobilidade, voluntária ou involuntária, em larga escala, ao invés de declinar, renova-se:

The ethical importance of travel writing is stronger than ever. Nationalism and xenophobia are on the rise in many societies suffering economic recession, and the ability to travel is diminishing for large sectors of the population. Yet rather than being in decline, as several commentators and practitioners have claimed, the future of travel writing — this often exasperating, often exhilarating, ‘fluid and adaptable genre’ — is assured. It is as open to new directions and stimuli as its study. (Youngs, 2013: 189)

A Escrita de Viagem surgiu em força na época das grandes navegações, ainda no século XV, período em que os europeus se lançaram em busca de novos mundos, movidos especialmente por razões de ordem política e econômica, por interesses de caráter expansionista e também por motivos de cariz cultural e religioso. A busca do “paraíso” era idealizada por alguns descobridores, como Colombo, e compartilhada por navegadores, cartógrafos, geógrafos, historiadores e escritores da época; as regiões que representavam esse “paraíso” eram a América e outras zonas do globo inexploradas, como a Índia e África.

Seja pela concepção de Paraíso Terreal (Colombo), ou pela propagação da ideia de que o Novo Mundo era povoado por entidades misteriosas e certamente nocivas — cinocéfalos, homens caudatos, sereias, amazonas, etc. — que viviam lado a lado com a gente simples e sem malícia do local, as descrições feitas nos relatos sobre as terras descobertas aguçavam a curiosidade, impressionavam e influenciavam os europeus, gerando concepções e estereótipos sobre os habitantes e as culturas dos povos dominados, considerados “primitivos”, assim como uma autoimagem forte dos dominadores, vistos por si mesmos como “civilizados”. Foi neste cenário, aqui apresentado de forma muito sucinta, que surgiu a chamada *literatura de viagem*, gênero muito heterogêneo e híbrido do ponto de vista formal e estilístico (diários de bordo, cartas, anotações, relatórios, memórias...). Na tradição anglófona impôs-se a designação *Travel Writing* (Escrita de Viagem), mais englobante para alguns, que preferimos adotar (Blanton, 2002; Hulme and Youngs, 2002; Thompson, 2011; Youngs, 2013), mas Jan Borm (2004), por exemplo, que usa a designação *Travel Writing* como sinônimo de *Travel Literature* e *Literature of Travel*, defende que não se trata propriamente de um gênero, mas de um termo coletivo aplicável a uma grande

variedade de textos, quer ficcionais quer não-ficcionais, que têm em comum o tema dominante da viagem.

A dificuldade em delimitar o âmbito da Escrita de Viagem é equacionada em trabalhos como os de Hulme e Youngs (2002) e Youngs (2013), que apontam para a divergência de opiniões entre críticos e para pontos de vista extremados como o de Jonathan Raban, que declara que “travel writing is located in ‘literature’s red-light establishment”, comentando de forma provocadora:

As a literary form, travel writing is a notoriously raffish open house where very different genres are likely to end up in the same bed. It accommodates the private diary, the essay, the short story, the prose poem, the rough note and polished table talk with indiscriminate hospitality. (*apud* Youngs 2013: 2)

Há também os que mais ponderadamente nos fazem lembrar de que a falta de reconhecimento da Escrita de Viagem enquanto gênero deverá ser atribuída, entre outros fatores, à sua natureza heterogênea, ao cruzamento dos limites e das convenções de outras áreas de estudo, ao fato de acolher narrativas factuais e ficcionais. Reconhecemos e respeitamos as divergências e as semelhanças de opinião quanto à matéria em causa mas, por não termos como objetivo central discutir tais questionamentos, preferimos adotar uma definição que se adequa à natureza de nosso trabalho, o qual se debruçará, assim, sobre “predominantly factual, first-person prose accounts of travels that have been undertaken by the author-narrator” (Youngs, 2013: 3), narrativas essas produzidas no século XIX no contexto do interesse científico em pesquisar a região amazônica.

A própria heterogeneidade formal e estilística, já atrás referida, se constitui um obstáculo a uma definição consensual do gênero, pode também funcionar como um atrativo pela rica diversidade que apresenta. Decorrendo da formação, intenções e motivações do viajante, a Escrita de Viagem mescla literatura com relatos diplomáticos, relatórios de expedições destinados a órgãos de financiamento, correspondência pessoal e oficial, reportagens, diários de viagem, livros de memórias, guias comerciais, relatórios científicos, turísticos, etc., podendo também assumir a forma de romances, histórias infantis e poemas. Como não poderia deixar de ser, os textos narrativos são predominantes, mas sempre acompanhados de descrições e, por vezes, de ilustrações

que proporcionam uma interpretação mais efetiva da realidade local observada.

Concordamos com a ideia de que:

Toda narrativa comporta, com efeito, embora intimamente misturadas e em proporções muito variáveis, de um lado representações de ações e de acontecimentos, que constituem a narração propriamente dita, e de outro lado, representações de objetos e personagens, que são o fato daquilo que se denomina hoje a descrição. (Genette, 2008: 262)

Nos relatos que constituem o nosso *corpus* de análise há bastante evidência da inter-relação dos dois tipos de texto. A linguagem textual é determinada pelo motivo da viagem e varia de acordo com a formação do viajante ou dos remetentes para os quais a correspondência é enviada. Entre os autores e os integrantes de determinadas expedições que tiveram lugar no século XIX encontramos desde representantes diplomáticos, naturalistas, cientistas, religiosos, artistas, artesãos, soldados, advogados, comerciantes, até mercenários, aventureiros, etc. O conteúdo dos relatos varia de acordo com a profissão e a biografia do autor, bem como com o propósito da viagem. Entre a diversidade de motivações que levaram esses homens a percorrer o Brasil, podemos destacar, desde já: o desejo de devassar o interior em busca de zonas de mineração; colecionar pássaros, flores e insetos; elaborar estudos que ajudassem a corrigir a geografia do globo terrestre; enviar coleções de espécimes para grandes museus no exterior; utilizar as informações coletadas para diminuir os perigos da navegação; e tornar mais conhecidos os costumes, artes e produtos do Brasil.

Certamente que a Revolução de Gutenberg no século XV impulsionou a difusão dos relatos de viagem, devido à popularização da imprensa na Europa, além de ter lançado as bases materiais para a moderna economia baseada no conhecimento. Mas foi no século XIX, sobre o qual incide o nosso estudo, que houve uma maior produção de narrativas de viajantes, especialmente motivada pelo incremento das viagens de estudo às novas terras.

Relativamente ao Brasil, apesar de a escrita de viagem ter sido inaugurada com a Carta de Pero Vaz de Caminha, em 1501, e desenvolvida nos séculos seguintes, através dos relatos de expedicionários estrangeiros sobre as terras do Brasil-colônia, pode dizer-se que diversos capítulos de nossa história ficaram dispersos e inacessíveis ao povo brasileiro até meados do século XIX, quando foram resgatados por nossos historiadores durante o processo de Independência. Somente a partir da criação do Instituto Histórico

e Geográfico Brasileiro, em 1838, onde as primeiras gerações de intelectuais e políticos brasileiros passaram a se reunir, foi o acervo cultural e artístico incorporado à nossa cultura. O excerto a seguir reitera o que acabamos de afirmar:

Não obstante haverem sido recentemente publicadas narrativas de muitas viagens, e malgrado o progresso dos conhecimentos geográficos conseguidos pela ciência, permanece o Brasil, de certo modo, desconhecido para o mundo em geral: todas as tentativas visando a obter dados a seu respeito são zelosamente reprimidas pelo Governo Português, na própria colônia e na Europa. (Lindley, 1969: 18)⁵

Vários são os indícios sobre a falta de divulgação de dados sobre o Brasil por parte do governo português, conforme referido pelo historiador França: “É certo que o sereníssimo rei de Portugal, dom Manuel, queria realmente guardar segredo acerca das descobertas de Cabral a caminho da Índia.” (2012: 100), embora a notícia da descoberta do Novo Mundo já circulasse pela Europa desde 1507 com a publicação de um relato que mais tarde seria chamado de *A relação do piloto anônimo*. França acrescenta ainda que o “laconismo” lusitano acerca do Brasil foi uma constante durante o primeiro século que se seguiu à viagem de Cabral. Mais ainda: “Das grandes coleções de viagem, nenhuma saiu das prensas portuguesas ou ganhou uma tradução na língua de Camões. Nem mesmo a vasta correspondência dos jesuítas” (96). Martins e Sochaczewski referem-se ao mesmo fato e ao caráter dos primeiros relatos:

A região, mantida fechada oficialmente aos olhos europeus por parte dos portugueses, inspirou notas, esboços e relatos furtivos feitos em grande medida a partir de observações apressadas da costa. Basicamente, as cidades tratadas eram as portuárias de Rio de Janeiro, Recife (e Olinda) e Salvador. E, se nos anos iniciais o foco eram os índios e suas peculiaridades, com o tempo o interesse se volta para os colonos portugueses, suas construções e formas de vida. (2014: 14)

Só tardiamente, nos séculos XX e XXI, vieram a lume traduções de muitos desses relatos, as quais suscitaram o interesse de investigadores. Na obra *Antropologia da Viagem – escravos e libertos em Minas Gerais no Século XIX* (1996), a antropóloga brasileira Ilka Boaventura Leite refere-se ao diário de viagem como uma peça-chave na construção da identidade do viajante, pois continha todas as suas observações e

⁵ Thomas Lindley (1756-1778) esteve no Brasil no período de 1802-1803, para negociar. Tentou embarcar um carregamento de pau-brasil, mas o governo português apreendeu o seu navio e conservou o inglês ora preso, ora sob custódia, durante um ano.

inquietações, para além de informações importantíssimas sobre a cultura brasileira. A autora destaca pelo menos quatro variáveis a serem consideradas no discurso desses viajantes: *o interesse pessoal do viajante* (botânico, zoológico, mineralógico, religioso, político, econômico e de lazer, entre outros) que, conseqüentemente, determinaria os assuntos tratados com maior profundidade em suas narrativas; *o lugar visitado*, determinado pelo próprio viajante, mas que poderia se aproximar da terceira variável, *o interesse do financiador da viagem (patrocinador)*; e também *os interesses do público-leitor*, à época (o público europeu interessado em saber novidades do Novo Mundo, com todo o exotismo que envolvia a descrição dos que por ele se aventuravam). Além disso, Ilka Boaventura Leite revela que nos relatos estudados a imersão no universo cultural do Outro não envolve uma nítida reflexão sobre a viagem como uma experiência de abertura ao diálogo com esse mesmo Outro, bem pelo contrário, no caso dos viajantes o estranhamento e as impressões expressas face às diferenças demonstram maneiras de *ver* de acordo com padrões próprios da época, ou seja, como indivíduos oriundos do continente europeu ou norte-americano, letrados, etnicamente diversos e, na maioria das vezes, interessados nas riquezas minerais, faunísticas e florísticas do Novo Mundo.

Os relatos de viagem ao Brasil, enquanto fontes de informação, permitem leituras inesgotáveis. É possível extrair delas inúmeros dados e impressões. São como “jazidas” de ouro contendo grande variedade de pedras preciosas (Leite, 1996: 14). No entanto, corroboramos o pensamento de Antônio Cândido (1918-2017)⁶ ao alertar para o significado de *visão do Outro* que as representações de viajantes europeus encerram. Diz ele: “o europeu que chega se comporta geralmente como se fosse um foco absoluto. Ele detém conceitos, preconceitos e noções, mediante os quais vai organizar o mundo novo, e que é tão diverso do seu” (*apud* Leite, 1996: 1).

Veremos como, e em que circunstâncias, essas visões do Outro amazônico, ideologicamente motivadas, foram traduzidas para português do Brasil, crenças, por um lado, de que o legado científico e humano deixado pelos viajantes de Oitocentos que constituem o objeto de análise da presente tese representa uma importante fonte para a reconstituição da história das terras e das gentes amazônicas e, por outro, querendo

⁶ Antonio Candido de Mello e Souza foi um sociólogo, crítico literário, ensaísta e professor brasileiro, figura central dos estudos literários no Brasil. Autor de “Formação da Literatura Brasileira”, livro fundamental para quem quer entender a literatura brasileira. Fonte: https://www.ebiografia.com/antonio_candido/ . Acesso em 25/04/2019.

indagar se as opiniões formuladas pelos europeus e norte-americanos acerca desse Outro tropical, e que foram dadas a conhecer ao Brasil em mais ampla escala por via da tradução, condicionaram eventualmente a autoimagem do povo amazônico.

Estudos de Recepção

A Teoria da Recepção, ou Estética de Recepção, surgiu com a finalidade de propor uma reformulação da historiografia literária e da interpretação textual, principalmente pelo fato de considerar a literatura à luz de uma tríade que envolve produção, recepção e comunicação, ou seja, tendo em conta a relação dinâmica existente entre autor, obra e leitor. Essa teoria é fruto dos estudos de Hans Robert Jauss e seus colegas da Escola de Constança (Alemanha), surgidos no final da década de 60 do século XX, em decorrência de discussões de teóricos que não compartilhavam a orientação da escola idealista ou da escola positivista para a construção da história literária, porque as referidas escolas não consideravam a convergência entre o aspecto histórico e o estético em seus estudos, já que deixavam à margem o terceiro elemento do circuito literário, os leitores. A nova orientação veio precisamente chamar a atenção para o papel de relevo do leitor/receptor e a respectiva historicidade no processo de comunicação literária. De acordo com esta teoria, que equaciona o modo como o leitor/receptor interage com o texto e o interpreta, a função daquele na construção do sentido de um texto ao longo do tempo deve ser objeto de investigação:

Proposto à leitura de um número indefinido de receptores — leitores heterogêneos enquanto instâncias do processo da semiose estética, pois que heterogêneos como entidades históricas, sociais e culturais — e dada a sua própria constituição semiótica, o texto literário realizar-se-á necessariamente como objeto estético de modos diversos, quer num plano sincrónico, quer num plano diacrónico. (Aguilar e Silva, 1982: 295-296)

Esta mudança de foco, do texto para o leitor, promovida pelos Estudos de Recepção, estendeu-se aos Estudos de Tradução, refletindo-se na perspectiva que considera a tradução como um produto do contexto de chegada:

For the study of translation, this meant moving away from a linguistically oriented approach focused on the concept of **equivalence** and the comparison between source and target texts, towards the study of translation within the receiving culture and the role translations played in the identity formation and dynamics of the target culture (Brems e Pinto, 2013: 143).

Logo de início buscamos elementos para a análise da recepção das narrativas de viagem selecionadas em dois níveis pré-determinados: primeiramente, nas próprias traduções eleitas para estudo (enquanto fenômenos de recepção produtiva), atentando nas estratégias utilizadas pelos tradutores enquanto receptores-leitores, e procurando igualmente localizar possíveis traços culturais locais evidentes nas traduções brasileiras, com vista a avaliar o grau de intervenção e projeção do eu do tradutor no ato tradutório, a partir das notas do tradutor, dos prefácios, etc.; em segundo lugar, na pesquisa de discurso crítico produzido no Brasil a propósito das traduções brasileiras das referidas narrativas de viagem (recepção crítico-valorativa). Com relação a este segundo nível, foram feitos esforços de pesquisa que, contudo, não deram fruto, como já antecipamos atrás. Por este motivo, decidimos incluir considerações de autores de outras áreas, que não a tradução, que avaliam aspectos científicos, históricos e culturais presentes nas narrativas em estudo, as quais focaremos de maneira mais evidente no Capítulo II.

Reiterando que nosso objetivo maior é atentar na imagem da Amazônia brasileira e seu povo, projetada pelos viajantes e disponibilizada ao público leitor brasileiro por via da tradução, veja-se desde já, através da citação abaixo, como um paratexto, no caso o prefácio do tradutor da obra de Henry Walter Bates (Mello-Leitão), pode deitar luz sobre o valor atribuído à narrativa de viagem do forasteiro inglês, o qual justifica a tarefa de a traduzir:

Tem a Amazônia e sobretudo o Pará, uma dívida imensa para com a memória de Henry Walter Bates: a de colocar a sua estátua nessa estrada das mongubeiras que ele tanto amou, para mostrar a todos o homem que amou e fez conhecida essa imensa região banhada pelo sistema do rio-mar; a estátua desse que, diz a Enciclopédia Britânica, com todo o peso de sua autoridade, "escreveu um dos mais deliciosos livros de viagem, escritos em língua inglesa.", e de quem escreveu Carlos Darwin a Carlos Lyell: "Só Humboldt pode comparar-se com Bates na descrição de uma floresta tropical". (Bates/Mello-Leitão, 1944, v.1: 5)

No nosso modo de ver a dívida é, de fato, "imensa" pelo grande contributo científico da obra de Bates para o conhecimento da Amazônia e, principalmente, por ele ter reconhecido muitas qualidades do povo local, assim como reconhecemos o mérito da tradução de Mello-Leitão. Há, no entanto, que questionar se os paraenses (povo do Pará) se sentem eternamente gratos a esse naturalista ao ver que ele, a dada altura, se refere à gente do Pará como:

[...] mais singela, mais pacífica e amável em seus modos e propósitos, e os assassínios, que tão má fama dão às províncias do sul, eram quase desconhecidos. Em compensação o povo do Pará era muito inferior aos brasileiros do sul em energia e diligência.⁷ (72)

Situações como esta remetem para o debate que Mary Louise Pratt suscitou quando propôs, na sua influente obra de 1992 sobre escrita de viagem intitulada *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*, o conceito de *contact zone*. Pratt utiliza esse conceito para se referir a “the space of colonial encounters, the space in which peoples geographically and historically separated come into contact with each other and establish ongoing relations, usually involving conditions of coercion, radical inequality, and intractable conflict.” (Pratt, 1992: 6) Mas, recorrendo de novo a um excerto do mesmo prefácio do tradutor da obra de Bates, constatamos que também é possível encontrar nas descrições de alguns viajantes um olhar menos conflitante e, simultaneamente, uma recepção positiva por parte do tradutor e prefaciador, que no caso também era naturalista e escritor, tal como Bates:

Não se pense, pelo título, que Bates apenas trate da fauna e da flora. Seu livro traduz a observação de um curioso por todos os nossos problemas, sempre olhados com simpatia. Era natural que estranhasse os costumes, ainda com muita coisa de colonial, mas reconhece que era uma herança portuguesa e que aos poucos nos íamos libertando dos velhos moldes carrancistas. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 8)

Considerando todo o fascínio que a Amazônia pode ter causado aos seus exploradores no século XIX, e ainda causa a muitos dos que se aventuram a desbravá-la hoje, em especial por eventualmente valorizarem e respeitarem o saber local, interessa recolher dados sobre como se deu a recepção crítica das narrativas de viagem em questão e, em particular, o seu impacto em autores locais. Um exemplo revelador é Fares que, após a leitura da obra (traduzida) do casal Agassiz, *Viagem ao Brasil – 1865-1866*, publicou um artigo no qual conclui que “os mitos de origem demonstram que ninguém sai imune deste mundo mítico, que é a Amazônia. Por mais racionais que sejam os cientistas, não nos escapa um olhar sub-reptício, que eles negam, à dúvida em relação aos saberes populares” (Fares, 2008: 67).

⁷ Sublinhado nosso.

Nos trechos selecionados para cotejo perceber-se-á que avultam leituras positivas do Outro estrangeiro sobre a Amazônia, as quais exprimem admiração pela riqueza da diversidade da fauna e flora:

Como continuássemos o nosso passeio, começou o breve crepúsculo e da vegetação em torno nos chegavam os múltiplos sons de uma vida multifária. O zangarreio das cigarras, o canto estrídulo dos grilos e esperanças, cada espécie com a sua nota particular; o coaxar plangente das pererecas, tudo fundido num sóido contínuo: — a expressão audível da profusão prolífica da natureza. (Bates/Mello-Leitão, 1944, v. 1: 36)

Perceber-se-á também a capacidade de encontrar semelhanças entre o cenário local e o lugar de origem dos viajantes:

O aspecto geral da vegetação pouco difere do da Europa, excetuando-se as palmeiras, de abundante folhagem, e que ostentam graciosas formas. Todavia, em nosso espírito, já prefigurando as admiráveis cenas que dentro em pouco deveríamos contemplar nos seus mais íntimos recessos, aguardávamos, ansiosos, a necessária liberdade, para melhor explorá-las. (Wallace/Torres, 1939: 2-3)

Além de imagens da fauna e da flora, que foram bastante retratadas pelos viajantes, há um outro aspecto a ser incluído em nossa análise, o referente à identidade do povo brasileiro. Definida pelo Outro estrangeiro desde o início da colonização, gerou imagens um tanto controversas por terem sido construídas com base em contrapontos entre o europeu civilizado e o brasileiro, considerado pelos forasteiros como bárbaro, mestiço, inculto, inferior, etc. Daqui ressalta a importância da interrelação entre Escrita de Viagem e Estudos de Recepção, por ter sido através dos relatos de viajantes estrangeiros sobre o Brasil — fontes valiosíssimas de informação — que especialmente os historiadores e literatos tomaram conhecimento de como a imagem do brasileiro havia sido definida e propagada ao longo de quatro séculos.

Estudos Imagológicos

Ao se debruçarem, em “Reception and Translation”, sobre a recepção de traduções de uma perspectiva social, isto é, a um nível supraindividual, Elke Brems e Sara Ramos Pinto apontam para o fato de várias abordagens com que os Estudos de Tradução se interseccionam terem adotado esse mesmo ângulo de visão, entre elas a da Imagologia:

Looking at the reception of translations from a social perspective means focusing on how translated texts are received on a supra-individual level. Such focus has been assumed by a number of approaches related to Translation Studies, namely Adaptation Studies, Histoire Croisée, Imagology, Cultural Transfer, Cultural Studies, Comparative Literature. (Brems e Pinto, 2013: 144)

A imagologia literária, considerada como um domínio inter e transdisciplinar relevante no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, é uma área que se dedica à análise crítica das representações de identidades e estereótipos nacionais, propondo-se pois estudar “as imagens de países criadas e veiculadas pela literatura. [...] Uma vez que, hoje, a imagologia adquiriu um alcance maior, chamamos à imagologia que trabalha o âmbito da literatura de imagologia literária.” (Sousa, 2004: 21)

Beller, que considera a Imagologia como uma especialidade dos estudos literários, mais particularmente dos estudos de literatura comparada, apresenta os estudos imagológicos da seguinte forma:

Imagology studies the origin and function of characteristics of other countries and peoples, as expressed textually, particularly in the way in which they are presented in works of literature, plays, poems, travel books and essays. (2007: 7)

Por outras palavras, para Carvalho “A Imagologia Literária corresponde ao estudo das imagens/miragens que uma determinada nação faz de outra e de como isso se inscreve nas diversas literaturas” (2004: 9). Em se tratando de viajantes que são movidos pela curiosidade e o interesse pelo Outro, pelo desconhecido, pelo novo e o distante, compreende-se que nasça em alguns deles o desejo/necessidade de representar literariamente o que experienciam. No entanto, ao “dar-lhes forma através de um olhar singular, muitas vezes fogem à descrição objetiva dos cenários e fatos para resultar deles uma configuração nova.” (10) Desta forma, considera-se que “o olhar que se lança sobre o novo objeto é revelador: constrói sua representação como se o inventasse.” (*op. cit.*:10)

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa, em seu livro *Do cá e do lá: introdução à Imagologia*, elenca alguns passos que podem ser considerados como um roteiro ou método de investigação na área específica dos Estudos Imagológicos (Sousa, 2004: 22-23):

- 1- Recorte e descrição do(s) trecho(s) que veiculam imagem(ns) de um país.
- 2- Análise estilística e interpretação da(s) imagem(ns).
- 3- Análise e interpretação ideológica da(s) imagem(ns).
- 4- Análise e interpretação das relações dessa(s) imagem(ns) com outras dentro de uma mesma obra.
- 5- Análise e interpretação das relações dessa(s) imagem(ns) com outras em outros livros do autor.
- 6- Análise e interpretação das relações dessa(s) imagem(ns) com a visão de mundo do autor.
- 7- Análise e interpretação das relações anteriores no contexto da época.
- 8- Comparação da(s) imagem(ns) veiculadas por um autor com a(s) imagem(ns) veiculadas por outro autor de uma mesma época.
- 9- Comparação da(s) imagem(ns) veiculadas numa época com a(s) de outra(s) época(s).
- 10- Identificação de imagotipos. Formação de tipologias. Formação de sistemas.
- 11- Desconstrução dos imagotipos, para encontrar os constructos teóricos existentes por trás do pensamento/ideologia latente na(s) imagem(ns).

No nosso trabalho utilizaremos apenas alguns dos passos do método de investigação sugerido por Sousa, nomeadamente os números 1, 4, 6 e 8. Por se tratar de um *corpus* constituído por traduções, consideramos também verificar se as imagens que representam a visão de mundo do autor coincidem com a forma como foram apresentadas nas traduções brasileiras, seja pela voz do tradutor ou dos anotadores.

Ainda de acordo com Sousa (27), a investigação imagológica, que parte tradicionalmente do estudo da obra literária (mas que pode estender-se a outras formas de representação cultural), tem entre os seus objetivos a identificação e o isolamento de imagotipos,⁸ bem como chegar a estabelecer a estrutura de um sistema, ou de sistemas imagotípicos, ao estudar o papel das imagens de nações resultantes do encontro de culturas. Jean Marcel Carvalho França⁹, estudioso da literatura de viagens europeia sobre o Brasil oitocentista e autor do livro *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII*, cujo foco é “colaborar para que entendamos um pouco como a cultura ocidental nos construiu e como construimo-nos a nós próprios ao

⁸ No campo da Imagologia, termo usado em substituição do termo estereótipo.

⁹ É professor Titular de História do Brasil na Universidade Estadual Paulista (UNESP), onde se dedica ao ensino da Teoria e Filosofia da História e da História do Brasil dos períodos colonial e imperial. É também sócio correspondente do IHGB e coordenador do Grupo Temático Escritos sobre os novos mundo e da coleção Memória Atlântica. As suas publicações estão relacionadas à história da cultura e da literatura brasileiras dos períodos colonial e imperial, e à história da construção do Brasil na literatura de viagem produzida na Europa entre o século XVI e o início do século XIX. Desde 2009, desenvolve pesquisa sobre a construção do Brasil nos escritos em língua portuguesa redigidos e publicados ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII e, mais recentemente, sobre as relações entre a cultura brasileira e a denominada cultura Ocidental a partir do alvorecer do século XIX. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/3941903235762660>.

longo da história” (França, 2012: 15), afirma que o Brasil-colônia construído através das páginas da literatura de viagens dos séculos XVI a XVIII é um país de extremos, pois se, de um lado, “alinha-se uma natureza exuberante e permanentemente verde, um clima quente, mas menos exigente do que o europeu, uma enorme fartura de água e, sobretudo, uma terra extremamente fértil e rica”, do outro lado “alinha-se a grande mácula deste Brasil construído pelos visitantes estrangeiros, o colono” (283), pois os europeus atribuíam o aproveitamento tão medíocre de tamanho tesouro à má qualidade do trabalho do colono:

Aos olhos dos visitantes europeus, os colonos eram preguiçosos, ignorantes, carolas, ciumentos, desonestos e, sobretudo, excessivamente vaidosos e libidinosos. Isso quanto aos brancos, ou melhor, quanto àqueles que se passavam por brancos, pois havia ainda um toque a mais de barbárie no cotidiano da colônia: o enorme contingente de negros escravos, vindos da incivilizada África, que perambulavam pelas ruas das cidades brasileiras — cidades medíocres, com pouquíssimos atrativos, vale recordar. Eis, em linhas grossas, um esboço do Brasil construído nas narrativas de viagem. (284)

Sobre as narrativas de viagem, França diz que o “pouco que se registrou sobre o Brasil em língua portuguesa, tanto na metrópole como na colônia, quando chegou a ser impresso, mal circulou dentro das fronteiras do pequeno reino peninsular.” (*idem*). E acrescenta que foram as escritas por homens de países e grupos sociais variados, em estilo pouco cuidado e, na maioria, produzidas a partir de observações apressadas:

[...] que criaram, praticamente sem qualquer concorrência, um vocabulário sobre o Brasil para os homens do Velho Mundo, um vocabulário que apresentou poucas variações ao longo dos três séculos que se seguiram à viagem cabralina e que se nutriu, em larga medida, de repetições, de dar a conhecer o conhecido, de reiterar, com pequenas variações, os mesmos temas e os mesmos personagens. Não obstante esse gosto pelas repetições — a “pouca originalidade”, diríamos hoje —, tratou-se de um discurso com larga aceitação entre o público culto e que desfrutava, entre esse mesmo público, do estatuto de um discurso verdadeiro, ainda que passível de dúvidas, críticas e contestações. (284-285)

Desta forma, diante do cenário apresentado e com base nas narrativas do século XIX por nós selecionadas, reiteramos a importância dos Estudos Imagológicos que nos ajudam a compreender a razão de ser de tais discursos, especialmente porque:

A imagologia, melhor que outras disciplinas, pode mostrar de que maneira surgem determinadas opiniões, não raro nascidas no vasto território da literatura. Pode oferecer, mais além de seus objetivos literários específicos, ainda uma contribuição complementar a um melhor entendimento mútuo de grupos étnicos ou nacionais, pois, possuindo muitas informações sobre vários processos ideológicos que, no passado, identificaram e macularam as

relações culturais entre diversos grupos, pode ajudar a descartar as representações que dificultam esse mau entendimento. (Sousa, 2004: 70-71).

O padrão de idealização da Amazônia divulgado pelos descobridores, colonizadores e estrangeiros, de um modo geral, assemelha-se aos da descoberta de quaisquer novos mundos. Havemos de considerar que não somente os relatos são portadores das impressões dos viajantes, mas que neles existe também uma profusão de registros iconográficos significativos do Brasil, de acordo com o objetivo e a habilidade artística de cada autor ou colaborador, do que resulta um importante acervo formado por aquarelas, desenhos e até fotografias. Lembremos os forasteiros que chegaram ao Brasil ao serviço da corte portuguesa na primeira metade do século XIX, com a finalidade de retratar momentos ilustres da monarquia, como por exemplo o pintor francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), que fez os retratos de pessoas ilustres da corte, como a Rainha Carlota Joaquina (1816)¹⁰ e o Rei Dom João VI (1817)¹¹:



Figura 1



Figura 2

¹⁰ RAINHA Carlota Joaquina. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1574/rainha-carlota-joaquina>. Acesso em: 20 de março de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

¹¹RETRATO de Dom João VI. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1185/retrato-de-dom-joao-vi>. Acesso em: 20 de março de 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

imagem se unem para informar. Há ainda outros fatores a serem considerados quando analisamos e interpretamos os registros iconográficos, tais como a intenção de quem os criou, ou de quem os utilizou para exemplificar, associar ou ilustrar algo. De uma forma ou de outra, contudo, tanto os artistas quanto os naturalistas ajudaram a construir uma imagem do Brasil que serviria para estabelecer as bases dos estudos artísticos e científicos no país; e, mais importante ainda, tendo em conta a temática da nossa tese de doutoramento, as percepções europeias e norte-americanas quanto ao Brasil e, em especial quanto à Amazônia, expressas nessas narrativas de viagem, persistem até aos dias atuais, como iremos detalhar no Capítulo III desta tese.

Foi somente a partir da publicação de tais narrativas de viagem estrangeiras oitocentistas em tradução para a língua portuguesa que o povo brasileiro veio, em grande medida, a ter consciência da forma como os forasteiros o haviam caracterizado, forma essa em que por vezes não se reveem. Ainda hoje surgem publicações com a finalidade de criticar a inabilidade do Outro em compreender a singularidade da Amazônia. Tal “incapacidade” de percepção pode ser explicada pelo fato de nativos e estrangeiros pertencerem a mundos com vivências totalmente distintas, e especialmente pela falta de reconhecimento, por parte do Outro, de que os saberes e os viveres das culturas de chegada são tão fundamentais e importantes quanto os das culturas de partida. As questões de índole ideológica e os interesses econômicos em jogo ocupam também, evidentemente, um lugar central na equação. Assim, no estudo de caso vertente, importa não só investigar os contornos da imagem da Amazônia projetada pelas narrativas em causa a que o leitor brasileiro teve acesso por via da tradução, mas também que imagem do próprio observador estrangeiro (britânico e norte-americano) a tradução ajudou a veicular.

Em suma, a Escrita de Viagem constitui um campo de investigação particularmente fértil para os Estudos Imagológicos, na medida em que veicula percepções do Outro e trata da diferença cultural, contribuindo sobremaneira para a formação de imagens mentais dos povos e para a construção de tipologias nacionais. Segundo Albert Meier:

In any case travel writing always organizes differences ('familiar' vs 'unfamiliar') and highlights either the agreement or the divergence between the familiar and the alien, as the case may be ('domestication' vs. 'alienation' or 'exotification'). Thus, its imagological relevance stems both

from its function as mediator (in that travel writing adds new knowledge to what is already known), and from its construction of ‘otherness’ derived from familiar concepts and known facts (by means of analogy, exaggeration and contrast)”. (Meier, 2007: 446)

Atente-se, na citação acima transcrita, à utilização de terminologia usada igualmente no domínio dos Estudos de Tradução, concretamente os termos “domestication” e “alienation”, que se aplicam a distintas estratégias de tradução e podem remeter para relações de poder desiguais entre culturas. Também esta questão nos merecerá reflexão.

Tais considerações levam-nos a insistir na ideia de que o processo de investigação imagológica se reveste, assim, de relevância para o nosso estudo, pois, para além de todos os motivos já elencados, e de outros que explicitaremos ao longo da tese, se afigura como um caminho viável para uma compreensão satisfatória da alteridade representada, “na medida em que se preocupa em trazer à tona “o outro” em sua especificidade, enfatizando a pesquisa da multi e interculturalidade” (Sousa, 2004: 28).

Em livro recente, *Interconnecting Translation Studies and Imagology* (2016), editado por Doorslaer, Flynn e Leerssen, problematiza-se precisamente a confluência entre formas de representação nacionais e culturais e o fenómeno da tradução, vista esta como uma atividade que implica fazer escolhas que estão longe de ser neutras. Os três investigadores começam por sublinhar que a Imagologia, apesar da contestação que sofreu por parte de certa crítica, continua a ser relevante nos nossos dias: “National ideologies and cultural borders are still with us, and indeed play a far more prominent role in contemporary “identity politics”, exclusionism and xenophobia than avant-garde theorists and artists seem to realize. In addition, they are part of a heritage which is still an informing and self-replicating presence in our present-day cultural ambience.” (Doorslaer, Flynn e Leerssen: 1). E, em defesa da pertinência de combinar os Estudos de Tradução com a metodologia da Imagologia, realçam:

[...] there is a sound basis for cross-fertilization between Translation Studies and Imagology. Both disciplines have a research history stemming from descriptive and diachronic viewpoints that prevent them from using static approaches or positing stable or essentialist views of cultures and their practices. Change and hybridity are two important features of the objects both disciplines study: translation and images. In recent decades, Translation Studies has indeed shown a growing interest in national and cultural characterization and stereotyping, including the selection and potential manipulation procedures involved — other key aspects of the discipline. (2016: 2)

Certamente as formas de representação cultural aqui trabalhadas ficam bem mais completas vistas pelo prisma dos dois campos de investigação: os Estudos de Tradução e os Estudos Imagológicos. No Capítulo III atentaremos em primeiro lugar nas representações veiculadas por palavras e/ou imagens que resultaram da observação do Outro estrangeiro, nos julgamentos de valor de cada voz, numa tentativa de entender como tais imagens do povo e das terras amazônicas foram construídas; e, num segundo momento, nos textos de chegada em português do Brasil, buscando identificar nesse fenômeno de introdução, por via da tradução, de produtos culturais estrangeiros na cultura brasileira, os processos de transformação e manipulação que os textos de partida sofreram e que, inevitavelmente, tiveram repercussão sobre as imagens da Amazônia recebidas pelos leitores brasileiros dessas mesmas traduções.

Como dito anteriormente, França publicou em 2012 uma antologia de textos do período de 1591-1808 na qual examina a maneira como as narrativas dos estrangeiros propiciaram a construção de um vocabulário a respeito do Brasil, que combinava expectativas e ações dos homens do Velho Mundo em relação a este país e ao seu povo. Embora relacionada a períodos anteriores ao século XIX, oferece conclusões interessantes que serviram de embasamento para nosso estudo. O segundo trabalho de grande importância do referido autor, *As descobertas do Brasil. O olhar estrangeiro na construção da imagem do Brasil* (2014), é um livro no qual editores e autores apresentam análises bastante reveladores sobre os viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil nos séculos XVI até ao XX, como se refere na apresentação intitulada “Jogos de espelhos : uma proximidade distante, uma distância tão próxima”, assinada por Ana Cecilia Impellizzeri Martins e Monique Sochaczewshi; seguem-se “O Brasil que veio de fora”, por Jean Marcel Carvalho França (1506-1808); “O império das palmeiras: os Estados Unidos descobrem o império brasileiro”, de Teresa Cribelli (1789-1892); e “O Brasil sempre à vista: século XX: a era dos deslocados”, por Maurício Parada (1900-2000). A obra termina com uma versão em francês dos capítulos. Destacamos a riqueza iconográfica presente em todas as páginas do volume, que ilustram os diversos olhares estrangeiros sobre um país tão diverso e ao mesmo tempo tão singular como o Brasil.

Uma outra obra nos merece destaque, a intitulada *Grandes expedições à Amazônia Brasileira —1500-1930*, de João Meirelles Filho,¹⁴ cuja referência completa se encontra na Bibliografia. Publicada em 2009, apresenta uma seleção de 42 viagens notáveis, entre as quais se encontram as de Agassiz, Bates, Kidder e Wallace, das quais apresentaremos alguns trechos ao longo dos capítulos. Meirelles Filho identifica os participantes e colaboradores de cada viagem, incluindo tanto os parceiros intelectuais dos líderes, quanto os serviçais, creditando a todos os méritos da viagem, como refere o prefaciador, Nelson Sanjad. No final de sua introdução, na qual faz o leitor refletir sobre diversos aspectos relacionados tanto às culturas de partida quanto à de chegada, valorizando o saber e o saber fazer desta última, o autor questiona também a falta de interesse da academia pelas obras dos viajantes e reitera o que dissemos atrás com relação ao fato de não existirem muitos pesquisadores dedicados à literatura de viagem:

[...] este livro não se arvora a ser monografia universitária, longe estou de cumprir o papel que a academia pressupõe. No entanto, admiro imensamente o trabalho dos profissionais de organizações de pesquisa e ensino, especialmente daqueles que vivem na e para a Amazônia. Lamentável, no entanto, é verificar que o número de estudiosos do tema é restrito. (Meirelles Filho, 2009: 16)

No que se refere à relação entre viajantes e habitantes locais, Meirelles Filho comenta:

Se arriscasse uma tese, a que certamente me dedicaria, esta seria para demonstrar que, com honoríficas exceções, os viajantes não tratam os habitantes locais — índios, caboclos, quilombolas e mesmo os imigrantes europeus recentes — como pares, com direitos iguais, merecedores de respeito; ao contrário, querem-nos como cidadãos de segunda classe. Mesmo os jesuítas se enquadram, como superiores, nessa visão. (17)

Outro tipo de fonte, mas de igual interesse, é o Documentário “Brasil no Olhar dos Viajantes”, que serve de referência tanto para os Estudos Imagológicos como para os Estudos de Recepção. Formatado em quatro episódios, resgata o contexto das narrativas de viagem produzidas no estrangeiro e que influenciaram de modo significativo a formação da identidade do povo brasileiro. Cada episódio tem a duração

¹⁴ Escritor paulista e ativista socioambiental, há 14 anos vive em Belém, Pará, Amazônia. Como escritor é autor de 17 livros, dos quais 9 sobre a Amazônia e um de contos: “O Abridor de Letras” (Prêmio SESC de Literatura 2017). Há 33 anos atua no terceiro setor, 20 dos quais à frente do Instituto Peabiru, como diretor, organização que trabalha nos nove Estados da Amazônia Brasileira. Fonte: <https://fru.to/palestrante/joao-meirelles-filho/>. Acesso em 30.05.2020.

de 60min e foi produzido pela TV Senado, sob a direção de João Carlos Fontoura. O primeiro episódio estreou no dia 22 de dezembro de 2012, às 21h30min. Os demais foram lançados em 2013. As sinopses, retiradas da página do Senado Federal,¹⁵ são apresentadas abaixo, seguidas dos referidos *links* disponibilizados no YouTube:

Episódio 1 – séculos XVI e XVII. Trata dos viajantes e aventureiros que vieram para o Brasil pouco antes na descoberta do continente americano e logo depois da chegada dos portugueses. Entre os viajantes que aparecem no vídeo estão os religiosos Jean de Léry e André Thevet, navegadores franceses e ingleses e o aventureiro Hans Staden. Os relatos desse período privilegiam a natureza exuberante e os indígenas, vistos como habitantes exóticos e selvagens.¹⁶

Episódio 2 – séculos XVII e XVIII. Esse episódio retrata a missão religiosa na França Equinocial, a colonização holandesa em Pernambuco e a passagem de vários navegadores e comerciantes franceses e ingleses nos litorais da Bahia, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Esses navegadores, em passagens pela costa brasileira, fazem descrições sobre os hábitos, as cidades litorâneas e sua organização, e sobre a relação entre colonos e escravos. Descrevem também o comportamento feminino e o caráter dos então habitantes do Brasil.¹⁷

Episódio 3 – século XIX e XX. Esse episódio traz as missões artísticas, as expedições e os relatos de viajantes que vieram para o Brasil depois da vinda da família real e do Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas. Entre eles destacam-se Debret, Rugendas, Martius, Langsdorff e Hercule Florence.¹⁸

Episódio 4 – século XIX e XX. Apresenta as viagens e expedições científicas dos estrangeiros que percorreram o país no século XIX e mostra a influência que seus relatos tiveram na construção da identidade nacional.¹⁹

Na página da TV Senado o lançamento de cada episódio foi anunciado através de um cartaz no qual consta o nome do Diretor da Série, a data e a hora da estreia, assim como as demais datas e horas das reapresentações. No entanto, o acesso a este documentário, ainda nos dias atuais, não é muito amplo, visto que a TV Senado não disponibiliza sua grade de programação na televisão aberta de todas as cidades brasileiras. Entretanto, os episódios podem ser vistos em TV por assinatura e também pela *internet*, através do YouTube. A seguir reproduzimos o cartaz de lançamento do segundo episódio:

¹⁵ <https://www12.senado.leg.br/jovensenador/home/noticias-1/releases/2016/07/brasil-no-olhar-dos-viajantes-nova-serie-da-tv-senado> - Acesso em 17.09.2016.

¹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=k-tb3oV8kkg&t=40s>

¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=9dpxixVWrQQ>

¹⁸ https://www.youtube.com/watch?v=8t_WVzU2IUo

¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=nh9ntKXYKXE>

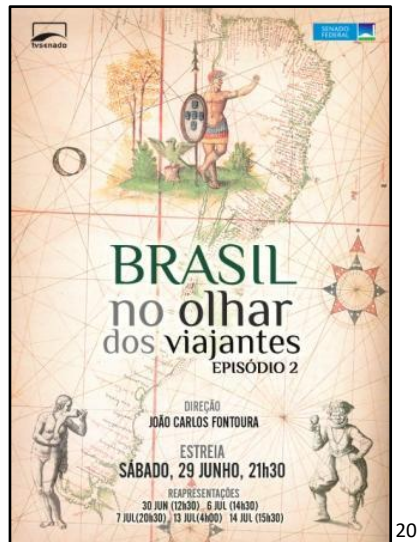


Figura 4

Outro trabalho que merece destaque é o da Professora Doutora Cristina Carneiro Rodrigues,²¹ cuja experiência na área dos Estudos da Tradução está ligada aos seguintes temas: pós-modernidade, desconstrução, adaptação e história da tradução no Brasil. Interessada em literatura de viagem, tem publicado vários artigos sobre o tema e é, inclusive, grande conhecedora da história das coleções «Brasiliana» e «Reconquista do Brasil», de que nos iremos ocupar. Muito solícita, ajudou-nos com sugestões valiosas no início da nossa pesquisa, por isso será citada diversas vezes ao longo da tese.

Entre os textos de Rodrigues que dialogam com nossa investigação, destacamos: “Tradução e Viagem: O Brasil de Richard Burton” (2008), no qual analisa os conflitos linguísticos e culturais causados pelo fato de o texto inglês não retratar o Outro estrangeiro, mas o que habita o lugar da própria tradução e por esse lugar não ser mais o do habitante, mas sim o construído pelo Outro estrangeiro. Mais ainda, com o objetivo de problematizar a demarcação de limites nítidos entre uma ética da diferença e uma

²⁰ Imagem retirada da Página inicial de notícias do Senado Federal. Publicada em 04/07/2013, 19h55 e atualizada em 18/07/2016.

<https://www12.senado.leg.br/jovensenador/home/noticias-1/releases/2016/07/brasil-no-olhar-dos-viajantes-nova-serie-da-tv-senado>

²¹ Graduação em Comunicação pela Fundação Armando Álvares Penteado (1975), mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1988) e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1998). Atualmente atua no programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de São José do Rio Preto. Sua pesquisa é direcionada para os Estudos da Tradução desde 1984 e os temas de seu interesse vinculam-se à adaptação e à história da tradução no Brasil, sob a ótica da pós-modernidade. Informações coletadas do Lattes em 01/02/2020. <https://www.escavador.com/sobre/2009049/cristina-carneiro-rodrigues>. Acesso em 13/04/2020.

ética da igualdade, Rodrigues analisa as duas traduções de *The Naturalist on the River Amazons*, de Bates, no artigo “As traduções de Bates: dois naturalistas no Rio Amazonas” (2011), assim como apresenta uma comparação das duas traduções da obra *A Journey in Brazil*, do casal Agassiz, em “As muitas vozes de Viagem ao Brasil em traduções indiretas” (2014). Além disso, um outro interesse em comum nos aproxima, o de investigar os prefácios e as notas do tradutor, paratextos que também exploraremos em nossa investigação, e que foi tratado por Rodrigues em “Prefácios e notas do tradutor: tensão e acolhimento na relação com o outro” (2010), no qual ela procura evidenciar qual foi a perspectiva que orientou essas traduções e se a perspectiva privilegiada é a do autor estrangeiro ou a do leitor. Chega à conclusão de que tanto pode haver adoção de perspectivas diferentes em diferentes traduções, como também em uma mesma tradução se encontrar momentos em que o estrangeiro é privilegiado e momentos em que o doméstico aflora, o que coincide em muitos aspectos com os resultados da nossa análise.

Para finalizar a enumeração das publicações de Rodrigues que constituíram referentes centrais para o nosso trabalho, destacamos um artigo recente, “Republicação de traduções: o caso da Coleção Reconquista do Brasil” (2018), no qual a autora reitera as dificuldades de quem lida com a história da tradução, no seu caso já há quinze anos. Declara que enfrenta “vários tipos de entraves, especialmente a falta de uma biblioteca que reúna o que foi publicado no Brasil” (75) e aponta também os obstáculos levantados pela catalogação deficitária, cujas “fichas catalográficas impressas nos livros não são confiáveis.” (*idem*), assim como a falta de menção da autoria de textos pelos apresentadores ou pelas editoras, entre outros problemas.

Sem dúvida alguma, a Professora Doutora Cristina Carneiro Rodrigues é a mais produtiva pesquisadora de obras de Escrita de Viagem traduzidas no Brasil, e, embora tenha já escrito artigos sobre alguns dos viajantes selecionados para nosso estudo, a abordagem que nos propomos fazer, analisando o *corpus* em articulação com a Imagologia, bem como o foco na Amazônia em particular, constituem uma novidade da presente tese, indo ao encontro dos interesses do grupo de investigação a que pertencemos, como já foi dito.

Tendo apresentado e justificado o tema, os objetivos e o travejamento teórico, torna-se necessário, antes de concluir a Introdução, explanar a metodologia adotada na

elaboração desta tese. Considerando as características do estudo com base nos seus objetivos, trata-se de uma *pesquisa* que se enquadra nas de natureza *exploratória*, as quais, na concepção de Gil, são as que:

têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (Selltiz et al., 1967, p. 63). Embora o planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso. (Gil, 2002: 41)

Quanto aos procedimentos técnicos utilizados, insere-se na *pesquisa bibliográfica*, ou seja, "desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...] e que se propõe à análise das diversas posições acerca de um problema." (44). Também fazem parte desse tipo de pesquisa periódicos científicos (jornais, revistas, teses, dissertações, anais de congressos), documentários, textos disponíveis em *sites* confiáveis, entre outros. Os meios de recolha se iniciaram após o levantamento preliminar bibliográfico, realizado através de uma busca exploratória na *Internet*, onde conseguimos localizar um número significativo de obras originais de autores de narrativas de viagem que estiveram no Brasil no século XIX. Em seguida, utilizando critérios mais seletivos, reduzimos o número dos títulos previamente listados às obras de autores que visitaram a Amazônia. Depois procedemos à leitura dos volumes dos textos de chegada, ou seja, as traduções brasileiras dos relatos originais em inglês. Primeiramente, através de uma *leitura exploratória*, examinamos os paratextos: folhas de rosto, índices, prefácios, orelhas dos livros, notas de rodapé e elementos grafo-cênicos, para que tivéssemos uma visão geral da obra e de sua utilidade para a pesquisa. A *leitura seletiva* veio a seguir, por ocasião da coleta dos excertos dos TC e respectivos TP. Esta, sem dúvida, foi a fase mais demorada, pois neste tipo de leitura geralmente temos de voltar uma vez e outra ao material em análise para dirimir dúvidas, fazer acrescentamentos, ou mesmo eliminar o que se vem a considerar como não pertinente. Seguiram-se as leituras *analítica*, onde procedemos "à identificação das idéias-chaves do texto, à sua ordenação e finalmente à sua síntese" (Gil, 2008: 75), e *interpretativa*, a fim de "estabelecer relação entre o conteúdo das fontes pesquisadas e

outros conhecimentos” (*idem*) advindos do material bibliográfico que foi continuamente renovado e atualizado.

Para finalizar esta Introdução, resta-nos dizer como a presente tese está estruturada. O Capítulo I trata da “Caracterização do *corpus* textual”, no qual são explicitados os critérios de seleção e de análise comparativa e meios de recolha; apresentados os autores e as narrativas de viagem anglófonas, bem como as respectivas traduções brasileiras, os projetos editoriais e as coleções em que tais traduções se inserem; e ainda os agentes envolvidos, ou seja, tradutores, prefaciadores e outros autores de paratextos. O Capítulo II, “Dos textos de partida aos textos de chegada”, ocupa-se do cotejo entre originais e traduções numa perspectiva descritiva, ao que se segue a explicitação das estratégias usadas pelos tradutores. Finalmente, o Capítulo III, “O Outro amazônico: imagens da terra e das gentes”, é dedicado a questões relativas à caracterização das imagens da terra e das gentes da Amazônia, fundamentada em concepções teóricas dos Estudos Imagológicos; à percepção dos viajantes estrangeiros sobre a cultura amazônica, nomeadamente a miscigenação e as práticas religiosas locais; e, por último, recorrendo a textos de historiadores, poetas, músicos e literatos aborda-se a identidade e a autoimagem do brasileiro em geral e mais particularmente do povo da Amazônia. A tese conclui com as Considerações Finais e as Bibliografias Primária e Secundária.

Capítulo I — Caracterização do *corpus* textual

Two roads diverged in a wood and I — I took the one less travelled by.
(Robert Frost²²)

I.1. Critérios de seleção e de análise comparativa, meios de recolha

Por ocasião da defesa do projeto de tese, havíamos elencado seis obras originais em inglês para compor o *corpus*, aqui apresentadas por ordem cronológica de publicação da primeira edição:

- **Kidder, Daniel Parish.** *Sketches of Residence and Travels in Brazil, embracing historical and geographical notices of the empire and its several provinces.* In two volumes – with illustrations. Philadelphia: Sorin & Ball, 1845.
- **Wallace, Alfred Russel.** *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology and natural history of the Amazon valley.* London: Reeve and Co., 1853.²³
- **Fletcher, James Cooley and Daniel Parish Kidder.** *Brazil and the Brazilians - portrayed in historical and descriptive sketches.* Illustrated by one hundred and fifty engravings. Philadelphia: Childs & Peterson. Boston: Phillips, Sampson & Co. 1857.²⁴
- **Bates, Henry Walter.** *The Naturalist on the River Amazons, a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the equator, during eleven years of travel.* In two volumes. London: John Murray, 1863.²⁵
- **Agassiz, Jean Louis and Elizabeth Cabot Cary Agassiz.** *A Journey in Brazil.* Boston and New York: Houghton, Mifflin and Co., 1867.²⁶
- **James, William.** *The Letters of William James, edited by his son Henry James, in two volumes.* Boston: The Atlantic Monthly Press, 1920.

À época, não tínhamos ainda feito uma segunda leitura de cada uma das obras, especialmente por serem muito extensas — cada livro possui, em média, 500/600 páginas. Após a defesa do projeto, e com o aprofundamento da leitura dos textos inicialmente selecionados, tivemos de fazer algumas alterações à composição do *corpus* a analisar. Uma delas foi a eliminação da obra de William James, *The Letters of William James*, editadas pelo seu filho Henry James, pois apesar de existir uma tradução parcial para português do Brasil, com o título *O Brasil no Olhar de William James: cartas, diários*

²² Frost, Robert. “The Road Not Taken”. From *The Poetry of Robert Frost* by Robert Frost, edited by Edward Connery Lathem. Copyright 1916.

²³ A edição que serviu de texto de partida para as duas traduções brasileiras foi a segunda edição, de 1889.

²⁴ A edição que serviu de texto fonte para a tradução brasileira foi a sétima edição, de 1867.

²⁵ Texto fonte para a primeira tradução brasileira.

²⁶ A edição que serviu de texto fonte para as duas traduções brasileiras foi a traduzida para o francês por Félix Vogelli, publicada em Paris em 1869.

e *desenhos (1865-1866)*,²⁷ não foi possível fazer o mesmo tipo de cotejo que fizemos das demais, visto que esta publicação não contempla todas as cartas da edição original de 1920, e sobretudo pelo fato de não haver uma outra tradução das cartas para que pudéssemos compará-las com a tradução feita por Maria Helena Machado (2010). Isso não nos impediu, no entanto, que fizéssemos uso de trechos da referida obra, a título de contextualização, ao longo da tese.

Assim, e porque adotamos o critério de que houvesse para cada original duas traduções de editoras, tradutores e épocas diferentes, a fim de que pudéssemos seguir uma padronização no cotejo, acabamos por eleger cinco narrativas de viagem em inglês como *corpus* a trabalhar, e respectivas traduções.²⁸ Portanto, para cada texto de partida há duas traduções: duas da obra do casal Agassiz, *A Journey in Brazil*; duas da obra de Bates, *The Naturalist on the River Amazons*; e duas da obra de Wallace, *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro*. Com relação às outras duas obras, a escrita individualmente por Kidder, *Sketches of Residence and Travels in Brazil*, e a escrita por Kidder e Fletcher, *Brazil and the Brazilians*, resolvemos utilizar outro critério. Ainda que cada uma dessas obras tenha sido traduzida uma única vez, decidimos que se justificava incluí-las no *corpus* por ser possível selecionar trechos dos excertos que estão presentes em ambas e que permitem, pois, fazer um estudo comparativo. Melhor dizendo, há muitos trechos de *Brazil and the Brazilians* que foram copiados literalmente de *Sketches of Residence and Travels in Brazil*. Uma vez que os dois relatos foram traduzidos por tradutores diferentes — *Sketches/Reminiscências* por Moacir N. Vasconcelos²⁹ e *Brazil and the Brazilians/ O Brasil e os Brasileiros* por Elias Dolianiti³⁰—, temos como compará-los e estaremos, assim, atendendo em parte aos critérios pré-estabelecidos.

²⁷Machado, Maria Helena Pereira Toledo (org.). *O Brasil no Olhar de William James: cartas, diários e desenhos (1865-1866)*. São Paulo: Edusp, 2010.

²⁸ De ora em diante, os títulos das obras de Agasszi, Bates, Wallace, Kidder e Fletcher serão abreviados.

²⁹ Kidder, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (Províncias do Norte): compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Tradução: Moacir N. Vasconcelos. v.2 ilust. São Paulo: Martins, Ed. da Universidade de São Paulo, 1943. (Biblioteca Histórica Brasileira)

³⁰ Kidder, Daniel Parish e James Cooler Fletcher. *O Brasil e os Brasileiros: esboço histórico e descritivo*. Vol. 2. Tradução: Elias Dolianiti. Revisão e notas: Edgard Sússekind de Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Coleção Brasileira, v. 205/T2)

A opção por essas obras deu-se, sobretudo, pelo interesse em verificar até que ponto o papel do tradutor foi relevante para ratificar ou retificar a imagem construída pelos estrangeiros sobre o povo brasileiro e o da Amazônia em particular. Uma outra questão a ser ponderada diz respeito ao impacto que tais narrativas estrangeiras em tradução poderão ter tido sobre o modo como o brasileiro se viu a si mesmo, ou seja, em que medida é que a autoimagem do brasileiro foi informada pelas imagens do Brasil veiculadas por olhares forasteiros. A articulação entre Eu, Outro e identidade presente na Escrita de Viagem, igualmente explorada no âmbito da tradução, reflete-se obviamente nas estratégias de domesticação e estrangeirização a que os tradutores recorrem. Prestaremos atenção especial às palavras e expressões usadas para descrever a cultura do Outro (brasileiro) na língua estrangeira (inglesa), observando a maneira como os tradutores se posicionaram em relação a esse modo de dizer. Para tal, daremos particular importância aos paratextos que acompanham as traduções, por neles se fazer ouvir a voz dos tradutores, prefaciadores e editores.

Dada a já referida grande extensão das obras a tratar, que torna inexecutável o cotejo exaustivo entre textos de partida e de chegada, decidimos, após leitura atenta do *corpus*, selecionar determinados capítulos em cada obra para a nossa análise de pormenor. Desse modo, procedemos à escolha dos excertos que julgámos mais representativos, tendo por base o seguinte elenco de assuntos abordados nas narrativas de viagem em foco: primeiras impressões; a natureza; o povo, seu caráter, hábitos e costumes; impressões gerais finais.

Uma vez estabelecido o *corpus* textual a trabalhar, não enfrentámos qualquer dificuldade para aceder aos originais em inglês, principalmente por já se encontrarem em domínio público e estarem disponíveis em diversos *sites*, como archive.org (<https://archive.org/index.php>), Googlebooks (<https://books.google.com>), WorldCat (<https://www.worldcat.org/>), a Biblioteca Digital do Senado Federal do Brasil (<http://www2.senado.leg.br/bdsf>), entre outros. Quanto aos primeiros volumes traduzidos, por volta de 1940, e publicados na Coleção «Brasílica», tivemos inicialmente acesso *online* através do portal Brasílica Eletrônica - UFRJ,³¹ resultado de

³¹ <http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao>. Acesso em 20/03/2021

uma parceria da Companhia Editora Nacional³² com a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, que disponibilizava um acervo grandioso de obras raras sobre o Brasil, desta e de outras coleções. Lamentavelmente, no ano de 2016 o acesso ao *site* foi suspenso, o que gerou um grande problema para todos os investigadores que precisavam de consultar tão valioso acervo. Para darmos continuidade à pesquisa, providenciámos a compra das obras impressas. Tal percalço causou um grande atraso em nosso trabalho, por dois motivos: não termos o pronto acesso a um livro digitalizado, disponível em uma plataforma digital, e ter sido difícil adquirir os livros impressos, dado tratar-se de obras raras, nem sempre disponíveis para venda. Felizmente, em meados de 2017 o *site* Brasileira Eletrônica - UFRJ voltou a funcionar, o que nos permitiu completar o acesso ao *corpus* a analisar e dar assim início ao cotejo propriamente dito. Em 2019, a plataforma voltou a ficar indisponível novamente, apesar de o referido *site* ser considerado um dos mais significativos empreendimentos digitais da cultura brasileira contemporânea, que permite disseminar entre a população um precioso acervo de conhecimentos sobre o Brasil e uma das mais fecundas reflexões sobre a terra e a gente brasileiras. Ressaltamos que, apesar do ocorrido, a escrita não foi prejudicada, visto que já tínhamos selecionado e copiado todos os acertos a serem analisados.

Quanto à recolha de dados sobre o corpo editorial, as coleções, as obras traduzidas, os tradutores e autores de paratextos, temos a dizer que apesar da diversidade de busca, que incluiu plataformas digitais e, ao mesmo tempo, pesquisa presencial em bibliotecas e institutos, ainda assim ficaram lacunas que não puderam ser preenchidas e que serão justificadas ao longo do trabalho.

O quadro que se segue, onde se sistematizam os dados referentes às obras, autores, tradutores, prefaciadores e revisores, editoras, coleções, locais e datas de publicação, e período em que cada autor esteve no Brasil, fornece uma visão de conjunto. Ao longo do corpo da tese far-se-á a pormenorização dos itens do referido quadro. Recorremos a algumas marcas tipográficas, como negrito, para evidenciar os nomes dos escritores e demais autores de paratextos das traduções, e colchetes para acrescentar informações sobre a função de cada edição na pesquisa. Mesmo tendo feito uma investigação exaustiva para obter dados acerca dos tradutores e demais autores de

³²<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/projeto> . Acesso em 20/12/2018.
Brasileira Eletrônica UFRJ | Projeto (brasilianadigital.com.br). Acesso em 20/03/2021.

paratextos, como data de nascimento e morte, profissão, formação, projeto tradutório, entre outras, não foi possível manter a padronização nos quadros, devido à escassez de dados, informação desconhecida, datas equivocadas, etc. Quanto às referências bibliográficas, seguem a formatação de cada edição; sendo assim, há diferenças entre as formas de apresentar os autores da obra e dos paratextos, ocorrendo até divergências na grafia de seus nomes. Achamos por bem apresentar o nome completo dos tradutores e prefaciadores; no entanto, recorreremos ao negrito para destacar a forma como são referidos em cada edição. Assim, colocamos **Eugenio** Angelo Arreguy **Amado** (nome completo), servindo o negrito para indicar como surge referenciado na obra. É importante ressaltar que as referências aos volumes são das edições usadas na tese, portanto, em se tratando de outra edição, a data da primeira edição será colocada entre colchetes, após a data da edição utilizada no *corpus*. Para melhor visualização, e a fim de evitar a desformatação, editamos o quadro no formato arquivo JPG e o colocamos na posição vertical em cada página. Após o quadro, passaremos a uma breve apresentação dos autores e das narrativas de viagem anglófonas selecionadas e respectivas traduções.

Caracterização do Corpus

Referência Bibliográfica TÍTULO DA OBRA ORIGINAL	Referência Bibliográfica OBRA TRADUZIDA EM PORTUGUÊS- BRASIL	Coleção/Tradutor/ Prefaciador/ Capa	Demais Autores de Paratextos	Observações
<p>1. Kidder, Daniel Parish. <i>Sketches of Residence and Travels in Brazil, embracing historical and geographical notices of the empire and its several provinces</i>. In two volumes – with illustrations. Philadelphia: Sorin & Ball, 1845. [Texto de partida para a tradução brasileira]</p> <p>Daniel Parish Kidder – nasceu em Darien, Connecticut, Estados Unidos, em 1815, e morreu em Evanston, Illinois, Estados Unidos, em 1891.</p> <p>* Kidder esteve no Brasil entre 1836 e 1837 e novamente entre 1840 e 1842.</p>	<p>Kidder, Daniel Parish. <i>Reminiscências de viagens e permanências no Brasil, compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias</i>. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. São Paulo: Livraria Martins, 1940/43. 2 vols. (Biblioteca Histórica Brasileira; vol. 3 e 12). [1ª edição]</p> <p>_____. <i>Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias</i>. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. (Coleção Reconquista do Brasil; nova série; v.16) – [Edição usada no cotejo]</p> <p>_____. <i>Reminiscências de viagens e permanências no Brasil — Províncias do Norte</i>. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. (Edições do Senado Federal; Vol. 103).</p>	<p>Coleção «Biblioteca Histórica Brasileira» Tradução: Moacir N. Vasconcelos (1903-1955). Brasileiro. Capa: Luís Díaz. Supervisão Gráfica: Rodolpho Ceraso.</p> <p>Coleção «Reconquista do Brasil Tradução: Moacir Nascimento Vasconcelos. Prefácio do autor, da primeira edição de 1845, traduzido por Moacir N. Vasconcelos. *Capa: Cláudio Francisco Martins Teixeira (1948-2018). Brasileiro. Ilustrador, <i>designer</i>, fotógrafo e escritor.</p>	<p>Coleção «Reconquista do Brasil» *Orelhas e Nota introdutória: Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri (1918-1985). Brasileiro. Cientista, administrador, artista plástico, professor, editor e ecólogo. Presidente da Comissão Editorial. *Nota do editor: José de Barros Martins, fundador da Livraria Martins Editora em 1937. Brasileiro. Bancário, livreiro, formado em Direito. *Apresentação do autor e da obra: Rubens Borba de Moraes (1899-1986), diretor da Biblioteca Histórica Brasileira. Brasileiro. Ensaísta, bibliógrafo, bibliófilo e bibliotecário, graduado em Letras.</p>	<p>*Obra original e obra traduzida foram publicadas em dois volumes. No caso da primeira tradução brasileira, o primeiro volume, sobre o Rio de Janeiro e São Paulo (Províncias do Sul), foi publicado em 1940, e o segundo, sobre o nordeste, parte do centro oeste e norte do Brasil (Províncias do Norte) foi publicado em 1943. *Somente os volumes II, do texto de partida e do texto de chegada, foram utilizados na tese. *Os substitutos da obra Reminiscências: Províncias do Sul – Vol. I, e Províncias do Norte – Vol. II aparecem apenas nas traduções em língua portuguesa. *Esta obra não está disponível na Brasileira Eletrônica UFRJ. * A edição do Senado não informa sobre o nome do tradutor, embora seja Vasconcelos, pois trata-se de uma reedição.</p>

Caracterização do Corpus

Referência Bibliográfica TÍTULO DA OBRA ORIGINAL	Referência Bibliográfica OBRA TRADUZIDA EM PORTUGUÊS-BRASIL	Coleção / Tradutor / Prefaciador / Capa	Demais Autores de Paratextos	Observações
<p>2. Wallace, Alfred Russel. <i>A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology and natural history of the Amazon valley</i>. London: Reeve and Co., 1853. [1ª edição]</p> <p>_____. <i>A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology and natural history of the Amazon valley</i>. 2nd edition. London: Ward, Lock and Co., 1889. [Texto de partida para ambas as traduções brasileiras]</p> <p>Alfred Russel Wallace – nasceu em Usk, Monmouthshire, País de Gales, em 1823, e morreu em Broadstone, Dorset, Inglaterra, 1913.</p> <p>* Wallace esteve no Brasil entre 1848 e 1852.</p>	<p>Wallace, Alfred Russel. <i>Viagens pelo Amazonas e Rio Negro</i>. Tradução de Orlando Torres. Prefaciada, anotada e revista por Basílio de Magalhães. Edição ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. (Coleção Brasileira; série 2ª - vol. 156 - Biblioteca Pedagógica Brasileira) – [Edição usada no cotejo]</p> <p>_____. <i>Viagens pelos Rios Amazonas e Negro</i>. Tradução: Eugênio Amado. Apresentação: Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. (Coleção Reconquista do Brasil, vol. 50) - [Reedição da Biblioteca Histórica Brasileira – produzida a partir de 1940 pela Livraria Martins Editora. Usada no cotejo]</p> <p>_____. <i>Viagens pelo Amazonas e Rio Negro</i>. Notas de Basílio de Magalhães. Brasília: Edições do Senado Federal, 2004 (Vol. 17). [Edição utilizada todas as vezes em que a plataforma da Brasileira Eletrônica não esteve disponível]</p>	<p>Coleção «Brasília»: Tradução: Orlando Torres (1894-1946). Brasileiro. Tradutor. Não escreveu notas em nome próprio, somente traduziu algumas notas do autor.</p> <p>Prefácio e notas: Basílio de Magalhães – (1874 – 1957). Brasileiro. Historiador, escritor, folclorista e professor.</p> <p>Coleção «Reconquista do Brasil»: Tradução e notas: Eugenio Angelo Arreguy Amado (1942-). Brasileiro, natural de Belo Horizonte. Graduado em Geografia, professor e pesquisador. Traduziu várias obras a partir do inglês, francês e espanhol.</p> <p>*Capa: Cláudio Francisco Martins Teixeira (1948-2018), ilustrador. Brasileiro. <i>Designer</i>, fotógrafo e escritor.</p>	<p>Coleção «Brasília»: *Paratextos: Basílio de Magalhães.</p> <p>Coleção «Reconquista do Brasil»: *Apresentação do autor, da obra e da coleção e notas: Mário Guimarães Ferri (1918-1985). Brasileiro. Cientista, administrador, artista plástico, professor, editor e ecólogo. Presidente da Comissão Editorial da «Reconquista».</p> <p>*Orelhas: João Etienne Arreguy Filho (1918-1997). Texto intitulado “A Esfinge Amazônica”. Brasileiro. Formação em Direito e Letras Clássicas, tradutor, professor e jornalista.</p>	<p>* Coleção «Brasília» – existem críticas a Basílio de Magalhães pelas notas sobre assuntos referentes às ciências naturais, pelo tradutor de Bates, Cândido de Mello-Leitão.</p> <p>* As notas da Coleção «Brasília», em sua maioria, são da autoria do prefaciador.</p> <p>* As notas da Coleção «Reconquista do Brasil», em sua maioria, são da autoria do tradutor.</p> <p>* A edição do Senado Federal do Brasil apresenta somente o nome de Basílio de Magalhães como prefaciador. Não informa sobre o nome do tradutor, Orlando Torres. Está disponível nas formas impressa e digitalizada. Trata-se de uma reedição da Coleção «Brasília», da Companhia e Editora Nacional, 1939.</p>

Caracterização do Corpus

Referência Bibliográfica TÍTULO DA OBRA ORIGINAL	Referência Bibliográfica OBRA TRADUZIDA EM PORTUGUÊS-BRASIL	Coleção / Tradutor / Prefaciador / Capa	Demais Autores de Paratextos	Observações
<p>3. Fletcher, James Cooley; Kidder, Daniel Parish. <i>Brazil and the Brazilians - portrayed in historical and descriptive sketches</i>. Illustrated by one hundred and fifty engravings. 7th edition. Revised and enlarged. Boston: Little, Brown and Company, London: Sampson, Low, Son & Co., 1867 [1857]. [Texto de partida para a tradução brasileira]</p> <p>James Cooley Fletcher – nasceu em Indianapolis, Indiana, Estados Unidos, em 1823, e morreu em Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos, em 1901.</p> <p>* Fletcher esteve no Brasil entre 1851 e 1853, depois em 1855 e por mais três vezes em um período de 10 anos.</p>	<p>Kidder, D. P., e J.C. Fletcher. <i>O Brasil e os Brasileiros: esboço histórico e descritivo</i>. Tradução de Elias Dolianiti. Revisão e notas de Edgar Sussekind de Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. 2 vols. (Coleção Brasileira, série 5ª - vols. 205/205-A – Biblioteca Pedagógica Brasileira). [Usada para cotejo com trechos da obra <i>Reminiscências de Viagens de Daniel Parish Kidder</i>]</p>	<p>Coleção «Brasíliana»:</p> <p>Tradução e notas: Elias Dolianiti (1911-1985). Brasileiro. Geólogo, naturalista, paleontólogo e tradutor.</p>	<p>Coleção «Brasíliana»:</p> <p>*Dados biobibliográficos, revisão e notas por Edgar Sussekind de Mendonça - (1896-1958), Brasileiro. Professor de desenho, locutor de rádio, tradutor. Grande conhecedor da obra de Euclides da Cunha.</p>	<p>* As edições do Texto de Partida (TP) foram em volume único.</p> <p>* Na primeira edição (1857) o nome de Kidder vem em primeiro lugar. Na edição de 1868, o nome de Fletcher vem em primeiro lugar.</p> <p>* A tradução brasileira de 1941 (em dois volumes) foi feita a partir da 7ª edição do TP (1867). O 1º volume tem 15 capítulos dedicados ao Rio de Janeiro, e o 2º volume 12 capítulos sobre estados das demais regiões do Brasil.</p>

Caracterização do Corpus

Referência Bibliográfica TÍTULO DA OBRA ORIGINAL	Referência Bibliográfica OBRA TRADUZIDA EM PORTUGUÊS-BRASIL	Coleção / Tradutor Prefaciador / Capa	Demais Autores de Paratextos	Observações
<p>4. Bates, Henry Walter. <i>The Naturalist on the River Amazons, a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the equator, during eleven years of travel</i>. In two volumes. London: John Murray, 1863. [Texto de partida para a primeira tradução, 1944]</p> <p>_____. <i>The Naturalist on The River Amazons, a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the equator, during eleven years of travel</i>. Second edition, with map and illustrations. London: John Murray, 1864. [Texto de partida para a segunda tradução, 1979]</p> <p>Henry Walter Bates – Nasceu em Leicester, Leicestershire, Inglaterra, em 1825, e morreu em Londres, Inglaterra, em 1892.</p> <p>* Bates esteve no Brasil no período de 1848 a 1859.</p>	<p>Bates, Henry Walter. <i>O Naturalista no Rio Amazonas</i>. Tradução, Prefácio e Notas do Prof. Dr. Candido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. (Coleção Brasileira; série 5ª - vol. 237 – Biblioteca Pedagógica Brasileira - T. 1 e T. 2) – [Edição em dois volumes; ambos usados no cotejo]</p> <p>_____. <i>Um Naturalista no Rio Amazonas</i>; tradução Regina Regis Junqueira; apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. (Coleção Reconquista do Brasil; vol. 53). [Edição em volume único, usada no cotejo]</p>	<p>Coleção «Brasília»: Tradução, prefácio e notas: Cândido de Mello-Leitão (1886-1948). Brasileiro. Médico, zoólogo, professor, escritor de livros científico e, tradutor.</p> <p>Coleção «Reconquista do Brasil»: Tradução: Regina Regis Junqueira (1919-2008). Brasileira. Tradutora.</p> <p>* Capa: Claudio Francisco Martins Teixeira (1948-2018). Brasileiro. <i>Designer</i>, fotógrafo e escritor.</p>	<p>Coleção «Brasília»: todos os paratextos são de autoria de Cândido de Mello-Leitão.</p> <p>Coleção «Reconquista do Brasil»: *Orelhas: João Etienne Filho (1918-1997). Texto intitulado: “Um inglês apaixonado pela Amazônia”. Brasileiro. Poeta, jornalista, professor, tradutor e teatrólogo. Membro da Academia Mineira de Letras.</p> <p>*Apresentação e revisão: Mário Guimarães Ferri (1918-1985). Brasileiro. Cientista, administrador, artista plástico, professor, editor e ecólogo. Presidente da Comissão Editorial da «Reconquista».</p>	<p>* 1ª edição do texto de partida (TP) em dois volumes.</p> <p>* 2ª edição (TP) condensada em um único volume pelo autor.</p> <p>* 1ª edição brasileira (1944): Coleção «Brasília». Inclui o prefácio do tradutor, o comentário de Charles Darwin, os prefácios das duas primeiras edições do TP, pelo autor, além de inúmeras notas do tradutor.</p> <p>*A edição da Coleção «Reconquista do Brasil» (1979) baseia-se na edição Dover de 1975, que é uma republicação da 4ª edição da obra original, de 1876. Não inclui prefácios e apresenta poucas notas.</p>

Caracterização do Corpus

Referência Bibliográfica TÍTULO DA OBRA ORIGINAL	Referência Bibliográfica OBRA TRADUZIDA EM PORTUGUÊS-BRASIL	Coleção / Tradutor / Prefaciador / Capa	Demais Autores de Paratextos	Observações
<p>5. Agassiz, Jean Louis; Agassiz, Elizabeth Cabot Carry Agassiz. <i>A Journey in Brazil</i>. Boston and New York: Houghton, Mifflin and Co., 1867. [1ª edição]</p> <p>Agassiz, Professor; Agassiz, Mrs. Louis. <i>A Journey in Brazil</i>. 2nd ed. Boston: Ticknor and Fields, 1868. [1867]. [Usada para comparar com a 1ª edição e a edição francesa]</p> <p>Agassiz, Mme.; Agassiz, Louis. <i>Voyage au Brésil</i>. Traduit de l'anglais avec l'autorisation des auteurs par Félix Vogeli. Paris: Librairie de L. Hachette Et Cie, 1869. [Texto de partida para ambas as traduções brasileiras]</p> <p>Jean Louis Rodolphe Agassiz nasceu em Môtier, Suíça, em 1807, e morreu em Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos em 1873.</p> <p>Elizabeth Cabot Carry Agassiz nasceu em Boston, Massachusetts, Estados Unidos, em 1822, e morreu em Arlington, Massachusetts, Estados Unidos em 1907.</p> <p>* Estiveram no Brasil no período entre 1865 e 1866.</p>	<p>Agassiz, Jean Louis; Agassiz, Elizabeth Cabot Carry Agassiz. <i>Viagem ao Brasil (1865-1866)</i>. Tradução e notas de Edgar Sússekind de Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Coleção Brasileira; série 5ª – vol. 95 – Biblioteca Pedagógica Brasileira) – [Edição usada no cotejo]</p> <p>Agassiz, Louis, 1807-1873. <i>Viagem ao Brasil: 1865-1866</i> [por] Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz; tradução de João Etienne Filho; apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. (Coleção Reconquista do Brasil, v. 12). [Edição usada no cotejo]</p> <p>Agassiz, Jean Louis Rodolph, 1807-1873. <i>Viagem ao Brasil 1865-1866</i> / Luis Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz; tradução e notas de Edgar Sússekind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. (Coleção O Brasil visto por estrangeiros) [Edição usada no cotejo quando a Brasileira UFRJ não estava online]</p>	<p>* Coleção «Brasília» (1938) e * Coleção «O Brasil Visto por Estrangeiros»</p> <p>Tradução e notas: Edgar Sússekind de Mendonça - (1896-1958). Brasileiro. Técnico em educação, com formação em Belas-Artes. Um dos fundadores da Associação Brasileira de Educação e da <i>Revista Brasileira de Educação</i> – Tradução e notas.</p> <p>* Coleção «Reconquista do Brasil» (1975)</p> <p>Tradução: João Etienne Arreguy Filho (1918-1997). Brasileiro. Professor, ator, diretor, escritor, tradutor e jornalista.</p> <p>* Capa: Cláudio Francisco Martins Teixeira (1948-2018). ilustrador. Brasileiro. <i>Designer</i>, fotógrafo e escritor.</p>	<p>* Coleção «Reconquista do Brasil»: Oreilhas por Vivaldi Wenceslau Moreira - (1912-2001). Brasileiro. Advogado, redator, jornalista, escritor. Membro da Academia Mineira de Letras.</p> <p>* Apresentação do autor, da obra e da coleção por Mário Guimarães Ferri (1918-1985). Também escreveu algumas notas.</p>	<p>* A primeira edição desta obra foi em língua inglesa (1867).</p> <p>* Ambas as traduções brasileiras foram feitas indiretamente do francês.</p> <p>* A edição do Senado Federal é apenas uma reedição da Coleção «Brasília», da Companhia e Editora Nacional, 1938.</p> <p>* Coleção «O Brasil Visto por Estrangeiros»: No final do livro desta edição do Senado Federal, os dados bibliográficos de Jean Louis Rodolphe Agassiz estão sem assinatura. O texto da contracapa, em dois parágrafos é de autoria da Sra. Agassiz, mas esta autoria não é apontada.</p>

I.2. Breve introdução aos autores e às narrativas de viagem anglófonas selecionadas

A sequência de apresentação dos autores coincidirá com a data em que chegaram ao Brasil. As datas colocadas entre parênteses após o nome de cada viajante servem para indicar precisamente esse fato. Iniciamos com **Daniel Parish Kidder** (1836) e **James Cooley Fletcher** (1851) que, apesar de não terem estado juntos no Brasil, compartilharam objetivos, ideias e informações semelhantes em suas obras e assinaram em conjunto a obra *Brazil and the Brazilians*. Seguem-se **Henry Walter Bates** (1848) e **Alfred Russel Wallace** (1848), que viajaram juntos ao Brasil, sendo que o primeiro se demorou lá por um período de tempo bem maior que o segundo. Finalizamos com o casal **Jean Louis Agassiz** e **Elizabeth Cary Agassiz** (1865). Ao longo da tese, nossa atenção deter-se-á em aspectos interculturais que permeiam as narrativas, e no modo como esses aspectos foram transferidos para o português do Brasil pelos tradutores, cumprindo o seu papel de mediadores culturais.³³

Começamos por ilustrar cada seção de apresentação dos TC com as primeiras imagens que aparecem quando fazemos a busca pelos nomes dos autores e de suas obras na nova versão da Brasileira Eletrônica – UFRJ, com exceção da obra de Kidder, *Reminiscências*, por esta não se encontrar digitalizada na referida plataforma. Por já termos incluído as referências bibliográficas completas nos quadros das páginas 37-41, nos subtítulos da seção I.2., os títulos das obras traduzidas surgem agora abreviados. Terminaremos a apresentação de cada autor com um excerto escrito por autores de paratextos ou leitores, como modo de fornecer uma pequena amostra da receptividade da obra.

³³ Sendo o tradutor um mediador, recorremos a Taft para definir o âmbito da sua ação: “[...] ...who facilitates communication, understanding, and action between persons or groups who differ with respect to language and culture. The role of the mediator is performed by interpreting the expressions, intentions, perceptions, and expectations of each cultural group to the other, that is, by establishing and balancing the communication between them. In order to serve as a link in this sense, the mediator must be able to participate to some extent in both cultures. Thus a mediator must be to a certain extent bicultural.” (Taft 1981: 53, *apud* Katan, 2009: 88)

I.2.1. Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher — *O Brasil e os Brasileiros*

Daniel Parish Kidder — *Reminiscências de Viagens*

Nesta parte do trabalho, elegemos o *site* da Brasiliana – UFRJ para iniciar de forma iconográfica a apresentação das obras em tradução brasileira. ***O Brasil e os Brasileiros*** é abordada primeiramente, por ser a que foi escrita pelos dois autores, Kidder e Fletcher, e por fazer parte das obras que compõem o acervo digital da Brasiliana – UFRJ. Torna-se necessário informar que, na referida plataforma, as imagens são mostradas de forma aleatória, podendo sofrer modificações a cada acesso, e que as imagens obtidas através de *smartphones* são diferentes das buscadas pelo computador. Mesmo assim, independentemente da forma como acedemos, a iconografia está sempre relacionada com um dos temas presentes em cada obra e oferece ao leitor e/ou investigador uma interessante e significativa visualização, relacionando aspectos culturais da região. Após a mostra das imagens, apresentamos um breve histórico dos autores e das obras publicadas em tradução em uma das três coleções principais examinadas ao longo da pesquisa: «Brasiliana», «Reconquista do Brasil» e «O Brasil Visto por Estrangeiros». Durante a busca de *O Brasil e os Brasileiros*, no *site* da Brasiliana UFRJ, através do *smartphone*, tivemos acesso a imagens de ambos os volumes I (205) e II (205-A). A seguir a figura sobre Vol. 1 e autores³⁴:



Figura 5

³⁴ <http://brasilianadigital.com.br/> . Acesso em 20/03/2021.

Daniel Parish Kidder nasceu em 18 de outubro de 1815, em Darien, Estado de Nova York, e faleceu em 1891, em Evanston, Illinois, aos 76 anos. Embora sua família não pertencesse à Igreja Metodista, e seu pai tivesse se oposto a que seguisse tal doutrina, converteu-se e tornou-se missionário e pastor. Como seus relatos não estão cronologicamente organizados, encontramos informações avulsas no que se refere ao período em que esteve no Brasil; no entanto, mantivemos as informações e datas fornecidas em sua biografia, escrita por seu cunhado, o Rev. Strobridge,³⁵ e publicada em 1894, na qual se diz que em agosto de 1837 Kidder recebeu um convite do Bispo Waugh para ser missionário no Brasil.³⁶ A partir de então, começou a se preparar para a missão, participando em encontros e pregações missionárias e estudando português. No dia 13 de novembro do mesmo ano saiu de Avon — cidade localizada no estado norte-americano do Colorado, no Condado de Eagle — rumo ao Rio de Janeiro, na altura capital do Império do Brasil. Na embarcação seguiam apenas nove passageiros. Após uma viagem de 56 dias, Kidder, à altura com apenas 22 anos, chegou ao Rio no dia 8 de janeiro de 1838, acompanhado de sua mulher, Cynthia H. Russel, sua irmã, Marcella Russel, e outros missionários. Seu objetivo principal era difundir os princípios protestantes através da divulgação do trabalho da Sociedade Bíblica Americana, a qual, no século XIX, praticava a venda e a distribuição de Bíblias (Novo Testamento) nas línguas vernáculas. Empreendeu então uma série de viagens pelas províncias brasileiras, sempre com o intuito de pregar e distribuir as Escrituras. No entanto, em 1840 sua esposa faleceu e ele resolveu retornar aos Estados Unidos.

Apesar da vida de missionário extremamente ativa que sempre levou, encontrou tempo para escrever diversas obras. Entre as publicadas por Kidder,³⁷ há três que dizem respeito ao Brasil: a primeira é a tradução para o inglês da brochura sobre a abolição do celibato clerical escrita pelo Padre e deputado Diogo Antônio Feijó (1784-1843), de

³⁵ Strobridge, Rev. G. E. *Biography of the Rev. Daniel Parish Kidder, D.D., LL.D., by his son-in-law Rev. G.E. Strobridge, D.D.* New York: Printed by Hunt and Eaton, 1894.

³⁶<https://ia801408.us.archive.org/17/items/biographyrevdan00strogoog/biographyrevdan00strogoog.pdf>. Acesso em 19/12/2017.

³⁷Sobre a obra completa de Kidder, ver:

[http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupname?key=Kidder%2C%20Daniel%20P.%20\(Daniel%20Parish\)%2C%201815-1891](http://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/book/lookupname?key=Kidder%2C%20Daniel%20P.%20(Daniel%20Parish)%2C%201815-1891). Acesso em 19/12/2017.

quem se dizia admirador;³⁸ a segunda é um relato de suas viagens pelo Brasil; e a terceira surgiu em colaboração com J.C. Fletcher. Detalhes sobre a segunda e terceira obras encontram-se mais adiante.

James Cooley Fletcher, também missionário metodista norte-americano, nasceu em Indianápolis, Indiana, em 1823, e faleceu em Los Angeles, Califórnia, em 23 de abril de 1901, com 78 anos. Apesar de ter feito diversas viagens ao Brasil, é difícil precisar todos os períodos em que ocorreram. Calculando-se que sua primeira estada tenha sido entre 1851-1853, chegou ao Brasil com aproximadamente 28 anos. Regressou em 1855, e por mais três ocasiões nos dez anos subsequentes. De acordo com os dados biobibliográficos assinados por Mendonça (1941)³⁹ em *O Brasil e os Brasileiros*, Fletcher dedicou-se também ao estudo das Ciências Naturais, tendo, na sua viagem pelo Amazonas, colhido material que enviou ao Prof. Jean Louis Agassiz para que os utilizasse em seus estudos ictiológicos e em posteriores observações quando este se deslocasse ao Brasil. Fletcher, em companhia de sua esposa, formou um influente círculo de relações no seio da colônia inglesa e norte-americana, assim como entre os brasileiros de renome, a começar pelo próprio Imperador, D. Pedro II do Brasil, que reinou de 1831 a 1889. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e, posteriormente, serviu como cônsul norte-americano na cidade do Porto, em Portugal. Pela alta missão religiosa e social que empreenderam, Kidder e Fletcher são considerados os precursores do Protestantismo no Brasil, no século XIX. Em termos de publicação, Kidder foi, dos dois, o primeiro a publicar uma obra sobre o Brasil, *Sketches*, em 1845. Passemos à descrição da obra escrita por Kidder e Fletcher.

A primeira obra sobre o Brasil escrita por Fletcher, e a segunda escrita por Kidder, intitula-se ***Brazil and the Brazilians - portrayed in historical and descriptive sketches*** (illustrated by one hundred and fifty engravings); publicada em dois volumes, em 1857, “teve uma dezena de edições sucessivas e tornou-se, para os americanos, livro clássico sobre o Brasil” (Moraes, 2001: 16). ***Brazil and the Brazilians*** continua a ter relevância

³⁸ Feijó, Diogo Antônio. *Demonstração da necessidade de abolição do celibato clerical pela Assembléia Geral do Brasil e da sua verdadeira e legítima competência nesta matéria*. Rio de Janeiro: Typographia King, 1887.

³⁹ Mendonça, Edgar Sússekind de. [revisão e notas] *O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo*. v. 2. Tradução: Elias Dolianiti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Coleção Brasileira, v. 205/T2)

ainda nos dias atuais. Em consulta ao WorldCat Identities, na seção *Most widely held works by Daniel P Kidder*, encontramos os seguintes números com relação às edições da obra: “65 editions published between 1857 and 2015 in English and held by 876 WorldCat member libraries worldwide”.

Com o título em português ***O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo***, 1941, foi traduzida por Elias Dolianiti, revisada e anotada por Edgar Süssekind de Mendonça, e faz parte da Coleção «Brasíliana». Oferece ao leitor quinze capítulos dedicados à vida social e política do Rio de Janeiro Império, no primeiro volume, e mais doze capítulos sobre as demais regiões do Brasil, no segundo volume, dos quais apenas dois capítulos (Cap. XXVI, “Pará” e Cap. XXVII, “Amazonas”) são dedicados ao norte do Brasil. Na versão digitalizada da Brasíliana UFRJ, a obra é apresentada da seguinte forma:

O missionário metodista Daniel P. Kidder, que visitou o Brasil na época da Regência, publicou suas observações sobre o país em 1845 na Filadélfia. Esse texto, consideravelmente ampliado por outro religioso, o presbiteriano James C. Fletcher, que viveu entre nós de 1851 a 1865, constitui o original do presente volume. Além de apresentar um resumo da história do Brasil, a obra descreve o Rio de Janeiro e as regiões serranas vizinhas, relatando o modo de vida e os costumes de seus habitantes, tendo sido durante muitos anos o livro mais divulgado sobre o nosso país nos Estados Unidos.⁴⁰

Fletcher declara, no prefácio do autor, que ele e Kidder consultaram todas as obras importantes em francês, alemão, inglês e português, que lhes pudessem trazer esclarecimentos sobre a história do Brasil. Moraes (2001: 17) considera que “O trabalho de Fletcher, consistia, principalmente, em adicionar pequenas descrições de lugares por onde Kidder não andou e também (temos a impressão) de dar uma redação mais espirituosa a certos trechos, embora prejudicando a verdade.” A tradução brasileira de *O Brasil e os Brasileiros* teve “15 editions published in 1941 in Portuguese and Spanish and is held by 78 WorldCat member libraries worldwide”.⁴¹

Quanto à primeira obra escrita por **Kidder**, a qual foi utilizada no cotejo com *Brazil and the Brazilians*, intitula-se ***Sketches of Residence and Travels in Brazil, embracing historical and geographical notices of the empire and its several provinces*** e foi publicada em dois volumes em 1845. Na busca pelo autor no *WorldCat Identities*,

⁴⁰ Brasíliana Eletrônica UFRJ | Obras (brasilianadigital.com.br) Acesso em 20/03/2021.

⁴¹ Fonte: <http://www.worldcat.org/identities/lccn-n82031799/> . Acesso em 02/02/2019.

encontramos a seguinte informação: “18 editions published between 1845 and 2014 in English and Undetermined and held by 429 WorldCat member libraries worldwide”.⁴²

A obra em tradução para português brasileiro foi publicada em 1940/43 pela Livraria Martins, também em 2 volumes ilustrados, com o título: **Reminiscências de viagens e permanências no Brasil, compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias**. A tradução deve-se a Moacir N. Vasconcelos.⁴³ Posteriormente foi reeditada em 1972 pela Livraria Martins Editora, em conjunto com a Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), e, muito significativamente para o âmbito de nosso estudo, nela se faz referência ao tradutor, ao capista e ao supervisor gráfico no verso da folha de rosto, havendo também acréscimos nas capas, com as seguintes informações, em fonte menor e entre parênteses: “Províncias do Sul”, para o vol. 1, e “Províncias do Norte”, para o vol.2.:



Figura 6

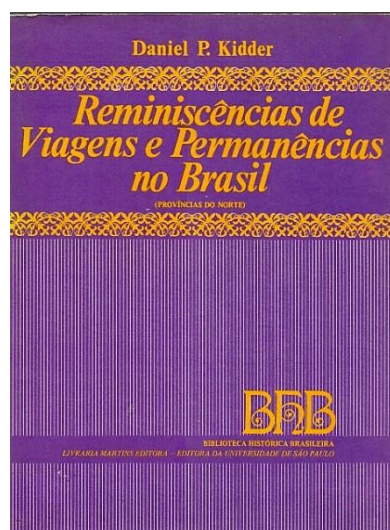


Figura 7

Com relação ao título da obra, note-se que em ambas as capas aparece a palavra “permanências”, enquanto que nas folhas de rosto, apresentadas a seguir, o termo está grafado no singular, “permanência”:

⁴² Fonte: <http://www.worldcat.org/identities/lccn-n82031799/> . Acesso em 02/02/2019.

⁴³ O nome deste tradutor aparece abreviado em algumas edições.

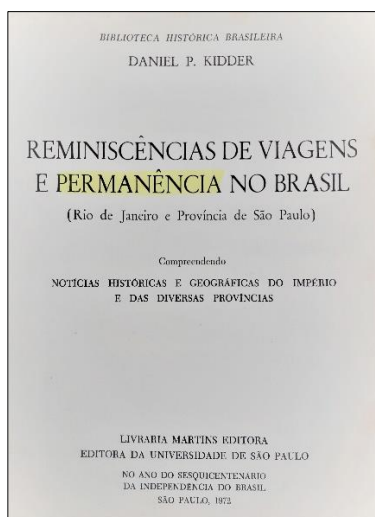


Figura 8

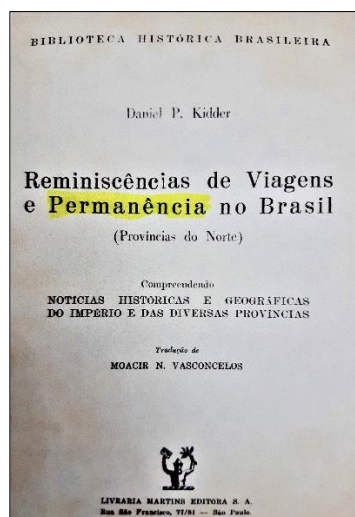


Figura 9

Além disso, há a especificação das províncias do volume 1: “Rio de Janeiro e São Paulo”. O volume 2 mantém apenas “Províncias do Norte”. Na reedição da obra pelo Senado Federal, em 2008, o termo aparece no plural “permanências”, tanto na capa quanto na folha de rosto e nos dados catalográficos. Optamos por utilizar sempre o termo no plural, pois é como se apresenta na maioria das vezes, inclusive nas edições que apresentaremos mais adiante, assim como no WorldCat.

Em 1980, surgiu uma nova publicação, desta vez em resultado de uma parceria entre as editoras Itatiaia e Edusp, também em dois volumes, como parte da Coleção «Reconquista do Brasil». O primeiro volume apresenta um título com diferenças em relação às edições de 1940/43 e 1972: ***Reminiscências de viagens e permanências nas Províncias do Sul do Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias.*** O segundo volume refere-se à viagem de Kidder pelo norte e nordeste do Brasil e é o utilizado majoritariamente em nosso trabalho. Intitula-se ***Reminiscências de viagens e permanências nas Províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias.*** Por se tratar de reedições, a autoria da tradução é a mesma: Moacir N. Vasconcelos. Vejamos as capas dos volumes desta edição, que ratificam o termo “permanências”:

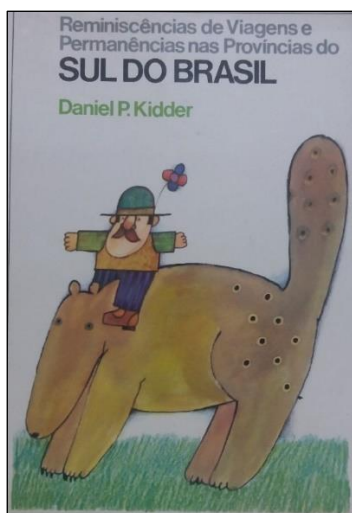


Figura 10

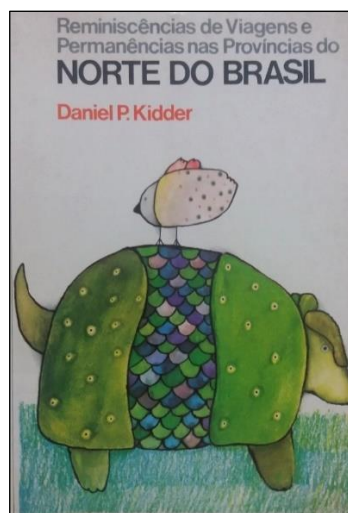


Figura 11

Vinte e um anos depois, em 2001, o Senado Federal do Brasil publicou o primeiro volume desta obra de Kidder, com o título ***Reminiscências de viagens e permanências no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo, compreendendo notícias históricas e geográficas do império e de diversas províncias***, integrando a Coleção «O Brasil Visto por Estrangeiros», da Série Viajantes. Sete anos mais tarde, veio a público o segundo volume: ***Reminiscências de viagens e permanências no Brasil: Províncias do Norte*** (2008). Um fato deve ser ressaltado em relação a esta edição: em nenhum dos volumes aparece qualquer referência ao nome do tradutor. Ao compararmos esta publicação com as demais que a antecederam, percebemos que é uma cópia fiel das edições anteriores. No entanto, há a supressão da nota introdutória de Mário Guimarães Ferri e da nota do editor, José de Barros Martins, ambas presentes na reedição de 1972. Mantêm-se a apresentação de Rubens Borba de Moraes das edições de 1940/43 e 1972 e o prefácio traduzido do autor, Daniel P. Kidder, por Moacir N. Vasconcelos.

Como é possível observar, apesar de haver uma única tradução da obra *Reminiscências*, as quatro editoras — Livraria Martins, Livraria Martins Editora em parceria com a Editora Itatiaia e Edusp, Editora do Senado Federal — apresentaram pequenas alterações nos títulos em português. A edição do Senado, de 2001, teve um valor inestimável em nossa pesquisa, por possibilitar os recortes dos trechos a serem usados no cotejo, pelo fato da obra estar disponível na Biblioteca Digital do Senado Federal.

Rubens Borba de Moraes (2001), ao fazer a apresentação de Kidder e de suas obras no primeiro volume de *Reminiscências*, afirma que das três obras escritas pelo autor sobre o Brasil⁴⁴ a mais valiosa é, sem dúvida, ***Reminiscências de viagens e permanência no Brasil***, por apresentar uma relação honesta, sincera e exata de tudo quanto Kidder viu e observou durante os anos em que ali viveu, razão pela qual sua obra é conhecida e apreciada por eruditos. Acrescenta ainda que:

Kidder não era grande escritor, como não era bom pregador. Tinha porém uma qualidade rara em viajantes: a fidelidade. O estudo que fez das nossas instituições, os retratos que nos deixou dos nossos grandes homens, a relação das entrevistas que teve com muitos deles têm cunho de verdade impressionante. Não é somente a nossa sociedade que retrata, mas o conjunto das instituições, a vida brasileira toda ela, nas vésperas da maioridade. (16-17)

Como o foco do nosso trabalho é dirigido aos relatos sobre a Amazônia (paraense), analisamos mais profundamente o Volume II, que inclui as “Províncias do Norte”. Este subtítulo na capa da obra nos leva a crer que o volume todo versa sobre o que se chamava no Brasil Império as “Províncias do Norte”; no entanto, quando se apreciam os 22 capítulos do volume, constata-se que apenas 5 são sobre o Norte do Brasil. A obra está assim dividida: Capítulos I ao XIV — “Províncias do Nordeste” e Capítulos XV ao XIX — “Províncias do Norte”. Dos Capítulos XX ao XXII há informações gerais sobre aspectos políticos, econômicos, religiosos, etc., do país. Em uma análise mais aprofundada, é possível perceber que o tradutor não interfere no texto, fazendo uma diferenciação entre Norte e Nordeste do Brasil; no entanto, por serem as regiões Norte e Nordeste possuidoras de aspectos geográficos, históricos, climáticos e especialmente culturais bastante diferentes, o tradutor poderia ter optado por chamar a atenção para a necessidade de estabelecer uma distinção entre essas duas partes do país. Antes de introduzir o próximo autor, transcrevemos o que disse Moraes sobre *Reminiscências e O Brasil e os Brasileiros*, apontando os méritos de cada uma delas:

[...] Entretanto as duas obras muito se assemelham. Se a primeira é mais séria e muito mais valiosa do ponto de vista histórico, a segunda é mais anedótica e escrita com a intenção evidente de divertir o leitor. É também mais generosamente ilustrada, tanto que aproveitamos para esta edição das *Reminiscências*⁴⁵ as gravuras mais interessantes de *O Brasil e os Brasileiros*. (Moraes, 2001: 17)

⁴⁴ A primeira, uma tradução da brochura de Diogo Feijó sobre o celibato clerical, a segunda *Reminiscências* e a terceira *O Brasil e os Brasileiros*.

⁴⁵ Edição de 1972.

I.2.2. Henry Walter Bates — *O Naturalista no Rio Amazonas / Um Naturalista no Rio Amazonas*

Do naturalista e entomologista britânico Henry Walter Bates apresentamos uma das mais fascinantes obras sobre a Amazônia Brasileira, intitulada ***The Naturalist on The River Amazons, a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the equator, during eleven years of travel.*** Em dois volumes, cuja primeira edição data de 1863, esta publicação foi encorajada por Charles Darwin, após perceber que as observações de Bates serviriam de base para a formulação de sua teoria da evolução. No *WorldCat Identities* consta o seguinte: “5 editions published between 1864 and 2013 in English and held by 6 WorldCat member libraries worldwide.”⁴⁶ As edições brasileiras não têm muitas reedições, como veremos mais adiante. Começamos por reproduzir uma imagem da primeira ficha biográfica de Bates tal como surge na página da Brasileira Eletrônica – UFRJ⁴⁷:



Figura 12

Henry Walter Bates nasceu em Leicester, Leicestershire, Inglaterra, no dia 18 de fevereiro de 1825, e faleceu em 16 de fevereiro de 1892, em Londres, dois dias antes de completar 67 anos. Interessou-se pela natureza desde muito jovem, pois costumava

⁴⁶ Fonte: <http://www.worldcat.org/identities/viaf-214405464/>. Acesso em 02/02/2019.

⁴⁷ <http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/135/o-naturalista-no-rio-amazonas-t1>. Acesso em 20/03/2021.

percorrer os campos em redor de sua casa a fim de harborizar e colecionar insetos. Em 1844, Alfred Russel Wallace, um jovem professor de escola primária de vinte e um anos de idade, chegou a Leicester. Uma grande parceria entre Bates e Wallace surgiu e sonhos e projetos foram construídos. Os dois amigos partilhavam o desejo ardente de visitar uma região tropical, para observarem e testemunharem com os próprios olhos as maravilhas e a vida luxuriante que acreditavam ali existir e que apenas conheciam através das narrativas dos viajantes que os antecederam em aventuras pela Amazônia, nomeadamente os naturalistas bávaros Carl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868) e Johann Baptist Von Spix (1781-1826). Estes chegaram ao Brasil em 1817, como cientistas integrantes da comitiva da arquiduquesa austríaca Leopoldina (1797-1826), e ali ficaram até 1820. Após voltarem para a Alemanha, publicaram *Reise in Brasilien*, em três volumes (1823, 1828 e 1831), fruto das pesquisas realizadas durante expedições pelas províncias mais importantes do Brasil. Trata-se de uma obra considerada de enorme valor científico, que não se restringe a assuntos botânicos, zoológicos e mineralógicos, mas que se estende à etnografia, ao folclore brasileiro e a estudos das línguas indígenas, entre outros. No Brasil, a obra *Viagem pelo Brasil (1817-1820)* teve sua primeira tradução promovida pelo IHGB e publicada pela Imprensa Nacional, em 1938. Em 1961, a Ed. Melhoramentos publica nova edição da mesma tradução e em 1976, publica a terceira edição.⁴⁸ Em parceria com a editora Itatiaia a Edusp reedita a edição da Ed. Melhoramento, em 1981.⁴⁹ Na Brasileira Eletrônica encontra-se disponível apenas a obra *Através da Bahia – excertos da obra Reise in Brasilien*, 1938, “trasladados a português pelos Drs. Pirajá da Silva e Paulo Wolf”.⁵⁰

Bates, partindo de Liverpool, desembarcou em Belém do Pará em 1848, quando ainda era um jovem de 23 anos. Viveu na Amazônia por onze anos, de 28 de maio de 1848 a 2 de junho de 1859, tendo residido em Belém, Cametá, Óbidos, Santarém, Ega⁵¹

⁴⁸ Spix, Johann Baptist von e Carl Friedrich Philipp von Martius. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. 3 volumes. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer, revista por B.F. Ramiz Galvão e Basílio de Magalhães, que a anotou. 3ª edição revista por Ernst Winkler. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976 [1938].

⁴⁹ Spix, Johann Baptist von e Carl Friedrich Philipp von Martius. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. 3 volumes. Prefácio: Mário Guimarães Ferri; Tradução: Lúcia Furquim Lahmeyer; Revisão: B. R. Ramiz Galvão, Basílio de Magalhães e Ernst Winkler; Anotações: Basílio de Magalhães. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

⁵⁰<http://brasilianadigital.com.br/obras/atruves-da-bahia-excertos-da-obra-reise-in-brasilien/pagina/6>
Acesso em 20/03/2021.

⁵¹A Vila de Ega (1709), atualmente Tefé, é um município brasileiro do interior do estado do Amazonas, região Norte do país.

e São Paulo de Olivença.⁵² Além da fauna e da flora, a obra de Bates “traduz a observação de um curioso por todos os nossos problemas, sempre olhados com simpatia” (Mello-Leitão, 1944: 8).⁵³

A primeira tradução de sua obra, intitulada, como no original: Q⁵⁴ **Naturalista no Rio Amazonas**, foi publicada em 1944 e contou com tradução, prefácio e notas do Prof. Dr. Cândido de Mello-Leitão. Constam dela os prefácios do tradutor e do autor à 1ª edição, o comentário de Charles Darwin e ainda o prefácio do autor à 2ª edição. O Tomo 2 compõe-se de seis capítulos, dos quais apenas os dois primeiros (Capítulos 8 e 9) são referentes ao Pará. Nos dois excertos seguintes mostramos as formas de apresentação da obra, a primeira conforme descrita na página da Brasiliana – UFRJ e a segunda através da voz do próprio tradutor da primeira edição brasileira:

Publicada originalmente em Londres em 1863, esta obra, uma das mais conhecidas sobre a Amazônia, tem como subtítulo: Um registro de aventura, hábitos de animais, esboços da vida brasileira e indígena e aspectos da natureza abaixo do Equador, durante 11 anos de viagem... O entomologista Henry Bates chegou ao Brasil em 1848 e percorreu toda a bacia amazônica, coletando mais de 14 mil insetos. A publicação do livro foi encorajada pelo próprio Charles Darwin, pois as observações de Bates serviram de base para a formulação da teoria da evolução.⁵⁵

Do prefácio do tradutor, destacamos o seguinte trecho, no qual Mello-Leitão já apresenta uma das características principais de sua participação como tradutor, prefaciador e anotador que é a sua visibilidade, aqui especialmente marcada pelo uso de adjetivos qualitativos de opinião, sublinhados abaixo:

Este livro é dos que devem ser lidos e meditados por todos os brasileiros. Não há em toda a bibliografia estrangeira a respeito do Brasil nada mais interessante, nada mais simpático, nada mais compreensivo de nossa gente e nossas coisas. E foi escrito por quem passara em afastados lugarejos quase dez anos de sua mocidade, olhando-nos sem azedume, comparando nossos defeitos com os de sua terra para desculpar-nos, alegrando-se com o nosso progresso, guardando sempre no coração a saudade dessa região de eterno verão. (Mello-Leitão, 1944: 5)

⁵²Município brasileiro do interior do estado do Amazonas, região norte do país, localizado a sudoeste da capital do estado, Manaus.

⁵³ Mello-Leitão, Cândido de. [Prefácio]. *O naturalista no Rio Amazonas*, de Henry Walter Bates. Tradução: Cândido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944: 5-10.

⁵⁴ Sublinhado nosso.

⁵⁵Fonte: Brasiliana Eletrônica UFRJ | Obras (brasilianadigital.com.br) . Acesso em 20/03/2021.

Anos mais tarde, em 1979, surge outra tradução brasileira, publicada pela Editora Itatiaia em parceria com a Universidade de São Paulo. Esta, em volume único, por sua vez intitulada **Um Naturalista no Rio Amazonas**,⁵⁶ conta com um comentário (orelhas do livro) por João Etienne Filho, intitulado “Um Inglês Apaixonado pela Amazônia”, tem tradução de Regina Régis Junqueira, revisão e apresentação de Mário Guimarães Ferri e faz parte da Coleção «Reconquista do Brasil». De acordo com Ferri, baseia-se na edição Dover de 1975, que foi uma republicação não resumida da 4ª edição, de 1876. Rodrigues (2011), porém, refere que, provavelmente, baseia-se na publicada em 1864, adaptada ao leitor inglês pelo próprio Bates. Encontramos a sinopse desta segunda tradução em uma página virtual da Livraria Cultura, que ainda vende alguns exemplares desta edição:

Bates esteve no Brasil por um período de onze anos. Ele teve oportunidade de mandar para o Museu Britânico mais de oito mil espécies da flora e da fauna amazônica. Neste livro, ao lado do seu trabalho de naturalista e da colheita de material, há observações sobre costumes de habitantes da região, casos pitorescos e curiosos de pessoas com quem conviveu ou de quem foi eventual hóspede; descrição de festas religiosas, como a da Virgem de Nazaré, velhíssima tradição de Belém, ou o Natal entre os negros; o ataque que sofreu de febre amarela e do qual se curou sozinho, entre outras.⁵⁷

Diferentemente da tradução de Mello-Leitão, esta não apresenta notas do tradutor, mas, como nos demais livros da “Reconquista”, tem uma belíssima capa ilustrada por Cláudio Martins: “O projeto da Coleção Reconquista do Brasil demonstra maior preocupação estética e direciona-se para evidenciar o cunho histórico e documental da obra.” (Rodrigues: 286). O trecho abaixo contém a opinião de Ferri sobre a obra de Bates:

Trata-se de livro de leitura agradável e rico em informações sobre a região amazônica. Não só seus diversos tipos de vegetação e sua flora estão bem descritos, como nele se encontram preciosas informações zoológicas, etnológicas e históricas, entre outras. (Ferri, 1979: 10)

⁵⁶ Sublinhado nosso.

⁵⁷ Fonte: <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/ciencias-biologicas/ecologia-e-meio-ambiente/um-naturalista-no-rio-amazonas-162014> . Acesso em 02/02/2019.

Já esta outra citação reflete a opinião de um consumidor / leitor da Livraria Cultura dos dias atuais sobre esta edição da «Reconquista», a provar que a obra de Bates continua a atrair atenções e a ser lida:

A obra de Henri Bates é fonte essencial para entendermos as transformações pelas quais passou a cidade de Belém e outros lugares na Amazônia da segunda metade do século XIX. Isso porque o naturalista, além de falar sobre a natureza e os animais, não deixa de ser um arguto observador dos costumes, das festas, do cotidiano dos diversos grupos sociais que formavam e ainda formam essa parte importante - e nem sempre valorizada - do Brasil que é a Amazônia.⁵⁸

Como é possível perceber, ambos os anotadores de Bates opinaram sobre a obra. Ferri fez uma descrição sucinta focada na vertente científica, enquanto Mello-Leitão foi sensível ao lado humano do naturalista e procurou despertar nos leitores um desejo de conhecer a natureza, as gentes e as coisas de um local que ainda hoje é desconhecido até de muitos brasileiros e desvalorizado (apesar de importante), nas palavras do leitor acima citado.

I.2.3. Alfred Russel Wallace — *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro / Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*

O naturalista inglês **Alfred Russel Wallace** nasceu em Kesington Cottage, Usk, País de Gales, em 8 de janeiro de 1823, e faleceu em Broadstone, Dorset, Inglaterra, em 7 de novembro de 1913, aos 90 anos. Em 1840 começou a interessar-se por botânica e também foi atraído pela grandeza da floresta amazônica. Muito jovem, apenas com 25 anos, empreendeu uma viagem à Amazônia juntamente com Bates, tendo chegado a Belém (em seu livro, chamada de cidade do Pará) em 28 de maio de 1848. Juntos, Bates e Wallace exploraram os arredores da cidade por aproximadamente dois anos e, em 26 de março de 1850, separaram-se. Bates seguiu pelo Rio Solimões e Wallace pelas regiões do Alto Rio Negro. Esta separação fez com que cada cientista escrevesse seu relato de viagem. A grande contribuição de Wallace para a escrita de viagem sobre a Amazônia foi a obra ***A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the native tribes, and observations of the climate, geology and natural history of the Amazon***, publicada em 1853. Entre as obras referidas na biografia de Wallace no

⁵⁸ Fonte: <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/ciencias-biologicas/ecologia-e-meio-ambiente/um-naturalista-no-rio-amazonas-162014> . Acesso em 02/02/2019.

WorldCat Identities não encontramos esta obra listada; no entanto, ao inserirmos o nome da obra na WorldCat.org,⁵⁹ encontramos quatorze referências de sete edições, em inglês, espanhol e português, com datas variando entre 1870 e 2016. Não há explicitação das editoras de todas as edições.

Quanto à narrativa, Wallace conseguiu escrever um relato utilizando o material remanescente, bem como as observações que retinha na memória, fruto de sua vivência/permanência de quatro anos (1848-1852) em terras brasileiras, apesar de ter perdido parte do material coletado durante sua estada na Amazônia devido a um incêndio ocorrido no navio que o levava de volta a Londres, em 6 de agosto de 1852. No segundo volume da obra *O Brasil e os Brasileiros*, Wallace é referido pelos autores como “o mais completo explorador do Vale do Amazonas” (Kidder & Fletcher, 1941: 284).

A primeira tradução da obra de Wallace para português brasileiro intitula-se ***Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*** e data de 1939, com tradução de Orlando Torres e prefácio, notas e revisão de Basílio de Magalhães. Os dados sobre essa edição e seu autor estão apresentados na Brasiliana – UFRJ da seguinte forma:



Figura 13

No prefácio do anotador, intitulado “Algumas notas sobre a sua vida, bibliografia e contribuição para a teoria do transformismo”, Basílio de Magalhães, após fazer uma

⁵⁹ Fonte: www.worldcat.org/title/narrative-of-travels-on-the-amazon-and-rio-negro/oclc/950696051/editions?start_edition=11&sd=desc&referer=di&se=yr&editionsView=true&fq=. Acesso em 03.02.2019.

longa explanação sobre a vida e o trabalho científico de Wallace, inclui a bibliografia do autor, faz referência a outros cientistas, exalta sua própria participação nesta obra e termina o prefácio fazendo uma singela menção ao tradutor: “Aplaudindo, muito de coração, ao meu prezado amigo Dr. Orlando Torres e sua meritória iniciativa de tornar acessível aos que não manejam o inglês a obra de Wallace sobre o Brasil”. No entanto, não fala especificamente da obra que prefaciou e anotou.

A segunda tradução, datada de 1979, intitula-se ***Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*** e tem como tradutor Eugênio Amado, contando ainda com apresentação de Mário Guimarães Ferri. Trata-se de uma reedição da Biblioteca Histórica Brasileira, lançada a partir de 1940 pela Livraria Martins Editora. Arreguy Filho, que nas orelhas assina um texto intitulado “A Esfinge Amazônica”, discorre sobre algumas publicações da «Reconquista do Brasil», coleção em que esta tradução se insere, e elogia a variedade de temas presente nas reedições das “preciosidades bibliográficas” que a integram, frutos do grande empreendimento da parceria das editoras Itatiaia e Edusp. Diz também que, ao ser solicitado para escrever algumas palavras para as orelhas, se interessou por um aspecto “curiosíssimo”, o fascínio que os temas amazônicos têm exercido ao longo dos tempos:

[...] a Amazônia, suas florestas, seus rios, sua fauna, tem intrigado, ou tem deixado estupefatos, ou apaixonados, os cronistas, os sábios, os meros viajantes, que desde o Século XVI a viram, a amaram, sentiram seu mistério, previram seu futuro ou temeram pelo seu destino. (Wallace/Arreguy Filho, 1979: orelhas)

Quanto à obra propriamente dita, Arreguy Filho reconhece, no quarto parágrafo, que não chegou a fazer uma apreciação da obra, a qual considera “única e preciosa”:

Mas falamos demais (e não falamos tudo) e nada dissemos sobre o livro propriamente dito, que é simplesmente encantador e prende como um romance de aventuras. Aliás, aventuras é que não faltam. Elas e a soma de revelações que Wallace fez sobre a Amazônia tornaram a narrativa única e preciosa. (*ibidem*)

Além das edições da «Brasíliana» e da «Reconquista do Brasil», atrás mencionadas, há uma mais recente, de 2004, com o título ***Viagens pelo Amazonas e Rio Negro***. Foi publicada pela editora do Senado Federal e integra a Coleção «O Brasil Visto por Estrangeiros». Na verdade, estamos em presença de uma reedição da primeira tradução, da iniciativa da Companhia Editora Nacional. Passamos, por último, à

apresentação do casal Agassiz e sua obra, completando-se assim a introdução aos cinco autores contemplados em nosso *corpus* de análise.

I.2.4. Jean Louis Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz — *Viagem ao Brasil: 1865-1866*

A obra do **casal Agassiz**, *A Journey in Brazil* (1868 [67]), foi fruto da expedição científica norte-americana Thayer, liderada pelo zoólogo e geólogo suíço-americano **Louis Agassiz**. O livro, em volume único de 503 páginas, foi escrito originalmente em inglês e publicado em 1867 com o título ***A Journey in Brazil***. O WorldCat Identity refere a obra *A journey in Brazil* como um dos “Most widely held works by Elizabeth Cabot Cary Agassiz and Louis Agassiz, with 116 editions published between 1867 and 2007 in 4 languages and held by 1,656 WorldCat member libraries worldwide.”⁶⁰

Jean Louis Rodolphe Agassiz nasceu em 28 de maio de 1807, na Vila de Môtier, na parte francesa da Suíça, e faleceu em 14 de dezembro de 1873, aos 66 anos, em Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos. O médico, filósofo, zoólogo e geólogo estudou nas universidades de Zurique e Munique, entre outras, e em 1846 mudou-se para os Estados Unidos da América onde mais tarde se tornou professor de zoologia e geologia na Universidade de Harvard. Louis Agassiz foi casado duas vezes; com a primeira esposa teve um único filho, Alexander Agassiz, nascido em 1835. Em 1850, então viúvo, casou-se com Elizabeth Cabot Cary. A viagem ao Brasil foi motivada pela vontade de estudar a fauna e a flora do país, mas foi através de um encontro casual com o empresário e banqueiro Nathaniel Thayer (1808-1883) que seu projeto de ir ao Brasil passou de uma viagem empreendida também no intuito de recuperar sua saúde, então abalada, a uma expedição científica totalmente financiada por Thayer para todos os integrantes da comitiva a ser formada por Agassiz, como dito pelo próprio Agassiz: “O senhor não há de deixar de dar um cunho científico a essa excursão. Leve consigo seis auxiliares, gente moça, que eu me encarregarei das despesas com eles e com toda a expedição.” (Agassiz/Mendonça, 2000: 14 – Prefácio do autor).

Note-se que ***A Journey in Brazil*** teve como principal autora e relatora **Elizabeth Cabot Cary Agassiz**, naturalista e educadora norte-americana que nasceu em 5 de

⁶⁰ <http://www.worldcat.org/identities/lccn-n50040630/>. Acesso em 03/02/2019.

dezembro de 1822 em Boston e faleceu em 27 de junho de 1907, aos 85 anos. A Sra. Agassiz, que assina os 15 primeiros capítulos da obra, registrou dia a dia os acontecimentos e aventuras que ela, seu marido e os restantes integrantes da expedição viveram, o que conferiu um tom menos científico às descrições dos locais e à narrativa dos fatos. Também utilizou os elementos fornecidos pelo grande naturalista Louis Agassiz para a elaboração de seu relato; transcreveu cartas e trechos de conferências do marido e explicou de forma geral as ideias de Louis Agassiz. Este, por sua vez, ampliou o texto de sua esposa com explicações científicas mais aprofundadas de suas pesquisas e teorias.

Pouco tempo depois da publicação de *A Journey in Brazil*, a obra foi traduzida para o francês por Félix Vogeli (1832-1910). Intitulada ***Voyage au Brésil***, foi publicada em Paris, em 1869, e serviu de texto-fonte para as duas traduções brasileiras.

A viagem pelo Brasil ocorreu no período de 1865-1866 e, assim como Kidder e Fletcher, o casal Agassiz e demais integrantes da expedição desembarcaram no Rio de Janeiro e somente depois viajaram para o norte do país. Na altura, Louis Agassiz tinha 58 anos e Elizabeth Agassiz 43.

No Brasil, este relato foi publicado pela primeira vez em 1938, com o título ***Viagem ao Brasil (1865-1866)***, contando com tradução e notas de Edgar Sússekind de Mendonça. Surgiu como parte da Coleção «Brasiliana». No portal da Brasiliana – UFRJ, a obra e seus autores estão apresentados sob as formas textual e iconográfica:

O naturalista suíço radicado nos Estados Unidos e sua esposa empreenderam uma das mais extensas viagens de estrangeiros pelo Brasil no século XIX, colhendo observações de extrema relevância que reproduzem nesta obra. O casal percorreu o interior do país, desde o Rio de Janeiro até a Amazônia, imprimindo com seu relato uma marca duradoura na história científica brasileira.⁶¹

⁶¹Fonte: <http://brasiliadigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/4/viagem-ao-brasil-1865-1866>. Acesso em 21/03/2021.

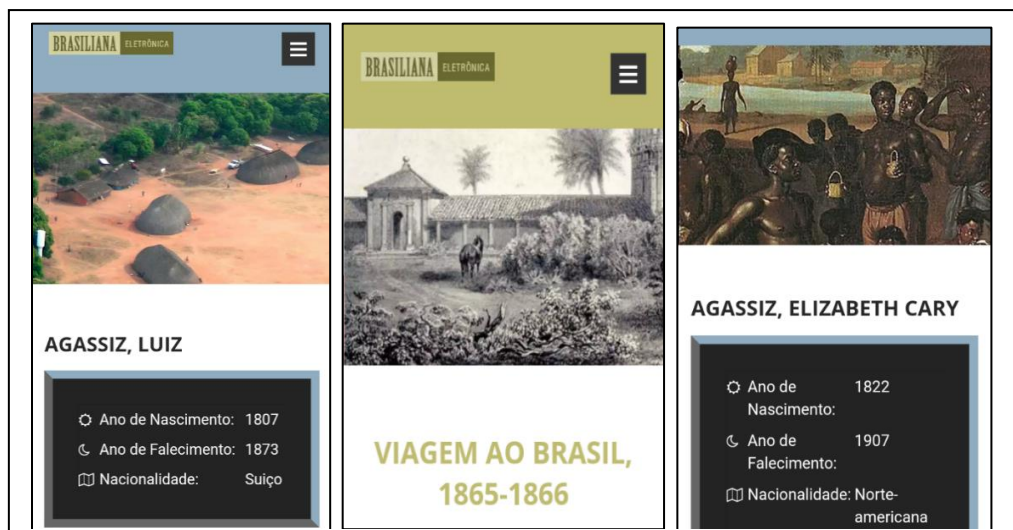


Figura 14

Trinta e sete anos após a publicação da primeira tradução brasileira, em 1975 surge a segunda tradução, intitulada ***Viagem ao Brasil: 1865-1866***. A tradução é de João Etienne Filho e integra a Coleção «Reconquista do Brasil». Na apresentação da obra, Mário Guimarães Ferri fornece informação sobre os autores e narra alguns fatos de sua estada no Brasil. Descreve também sumariamente o livro e traça uma pequena biografia do tradutor, a quem tece elogios. Termina a apresentação felicitando as editoras pela publicação e dizendo que o público é o grande beneficiado com iniciativas como aquela. A sinopse sobre a edição da «Reconquista», que pode ser encontrada no *site* da Livraria Cultura, proporciona-nos uma ideia geral da obra:

Luiz Agassiz chefiou a expedição científica norte-americana que visitou nosso País no período 1865-1866. Dessa expedição, composta de umas 15 pessoas, também participou Elizabeth Cary Agassiz, que registrou, dia a dia, o ocorrido com todos. Os elementos para a confecção de seu registro eram fornecidos, diariamente, pelo grande naturalista. No Brasil, ele contou com o entusiasmo do nosso Imperador Pedro II, devotado a todas as manifestações da cultura, e pode visitar várias províncias, sempre interessado pela nossa Natureza, deixando, ao lado das pesquisas e da coleta de rico material, notas de agudo observador de nossa sociedade em suas expressões mais características. Neste diário a duas mãos, cheio de informações pitorescas, precisas na sua objetividade, encontraremos a essência do Império do Brasil no seu apogeu, ao lado de revelações curiosas acerca de nossa natureza física e sua numerosa riqueza.⁶²

Em 2000, o Senado Federal Brasileiro reeditou a primeira tradução, de 1938, em sua Coleção «O Brasil Visto por Estrangeiros».

⁶²<https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/historia/historia-do-brasil/viagem-ao-brasil-1865-1866-297071> . Acesso em 03/02/2019.

I.3. As narrativas anglófonas em tradução brasileira — Projetos Editoriais e Coleções

No início da década de 1930, a Companhia Editora Nacional tornara-se a maior editora de livros de S.Paulo, sobrevivendo às vicissitudes da Revolução de 1930 e da Revolução Constitucionalista de 1932 (Hallewell, 2017 [1985]: 412). O período de lançamento de coleções sobre o Brasil que se deu entre os anos de 1930-1950 coincide com a chamada *Era Vargas*.⁶³ Durante esse período, merece destaque o surgimento de três grandes coleções: a Coleção «**Brasiliana**», criada em 1931 pela referida Companhia Editora Nacional (série “Biblioteca Pedagógica Brasileira”); a «**Documentos Brasileiros**», lançada em 1936 pela Editora José Olympio; e a «**Biblioteca Histórica Brasileira**», lançada em 1940 pela Livraria Martins Editora. Foi o bibliógrafo Moraes (1975: 158) que propôs que se classificasse “como *Brasiliana* todos os livros sobre o Brasil, impressos desde o século XVI até fins do século XIX, e os livros de autores brasileiros, impressos no estrangeiro até 1808”. Este ano é bastante emblemático, por se ter dado em 1808 a abertura dos portos do Brasil às nações estrangeiras (nações amigas), por Carta Régia, fato que, de certa forma, favoreceu o surgimento de inúmeras obras que retratavam o Brasil e seus habitantes, vistos pelo olhar do Outro. Sobre a importância de obras dessa natureza, acrescenta Moraes:

São inúmeros os livros de viagem ao Brasil no século XIX. [...] A grande maioria dos viajantes que aqui estiveram deixou depoimentos da maior importância para o estudo do nosso passado. Tal é o seu valor documental, que muitos desses livros não são somente procurados pelos bibliófilos, mas pelos historiadores e estudiosos de nossa civilização. Alguns foram reeditados e traduzidos em diversas línguas. Possuir todas as edições e traduções é a ambição de muita gente. (162)

Pelos motivos apresentados, o nome da Coleção «*Brasiliana*», lançada pela Companhia Editora Nacional nos anos de 1930 do século passado, está bem justificado.

Além das coleções já referidas, não podemos deixar de dar relevo à Coleção «**Reconquista do Brasil**», lançada nos anos de 1970 pela Editora Itatiaia, em parceria com a Editora da Universidade de São Paulo, que não somente reeditou alguns títulos da Coleção «*Biblioteca Histórica Brasileira*», como produziu suas próprias traduções. No contexto do nosso trabalho, consideramos que os maiores projetos editoriais de

⁶³ Período em que o Presidente Getúlio Vargas governou o Brasil por 15 anos, de forma contínua (de 1930 a 1945), e durante o qual muitas obras sobre o Brasil foram publicadas.

tradução foram, sem dúvida, os realizados pelas coleções «Brasíliana» e «Reconquista do Brasil», razão pela qual, e também pelo fato de os livros dessas coleções terem sido os utilizados maioritariamente para a realização do cotejo, faremos primeiramente a descrição dos dois projetos atrás mencionados. Terminaremos com a referência ao projeto do Senado Federal que inclui a Coleção «**O Brasil Visto por Estrangeiros**», dado o seu papel ativo na reedição de algumas obras de viajantes. Por nos focarmos agora nas coleções, grafaremos seus nomes em negrito nas subseções que se seguem.

As referidas coleções, pelos seus programas e títulos que as compõem, são um eloquente exemplo de intervenção cultural ao serviço da preservação de um patrimônio considerado fundamental para a identidade brasileira, no qual a tradução tem forte presença.

I.3.1. Coleção «Brasíliana»

Antes de fazermos o histórico da Coleção «Brasíliana», torna-se necessário apresentar a Companhia Editora Nacional, fundada em 1925 pelo grande escritor brasileiro Monteiro Lobato (1882-1948), no contexto de um movimento de vanguarda que revolucionou o até então inócuo mercado editorial do Brasil. Desde 1980 a Nacional faz parte do grupo IBEP (Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas), hoje um dos maiores grupos editoriais do país. Após esse período de reformulação, a Companhia Editora Nacional tem se voltado para a publicação de livros de interesse geral, consolidando um perfil diferenciado, mas claro, de uma editora que assume como missão oferecer aos seus leitores o que há de melhor e de mais interessante no Brasil e no mundo.⁶⁴

Sobre a origem da Coleção «Brasíliana», temos a dizer que tudo se iniciou com Fernando de Azevedo (1894-1974),⁶⁵ educador, ensaísta, sociólogo, crítico e autor consagrado pela sua produção teórica, principalmente na área da Educação, que em 1931 criou e dirigiu, por mais de 15 anos, na Companhia Editora Nacional, a «Biblioteca Pedagógica Brasileira» (B.P.B.). Tendo como alvo principal a formação de professores, a

⁶⁴ <https://editoranacional.com.br/page/11/quem-somos> . Acesso em 24.01.2019.

⁶⁵ Para biografia completa sobre Fernando Azevedo, ver: <http://www.academia.org.br/academicos/fernando-de-azevedo/biografia> . Acesso em 24.01.2019.

B.P.B era dividida em cinco séries: *Literatura Infantil*, *Livros Didáticos*, *Atualidades Pedagógicas*, *Iniciação Científica* e a quinta série denominada *Brasiliana*, esta considerada uma das mais importantes coleções sobre assuntos brasileiros da primeira metade do século XX.

Recorrendo às informações disponibilizadas no *site* da *Brasiliana Eletrônica* – UFRJ, os créditos do trabalho desenvolvido por esta plataforma digital pertencem às seguintes instituições: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ministério da Educação - Secretaria de Ensino à Distância, Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB). Todos os integrantes da equipe de trabalho podem ser visualizados no *link* disponibilizado em nota.⁶⁶ A citação abaixo resume o histórico da coleção:

Idealizada por Octalles Marcondes Ferreira, presidente da Companhia Editora Nacional, como a "quinta série" de uma coleção mais ampla, intitulada Biblioteca Pedagógica Brasileira, a *Brasiliana* compõe-se de 387 volumes, acrescidos de 26 da série Grande Formato e de 2 da Série Especial. A Coleção foi lançada logo após a Revolução de 1930 e a criação do Ministério da Educação, tendo a dirigi-la, por 25 anos, o grande educador Fernando de Azevedo, depois substituído pelo historiador Américo Jacobina Lacombe.

Sua abrangência se estende pelas principais áreas do saber, da História à Antropologia, da Ciência Política à Geografia, da Sociologia à Linguística, da Economia às Ciências Naturais, reunindo autores nacionais e estrangeiros que se debruçaram sobre o Brasil, inclusive a importante contribuição dos viajantes europeus que percorreram o país no século XIX.

O exemplo da Companhia Editora Nacional foi seguido por inúmeras outras iniciativas do gênero, como as coleções Documentos Brasileiros, da Editora José Olympio, Azul, da Editora Schmidt, Reconquista do Brasil, da Editora Itatiaia, Memória Brasileira, da Melhoramentos, Corpo e Alma do Brasil, da Difel, Dimensões do Brasil, da Vozes, Retratos do Brasil, da Civilização Brasileira e, mais recentemente, da Companhia das Letras. [...] ⁶⁷

Por sua vez, o excerto que se segue serve para reiterar a relevância da Coleção «*Brasiliana*» e a importância do trabalho realizado pela Companhia Editora Nacional (C.E.N.). Embora se desconheça a autoria de quem o produziu, e não tenha sido digitalizado pelo portal da *Brasiliana* - UFRJ, tem o acrescido interesse de se encontrar nas orelhas de uma das obras do *corpus* em análise, *O Brasil e os Brasileiros*:

⁶⁶<http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/projeto/creditos>. Acesso em 21/03/2021.

⁶⁷ <http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao> - Acesso em 21/03/2021.

Todos os que se dedicavam a estudos sobre o Brasil eram unânimes em reconhecer as grandes dificuldades criadas, para as suas investigações, pela raridade de obras de informações e de consultas, muitas já esgotadas, outras por traduzir, quase todas dispersas. A C.E.N. propôs-se a coligir estas obras, reeditá-las ou traduzi-las e a promover e estimular a produção deste gênero, reunindo, em uma série⁶⁸, não só os livros clássicos e os novos trabalhos sobre o Brasil e seus problemas, como todo o material de valor documentário. A aceitação pública que granjeou desde logo a “Brasíliana” veio provar a utilidade e o alcance desta iniciativa de coordenação e de sistematização de estudos e de pesquisas sobre assuntos e problemas nacionais, encarados sob todos os seus aspectos. (Kidder e Fletcher, 1941: orelhas – v. 1. C.E.N.).

À altura, já haviam sido publicados mais de 200 volumes e aproximadamente 30 estavam sendo programados. Na obra *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817* (1958),⁶⁹ a primeira a ser publicada na série em grande formato, os editores fazem uma advertência aos leitores, da qual citamos a seguinte passagem:

[...] Além das obras, de autores nacionais, publicadas pela primeira vez, incorporaram-se à Brasíliana numerosas reedições de livros fundamentais e as primeiras edições em língua portuguesa de obras antigas e modernas de viajantes e sábios estrangeiros. [...] A nova série da coleção não podia, pois, iniciar-se melhor e estamos certos de que o público brasileiro lhe dispensará o mesmo acolhimento com que consagrou definitivamente a iniciativa da “Brasíliana”, animando-nos a novos empreendimentos em favor da cultura nacional. (Maximiliano/Mendonça; Figueiredo, 1940: VIII)

Os volumes que compõem esta coleção têm sido digitalizados pouco a pouco e compartilhados com o público através do referido portal. Até dezembro de 2018, de entre as obras digitalizadas, 44 eram de literatura de viagem. É possível visualizarmos todas as áreas de publicação do projeto⁷⁰ e a relação das obras na página da Brasíliana – UFRJ.⁷¹ Vejamos a descrição do projeto, conforme disponibilizada no portal:

A apresentação na Internet da íntegra de uma biblioteca como a Coleção Brasíliana constitui um desafio que só uma instituição como a Universidade Federal do Rio de Janeiro poderia vencer. Ao assumir este projeto, a primeira Universidade brasileira, reconhecida pelo elevado padrão de ensino e pesquisa, permite disseminar entre a população um precioso acervo de conhecimentos sobre o Brasil e uma das mais fecundas reflexões sobre a nossa terra e a nossa gente.

⁶⁸ A 5ª série da «Biblioteca Pedagógica Brasileira», da qual faz parte a «Brasíliana».

⁶⁹ Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied. *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*. Organização de Olivério Mário de Oliveira Pinto. Tradução de Edgard Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. (Série 5ª. Vol. 1 da Brasíliana – Grande Formato – Biblioteca Pedagógica Brasileira). O original em alemão, *Reise in Brasilien*, data de 1820-21.

⁷⁰ Como dito atrás, o portal aqui referido voltou a ficar inativo em 2019. Deixámos as informações extraídas do site para efeito de referência e mantivemos os links para utilização assim que a página da Brasíliana - UFRJ volte à atividade.

⁷¹ Decidimos copiar integralmente a descrição do projeto, para que tenhamos sempre acesso às informações, já que, inúmeras vezes, o portal ficou indisponível, como já dito.

Com o decisivo apoio da Secretaria de Educação à Distância do Ministério da Educação, da Financiadora de Estudos e Projetos - Finep, da Fundação Carlos Chagas Filho de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - Faperj, e da Fundação Universitária José Bonifácio, e graças à inestimável parceria da Companhia Editora Nacional, foi possível implantar um dos mais significativos empreendimentos digitais da cultura brasileira contemporânea.

O projeto disponibiliza na rede os textos completos dos 415 volumes (437 tomos) que compõem a antológica coleção, publicada originalmente entre os anos de 1931 e 1993. No futuro próximo, outras obras significativas sobre o Brasil, que não figuraram no universo da Brasileira, serão acrescidas ao conjunto, enriquecendo ainda mais o alcance do trabalho.

No portal Brasileira Eletrônica, esses livros são oferecidos ao público de dupla forma - como fac-símiles da primeira edição, para serem analisados na feição como vieram à luz, e como textos normalizados e de ortografia atualizada, passíveis de serem editados, selecionados, transcritos e transpostos ("recortados, copiados e colados", no jargão da informática), respeitadas as regras de citação, para estudos, textos, pesquisas e trabalhos escolares e acadêmicos que, felizmente, só fazem crescer no país.

Os livros foram integralmente digitalizados e submetidos a um programa de reconhecimento óptico de caracteres (OCR).⁷² Uma minuciosa atualização ortográfica foi então aplicada, o que requereu esforço e dedicação contínuos, dado que boa parte dos textos apareceu na Coleção em período anterior à reforma ortográfica de 1943. O trabalho de normalização foi de igual vulto, já que era um princípio praticamente inexistente à época da publicação original. Preservou-se, contudo, a grafia de antropônimos e intitulativos, para reter o sabor da época, e as principais escolhas de cada autor, quanto a maiúsculas, por exemplo, em respeito às suas inclinações "ideológicas".

O projeto se desdobrará numa segunda fase com a apresentação de estudos críticos sobre as obras da Coleção, bem como biografias intelectuais de seus autores, encomendados aos mais renomados especialistas brasileiros. Uma amostra desse desdobramento já está presente em alguns volumes da Coleção.

O portal vai se constituir, assim, numa poderosa ferramenta de difusão e democratização de conhecimentos sobre o Brasil, fazendo chegar a amplas camadas da população um portentoso volume de informação e reflexão, até aqui restrito às paredes das bibliotecas.

Copyrights © 2018 Brasileira Eletrônica UFRJ. Todos os direitos reservados⁷³

Como já foi dito, o projeto continua a crescer. Com relação à sua segunda fase, que pretende incluir mais estudos críticos sobre as obras da coleção, até dezembro de 2018 apenas seis se encontravam disponíveis, sob a forma de resenhas, nenhuma delas acerca das narrativas de viajantes. A continuidade poderá vir a preencher a lacuna relativa a dados biográficos sobre autores e até, eventualmente, sobre tradutores e autores de paratextos, o que seria de extrema importância.

Como nota Rodrigues (2008; 2012), as traduções em foco no nosso estudo são assinadas por intelectuais reconhecidos e seus nomes encontram-se bem visíveis na capa ou na página de rosto, abaixo do título. Muitas edições têm um prefácio do

⁷² *Optical character recognition.*

⁷³<http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/projeto>. Acesso em 20/03/2021.

tradutor, em geral para apresentar a obra. Alguns volumes da «Brasiliana» incluem igualmente um prefácio de uma autoridade no assunto, e seu nome aparece na capa ou na página de rosto, junto ao do tradutor. Há também informação sobre a edição em que se baseou a tradução, como provam as imagens a seguir:

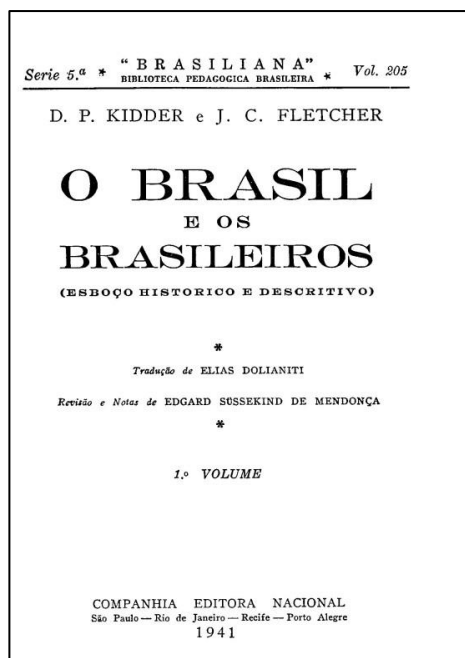


Figura 15⁷⁴

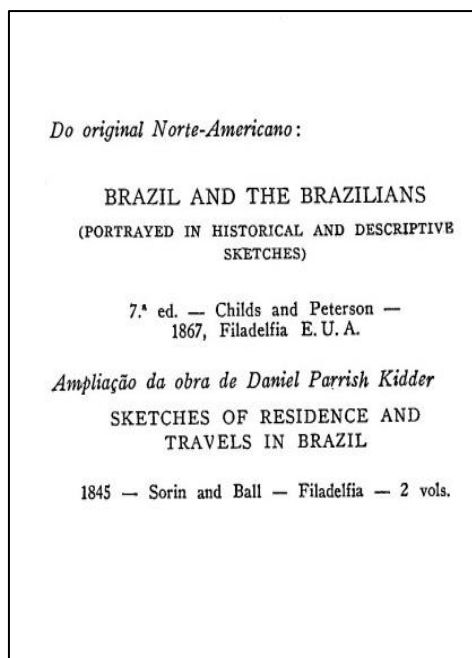


Figura 16⁷⁵

As impressões dos livros da «Brasiliana» são esteticamente muito modestas: os livros são pequenos, com 13 cm de largura por 18,5 de altura, com capas de papelão, impressas em duas ou, no máximo, três cores. Estas seguem o mesmo *layout* para todos os títulos. Quanto às demais características de cunho editorial, Rodrigues tira importantes conclusões acerca do lugar e do papel do tradutor:

Não é comum encontrarmos o nome do tradutor logo na capa de um livro. Em geral, sua identidade é ocultada no verso da página de rosto; quando muito, em caracteres pequenos, aparece na página de rosto. No caso das traduções da Brasiliana, quando não estão bem visíveis na capa, os nomes dos tradutores estão na página de rosto, abaixo do título, junto ao do prefaciador, quando há um. Em muitos títulos salienta-se que há notas do tradutor ou do prefaciador. Esses dados levam a pensar que a Coleção Brasiliana adotava uma política editorial voltada para a valorização da tarefa do tradutor. Na medida em que são identificados na capa e têm espaço reservado para suas observações em notas e prefácios, o papel dos tradutores estaria assinalado como intérprete do autor, do qual atuaria como coadjuvante. No entanto, o levantamento dos nomes dos tradutores e a maneira pela qual são apresentados indicam que os

⁷⁴ Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941: 6 – Folha de rosto.

⁷⁵ Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941: 7 – Dados editoriais sobre o original

intelectuais, professores e pesquisadores que fizeram as traduções estariam emprestando sua autoridade aos livros. (Rodrigues, 2008: 4)

Em seu artigo “*Brasiliana e Reconquista do Brasil: projetos editoriais de traduções*”, a mesma investigadora observa ainda:

As características dessas traduções que descrevi evidenciam que a coleção *Brasiliana* não tem um projeto editorial delineado para todos os poucos volumes traduzidos, ou seja, não há sistematicidade no projeto editorial das traduções. Além das capas e da ausência da voz do editor nos volumes, nada mais é constante, pois ora há inserção de muito material paratextual, ora não. Esse dado, entretanto, transforma-se em um ponto positivo, da perspectiva dos tradutores, pois eles recebem espaço para elogiarem ou criticarem os autores e obras e, em seus prefácios ou notas, expõem suas concepções de tradução. Nos projetos aqui analisados, apenas dois tradutores, Orlando Torres e Albertino Pinheiro não o fazem. Aos demais, dá-se a visibilidade e a liberdade que os tradutores almejam. (Rodrigues, 2012: 228)

Chamamos a atenção para a importância da afirmação feita no final da citação: a visibilidade e a liberdade dadas aos tradutores que colaboraram na Coleção «*Brasiliana*». Se Orlando Torres, tradutor de Wallace não as aproveitou, não temos como o justificar, pois não encontramos qualquer informação que pudesse esclarecer tal fato. Quanto ao tradutor de George Gardner,⁷⁶ Albertino Pinheiro, não podemos emitir opinião, por não termos lido a obra traduzida. Mas reafirmamos que tanto tradutores como demais autores de paratextos da «*Brasiliana*» tiveram plena liberdade para, mesmo adotando uma maneira fluente de traduzir, mostrarem sua voz. Alguns fizeram-no inúmeras vezes, como demonstraremos no Capítulo II desta tese.

I.3.2. Coleção «*Reconquista do Brasil*»

Antes de abordarmos a Coleção «**Reconquista do Brasil**», apresentamos alguns dados sobre as duas editoras que, associadas, criaram a referida coleção: a Livraria Itatiaia Editora e a Editora da Universidade de São Paulo (Edusp). Quanto à primeira,

⁷⁶ Gardner, George. *Viagem ao interior do Brasil: principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Tradução: Albertino Pinheiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. (Coleção *Brasiliana*). George Gardner (1812-1849), médico, zoólogo e botânico escocês que esteve no Brasil entre 1836 e 1841. Publicou: *Travels in the Interior of Brazil, principally through the Northern Provinces and the Gold Districts, during the years 1836-41*. London: Reeve, Berham, and Reeve, 1846.

conseguimos apurar que foi inaugurada na década de 1950 e reunimos somente as seguintes informações contidas em *O livro no Brasil: sua história*, no qual Hallewell diz:

A talvez mais conhecida editora de Belo Horizonte é a Livraria Itatiaia Editora, de Pedro Paulo de Senna Madureira e Edison Moreira. Em 1959, foi iniciada sua “Coleção Buriti”, dedicada à literatura brasileira. Publicou ainda obras de ciências sociais na “Biblioteca de Estudos Brasileiros” e na “Biblioteca de Estudos Sociais e Pedagógicos” [...] Em 1973, foi iniciada a coleção “Reconquista do Brasil”, publicada em co-edição com a Edusp (160 volumes até 1984), que abrangia ainda reedições, em tradução, de relatos de antigos viajantes, alguns dos quais haviam sido lançados, nos anos de 1940, pela Martins na “Biblioteca Histórica Brasileira” [...] Como a Martins, a Itatiaia destacou-se pela preocupação com o aspecto estético da produção de livros. (2017[1985]: 686-687).

Passamos agora à apresentação da Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, conforme descrição em seu portal:

A Edusp – Editora da Universidade de São Paulo – é uma das maiores editoras universitárias brasileiras. Fundada em 1962, atuou como coeditora de diversas obras durante quase trinta anos. Seu departamento editorial foi criado apenas em 1988, quando se iniciaram os trabalhos de seleção e publicação de seus próprios títulos. Desde então, lançou mais de 1500 livros e alcançou um elevado padrão editorial, estabelecendo uma identidade única e definindo novos parâmetros para a publicação acadêmica no país. A excelência de seus esforços fez com que recebesse importantes prêmios ao longo dos anos e se tornasse referência pela qualidade acadêmica, científica e gráfica de sua produção.

Com a missão de estimular e promover o desenvolvimento do ensino e da pesquisa, a Edusp dedica-se à publicação de obras relevantes em várias áreas, destacando-se pela produção científica da própria Universidade de São Paulo, sem no entanto se limitar a ela. A Edusp busca, assim, atender estudantes, professores e pesquisadores, mas também o público geral, difundindo para além da academia o conhecimento nela produzido. Estão no catálogo desde livros didáticos até pesquisas de ponta, de obras clássicas a teorias científicas contemporâneas, nacionais e internacionais, bem como estudos sobre os mais representativos escritores e artistas brasileiros e também livros de arte.⁷⁷

Por haver essa curta observação, assinalada a negrito no excerto, com relação à coedição de obras, entre as quais se incluem as da «Reconquista», esperávamos encontrar no catálogo atual da Edusp alguma referência à coleção, o que não ocorreu. Procuramos então pelos nomes dos autores e obtivemos apenas dois resultados para duas obras de Alfred Russel Wallace: *DARWINISMO: Uma Exposição da Teoria da Seleção Natural com Algumas de suas Aplicações*, trad. Danesi, Antonio de Pádua, 2012; e *PEIXES DO RIO NEGRO*, org. Mônica de Toledo Piza Ragazzo, 2002. Percebemos, desta forma, que somente as obras publicadas pela Edusp, sem parceria com outras editoras,

⁷⁷ www.edusp.com.br/institucional.asp . Acesso em 19/01/2019.

fazem atualmente parte do catálogo de suas publicações. O sistema de coedições da Edusp, que representava “uma garantia de qualidade e de promoção institucional das vendas” (Hallewell, 2017[1985]: 620), foi abandonado em grande medida após a morte de Ferri, em 1985, visto que “no desenvolvimento de seu programa de edições próprias, essa editora buscou se aproximar da comunidade acadêmica, para atender melhor às necessidades de alunos e professores.” (700).

Em se tratando de obras traduzidas, Rodrigues (2018) diz que o primeiro volume traduzido da Coleção «Reconquista do Brasil» data de 1975 e que a coleção é composta por um total de 306 volumes publicados, divididos em três séries:

A primeira apresenta 60 títulos, 80% traduções de relatos de viajantes, começando por Hans Staden, mas não publicados em ordem cronológica. A segunda série tem 233 volumes; até o volume 92, cerca de 50% são traduções. A terceira série é dedicada a livros de arte e tem apenas 13 volumes. A proporção de traduções dessa coleção é muito maior que a da coleção Brasileira, mas menor que a da Biblioteca Histórica Brasileira. (77-78)

Já Arreguy Filho (1979),⁷⁸ diz que a Coleção «Reconquista do Brasil» é o maior repositório de trabalhos de excepcional qualidade sobre o Brasil de ontem, de hoje e de amanhã. É uma coleção que “nos prende mais e mais”. Uma comparação entre os volumes desta coleção e os da «Brasileana», do nosso ponto de vista, leva-nos a considerar que os da «Reconquista» são mais atrativos, tanto pelo colorido das capas como pelo tamanho, pois medem 18cm de largura por 27cm de altura. Há capas diferentes para cada título, concebidas pelo artista plástico Cláudio Martins. São impressas em papel de qualidade e apresentam ilustrações coloridas que fazem alusão ao tema/título da obra. O nome do tradutor geralmente aparece na página de rosto, logo abaixo do título. Em todos os volumes há uma breve apreciação da obra, destacando o seu valor histórico e documental. Uma outra vantagem, e que possibilita que os leitores tenham mais acesso aos livros da «Reconquista», é o fato de ainda estarem disponíveis para venda. No entanto, os volumes da «Brasileana», apesar de

⁷⁸ Texto assinado por Arreguy Filho que figura nas orelhas de: Wallace, Alfred Russel. *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*; tradução de Eugênio Amado; apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. (Coleção Reconquista do Brasil; vol. 50)

possuírem menos atrativos visuais, são de acesso livre, em versão digitalizada, e sem nenhum custo, no portal da Brasileira - UFRJ.

Quanto às estratégias de tradução a seguir, não encontramos explicitação dos princípios tradutórios dos tradutores. O presidente da Edusp, à época Mário Guimarães Ferri, que era o responsável, na maioria das vezes, por fazer a apresentação da obra e do autor e escrever algumas notas, tecia sempre o mesmo tipo de comentário, como por exemplo: “É esse relato que temos a satisfação de trazer ao público brasileiro, em magnífica tradução de Eugênio Amado” (Wallace/ Ferri, 1979: 10), ou “A tradução de Dona Regina Regis Junqueira é muito cuidadosa” (Bates/ Ferri, 1979: 10).

Diferentemente da «Brasileira», onde se percebe a liberdade dada aos tradutores, diríamos que na Edusp dos anos de 1970, ou, melhor dizendo, na «Reconquista», como refere Rodrigues, “Nos trabalhos examinados não se dá voz ao tradutor, exceto no caso de Eugênio Amado.⁷⁹ Quem toma regularmente a palavra é o diretor da coleção, Mário Guimarães Ferri.” (2012: 228). No entanto, quer seja nas apresentações das obras, quer em suas notas, as observações de Ferri sobre o alto nível de excelência das traduções não chegam a convencer o leitor/pesquisador atento aos detalhes de que as traduções da «Reconquista» sejam de qualidade muito superior às da «Brasileira». Acreditamos que não há mérito em sugerir qual das duas coleções é melhor, porque ambas conseguem prender a atenção de leitores com interesses diferenciados: aqueles que apreciam mais as matérias científicas e os que querem tão somente conhecer a riqueza e as peculiaridades de cada região e do povo do Brasil oitocentista.

Ainda sobre as coleções apresentamos parte de uma análise interessante de Rodrigues (2018) sobre o significado dos nomes das coleções «Brasileira», «Biblioteca Histórica Brasileira» e «Reconquista do Brasil», que a investigadora considera fazerem parte da história do livro do Brasil, sem que contudo se pronuncie sobre o que representam para a história da tradução no Brasil:

Os títulos das três coleções merecem uma análise, pois conduzem a diferentes significados. «Brasileira» remete a um conjunto de obras sobre os Brasil — no caso, de livros, mas há Brasileiras de obras de arte, de mapas, de selos, de manuscritos. «Biblioteca Histórica Brasileira» também se relaciona aos significados atribuídos à Brasileira, mas acrescenta significação, na

⁷⁹ Tradutor de Wallace na coleção «Reconquista», 1979, como já referido.

medida em que se atribui caráter histórico às obras reunidas em uma biblioteca com fontes que permitiriam a construção de uma história do Brasil. [...] «Reconquista do Brasil», por outro lado, sugere uma retomada ou reapropriação. Como grande parte das obras são relatos de viajantes, o título indicaria que as versões dos viajantes sobre o Brasil estariam sendo ressignificadas pelo “nativo”, que deixaria sua condição de subalterno e passaria ao de conquistador. Isso significaria reinterpretá-las, retraduzi-las, recontextualizá-las, para salientar sua importância para a construção da identidade do Brasil. (78-79)

Acreditamos que os títulos realmente tenham sido criados com a intenção de implementar os propósitos identificados neste excerto. No entanto, em nosso entender, os volumes da «Reconquista» não agregaram tais potenciais de ressignificação, reinterpretação, etc., e esta também é a opinião de Rodrigues, quando afirma que “mas não é bem uma ressignificação que ocorre.[...] A análise dos títulos publicados revela que muitos títulos da Reconquista do Brasil já haviam sido publicados por outras editoras, em outras coleções” (79-80), como no caso da obra de Robert Southey, *História do Brasil*, que teve várias edições pelas editoras Garnier (1862), Obelisco (1965) e Melhoramentos (1977), antes da republicação da «Reconquista» em 1981, “sem constar números de edição” (79). Rodrigues afirma ainda que dos 66 títulos traduzidos até 1985, quando a referida coleção deixou de ser editada por Ferri, “33 são republicações de títulos que faziam parte das coleções Brasileira e Biblioteca Histórica Brasileira, muitas delas reedições do mesmo autor.” (80)

No caso das traduções e das intervenções dos autores de paratextos, nos volumes da «Reconquista» por nós analisados não identificamos casos de mera republicação, mas sim muitas semelhanças com as traduções da «Brasileira», embora ignorando Ferri (presidente da comissão editorial da coleção) as edições daquela coleção que antecederam as da «Reconquista». Este assunto será retomado no Capítulo II.

I.3.3. Coleção «O Brasil Visto por Estrangeiros»

Um outro projeto editorial incluído, embora em menor escala, na nossa análise, é o do Senado Federal. O Conselho Editorial do Senado Federal disponibiliza obras impressas e digitalizadas, cumprindo a sua missão de publicar obras fundamentais da cultura brasileira de caráter econômico, social, político e histórico. Este Conselho presta um grande serviço à comunidade porque não só edita obras inéditas como republica

títulos de grande interesse cultural que estão, há anos, fora dos catálogos das editoras comerciais. Ao buscar textos de relevância histórica, resgata-os para transmitir conhecimento aos interessados em cultura brasileira e atender a uma demanda cada vez mais exigente dos pesquisadores. De acordo com informação apresentada no portal de Publicação e Documentação do Senado Federal,⁸⁰ “As obras do Conselho Editorial são publicadas a partir de um cuidado trabalho de revisão e edição. Em sua maioria, contam com prefácios ou apresentações, aparato crítico, notas elucidativas e o apoio de índices onomásticos.” De entre as diversas coleções, destacamos a intitulada «**O Brasil Visto por Estrangeiros**», que inclui títulos referentes a aspectos da cultura brasileira vistos da perspectiva de autores estrangeiros. Os volumes impressos da coleção podem ser adquiridos através do Portal de Publicações da Biblioteca do Senado e alguns deles estão disponíveis para *download* na Biblioteca Digital do Senado Federal do Brasil. Entre os títulos gratuitamente disponibilizados, destacamos o livro de Daniel Parish Kidder, *Reminiscências de viagem e permanências no Brasil*, e o do casal Louis e Elizabeth Agassiz, *Viagem ao Brasil (1865-1866)*, ambos utilizados em nossa pesquisa. Reiteramos que não estamos perante traduções novas e sim reedições de traduções de outras editoras. O acesso digitalizado a algumas obras certamente favorece o trabalho de pesquisadores e leitores em geral. A seguir transcrevemos a caracterização e o histórico da referida biblioteca:

A Biblioteca Digital do Senado Federal (BDSF) armazena, preserva, divulga e dá acesso, em formato digital, a mais de 250 mil documentos de interesse do Poder Legislativo, propiciando segurança e preservação da informação, maior visibilidade na Internet, maior rastreabilidade em mecanismos de busca e rápida disseminação do conhecimento.

O acervo digital é variado, dividindo-se entre livros, obras raras, artigos de revista, notícias de jornal, produção intelectual de senadores e servidores do Senado Federal, legislação em texto e áudio, entre outros documentos.

As obras publicadas na BDSF são de domínio público ou possuem direitos autorais cedidos pelos proprietários, possibilitando acesso e download gratuitos das obras. [...]

[...] A primeira versão da BDSF, com um total de 55.823 documentos digitais, foi apresentada ao público na 2ª Semana de Valorização da Pessoa com Deficiência do Senado Federal, em 22 de novembro de 2006.

[...] A BDSF é uma solução baseada em DSpace, o software livre mais utilizado no mundo para a implantação de bibliotecas digitais, que segue importantes padrões internacionais de compartilhamento de informações. A BDSF foi inaugurada em 2006 com a versão 1.6 do DSpace.

[...] Desde a sua inauguração, o Senado Federal estabeleceu importantes parcerias com o Superior Tribunal de Justiça (STJ), com vistas à integração da BDSF ao Consórcio BDJur de

⁸⁰ <http://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial>. Acesso em 19/12/2017.

bibliotecas digitais jurídicas, e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), para o desenvolvimento de estudos do Dspace, software livre usado pela BDSF.⁸¹

Há outras formas de contato com a Biblioteca, através de telefone ou email (Biblioteca Acadêmico Luiz Viana Filho. Serviço de Biblioteca Digital (SEBID). Telefones: +55 (61) 3303-1267 / 3303-1268. E-mail: biblioteca@senado.gov.br) e através das redes sociais (Facebook, Twitter, You Tube e Flickr). Destacamos também o trabalho itinerário da Biblioteca, que viaja pelo Brasil com o objetivo de incentivar a leitura, divulgar e vender suas publicações a preços bastante razoáveis, especialmente durante a realização de eventos e feiras literárias. Como os livros da Coleção «O Brasil Visto por Estrangeiros» são reedições de outras editoras, não é necessário apresentar evidências de intervenções dos tradutores e respectivas estratégias tradutórias. No entanto, podemos afirmar que encontramos em diversos volumes a omissão do nome do tradutor e, tal como no caso da «Reconquista», já referido, não há informação sobre o número da edição. Este fato também será explicitado no Capítulo II.

I.4. Os textos em tradução: tradutores, prefaciadores e outros autores de paratextos

Após termos caracterizado os projetos editoriais responsáveis pelas coleções em que as traduções em análise se inserem, focamos agora outros agentes fundamentais: os tradutores e autores de paratextos. Usamos aqui o termo *agente* na acepção de Milton e Bandia (2009), teorizada e estudada no âmbito dos Estudos de Tradução sobretudo a partir da última década do século passado, segundo a qual se trata de uma entidade — uma instituição, uma pessoa (um editor, um mecenas, um tradutor, um revisor, um político...), um jornal ou revista, etc. — envolvida na prática tradutiva com poder e intencionalidade, tendo em vista a troca, a mudança ou a inovação cultural (cf. Milton and Bandia 1; Buzelin 6). No caso vertente, interessam, pois, os editores, todos aqueles implicados na iniciativa de conceber os projetos editoriais, delinear as coleções, selecionar os títulos a integrá-las, escolher os tradutores, etc., e, claro, os próprios tradutores e os autores dos paratextos não assinados por aqueles que acompanham as

⁸¹ <http://www2.senado.leg.br/bdsf/page/sobre> - Acesso em 19/12/2017.

traduções. Veremos que figuras estiveram diretamente envolvidas nas traduções em foco na presente tese, algumas delas nomes destacados da intelectualidade brasileira, qual o lugar da tradução no conjunto da sua atividade profissional, e procuraremos ainda reunir os dados possíveis sobre a sua confessada prática tradutória, que, desde já podemos antecipar, pecam por muito escassos.

Nesta seção seguiremos a mesma ordem de apresentação dos autores na seção I.2. da presente tese, ou seja, iniciando com os tradutores das obras de Kidder e Fletcher e terminando com os da narrativa do casal Agassiz. No corpo do texto, os tradutores assim como os demais participantes do projeto tradutório, têm seus nomes assinalados a negrito, e a função de cada um especificada entre [colchetes] na primeira vez que forem citados. Não repetiremos as referências completas das obras do *corpus*, por já terem sido apresentadas na seção I.1., e utilizaremos *itálico* nos títulos dos volumes todas as vezes que forem referidos nos trechos em que sejam o foco. Continuaremos a referir as obras de forma abreviada e incluiremos imagens com informação sobre os tradutores e demais autores de paratextos que se encontram disponíveis no portal da Brasileira Eletrônica – UFRJ.

I.4.1. – Textos de Kidder e Fletcher em tradução

O primeiro tradutor a ser apresentado é **Moacir N. Vasconcelos** (1903-1955)⁸² [tradutor]. De nacionalidade brasileira, foi responsável pela tradução dos dois volumes da obra de Daniel Parish Kidder, *Reminiscências de viagens*, doravante *Reminiscências*. Nosso foco de análise é primordialmente o segundo volume. Os dois volumes da obra *Reminiscências* não fazem parte da Coleção «Brasileira» e sim da «Biblioteca Histórica Brasileira», portanto, não estão disponíveis no portal da Brasileira Eletrônica – UFRJ, mas foram reeditados pelas coleções «Reconquista do Brasil» e «O Brasil Visto por Estrangeiros». A reedição de *Reminiscências* (1972) foi a utilizada no cotejo e nela o editor, José de Barros Martins, reconhece o trabalho de Rubens Borba de Moraes que o ajudou a selecionar obras para a Coleção da «Biblioteca Histórica Brasileira» nos trinta anos anteriores; por sua vez, Rubens Borba de Moraes apresenta o autor e a obra, mas

⁸² O nome deste tradutor aparece abreviado nas referências dos livros que traduziu.

não menciona o tradutor; da mesma forma, Mário Guimarães Ferri, em sua nota introdutória, ignora o tradutor, mesmo quando se refere à tradução. Diz ele:

Os primeiros volumes foram todos publicados, em português, pela primeira vez há cerca de 30 anos, pela Livraria Martins Editora, tendo cada volume merecido a tradução ou um prefácio cuidadosamente escrito,⁸³ ou ainda notas especialmente redigidas para o mesmo, por especialistas de renome, como Plínio Ayrosa, Rubens Borba de Moraes, Sergio Buarque de Hollanda e Sergio Milliet, para citar alguns exemplos apenas. (Ferri, 1972: IX-Nota introdutória)

É lamentável tal apagamento do tradutor, um sinal claro de menorização do seu papel. Ao pesquisar mais informações sobre o trabalho de Vasconcelos, conseguimos descobrir duas outras obras traduzidas por ele e que foram reeditadas pela Coleção «Brasiliana»:



Figura 17

As referências completas destas duas obras são: Roy Nash. *A Conquista do Brasil*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Edição ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. (Coleção Brasiliana; série 5ª – vol. 150 - Biblioteca Pedagógica Brasileira) e Neville B. Craig. *Estrada de Ferro Madeira-Mamoré história trágica de uma expedição*. Tradução Moacir N. Vasconcelos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. (Coleção Brasiliana; série 5ª – vol. 242 - Biblioteca Pedagógica Brasileira). Em ambas as

⁸³ Sublinhado nosso.

traduções há apenas prefácios dos autores. Não contêm textos de prefaciadores ou anotadores. Em *A Conquista do Brasil*, apesar de não haver nenhum comentário sobre a tradução, encontramos a seguinte observação, na contracapa: “Direitos em língua Portuguesa, propriedade do Tradutor” (Nash/Vasconcelos, 1939: 10). O mesmo sucede em *Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: história trágica de uma expedição* “Direitos autorais para a Língua Portuguesa pertencentes ao Tradutor” (Craig/Vasconcelos, 1947: 2)

Encontramos ainda uma outra tradução de Vasconcelos: Nieuhof, Johannes. *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*. Tradução do inglês por Moacir N. Vasconcelos. Confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Honório Rodrigues.⁸⁴ São Paulo: Livraria Martins, 1942 (Biblioteca Histórica Brasileira, Série 9). Mais uma vez, fomos em busca de informações nos paratextos que pudessem ser acrescentadas ao nosso trabalho. O historiador José Honório Rodrigues, que confrontou a tradução do inglês feita por Vasconcelos com o original em holandês, aponta várias falhas à edição inglesa de 1703 e salienta a importância da sua própria intervenção na tradução brasileira, pela sua capacidade de corrigir os erros cometidos:

A edição inglesa de 1703⁸⁵ não é, infelizmente, uma tradução fiel. Por isso, vimo-nos obrigados a comparar a tradução feita pelo Sr. Moacir N. Vasconcelos, da edição inglesa, com o texto original holandês. O confronto nos mostrou até que ponto a edição inglesa falseou o original. Assim, por exemplo, pode-se estabelecer como princípio geral o de que as datas estão quase sempre erradas na tradução inglesa. Nieuhof não usou os nomes comuns designativos dos meses e sim nomes usados somente na Holanda. Acontece, porém, que nas folhas iniciais da edição holandesa encontra-se um poema dedicado aos meses na Batávia, por onde facilmente se verifica o significado dos ditos nomes. Coube-nos, deste modo, rever e corrigir a tradução brasileira, acrescentando trechos omitidos, emendando, especialmente, datas e nomes e pequenos outros senões e, em conclusão, traduzir a parte final da edição holandesa, onde o tradutor inglês suprimiu 25 colunas. Alguns trechos e essa parte final foram, assim, traduzidos diretamente do original. [...] (Rodrigues, 1942: XVII - Introdução)

Por sua vez, Rubens Borba de Moraes, Diretor da Coleção «Biblioteca Histórica Brasileira» de 1940 a 1945 e também o prefaciador da obra *Reminiscências*, a quem se

⁸⁴ José Honório Rodrigues (1913 —1987) foi um dos mais importantes historiadores brasileiros do século XX. As suas pesquisas e publicações versam sobre os mais variados temas e épocas da história brasileira. Notabilizou-se, sobretudo, pelas suas publicações acerca da história da historiografia brasileira.

⁸⁵ Nieuhoff, John. *Voyages and Travels into Brazil and the East-Indies: Containing an Exact Description of the Dutch Brazil, and Divers Parts of the East-Indies*. London: Awnsham and John Churchill, 1703.

deve igualmente a iniciativa de incluir a obra *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*, de Nieuhof, na referida coleção, em 1942, diz o seguinte, na apresentação desta última:

Para essa árdua tarefa [de traduzir a obra] escolhemos os Srs. Moacir N. Vasconcelos, a quem coube fazer uma excelente tradução baseada na edição inglesa,⁸⁶ e o historiador José Honório Rodrigues, a quem coube cotejar a tradução com o original holandês, anotar a obra toda, nos seus menores detalhes, redigir a introdução, a magistral nota bibliográfica e a bibliografia do autor. Esse árduo trabalho José Honório Rodrigues desempenhou com a maestria que se esperava de quem tão bem conhece tudo quanto se relaciona com os holandeses no Brasil. [...] (Nieuhof; Moraes, 1942:13)

Voltando à obra *Reminiscências*, 1972, o diretor da «Reconquista», Mário Guimarães Ferri, dedica uma única frase, elogiosa, ao tradutor Vasconcelos, na apresentação da obra, sem contudo especificar por que razão qualifica o seu trabalho de “excelente”:

Ao reeditar a obra completa de Daniel Parish Kidder, na excelente tradução de Moacir N. Vasconcelos,⁸⁷ devemos acentuar as palavras com que o dr. Rubens Borba de Moraes precedeu o texto da peregrinação desse curioso e inteligente missionário pelas províncias de São Paulo e Rio. (Kidder; Ferri, 1972: orelhas do livro).

Vasconcelos não acrescentou notas à tradução da obra de Kidder; a terem existido, teríamos por certo mais meios para caracterizar o seu trabalho. Prosseguimos assim para a a do anotador de *Reminiscências*.

Mário Guimarães Ferri (1918-1985) [orelhas e nota introdutória] foi responsável por textos de apresentação das obras reeditadas pela Coleção «Reconquista do Brasil». Neste volume, em concreto, assina a nota introdutória na qual resume o histórico das publicações da Livraria Martins Editora e apresenta a Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), sublinhando sua importância no contexto do projeto de reedição de obras historicamente relevantes. Ferri, brasileiro, nascido em São José dos Campos (SP) no dia 7 de julho de 1918, foi cientista, professor, editor, administrador e artista plástico. Em 1940 licenciou-se em Ciências Naturais, doutorando-se em 1944 em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP). Catedrático de botânica nessa universidade a partir de

⁸⁶ Sublinhado nosso.

⁸⁷ Sublinhado nosso.

1955, em 1964 tornou-se presidente da Comissão Editorial da Universidade de São Paulo. Nomeado reitor em 1967, no ano seguinte deixou a reitoria e passou a presidir a Edusp, exercendo essa atividade além de dirigir a Coleção «Reconquista» a partir de 1973, quando foi inaugurada, até a data de seu falecimento, em 15 de julho de 1985, em São Paulo. Até esse ano haviam sido publicados 306 livros da referida coleção.⁸⁸

Rubens Borba de Moraes (1899-1986) [apresentação da obra], brasileiro, bibliotecário, bibliógrafo, bibliófilo, historiador e pesquisador brasileiro, foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, professor, pioneiro da biblioteconomia no Brasil e diretor da Biblioteca da ONU. Foi diretor da «Biblioteca Histórica Brasileira» de 1940 a 1945. Assina uma breve apresentação de Daniel Parish Kidder e de suas obras na primeira edição de *Reminiscências*, que é reproduzida nas republicações desta em 1972, 1980 e 2001 e da qual destacamos o seguinte trecho, retirado da edição do Senado Federal:

A obra de Kidder é conhecida e apreciadíssima pelos eruditos e, dada a sua escassez, procurada pelos bibliófilos, principalmente na encadernação original. Aparece hoje em tradução integral pela primeira vez. (Kidder/Moraes, 2001: 17)

O que temos a dizer sobre a apresentação de Moraes, aqui ilustrada por um recorte do último parágrafo, é que a princípio pensávamos ter sido feita especialmente para a edição da «Reconquista» (1980), pois foi a que lemos, pelo fato de não termos conseguido adquirir a primeira edição (1940); e também por *Reminiscências* não estar acessível no portal da Brasiliana – UFRJ. Anos depois, conseguimos finalmente adquirir o volume 1 da edição de 1972, integrante da Coleção «Biblioteca Histórica Brasileira» e publicado em parceria pelas editoras Martins e Edusp. Constatamos, então, não se tratar de um texto produzido em 1980. A investigação continuou e em 2017 descobrimos que o texto já fazia parte da edição original, o que reafirma a prática adotada pela comissão editorial da Edusp de ignorar as edições ou o conteúdo de parte dos textos publicados

⁸⁸ Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mario-guimaraes-ferri>. Acesso em 08.01.2019.

tempos atrás, provavelmente com a intenção de ressaltar e promover o caráter inovador de suas publicações. Rodrigues (2018) detecta tais procedimentos de “silenciamento” presentes nas edições da «Reconquista» e enumera alguns casos. Com relação à apresentação no vol. 1 de *Reminiscências*, diz:

Mas, mesmo as obras que trazem as palavras introdutórias de Rubens Borba de Moraes, nem sempre as contextualizam. [...] Na edição de *Reminiscências de viagens e permanências nas Províncias do Sul do Brasil* (1980), da *Reconquista do Brasil*, a nota biográfica é finalizada, como nos volumes da Biblioteca Histórica Brasileira, com as iniciais R.B. de M. e sem data. Os leitores dos anos de 1980 dificilmente saberiam a quem remetem. A informação prestada no último parágrafo é a de que se trata da primeira tradução integral da obra; ainda que isso continue sendo verdadeiro em 1980, nada remete ao fato de isso ter ocorrido em 1942. (95)⁸⁹

Passamos agora à apresentação do tradutor da obra utilizada no confronto com *Reminiscências, O Brasil e os Brasileiros*, da autoria de Kidder e Fletcher. Trata-se de **Elias Dolianiti** (1911-1985) [tradutor], brasileiro, geólogo, paleontólogo, tradutor e autor. Embora não tivéssemos encontrado nenhuma referência ao projeto tradutório de Dolianiti, deparámo-nos com um texto, *in memoriam*, escrito por Norma Maria da Costa Cruz, micropaleontóloga da Divisão de Geologia e Mineralogia do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). Através de sua leitura, tivemos conhecimento de que o naturalista do DNPM era grande conhecedor da paleobotânica brasileira e produziu vários livros sobre a matéria, entre eles alguns conhecidos internacionalmente: *A Paleobotânica Brasileira* (1948); *Frutos de Nipa no Paleoceno de Pernambuco, Brasil* (1955); *A flora do carbonífero inferior de Teresina, Piauí* (1950); *Flora do Gondwana inferior em Santa Catarina* (1956); e *Restos vegetais das camadas Picos, devoniano inferior do Piauí*, escrito em parceria com R. Krausel (1957).⁹⁰

Segundo Cruz (1986:3), Dolianiti, “nascido no Rio de Janeiro, trazia no sangue a sabedoria e a tradição da milenar cultura grega”. Após fazer um resumo da vida acadêmica e profissional de Dolianiti, Cruz termina seu texto dizendo que: “a segurança, clareza e acuidade demonstrada em seus trabalhos trouxeram-lhe o merecido reconhecimento nacional e internacional, como autoridade em assunto da Flora Gondwânica que tanto o destacou no panorama da geologia do Hemisfério Austral.” No

⁸⁹ A data deve se referir ao volume que Rodrigues leu, visto que os volumes 1 e 2 foram lançados entre 1940 e 1943 pela Editora Martins. Depois, novamente em 1951, 1972, 1980 e 2001, por outras editoras.

⁹⁰ <http://www.worldcat.org/wcidentities/viaf-286445502>. Acesso em 19/12/2017.

site da *Brasiliana Eletrônica*⁹¹ – UFRJ as informações textuais e iconográficas sobre Dolianiti são as seguintes:

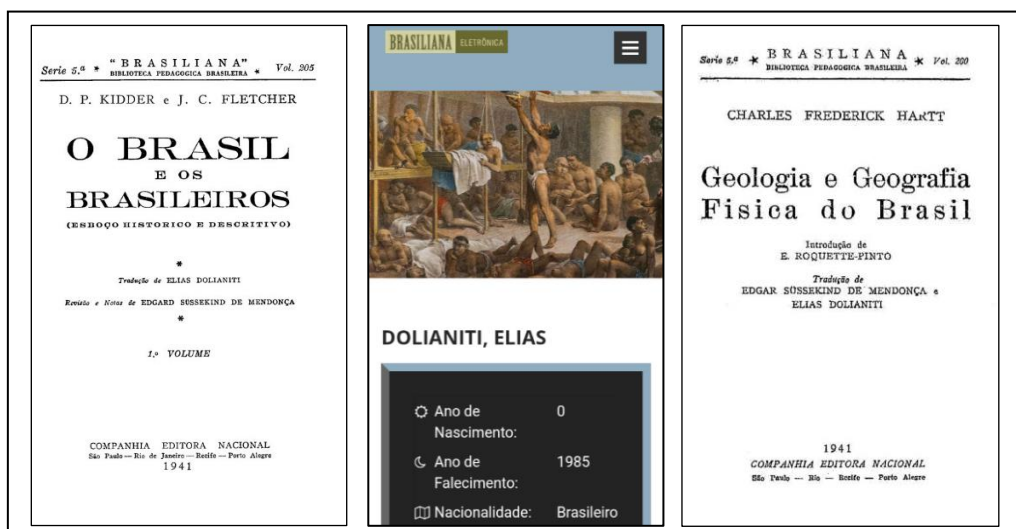


Figura 18

Como é possível verificar, as informações na ficha biográfica do tradutor estão incompletas, pois o seu ano de nascimento é omitido. Nas folhas de rosto, encontram-se os nomes do(s) tradutor(es) e demais autores de paratextos. Note-se que ambas as publicações datam de 1941, o que pode significar que Dolianiti traduzia mais de uma obra por ano.

No nosso estudo utilizámos o segundo volume de *O Brasil e os Brasileiros: esboço histórico e descritivo*, tradução de Elias Dolianiti e revisão e notas de Edgar Sússekind de Mendonça. Dado à estampa na Coleção «Brasiliana», é composto por 12 capítulos (XVI a XXVII), dos quais apenas dois (XXVI “Pará” e XXVII “Amazonas”) são sobre o Norte do Brasil. Apesar de, na capa, o trabalho de revisão e de notas ser atribuído a Mendonça, no corpo do texto as notas são precedidas das seguintes marcações: (*1) notas do tradutor, (1) notas do autor do TP traduzidas e (*) notas de Mendonça.

Dolianiti é ainda co-tradutor, com Edgar Sússekind de Mendonça, de outra obra da Coleção «Brasiliana»: Hartt, Charles Frederick Hart. *Geologia e Geografia Física do*

⁹¹ <http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/tradutores/108/elias-dolianiti>. Acesso em 21/03/2021.

Brasil. Tradução de Edgar Sússekind de Mendonça e Elias Dolianiti. Introdução de E. Roquette-Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941 (Coleção Brasileira, série 5ª – vol. 200 - Biblioteca Pedagógica Brasileira).

Também brasileiro, **Edgar Sússekind de Mendonça** (1896-1958) [notas e revisão] foi professor de desenho, locutor de rádio e tradutor, e um grande conhecedor da obra de Euclides da Cunha (1866-1909). Além de assinar as notas e a revisão da tradução de *O Brasil e os Brasileiros*, Mendonça fez uma significativa apresentação da obra e de seus autores, bastante embasada nos conhecimentos de estudiosos de outras áreas, como o engenheiro, folclorista e historiador Alfredo de Carvalho (1870-1916), Alexander Marchant (1912-1981),⁹² um dos *brasilianistas*,⁹³ Vicente Themudo (1874-1939), pastor presbiteriano e historiador, entre outros. Suas notas prestam esclarecimentos de cariz bibliográfico e histórico, de forma ética, indicando aos leitores as fontes de informação. Mendonça traduziu ainda outras obras da Coleção «Brasília», das quais daremos os pormenores ao abordarmos a obra de Agassiz, mais adiante.

I.4.2. Textos de Bates em tradução

A partir de Bates, as obras para cotejo pertencem às coleções «Brasília» e «Reconquista do Brasil». Iniciamos com a apresentação de **Candido Firmino de Mello-Leitão** (1886-1948) [tradução, prefácio e notas]. Brasileiro, médico e zoólogo, nasceu em Campina Grande (Paraíba) e foi professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro e de outras instituições escolares. Juntamente com Alberto José Sampaio e Armando Magalhães Corrêa, também professores do Museu Nacional, ocupou-se de escrever extensamente sobre a proteção da natureza no Brasil nos anos de 1930 e 1940. Foi também um pioneiro da reformulação do ensino da Biologia no Brasil e o fundador da

⁹² Alexander Nelson de Armond Marchant, nascido no Rio de Janeiro, professor de história da Vanderbilt University, onde estabeleceu o Instituto de Estudos Brasileiros. Autor de *Do escambo à escravidão. As relações econômicas de portugueses e índios na colonização do Brasil: 1500-1580*. Tradução de Carlos Lacerda. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943 (Coleção Brasileira – série 5ª – vol. 200 – Biblioteca Pedagógica Brasileira).

⁹³ Os *brasilianistas* eram pesquisadores estrangeiros, em sua maioria americanos, instalados no Brasil, devidamente financiados e academicamente bem preparados, que tinham um amplo acesso a documentos e dados arquivados, ao contrário dos intelectuais brasileiros, o que os colocava em uma situação de superioridade em relação a estes. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Brasilianista>. Acesso em 18/01/2019.

Aracnologia na América do Sul. Abaixo apresentam-se os dados iconográficos do tradutor na Brasiliana - UFRJ:



Figura 19

Bastante elogiado pela tradução dos dois volumes da obra de Bates, Mello-Leitão é também autor do prefácio e das notas. No primeiro, contextualiza a trajetória de Bates e a importância de sua obra para todos os brasileiros, e fornece informações bastante esclarecedoras aos leitores. Foi através dele que descobrimos que foram publicadas três edições do texto de partida e que sua tradução foi feita a partir da primeira edição, de 1863. Com relação à segunda, publicada em 1864, Mello-Leitão diz:

Um ano depois, a pedido de seus amigos e admiradores, dá ele uma segunda edição, da qual retira os comentários de filosofia biológica, alguns dados mais extensos de geografia amazônica, certas particularidades a respeito da vida social da Amazônia e muitas descrições referentes à fauna. Foi esta edição que obteve maior sucesso, e que tem sido repetida algumas dezenas de vezes.⁹⁴ Depois da morte de Bates tiraram-se outras, populares, onde se fizeram amputações ainda maiores, cortando-se quase tudo que não interessasse diretamente ao leitor inglês, e por isso mesmo tais edições são quase sem interesse para o leitor brasileiro. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 10)

A colaboração de Mello-Leitão na Coleção «Brasiliana» deu-se não apenas no que toca à obra de Bates, mas estendeu-se a várias outras. Seguem-se as referências completas, por ordem crescente da data de publicação. No final de cada uma, entre

⁹⁴ Foi esta segunda edição que serviu de texto-fonte para a segunda tradução brasileira, de 1979.

colchetes, menciona-se a área a que pertence cada obra que se insere na Coleção, e decidimos incluir ainda a respectiva descrição, conforme apresentada no *site* Brasileira - UFRJ. As cinco primeiras obras são de Mello-Leitão como autor, a sexta é trabalho de tradutor e anotador.⁹⁵ No conjunto, provam o seu amplo conhecimento sobre viajantes estrangeiros no Brasil:

1. Mello-Leitão, Cândido de. *Visitantes do Primeiro Império*. Prefácio de Afonso de E. Taunay. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. (Coleção Brasileira, série V – vol. XXXII – Biblioteca Pedagógica Brasileira) [Área Viajantes].

Ao contrário do que o título do livro insinua, o período coberto pelo Autor é mais extenso, estendendo-se de 1815, antes, portanto, da Independência, a 1840, no final da Regência. Nesses 25 anos, esteve no Brasil um número expressivo de visitantes, a sua imensa maioria europeus, que incluía um contingente significativo de cientistas. O livro é organizado de acordo com o roteiro dos viajantes no país. A cidade do Rio de Janeiro destaca-se como o principal destino, sendo objeto de sete dos 11 capítulos que compõem a obra. Os restantes dizem respeito a Salvador e Recife, respectivamente segundo e terceiro maiores centros urbanos brasileiros à época, a Santa Catarina, à travessia oceânica e ao itinerário das diversas expedições.⁹⁶

2. Mello-Leitão, Cândido de. *O Brasil Visto pelos Ingleses*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. (Coleção Brasileira, série 5ª – vol.83 – Biblioteca Pedagógica Brasileira) [Área Viajantes].

Neste livro, o grande zoólogo brasileiro compila os textos de 15 dos mais conhecidos viajantes ingleses que percorreram o Brasil no século XIX. Inéditos em português na época da publicação do trabalho, muitos dos textos foram depois editados em nossa língua e constituem testemunhos originais sobre a realidade brasileira, por fixarem aspectos que passavam despercebidos aos observadores locais. Cândido de Melo Leitão é autor de outras quatro obras nesta coleção, além de tradutor e comentador de mais duas.⁹⁷

3. Mello-Leitão, Cândido de. *Zoo-geografia do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. (Coleção Brasileira, série 5ª – vol.77 – Biblioteca Pedagógica Brasileira) [Área Biologia].

Este trabalho pioneiro do naturalista do Museu Nacional, que permaneceu por muito tempo como o único do gênero publicado no país, tem como temas principais a distribuição da fauna pelo território brasileiro, a influência do homem sobre esta distribuição e a necessidade de cuidados com a conservação do meio ambiente. Dez anos depois, os avanços verificados no estudo e sistematização da matéria, levaram o cientista a lançar uma segunda edição do livro, revista e ampliada. Cândido de Melo Leitão é autor de outras quatro obras nesta coleção, além de tradutor e comentador de mais duas.⁹⁸

4. Mello-Leitão, Cândido de. *A Biologia no Brasil*. Prefácio de Edgard Roquette-Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Coleção Brasileira, série 5ª – vol.99 – Biblioteca Pedagógica Brasileira) [Área Biologia].

⁹⁵ Sublinhado nosso.

⁹⁶<http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/54/visitantes-do-primeiro-imperio>. Acesso em 29/01/2021.

⁹⁷<http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/38/o-brasil-visto-pelos-ingleses-viajantes-ingleses>. Acesso em 29/01/2021.

⁹⁸<http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/68/zoogeografia-do-brasil>. Acesso em 29/01/2021.

O autor, naturalista do Museu Nacional, apresenta neste livro uma história das ciências biológicas no Brasil, desde o Descobrimento até o século XX, detendo-se nas viagens e expedições científicas promovidas por estrangeiros em nosso país. São acompanhadas em particular a botânica, a zoologia, a antropologia, a anatomia e a fisiologia, além das questões ligadas ao meio ambiente e a instituições como os museus Nacional, Paraense Emílio Goeldi e Paulista. Cândido de Melo Leitão é autor de outras quatro obras nesta coleção, além de tradutor e comentador de mais duas.⁹⁹

5. Mello-Leitão, Cândido de. *Histórias das explorações científicas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Coleção Brasileira, série 2ª – vol.209 – Biblioteca Pedagógica Brasileira) [Área História da Ciência].

Nesta monografia sobre a história da ciência no Brasil, o conhecido pesquisador do Museu Nacional estuda as expedições que percorreram o país desde o descobrimento, buscando o conhecimento da costa, dos rios, do planalto, das fronteiras, do solo e das riquezas naturais, detendo-se em especial nas missões botânicas, zoológicas e etnológicas. Cândido de Melo Leitão é autor de outras quatro obras nesta coleção, além de tradutor e comentador de mais duas.¹⁰⁰

6. Carvajal, Gaspar; Alonso de Rojas; Cristóbal de Acuña. *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. Tradução e Notas de Cândido de Melo-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Coleção Brasileira, série 2ª – vol.203 – Biblioteca Pedagógica Brasileira). [Área Viajantes]

O volume reúne três relatos de viagem de autoria de padres espanhóis, descrevendo praticamente o mesmo roteiro com intervalo de um século. Carvajal desceu o Rio Amazonas, desde o Peru até o Pará, na expedição pioneira de Francisco Orellana, em 1542; o jesuíta Acuña relatou a viagem de Pedro Teixeira, empreendida a partir de Quito em 1639 para assegurar a posse de Portugal sobre a região, o mesmo deslocamento que é objeto do manuscrito de Rojas, de autoria duvidosa, publicado pela primeira vez em 1889. Cândido de Melo Leitão, responsável pela tradução, notas e simplificação dos textos originais, é autor de cinco outros volumes da Coleção Brasileira.¹⁰¹

Diferentemente do tradutor de Kidder (Vasconcelos), Mello-Leitão pronuncia-se sobre o seu labor tradutório em vários momentos de sua escrita, principalmente em notas. No prefácio do tradutor a *O Naturalista no Rio Amazonas*, diz:

A presente tradução é do livro de um Naturalista, anotado por outro naturalista.¹⁰² Nestas notas, feitas com muito cuidado e amor, para não desmerecer do valor da obra, procurei ser útil aos leitores mais curiosos, e raramente me aventurei a sair de minha seara. Procurei reduzi-las a um mínimo, e mesmo assim (contadas as do autor), foram a mais de quinhentas. Os que já tiveram de anotar um livro de ciência, mesmo de vulgarização científica, bem poderão aquilatar do que isto representa de trabalho e de pesquisa e certamente perdoarão alguns erros ou enganos que ainda tenham escapado. (Bates; Mello-Leitão, 1944: 10)

⁹⁹<http://brasiliandigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/78/a-biologia-no-brasil>
Acesso em 29/01/2021.

¹⁰⁰<http://brasiliandigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/6/historia-das-exploracoes-cientificas-no-brasil>. Acesso em 29/01/2021.

¹⁰¹<http://brasiliandigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/161/descobrimientos-do-rio-das-amazonas>
Acesso em 29/01/2021.

¹⁰² Sublinhados nossos.

Vale ressaltar a polidez e elegância do zoólogo Mello-Leitão ao empregar o termo naturalista, escrevendo-o de duas formas diferentes: utilizando letra maiúscula para reverenciar o autor (Bates) e em minúscula para se referir a si próprio. Percebemos também que o tradutor se preocupa em justificar a sua decisão de incluir um alargado número de notas de tradutor. Tratando-se de uma obra de vulgarização científica, norteou-o o princípio da utilidade e o melhor interesse do leitor.

Finalizada a apresentação do corpo editorial da primeira tradução de Bates, passamos à apresentação da tradutora brasileira da segunda tradução: **Regina Coeli Régis Junqueira** (1919-2008) [tradutora], que modificou o título original da obra de Bates (*The Naturalist on the River Amazons*) para Um¹⁰³ *Naturalista no Rio Amazonas*. De todos os tradutores que compõem o nosso *corpus*, Junqueira é a única que não exerceu qualquer outra profissão além da de tradutora. De acordo com Pinto (2015), Junqueira era filha de um diretor escolar e de uma professora de francês e nasceu em São João Nepomuceno, estado de Minas Gerais. Em casa encontrou o ambiente favorável ao desenvolvimento de suas aptidões para a escrita e para as línguas. Como auto-didata, aprendeu inglês, francês e espanhol, lendo os livros e jornais que integravam o material de trabalho de seus pais. Traduziu principalmente para as editoras Itatiaia e Civilização Brasileira. Foram quase quarenta anos de produção ininterrupta, durante os quais, além de literatura, traduziu também obras teóricas, artigos acadêmicos, biografias, prospectos científicos e manuais técnicos. “Seu método de trabalho se caracterizava pela pesquisa e pela dedicação intensa, noites a dentro debruçada sobre sua máquina de datilografia e seus dicionários. Não utilizava outras traduções como referência, e não lhe agradavam as traduções indiretas” (Pinto, 2015: 49).

Sobre a relação da Editora Itatiaia com seus tradutores, Pinto (*ibid*) diz que a indicação da obra era uma prerrogativa da editora, não uma escolha do(a) tradutor(a). Com relação a Junqueira, afirma que “apenas nos tempos de vacas gordas ela se dava o luxo de recusar algum trabalho menos interessante.” (*idem*) Sem dúvida, Junqueira se destaca na história da tradução em Minas, e diríamos na história da tradução do Brasil, por dois motivos: pelo volume impressionante de sua produção (de 1945 a 2006) e pela

¹⁰³ Sublinhado nosso.

relevância literária de muitas das obras que traduziu, de autores como Charles Perrault, John Fowles e os Irmãos Grimm. Junqueira fez várias adaptações de contos clássicos e traduziu obras de literatura de viagens, entre outras. Infelizmente, não produziu textos de reflexão sobre o ofício de traduzir. Com relação à obra de Bates, diferentemente de Mello-Leitão, tradutor da mesma obra para a «Brasiliana», que teve uma atuação de muita visibilidade e transparência, Junqueira se autoapaga em seu texto. Para a Itatiaia/Edusp, Coleção «Reconquista do Brasil», a tradutora verteu para o português do Brasil também os seguintes títulos:

Walsh, Robert.¹⁰⁴ *Notícias do Brasil – 1828-1829*. Tradução: Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1985 (Coleção Reconquista do Brasil - Nova Série - vol. 74).

Ribeiro, Berta Gleizer.¹⁰⁵ *Arte Indígena, linguagem visual – Indigenous art, visual language*. Tradução: Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989 (Coleção Reconquista do Brasil - 3ª série especial - vol. 9).

Assim como nas demais edições da «Reconquista do Brasil», não há na tradução da obra de Bates qualquer informação sobre a tradutora, Regina Régis Junqueira. Nesta edição existe apenas um pequeno comentário de Mário Guimarães Ferri (MGF), responsável pela apresentação do viajante e da sua obra, onde se diz: “A tradução de Dona Regina Junqueira é muito cuidadosa. Tive apenas que introduzir algumas modificações de ordem técnica e poucas notas de rodapé.” (Ferri, 1979: 10). O que temos a esclarecer em relação a esta declaração é que nem todas as notas de rodapé são de autoria de Ferri. Por exemplo, a nota referente ao termo *galegos* — “Naturais da Galícia, na Espanha, que se dedicam a esse comércio tanto em Lisboa e no Porto quanto no Pará.” (Ferri, 1979: 14) — é uma nota de Bates, que já havia sido traduzida por Mello-Leitão (1944: 41) e devidamente identificada como nota do autor na edição da «Brasiliana». O mesmo acontece com a nota da página 22/64,¹⁰⁶ sobre os *mestiços*. Em outros trechos do livro, percebemos que Ferri reproduz algumas notas do tradutor

¹⁰⁴ Robert Walsh (1772-1852). Médico e capelão, chegou ao Rio de Janeiro em outubro de 1828, aos 56 anos. Em sua obra intitulada *Notices of Brazil in 1828 and 1829*, publicada em 1830 e traduzida para o português em 1985 (*Notícias do Brasil: 1828-1892*), apresenta um breve resumo dos principais fatos que ocorreram desde o descobrimento do Brasil até ao momento de sua chegada.

¹⁰⁵ Berta Gleizer Ribeiro (1924-1977). Antropóloga e etnóloga romeno-brasileira, autoridade em cultura material dos povos indígenas do Brasil. Foi casada com o também antropólogo e ex-senador Darcy Ribeiro.

¹⁰⁶ Em todas as indicações duplas de páginas, entenda-se que a primeira é da edição da «Reconquista» (1979) e a segunda da «Brasiliana» (1944).

da edição da «Brasíliana» de forma resumida (págs. 35/102; 65/177, entre outras). Em todo o livro, encontramos apenas uma nota identificada como da autoria da tradutora Junqueira (1979: 41), a qual serve apenas para explicar que o termo *Pavão* está escrito em português no original (inglês).

No Capítulo II da presente tese, ao fazermos o cotejo, apresentaremos mais excertos explicitadores das estratégias utilizadas pelos referidos tradutores e da interferência dos anotadores e prefaciadores nas obras. Passamos agora à apresentação dos tradutores da narrativa de Wallace.

I.4.3. Textos de Wallace em tradução

Iniciamos com o recorte do portal da Brasília - UFRJ que mostra como a obra de Wallace é apresentada aos leitores na Coleção «Brasíliana»:

Publicado pela primeira vez em Londres em 1853, o relato da viagem de quatro anos (1848-1852) do cientista inglês pela Amazônia constitui um valioso estudo sobre o clima, a geologia, a biologia e os indígenas da região, incluindo aspectos sociais e costumes locais. Essa expedição ao Brasil foi a primeira de uma série de viagens e pesquisas de Wallace (1823-1913) que serviram de base para a formulação, em paralelo com Darwin, dos princípios da seleção natural e do evolucionismo.¹⁰⁷

Esta primeira tradução para português do Brasil, intitulada *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, foi feita por **Orlando Torres** (1894- 1946) [tradutor], brasileiro, folclorista. Não escreveu nenhuma nota, apenas traduziu algumas do autor do texto original, pelo que não se torna visível por via da anotação. A própria representação iconográfica do tradutor no *site* da Brasília - UFRJ, ao não informar sequer sobre as datas de nascimento e morte de Torres, conforme mostrado a seguir, constitui também uma instância de algum apagamento da figura do tradutor:

¹⁰⁷ <http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/114/viagem-pelo-amazonas-e-rio-negro>. Acesso em 29/01/2021.

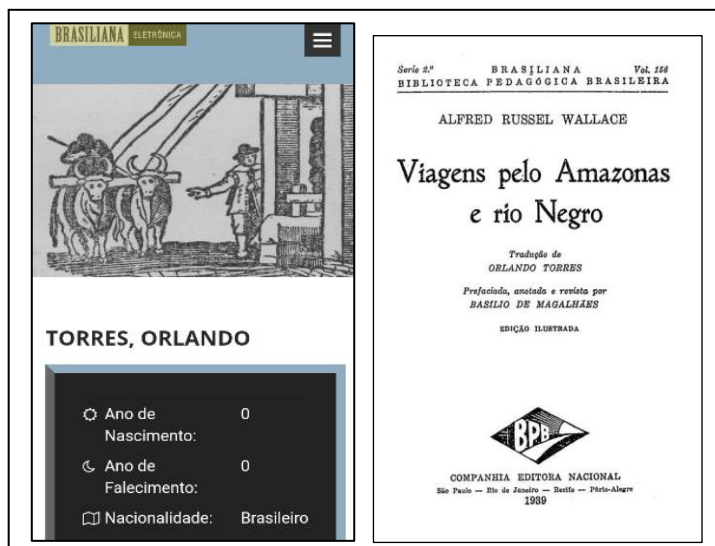


Figura 20

O trabalho de Torres foi complementado por **Basílio de Magalhães (1874-1957)** [prefaciador, anotador e revisor]. Brasileiro, historiador, folclorista, jornalista, professor, administrador, político, nasceu no Distrito de Barroso, município de Barbacena (Minas Gerais - MG), e faleceu em Lambari (MG), aos 83 anos. Os estudos a que mais se dedicou foram os de heurística e filologia. Falava várias línguas, inclusive indígenas. Está representado na Coleção «Brasiliana» também como autor:

1. Magalhães, Basílio de. *Expansão Geográfica do Brasil Colônia*. 2ª edição aumentada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935 (Coleção Brasiliana; série V – vol. XLV - Biblioteca Pedagógica Brasileira) [Área História].
2. Magalhães, Basílio de. *O Café na história, no folclore e nas belas artes*. Segunda Edição aumentada e melhorada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939 (Coleção Brasiliana; série 5ª – vol. 174 - Biblioteca Pedagógica Brasileira) [Área História].
3. Magalhães, Basílio de. *Estudos de História do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. (Coleção Brasiliana; série 5ª – vol. 171 - Biblioteca Pedagógica Brasileira) [Área História].

Sua participação como prefaciador, revisor e anotador da primeira tradução brasileira da obra de Wallace foi bem marcante. No entanto, algumas de suas notas foram criticadas quanto aos assuntos referentes às Ciências Naturais pelo tradutor, prefaciador e responsável pelas notas da obra de Bates, o naturalista Cândido de Mello-Leitão. Para este, as notas de História Natural escritas por Magalhães “são muitas delas defeituosas, o que é desculpável no Revisor da tradução que, sendo um grande Historiador, não é naturalista” (Mello-Leitão, 1944: 28). Em uma outra nota, Mello-

Leitão declara que “É de lamentar que a tradução do livro de Wallace tenha sido inçada de erros nas notas referentes à História Natural” (156).

O tradutor da obra de Wallace, intitulada em português *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro* e publicada na Coleção «Reconquista do Brasil», é **Eugenio Angelo Arreguy Amado** (1942-). Nascido em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, em 1942, é filho do tradutor Milton Amado (1913-1974).¹⁰⁸ Formado em Geografia, traduziu várias obras (as fábulas de La Fontaine, obras de Lewis Carroll, o Quixote de Avellaneda, textos de Darwin, etc.) para a Editora Itatiaia. Continuou a tradução, iniciada por seu pai, de *Viagem no Interior do Brasil. Empreendida nos Anos de 1817 a 1821 e Publicada por Ordem de Sua Majestade o Imperador da Áustria Francisco Primeiro* (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951), do viajante (geólogo, médico, botânico e desenhista) austríaco Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834). Eugenio Amado refere, em entrevista a Vieira e Cobelo (2010), que sua experiência nos idiomas inglês, francês e espanhol se restringe à língua escrita e se deve ao seu atrevimento e a muita leitura desde a época de estudante.¹⁰⁹

Mário Guimarães Ferri (1918-1997)¹¹⁰ [apresentação do autor, da obra e da coleção] declara a existência de uma tradução anterior: “Uma edição em português foi feita em 1939. É pouco conhecida esta edição”. E complementa: “Estamos certos de que a atual será bem recebida e divulgada em nosso País, pois a ele, mais do que a qualquer outro, interessa vivamente.” (Ferri, 1979: 10) Mas, mais uma vez, percebe-se a deselegância de Ferri ao omitir o nome da Coleção «Brasiliana», onde fora publicada a dita tradução de 1939. Esta primeira edição é até, provavelmente, mais conhecida hoje do que a de 1979, especialmente por estar disponibilizada na plataforma digital da Brasiliana - UFRJ.

Ainda nesta edição, **João Etienne Arreguy Filho** (1918-1997) [orelhas], brasileiro, jornalista, professor, tradutor, com formação em Direito e Letras Clássicas, fala da predominância de temas amazônicos na coleção nos seguintes termos: “a Amazônia, suas florestas, seus rios, sua fauna, tem intrigado, ou deixado estupefatos, ou apaixonados, os cronistas, os sábios, os meros viajantes, que desde o Século XVI a viram,

¹⁰⁸ Jornalista e tradutor, bastante elogiado pela tradução de *Dom Quixote* e do poema “The Raven” (“O Corvo”), de Poe.

¹⁰⁹ <http://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/57642> . Acesso em 27.06.2017.

¹¹⁰ Já apresentado anteriormente.

a amaram, sentiram seu mistério, previram seu futuro ou temeram pelo seu destino”. (Arreguy Filho, 1979 - orelhas). A edição do Senado Federal de 2004 é uma republicação mostrda de 1939.

I.4.4. Textos do casal Agassiz em tradução

O tradutor, **Edgar Süssekind de Mendonça** (1896-1958) [tradução e notas], tal como os outros agentes que temos vindo a apresentar, é brasileiro. Foi Técnico em Educação, com formação em Belas-Artes, e um dos fundadores da Associação Brasileira de Educação e da *Revista Brasileira de Educação*. Para a Coleção «Brasiliana» traduziu, além da obra do casal Agassiz, a de Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied: *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*. Tradução de Edgard Süssekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. Refundida e anotada por Olivério Mário de Oliveira Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. (Coleção Brasiliana; série 5ª – vol. 1 GF¹¹¹ - Biblioteca Pedagógica Brasileira); e a obra do grande geólogo norte-americano Charles Frederick Hartt, intitulada *Geologia e Geografia Física do Brasil*. Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Elias Dolianiti. Introdução de E. Roquette-Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941 (Coleção Brasiliana; série 5ª –vol. 200 - Biblioteca Pedagógica Brasileira), sobre a qual escreve Roquette-Pinto:

O grande livro de Hartt foi publicado em Boston, 1870. Era atualmente raridade bibliográfica. Esta edição, entregue ao cuidado e a capacidade de Edgard Süssekind de Mendonça, há de ser uma alegria para os amigos da natureza brasileira e para os admiradores do sábio fundador da nossa geologia. [...] Este volume da Coleção Brasiliana da Companhia Editora Nacional, tem para mim um sentido próprio, muito pessoal. É que nele vejo associados os nomes do autor — mestre da minha mocidade e do tradutor — discípulo dos mais queridos, nos meus antigos tempos.¹¹² Vejo, destarte, aí, um delicioso marco da existência. (Roquette-Pinto, 1941: 3-4)

Mendonça também foi responsável pela revisão e notas dos dois volumes de *O Brasil e os Brasileiros: esboço histórico e descritivo*, de Kidder e Fletcher, 1941, obra já

¹¹¹ Grande Formato.

¹¹² Sublinhados nossos.

atrás apresentada. O quadro a seguir comprova a participação de Mendonça¹¹³, como tradutor de várias obras, como mostra a *Brasiliانا* - UFRJ:



Figura 21

Não conseguimos que o nome de Edgar Sússekind de Mendonça aparecesse legível na imagem acima apresentada, e isso se deve ao fato de a termos recortado tal qual aparece na página da *Brasiliانا* eletrônica – UFRJ. Houve uma falha por parte do portal, nesta amostra, por não ter incluído a obra do casal Agassiz, *Viagem ao Brasil – 1864-1865*, a qual ele traduziu e anotou.

Apesar de não ter formulado explicitamente pensamento sobre o ofício de traduzir, Mendonça mostrou-se bastante visível através de suas 197 notas dirigidas ao público-leitor, nas quais fornece informações bastante esclarecedoras sobre aspectos históricos, biobibliográficos, e de cunho científico, entre outras. A título exemplificativo, reproduzimos a seguir a nota em que atualiza a atribuição do termo “fluminense” referido na nota da tradução francesa:

¹¹³ <http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/tradutores/15/mendonca-edgard-sussekind-de>. Acesso em 01/02/2021.

53¹¹⁴Fluminenses (de *flumen, fluminis*, rio) habitantes do Rio de Janeiro (Nota da trad. francesa)*. * Depois da República, quando o então Município-Neuro (hoje Distrito Federal) passou a não fazer parte do atual Estado do Rio de Janeiro, só aos naturais desse Estado cabe agora a designação de fluminenses. (Nota do tr.) (Agassiz; Mendonça, 1938:103)¹¹⁵

A segunda tradução brasileira da obra dos Agassiz, surgiu exatamente trinta e sete anos após a primeira. Desta vez, veio a lume na Coleção «Reconquista do Brasil» e teve como tradutor **João Etienne de Arreguy Filho**¹¹⁶ (1918-1997) [tradutor], brasileiro, professor, ator, diretor, escritor e jornalista. Mário Guimarães Ferri (1975: 5-7),¹¹⁷ que faz a apresentação do autor, da obra e da coleção, diz que João Etienne Filho, natural de Caratinga (MG), fez toda a sua formação, do primário ao superior (curso de Direito e de Letras Clássicas), em Minas Gerais (Brasil). Exerceu o magistério superior, ocupando diversas posições em instituições mineiras. Fez traduções de originais em inglês e francês, desenvolveu atividade jornalística, proferiu inúmeras conferências no campo das Letras e foi Membro da Academia Mineira de Letras, entre outras atividades. Das inúmeras obras que publicou, destacam-se os livros de poesia “Dia e Noite” (1947) e “As desesperanças” (1957).¹¹⁸ Ferri tece muitos elogios ao tradutor: “com tal currículo, não é de admirar que a tradução feita por João Etienne Arreguy Filho, do livro de Agassiz, seja de excepcional qualidade.” (Ferri: 7) Declara também que procurou “trazer esclarecimentos e informação visando a atualizar conhecimentos que, com o decurso do tempo, especialmente em assuntos de ordem taxonômica, sofrem modificações.” (*Op. cit.*).

Etienne Filho, como a maioria dos tradutores aqui estudados, não explicita sua abordagem tradutória. Mais uma vez, percebemos semelhanças entre traduções da «Brasiliana» e da «Reconquista» e os reiterados elogios de Ferri aos tradutores da Coleção «Reconquista do Brasil”, sem justificar contudo em suas notas em que reside a

¹¹⁴ Nota de Vogelli, seguida da *Nota de Mendonça.

¹¹⁵<http://brasilianadigital.com.br/obras/viagem-ao-brasil-1865-1866/pagina/103>. Acesso em 01/02/2021.

¹¹⁶ Notamos que na Coleção «Reconquista do Brasil» João Etienne Arreguy Filho é apresentado de duas formas diferentes nas edições em que participou. Em algumas a assinatura aparece como João Etienne Filho, em outras, como Arreguy Filho.

¹¹⁷ Mário Guimarães Ferri era o presidente da Editora da Universidade de São Paulo, responsável pela apresentação de várias obras na Coleção «Reconquista do Brasil».

¹¹⁸Fonte:<https://www.bheventos.com.br/noticia/06-13-2017-academia-mineira-de-letras-realizapalestra-vingte-anos-sem-o-academico-joao-etienne-arreguy-filho-com-a-jornalista-clara-arreguy>. Acesso em 30 de junho de 2017.

qualidade das traduções desta coleção. Se compararmos bem as duas traduções da obra dos Agassiz (a de Mendonça, 1938, e a de Etienne Filho, 1975), poucas diferenças encontraremos. Na verdade, como já apontou Rodrigues (2014), esta última é a tradução de Mendonça revista, ou seja, apenas uma atualização da tradução da «Brasileira». Rodrigues acrescenta: “Não avalio que o trabalho de reescrita, ou a “atualização” feita por João Etienne Filho descaracterize a obra de Edgar Süsssekind de Mendonça. Mas não a modifica o suficiente para ser possível afirmar que se trata de uma nova tradução.” (141). Estamos plenamente de acordo com as duas afirmativas e também quando Rodrigues afirma que não há pistas de quem promoveu o silenciamento de Mendonça na edição da «Reconquista», por não terem sinalizado a existência de uma tradução anterior na apresentação da obra, assinada por Ferri, e em nenhuma outra parte da edição. Faltam-nos dados para apurar os motivos para este e outros “apagamentos” de referências a traduções anteriores, como temos vindo a assinalar, e que poderão ter resultado de políticas editoriais, posicionamentos ideológicos, ou outros.

Por outro lado, haveremos de contrapor Rodrigues quando afirma que a edição da Reconquista “se configura como outra, pois nelas as notas são diferentes das publicadas na Brasileira.” (140). Primeiramente, quando aquela investigadora diz notas, pode-se inferir que sejam do autor, do tradutor da edição francesa, e/ou do tradutor da primeira tradução brasileira. Porém, apresentamos uma nota do autor (NA) traduzida por Mendonça que aparece transcrita na tradução de Etienne Filho sem qualquer alteração:

Lendo os relatórios das explorações do Gulf-Stream empreendidas e continuadas durante longos anos pelo Coast-Survey, assim como as instruções dadas aos oficiais encarregados desses trabalhos pelo doutor A. D. Bache, superintendente da Comissão, é impossível deixar de reconhecer que inteligência larga e penetrante, que enérgica perseverança demonstrou o homem que dirigiu esse setor dos nossos trabalhos públicos. Resultou dessas explorações um minucioso estudo da corrente, principalmente da parte que costeia os Estados Unidos. Puderam-se assim determinar “cortes” que dão a conhecer a temperatura até uma grande profundidade, as relações entre as águas frias e quentes, o relevo do fundo do oceano, certos fatos relativos à direção e à força da corrente, a densidade e a cor das águas, as produções animais e vegetais que encerram, etc. NA (Agassiz/Mendonça, 2000[1938]: 28) (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 22)

Outras situações de notas idênticas encontram-se explicitadas no quadro a seguir, com as seguintes marcações – NT (nota do tradutor); NA (nota do autor) e NTF (nota da tradução francesa):

Notas idênticas nas traduções de Agassiz			
Tema / Tipo de Nota	Nº nota (Pág.) «Brasiliana»	Nº nota (Pág.) «Reconquista»	Assunto
3ª palestra - NA	8 (27)	4 (22)	Correntes oceânicas; circulação.
3ª palestra - NA	9 (28)	5 (22)	Correntes oceânicas; força da corrente.
4ª palestra - NA	14 (34)	8 (27)	Colinas em Santarém
14ª palestra - NA	31 (56)	17 (40)	Reprodução das medusas
A alfândega - NA	34 (64)	1 (43)	Residência de inverso do Imperador
4ª palestra - NT	12 (36)	7 (27)	Referência à obra de Bates
Passeio na floresta da Imperatriz - NT	58 (94)	23 (64)	Palavra “flor” em português no TP
Excursão na estrada de ferro D. Pedro II - NTF	38 (71)	4 (48)	Significado de chácaras
Desejo de instruir os filhos – NTF	103 (190)	7 (123)	Desejo do índio satisfeito

Quadro 2

Em 2000, o Senado Federal Brasileiro publicou uma nova edição da primeira tradução de 1938, como parte da Coleção «O Brasil Visto por Estrangeiros». Esta edição foi-nos de muita utilidade no período em que o *site* da Brasiliana - UFRJ esteve inacessível ao público, pois conseguimos rever os excertos da «Brasiliana» através da reedição do Senado e, desta forma, fazer algumas correções que se apresentaram durante a revisão da tese.

Capítulo II – Dos textos de partida aos textos de chegada

II.1. Cotejo entre originais e traduções: estudo descritivo

Antes de iniciarmos o estudo descritivo, torna-se necessário explicitarmos o modo como faremos o cotejo. A seleção dos excertos dos relatos, das notas, dos paratextos em geral segue o critério de interesse já enunciado ao longo do trabalho: evidenciar as imagens criadas pelos autores dos TP sobre a região e o povo da Amazônia do século XIX e perpetuadas, ou não, pelos tradutores brasileiros no século XX. Tivemos o cuidado de quantificar as notas de todas as obras que compõem o nosso *corpus*, fossem elas traduzidas do TP ou escritas pelo tradutor e pelos anotadores/apresentadores dos TC. Essa quantificação foi necessária para que pudéssemos avaliar a visibilidade ou apagamento dos tradutores e para percebermos quais notas serviriam para esclarecer alguns possíveis equívocos cometidos pelos autores, ou mesmo pelos próprios tradutores. A partir dessa análise quantitativa, passámos à qualitativa, quer as notas fossem de cunho científico, histórico, biobibliográfico, cultural ou linguístico. Somente após essa triagem preliminar pudemos estabelecer parâmetros para traçar o perfil de cada autor e, conseqüentemente, de cada tradutor. Ao longo deste capítulo, e a cada inserção de temas que precedem os excertos, a intenção é mostrar fatos e opiniões expressos por todos os participantes do processo tradutório, sejam escritores, reescretores, editores, etc. Como bem definiu Lefevere, a tradução é uma forma de reescrita capaz de gerar imagens:

In the past, as in the present, rewriters created images of a writer, a work, a period, a genre, sometimes even a whole literature. These images existed side by side with the realities they competed with, but the images always tended to reach more people than the corresponding realities did, and they most certainly do so now. (1992: 5)

Buscamos igualmente o ponto de vista de especialistas em escrita de viagem, entre os quais destacamos Rodrigues (2018, 2015, 2014, 2012, 2011, 2010, 2008), França (2014, 2012), Machado (2010) e Sousa (2009, 2004), cujos trabalhos serviram

para corroborar algumas de nossas opiniões, e que serão referenciados em vários momentos da nossa tese.

Uma vez que o foco de nosso trabalho incide sobre a tradução de narrativas de viagem, começemos por refletir sobre a difícil tarefa de traduzir. Como diz Bassnett, traduzir é um processo linguístico complexo:

The assumption that translation is a straightforward process has also meant that the role played by the translator has been relatively unimportant. If translation merely involves knowledge of two languages, then the task of the translator is one that can be carried out by anyone with a modicum of linguistic expertise and training. (2014: 2)

Tal complexidade deriva das diferenças entre as línguas, as quais exigem do tradutor um elaborado trabalho de interpretação do TP com vista à sua reformulação na LC. Continua Bassnett:

Far from being a straightforward process of linguistic transfer, translation involves complex negotiation between languages. No two languages share the same structures, syntax and vocabulary, so adjustments always have to be made to accommodate the black holes that yawn when there is no equivalent in the **target language** for a word or an idea expressed in the **source language**.¹¹⁹ Anyone who has ever translated anything understand this; languages are never identical, hence no translation can ever be the same as the original. This means that the translator has to engage in both interpretation of the source and reformulation in another language. (2-3)

Ao iniciar a introdução do livro *Quase a mesma coisa* (2014: 9)¹²⁰ com a pergunta “O que quer dizer traduzir?”, Umberto Eco também nos desafia a refletir sobre o que isso significa, ao mesmo tempo que revela que “a primeira e consoladora resposta gostaria de ser: dizer quase a mesma coisa em outra língua”. Esta poderia ser uma definição do ato de traduzir; e se às vezes encontramos dificuldade em parafrasear, explicar ou reformular algo na nossa própria língua materna, é fácil presumir que em uma língua estrangeira seja ainda mais difícil. Para além de procurar definir o que é tradução, Eco afirma ser necessário repetir que “muitos conceitos circulantes em tradutologia (equivalência, aderência ao escopo, fidelidade ou iniciativa do tradutor) colocam-se para mim sob o signo da *negociação*” (18),¹²¹ termo este que Bassnett

¹¹⁹ Negritos da autora.

¹²⁰ Título da tradução brasileira. No original: *Dire quasi la stessa cosa. Esperienze di traduzione* (2003).

¹²¹ Itálico do autor.

também aplica na sua reflexão sobre o ato de traduzir, como se pode ver na citação acima transcrita. Independentemente do quão fluentes possamos ser em ambas as línguas — de partida e de chegada —, há que reconhecer a complexidade da atividade tradutória, a qual envolve aspectos linguísticos e extra-linguísticos, nomeadamente de ordem cultural. Sabemos que traduzir não é só descodificar o que foi dito numa língua e recodificá-lo noutra, pois tal processo de descodificação e recodificação tem de ter em conta que se traduz de uma cultura para outra.

No caso das narrativas aqui estudadas, há uma particularidade que interfere substancialmente no modo de fazermos a análise do *corpus*: o fato de o Outro no texto de partida ser o Mesmo dos consumidores dos textos de chegada. Tal circunstância torna a tarefa do tradutor singular e pode gerar uma necessidade de interferir, realçando certos aspectos, fazendo observações, correções, acrescentamentos, enfim, usando estratégias domesticadoras, a fim de evitar o estranhamento do leitor em relação a alguns trechos da obra. Ou seja, dado que as narrativas de viagem em estudo têm como assunto a realidade brasileira, esse Outro com que o tradutor brasileiro se identifica pode colocá-lo perante desafios de tradução especiais.

Ao traduzir estes textos, o tradutor confrontou-se com uma grande diversidade de áreas e temas relacionados com as expedições científicas na Amazônia e também com uma variada tipologia textual, nomeadamente diários e correspondência pessoal. Segundo Ferreira, estes “são documentos que possuem importante papel no processo de transferência da informação, tanto nos séculos mais remotos da história da ciência, quanto nos períodos mais recentes da produção de conhecimento científico.” (2004: 72). Ferreira prossegue:

Os diários redigidos pelos viajantes e naturalistas eram mais ricamente detalhados se comparados às publicações impressas que eram lançadas no circuito editorial. Descrições pormenorizadas dos seres, das coisas, dos costumes dos povos, dos sentimentos e das inquietações intelectuais em campo são apenas alguns dentre os conteúdos possíveis desses diários, enquanto registros primeiros, porém pouco sistematizados, do contato dos viajantes/naturalistas com o mundo observado. (*idem*)

Um outro fator a ser considerado é o tamanho do Brasil. Por ser um país formado por um extenso território, obviamente apresenta diversidades climáticas, econômicas, sociais, culturais e linguísticas entre as suas regiões. O tradutor com a incumbência de

traduzir uma obra de um viajante que percorreu o país de norte a sul, poderá ver-se na necessidade de pesquisar sobre as peculiaridades de cada local, suas tradições e, conseqüentemente, os modos de expressar de cada região, para evitar a disseminação de generalizações, mal-entendidos e erros. Com relação a trechos e termos de cariz científico, entendemos que exigem por parte do tradutor um conhecimento da área de especialidade, pois, como pudemos perceber, os tradutores que possuíam a mesma formação científica dos autores desempenhavam com mais competência essa tarefa. Quanto a este fato, ao compararmos a tradução de Mello-Leitão, tradutor de Bates, e também naturalista, com a tradução de Junqueira, percebemos que sempre que Bates usa algum termo científico, Mello-Leitão apresenta os termos equivalentes em português e também utiliza notas para fins de explicitação ou acrescentamentos. Rodrigues afirma que as escolhas de Mello-Leitão “em geral, seguem a linha da construção de um Naturalista.” (2011: 293) e oferece-nos alguns exemplos que justificam tal constatação, como o que se segue:

Por exemplo, quando Bates informa que avistou papa-moscas [*flycatchers*, p. 14], pisco [p. 14], e carriças [*wrens*, p. 14], lê-se na nota, que cada pássaro não “não tem representantes no Brasil” (BATES, 1944, p. 42). Na tradução de Junqueira, “papa-moscas”, “tentilhões” e “carriças” são mencionados sem qualquer observação (BATES, 1979, p. 15). No entanto, quando Bates observa uma *scarlet ibis*, que tem como referente o nosso guará, e é como Mello-Leitão traduz, Junqueira preserva a estrutura do sintagma em inglês e o traduz como “íbis escarlate” (p. 87).¹²² (Rodrigues, 2011: 290)

Ao analisarmos um dos trechos em que a naturalista Elizabeth Agassiz registra para o seu público-leitor uma peculiaridade do falar amazônico, nomeadamente um dito popular sobre a bebida mais típica do Pará — o açaí —, percebemos a dificuldade do tradutor em construir a rima e em transmitir o simbolismo presente nas entrelinhas. O dito popular utilizado pelos habitantes do Pará “Quem foi ao Pará, parou. Tomou/Bebeu açaí, ficou.”, foi traduzido das seguintes formas pela própria Elizabeth Agassiz e pelo tradutor francês a partir do original inglês.

Who visits Pará is glad to stay,
Who drinks Assaí goes never away.
(Agassiz: 1868 [1867]:140)

¹²² Aqui Rodrigues se refere à pág. 87 da tradução de Bates, por Junqueira em 1979.

Qui visite Pará A regret s'en ira;
Mais qui l'assahy boira Jamais ne partira!
(Agassiz/Vogeli, 1869: 154)

Os tradutores brasileiros, ao retraduzi-lo para português, produziram as seguintes versões:

Quem vai ao Pará,
parou...
Bebeu açaí,
ficou.
(Agassiz/Mendonça, 1938: 188)

Quem visita o Pará,
Com pesar partirá.
Mas bebendo o açaí,
Nunca mais sai daqui.
(Agassiz/Etienne Filho, 1975: 101)

Buscando, mais uma vez, as sábias palavras de Eco, diríamos que: “Pode-se perceber como é difícil dizer qual é *a coisa*¹²³ que um texto quer transmitir, e como transmiti-la.” (2014: 10). E é por isso que “Dizer a mesma coisa é um procedimento que se coloca, como veremos, sob o signo da negociação.” (11) — sob o signo da opção e da intenção de cada tradutor.

Retomaremos estes aspectos em II.2, ao falarmos sobre as estratégias dos tradutores, mas, voltando ao excerto acima transcrito, gostaríamos de acrescentar que se trata de um dito muito popular, amplamente utilizado até nos dias atuais, quer seja de forma cantada ou recitada. A autoria deste provérbio é atribuída ao padre jesuíta João Daniel (1722-1776), que exerceu a sua ação na Amazônia no séc. XVIII (entre os anos de 1741-1757). Segundo Leandro Tocantins, é o próprio “João Daniel quem registra pela primeira vez, ou, quem sabe cria (imaginoso como era) o dito hoje popular...” (1975: 23). É possível que Mendonça (1938), tradutor de Agassiz para a «Brasiliana», tenha tido acesso a alguma publicação sobre o Pará, ou talvez pesquisado sobre esse provérbio, por isso, em vez de traduzi-lo literalmente, preferiu escolher a versão que à

¹²³ Itálico do autor.

altura já estava consagrada pelos paraenses e que representava muito bem a cultura local. A tradução de Agassiz por Etienne Filho (1975), por sua vez, seguiu bem de perto a versão francesa do provérbio e, apesar de essa tradução ter sido fiel ao texto-fonte, soou, e ainda soa, bastante estranha aos paraenses. O estranhamento na tradução de Etienne Filho resulta de se ter perdido a formulação original em forma de provérbio.

Pym (2013) chama a atenção para o fato de que “nem tudo que encontramos nos textos de partida é sempre ‘natural e comum’ (32), o que permite refletirmos sobre a capacidade que o tradutor tem para fazer ajustes culturais, como fez Mendonça ao se apropriar do sentido original, oriundo não do TP mas do dito popular da cultura de chegada.

Pym também explicita que “Por vezes, o valor encontra-se ao nível da forma (duas palavras traduzidas por duas palavras); outras vezes, ao nível da referência (a sexta-feira é sempre o dia anterior ao sábado); e muitas outras vezes ao nível da função (a função de azar do dia 13/ da sexta-feira 13) (30). E reitera que “a equivalência não precisa de dizer exatamente que tipo de valor é supostamente equivalente em cada caso, mas apenas que é possível alcançar um valor equivalente a, pelo menos, um dos níveis.” (30). Em resumo, “a única coisa de que se precisa em qualquer língua de chegada é o termo comum que corresponde a essa mesma noção. Uma expressão comum numa língua deve corresponder a uma expressão comum na outra.” (32)

No trecho do provérbio sobre o açaí, verificamos que a tradução de Etienne Filho se enquadra mais ao nível da forma, pois o tradutor procurou utilizar um número aproximado de palavras correspondentes nas duas línguas. No entanto, esta tradução é mais inteligível para o público estrangeiro, ou para brasileiros que, durante uma visita ao Pará, não tenham a oportunidade de ouvir o provérbio em forma de *slogan* ou canção em apresentações culturais. Este é um exemplo de equivalência na qual uma expressão linguística local foi traduzida de duas formas diferentes nos TP (inglês e francês), assim como nos TC. A primeira tradução utilizou as expressões próprias da cultura de chegada, enquanto a segunda fez uso de literalidade e fidelidade ao TP.

Independentemente das escolhas de cada tradutor (Mendonça ou Etienne Filho), valorizamos as propostas de ambos; cada um, a seu modo, recriou o sentido da expressão do texto-fonte, contribuindo para a caracterização da identidade cultural e

linguística do povo paraense. Por isso, compartilhamos as palavras de Rodrigues que complementam o que dissemos:

Os Estudos da Tradução contemporâneos têm evidenciado que a tradução não é uma relação pacífica entre o doméstico e o estrangeiro, nem uma simples recuperação dos significados depositados no texto por um autor. Pelo contrário, é uma atividade eminentemente produtora de significados e tem o poder de formar identidades culturais, de construir o estrangeiro. Por meio da tradução pode-se acolher o outro, buscar assimilá-lo ou neutralizá-lo. (Rodrigues, 2011: 282)

Nesta primeira parte do cotejo, voltamos aos autores relacionando-os com as respectivas estadas no Brasil. Depois, introduziremos pequenos trechos relativos às expectativas que antecederam a chegada dos viajantes ao Brasil, e/ou às suas primeiras impressões, bem como à forma como foram recebidos, principalmente com o objetivo de compará-las com as impressões finais, para verificarmos se as imagens do Outro por alguns construídas antes mesmo de suas chegadas ao Brasil se confirmaram, ou se revelaram diferentes após o convívio com a cultura local. Quando necessário, recorreremos a paratextos, como notas e prefácios, que esclareçam ou evidenciem particularidades/singularidades do povo, bem como os que apresentem os objetivos dos relatos. Os títulos das obras que compõem nosso *corpus* estarão sempre grafados em itálico. Finalizaremos a apreciação de cada obra com um quadro que resume o conteúdo dos volumes (TP e TC). A sequência estabelecida é a seguinte: iniciaremos com o casal Agassiz, tendo em conta aqui também algumas passagens do diário de William James, nas quais ressaltam divergências de opinião entre os dois integrantes da Expedição Thayer (Louis Agassiz e William James); seguem-se Bates e Wallace, que viajaram juntos para o Brasil; e, por fim, os pastores Kidder e Fletcher.

A descrição das obras será acompanhada de imagens ilustrativas das características dos volumes (capas, folhas de rosto, algumas ilustrações referentes ao cenário amazônico, etc.) e dos meios digitais utilizados na pesquisa. A fim de evitar que o trabalho se torne repetitivo, e por serem as fontes editoriais as mesmas de todos os volumes, acreditamos não ser necessário repetir as mesmas sequências de ilustrações em todos os autores. Sendo assim, na primeira apresentação – casal Agassiz –, todos os paratextos de apresentação das edições serão mostrados, desde capa, folha de rosto, dados catalográficos, assim como a forma como a obra e seus autores surgem nos *sites*

consultados, nomeadamente o da Brasileira Eletrônica – UFRJ,¹²⁴ o da livraria do Senado Federal¹²⁵ e o do Sistema Integrado de Bibliotecas da USP,¹²⁶ no qual se encontram a Brasileira Digital da Universidade de São Paulo (Biblioteca Brasileira Guida e José Mindlin) e a Biblioteca Digital de Obras Raras, entre outras. Ao continuarmos a descrição dos demais autores, reduziremos o número de imagens. Decidimos também introduzir cada obra e/ou seus autores com um subtítulo que represente, em linhas gerais, o tópico que nos mereceu particular atenção.

As referências completas das obras consultadas encontram-se na Bibliografia final; quando necessário utilizaremos notas de rodapé para identificar os locais de onde as ilustrações foram retiradas.

II.1.1. Elizabeth e Louis Agassiz: a Expedição Thayer e a questão da raça e miscigenação

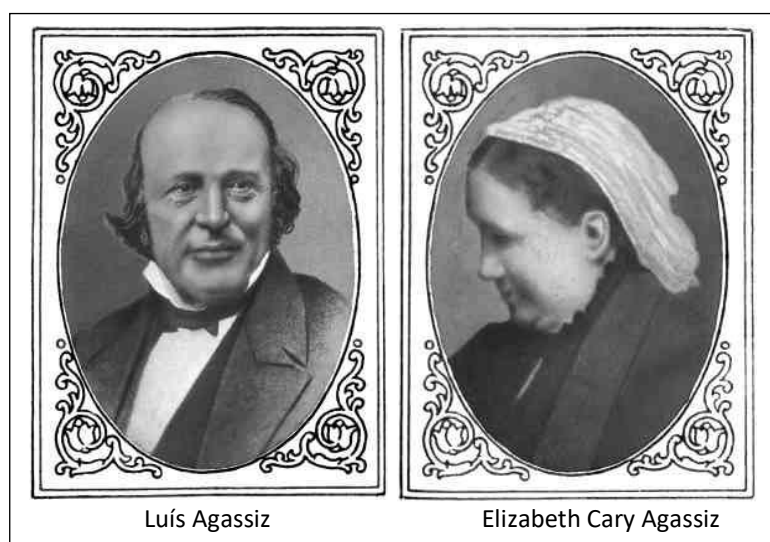


Figura 22¹²⁷

Viagem ao Brasil (1865-1866) é o título das duas versões em português do Brasil, publicadas respectivamente nas coleções «Brasileira», 1938, e «Reconquista», 1975, cujo original, *A Journey in Brazil*, foi publicado em 1867 em Boston e Nova Iorque. Narra a viagem idealizada por Louis Agassiz (1807-1873), que no correr do inverno de 1864-

¹²⁴ Brasileira Eletrônica UFRJ | Muito além do PDF (brasilianadigital.com.br). Acesso em 02/02/2021.

¹²⁵ <http://livraria.senado.leg.br/>

¹²⁶ <https://www.sibi.usp.br/bibliotecas/>

¹²⁷ Agassiz/Mendonça, 2000: 8-9.

1865 recebeu recomendação médica para abandonar todo o trabalho e mudar de clima por estar com sua saúde abalada. Acompanhou-o sua mulher, Elizabeth Agassiz (1822-1907).

Em 1863, Elizabeth Agassiz ajudou seu marido Louis Agassiz a organizar e gerenciar a Expedição Thayer ao Brasil, que ocorreu no período de 1865 a 1866. Participou efetivamente das atividades da referida expedição e foi a principal autora da obra, registrando atividades de cunho científico — ao transcrever as palestras de seu marido — e anotando cuidadosamente as demais experiências vivenciadas no Brasil. Como já foi referido, Louis Agassiz, suíço naturalizado americano, casou-se em 1850 com Elizabeth, natural de Boston, após a morte de sua primeira esposa. Elizabeth tornou-se conhecida como naturalista e escritora e destacou-se como grande incentivadora da educação das mulheres:

From 1855 to 1863 in their Cambridge home, Elizabeth Agassiz conducted a school for girls, which, in addition to providing a needed supplement to the family income, was a pioneering effort in women's education. [...] From the time of her first husband's death she had been interested in the idea of a college for women to be taught by the Harvard University faculty; a coordinate college would give women access to educational resources once reserved for men. In 1879 she helped open the "Harvard Annex" in Cambridge and was named president when it was incorporated as the Society for the Collegiate Instruction of Women. In 1894 the college was named Radcliffe¹²⁸ in honour of Ann Radcliffe, founder of the first Harvard scholarship (1643), and was formally linked to Harvard University. Elizabeth Agassiz remained president of the college from 1882 to 1903.¹²⁹

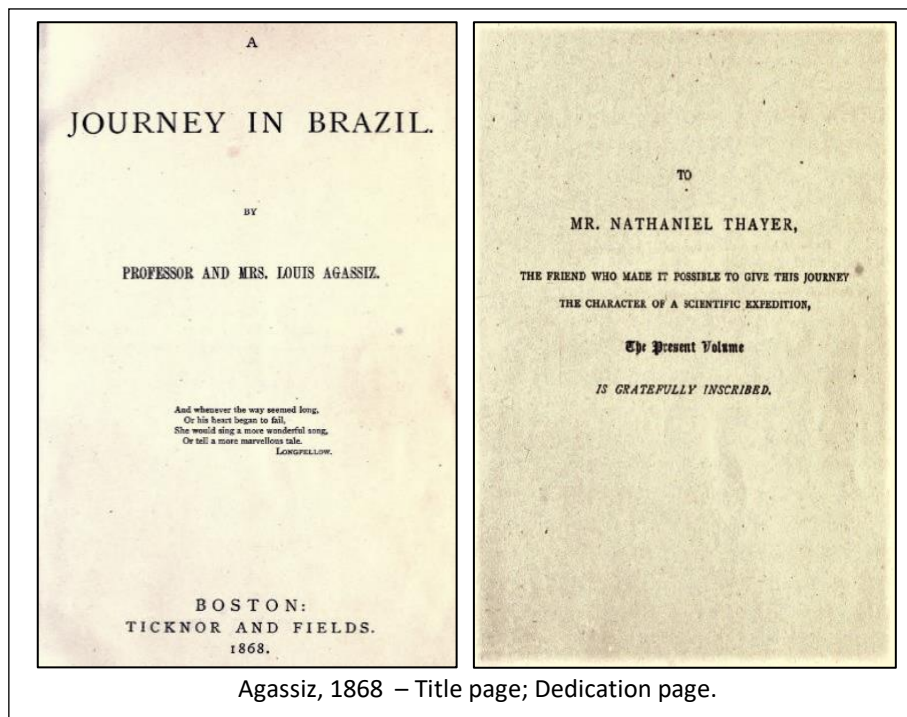
Os integrantes da expedição saíram de Nova Iorque em 1 de abril de 1865, desembarcaram no Rio em 24 de abril do mesmo ano, chegaram ao Pará em 11 de agosto de 1865 e ficaram até ao início de setembro. Voltaram ao Pará em meados de janeiro do ano seguinte, chegaram a Belém (então referida como Cidade do Pará) em 4 de fevereiro e partiram de volta para os EUA em 2 de julho de 1866. Os relatos, que deram grande destaque à atividade científica na Amazônia, serviram para reforçar as estratégias de legitimação das teorias desenvolvidas por Louis Agassiz, de cariz racial e

¹²⁸ O campus de Radcliffe funciona agora como um instituto de pesquisa de pós-graduação de Harvard, o Radcliffe Institute for Advanced Study, em Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos da América.

¹²⁹ <https://www.britannica.com/biography/Elizabeth-Cabot-Agassiz>;
<https://www.radcliffe.harvard.edu/elizabeth-cary-agassiz> . Acessos em 05.07.2016.

biogeográfico. A parceria do casal Agassiz era tanto de natureza pessoal quanto acadêmico-profissional, pois Elizabeth, além de organizar as tarefas domésticas e cuidar das finanças, trabalhava juntamente com o marido em suas pesquisas, ao mesmo tempo que ajudava a criar/educar seus três filhos de criação, Alexander, Ida e Pauline, frutos do primeiro matrimônio de Louis Agassiz. Com eles estabeleceu Elizabeth, que não teve filhos biológicos, fortes relações.

A obra *A Journey in Brazil* foi publicada primeiramente em língua inglesa, em 1867. Um ano depois, houve uma reimpressão e, em 1869, surgiu a edição em francês. Ambas as traduções brasileiras foram feitas a partir da tradução francesa, sendo pois traduções indiretas. Dos volumes em inglês e francês consultados em nosso estudo reproduzimos as seguintes imagens:



Agassiz, 1868 – Title page; Dedication page.

Figura 23

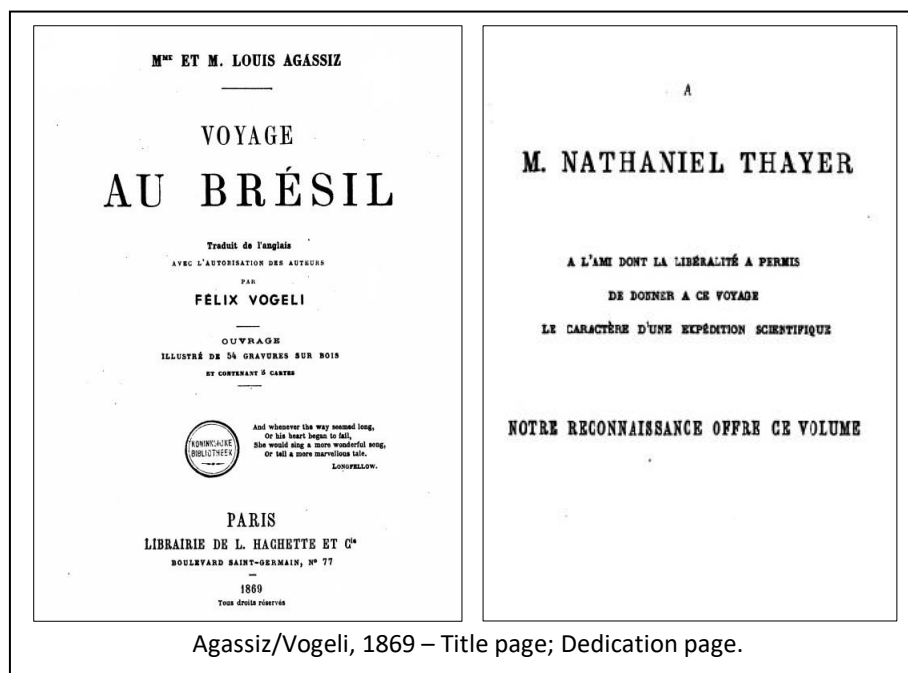


Figura 24

Em ambas as edições, TP e tradução francesa, após a folha de rosto encontra-se a página da dedicatória ao Sr. Nathaniel Thayer: “To MR. NATHANIEL THAYER, the friend who made it possible to give this journey the character of a scientific expedition, the present volume is gratefully inscribed.” (Agassiz, 1868: Dedication Page), que foi traduzida de forma idêntica nas duas coleções: “Ao Sr. Nathaniel Thayer, ao amigo cuja generosidade permitiu dar a esta viagem o caráter de uma expedição científica, nossa gratidão oferece este volume.” (Agassiz/Mendonça, 1938: Dedicatória; Agassiz/Etienne Filho, 1975: 4). Tal semelhança serve desde já para referir uma das características da tradução de Agassiz na «Reconquista», a sua grande similaridade com a tradução da «Brasiliana».

Passamos a ilustrar como a obra é apresentada no *site* da Brasiliana Eletrônica - UFRJ. Note-se que, a cada quadro, o cenário de fundo da página é alterado. A apresentação segue um mesmo formato para todas as demais obras: a folha de rosto do volume à esquerda e, à direita, as informações gerais sobre a obra:

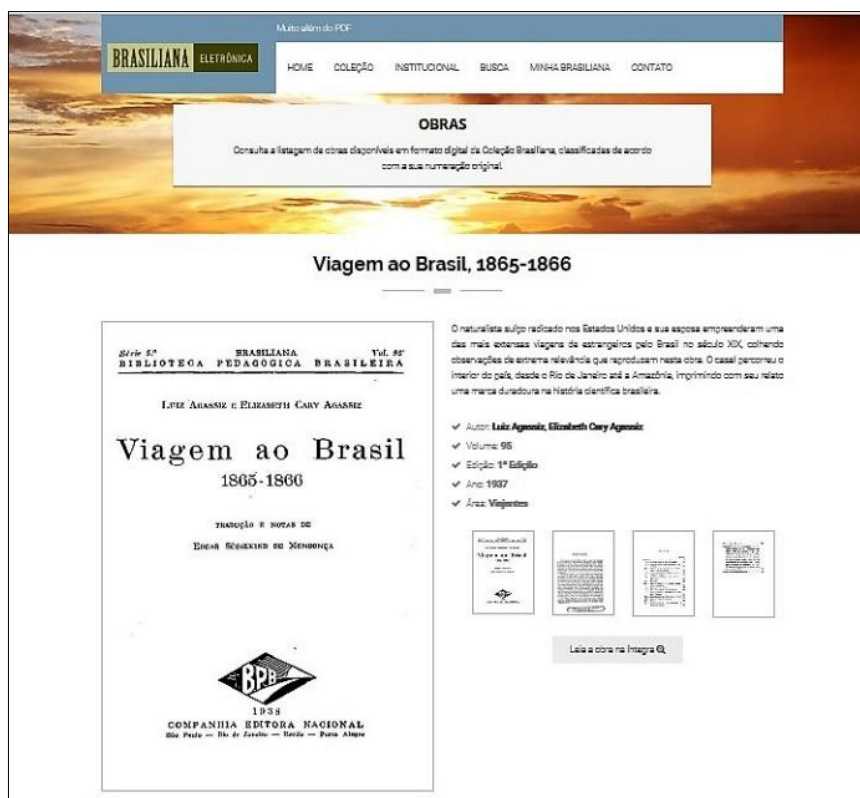


Figura 25

Todas as folhas de rosto são denominadas como capas, não havendo, contudo, a digitalização de nenhuma das capas propriamente ditas. Portanto, neste trabalho, as capas que incluímos ou foram digitalizadas por nós, ou foram obtidas através de *downloads* de *sites* visitados. Na Brasiliana digital não é possível fazer o *download* da obra por completo. Cada página é aberta de acordo com a nossa escolha e somente podemos guardá-la, como imagem, ou copiar o texto completo de cada página, ou parte dele, uma página de cada vez; isso certamente faz com que tenhamos de dispor de muito mais tempo. Um outro fator que torna a busca ainda mais morosa é que, a cada obra selecionada, temos que seguir um pequeno protocolo de validação que tem como objetivo dificultar o acesso de robôs, evitando a cópia integral do trabalho desenvolvido no *site* e a sobrecarga dos servidores da plataforma.

Quando optamos por abrir a obra/página na versão texto, percebemos que, a partir do ano de 2017, este passou a ser todo escrito em caixa alta e negrito. Observamos também que há quatro opções de tamanho da fonte: pequena, média, grande e extra. Se os leitores optarem pela leitura do texto no formato imagem, terão acesso ao texto original da edição de 1938.

Pelo fato de não estarem disponibilizadas as imagens das capas das obras na Brasileira Eletrônica, seguem-se as imagens da folha de rosto e da página com o título do original desta tradução:

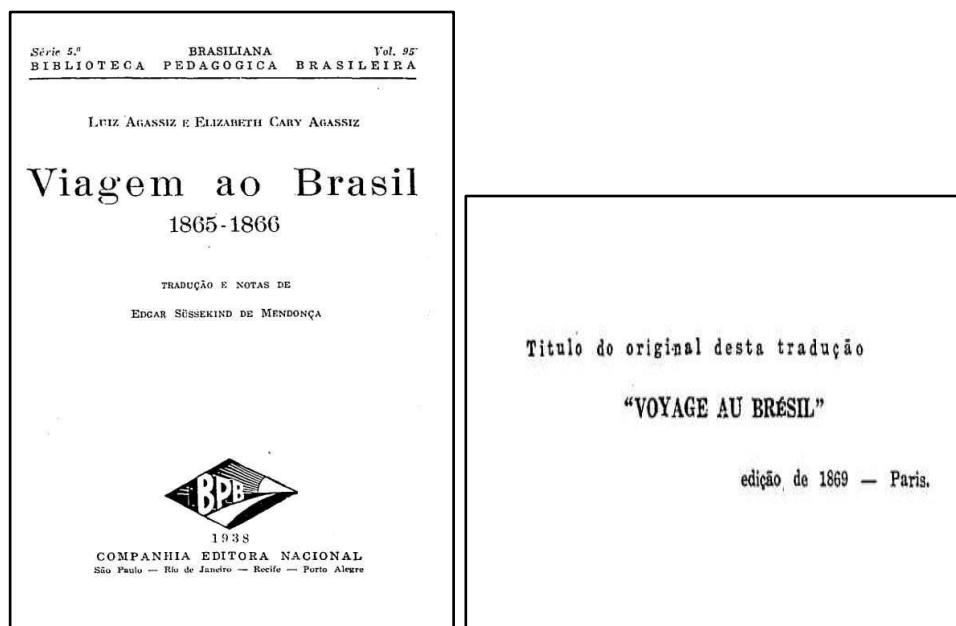


Figura 26

Para finalizar a apresentação da obra na Brasileira Eletrônica, compartilhamos a última página do prefácio do autor (Agassiz) na edição de 1938, pelo fato de aí se explicar aos leitores como o livro foi elaborado. Lembre-se que ele se dirigia ao público norte-americano:

Uma palavra, agora, a respeito de como foi feito este livro. Ele é produto mais das circunstâncias que de um propósito premeditado. Um pouco para a satisfação de seus amigos, um pouco pela ideia de que me seria útil ligar umas às outras as minhas observações científicas por meio de uma narrativa, a Sra. Agassiz registrou dia a dia as nossas aventuras. Habituei-me desde logo a fornecer-lhe a nota cotidiana do resultado dos meus trabalhos, bem seguro de que ela nada deixaria perder-se do que merecesse ser conservado. Devido a esse sistema de trabalho, as nossas mútuas contribuições para o "Diário" por tal forma se confundiram que nos foi de certo modo impossível distinguir a parte de cada qual. E é tal como foi escrito, salvo algumas ligeiras modificações, que publicamos esse relato. Os leitores não encontrarão aqui sobre a obra científica que eu empreendia, senão o necessário para lhes fazer conhecer o seu objetivo e lhes dar conta dos resultados. Espero poder completar uma obra já começada sobre a história natural do Brasil e especialmente sobre os peixes. Nela virão mencionados não só as investigações minhas e dos meus auxiliares, durante a nossa viagem, e os trabalhos independentes dos meus companheiros, como também os estudos que as imensas coleções brasileiras conservadas no Museu de Cambridge, nos permitiram metodicamente realizar. Será obra, porém, para muitos anos, e para vários volumes de que o presente é apenas, por assim dizer, o vanguardeiro. Tal

como está, fornecerá, todavia, ousou esperá-lo, a prova de que o ano que passamos no Brasil não foi apenas cheio de impressões agradáveis, mas igualmente rico em aquisições para a ciência. L. Agassiz. (Agassiz/Mendonça, 1938: 14)

A obra na edição do Senado Federal

A edição do Senado Federal, apesar de ser a mesma da Brasileira - UFRJ, é visualmente mais atraente e mais próxima dos padrões atuais de obras digitalizadas, encontrando-se disponível também na versão impressa e comercializada por valores bastante acessíveis. Seguem-se as imagens selecionadas da edição de *Viagem ao Brasil – 1865-1866*, integrante da coleção «O Brasil visto por Estrangeiros», editada no ano 2000. Inicialmente, a capa e contracapa:

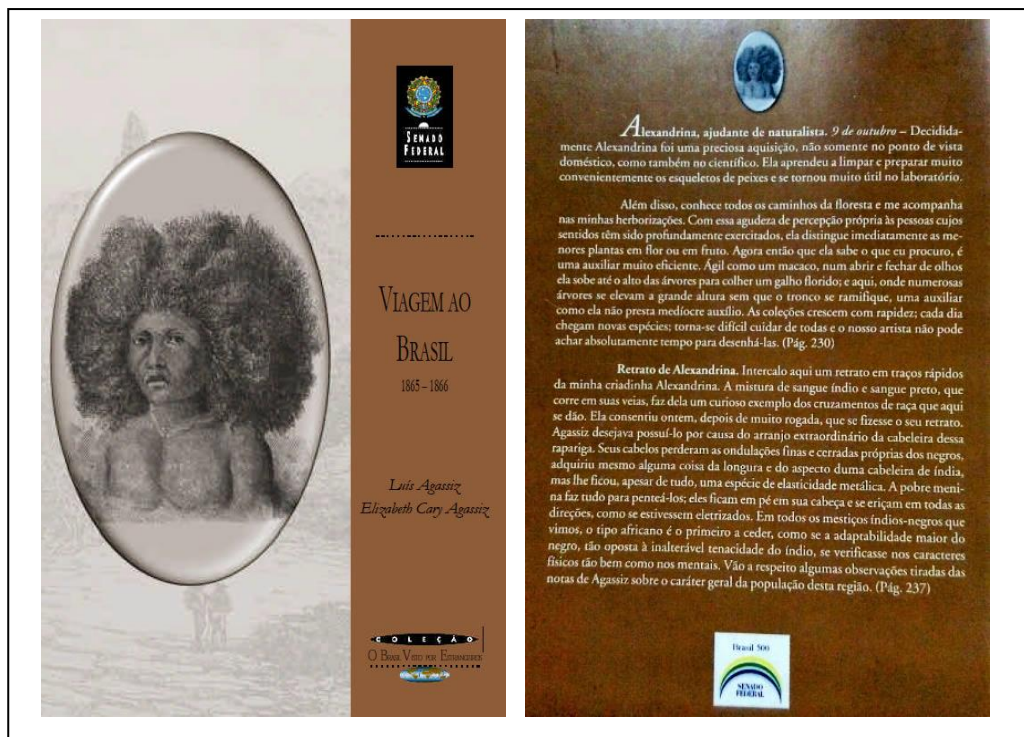


Figura 27

Esta capa exibe uma reprodução do retrato da cafuza Alexandrina,¹³⁰ por William James. Na contracapa, o retrato é novamente reproduzido, mas em tamanho menor, em cima, ao centro; e em baixo há um texto de dois parágrafos, escrito pela Sra. Agassiz,

¹³⁰ Uma empregada que serviu Elizabeth Agassiz, durante sua estada em Tefé.

sobre esta cafuza. É importante ressaltar que nesta contracapa não há qualquer indicação sobre a autoria do texto, apenas o número das páginas.

Logo após a capa encontra-se a página com os dados editoriais, seguida da folha de rosto, dos dados catalográficos e, na mesma página com a dedicatória do autor ao Sr. Thayer, encontra-se uma estrofe de um poema que Longfellow¹³¹ dedicou a Agassiz aquando da comemoração do seu 50º aniversário. O poema, intitulado "The Fiftieth Birthday of Agassiz"¹³², foi escrito em 28 de maio de 1857 e está entre um dos poemas da obra *The Courtship of Miles Standish, and Other Poems*. Nas duas páginas que se seguem, há as fotografias do casal Agassiz— já reproduzidas na pág. 102 desta tese e, na sequência, surge o desenho de um mapa¹³³ com o percurso do naturalista no Brasil:

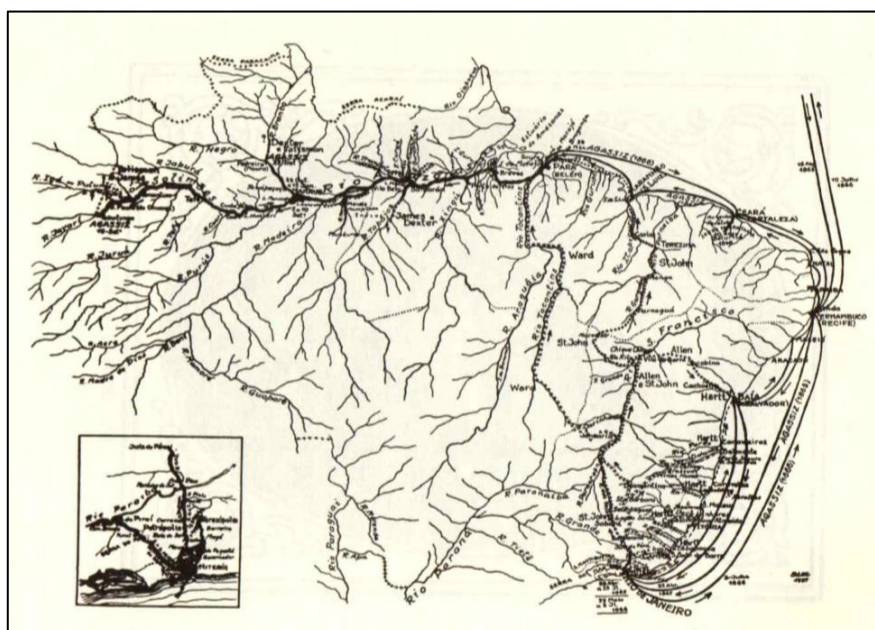


Figura 28

Seguem-se o Sumário e o Prefácio do Autor. Em seu prefácio, Agassiz faz referência “às imensas coleções brasileiras, conservadas no Museu de Cambridge” (18) e termina dizendo que “o ano que passamos no Brasil não foi apenas cheio de impressões agradáveis, mas igualmente rico em aquisições para a ciência.” (*idem*). Na

¹³¹ Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882), grande poeta norte americano e amigo de Louis Agassiz.

¹³² 787. The Fiftieth Birthday of Agassiz. May 28, 1857. Henry Wadsworth Longfellow. 1909-14. English Poetry III: From Tennyson to Whitman. The Harvard Classics (bartleby.com)

¹³³ Agassiz/Mendonça, 2000:10.

versão impressa do volume, a apresentação gráfica é bastante cuidada, com imagens bem digitalizadas. Logo após, sucedem-se os capítulos. No final do volume, incluem-se ainda os dados biobibliográficos de Louis Agassiz, não havendo qualquer referência à principal autora da obra, a Sra. Elizabeth Agassiz. O volume termina com um índice onomástico.

Passamos agora à apresentação da obra do casal Agassiz na sua segunda tradução, publicada trinta e sete anos após a tradução da Coleção «Brasiliana»:

A obra na coleção «Reconquista do Brasil» (1975):

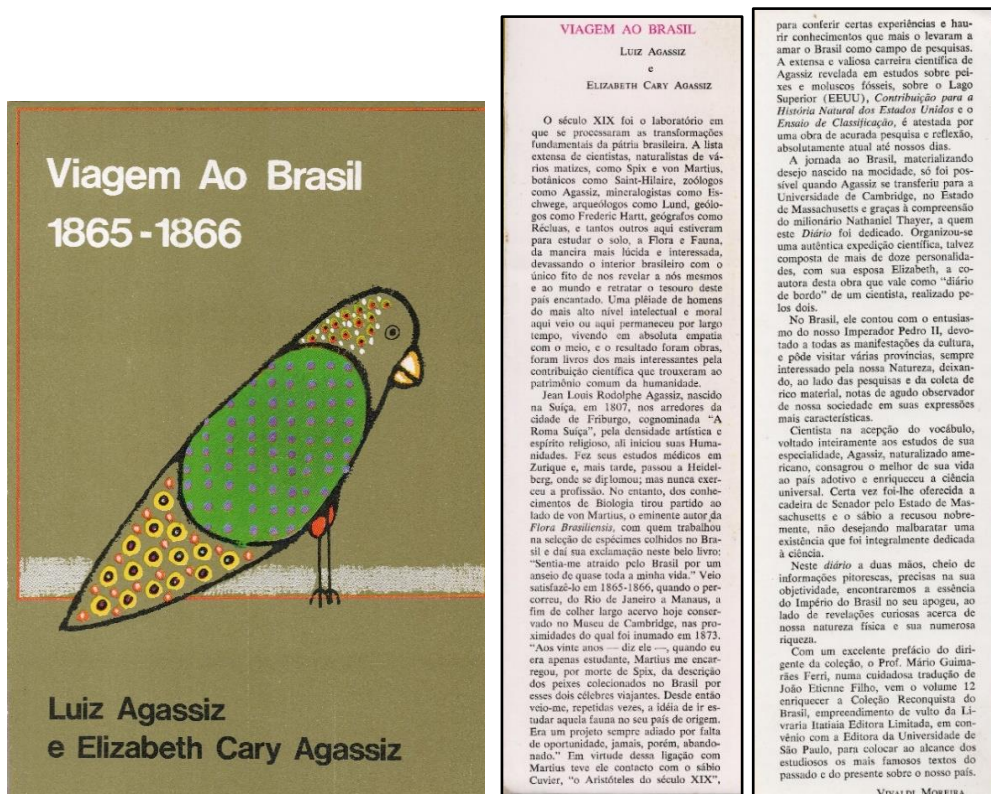


Figura 29¹³⁴

Tal como sucede com todas as capas da coleção, também a gravura da capa da obra do casal Agassiz é da autoria de Cláudio Martins (1948-2018), no caso mostrando um pássaro amazônico. Quanto às orelhas, Vivaldi Moreira (1912-2001) apresenta uma lista de cientistas naturalistas que estiveram no Brasil no século XIX “para estudar a Flora e Fauna, da maneira mais lúcida e interessada, devassando o interior brasileiro com o

¹³⁴ Agassiz/Martins, 1975 – Capa; Orelhas.

único fito de nos revelar a nós mesmos e ao mundo e retratar o tesouro deste país encantado.”(Agassiz/Moreira, 1975: orelhas). A maior parte do texto é dedicada a enaltecer a pessoa de Louis Agassiz. Moreira apenas se refere a Elizabeth¹³⁵ como esposa do naturalista e co-autora da obra que, segundo ele, “vale como diário de bordo de um cientista, realizado pelos dois.” (*idem*). E acrescenta, num curto parágrafo: “Neste *diário* a duas mãos, cheio de informações pitorescas, precisas na sua objetividade, encontraremos a essência do Império do Brasil no seu apogeu, ao lado de revelações curiosas acerca de nossa natureza física e sua numerosa riqueza.” (*idem*). Finaliza destacando o excelente trabalho do prefaciador e do tradutor e a relevância do “empreendimento de vulto” das duas editoras que se juntaram no projeto: Itatiaia e Edusp.

Na página após a capa, há uma listagem de vinte e cinco livros da Coleção «Reconquista do Brasil» até 1975. Na seguinte (omitida aqui) consta somente o título em português: *Viagem ao Brasil*. Seguem-se a ficha catalográfica e os dados editoriais¹³⁶:


<p style="text-align: center;">FICHA CATALOGRÁFICA</p> <p style="text-align: center;">(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte, Câmara Brasileira do Livro, SP)</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin: 10px 0;"> <p>A21v Agassiz, Louis, 1807-1873. Viagem ao Brasil: 1866-1866 [por] Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz; tradução de João Etienne Filho, apresentação de Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. ilust. (Reconquista do Brasil, v. 12)</p> <p>1. Brasil — Descrição e viagens 2. Geologia — Brasil — Amazonas (Vale) 3. Peixes — Brasil I. Agassiz, Elizabeth Cary, 1822-1907. II. Título. III. Série.</p> <p style="text-align: right;">17. e 18. CDD-918.1 17. e 18. -558.11 17. -597.00981 18. -597.092081</p> <p>75-0514</p> </div> <p style="text-align: center;">Índices para catálogo sistemático:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Amazonas : Vale : Geologia 558.11 (17. e 18.) 2. Brasil : Descrição e viagens 918.1 (17. e 18.) 3. Brasil : Ictiologia 597.00981 (17.) 597.092081 (18.) 4. Brasil : Peixes : Zoologia 597.00981 (17.) 597.092081 (18.) 	<div style="text-align: center;">  <p>Obra publicada com a colaboração da UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO</p> <p>Reitor: Prof. Dr. Orlando Marques de Paiva</p> <p>EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO</p> <p>Presidente: Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri</p> <p>Comissão Editorial:</p> <p>Presidente: Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri (Instituto de Biociências). Membros: Prof. Dr. Antonio Brito da Cunha (Instituto de Biociências), Prof. Dr. Carlos da Silva Lacaz (Faculdade de Medicina), Prof. Dr. Pêrsio de Souza Santos (Escola Politécnica) e Prof. Dr. Roque Spencer Maciel de Barros (Faculdade de Educação).</p> </div>
--	--

Figura 30

Nas páginas seguintes, encontram-se os dados da Editora Itatiaia (omitidos aqui) e a folha de rosto (mostrada abaixo). Temos depois o título original com os direitos de

¹³⁵ Moreira a trata apenas por Elizabeth.

¹³⁶ Agassiz/Etienne Filho, 1975 – Ficha Catalográfica e Dados Editoriais

propriedade literária e artística da editora; a dedicatória do autor; a apresentação da obra pelo diretor Mário Guimarães Ferri; o prefácio do autor e o sumário (abaixo ilustrado) que, diferentemente das demais edições em português, apresenta não somente os títulos dos capítulos, mas todos os intertítulos a eles ligados:

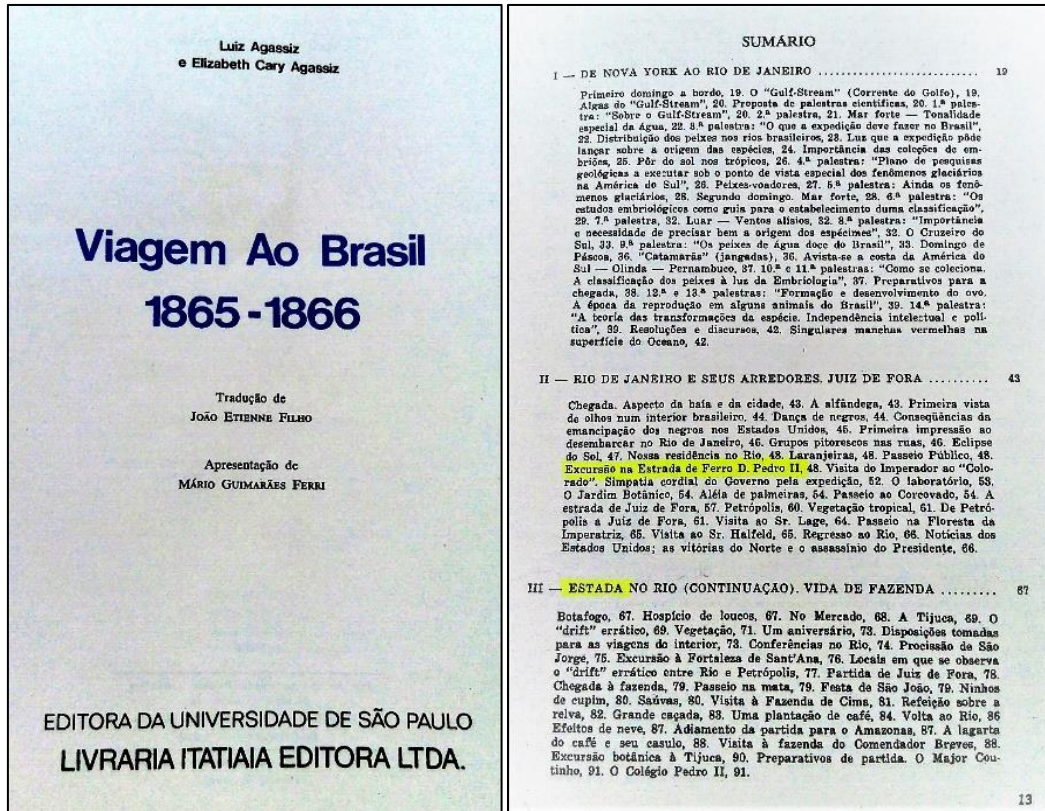


Figura 31¹³⁷

Abaixo, apresentamos o resumo dos conteúdos das diversas edições. Por se tratar de um trabalho de tradução, fornecemos informações mais pormenorizadas sobre as versões brasileiras:

¹³⁷ Agassiz/EtienneFilho, 1975: 2; 13

Quadro síntese dos conteúdos dos volumes de Agassiz	
Edição em inglês, 1868	Edição em francês, 1869
<p>Agassiz, Jean Louis and Elizabeth Cary Agassiz. <i>A journey in Brazil</i>. Boston: Ticknor and Fields, 1868 [1867]. Usado no cotejo com as traduções brasileiras . Volume único (590 páginas). Descrição do conteúdo: Capa, gravura de um coqueiro, folha de rosto com poema de Longfellow, dados editoriais, dedicatória ao Sr. Thayer, prefácio do autor, sumário com os títulos dos capítulos e respectivos intertítulos, lista das gravuras / fotografias, 16 capítulos, apêndice.</p>	<p>Agassiz, Mme.; Agassiz, Louis. <i>Voyage au Brésil</i>. Traduit de l'anglais avec l'autorisation des auteurs par Félix Vogeli. Paris: Hachette, 1869. Usado como TP para as traduções brasileiras. Volume único (545 páginas). Descrição do conteúdo: Capa, dedicatória, prefácio do autor, 16 capítulos, apêndice, lista das gravuras/fotografias, sumário com os títulos dos capítulos e respectivos intertítulos. Tradução e notas: Félix Vogeli.</p>
Edição Brasileira, 1938	Edição Brasileira, 1975
<p>Agassiz, Jean Louis and Elizabeth Cary Agassiz. <i>Viagem ao Brasil – 1865-1866</i>. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, vol. 95, 1938. Volume único (655 páginas). Descrição do conteúdo: Capa, folha de rosto com os dados editoriais, título original, dedicatória ao Sr. Thayer e poema de Longfellow, índice/sumário sem os intertítulos dos capítulos, prefácio do autor, 16 capítulos com os títulos no início de cada capítulo e os intertítulos no corpo do texto, lista das edições da obra, apêndice, dados biobibliográficos.</p> <p>*Tradução e notas: Edgar Sússekind de Mendonça. * Notas do autor, do tradutor e da edição francesa. *Total de notas: 197.</p>	<p>Agassiz, Jean Louis and Elizabeth Cary Agassiz. <i>Viagem ao Brasil: 1865-1866</i>. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, Coleção Reconquista do Brasil, vol. 12, 1975. Volume único (323 páginas). Descrição do conteúdo: Capa, orelhas por Vivaldi Moreira, relação das obras publicadas pela Reconquista, título, ficha catalográfica, dados editoriais USP, dados editoriais Livraria Itatiaia Editora, folha de rosto, título original e os direitos de propriedade literária, dedicatória ao Sr. Thayer e poema de Longfellow, apresentação da obra pelo presidente da editora da USP, prefácio do autor, sumário organizado com todos os intertítulos dos capítulos, como nos textos de partida, 16 capítulos com os títulos no início de cada capítulo e os intertítulos no corpo do texto, apêndice, índice onomástico e toponímico. * Tradução: João Etienne Filho. * Apresentação: Mário Guimarães Ferri. * Orelhas: Vivaldi Moreira. * Notas do autor, do presidente da Edusp (Ferri) e da edição francesa. *Total de notas: 136.</p>
Edição Brasileira, 2000	
<p>Agassiz, Jean Louis and Elizabeth Cary Agassiz. <i>Viagem ao Brasil 1865-1866</i>. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, Coleção «O Brasil visto por Estrangeiros», 2000. * Volume único (516 páginas). Descrição do conteúdo: Retrato de Alexandrina, dados editoriais, folha de rosto, dados catalográficos, dedicatória ao Sr. Thayer e poema de Longfellow, fotografias do Sr. Luís Agassiz e da Sra. Elizabeth Cary Agassiz, mapa indicativo</p>	

dos lugares por onde a expedição passou, sumário sem os intertítulos dos capítulos, prefácio do autor, fotografia do Museu de Cambridge, 16 capítulos, apêndice, dados biobibliográficos, índice onomástico.
*Tradução e notas: Edgar Sússekind de Mendonça.
* Notas do autor, do tradutor e da edição francesa.
* Total de notas: 200.

Quadro 3

Ao longo do trabalho, e para facilitar a identificação de cada excerto quando dois ou mais tiverem de ser comparados, decidimos apresentá-los a cores diferentes. Assim, a preto, os textos originais; a azul, os textos da Coleção «Brasiliana»; a marrom os da Coleção «Reconquista do Brasil». E, quando for necessário utilizarmos os excertos da Coleção «O Brasil Visto por Estrangeiros»,¹³⁸ o faremos a verde. Destacaremos em sublinhado apenas os trechos, ou termos, das duas traduções que estejam diferentes.

Vale a pena ressaltar que apesar de a tradução francesa ter sido apontada pelas duas editoras — «Brasiliana» e «Reconquista» — como TP para as traduções brasileiras, após compararmos os excertos selecionados da edição original em inglês com os da edição em francês não encontramos diferenças significativas, apenas as notas acrescentadas pelo tradutor Vogeli. Pode dizer-se que a tradução francesa é muito próxima do original. Desta forma, optamos por fazer o cotejo com o original em inglês, visto que esta tese tem como público-alvo primeiro/direto os participantes do grupo de pesquisa (CUMA) da Universidade do Estado do Pará, em especial alunos e professores do Curso de Licenciatura em Inglês. Após fazermos o cotejo de todos os trechos a serem trabalhados, encontramos pouquíssimas diferenças entre os dois TP, que apontaremos quando necessário ao longo da tese. Algumas vezes, tais diferenças também foram encontradas nos TC, o que nos levou a ter a certeza de que principalmente o tradutor da «Brasiliana» teve acesso ao original em inglês. Um outro fato que reitera esse acesso à edição original é que o “TABLE OF CONTENTS” do TP em inglês vem no início do volume, após o prefácio do tradutor, e antecedendo o “LIST OF WOODCUTS”. Da mesma forma como o SUMÁRIO nos dois TC. A edição francesa traz o “TABLE DES MATIÈRES” após o “TABLE DES GRAVURES”, ambos no final do volume.

¹³⁸ Ao fazermos a seleção de trechos para cotejo, houve momentos em que a versão da Brasiliana Eletrônica não estava disponível, então, como a edição do Senado, também disponibilizada *online*, é idêntica à da «Brasiliana», utilizámos as duas versões concomitantemente.

É importante ressaltar que todos os relatos do dia-a-dia, desde o Capítulo I ao Capítulo XV, foram escritos pela Sra. Agassiz (com algumas explicações científicas acrescentadas pelo Sr. Agassiz). As únicas partes do livro escritas inteiramente por Louis Agassiz foram: o prefácio, o Capítulo XVI e os oito apêndices. Neste último capítulo, o autor fala sobre temas como: Religião e Clero, Educação, Instituições (como a Biblioteca Pública, o Museu do Rio, o Instituto Histórico e Geográfico), Funcionários Públicos, Agricultura, Fauna e Flora, Imigração, Estrangeiros e A Guerra do Paraguai. Escolhemos um trecho em que Agassiz identifica a autoria do Capítulo XVI — “Impressões Gerais” — ao dizer que em grande parte foi escrito por outra mão:

I CANNOT close this book, written for the most part by another hand, without a few words as to my general impressions of Brazil. (Agassiz, 1868: 495)

Je ne dois pas clore ce livre, écrit en grande partie par une autre main que la mienne¹, sans dire quelques mots de mës impressions générales sur le Brésil. (Agassiz/Vogeli, 1896: 485)

Não quero encerrar este livro, em grande parte escrito por outra mão que não a minha, sem dizer algumas palavras das minhas impressões gerais sobre o Brasil.... (Agassiz/ Mendonça, 1938: 588)

Na edição inglesa há o modal *CANNOT* escrito em letras maiúsculas. Ao consultarmos a edição em francês, percebemos que a partir dessa afirmação de Agassiz o tradutor Vogeli acrescentou uma nota, logo após a palavra *mienne*, a dizer que: “1. Ce chapitre est écrit par M. Agassiz.” (Agassiz/ Vogeli, 1869: 485). Supomos que esta nota seja de Vogelli, mesmo que ela não mostre a identificação (N. du T.) como nas demais de sua autoria. No original, em inglês, esta nota não aparece. Nas duas edições brasileiras, que tomam a edição francesa como texto de partida, como já dissemos, esta nota aparece de duas maneiras. Na «Brasiliana», atribuindo a autoria da nota¹³⁹ ao autor, como a imagem a seguir comprova:



Figura 32

¹³⁹ (Agassiz/Mendonça, 1938: 588)

Na «Reconquista», apenas com a nota, sem indicação de autoria: “Este capítulo foi todo escrito por Agassiz” (Agassiz/ Etienne Filho, 1975: 289). Nos dois casos há lapso ou omissão deliberada dos tradutores, por não indicarem que a nota é da autoria do tradutor francês. Mais adiante voltaremos a referir outras notas de ambas as traduções brasileiras.

Nosso destaque agora é dirigido a um aspecto interessante que distingue os TP dos TC. Como se trata de um diário, não surpreende que a obra esteja dividida por datas e por temas, ou subtítulos/intertítulos. Na versão original em inglês¹⁴⁰ e na tradução francesa¹⁴¹ estes encontram-se no início de cada capítulo, em letra menor, permanecendo as datas, como nos exemplos a seguir:

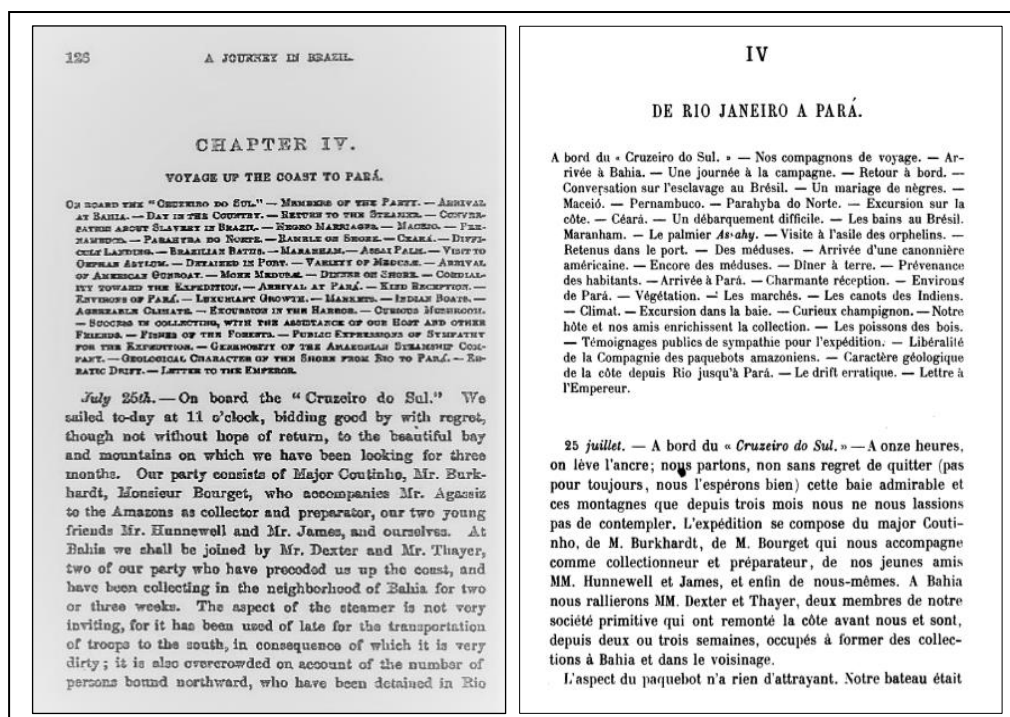


Figura 33

Nas versões em português do Brasil («Brasiliana», «O Brasil Visto por Estrangeiros» e «Reconquista»), diferentemente dos TP, onde estão agrupados em sequência no início da primeira página de cada capítulo, como comprovado atrás, os

¹⁴⁰Agassiz, 1868: 126.

¹⁴¹Agassiz/Vogeli, 1869: 141.

intertítulos estão inseridos, um a um, a cada vez que o assunto muda como mostram as imagens das edições de Agassiz/Mendonça, 2000:141 e Agassiz/Etienne Filho, 1975:93:

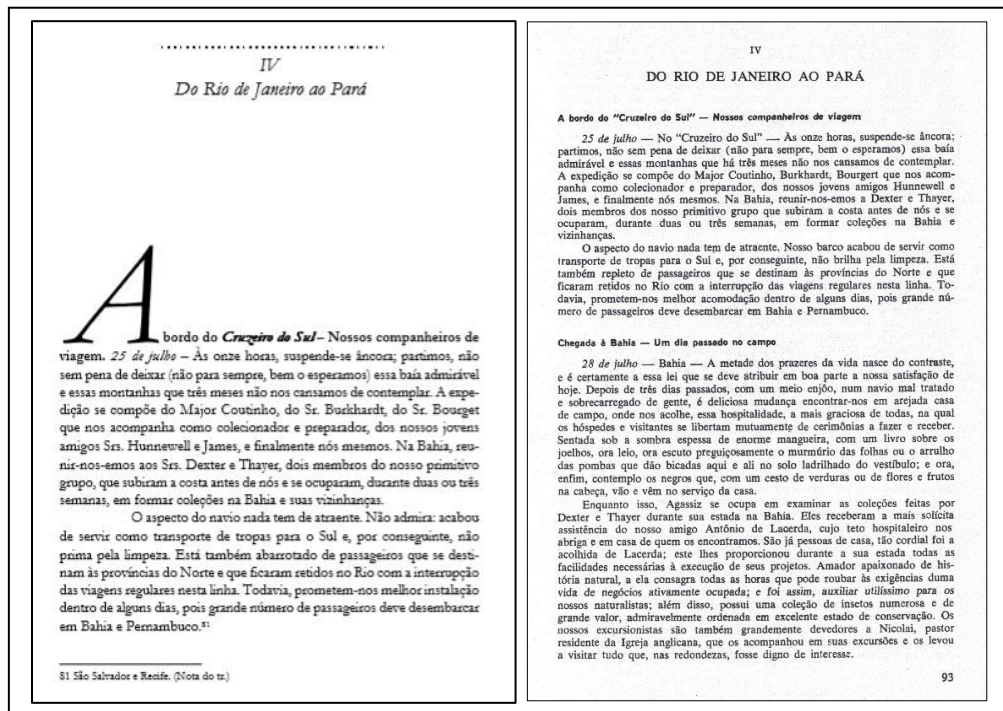
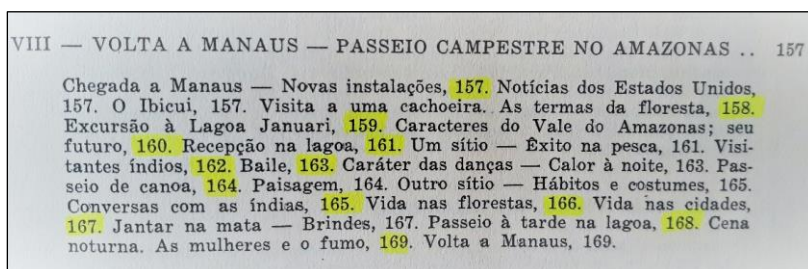


Figura 34

Merece um destaque especial a edição da «Reconquista», por apresentar uma singularidade no que se refere aos intertítulos: a sinalização, dentro do sumário, do número da página onde cada intertítulo se inicia. Especialmente para quem precisa de fazer várias revisões de excertos da narrativa, ou mesmo procurar um tema específico de seu interesse, esta marcação é bastante útil. Abaixo, um recorte do sumário, que prova o que acabamos de dizer:



142

Figura 35

¹⁴² Agassiz/Etienne Filho, 1975:15 – Sumário.

Do nosso ponto de vista, a inserção dos intertítulos dentro de cada capítulo torna a leitura mais didática e facilita a localização dos assuntos que mais possam interessar aos leitores. Quer tenha sido uma opção dos tradutores brasileiros, ou dos editores, parece-nos útil e eficaz. Reiteramos que, primordialmente, atentaremos a excertos referentes à região amazônica, pelas razões já apresentadas e que se prendem intimamente com os objetivos da tese. Optamos por inserir também intertítulos nos excertos/grupos de excertos, tanto do TP quanto do TC, acompanhando a estratégia das edições brasileiras, para melhor visualização / explicitação. Com relação às referências dos excertos, colocaremos o nome do autor, seguido do nome do tradutor, o ano de publicação e a página referente à citação. A seguir, apresentamos dois exemplos, do Capítulo IV, que destacam a “Chegada ao Pará” e “Recepção Encantadora”: primeiramente o original inglês, seguindo-se as duas traduções brasileiras. Notem-se as variantes mínimas entre os TC, que não introduzem, pois, diferenças significativas em termos de imagem da realidade descrita:

Arrival at Pará

August 11th- Pará. Early yesterday morning, a few yellowish patches staining the ocean here and there gave us our first glimpse of the water of the Amazons. Presently the patches became broad streaks, the fresh waters encroaching gradually upon the sea, until, at about ten o'clock, we fairly entered the mouth of the river, though, as the shores are some hundred and fifty miles apart, we might have believed ourselves on the broad ocean. As we neared the city, the numerous islands closing up about Pará and sheltering its harbor limited the view and broke the enormous expanse of the fresh-water basin. We anchored off the city at about three o'clock, but a heavy thundershower, with violent rain, prevented us from going on shore till the next morning. None of the party landed except Major Coutinho. He went to announce our arrival to his friend, Mr. Pimenta Bueno, who has kindly invited us to make his house our home while we stay in Pará. (Agassiz, 1868: 139)

Chegada ao Pará. 11 de agosto – Desde ontem de manhã cedo, que algumas manchas amareladas aqui e ali maculam a superfície do Oceano e, nos anunciam o Amazonas. Logo adiante, essas manchas se transformam em largas faixas, e a água doce invade cada vez mais o mar; enfim, lá para as dez horas, estamos em plena embocadura do rio. Mas não vemos as suas margens; 240 quilômetros (150 milhas) as separam uma da outra e podemos nos acreditar ainda sobre o imenso Oceano. À proporção que nos aproximamos da cidade, as numerosas ilhas que formam o porto do Pará e o abrigam, limitam progressivamente a vista e quebram a enorme massa das águas doces que afluem. Às três horas mais ou menos fundeamos; mas um violento temporal desaba, o trovão reboia, a chuva cai torrencial, e todos ficamos a bordo, com exceção do Major Coutinho. Este foi anunciar a nossa chegada ao seu amigo Sr. Pimenta Bueno que teve a bondade de nos oferecer a sua residência para todo o tempo da nossa permanência aqui. (Agassiz/Mendonça, 1938:187)

Chegada ao Pará

11 de agosto – Pará - Desde ontem de manhã cedo, algumas manchas amareladas aqui e ali maculam a superfície do Oceano e, nos anunciam o Amazonas. Logo essas manchas se transformam em largas faixas, e a água doce invade cada vez mais o mar; enfim, lá pelas dez horas, estamos em plena embocadura do rio. Mas não vemos suas margens; 240 quilômetros (150 milhas) as separam uma da outra e podemos nos acreditar ainda sobre o imenso Oceano. À proporção que nos aproximamos da cidade, as numerosas ilhas que fecham o porto do Pará e o abrigam limitam progressivamente a vista e quebram a enorme massa das águas doces que afluem. Às três horas, mais ou menos, ancoramos; mas um violento temporal desaba, o trovão reboia, a chuva cai em torrentes, e todos ficamos a bordo, com exceção do Major Coutinho. Este foi anunciar a nossa chegada a seu amigo Sr. Pimenta Bueno, que teve a bondade de nos oferecer a sua residência para todo o tempo da nossa estada. (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 100)

Como vemos, por terem os integrantes da Expedição Thayer chegado “debaixo de um temporal”, ou “debaixo do maior toró”, como se diz no Pará, não lhes foi possível desfrutar da emoção da chegada à capital da metrópole da Amazônia. No entanto, no dia seguinte, com a melhoria do tempo, e tocados pelo caráter hospitaleiro do povo paraense, ao serem recepcionados pelos anfitriões, percebemos que as primeiras impressões foram positivas:

Kind Reception

The next morning was beautiful after the rain, and at seven o'clock two boats were sent to take us and our effects on shore. On landing we went at once to Mr. Pimenta's large business establishment near the wharves. Here he has provided several excellent working-rooms to serve as laboratories and storage-places for the specimens, and besides these a number of airy, cool chambers on the floor above, for the accommodation of our companions, who have already slung their hammocks, arranged their effects, and are keeping a kind of bachelor's hall. Having disposed of the scientific apparatus, we drove out to Mr. Pimenta's "chacara," some two miles out of town, on the Rua de¹⁴³ Nazareth, where we were received with the utmost kindness. Mr. Agassiz and Major Coutinho soon returned to town, where no time is to be lost in beginning work at the laboratory. I remained at home and passed a pleasant morning with the ladies of the family, who made me acquainted with the peculiar beverage so famous in these regions, prepared from the berries of the Assaí palm. (Agassiz, 1868:139-140)

Recepção encantadora. A chuva cessou esta manhã, o tempo está esplêndido; às sete horas, duas embarcações vieram nos buscar a bordo, juntamente com a nossa bagagem. Uma vez em terra, dirigimo-nos para os vastos edifícios em que estão situados os escritórios e os armazéns do Sr. Pimenta Bueno. Ele teve a gentileza de mandar preparar várias salas grandes e de belo aspecto para servirem de laboratório e depósito; no andar superior, em quartos frescos, bem ventilados, foram alojados os nossos companheiros. Chegados antes de nós, eles já armaram as suas redes, arrumaram os seus pertences, e dir-se-ia um verdadeiro internato de rapazes. Postos em ordem os instrumentos da expedição, tomamos um carro e nos dirigimos para a “chácara” do Sr. Pimenta. Essa elegante habitação está situada a duas milhas do Pará, na Rua de Nazaré. Fomos nela acolhidos com a mais extrema bondade. Agassiz pouco se demorou; saiu quase

¹⁴³ Os termos “Chácara” e Rua, escritos em português no TP, conferem *cor local*, que assinala a alteridade da língua do Outro Amazônico e serve para demonstrar que o autor pode ter se valido desse recurso para provar que realmente esteve nas localidades descritas e se apropriou dos termos próprios da cultura de chegada.

imediatamente depois para a cidade em companhia do Major Coutinho, pois não há tempo a perder e é urgente começar os trabalhos de laboratório. Quanto a mim, fico na chácara e passo uma manhã encantadora com as senhoras da casa que me fazem conhecer a famosa bebida extraída dos frutos da palmeira açai. (Agassiz/Mendonça, 2000: 153-154)

Recepção encantadora

A chuva cessou esta manhã, o tempo está esplêndido; às sete horas, duas embarcações vieram buscar-nos a bordo, com a nossa bagagem. Uma vez em terra, dirigimo-nos para os vastos edifícios em que estão situados os escritórios e lojas do Sr. Pimenta Bueno. Teve ele a gentileza de mandar preparar várias salas grandes e de belo aspecto para servirem de laboratório e depósitos; no andar superior, em quartos frescos, bem ventilados, foram destinados a alojar nossos companheiros. Chegados antes de nós, já eles armaram as suas redes, arrumaram seus pertences, e dir-se-ia um verdadeiro internato de rapazes. Postos em ordem os aparelhamentos da expedição, tomamos um carro e nos dirigimos à chácara do Sr. Pimenta. Essa elegante habitação está situada a duas milhas do Pará, na Rua de Nazaré. Fomos nela acolhidos com a mais extrema bondade. Agassiz pouco se demorou; saiu quase imediatamente para a cidade, em companhia do Major Coutinho, pois não há tempo a perder e é urgente começar os trabalhos de laboratório. Quanto a mim, fico na chácara e passo uma encantadora manhã com as senhoras da casa que me dão a conhecer a famosa bebida extraída dos frutos da palmeira açai. (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 100-101)

A similaridade textual entre as duas traduções que constatamos foi já salientada por Rodrigues (2014), no artigo intitulado “As muitas vozes de *Viagem ao Brasil* em traduções indiretas”. Mesmo que os excertos analisados por aquela investigadora sejam diferentes dos constantes em nosso trabalho, pois abrangem as descrições das espécies coletadas e estudadas pelo Sr. Agassiz, compartilhamos o mesmo ponto de vista de que Etienne-Filho utilizou a tradução da «Brasiliana», matriz da reescrita, como modelo para a publicação da «Reconquista». Uma das grandes evidências disso mesmo é a “a inclusão de intertítulos com estruturas e recortes similares no corpo do texto” (119), já que essa foi uma estratégia utilizada pelo primeiro tradutor, Mendonça (1938). Este, ao inserir os intertítulos em negrito, que entrecortam a narrativa, “quebra os parágrafos das outras edições,¹⁴⁴ assim como antecipa, para o leitor brasileiro, os passos seguidos pela expedição, pois são eminentemente descritivos” (*idem*). Acrescentamos a essa análise o fato de ter o segundo tradutor repetido as mesmas legendas das imagens do TP inicialmente selecionadas por Mendonça. A sequência de imagens que a seguir apresentamos (edição francesa; edição norte-americana; edição «Brasiliana», edição «Reconquista») comprova claramente tal semelhança:

¹⁴⁴ A norte-americana e a francesa.

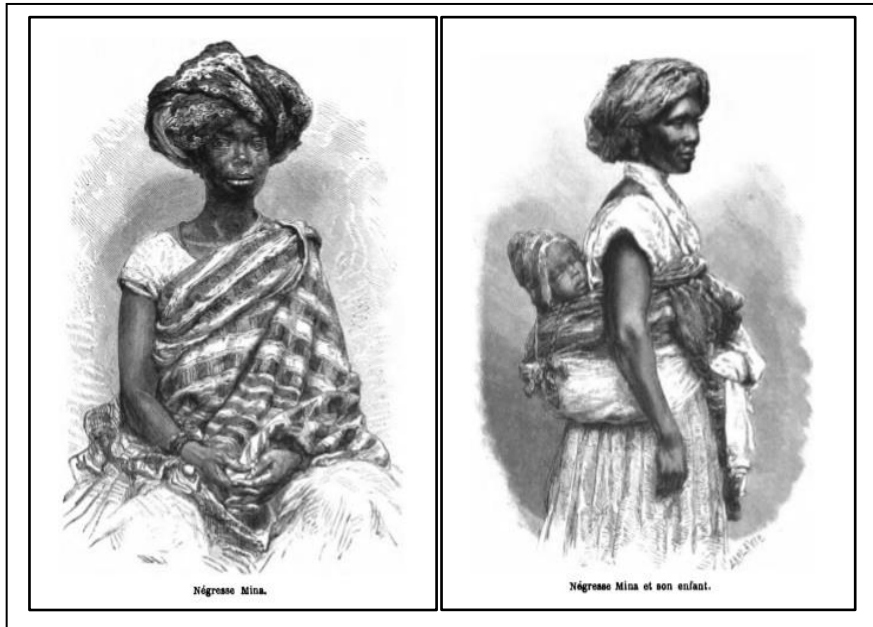


Figura 36 ¹⁴⁵

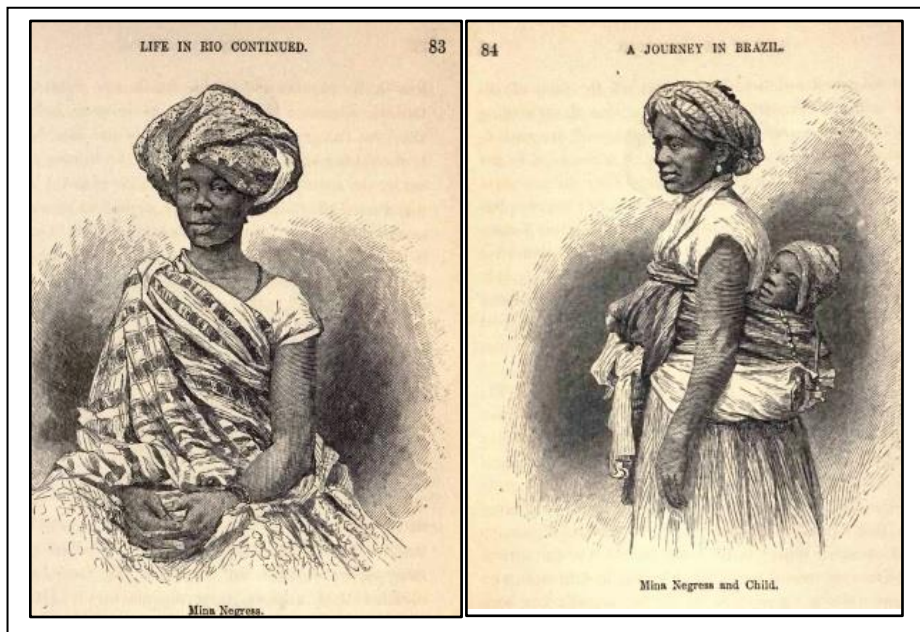


Figura 37 ¹⁴⁶

¹⁴⁵ Agassiz/Vogeli, 1869: 99 - Négresse Mina; Agassiz/Vogeli, 1869: 98 - Négresse Mina et son enfant.

¹⁴⁶ Agassiz, 1868: 83 - Mina Negress; Agassiz, 1868: 84 - Mina Negress and Child.



Figura 38¹⁴⁷



Figura 39¹⁴⁸

Conforme mostrado, a única diferença apresentada pelo tradutor da «Reconquista» foi a correção da palavra *chale*, para *xale*. É importante realçar que a

¹⁴⁷ Agassiz/Mendonça, 1938: 118 - Negra-mina; Agassiz/Mendonça, 1938: 120 - ... esse chale serve também de berço.

¹⁴⁸ Agassiz/Etienne Filho, 1975: 68- Negra-mina; Agassiz/Etienne Filho, 1975: 69 - ...esse xale serve também de berço.

legenda da edição francesa não faz referência ao xale; foi Mendonça que a introduziu e Etienne-Filho replicou-a: que em vez de escrever “Negra Mina e seu bebê”, que seria a tradução do TP em português do Brasil, preferiu fazer um recorte da imagem do volume da «Brasileira» e colá-la na edição da «Reconquista». Tal opção é bastante questionável, uma vez que configura inconfessado plágio.

Prosseguimos nossa exposição com a abordagem de um tema que consideramos ser o mais polêmico no trabalho do casal Agassiz: Raça e Miscigenação. Este assunto, que ainda gera muitas críticas, provocou diversidade de opiniões entre Louis Agassiz e um dos mais importantes integrantes da expedição Thayer, William James (1842-1910), que via o mundo com empatia e do ângulo do relativismo cultural. Louis Agassiz, por sua vez, pregava a ideia da poligamia em suas palestras. De acordo com Machado:

No meio da década de 1840, o cientista havia se envolvido no debate norte-americano a respeito das raças, alinhando-se primeiramente ao lado dos poligenistas (isto é, aqueles que acreditavam que a humanidade não era uma, mas formada por diferentes espécies, tendo havido mais de uma criação divina, posição a qual ele nunca abdicou) e, mais tarde, abraçado à teoria da degeneração, que rezava que a miscigenação entre as diferentes raças ou o hibridismo levava à degenerescência. A base dessa crença era de que as raças cruzadas em vez de carregarem as melhores características de seus ancestrais, levavam a que traços atávicos viessem à superfície, expondo os descendentes de uniões mistas a todos os riscos de uma progressiva degenerescência. (2010: 62-63)

Foi com estas ideias racialistas e com uma visão negativista sobre a miscigenação que Agassiz conduziu os trabalhos de pesquisa da expedição Thayer no Brasil, como alguém que já em 1847, em uma de suas palestras na Carolina do Sul, anunciava que os negros pertenciam a uma espécie separada das demais. Desta forma, seu pensamento ia de encontro à vertente do pensamento científico de James que “desde cedo se identificou com o evolucionismo, como parece bem demonstrar a análise de seus diários de 1863”(55), e também em uma resenha do artigo de Alfred Russel Wallace,¹⁴⁹ “na qual claramente demonstrava sua identificação com a ideia da seleção natural” (*idem*).

Ainda bem jovem, William James tornara-se aluno do mestre naturalista Louis Agassiz, ao ingressar no curso de Medicina da Universidade de Harvard. Em 1864, ao saber do projeto do Professor Agassiz de viajar para o Brasil, James candidatou-se a uma vaga e, em 1865, com 23 anos, viveu uma experiência de aproximadamente oito meses

¹⁴⁹Wallace, Alfred Russel. “The Origin of Human Races and the Antiquity of Man Deduced from the Theory of “Natural Selection””. *Journal of the Anthropological Society of London*, vol. 2, 1864.

no Rio de Janeiro e na Amazônia, como um dos integrantes da Expedição Thayer. Abaixo, reproduzimos uma fotografia de James¹⁵⁰ e seu autorretrato¹⁵¹:

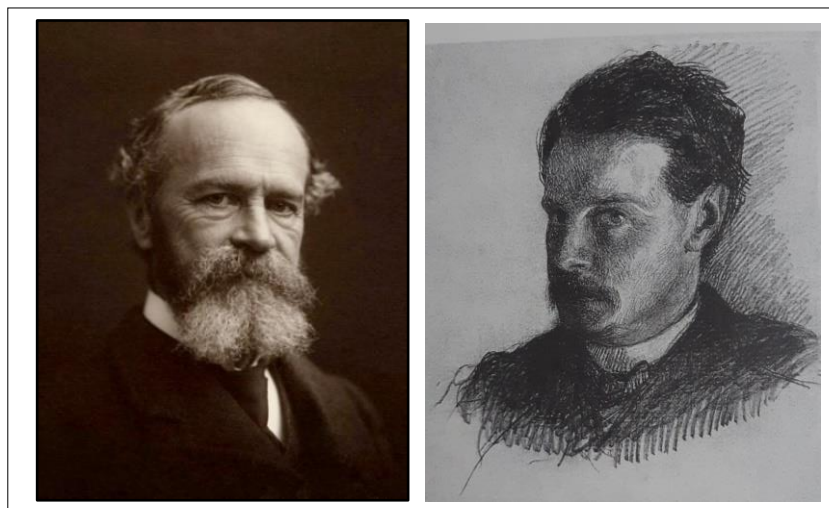


Figura 40

Após diplomar-se em Medicina em 1869, James foi professor de Fisiologia, Psicologia e Filosofia em Harvard. Grande admirador do carisma e da retórica de Agassiz, James vivenciou dilemas durante sua viagem, pelo fato de ele e o Mestre possuírem personalidades e modos de agir completamente diferentes. Segundo nos diz Machado (2010), o estilo elegante e discreto de James, que cativava aqueles que o cercavam, contrastava com os rasgos de eloquência, mesclados com uma determinação férrea e uma tendência para a autopromoção, de Agassiz. Nas primeiras cartas enviadas do Brasil, James “chegou a lamentar sua decisão de viajar, uma vez que se via relegado, ao longo da expedição, ao trabalho meramente braçal e muito monótono de coleta e preservação de espécies” (57), mas as vivências do jovem viajante nova-iorquino certamente contribuíram para o desenvolvimento e a elaboração de teorias que o levaram a tornar-se um dos criadores da escola filosófica conhecida como “Pragmatismo”¹⁵² e um dos fundadores da Psicologia Moderna. Com o passar do tempo,

¹⁵⁰https://pt.wikipedia.org/wiki/William_James. Acesso em 21/03/2021.

¹⁵¹ Machado, 2010: 170 – Crédito da imagem: Cortesia Houghton Library.

¹⁵² De acordo com o Dicionário de Filosofia “Pragmatismo (ingl. pragmatism) Concepção filosófica, mantida em diferentes versões por, dentre outros, Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey, defendendo o empirismo no campo da teoria do conhecimento e o utilitarismo no campo da moral. O pragmatismo valoriza a prática mais do que a teoria e considera que devemos dar mais importância às consequências e efeitos da ação do que a seus princípios e pressupostos.”
http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf

o arrependimento deu lugar à sabedoria, pois ele passou a tirar proveito de sua viagem, como ele mesmo diz, num tom irônico:

I see no reason to regret my determination to stay: "On contrary", as Agassiz says, as I begin to use my eyes a little every day, I feel like an entirely new being. Everything revives within and without, and I now feel sure that I shall learn. I have profited a great deal by hearing Agassiz talk, not so much by what he says, for never did a man utter a greater amount of humbug, but by learning the way of feeling of such a vast practical engine as he is. (James, 1920: 65)

Não deve ter sido fácil para James ser liderado por uma pessoa que subestimava a capacidade intelectual e moral daqueles que não pertenciam ao grupo dos caucasianos. Um outro fato que o incomodou significativamente foi a produção de uma polêmica coleção fotográfica de mestiços amazônicos. A referida coleção foi produzida em uma base montada para a expedição, em Manaus (capital do Amazonas). James criticou os procedimentos pouco éticos de Agassiz, especialmente por ele ter usado sua autoridade para "convencer" os nativos — em maior quantidade as nativas — a se deixarem fotografar despidos. Elizabeth Agassiz refere-se ao material ressaltando o interesse científico do marido em reunir um acervo fotográfico dos mestiços amazônicos, mas não aprofunda o assunto e suaviza o possível constrangimento sentido pelos que participaram nas cenas, ao desviar o foco para um fator cultural: o fato de os índios e os negros mostrarem relutância em se deixar fotografar por acreditarem que a fotografia lhes roubava a alma. Ambos os tradutores de Agassiz traduzem a opinião da Sra. Agassiz de modo fiel, sem adicionarem qualquer nota crítica a respeito do constrangimento causado pelo Outro estrangeiro aos habitantes locais. Os preconceitos são transferidos para os miscigenados e não atribuídos aos autores da ação desrespeitosa imposta aos povos que eram considerados por eles como pertencentes à classe dos "desprovidos de inteligência e incapazes de expressar sentimento", como mostraremos mais à frente.

O excerto a seguir corrobora o que acabamos de afirmar em relação à forma de caracterizar o comportamento dos mestiços pelo casal Agassiz, o qual demonstra total falta de respeito pelos valores, crenças e costumes dos habitantes locais:

O grande obstáculo, porém, são os preconceitos populares. Reina entre os índios e os negros a superstição de que um retrato absorve alguma coisa da vitalidade do indivíduo nele representado e que está em grande perigo de morte aquele que se deixa retratar. Tal ideia está tão profundamente arraigada que não foi fácil vencer as resistências. Aos poucos, porém, o desejo deles se verem em figura vai dominando; o exemplo de alguns mais corajosos anima os tímidos

e os modelos vão se tornando muito mais fáceis de conseguir do que a princípio. (Agassiz/Mendonça, 1938: 343-344)

Segundo Machado, “Tão constrangedor foi o episódio que até hoje ainda não se efetivou a publicação de toda a coleção fotográfica reunida por Agassiz no correr da Expedição Thayer.” (2010: 38). A referida coleção está depositada no Peabody Museum da Universidade de Harvard. Uma postura a ser apreciada é a de James, salientada na análise bastante pertinente de Machado:

A chave dessa passagem, no meu entender, encontra-se para além do mero senso de constrangimento expresso por James em face de uma cena na qual pairava a suspeita de manipulação e abuso de poder. O que é notável no registro é a capacidade demonstrada por seu autor de perceber e relativizar as nuances da sociedade nos trópicos. Para James, as mulheres que se deixavam fotografar eram refinadas, estavam vestidas elegantemente, exalavam um bom perfume, portanto eram “civilizadas”, não importando a cor. Além disso, elas eram apenas parcialmente indígenas, e conseqüentemente, em parte, brancas. A percepção da mestiçagem fora do registro pessimista do hibridismo degeneracionista opõe-se totalmente à abordagem predominante da Expedição Thayer, assinalando a independência intelectual de William James. (39-40)

Ao longo da leitura das palestras, das cartas de Louis Agassiz e também da narrativa da Sra. Agassiz, percebemos que o trabalho de coleta quer das espécies de peixes, quer das fotografias dos povos e da região, tinha sobretudo o objetivo de confirmar as ideias fixistas que Agassiz já cultivava anteriormente à sua chegada ao Brasil. Machado foi muito perspicaz ao selecionar trechos de cartas de James que corroboram precisamente esta visão, como quando mostra a perplexidade de James pelo fato de nos primeiros quatorze dias da expedição ao Pará, Agassiz ter declarado que havia encontrado quarenta e seis novas espécies de peixes, o que representava um total superior ao da coleção reunida pelos pesquisadores Spix (1781-1826) e Martius (1794-1868) em quatro anos de estada na região, no período que antecedeu a viagem da expedição Thayer. Machado assim argumenta:

A facilidade com que Agassiz acreditava localizar novas espécies de peixes nos rios amazônicos se devia muito mais ao fato do criacionismo, esposado pelo mestre, não oferecer os instrumentos analíticos para a delimitação conceitual de espécies, justificando que cada pequena diferença encontrada nos materiais coletados fosse considerada não como uma variação, mas como característica de uma espécie totalmente nova. Além disso, a delimitação de milhares de novas espécies vinha a confirmar aquilo que desde o início aparecia como objetivo científico da expedição: contradizer a teoria da evolução, reafirmando o caráter estático da estrutura do mundo natural. (58)

Quanto a William James, o tradutor Mendonça faz referência aos passos seguidos por este viajante após sua experiência no Brasil:

N.T.: (2) Dos auxiliares da expedição Agassiz, dois, principalmente, se destacaram: Charles Fred. Hartt, que voltando ao Brasil, deu à publicidade, além de muitas obras, a *Geology and physical geography of Brazil* e dirigiu a Expedição Morgan (1870-71), trazendo-nos de sua pátria Orville Derby, mestre de uma geração de geólogos brasileiros, cuja atividade básica se corporificaria no Serviço Geológico e Mineralógico fundado em 1907. E William James que soube levar a outros rumos — filosofia e psicologia experimental — o método de seus primeiros trabalhos de cultor das ciências naturais, atingindo culminâncias do pensamento contemporâneo como chefe do movimento pragmatista, de tão larga repercussão. (Agassiz/Mendonça, 1938:11)

Os fatos aqui expostos servem para desmistificar um pouco as descobertas feitas por Agassiz na região amazônica, enaltecidas por alguns como Ferri, que, ao apresentar a obra e o autor na edição da «Reconquista», reproduz em tom elogioso trechos da carta de Agassiz ao Imperador do Brasil na qual diz que já havia recolhido, antes de chegar a Manaus, mais de 300 espécies de peixes, “o triplo das conhecidas até então” (Agassiz/Ferri, 1975: 6). Para nós, ficou a suspeita de que, por detrás da justificativa científica de sua viagem ao Brasil, estariam também interesses comerciais por parte dos norte-americanos na esplendorosa região e a missão política de pressionar, de forma velada e amigável, o Imperador para que ele autorizasse os navios estrangeiros a navegarem livremente pela Amazônia, sobretudo os navios oriundos da América do Norte.

Apesar de todas estas controvérsias, a presença de Agassiz em Belém e as atividades exploratórias desenvolvidas em terras amazônicas no século XIX serviram de incentivo ao naturalista e etnólogo autodidata brasileiro Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1888) — que explorou a província e participou nas coletas da expedição Thayer —, levando-o, em 1866, a fundar um museu de ciências naturais. Mesmo funcionando de forma precária, recebeu doações do Museu Nacional e de naturalistas que viajaram pela Amazônia. Atualmente, o Museu Paraense Emílio Goeldi é uma instituição de pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação do Brasil. Está localizado na cidade de Belém, Estado do Pará, região amazônica. Desde sua fundação, suas atividades concentram-se no estudo científico dos sistemas naturais e

socioculturais da Amazônia, bem como na divulgação de conhecimentos e acervos relacionados com a região.

II.1.2.: Henry Walter Bates: a mais longa jornada no “Paraíso dos Naturalistas”¹⁵³

Henry Walter Bates (1825-1892) foi o viajante naturalista que mais tempo viveu na Amazônia, tendo resultado dessa experiência a obra *The Naturalist on the River Amazons*. Iniciamos esta seção com uma imagem da edição de 1892 que é alusiva à memória de Bates, com a fotografia autografada pelo autor:

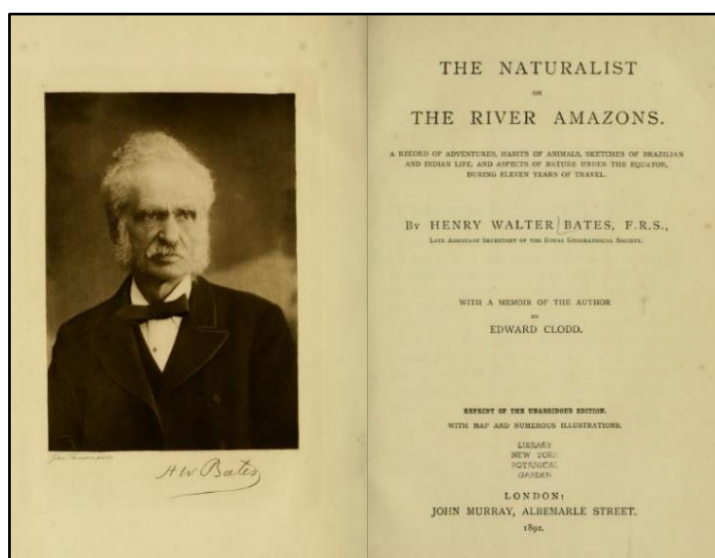


Figura 41 ¹⁵⁴

O que dizer de Henry Walter Bates, um jovem inglês que se aventurou em uma viagem ao Brasil quando tinha apenas 23 anos, e somente retornou para casa após onze anos de uma árdua vivência na vasta floresta amazônica? Este naturalista que chegou ao Pará em companhia do amigo e também naturalista Alfred Russel Wallace, com o objetivo de recolher material zoológico e botânico, conseguiu coletar cerca de 14.000 espécies – sendo 8.000 novas – e enviá-las para o Museu de História Natural de Londres. Após explorarem os arredores da cidade, os dois amigos tomaram o rumo do Tocantins; mais tarde, Bates seguiu para o Alto Amazonas e Wallace para a região do Baixo

¹⁵³ Assim traduziu Mello-Leitão, no plural. (Bates/Mello-Leitão, 1944, vol. 2:397).

¹⁵⁴ Bates, 1892 – Frontispiece: Fotografia de Bates; Title page.

Amazonas. As suas experiências geraram relatos com pontos de vista semelhantes, mas tiveram finais bem diferentes, conforme descritos por Charles Darwin no comentário ao livro de Bates, traduzido apenas na edição da «Brasílica»:

Mr. Wallace voltou para a Inglaterra ao cabo de quatro anos de estada e foi, acreditamos, muito infeliz, pois perdeu a maior parte de suas coleções no naufrágio do navio em que as enviara para Londres. Mr. Bates, prolongou sua residência no vale do Amazonas por mais sete anos depois da partida de Mr. Wallace, e não reviu sua pátria até 1859. Mr. Bates foi mais feliz que seu companheiro pois trouxe a salvamento para a Inglaterra os tesouros que colheu. (Bates/Mello-Leitão/Darwin, 1944: 18)

Bates, que fazia parte de um grupo de grandes naturalistas-exploradores partidários da teoria da evolução por seleção natural, como Charles Darwin e Alfred Russel Wallace, a partir da observação atenta de borboletas e mariposas “conclui que determinadas espécies, palatáveis a predadores como aves, seriam mais bem-sucedidas quando imitavam outras, ou seja, quando utilizavam disfarces, semelhantes àquelas menos palatáveis, e, desta forma estariam mais protegidas dos predadores.” (Meirelles Filho, 2009: 121). Esta teoria, desenvolvida na cidade de Ega, no Amazonas, foi depois detalhada e redigida em Inglaterra:

Denominada de *mimetismo*, será lida em novembro de 1861 na Linnean Society, em Londres, e publicada no ano seguinte, como primeiro artigo científico de Bates, na *Transactions*, da mesma Linnean Society, [...] e irá corroborar a teoria da origem das espécies. (123)

De todos os viajantes de nosso *corpus*, o que mais se encantou com a diversidade da floresta amazônica e que, por conseguinte, consegue cativar a atenção dos leitores pelos mais variados interesses manifestados na sua narrativa, foi, sem dúvida, Bates. Em sua longa jornada pela região que pode com razão ser chamada “O Paraíso dos Naturalistas”¹⁵⁵ passou por momentos de prazer, de dor e de extrema dificuldade financeira, diferentemente do casal Agassiz, que viajou com bastante desafogo, proporcionado pelo governo norte-americano. No entanto, conseguiu reagir à estranheza com simpatia e compreensão e foi capaz de “compendiar em tão poucas páginas e de modo tão vivo e interessante a fauna amazônica” (Mello-Leitão, 1944: 8).

¹⁵⁵ “a Naturalist’s Paradise” (Bates, 1864: 460). “O Paraíso dos Naturalistas” (Bates/Mello-Leitão, 1944, vol. 2: 397). “Paraíso do Naturalista” (Bates/Junqueira, 1979: 298).

Trata-se de uma obra que ainda continua a fazer sucesso nos dias atuais e que também merece ser reconhecida pelo excelente trabalho de tradução — refiro-me aqui, em especial, a Cândido de Mello-Leitão, que nos emprestará suas palavras, em diversos momentos do nosso trabalho, para realçar determinados aspectos. Os paratextos desta tradução contêm elementos muito importantes para apresentar a obra através das palavras do próprio autor, do tradutor e do prefaciador, pelo que nos centraremos em alguns delas de seguida.

Mello-Leitão, em seu prefácio de tradutor para a «Brasíliana», presta ao leitor os seguintes esclarecimentos:

Do livro de Bates foram publicados três tipos de edições. A primeira, de 1863, sobre a qual é calcada a presente tradução, foi publicada em dois volumes. Um ano depois, a pedido de seus amigos e admiradores, dá ele uma segunda edição, da qual retira os comentários de filosofia biológica, alguns dados mais extensos de geografia amazônica, certas particularidades a respeito da vida social da Amazônia e muitas descrições referentes à fauna. Foi esta edição que obteve maior sucesso, e que tem sido repetida algumas dezenas de vezes. (Bates; Mello-Leitão, 1944: 10)

Por sua vez, o presidente da comissão editorial da Edusp, e igualmente responsável pela apresentação da obra na coleção «Reconquista do Brasil», Mário Guimarães Ferri, informa sobre o volume que serviu de TP a esta edição:

A edição Dover, em que se baseou esta tradução, data de 1975 e foi uma republicação não resumida da 4ª edição feita por John Murray, Londres, 1876. (Ferri, 1979: 10)

Quanto a este detalhe, temos a dizer que, apesar de havermos procurado amplamente, não conseguimos encontrar as edições de 1975 e 1876. Decidimos, então, fazer o cotejo com a edição original (1863); foi quando percebemos que havia muita supressão de trechos do texto original na tradução da «Reconquista». Procuramos a segunda edição da obra original, publicada em 1864, e percebemos que esta servia plenamente como texto-fonte para a tradução de Junqueira, por tratar-se de uma edição da qual Bates retirou alguns trechos para atender a um círculo mais amplo de leitores, conforme já foi referido. Estranhamos, pois, o fato de Ferri ter declarado que a edição que teria servido como TP era “uma republicação não resumida”. Sendo assim, e se não se tratar de um erro de revisão, torna-se evidente o equívoco de tal declaração.

Por este motivo, adotamos a edição resumida, em volume único, de 1864, para ser usada em nossas referências como TP da tradução da «Reconquista».

Passamos à apresentação de *The Naturalist on the River Amazons* e suas traduções através das capas, folhas de rosto e algumas gravuras dos volumes consultados na pesquisa:

1ª edição TP, em dois volumes (1863)

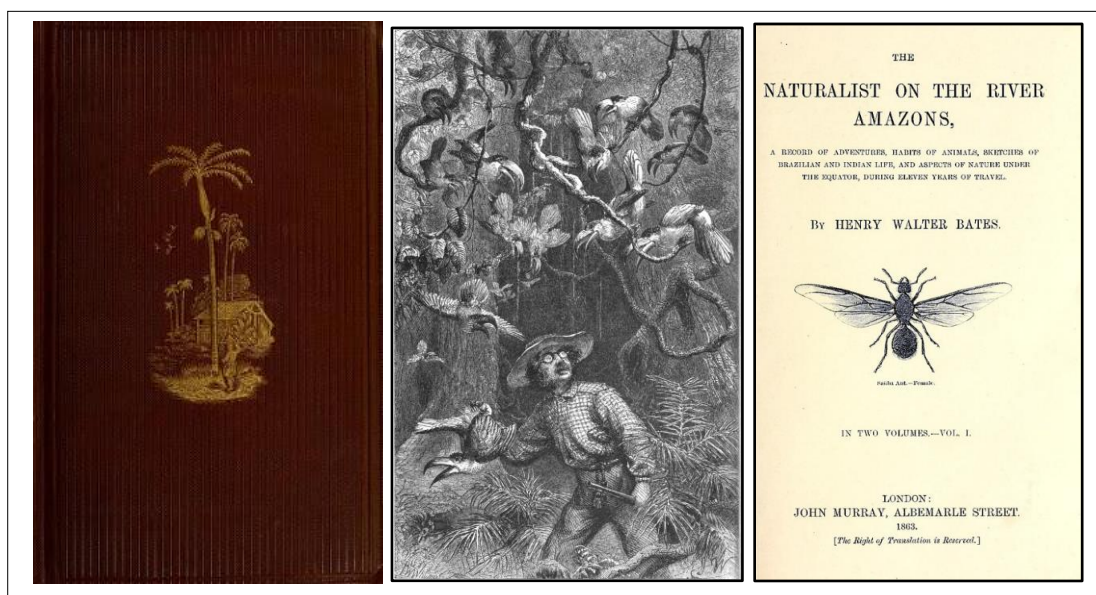


Figura 42 ¹⁵⁶

A gravura a seguir antecede a folha de rosto do 2º volume da primeira edição. O autor retrata parte do ritual de um casamento indígena na qual os índios Tucunas dançam usando máscaras.

¹⁵⁶ Bates, 1863: Front cover; Frontispiece to vol. 1; Title page.

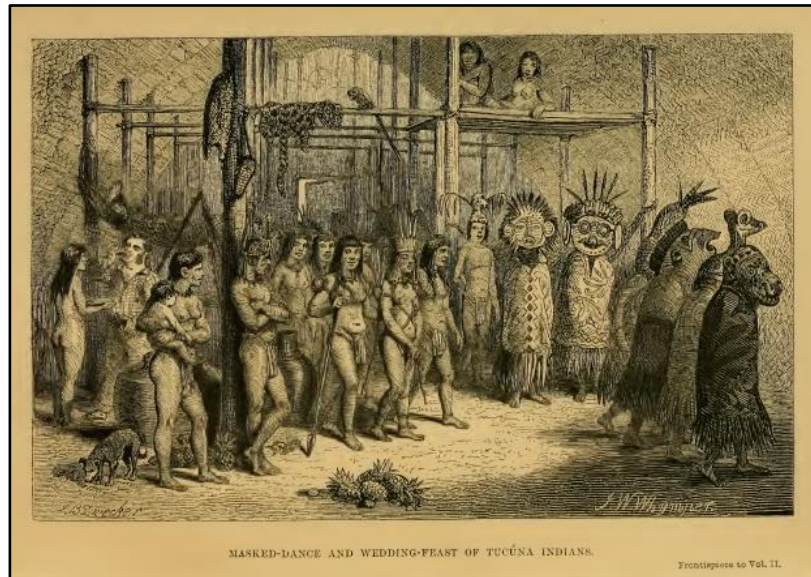


Figura 43¹⁵⁷

Como grande observador dos costumes das tribos, Bates refere que “Os Tucunas se entregam às danças semi-religiosas e às bebedeiras rituais — comuns às tribos sedentárias do Amazonas — com muito mais desregramento do que a maioria das outras tribos.” (Bates/Junqueira, 1979: 293). Já Mello-Leitão (1944: 383) explica que “As mulheres andam inteiramente nuas: os homens, ao contrário, cobrem-se com um avental feito com entrecasca.” (Nota do tradutor 574), como bem mostra a figura acima.

2ª edição TP, em volume único (1864)

Esta segunda edição reproduz em seu *Frontispiece* a cena de Bates, no meio de tucanos ou araçarís de espécies diferentes. Este episódio ocorreu nos arredores de Ega (atualmente Manaus, capital do Amazonas) quando o naturalista estava a caçar. Após ter derrubado um tucano com um tiro, adentrou a mata para ir apanhá-lo, mas o referido pássaro fez “uma algazarra tremenda” e, no mesmo instante, “como se por um passe de mágica, o sombrio vale se encheu de seus companheiros” vindos de todos os lados em direção a Bates com bastante fúria. Depois, todos desapareceram antes que Bates pudesse recarregar a arma. (Bates/Junqueira, 1979: 269).

¹⁵⁷ Bates, 1863: Frontispiece to vol. 2. Masked-dance and wedding-feast of Tucúna Indians.

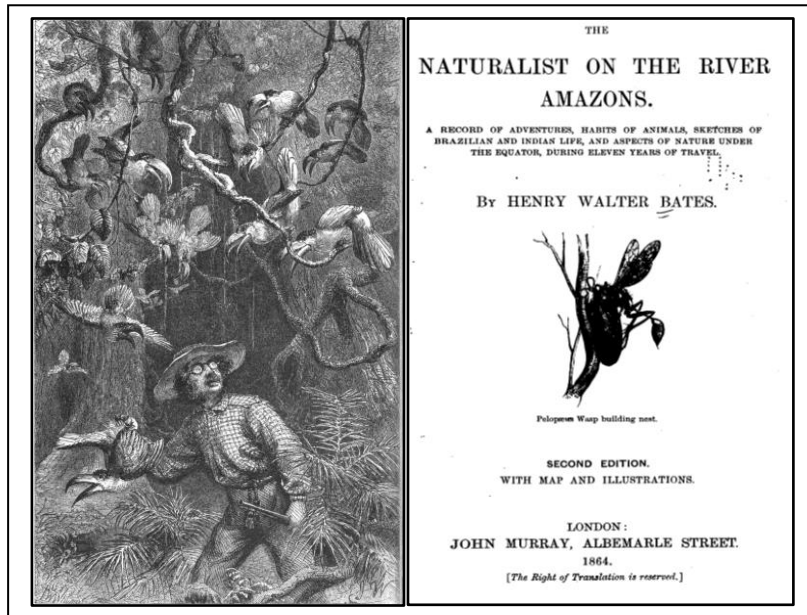


Figura 44¹⁵⁸

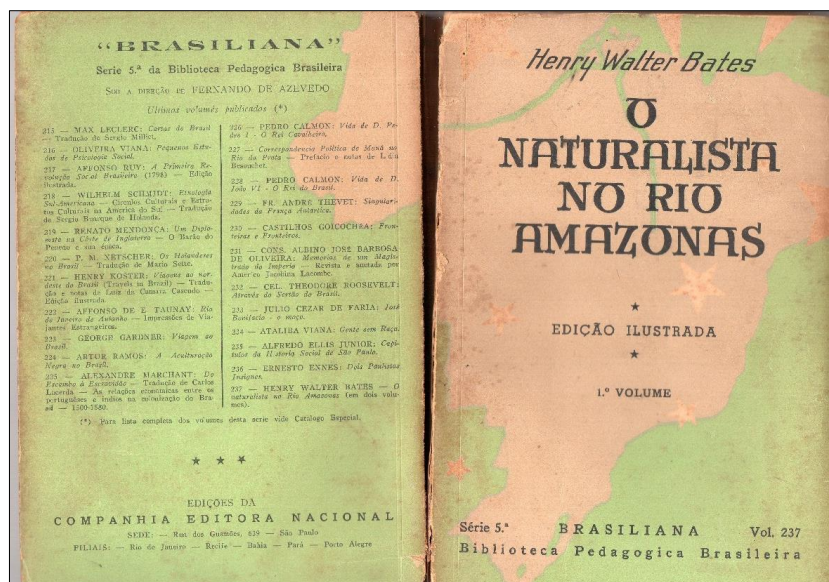


Figura 45¹⁵⁹

158 Bates 1864:9–10 Frontispiece to 2nd edition: *Adventure with curl-crested toucans*; Title page.

159 Bates/Mello-Leitão, 1944 – vol.1 - Capa.

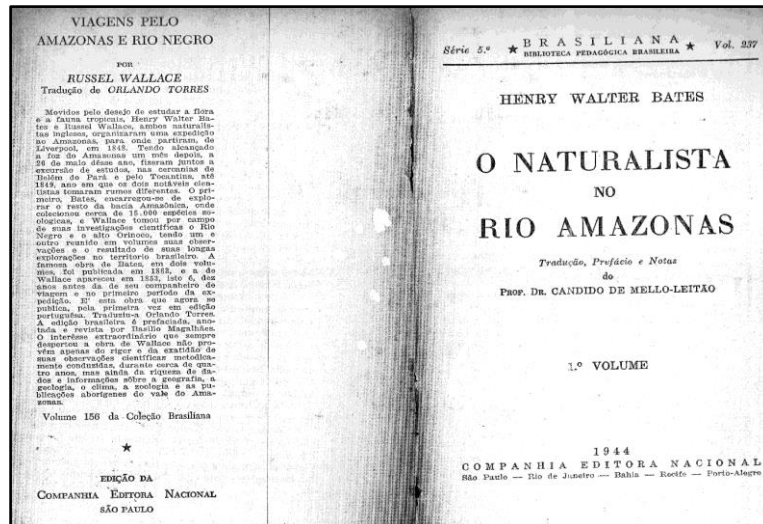


Figura 46¹⁶⁰

As orelhas em ambos os volumes apresentam a divulgação da obra de Alfred Russel Wallace (*Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*), mostrada na figura 56. O texto, sem assinatura, revela a proximidade dos dois naturalistas ingleses, Bates e Wallace, que “organizaram uma expedição ao Amazonas, para onde partiram, de Liverpool, em 1848.” (Bates/Mello-Leitão, 1944: Orelhas). As publicações da 5ª série da Biblioteca Pedagógica Brasileira a serem lançadas pela Companhia Editora Nacional são mostradas nas contracapas de ambos os volumes. Abaixo a exibição do segundo volume:

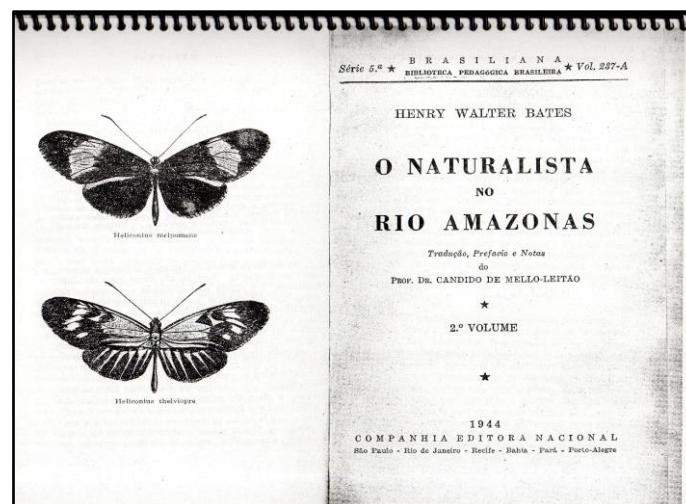


Figura 47¹⁶¹

¹⁶⁰ Bates/Mello-Leitão, 1944 – vol.1 – Orelhas e Folha de Rosto

¹⁶¹ (Bates/Mello-Leitão, 1944 - vol. 2 – Frontispício e Folha de rosto)

No frontispício deste segundo volume, reproduzem-se algumas das muitas espécies de borboletas coletadas por Bates, pelas quais nutria grande interesse. Infelizmente, as edições somente publicaram os desenhos a lápis do naturalista. No entanto, sabemos que Bates também acrescentou aquarelas sobre papel em seu caderno de anotações durante sua viagem à Amazônia, como mostramos na ilustração a seguir:



Figura 48¹⁶²

Após a folha de rosto, há a apresentação do título original que serviu de TP para esta tradução:

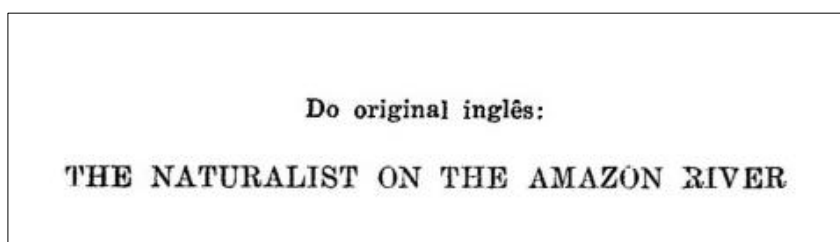


Figura 49¹⁶³

Como é possível ver, na imagem apresentada acima há um erro de referência ao título original da obra em ambas as versões, a impressa da «Brasiliiana» e a digitalizada, na plataforma da Brasiliiana - UFRJ. O nome correto é *The Naturalist on the River Amazons* — e não *The Naturalist on the Amazon River*. No entanto, não há nenhuma

¹⁶² Disponível em: Amazonian artwork by pioneers of evolutionary theory now online | Natural History Museum (nhm.ac.uk) Acesso em 23/02/2020.

¹⁶³ Bates/Mello-Leitão, 1944 - vol.2: 4.

observação no *site* com relação a esse erro. Isso é justificado, de certo modo, pela intenção primeira da plataforma de apresentar os volumes digitalizados “como fac-símiles da primeira edição, para serem analisados na feição como vieram à luz”,¹⁶⁴ ou seja, sem que pudessem sofrer quaisquer alterações. E mesmo que a plataforma apresente também as obras como “textos normalizados”, no formato *texto*, não no formato *imagem* como nos *fac-símiles*, isso se dá a partir do começo da obra; portanto, essa parte paratextual do início permanece intacta. Então, na falta de tal esclarecimento por parte da página, fica aqui a nossa contribuição. Quem sabe se futuramente, quando a referida plataforma voltar a funcionar, ajustes dessa natureza, que são decorrentes de uma revisão minuciosa, se tornem uma realidade.

Este equívoco, no que diz respeito ao título original, não foi repetido na coleção «Reconquista do Brasil», como podemos conferir a seguir:

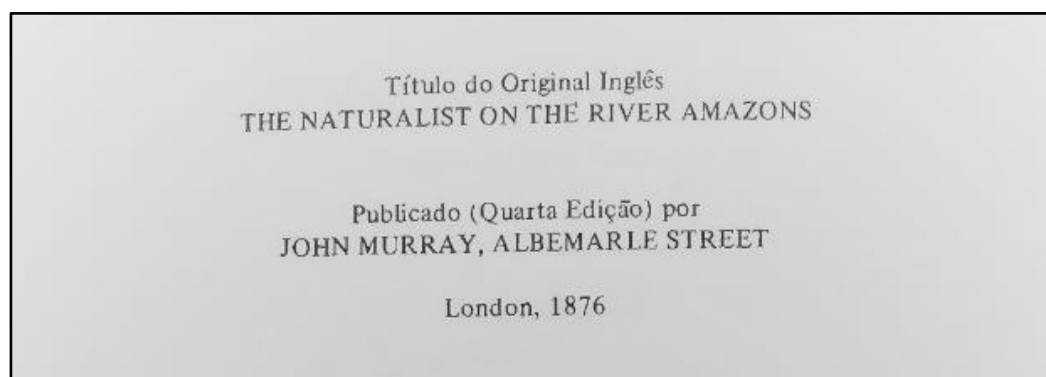


Figura 50¹⁶⁵

Passamos ao volume da segunda tradução da obra de Bates, que veio a lume em 1979 e está representado nas imagens que se seguem.

¹⁶⁴ O texto completo, sobre este assunto, retirado da página da Brasileira Eletrônica – UFRJ, encontra-se na pág. 65 desta tese.

¹⁶⁵ Bates/ Junqueira, 1979: 10

1ª edição TC da «Reconquista» (1979)

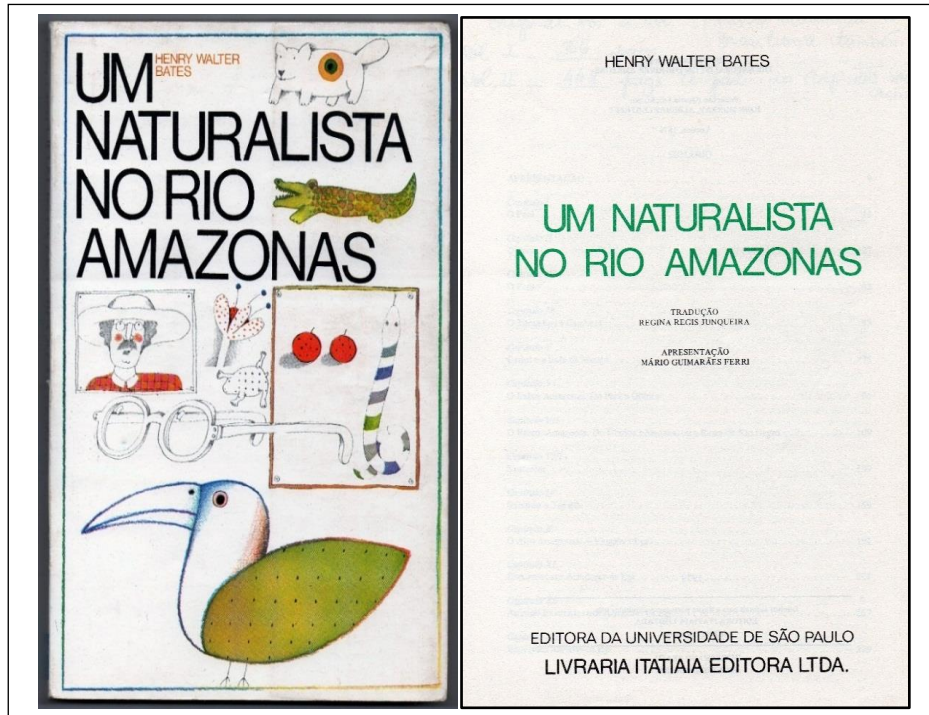


Figura 51 ¹⁶⁶

Nesta capa há várias referências a Bates, desde a reprodução de seu rosto com um enorme chapéu e os óculos, em destaque; à caracterização de elementos da fauna e flora, frutos de sua pesquisa. O jacaré remete ao episódio em que o naturalista, juntamente com indígenas, estava pescando tartarugas em uma lagoa, ou aningal, e, de repente apareceu um enorme jacaré, narrado no Capítulo XI “Excursões aos arredores de Ega”. Este episódio também gerou um registro iconográfico que apresentamos a seguir a partir do original:

¹⁶⁶ Bates/Junqueira/Martins, 1979: Capa e Folha de Rosto. Acrescentamos na referência o autor da capa.



Figura 52 ¹⁶⁷

Nesta gravura Bates está caracterizado com seu grande chapéu e segura um “grosso pedaço de pau” que havia cortado de uma árvore e que usa para se defender de um jacaré que havia ficado preso nas malhas da rede colocada para prender as tartarugas. Após os índios terem tirado o “saúrio” da lagoa, Bates deu-lhe “uma boa paulada na cabeça, matando-o instantaneamente” (Bates/Junqueira, 1979: 237-238). A ilustração, retirada do TP, foi também reproduzida nas duas edições do TC.

Seguindo os padrões de editoração das obras da coleção «Reconquista do Brasil», aqui também encontramos, logo após a capa, as orelhas (reproduzidas a seguir); a listagem das obras publicadas pela coleção até ao lançamento da edição em causa; os dados catalográficos; os dados editoriais da USP e da Itatiaia; e a página com o título original em inglês, juntamente com a indicação dos direitos autorais.

¹⁶⁷ Turtle-fishing and the adventure with alligator (Bates, 1863, vol.2: 264).

UM INGLÊS APAIXONADO PELA AMAZÔNIA

Mais um livro sobre a Amazônia? Não. Não se trata de *mais* um livro, mas de um dos mais perfeitos documentários de um verdadeiro cientista sobre a incomensurável Amazônia.

O nome do autor do presente volume está intimamente ligado ao de duas figuras das Ciências Naturais de seu tempo: Alfred Russel Wallace (Cf., nesta mesma Coleção, *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*) e Charles Darwin, este universalmente conhecido como o pai da Teoria da Seleção Natural, popularmente conhecida como evolucionismo. É o próprio Darwin que proclama a famosa coincidência, que o fez conceber sua tese quase simultaneamente com Wallace, bem como a contribuição que Bates lhe forneceu, após sua longa permanência na região amazônica, que não apenas o deslumbrou, mas lhe proporcionou campo para as mais pertinazes observações científicas.

Temos notado, ao ler ou ao revisar livros desta Coleção, um aspecto curiosíssimo da maioria das obras de cientistas e naturalistas. Pensa-se logo em longos e maçantes registros relativos às suas especialidades, Puro engano. Quase todos, senão todos, não deixam sem anotar qualquer coisa que possa enriquecer sua obra. Bates teve oportunidade de mandar para o Museu Britânico mais de oito mil espécies da flora e da fauna amazônica. Pode-se imaginar o trabalho que isto lhe deu, nos onze anos que aqui permaneceu (de 1848 a 1859). Pois bem, ao lado do trabalho do naturalista, da colheita do material, há observações sobre costumes de habitantes da região, casos pitorescos e curiosos de pessoas com quem conviveu ou de que foi eventual hóspede; descrição de festas religiosas, como a da Virgem de Nazaré, velhíssima tradição de Belém, ou o Natal entre os negros; o ataque que sofreu de febre amarela e de que se curou sozinho, coisas assim, que entremeiam o livro de um especial sabor. “Minhas excursões ao Iruará tinham sempre o caráter de um piquenique”, diz ele a certa altura, o que dá bem o tônus de seu livro. Diverte-se com os índios, mostrando-lhes um livro de ilustrações de animais de outras paragens; tem esta lúcida observação sobre a política da miscigenação no Brasil: “Os estadistas brasileiros parecem ter desistido da idéia — se é que algum dia a tiveram — de transformar o seu império tropical numa nação

de brancos servida por uma classe de trabalhadores escravos. Neste particular, o problema, no Amazonas, é representado pelos índios”. A inflexibilidade de temperamento do índio, entretanto, (é dele ainda a observação) sua idiossincrasia à vida das cidades, se superada por força de alguma influência benéfica nos primeiros anos de sua vida, podem vir a fazer deles excelentes cidadãos. Ele mesmo teve bons amigos índios, como o Macedo ferreiro da cidade de Ega, que lia e escrevia, e tomou com Bates aulas de Astronomia, quando da aparição de um cometa.

Como podemos ser iludidos, se olhamos para um livro e nos detemos apenas no título. Por mim, acredito que jamais adquiriria *Um Naturalista no Rio Amazonas*. Só agora, após sua leitura, vejo o que teria perdido. E ia-me esquecendo do final. Fazemos do inglês (e do inglês naturalista, sobretudo) a idéia de um homem fleumático. Pois bem, a despedida de Henry Walter Bates é uma página que nos desmente esta impressão e chega a comover. “Ao entardecer do dia três de junho (1859) — diz ele —, contemplei pela última vez a majestosa floresta à qual eu tanto me afeiçoara”. E aqui uma observação que serve como uma luva a 1979: “Ao andar pelas matas da redondeza — notei que tinham sofrido muitas mudanças, e para pior, na minha opinião. É que plantas rasteiras, arbustos e trepadeiras, que em outros tempos, — quando os arredores da cidade ainda não tinham sido mutilados pelo machado e a enxada, tinha sido quase todo arrancado. Estavam sendo construídas feias e barrentas estradas. Casas e engenhos tinham sido construídos (. . .) as majestosas árvores da floresta tinham sido cortadas. Os naturalistas, a partir de agora, terão que ir muito mais longe da cidade para encontrar o soberbo cenário da selva virgem”. Isto foi escrito há cento e vinte anos. . . Já se previa o perigo do desmatamento sem planejamento.

No final, depois de reencontrar a Inglaterra, e o conforto, e o ambiente de estudos, os amigos, dá-nos esta palavra animadora: “. . . embora a humanidade consiga alcançar um estágio avançado de cultura nas regiões setentrionais, à força de lutar contra as inclemências da Natureza, é unicamente no Equador que a raça perfeita do futuro irá alcançar a fruição total da bela herança do homem — a Terra. ”

JOÃO ETIENNE FILHO

Figura 53 ¹⁶⁸

Do texto de Etienne Filho, temos a destacar sua perspicácia em sintetizar a riqueza da obra de Bates, do ponto de vista científico e cultural, pois relata toda a trajetória do naturalista, da qual destacamos a grande coleta de espécies da flora e da fauna amazônica que foi enviada ao Museu Britânico, as observações sobre costumes de habitantes da região, a descrição de festas religiosas tão caras ao povo do Pará, como

¹⁶⁸ Bates/Etienne Filho, 1979: Orelhas.

o Círio de Nazaré, o ataque de febre amarela que sofreu, a convivência salutar e prazerosa com os mestiços, entre outras.

Voltando à edição da «Brasíliana», o destaque vai para o tradutor que acrescentou inúmeras notas, como teremos oportunidade de mostrar por ocasião do cotejo, mais adiante. Por agora citamos o trecho traduzido por Mello-Leitão, no qual Bates explicita os motivos que o levaram a condensar a segunda edição da obra e onde, ao mesmo tempo, apresenta suas impressões sobre a região. Tal trecho não aparece na edição da «Reconquista».

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO – «Brasíliana»

Como tivessem insistido para que eu preparasse nova edição desta obra para um círculo mais amplo, que os contemplados na anterior, julguei aconselhável condensar aqueles trechos que, tratando de questões científicas complexas, pressupõem um conhecimento mais preciso de história natural do que o autor tem o direito de esperar da generalidade dos leitores. A narrativa pessoal foi deixada completa, junto com aquelas minúcias descritivas, capazes de interessar a todas as classes, moços e velhos, e referentes ao grande rio em si, à maravilhosa região por ele percorrida, às luxuriantes florestas primitivas que a revestem quase inteira, como ao seu clima, suas produções, seus habitantes.

Não faltam indícios de que esta região tão fértil, mas tão pouco povoada, cedo se tornará, pelos recentes esforços dos governos brasileiro e peruano para torná-la acessível a colonizá-la, da mais alta importância para as nações do norte da Europa. A plena significação do título, "o maior rio do mundo", que todos aprendemos nos bancos escolares a aplicar ao Amazonas, sem ter uma ideia nítida de sua magnitude, se tornará então aparente para o público inglês.[...] A probabilidade de que seja despertada na Inglaterra dentro de pouco tempo, uma curiosidade geral por esta região até agora desprezada, parece-me, por si só, uma razão suficiente para pôr nas mãos de todos os leitores uma narração dos lineamentos naturais e da condição atual da mesma.

Londres, Janeiro, 1864. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 25-26)

Mello-Leitão, em seu prefácio de tradutor, ainda se referindo às edições da obra de Bates, acrescenta que “Depois da morte de Bates tiraram-se outras, populares, onde se fizeram amputações ainda maiores, cortando-se quase tudo que não interessasse diretamente ao leitor inglês, e, por isso mesmo, tais edições são quase sem interesse para o leitor brasileiro.” (Mello-Leitão, 1944:10). Esta é a opinião de um tradutor, prefaciador e anotador que também era naturalista, e, portanto, com uma tendência para valorizar a componente científica da obra. No nosso modo de ver, uma obra tão rica satisfaz interesses diversificados, pelo que cada pesquisador/leitor poderá escolher a edição que mais se adequa aos objetivos de sua pesquisa/curiosidade.

Diferentemente da obra apresentada anteriormente (*Viagem ao Brasil*, de Agassiz), que possui o mesmo título nos dois projetos editoriais brasileiros («Brasíliana»

e «Reconquista»), a obra de Bates veio a público no Brasil com títulos diferentes: *Um naturalista no rio Amazonas* (1944) e *O naturalista no rio Amazonas* (1979), conforme mostrado nas capas dos volumes.

Como já foi dito anteriormente, não achamos necessário reproduzir todos os quadros presentes no *site* da Brasileira Eletrônica a cada vez que apresentamos uma nova obra. Como no caso das demais disponibilizadas, a sequência é sempre a seguinte: apresentação da coleção, do projeto editorial, da obra, do autor, do tradutor e prefaciador, etc.¹⁶⁹ Sendo assim, passaremos ao quadro que resume todas as informações acerca dos volumes consultados em nosso *corpus*, relacionados com a obra *The Naturalist on the River Amazons*:

Quadro-síntese dos conteúdos dos volumes de Bates	
Edição em inglês, 1863	Edição em inglês, 1864
<p>Bates, Henry Walter. <i>The Naturalist on The River Amazons, a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the equator, during eleven years of travel</i>. In two volumes. London: John Murray, Albemarle Street, 1863. TP para a edição da «Brasileira»</p> <p>Descrição do conteúdo: Volume 1 - 377 páginas. Capa, imagem de Bates em uma aventura com os tucanos, folha de rosto, prefácio do autor, sumário com os títulos dos capítulos e respectivos intertítulos, lista de ilustrações, 7 capítulos, mapa do rio Amazonas. Volume 2 (399 páginas). Capa, cena de um casamento indígena, folha de rosto, sumário com os títulos dos capítulos e respectivos intertítulos, lista de ilustrações, 6 capítulos, índice onomástico.</p>	<p>Bates, Henry Walter. <i>The Naturalist on The River Amazons, a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the equator, during eleven years of travel</i>. Second edition, with map and illustrations. London: John Murray, Albemarle Street, 1864. TP para a edição da «Reconquista» Volume único (481 páginas).</p> <p>Descrição do conteúdo: Capa, imagem de Bates em uma aventura com os tucanos, folha de rosto, prefácio da 2ª edição, sumário com os títulos dos capítulos e respectivos intertítulos, lista de ilustrações, 13 capítulos, índice onomástico, mapa do rio Amazonas, lista das obras publicadas pela editora.</p>
Edição Brasileira, 1944	Edição Brasileira, 1979
<p>Bates, Henry Walter. <i>O Naturalista no Rio Amazonas</i>. 2 vols. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, vols. 237-237-A, 1944 (776 páginas). Descrição do conteúdo: Volume I (377 páginas).</p>	<p>Bates, Henry Walter. <i>Um Naturalista no Rio Amazonas</i>. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, Coleção Reconquista do Brasil; vol. 53, 1979. Volume único (311 páginas).</p>

¹⁶⁹ Para visualização da obra tal qual disponibilizada no *site* da Brasileira Eletrônica UFRJ, basta acessar: Brasileira Eletrônica UFRJ | Muito além do PDF (brasilianadigital.com.br)

<p>Capa, folha de rosto com título, nome do autor e do tradutor e dados editoriais, título em inglês, prefácio do tradutor, prefácio da primeira edição, comentário de Carlos Darwin, 2 mapas da viagem de Bates, 7 capítulos, sumário com os títulos dos capítulos, lista dos volumes publicados e das próximas publicações.</p> <p>Volume II (399 páginas).</p> <p>Capa, folha de rosto, 6 capítulos, índice.</p> <p>*Tradução, prefácio e notas: Cândido de Mello-Leitão.</p> <p>*Notas em rodapé – no final de cada página. Numeração sequencial nos capítulos.</p> <p>*Total de notas no volume I: 356 – sendo 346 do tradutor (Mello-Leitão) e 10 do autor (Bates).</p> <p>*Total de notas no volume II: 222 – sendo 215 do tradutor (Mello-Leitão) e 7 do autor (Bates).</p> <p>*Total de notas nos dois volumes: 578.</p>	<p>Descrição do conteúdo:</p> <p>Capa, orelhas por João Etienne Filho, lista dos volumes da «Coleção Reconquista do Brasil», título, dados catalográficos, dados editoriais das duas editoras (Edusp e Itatiaia), folha de rosto, título original, sumário com os títulos dos capítulos, apresentação por Ferri, 13 capítulos, lista das ilustrações, mapa do rio Amazonas desde a nascente até a fronteira com o Peru, nota com informações gráfica</p> <p>*Tradução: Regina Régis Junqueira.</p> <p>*Notas: organizadas no final de cada capítulo, iniciando no nº1 a cada capítulo.</p> <p>*Notas da tradutora (Junqueira): 1.</p> <p>*Notas do autor (Bates): 13.</p> <p>*Notas do apresentador/revisor (Ferri- MGF): 3.</p> <p>*Total de notas: 17.</p>
---	--

Quadro 4

De seguida, passaremos à apresentação de alguns excertos que nos permitem introduzir os primeiros cotejos entre os textos originais e os traduzidos. Com relação à inserção das referências no final de cada excerto, decidimos repeti-las, incluindo os autores, ano e página, para facilitar a localização pelo leitor. Ressaltamos que as duas traduções da obra de Bates apresentam bastantes diferenças entre si em termos linguísticos, o que constitui, pois, uma marca distintiva significativa quando se estabelece uma comparação com as traduções da obra dos Agassiz.

As muitas notas de tradutor (Mello-Leitão) na edição da «Brasíliana são, na sua maior parte, explicações de natureza científica, como era de esperar, pois as observações são de um tradutor naturalista; há também notas de cunho histórico e biobibliográfico. No que se refere às notas de Mário Guimarães Ferri («Reconquista»), responsável por “introduzir algumas modificações de ordem técnica e poucas notas de rodapé”, para citar suas próprias palavras em sua apresentação da obra e do autor, estão identificadas com as iniciais: (M.G.F.). Diferentemente do tradutor da «Brasíliana», a tradutora da «Reconquista» (Junqueira) não utiliza notas, melhor dizendo, insere uma única nota, na pág. 41, para dizer que o termo “pavão” se encontra em português no original. As Notas do Autor, na edição da «Reconquista», não são nomeadas; seguem a marcação do original em inglês, no qual são precedidas por * (asterisco). Já na «Brasíliana» elas aparecem numeradas antes da nota e, no final, entre

parênteses, há sempre a identificação da autoria da nota, (Nota do Autor), o que indica a ética e o cuidado da tradução de Mello-Leitão.

Como destacamos o tema Raça e Miscigenação em Agassiz, escolhemos o trecho a seguir para ilustrar a forma desprovida de preconceito com que o mesmo tema é apresentado por Bates, servindo também para exemplificar uma marca de alteridade da população indígena e mestiça:

Most of the tribes are now extinct or forgotten, at least those which originally peopled the banks of the main river, their descendants having amalgamated with the white and negro immigrants:* many still exist, however, in their original state on the Upper Amazons and most of the branch rivers. On this account Indians in this province are far more numerous than elsewhere in Brazil, and the Indian element may be said to prevail in the mongrel population, the negro proportion being much smaller than in South Brazil. (Bates, 1864: 19)

[...] Quase todas as tribos estão agora extintas ou esquecidas, pelo menos as que primitivamente povoavam as margens do rio principal, tendo-se os seus descendentes amalgamado com os imigrantes negros e brancos.*¹⁷⁰ Mas ainda existem muitas em seu estado primitivo no Alto Amazonas e na maioria dos seus tributários. Portanto os índios são muito mais numerosos nesta província do que no resto do Brasil, e pode-se dizer que o elemento índio prevalece na população mestiça, pois há uma proporção muito menor de negros no sul do Brasil.¹⁷¹ (Bates/ Mello-Leitão, 1944: 64).

Como é possível notar, para Bates era perfeitamente natural a miscigenação entre os povos locais/primitivos e os colonizadores. Seguem-se a nota de rodapé do autor e respectivas traduções. Observe-se que as duas traduções, apesar das diferenças de recodificação linguística, transmitem a mesma mensagem do TP:

*The mixed breeds which now form, probably, the greater part of the population, have each a distinguishing name. Mameluco denotes the offspring of White with Indian; Mulatto, that of White with Negro; Cafuzo, the mixture of the Indian and Negro; Curiboco, the cross between the Cafuzo and the Indian ; Xibaro, that between the Cafuzo and Negro. These are seldom, however, well-demarcated, and all shades of colour exist; the names are generally applied only approximatively. The term Creole is confined to negroes born in the country. The civilised Indian is called Tapuyo or Caboclo. (Bates, 1863: 35; 1864: 19)

(60)¹⁷² As raças mestiças que formam agora, provavelmente, a maior parte da população, são conhecidas por nomes distintos, a saber: o mameluco é o filho de branco com índio; mulato o de branco com negro; cafuzo a mistura de índio e negro; curiboca o cruzamento de cafuzo com índio; xibaro o de cafuzo com o negro. Mas raramente se veem diferenças bem marcadas, encontrando-se todos os tons de pele. É provável que os nomes sejam aplicados por simples

¹⁷⁰ Aqui a indicação da parte do texto que deu origem à nota do autor.

¹⁷¹ No final deste excerto Mello-Leitão insere uma nota do tradutor.

¹⁷² Este número (60) indica a marcação do número da nota na edição da «Brasiliana».

aproximação. O termo crioulo é restrito aos negros nascidos no país; ao índio civilizado chamam tapuio ou caboclo. (60). Nota do Autor. (Bates/Mello-Leitão, 1944, vol.1: 64)

*Os vários tipos de mestiços que agora constituem provavelmente a maior parte da população têm, cada um, a sua denominação própria. Mameluco é o mestiço de índio com branco; mulato, o de branco com negro; cafuzo, o de índio com negro; curiboca, o de cafuzo com índio, e xibaro, o de cafuzo com negro. Esses tipos nunca são, entretanto, muito bem definidos, havendo entre uns e outros todos os matizes de cor possíveis e usando-se as denominações apenas para classificá-los de um modo geral. O termo crioulo é aplicado exclusivamente a negros nascidos no Pará. O índio civilizado é chamado de tapuia ou caboclo. * (Bates/Junqueira, 1979: 22).

Mello-Leitão, além de citar trechos de outros autores, insere notas que complementam informações veiculada por Bates. A nota apresentada abaixo, foi retirada de uma obra do missionário espanhol Cristóbal Acuña (1597-1675), publicada em 1641. Este tipo de nota dá claramente visibilidade ao tradutor e é uma demonstração da sua agência, ou seja, da sua capacidade de agir com intencionalidade num determinado contexto; revela uma consciência do caráter documental da escrita de viagem e do papel do tradutor enquanto agente cultural que pode contribuir para a instrução dos leitores:

(61)¹⁷³ É interessante, para quem queira ter uma noção da infinidade de tribos que se encontravam nas margens do Amazonas e seus afluentes, ler a lista dada por Cristobal de Acuña em seu “Novo Descobrimento do Rio das Amazonas”. Já no número XXXVI escreve o jesuíta espanhol: “Todo este Novo Mundo (chamemo-lo assim) é habitado de bárbaros de distintas províncias e nações das quais posso dar fé, chamando-as por seus nomes, e assinalando as suas situações, umas de vista outras por informações dos índios que nelas haviam estado. Passam de 150, todas de línguas diferentes, tão dilatadas e povoadas de moradores como as que vimos por todo este caminho, como depois diremos”. (Bates/Mello-Leitão, 1944, vol. 1: 64)

Antes de apresentarmos os excertos sobre as primeiras impressões de Bates e Wallace, citamos o prefácio do primeiro dos autores à primeira edição, de 1863, que surge somente na edição da «Brasiliana», porque nele Bates resume a sua trajetória e a do seu companheiro de viagem. Começa por contar como surgiu a ideia de viajar para a Amazônia:

No outono de 1847, Alfredo Russel Wallace,¹⁷⁴ que depois grangeou larga fama, por estar ligado à teoria darwiniana da Seleção Natural, propôs fazermos uma expedição ao rio Amazonas, com o fim de explorar a História Natural de suas margens. O plano era colecionarmos produtos naturais, dispor das duplicatas em Londres para pagar as despesas, e acumularmos fatos,

¹⁷³ Esta é uma nota do tradutor Mello-Leitão, portanto somente presente na «Brasiliana».

¹⁷⁴ No prefácio do autor à primeira edição, surge a primeira nota do tradutor (Mello-Leitão): uma longa e bem elaborada biografia de Alfred Russel Wallace.

como dizia Wallace em uma de suas cartas "para resolver o problema da origem das espécies", assunto que muito havíamos debatido em nossas conversas e correspondência. Encontramo-nos em Londres, logo em princípios do ano seguinte, para estudarmos nas principais coleções as plantas e animais sul-americanos, e no mês de abril, como se relata nesta narrativa, começamos nossa viagem. (Bates/Mello-Leitão, 1944, Prefácio do autor: 11-12)

No parágrafo seguinte, resume a trajetória percorrida pelos dois naturalistas:

Meu companheiro deixou a região ao cabo de quatro anos de estada e, de volta à Inglaterra, publicou um relato de sua viagem, sob o título Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. Demorei-me sete anos mais, regressando à pátria em julho de 1859. Tendo tomado, passados os dois primeiros anos, um rumo diverso do seguido por meu amigo, não me parece fora de propósito dar à publicidade uma notícia de minhas viagens e experiências. (Bates/Mello-Leitão, 1944, Prefácio do autor: 11-12)

E finaliza, explicando como foi motivado a escrever o livro, ao mesmo tempo que justifica a demora em publicá-lo:

Logo que cheguei à Inglaterra tinha a saúde e o espírito muito deprimidos por onze anos de residência quase sobre a linha do equador, dos quais os três últimos numa região selvagem, a 1.400 milhas do litoral. Via então poucas possibilidades de dar ao mundo minha narrativa e, passados dois anos, quase de todo abandonara esse intento. Conheci então a Darwin que, tendo formado uma lisonjeira opinião a meu respeito, instou para que eu escrevesse um livro. Passados alguns meses novamente insistiu quando, já escrito o começo, minha resolução começava a fraquejar. Foi com esse incentivo que levei a cabo esta árdua tarefa. Julgo necessário fazer esta declaração que explica porque se passou tanto tempo entre minha volta à Inglaterra e a publicação deste livro. (Bates/Mello-Leitão, 1944, Prefácio do autor: 13-14)

No que se refere ao parágrafo anterior, Mello-Leitão, em seu prefácio de tradutor, enfatiza a decepção de Bates ao retornar à sua pátria e perceber que parte da coleção conseguida com trabalho árduo estava dispersa pela Europa:

De volta à pátria, combatido pela moléstia e sentindo sempre a nostalgia do "perpétuo verão", vieram aumentar-lhe as penas as dificuldades financeiras cada vez mais prementes, sentindo-se toda a sua amargura, quando nos conta que a sua valiosa coleção particular "não mais existe em sua integridade, pois alguns grupos passaram para outras mãos em diversas partes da Europa". Insiste Darwin para que ele publique a narrativa de sua viagem, insistência que se torna cada vez maior e Bates afinal acede e quatro anos passados de seu regresso nos dá a primeira edição desta obra. (Bates/Mello-Leitão, 1944, Prefácio do tradutor: 9)

Ao longo da leitura, quer seja através do prefácio ou das notas, o tradutor oferece ao leitor oportunidades de reflexão sobre o projeto de viagem de Bates e os episódios ocorridos durante sua demorada jornada pela Amazônia. Diferentemente do texto de Agassiz que apresentamos, sobre o qual pairam dúvidas no que se refere à quantidade de espécimes que ele declarou ter enviado para o Museu de Cambridge, a

julgar pelo seguinte trecho do *Comentário de Carlos Darwin*,¹⁷⁵ o valor do trabalho de Bates afigura-se notável:

Tão grande era, de facto, a massa de espécimes acumulados por Mr. Bates durante seus onze anos de pesquisas que no trabalho de suas coleções, que foi empreendida (ou está ainda em curso de ser excutada) por diversos cientistas deste país, foram encontradas representantes de não menos de 14.712 espécies, oito mil das quais eram ainda desconhecidas para a ciência. [...]. (Bates/ Mello-Leitão, 1944: 18)

Pelos excertos apresentados até agora, é possível apontar para o fato de Mello-Leitão preferir não alterar o texto de Bates no corpo do texto, optando antes pelas notas de rodapé para fazer acrescentamentos, explicitações ou mesmo correções. Logo após esta apreciação de Darwin, segue-se o prefácio à segunda edição e depois iniciam-se os capítulos. A forma como estes estão organizados no TP foi seguida pelos tradutores de ambas as edições e parece-nos ser bastante didática: no início de cada novo capítulo os temas a serem tratados são explicitados sob a forma de subtítulos, o que facilita a localização dos assuntos pelo leitor, conforme se pode ver:

CHAPTER I. – PARÁ

Arrival—Aspect of the Country —The Para River— First walk in the Suburbs of Pará—Birds, Lizards, and Insects of the Suburbs—Leaf-carrying Ant—Sketch of the climate, history, and present condition of Pará. (Bates, 1864:1)

CAPÍTULO I – PARÁ

Chegada — Aspecto da região — O rio Pará — Primeiro passeio pelos subúrbios do Pará — Aves, lagartos e insetos dos subúrbios — [Formiga carregadeira de folhas](#) — Esboço do clima, história e condição atual do Pará. (Bates/Mello-Leitão, 1944, vol. 1: 27)

CAPÍTULO I – O PARÁ

Chegada — Aspecto da região — O Rio Pará — Primeiro passeio pelos arredores da cidade do Pará — Pássaros, lagartos e insetos locais — [A formiga-cortadeira](#) — Esboço geral do clima, da história e das atuais condições do Pará. (Bates/Junqueira, 1979: 11)

Desta vez Junqueira nos surpreende, por não traduzir mais literalmente *Leaf-carrying Ant*, a formiga gigante, com mais de uma polegada de comprimento, conhecida popularmente na região como *saúva*. É desta forma que ambos os tradutores se referem a esta espécie no corpo do texto e também na descrição das imagens. *Formiga cortadeira* é uma outra forma popular de chamá-la, assim como: *saúba*, *formiga-*

¹⁷⁵ Assim traduzido do título original em inglês “An Appreciation, by Charles Darwin”, por Mello-Leitão.

carregadeira, formiga-cabeçuda, tanajura, entre muitas outras. Aos olhos de quem não conhece a terminologia, pode parecer que Junqueira cometeu um erro de tradução e que Mello-Leitão estaria certo, mesmo traduzindo literalmente “leaf-carrying ant” como “formiga carregadeira de folhas”. Este pequeno exemplo reforça o que temos dito sobre os tradutores, que eles sempre nos surpreendem ao mudarem as estratégias durante a tradução.

Até agora selecionamos excertos que caracterizam a trajetória de Bates. A seguir, incluímos um pequeno trecho em que o viajante demonstra estar totalmente disposto a admirar as belezas paradisíacas da região:

It was with deep interest that my companion and myself, both now about to see and examine the beauties of a tropical country for the first time, gazed on the land where I, at least, eventually spent eleven of the best years of my life. (Bates, 1863:1-2)

Era com o mais profundo interesse que eu e meu companheiro, que víamos e examinávamos agora, pela primeira vez, as belezas de uma região tropical, mirávamos a terra onde eu, afinal, passei onze dos melhores anos de minha vida. (Bates/Mello-Leitão, 1944:27-28)

Foi com um profundo interesse que meu companheiro e eu – ambos ávidos para apreciar as belezas de um país tropical – contemplamos a terra onde pelo menos eu iria passar onze dos melhores anos de minha vida. (Bates/Junqueira, 1979:11)

Neste outro grupo de excertos, Junqueira utiliza o termo *ávidos* para intensificar o sentimento que ambos nutriam: examinar, descobrir, apreciar as belezas de uma região totalmente nova. Não vemos nenhum problema em não ter traduzido “for the first time”, principalmente porque na leitura da narrativa, desde o início se percebe que tudo está sendo experimentado por eles *pela primeira vez*, já que não haviam estado no Brasil anteriormente.

Tanto no excerto do Sumário quanto na passagem em que Bates fala de sua expectativa sobre a região, não se detetam diferenças significativas entre as duas traduções, ambas foram bem fiéis ao texto original. Adiantamos, no entanto, que a preferência por uma tradução que se aproxima das normas da língua e cultura de partida não será uma constante na tradução de Mello-Leitão, assim como não será a única opção de Junqueira a de privilegiar as normas da língua e cultura de chegada.

II.1.3.: Alfred Russel Wallace: o olhar do naturalista inglês sobre a natureza prodigiosa

Estudiosos afirmam que Wallace (1823-1913), naturalista inglês, desenvolveu ideias semelhantes às de Charles Darwin durante sua estada nas Ilhas Molucas (Indonésia), as quais resultaram em um ensaio que praticamente definia as bases da tão famosa teoria da origem das espécies por meio da seleção natural. Ocorreu-lhe enviar seu ensaio a Darwin e pedir que ele, juntamente com o geólogo escocês Charles Lyell (1797 – 1875), fizessem uma apreciação do mérito de suas teorias. Darwin, que já desenvolvia há aproximadamente 20 anos, em sigilo, estudos da mesma natureza, ficou impressionado com as conclusões de Wallace e propôs que ambos apresentassem uma comunicação à Linnean Society, em Inglaterra, em 1858. Muitos acreditam que se Wallace não tivesse submetido seu trabalho a Darwin, poderia certamente ter se tornado o pioneiro dessa descoberta, o que realmente não aconteceu. E há os que afirmam, como Basílio de Magalhães (1874-1957)¹⁷⁶ — prefaciador da obra de Wallace na «Brasiliana» — que: “É fora de dúvida que a lei do transformismo foi divulgada simultaneamente por Darwin e Wallace, pela leitura das respectivas comunicações, efetuada perante a Linnean Society” (Magalhães, 1939: 29).

A paixão de Wallace por insetos decorreu do fato de ele ter realizado trabalhos de agrimensura, e intensificou-se quando foi lecionar desenho, cartografia e agrimensura na Collegiate School, em Leicester. Foi também nesta escola que conheceu Henry Walter Bates, com quem partilhou interesses. Ávido por leitura, inspirou-se em obras de naturalistas-viajantes que o precederam, como Alexander von Humboldt (1769-1859) e William Henry Edwards (1822-1909). Tal contexto favoreceu a parceria que viria a formar com Bates, a fim de estudarem a fauna e a flora da região Amazônica, a partir do ano de 1848. Por suas contribuições teóricas e práticas, “Wallace se tornou um nome respeitado na Inglaterra e no resto do mundo culto, vendo-se ele constantemente solicitado a colaborar em revistas e congressos de ciências naturais.” (*op. cit.*: 31) e teve seu reconhecimento expresso pela mais notável associação britânica de alta cultura, a Royal Society, que lhe concedeu, em 1868, “a medalha régia, não só como galardão das suas contribuições, teóricas e práticas, em prol da zoologia, como

¹⁷⁶ Fonte para o perfil de Magalhães: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/bdemagalhaes.html>. Acesso em 20.02.2020.

principalmente por motivo dos seus escritos sobre a origem das espécies.” (*idem*). Outras premiações se sucederam. Estes foram apenas alguns dos motivos que nos levaram a escolher Alfred Russel Wallace para compor o conjunto de autores de escrita de viagem a analisar em nosso trabalho.

Passamos à apresentação da sua obra, desde o texto de partida em inglês até aos textos de chegada em português do Brasil. Iniciamos com a amostra das primeiras páginas da edição de *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro*, de Alfred Russel Wallace, em sua segunda edição. Como era comum à época, a publicação apresenta no frontispício uma foto do autor, autografada. Segue-se a folha de rosto:

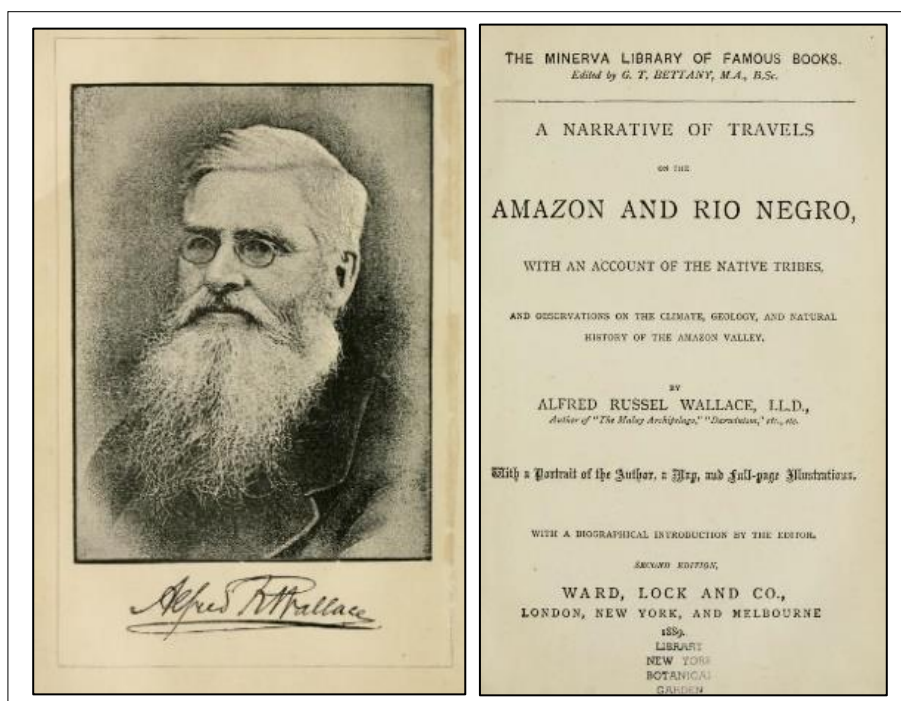


Figura 54 ¹⁷⁷

Apresentam-se agora imagens relativas à primeira edição do TC na Coleção «Brasíliana» (1939):

¹⁷⁷ Wallace, 1889: Frontispiece; Title Page.

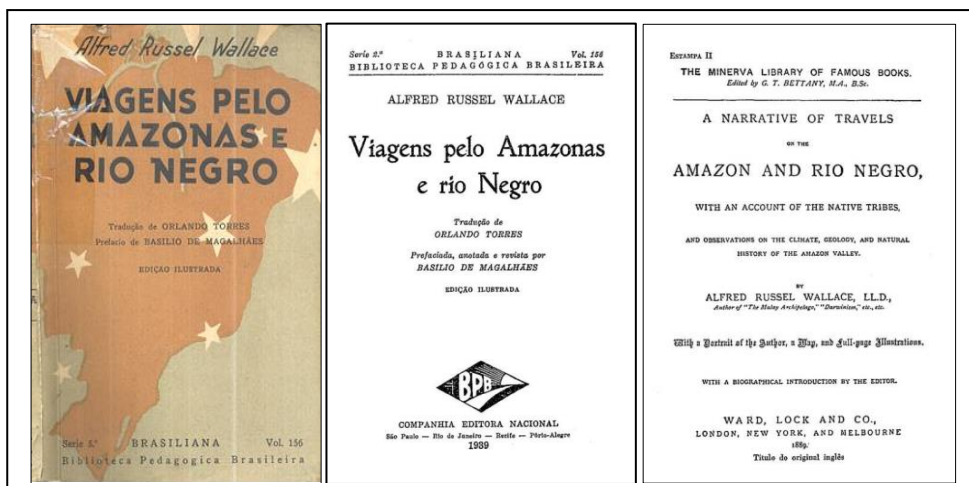


Figura 55¹⁷⁸

Segue-se a ilustração da primeira edição do TC na Coleção «Reconquista do Brasil» (1979):

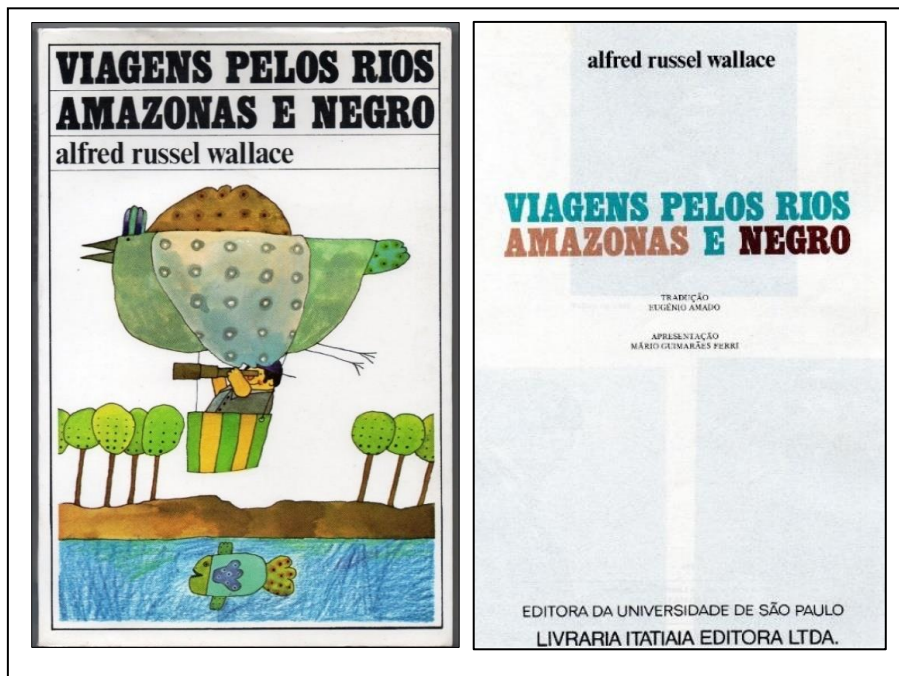


Figura 56¹⁷⁹

¹⁷⁸ Wallace/Torres, 1939: Capa; Folha de Rosto; Dados Editoriais sobre o original.

¹⁷⁹ Wallace/Amado, 1979: Capa e Folha de Rosto.

Esta capa ilustra o interesse do botânico pelos peixes da Amazônia, mas a criatividade de Cláudio Martins fez com que diferentemente de um barco, ou canoa — meios de transporte utilizados pelo naturalista para coletar as espécies de peixes —, o naturalista use um balão em formato de pássaro e que em vez de anzóis carregue uma luneta para visualizar os peixes do alto. As capas da «Reconquista» podem sugerir diversas interpretações, mas uma coisa é certa: atraem a atenção do leitor, por trazerem cor e recriarem fauna e flora típicas da região.

Entre a capa e a folha de rosto, apresentadas na página anterior, surge a lista dos livros publicados pela coleção, o título em português, os dados catalográficos, os dados editoriais da USP, que foi responsável pela reedição deste volume, e da Editora Itatiaia. Na sequência encontram-se o título original e os direitos de propriedade literária pela Editora Itatiaia, três fotografias de Wallace referentes aos anos de 1848, 1853 e 1869, e, na página seguinte, os mapas dos rios Negro e Uaupés, segundo Wallace. Sucede-se a apresentação da obra e do autor por Ferri, os prefácios da primeira e da segunda edições, o sumário, com os títulos e intertítulos; e, na pág. 16, o mapa do Rio Amazonas, também segundo Wallace. Após os 17 capítulos, temos ainda o apêndice das gravuras.

As orelhas desta obra foram escritas pelo mesmo tradutor de Agassiz, João Etienne Filho, que também assinou as orelhas de *Um Naturalista no Rio Amazonas* e teceu muitos elogios a Bates. Desta vez, Arreguy Filho (como assina nesta edição), tece elogios à Coleção «Reconquista» pela diversidade de assuntos tratados por autores de diferentes épocas, e ressalta um outro aspecto curiosíssimo da Coleção: a predominância de temas amazônicos. Diz ele:

Aliás, diga-se de passagem, a Amazônia, suas florestas, seus rios, sua fauna, tem intrigado, ou tem deixado estupefatos, ou apaixonados, os cronistas, os sábios, os meros viajantes, que desde o Século XVI a viram, a amaram, sentiram seu mistério, previram seu futuro ou temeram pelo seu destino. (Wallace/Arreguy Filho, 1979: orelhas)

Passemos agora à descrição de *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro* na edição do Senado Federal, datada de 2004:

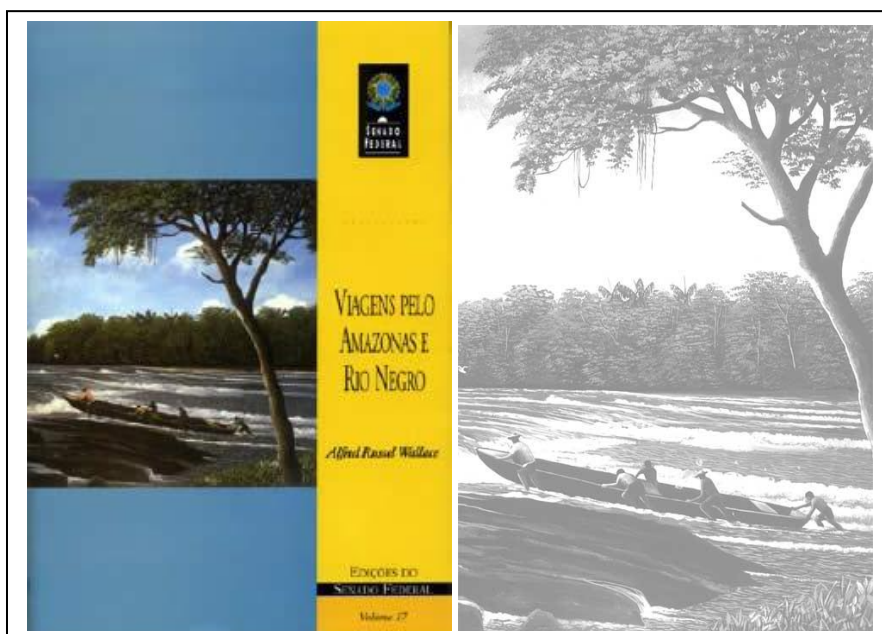


Figura 57 ¹⁸⁰

As duas gravuras abaixo servem para mostrar que tanto na folha de rosto quanto na página que exhibe os dados catalográficos o nome do tradutor foi omitido (intencionalmente? por descuido?), o que aponta para a longa tradição de invisibilidade do trabalho dos tradutores. Aparecem, contudo, os nomes de Basílio de Magalhães, autor das notas, em ambas as páginas, e o nome do responsável pelo projeto gráfico da edição, Achilles Milan Neto, na página que informa sobre os dados catalográficos, o que torna ainda mais gritante o apagamento do nome do tradutor. Tentamos obter uma justificativa da editora, através de e-mails, mas não obtivemos nenhuma resposta.

¹⁸⁰ Wallace/ Torres, 2004: Capa; Frontispício: *Barco* - Óleo sobre tela de Nilda Silva, 1,00m x 1,33m, 1981, acervo do Senado Federal.

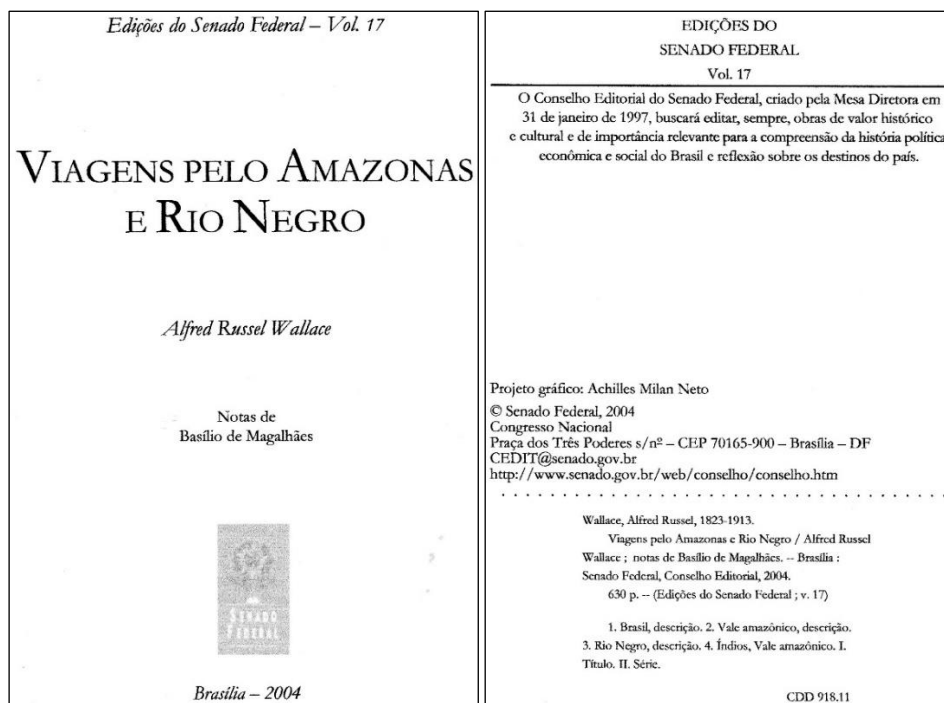


Figura 58 ¹⁸¹

O material paratextual fornece informação relevante sobre este viajante, nomeadamente os prefácios do autor à primeira e segunda edições, pois resumem os anseios e objetivos iniciais do naturalista ao participar nesta aventura exploratória a um país longínquo, bem como incluem dados acerca do desfecho da jornada. Pelo fato de nem sempre o *site* da Brasileira UFRJ se encontrar disponível, tivemos de alternar as referências dos excertos selecionados no que toca ao tratamento da obra de Wallace. Sendo assim, utilizaremos tanto a edição de 1939 da Companhia Editora Nacional como a de 2004 da Editora do Senado Federal, que são idênticas. Eis a explicitação dos motivos que o levaram a empreender a viagem:

PREFACE

An earnest desire to visit a tropical country, to behold the luxuriance of animal and vegetable life said to exist there, and to see with my own eyes all those wonders which I had so much delighted to read of in the narratives of travellers, were the motives that induced me to break through the trammels of business and the ties of home, and start for "Some far land where endless summer reigns." (Wallace, 1889: XI)

¹⁸¹ Wallace/Torres, 2004: Folha de Rosto e Dados Catalográficos.

PREFÁCIO DO AUTOR À 1ª EDIÇÃO

O ardente desejo de visitar uma região tropical, para contemplar a exuberância de vida, tanto animal como vegetal, que dizem existir ali, e ver, com os meus próprios olhos, todas as maravilhas que tanto me deliciavam, quando eu lia as descrições feitas pelos viajantes que as contemplaram, foram os motivos que me induziram a romper a trama de meus negócios, os vínculos que me prendiam ao lar, e partir para "alguma terra bem distante onde reina um sertão constante". (Wallace/Torres, 1939: 33)

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO

O ardente desejo de visitar uma região tropical, de contemplar a exuberância da vida animal e vegetal que se dizia ali existir, e de ver com meus próprios olhos todas as maravilhas cujo conhecimento, através da leitura das narrativas dos viajantes, tanto me deleitavam, foram os motivos que me induziram a desfazer os compromissos profissionais e os vínculos familiares, e partir para "longes terras onde imperava o infinito estio". (Wallace/Amado, 1979: 11)

Os primeiros sublinhados servem para destacar os termos de Wallace ao se referir à região. O uso de adjetivos, substantivos ou formas verbais para descrever o que se apresentava aos olhos deste inglês reflete que ele agrega valores à sua descrição, pois poderia dizer apenas "contemplar a vida animal"; contudo, acrescenta o termo *exuberância* para enfatizar o significado daquela vida. Com relação ao sentido da palavra *summer*, no final do trecho original, está associado à ideia de um local onde o verão prevalece o ano inteiro. No entanto, não é este sentido que as traduções oferecem ao leitor brasileiro, mas o de dias de infinita estiagem/estio/total ausência de chuva. O termo *sertão*, utilizado por Torres, é mais apropriado ao clima típico do nordeste brasileiro — extremamente árido e ensolarado o ano inteiro. Esta afirmação gera uma imagem um tanto ou quanto diferente da realidade da região norte, mais especialmente do estado do Pará. O termo *estio* (adj.), e mais apropriadamente *estiagem* (subst.), significa ausência de chuva por um determinado período, ocasionando "redução acentuada no volume de reserva hídrica da superfície e do subsolo".¹⁸² Na Amazônia onde os dois viajantes, Bates e Wallace, aportaram, residiram e de onde partiram de volta para a Inglaterra, não havia, e nem há nos dias atuais, verão com tais características, mas sim um clima quente e extremamente húmido, com ocorrência de chuvas o ano inteiro, com maior ou menor intensidade. Portanto, encontra-se aqui um

¹⁸² <https://letrasambientais.org.br/posts/qual-a-diferenca-entre-seca-e-estiagem--entenda-de-uma-vez-por-todas> . Acesso em 16.02.2020.

problema de tradução que induz o leitor a formar uma ideia equivocada sobre a região. Desta forma, seria mais apropriado que tivessem utilizado o termo *verão*, como no original, pois sabe-se que, respeitando as características de cada região, o termo remete a significados diferentes, podendo ser um período em que a incidência solar é mais longa, ou em que as temperaturas são mais altas, entre outros.

Mais adiante, Wallace revela que a decisão de desembarcar diretamente na região Amazônica surgiu após a leitura do livro de William Henry Edwards (1822-1909):

My attention was directed to Para and the Amazon by Mr. Edwards's little book, "A Voyage up the Amazon," (Wallace, 1889: XI)

Minha atenção voltou-se desde logo para o Pará e o Amazonas, por eu haver lido um livro de Edwards,¹⁸³ intitulado A voyage up the Amazon. (Wallace/Torres, 1939: 33)

Minha atenção dirigiu-se para a cidade do Pará e o Rio Amazonas, por influência do opúsculo de Mr. Edwards intitulado "A Voyage up the Amazon." (Wallace/Amado, 1979: 11)

Amado apresenta uma pequena mostra de fidelidade ao TP ao se referir à obra de Edwards como um "opúsculo", significado literal de "little book", enquanto Torres utiliza apenas o termo "livro". Neste caso discordamos de Wallace e de Amado, pelo fato de o livro de Edwards conter nada menos do que 22 capítulos distribuídos por 226 páginas, mas devemos realçar o fato de Wallace ter indicado o livro de William Henry Edwards (1822-1909), entomologista americano, pois denota uma consciência do caráter documental da literatura de viagem. A referência completa da obra de Edwards, no entanto, foi dada por Basílio de Magalhães em nota acrescentada ao prefácio do autor:

(*) O título completo da obra do norte-americano William H. Edwards, que realizou, de fevereiro a outubro de 1846, numa excursão à bacia do nosso rio-mar, é o seguinte: *A voyage up the river Amazon, including a residence at Pará* (Londres, 1847)." (Wallace/Magalhães, 2004: 31)

¹⁸³ Edwards, William Henry. *A voyage up the river Amazon: including a residence at Pará*. London: John Murray, 1847.

Um outro trecho da «Brasíliana» que reproduzimos abaixo, por sua vez, contextualiza impressões de Wallace e justifica as possíveis imperfeições de sua narrativa com o fato de o incêndio que deflagrou no navio em que regressou a casa lhe ter custado a perda das suas anotações:

Propus-me fazer a viagem à minha própria custa, para o fim exclusivo de reunir coleções de história natural. Consegui levar avante a minha ideia, realizando assim o meu desejado propósito. E os deleites, que então experimentei, ante os belos e curiosos aspectos que continuamente se me deparavam, e o profundo interesse que despertavam em mim para o seu estudo, aquelas remotas paragens, habitadas por várias raças do gênero humano, foram tais que eu, dali por diante, resolvi continuar firmemente no objetivo em que me embrenhara, excitando ainda mais o prazer e o desejo de percorrer de novo os selvagens e luxuriantes cenários, palpitantes de vida, dos trópicos. Nas páginas que se seguem, fiz uma narrativa das minhas excursões e das impressões que recebi então. A primeira e a última parte do livro, com poucas alterações, foram extraídas do meu diário de viagem. Todas as outras notas, porém, feitas durante dois anos, bem como a maior parte das minhas coleções e esquemas, perderam-se, por ocasião do incêndio do navio em que eu vinha de volta para casa. Com as notas fragmentárias e outros papéis, que eu ainda pude salvar, escrevi a parte intermediária e os quatro últimos capítulos sobre a história natural da região e sobre as suas tribos de índios, das quais, se eu houvesse salvado todos os materiais que ali colhi, conforme era minha intenção, teria eu feito um trabalho separado sobre a história física do Amazonas.

Em conclusão: tenho certeza de que a grande perda de materiais que sofri, os quais sem dúvida seriam devidamente apreciados pelos viajantes e naturalistas, possa ser tomada em consideração, para explicar as lacunas e imperfeições da presente narrativa, bem como a deficiência e esterilidade da outra parte do meu trabalho, tão pouco e tão pequeno em relação ao que era de esperar-se de uma residência de quatro anos em tão interessante e tão pouco conhecida região.

Londres, outubro de 1853.

A.R.W. (Wallace/Torres, 1939: 34)

Chamamos a atenção para os termos sublinhados para reiterar que, para além de uma descrição de natureza científica, Wallace se preocupa em demonstrar seus sentimentos quanto ao que vislumbrara e estudara, não permitindo que os percalços da viagem apagassem o tom positivista da sua narrativa. O fato de pedir desculpas pelas lacunas e imperfeições e de lamentar a perda de materiais que tão caros seriam aos viajantes e naturalistas, prova sua humildade e comprometimento com a missão que optou por cumprir.

Já no curto prefácio à segunda edição, abaixo, Wallace informa que o volume é uma reimpressão do trabalho original com acréscimos, revisões e correções. Esta edição foi a que serviu de TP para as duas traduções brasileiras, como já dissemos.

PREFACE TO NEW EDITION.

THIS issue is substantially a reprint of the original work, but the proof sheets have been carefully revised and many verbal corrections made. A few notes have been added, and English names have in many cases been substituted for the local terms which were used too freely in the first edition. The only omissions are the vocabularies of Indian languages and Dr. Latham's observations on them, which were thought to be unsuitable to the general reader. The publishers have supplied a few additional woodcuts which give a fair idea of Amazonian scenery.
A. R. W. Parkstone, Dorset, October 1889. (Wallace, 1889: XII)

PREFÁCIO DO AUTOR À 2ª EDIÇÃO

A presente edição é, em sua essência, uma reimpressão do trabalho original; mas foi cuidadosamente revista, corrigindo-se muitas expressões verbais. Poucas notas mais foram-lhe acrescentadas, e muitos vocábulos ingleses substituíram os termos locais, que muito livremente foram empregados na primeira edição. A única omissão, que há ainda a notar-se, é a dos vocabulários dos índios, bem como os comentários do dr. Latham sobre os mesmos, os quais julgamos dispensáveis para os leitores em geral. Os editores, todavia, acrescentaram algumas estampas, que servem para dar melhor ideia dos aspectos do Amazonas.
A.R.W. Parkstone (Dorset), outubro de 1889. (Wallace/Torres, 1939: 35)

PREFÁCIO DA 2ª EDIÇÃO

Esta edição é, essencialmente, uma reimpressão do trabalho original, cujas provas tipográficas, no entanto, foram cuidadosamente revisadas, tendo-se feito diversas correções gramaticais. Acrescentaram-se algumas poucas notas e substituíram-se vários termos em inglês, por seus equivalentes locais que foram usados com uma certa liberalidade na primeira edição. Foram suprimidos apenas os vocabulários das línguas indígenas e os comentários do Dr. Latham acerca dos mesmos, considerados pouco apropriados para o leitor comum. Por outro lado, os editores acrescentaram algumas gravuras adicionais, que servem para dar uma boa ideia da paisagem amazônica.
A.R.W. Parkstone, Dorset, outubro de 1889. (Wallace/Amado, 1979:12)

Os trechos sublinhados indicam que os comentários do Dr. Latham não seriam “apropriados”, ou seriam “dispensáveis” para o público-leitor da segunda edição. Como no curto prefácio Wallace não aprofunda os motivos da retirada de tal trecho, resolvemos verificar o seu conteúdo na primeira edição. O texto encontra-se inserido no apêndice intitulado “Vocabularies of Amazonian Languages” (Wallace: 1853: 525 a 541) e trata de assunto relacionado a aspectos morfo-sintáticos e fonológicos de diversas línguas indígenas, primordialmente de interesse para pesquisadores especialistas em estudos etnográficos brasileiros. Sendo assim, a primeira hipótese que apresentamos é a de que se tenha considerado que não se adequaria aos interesses do público-leitor europeu. No entanto, o fato de Wallace ter declarado que “English names have in many cases been substituted for the local terms which were used too freely in the first edition” faz com que surja uma nova hipótese: a do apagamento da alteridade da língua e da cultura dos povos originários da Amazônia. Isso revela uma hegemonia da cultura e

língua do Outro estrangeiro, uma desigual relação de forças. Amado foi fiel ao TP traduzindo “unsuitable” por “pouco apropriado”; já Torres sugere a irrelevância do texto ao optar por “dispensável”.

Magalhães, por sua vez, inseriu uma nota sobre o etnólogo Latham, na qual ressalta, de certa forma, sua dedicação à pesquisa do vocabulário dos indígenas:

Robert Gordon Latham (1812–1888), médico, filólogo, etnólogo e físico, chamou a atenção do mundo científico, em 1851, pondo em dúvida a procedência asiática dos árias. Além de dois outros trabalhos sobre a linguística ameríndia, lucubrou as “Remarks on the vocabularies” (as quais saíram com o seu nome, “R. G. Latham, M. D.”), que enriqueceram a editio-princeps (págs. 525-541) da obra de Wallace (Wallace/Magalhães, 2004 [1939]: 33).

Antes dos dois prefácios do autor, e apenas na edição da «Brasiliana», há um preâmbulo¹⁸⁴ de Basílio de Magalhães, intitulado “Alfred Russel Wallace (Algumas notas sobre a sua vida, bibliografia e contribuição para a teoria do transformismo.)” (Wallace/Magalhães, 2004: 13-30), que inclui também notas técnicas e de cunho biobibliográfico, como mostrado no recorte do quadro que elaboramos para exemplificar os tipos de notas exibidas nesta parte do volume:

¹⁸⁴ Utilizamos o termo preâmbulo pois é assim que está referido na edição da «Brasiliana».

<p align="center">“Viagem pelo Amazonas e Rio Negro” (Brasília, 1939)</p> <p align="center">Nota do Autor = NA (Wallace) - Nota do Tradutor = NT (Orlando Torres) – Nota do Prefaciador = NP (Basílio de Magalhães)</p> <p align="center">Preâmbulo: 42 pág. / Obra: 668 pág. / Pós-obra: 3 pág. – Total: 713</p> <p align="center">Notas em rodapé – ao final de cada pág. do assunto referido</p>
<p align="center">Alfred Russel Wallace por Basílio de Magalhães</p> <p align="center">Preâmbulo - Rio, março de 1939 - Basílio de Magalhães.</p>
NP (1) Os dois amigos separaram-se sem o menor desentendimento pessoal, e apenas porque Wallace queria, sobretudo, colher fatos de toda espécie que interessassem ao estudo da origem e evolução dos seres vivos, ao passo que Bates cogitava exclusivamente da entomologia. As relações entre ambos continuaram cordiais, como se infere do que se lê à p. 266 dos <i>Travels</i> de Wallace.(P.16 – Preâmbulo)
NP (2) Sobre Charles Darwin – (P.17 – Preâmbulo)
NP (3) Sobre Buffon (1707-1788) e sua obra (P. 19 – Preâmbulo)
NP (4) Sobre Erasmo Darwin – avô de Charles Darwin e suas publicações (P. 19 – Preâmbulo)
NP (5) Sobre Goethe (1749-1832) (P. 19 – Preâmbulo)
NP (6) A hipótese das nebulosas de Laplace (1749-1827) (P. 19 – Preâmbulo)
NP (7) A "Philosophie zoologique" de Lamarck (1744-1829) (P. 20 Preâmbulo)
NP (8) Robert Chambers (1802-1871) e sua obra (P.21-Preâmbulo)
NP (9) Sir John Frederick William Herschel (1792-1871) (P. 22 - Preâmbulo)
NP (10) - Herbert Spencer (1820-1903), um dos mais fecundos e reputados pensadores do século próximo-findo.... (P. 23 - Preâmbulo)
NP (11) Thomas Robert Malthus (1766-1834), pastor protestante (P. 24 – Preâmbulo)
NA (12) Esses dois escritos foram reimpressos em meu trabalho <i>Natural selection and tropical nature</i> (P. 25 – Preâmbulo)
NP (13) Sir Charles Lyell (1797-1875) era escocês (P. 25 – Preâmbulo)

Quadro 5

Se observarmos o quadro apresentado acima, veremos que a primeira nota — NP (1) —, entre as treze apresentadas, de um total de 17, serve de esclarecimento ao leitor que tenha interesse em saber porque os dois amigos que viajaram juntos para a Amazônia se separaram depois de algum tempo. Entre as demais, há apenas uma do autor (NA) que foi retirada de um trecho de um dos livros de Wallace, o qual, como refere Magalhães, se intitula “The wonderful century” (17).

Outras notas são acrescentadas por Magalhães até ao final do livro, demonstrando o amplo conhecimento de um grande pesquisador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) do século XX. A citação abaixo prova como Magalhães incluiu aspectos da vida do autor que não tinham relação direta com os propósitos da viagem ao Brasil, mas que alargam a informação sobre Wallace e a sua intervenção social:

Há ainda uma feição especial do primoroso talento de Wallace, a qual não deve ser posta em olvido: é a sua influente cooperação, teórica e prática, na agitação social que culminou em toda a Grã-Bretanha no derradeiro quartel do século XIX. A crise econômica e industrial já havia feito aparecer na Inglaterra a Federação Social Democrática, fundada por Hyndman (discípulo de Karl Marx) em 1880, seguida pouco depois pela Fabian Society, planejada por um pugilo de jovens intelectuais, que queriam aplicar aos males da sua pátria o velho sistema estratégico de Fabius Cunctator, isto é, a temporização. Para enfrentar a crise agrária, os prosélitos ingleses do escritor socialista norte-americano Henry George, cuja obra-prima, “Progress and poverty” (publicada em 1879), causara forte impressão nos cérebros anglo-saxões, entenderam de instalar uma Liga para a restituição da terra, em 1880. (Wallace/Magalhães, 2004 [1939]: 27-28)

No final, Magalhães enaltece o penhorante serviço prestado pelo IHGB, aos homens de cultura, que foi a tradução da obra monumental de Spix e Martius sobre as suas viagens científicas no Brasil, assim como eleva sua própria pessoa, por ter sido o revisor e anotador da obra dos viajantes alemães, cujo título não refere. Conclui, dizendo:

– quero servir-me da feliz oportunidade, para deixar também expresso aqui o meu sincero desejo de ver em breve trasladados à nossa língua os dois excelentes volumes de Richard F. Burton, “The highlands of the Brazil” (Londres, 1869), um dos melhores trabalhos de amestrada pena alienígena, consagrado a múltiplos aspectos da nossa privilegiada e esplendorosa terra. (Wallace/Magalhães, 2004 [1939]: 29-30)

Por se tratar de um trabalho de tradução, esperávamos encontrar mais informações sobre o tradutor, a obra e a editora. Críticas à participação de Magalhães na obra de Wallace foram também feitas pelo tradutor de Bates, Mello-Leitão, que ao se referir a uma ave que se reproduz durante a estação chuvosa da região amazônica do Brasil, e cujo nome popular é jacamar (jacamaracu), em inglês *great jacamar*, diz em nota: “O anotador de Wallace, que procura de vez em quando corrigir o grande sábio inglês, diz que não há no Brasil pássaro com nome de jacamar, devendo tratar-se de jaçanã ou jacamim.” (Bates/Mello-Leitão, 1944: 172). Na verdade, os pássaros jacamar,¹⁸⁵ jaçanã¹⁸⁶ e jacamim¹⁸⁷ são de espécies totalmente diferentes, conforme pode ser visualizado nas páginas indicadas em nota.

Não é nosso objetivo enumerar todas as evidências de erros cometidos por Magalhães e detetados por Mello-Leitão, mas registramos uma outra inexatidão que aparece quando Bates descreve um lagarto típico da Amazônia, conhecido como iguana.

¹⁸⁵ <https://www.wikiaves.com.br/wiki/jacamaracu>

¹⁸⁶ <https://www.wikiaves.com.br/wiki/jacana>

¹⁸⁷ <https://www.wikiaves.com.br/wiki/jacamim-de-costas-cinzentas>

Comenta Mello-Leitão: “É de lamentar que a tradução do livro de Wallace tenha sido inçada de erros nas notas referentes à História Natural.” (Bates/Mello-Leitão, 1944: 156)

Assim como procedemos por ocasião da apresentação das primeiras impressões de Bates, para que possamos depois compará-las com as impressões finais, trazemos agora primeiras impressões de Wallace, que também visam ser comparadas com as de Bates. Logo de início, percebe-se que o botânico, naturalmente influenciado por sua origem europeia, recorre a referências que lhe são familiares, como Calais ou Boulogne, para descrever o aspecto visual das construções locais. A visão da vegetação e do casario, conforme o navio se aproximava das margens do rio Guamá, onde desembarcariam, lembra-lhe cenários europeus:

The appearance of the city from the river, which is the best view that can be obtained of it, is not more foreign than that of Calais or Boulogne. The houses are generally white, and several handsome churches and public buildings raise their towers and domes above them. The vigour of vegetation is everywhere apparent. [...] The general aspect of the trees was not different from those of Europe, except where the "feathery palm-trees" raised their graceful forms ; but our imaginations were busy picturing the wonderful scenes to be beheld in their dark recesses, and we longed for the time when we should be at liberty to explore them. (Wallace, 1889:2)

O aspecto da cidade, vista do rio, que é o melhor ponto de observação, não é mais estranho que o de Calais ou de Boulogne. As casas, em geral, são pintadas de branco, destacando-se dentre elas algumas igrejas e vários edifícios públicos notáveis, com as suas altas torres e cúpulas. O vigor da vegetação evidencia-se por toda parte. [...] O aspecto geral da vegetação pouco difere do da Europa, excetuando-se as palmeiras, de abundante folhagem, e que ostentam graciosas formas. Todavia, em nosso espírito, já prefigurando as admiráveis cenas que dentro em pouco deveríamos contemplar nos seus mais íntimos recessos, aguardávamos, ansiosos, a necessária liberdade, para melhor explorá-las. (Wallace/Torres, 1939: 2-3)

Do rio, que é de onde se tem o melhor ponto de observação, o aspecto da cidade não me pareceu mais estranho do que o de Calais ou de Boulogne. As casas são geralmente brancas, e diversas igrejas e prédios públicos notáveis erguem suas torres e cúpulas acima delas. Denota-se por todo lado a pujança da vegetação. [...] O aspecto geral das árvores não era diferente do de suas congêneres europeias, a não ser nos lugares onde as “palmeiras plumosas” erguiam suas graciosas formas. Entrementes, nossos cérebros estavam ocupados visualizando as maravilhosas cenas que deveríamos contemplar em seus escuros recessos, e ansiávamos pelo tempo em que teríamos a necessária liberdade de explorá-las. (Wallace/Amado, 1979: 17-18)

Se compararmos as descrições de Wallace com as de Bates, percebemos que estão ambos ávidos por desfrutar das potencialidades daquele novo mundo. No entanto, Bates se mostra mais liberto das referências europeias e, portanto, mais propenso a interagir melhor com o meio e a cultura local.

A admiração de Wallace pelo rio Amazonas era grande, mas ele também demonstra ser bastante temeroso com relação aos perigos que iria enfrentar:

It was about ten days after we left Pará that the stream began to widen out and the tide to flow into the Amazon instead of into the Para river, giving us the longer ebb to make way with. In about two days more we were in the Amazon itself, and it was with emotions of admiration and awe that we gazed upon the stream of this mighty and far-famed river. (Wallace, 1889:93)

Dez dias depois de deixarmos Belém, o rio começou a alargar-se e as suas águas a correr para o Amazonas, em vez de correr para o rio Pará, com muito maior refluxo, o que muito favorecia o prosseguimento da nossa viagem. Com outros dois dias, alcançamos propriamente o Amazonas. Foi com as mais vivas emoções de admiração, num misto de pavor* e de respeito, que contemplamos a vastidão de águas deste majestoso e afamadíssimo rio. (Wallace/Torres, 2004: 181-182)

Os sentimentos de admiração, pavor e respeito apresentados por Amado se assemelham ao que foi dito por Torres, com uma pequena diferença no final deste trecho: “Foi com um misto de admiração e temeroso respeito que contemplamos a poderosa massa líquida desse célebre rio.” (Wallace/Amado, 1979: 92).

O asterisco (*) colocado após a palavra *pavor*, na tradução de Torres, tem por objetivo inserir uma observação feita pelo anotador Basílio de Magalhães, a qual reproduzimos a seguir:

Eis um belo trecho de Euclides da Cunha, em seu livro *À margem da História* (págs. 7-8 da 2ª ed.), com referência a esse “pavor” de Wallace ante a maravilhosa imponência do Amazonas: “Ao revés da admiração ou do entusiasmo, o que sobressalteia geralmente, diante do Amazonas, no desembocar do dédalo florido do Tajapuru, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento.” (Wallace/Magalhães, 2004: 182)

A observação de Magalhães é bem pertinente, pois navegar pelo maior rio do mundo em volume de água requer muita coragem. Daí que o sentimento de pavor experimentado por Wallace se sobreponha ao de admiração e entusiasmo. Da mesma forma, o casal Agassiz nos apresenta o que sentiram no primeiro domingo da comitiva no rio Amazonas. A Sra. Agassiz inicia assim o seu relato:

Hoje, porém, é impossível fazer outra coisa que não seja olhar e admirar.” E depois dizendo que seu esposo se mostra surpreso, ela reproduz sua fala: “Este rio não parece um rio; a corrente geral, este mar de água doce, é dificilmente perceptível à vista e mais se parece com as águas dum oceano do que com o movimento dum curso d’água mediterrâneo.” (Agassiz/Mendonça, 2000: 164).

Ao continuarmos o cotejo do TP com os dois TC percebemos que a edição da «Brasileira» omite o restante do parágrafo, que continua após *afamadíssimo rio*, na voz de Torres (na página 182) e *célebre rio*, na escrita de Amado (página 92). Além disso, mais dois parágrafos importantes que apresentam *os aspectos mais característicos do Amazonas* não foram traduzidos por Torres, ou seja, só estão presentes na edição da «Reconquista». Não há como saber o motivo de tais omissões. A tradução continua, em ambas as edições, a partir do parágrafo apresentado a seguir:

In places the white stems and leaves of the Cecropias give a peculiar aspect, and in others the straight dark trunks of lofty forest-trees form a living wall along the water's edge. (Wallace, 1889: 94)

Em alguns lugares, vêm-se os caules e folhas esbranquiçados das Cecropias, que lhes emprestam um curiosíssimo aspecto; e, em outros, os retilíneos e escuros troncos de altíssimas árvores, que formam uma viva muralha ao longo do rio. (Wallace/Torres, 2004: 182)

[...]Às vezes os troncos e as folhas esbranquiçadas das imbaúbas davam um aspecto peculiar à floresta amazônica; em outras, os retilíneos, escuros e gigantescos troncos das árvores formavam uma muralha viva que se erguia ao longo da margem. (Wallace/Amado, 1979: 93)

Nesta última parte, observa-se que Torres utiliza o termo referente ao gênero da árvore “Cecropias”, enquanto Amado domestica a tradução e prefere o termo popular da espécie, “imbaúba”.

Wallace, embora enebriado pelas novidades que se apresentavam a todo o momento à sua frente, sente um certo desapontamento por a visão que teve nos primeiros dias não coincidir com a “fantástica imagem” que ele havia pré-construído em sua imaginação. No entanto, após uma reflexão filosófica sobre como apreciar o belo, admite que:

Os encantos de uma região vão-se revelando pouco a pouco, à medida que contemplamos as diversas partes que a compõem, e à proporção em que nossa educação e nossos hábitos nos permitam compreendê-los e admirá-los. (Wallace/Amado, 1979: 18)

E assim concluímos a parte referente às impressões de Wallace, as quais foram se modificando através da convivência com os habitantes locais. No entanto, por fazer alusões à cultura europeia, nomeadamente referindo locais e espécies não conhecidos no Brasil, e por associar os cenários amazônicos a outros estrangeiros, a leitura da sua obra requer, nesses trechos, um maior grau de conhecimento de mundo por parte do

leitor. Mas devemos destacar uma característica da narrativa de Wallace que atrai os leitores: as ilustrações, algumas produzidas pelo próprio naturalista. No final do Capítulo XVII, intitulado “Os Aborígenes da Amazônia”, ao fornecer informações sobre os diversos povos visitados, como os Uaupés, também faz uma listagem dos artigos manufaturados pelos índios, seus móveis e utensílios domésticos, as armas usadas na guerra, na pesca e na caça, entre outros, aos quais acrescenta ilustrações como as reproduzidas a seguir:

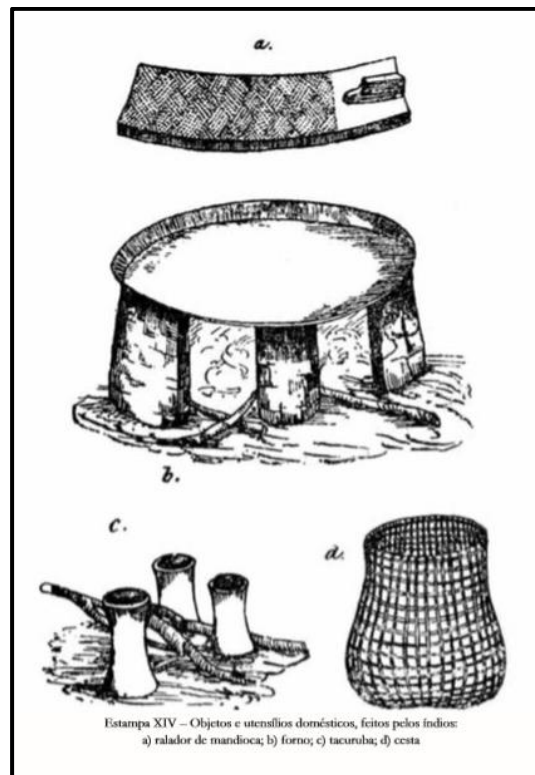


Figura 59 ¹⁸⁸

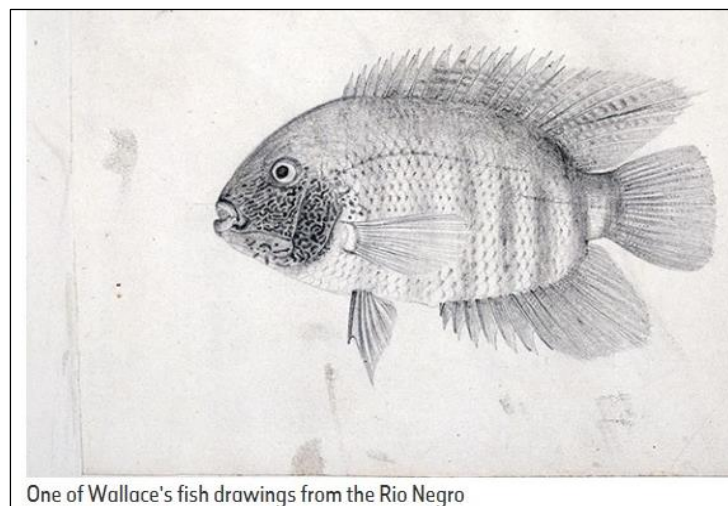
Nesta ilustração, se olharmos os elementos de cima para baixo encontraremos utensílios domésticos dos indígenas. Embora todos estejam nomeados, sendo primeiramente o “ralador de mandioca”, depois o “forno”, em seguida, à direita, a “trempe rústica” (Torres) ou “tacuruba” (Amado) e, por último, à direita, o “cesto”, haveremos de ter dificuldade em entender o que é um ou uma tacuruba¹⁸⁹. Até mesmo saber se é um substantivo feminino ou masculino não é tarefa fácil. “Tacuruba” é a

¹⁸⁸ Wallace/Torres, 2004: 606: Estampa XIV – Objetos e utensílios domésticos, feitos pelos índios: a) ralador de mandioca; b) forno; c) tacuruba; d) cesta.

¹⁸⁹ Sublinhados nossos

designação de uma trempe constituída por três pedras soltas, em que se assenta a panela. Por sua vez, “trempe” significa arco de ferro que, sobre três pés, dá suporte à panela que vai ao fogo, ou três pedras sobre as quais se apoia a panela quando levada ao fogo; simplificando, é sinônimo de tripé. Através deste exemplo, ilustra-se a maior diferença entre os anotadores e tradutores de Wallace e os de Bates. Magalhães, anotador de Wallace, não explicita os termos, quer sejam eles de cariz científico ou pertencentes às línguas indígenas, como aqui vemos. Mello-Leitão, tradutor e anotador de Bates, acolhe duplamente o autor e o leitor, pois opta por preservar a escrita do original no corpo do texto e faz as atualizações, correções ou explicitações dos termos em notas de rodapé.

Como um dos maiores pesquisadores de ictiofauna, Wallace coletou um número bastante expressivo de peixes em sua passagem pelos rios Amazonas e Negro, os quais foram perdidos durante o naufrágio. No entanto, para além das descrições dos peixes, Wallace fez ilustrações de mais de 200 peixes que foram preservadas e posteriormente depositadas no Museu de História Natural em Londres, de entre as quais reproduzimos a belíssima gravura que se segue:



One of Wallace's fish drawings from the Rio Negro

Figura 60¹⁹⁰

¹⁹⁰<https://www.nhm.ac.uk/discover/news/2014/november/evolution-pioneers-illegible-notebook-brought-back-life.html>. Acesso em 14.04.2020.

Para finalizar, apresentamos o quadro-síntese com os pormenores dos volumes da obra de Wallace:

Quadro-síntese dos conteúdos dos volumes de Wallace	
Edição em inglês, 1889	
<p>Wallace, Alfred Russel. <i>A narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology and natural history of the Amazon valley</i>. 2nd edition. London, New York, and Melbourne: Ward, Lock and Co., 1889.</p> <p>TP para as duas traduções brasileiras.</p> <p>Volume único (432 páginas).</p> <p>Descrição do conteúdo:</p> <p>Capa, folha de rosto, introdução biográfica pelo editor (G.T. BETTANT), prefácios do autor à 1ª e 2ª edições, sumário com os títulos e subtítulos dos capítulos, lista das ilustrações, mapa do rio Amazonas e parte nordeste da América do Sul, 17 capítulos, apêndice.</p>	
Edição Brasileira, 1939	Edição Brasileira, 1979
<p>Wallace, Alfred Russel. <i>Viagem pelo Amazonas e Rio Negro</i>. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, v. 156, 1939.</p> <p>Volume único (713 páginas).</p> <p>Descrição do conteúdo:</p> <p>Capa, folha de rosto com título, nome do autor e do tradutor e dados editoriais, título em inglês com dados editoriais, mapa do Amazonas por Wallace, apresentação de Wallace e sua obra por Basílio de Magalhães, prefácios do autor à 1ª e 2ª edições, índice das ilustrações, sumário/índice com títulos e subtítulos dos capítulos, 17 capítulos, apêndice sobre as inscrições do Amazonas.</p> <p>*Tradução: Orlando Torres.</p> <p>*Prefácio, notas e revisão: Basílio de Magalhães.</p> <p>* Notas em rodapé, ao final de cada página, numeradas sequencialmente.</p> <p>*Notas do autor: 8</p> <p>*Nota do Prefaciador: 171</p> <p>*Total de notas: 179</p>	<p>Wallace, Alfred Russel. <i>Viagens pelos rios Amazonas e Negro</i>. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, Coleção Reconquista do Brasil, v. 50: 1979.</p> <p>Volume único (318 páginas).</p> <p>Descrição do conteúdo:</p> <p>Capa; orelhas, por Arreguy Filho; lista dos volumes da Coleção «Reconquista do Brasil»; título; dados catalográficos; dados editoriais (Edusp e Itatiaia); folha de rosto; título original; fotos de Wallace – feitas em 1848, em 1853 e em 1869; mapa do Rio Negro por Wallace, de acordo com as observações feitas nos anos de 1851 – 1852; apresentação por Ferri; prefácios do autor à 1ª e da 2ª edições; sumário com títulos e subtítulos de cada capítulo: mapa do Rio Amazonas e parte nordeste da América do Sul, segundo Wallace; 17 capítulos; apêndice com as gravuras rupestres amazônicas.</p> <p>* Tradução: Eugênio Amado.</p> <p>* Apresentação: Mário Guimarães Ferri.</p> <p>*Notas: posicionadas no final dos capítulos, iniciando na nota nº 1 a cada capítulo.</p> <p>*Total de notas: 158 (a maioria do tradutor).</p> <p>As autorias das notas não estão todas identificadas.</p>
Edição Brasileira, 2004	
<p>Wallace, Alfred Russel. <i>Viagem pelo Amazonas e Rio Negro</i>.¹⁹¹ Notas de Basílio de Magalhães. Brasília: Edições do Senado Federal, 2004 – Vol. 17.</p> <p>Volume único (621 páginas).</p> <p>Descrição do conteúdo:</p>	

¹⁹¹ A referência aqui apresentada não inclui o nome do tradutor porque é desta forma que se encontra nos dados catalográficos do volume.

Capa; título em português; dados da Mesa Diretora do Senado; folha de rosto com o título, nome do autor e do anotador; dados catalográficos; sumário com títulos e subtítulos dos capítulos; foto de Wallace; apresentação de Wallace e sua obra por Basílio de Magalhães; prefácios do autor à 1ª e 2ª edições; 17 capítulos; apêndice sobre as inscrições do Amazonas.
Notas de rodapé numeradas sequencialmente.
Total de notas: 196 (a maioria do prefaciador).

Quadro 6

II.1.4. Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher: um panorama das instituições e da sociedade brasileira do século XIX

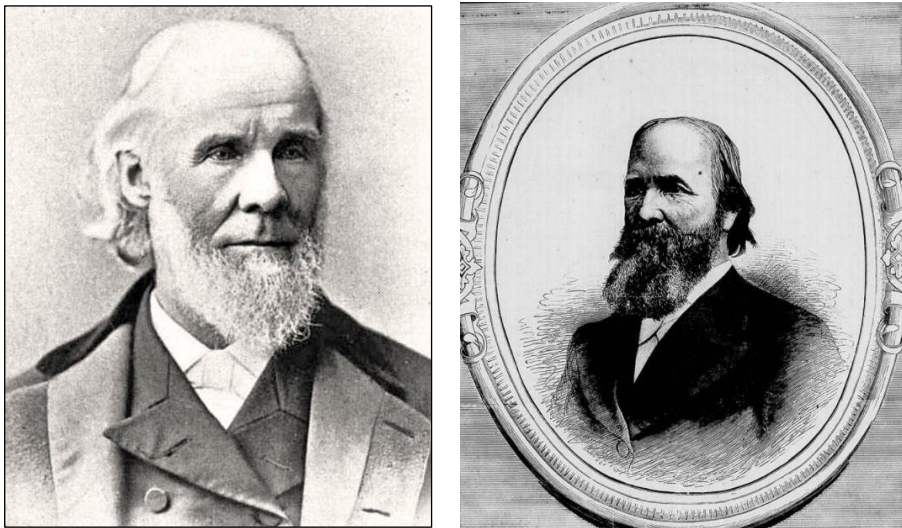


Figura 61 ¹⁹²

II.1.4.1. Daniel Parish Kidder: propagador dos ideais morais dos protestantes norte-americanos

O missionário metodista Daniel P. Kidder (1815-1891) esteve no Brasil na época da Regência e publicou suas observações sobre o país em 1845, em Filadélfia. Esse texto, intitulado *Sketches of residence and Travels in Brazil, embracing historical and geographical notices of the empire and its several provinces*, resultou em uma obra em

¹⁹² Daniel Parish Kidder. Fotografia oferecida ao editor por gentileza do Rev. Charles W. Turner, da Sociedade Bíblica Americana do Rio de Janeiro. (Kidder/Vasconcelos, 1972: frontispício).
Fotografia de James Cooley Fletcher. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=122815&Pesq=fletcher&pagfis=2070>

2 volumes. Em português, também em 2 volumes, foi traduzida por Moacir N. Vasconcelos e editada na «Biblioteca Histórica Brasileira», pela Livraria Martins, como *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil (Rio de Janeiro e Província de São Paulo)*, vol. 1., 1940, e *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil (Províncias do Norte)*, vol. 2., 1943.

Em 1980, o relato foi também editado pelas Editoras Itatiaia e Edusp, na Coleção «Reconquista do Brasil», nova série; no ano de 2001, o Senado Federal do Brasil publicou outra edição do volume I, seguindo-se em 2008 a edição do volume II. A obra, de cariz histórico e religioso, não oferece uma leitura tão interessante quanto a de Bates. Há momentos em que nos sentimos perdidos, pois não está cronologicamente organizada, não introduz os assuntos por intertítulos e mistura relatos com explicações históricas.

Marcou-nos especialmente pela ênfase negativa colocada nas práticas religiosas, por o autor estar vivendo em uma região onde os tradicionais ritos da Igreja Católica fazem parte da cultura da maioria da população. Como nas demais obras escolhidas para nosso estudo, para além de seu objetivo principal, Kidder relata o modo de vida e os costumes dos habitantes dos locais por onde passou. Passamos à apresentação da obra a partir da edição de 1845 que serviu como TP para a primeira tradução brasileira, integrante da coleção «Biblioteca Histórica Brasileira», e para a sua reedição, em 2008, pela Biblioteca do Senado Federal. A partir de agora, usaremos apenas os títulos da obra de forma abreviada, *Sketches e Reminiscências*.

Conforme explicitado no Capítulo I desta tese, por não existirem duas traduções desta primeira obra que foi escrita individualmente por Kidder, a nossa apresentação apoiar-se-á na que foi escrita por Kidder e Fletcher, *Brazil and the Brazilians (portrayed in historical and descriptive sketches)*, selecionando para tal os trechos que estão presentes em ambas as obras, pois estaremos atendendo ao critério pré-estabelecido: fazer um cotejo entre duas traduções diferentes. Desta forma, apreciaremos os paratextos de ambas as obras e a comparação, utilizando as duas edições, será feita mais adiante. Vale ressaltar desde já que, apesar de haver três edições de *Reminiscências* (Ed. Martins, 1943; Ed. Itatiaia e Edusp, 1980 e Ed. do Senado, 2008), todas elas são idênticas em conteúdo, existindo apenas diferenças na parte gráfica e no título.

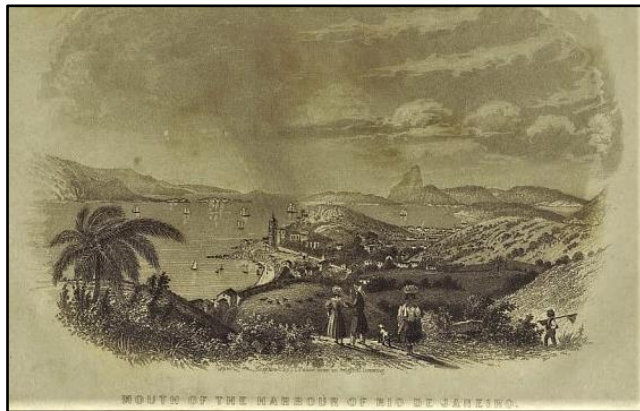


Figura 62 ¹⁹³

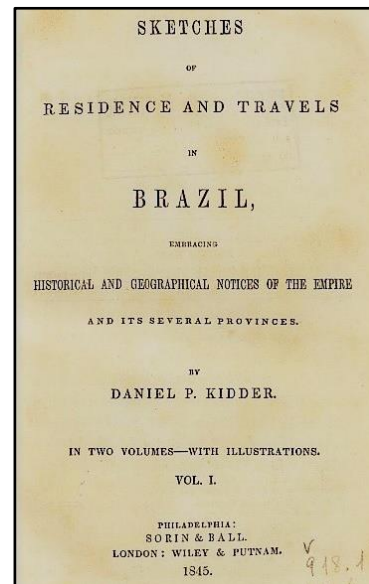


Figura 63 ¹⁹⁴

As figuras mostradas acima, foram retiradas do original do vol.I, de 1845. No frontispício encontra-se uma bela imagem da Baía de Guanabara. Em seguida aparece a folha de rosto. Após a folha de rosto, seguem-se os dados editoriais, o prefácio, o sumário e a lista das gravuras do volume. Na edição digitalizada por *Google Books* encontramos, no volume II, a capa com a imagem da família real do Brasil, em 1839. No frontispício, a mesma imagem com os nomes do Imperador D. Pedro II e de suas irmãs, Francisca e Januária. Segue-se a folha de rosto¹⁹⁵:

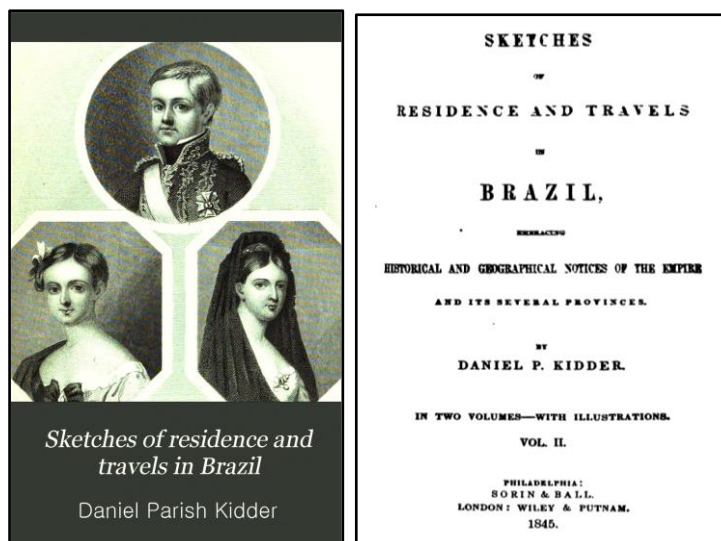


Figura 64

¹⁹³ Kidder, 1845: Vol. 1 – Frontispiece – Entrance to the Harbor of Rio de Janeiro.

¹⁹⁴ Kidder, 1845: vol. I – Title page.

¹⁹⁵ Kidder, 1845: vol. II – Front cover; Title page.

Após a folha de rosto encontra-se a página com os dados editoriais e catalográficos. Seguem-se o sumário¹⁹⁶, onde estão especificados os títulos e subtítulos de cada capítulo do vol. II, tanto no original quando na versão traduzida, como provam as imagens abaixo:

CONTENTS OF VOL. II.	SUMÁRIO
CHAPTER I.	CAPÍTULO I
Communication between Rio de Janeiro and the river Amazon.—Preparations for a Voyage. Embarkation and Departure.—Cape Frio.—Wreck of the <i>Thetis</i> .—Macahé.—Campos.—St. Sebastian Steamer.—Captain.—Passengers.—Espírito Santo.—Rio Doce.—Abrolhos.—Land rout to Bahia.—Prince Maximilian.—Condition of the Country.—Entrance to Bahia.—The Lower Town.—Lack of Carriages.—Carrier Negroes.—Cadeiras.—Site of Bahia.—Upper Town.—Excursion to Rio Vermelho.—Public Cemetery.—Whale Fishery.—English Chapel.—Public Buildings of the City. p. 9	— Comunicações entre o Rio de Janeiro e o Amazonas. — Preparativos de Viagem. — Embarque e Partida. — Cabo Frio. — O Naufrágio do "Thetis". — Macahé. — Campos. — A Fragata "São Sebastião". — O Capitão. — Passageiros. — Espírito Santo. — Rio Doce. — Abrolhos. — Comunicações com a Bahia por terra. — O príncipe Maximiliano. — Condições do País. — Entrada da Baía. — A Cidade Baixa. — Falta de Carrações. — Carregadores Negros. — Cadeiras. — Topografia da Cidade. — Cidade Alta. — Excursão ao Rio Vermelho. — Cemitério Público. — Pesca de baleia. — Capela Inglesa. — Edifícios Públicos 17
CHAPTER II.	CAPÍTULO II
HISTORICAL SKETCH OF BAHIA.	Esboço Histórico
Discovery of the Bay.—Foundation of the City.—Caramuru.—The Capital of Portuguese America.—Attacks of the Dutch.—A Slide.—A Pestilence.—Selection of a Patron Saint.—A Mutiny quelled by the Wafer.—Gipsies.—The Pillory.—Monasticism.—The Slave Trade. 28	— Descobrimto da Bahia. — Fundação da Cidade. — Caramuru. — A Capital da América Portuguesa. — Ataque dos holandeses. — A queda de uma barragem. — Epidemia. — Escolha de um Padroeiro. — Um molim abafado pelo Santíssimo Sacramento. — Ciganos. — O Pelourinho. — Conventos. — O Tráfico Negroiro 29
CHAPTER III.	CAPÍTULO III
Transfer of the Capital.—Arrival of Don John VI.—Carta Regia.—First Printing Press.—Public Library.—Sugar-Mill.—Execution of a Priest.—Civil War of 1822.—War of Independence.—Expulsion of the Portuguese.—Rebellion of 1837.—Second entrance to Bahia.—Festivities of the Emperor's Birth-day.—Te Deum.—Illumination.—Excursion up the Bay.—Beauties of Bahia.—Henry Martyn.—Fire-works. 47	— Transferência da Capital. — Chegada de D. João VI. — Carta Régia. — O Primeiro Prelo. — Biblioteca Pública. — Engenho a Vapor. — Execução de um Padre. — Guerra Civil de 1822. — Guerra de Independência. — Expulsão dos portugueses. — Rebelião de 1837. — Segunda Viagem à Bahia. — Festejos do Aniversário do Imperador. — Te Deum. — Illuminação. — Excursão pela Bahia. — Belezas Naturais. — Henry Martin. — Fogos de Artifício 42
CHAPTER IV.	CAPÍTULO IV
American Cemetery.—Image Factories.—Ecclesiastical Establishment.—Franciscan Monks.—Miraculous Image.—Promotion of St. Anthony.—Benedictines.—Carmelites.—Nunneries.—Recolh-	— Cemitério Norte Americano. — Fábrica de Imagens. — Estabelecimentos Eclesiásticos. — Os Frades Franciscanos. — Imagens Milagrosas. — Promoção de Santo Antônio. — Os Benedictinos. — Os Carmelitas. — Conventos de Freiras. — Recolhimentos. — Os Capuchinhos. — Ação Missionária. — Comentários do Arcebispo. — Exame de Lógica. — Estilo de argumentação. — Visita a um convento de Freiras. — Divulgação das Escrituras. — Serviço Religioso. — Tráfico de Escravos. — Excursão a Bomfim 55

Figura 65

Considerando que já apresentamos as capas dos volumes I e II de *Reminiscências* em ambas as edições («Biblioteca Histórica Brasileira», 1940/43 e «Reconquista», 1980) nas pág. 47-49, faremos referência apenas ao volume II – Províncias do Norte. Ao compararmos as capas das duas edições, percebemos uma diferença bastante significativa na capa da «Reconquista», ilustrada por Cláudio Martins, a qual apresenta um tatu e um pássaro que nos remetem para cores da floresta e da fauna brasileiras.

Após o sumário vem o índice das gravuras para depois iniciar-se então a narrativa em 22 capítulos. Há uma particularidade gráfica da edição da «Reconquista», a letra capitular/letra capital aparece estilizada/decorada ao fundo, geralmente com elementos representativos do texto. A letra serve tanto como primeira letra da palavra que inicia o parágrafo, como para representar a figura colocada em fundo, que pode ser

¹⁹⁶ Kidder, 1845: Vol. II – Table of contents. Kidder/Vasconcelos, 1980: Sumário.

uma espécie da fauna e flora, mas também representar coisas, locais, etc. Por exemplo, na primeira figura temos um Roedor em um texto que começa com a palavra Raras, Seguem-se Tamanduá, Navio, Lança, Papagaios, Vitória-Régia, entre tantos outros exemplos:



Figura 66¹⁹⁷

No final do livro há uma extensa lista com todas as publicações da Coleção «Reconquista do Brasil» (Formato 18x27), as publicações da «Biblioteca de Estudos Brasileiros» e ainda outras coleções da Edusp / Itatiaia. O texto das orelhas deste volume é o mesmo do volume I, com a inclusão de dois parágrafos nos quais se faz referência apenas aos dados complementares do volume II. Não há identificação do autor do texto das orelhas, apenas o nome das duas editoras.

Neste texto, sem indicação de autoria, pois, é dito que a obra constitui “um estudo das nossas instituições religiosas” e que dá “um verdadeiro panorama da vida brasileira daqueles tempos.” Com relação a Kidder, refere-se que “Tendo conhecido pessoalmente inúmeros vultos brasileiros daquela época, extraíu, do contato com eles, informes valiosos, que muito o ajudaram a compreender o País.” Chamamos também a atenção para o termo extraíu, sublinhado atrás, porque é esta a impressão que um leitor mais atento aos detalhes pode ter enquanto lê a narrativa de Kidder, a de que ele extraíu e interpretou o que ouviu e leu e repassou “os informes valiosos” de acordo com sua

¹⁹⁷ Kidder/Vasconcelos, 1980: Letras capitulares.

própria percepção, pois as opiniões que apresenta, e até os fatos históricos, não estão acompanhados das fontes completas, como por exemplo quando diz: “Denis, escritor francês, tentou demonstrar que o clima e o cenário do Brasil são capazes de inspirar ideias sublimes e desenvolver o poder da imaginação.” (Kidder/Vasconcelos, 1980: 268) Neste caso, o leitor pode se perguntar: quem é Denis? Muito provavelmente se refere a Ferdinand Denis¹⁹⁸ (1798-1890), que também esteve no Brasil no século XIX. Após o Capítulo XXII (último deste volume), na contracapa, há uma nota com dados sobre a composição gráfica do livro:

A presente edição de REMINISCÊNCIAS DE VIAGENS E PERMANÊNCIAS NAS PROVÍNCIAS DO NORTE DO BRASIL, de Daniel P. Kidder, em tradução de Moacir N. Vasconcelos, com uma Introdução de Rubens Borba de Moraes, é o volume de número 16, da Coleção “Reconquista do Brasil”, Nova Série, dirigida por Mário Guimarães Ferri, da Universidade de São Paulo. Os filmes do texto e das ilustrações foram gentilmente cedidos por José de Barros Martins, do acervo editorial da prestigiosa Livraria Martins Editora, de São Paulo. O papel é de fabricação nacional, no formato 66 x 96 – 85 g/m², especialmente encomendado para esta edição e fornecido por SAMAB – Cia. Indústria e Comércio de Papel, à Avenida Amazonas, 311 – Belo Horizonte. Capa concebida pelo artista plástico Cláudio Martins. Fotolitos da capa e das ilustrações executados por YANGUER – Estúdio Gráfico Ltda., à Rua Mem de Sá, 134, São Paulo. Planejamento gráfico e diagramação de Alceu Letal. Impressa na Gráfica Bisordi Ltda., à Rua Santa Clara, 54 – Brás – São Paulo, para a Editora Itatiaia Limitada, à Rua da Bahia, 902 – Belo Horizonte, em regime de coedição com a EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo, em junho de 1980. No Catálogo Geral leva o número 652. * * * * *

Figura 67

¹⁹⁸Jean-Ferdinand Denis (Paris, França, 1798 – idem, 1890). Historiador, pesquisador e escritor. Filho de um funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros do governo francês, Denis viaja para o Brasil em 1816, desembarcando no Rio de Janeiro, onde estabelece contato com o filho do pintor Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830), membro da missão artística francesa então instalada na colônia. Meses depois, muda-se para Salvador e trabalha ao lado de comerciantes franceses. Regressa à sua terra natal em 1819, após acompanhar a efervescência política que precede a Independência do Brasil. Interessado pela cultura dos povos do Novo Mundo, publica em Paris documentos como a carta de Pero Vaz de Caminha (1450-1500) e trabalhos dedicados aos costumes americanos e à literatura portuguesa. Edita, em 1824, *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de Leur Influence sur la Poésie*, em que descreve a exuberância da natureza brasileira como fonte de inspiração poética, antecipando, em duas experiências de ficção que também integram o livro, nosso indianismo romântico.
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19503/ferdinand-denis>. Acesso em 14/04/2020.

O volume finaliza com a continuação da listagem de todas as obras publicadas pela parceria entre a editora Itatiaia e Edusp, iniciadas na contracapa. Entre as coleções citadas encontram-se: «Coleção Reconquista do Brasil» (60 volumes), «Grandes Obras da Cultura Universal» (2 volumes), «Biblioteca de Estudos Brasileiros» (18 volumes), «Coleção Espírito do Nosso Tempo» (13 volumes), «Coleção Cores do Tempo Passado» (28 volumes), «Coleção Zoologia Brasília» (11 volumes) e «Coleção *Vis Mea in Labore*» (3 volumes). Anuncia também os próximos 10 volumes a serem publicados.

Como já foi dito, há ainda uma publicação mais recente, de 2008, de onde reproduzimos a capa com a estampa de Kidder e a página inicial do cap. XV¹⁹⁹. Esta edição faz parte da coleção «O Brasil Visto por Estrangeiros», do Senado Federal do Brasil. Note-se que a letra capitular (*R*) permanece, mas não incorpora elementos representativos da cultura local, como na edição da «Reconquista»:

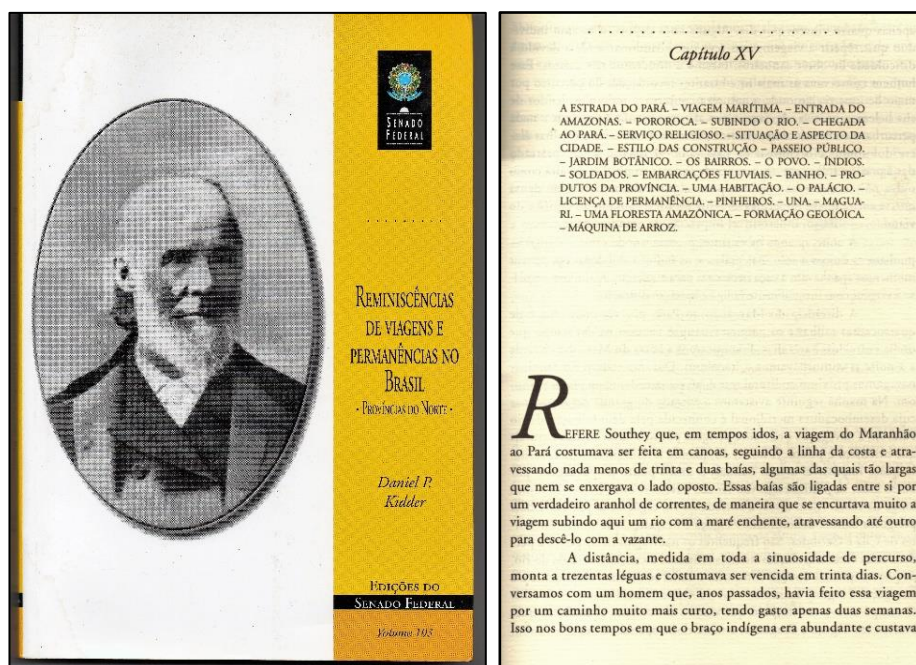


Figura 68

¹⁹⁹ Kidder/Vasconcelos, 2008: Capa e pág. 201, cap. XV.

Ressaltamos que, no volume II, que acabamos de ilustrar, o nome do tradutor é omitido, o que constitui mais um sinal do apagamento do tradutor que tanto marcou a história da tradução. Ainda que tal tenha vindo a decair bastante ao longo do século XX, ainda se faz notar em pleno século XXI.

A narrativa de Kidder não apresenta uma sequência cronológica do percurso que o autor fez no Brasil. Assim está organizado o volume II: Cap. I ao Cap. XIV, Províncias do Nordeste (saindo do Rio de Janeiro, pelo litoral); Cap. XV ao XVII, Províncias do Norte (Amazonas e Pará); Cap. XVIII, Províncias a que o autor chama de Interiores, Mato Grosso, Goiás (Centro-Oeste do Brasil) e Minas Gerais (Sudeste do Brasil). Boa parte do relato de Kidder sobre essas províncias não é baseado em sua experiência pessoal, mas sim no que ele havia lido sobre elas em livros de naturalistas que o antecederam nessas regiões, dos quais destacamos o francês Condamine (1701-1774),²⁰⁰ que esteve em Belém em 1743, e os naturalistas alemães Spix e Martius, que estiveram na Amazônia em 1819-1820. Autor e tradutor não incluíram as referências de tais obras, nem acrescentaram qualquer informação em nota, o que é de salientar, tanto mais que a intertextualidade é um fenômeno recorrente na escrita de viagem (não raro, todavia, como é o caso, sem que haja rigor na identificação bibliográfica).

É interessante observar, a propósito, que Kidder se apoia na opinião de outros viajantes, como o botânico francês Saint-Hilaire (1779-1853),²⁰¹ para qualificar o *status* social do povo, como no caso de Goiás, nos excertos destacados por nós a sublinhado:

We have some glimpses of the state of society in Goyaz, from the pen of M. Auguste St. Hilaire, and of General Raymundo José da Cunha Mattos. Both of these gentlemen traveled extensively within its boundaries, and both agree in representing the state of society as backward in the extreme. Its highest phase is represented in the character of the vaqueiros, or cattle proprietors. [...] They understand the use of the lasso, and also of the long knife, but their moral and intellectual condition is deplorable. St. Hilaire remarks, that "the people who become domesticated in these vast wilds, seem to lose the very elements of civilization". (Kidder, 1845: 327-328)

²⁰⁰ La Condamine, Charles-Marie de. *Viagem na América Meridional descendo o rio Amazonas*. Tradução de Cândido Jucá; apresentação por Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, 2000. (Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros). (Esta edição não apresenta o nome do tradutor).

²⁰¹ Saint-Hilaire, Auguste de. *Viagem às nascentes do rio S. Francisco e pela província de Goyaz*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Tradução e notas de Clado Ribeiro de Nelson. Bibliotheca Pedagógica Brasileira. Série V. Brasileira; vol. 68 e vol. 78, 1937.

Através dos trabalhos de Augusto de Saint-Hilaire e do General Raimundo José da Cunha Matos, pode-se fazer ideia do estado social de Goiás, Ambos esses autores viajaram longamente pela província e concordaram em classificar de extremamente atrasado o povo. A classe elevada é a dos vaqueiros, ou seja, a dos criadores de gado. [...] São hábeis no manejo do laço e do facão, mas sua moral e seu desenvolvimento intelectual são deploráveis. Saint-Hilaire afirma que “o povo identificado a esse sertão perde até os mais elementares princípios de civilização.” (Kidder/Vasconcelos, 1980: 222-223)

E assim continua o autor, até concluir que “vai se desenvolvendo pelos sertões uma espécie de animalidade ateísta, capaz de degradar o povo, não só abaixo do nível moral comum às sociedades civilizadas, mas até mesmo abaixo do estalão selvagem” (*op.cit.*). Estes trechos, embora não sejam referentes especificamente ao povo da Amazônia, foram aqui utilizados para ilustrar o caráter discriminatório da perspectiva de Kidder.

As notas do autor, tanto no TP (*Sketches*) quanto no TC (*Reminiscências*), aparecem precedidas por (*) / *. Não há notas do tradutor nos volumes do TC, apenas as notas do autor traduzidas, que totalizam apenas seis. Há, no entanto, mais três notas do TP que não foram traduzidas, o que na nossa opinião representa uma omissão significativa por parte do tradutor, por serem elas esclarecedoras para os leitores, já que explicam o significado de palavras relacionadas com habitantes típicos das regiões: *matuto* e *sertanejos*. A primeira ocorrência acontece em uma viagem de volta a Pernambuco, na qual um mulato de nome Pacífico serviu de guia a Kidder pelo sertão nordestino. No original em inglês os termos regionais aparecem, algumas vezes, em português, um sinal de alteridade absoluta:

Before proceeding farther with the events of the evening, I must mention that in the course of the day we had come up with three horses belonging to Pacifico, which he said he had sent forward the day before, on their way to the Recife for cargo. They were accompanied by a matuto,* called Joãozinho, and Pacifico's oldest son, whom the father had described to me as well instructed in reading and writing, but who declared to me himself that he knew nothing about one or the other, having never been to school in his life. (Kidder, 1845: 202-203)

A tradução de Vasconcelos neste trecho confunde o leitor pois, em vez de dizer que o matuto era o próprio Joãozinho, diz que o matuto era uma pessoa a mais. Este lapso é replicado na edição do Senado Federal, publicada em 2008:

Antes de prosseguir no relato do que se passou conosco durante a noite, devemos dizer que tínhamos nos encontrado com um matuto mais o Joãozinho — o filho mais velho do Pacífico —

conduzindo três animais que o meu guia enviara no dia anterior ao Recife, para buscar mercadorias. Era esse o filho que Pacífico nos dizia saber ler e escrever muito bem, mas o próprio rapaz nos confessou ignorar completamente ambas as cousas, pois jamais frequentara escola, em sua vida. (Kidder/Vasconcelos, 1980: 143)

Conforme já foi dito, as notas de *Sketches* são indicadas com asterisco após a palavra a ser explicada, como em *matuto*. Este termo não é do conhecimento de todos os leitores, e muito menos dos não-falantes de português, por isso a importância da nota explicativa de Kidder:

* A term derived from *homem do matto*, signifying a backwoodsman. (202)

Tão necessária quanto a inserção da nota de Kidder seria sua transposição para a tradução brasileira, o que não ocorreu. Mesmo para brasileiros este termo não tem uma definição única, então, apresentar a oferecida pelo texto original seria uma boa maneira de revelar o sentido que o próprio autor deu ao termo, que é o mais desprovido de conotações ou de ideias estereotipadas. Assim como o termo *sertanejo*, que, dependendo de quem o define, pode ter também conotações diferentes. Devido à imensidão do território brasileiro, e respeitando as características do povo de cada região, o sentido varia significativamente.

Se buscarmos no *Dicio - Dicionário Online de Português*²⁰² encontramos os seguintes usos para o termo *matuto*:

Que ou quem vive no campo; habitante do campo; sertanejo.
Relativo ao campo; do mato, da roça, do interior.
Que vive matutando, pensando em excesso, cismando. [Regionalismo: Nordeste].
Que tende a ser desconfiado; retraído, acanhado. [Popular].
Que age com perspicácia e esperteza em relação a outras pessoas.
Aquele que vive no campo, que tem hábitos campestres.
Quem é tímido, acanhado, esperto e perspicaz.
Indivíduo que vive mergulhado nos próprios pensamentos.²⁰³

²⁰² O *Dicio – Dicionário Online de Português*, é o maior e mais completo dicionário on-line de português contemporâneo, [...].Um dicionário de uso prático que conta ainda com mais de 15 mil verbos conjugados, cerca de 144 mil sinônimos e 15 mil antônimos.[...] Nossa equipe é composta por lexicógrafos e linguistas que buscam garantir a acurácia, a exatidão e a precisão de toda a informação disponibilizada pelo site. A equipe editorial do Dicio fundamenta seu trabalho, para a criação das definições e de outros conteúdos, na consulta dos mais variados materiais, especialmente concernentes à lexicografia e à gramática (normativa e de usos), aplicadas numa perspectiva sociolinguística. <https://www.dicio.com.br/sobre.html>

²⁰³ *Matuto*. In *DICIO, Dicionário Online de Português*. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/matuto/>. Acesso em: 08/04/2020.

Mais adiante, também o termo *sertanejos*, em português, mereceu da parte de Kidder uma nota explicativa, com a curiosidade de surgir junto de outro estrangeirismo, *farinha de mandioca*, que, contudo, não é grafado em itálico no TP:

The day was beautiful. I overtook, and for some time accompanied, a troop of *sertanejos*,* whose horses were loaded with bags of farinha de mandioca²⁰⁴ and bales of cotton. (Kidder, 1845: 204-205)

O dia estava lindo. Alcançamos e acompanhamos, por algum tempo, uma tropa de sertanejos que transportava farinha de mandioca em sacos e algodão em fardos. (Kidder/Vasconcelos, 1980: 144-145)

Na nota do autor, transcrita abaixo, percebe-se que os termos estrangeiros continuam sem ser grafados em itálico e aparecem escritos com maiúscula (*Sertanejo* e *Sertão*). Além da nota, um outro sinal de alteridade é a ilustração sobre os sertanejos e o trabalho de transporte de algodão, atividade típica da região nordeste:

* The term Sertanejo signifies an inhabitant of the Sertão. It is considered more dignified than matuto, and is applied to proprietors in the interior. (205)



Figura 69 ²⁰⁵

²⁰⁴ Sublinhado nosso. Mais um exemplo de marca de alteridade absoluta, assim como sertão, sertanejo, entre outros.

²⁰⁵ Sertanejos carrying cotton (Kidder, 1845, 204) / Sertanejos transportando algodão (Kidder/Vasconcelos, 1980:144)

A falta de uniformidade na escrita do TP poderá ser atribuída a falha ou inexistência de revisor. Com relação ao TC, repete-se a não reprodução das notas do autor. E esta é uma das características deste volume que apresenta apenas seis notas, sem indicação de autoria, mas todas certamente traduzidas do texto original.

Já no Capítulo XVII, e continuando a relatar fatos com base em outros autores, Kidder cita o poeta e historiador inglês Robert Southey²⁰⁶ (1774-1843), da primeira geração romântica, a propósito do aventureiro e explorador espanhol Francisco de Orellana²⁰⁷ (1511-1546). Diz Southey: “como descobridor excedeu todos os seus conterrâneos; e se como conquistador foi infeliz, tanto melhor para ele agora, pois não teve oportunidade de cometer as atrocidades que empanaram o nome de tantos de seus conterrâneos”²⁰⁸. (Kidder/Vasconcelos, 1980: 209). Esta citação teve o objetivo de introduzir a opinião de Kidder sobre Southey, com relação a Orellana:

É tal o respeito que tem Southey pela memória de Orelana que, em sua história, chega a pretender ligar o nome do navegante ao grande rio. Põe de lado a designação de Maranhão, por se parecer demais com Maranhão (*) e a de Amazonas por se basear numa ficção e ser, ao mesmo tempo, inconveniente. É assim que, no mapa, por ele organizado, bem como em todas as referências que faz ao grande caudal, chama-o, sempre de Rio Orelana.” (Kidder/ Vasconcelos, 1980: 209)

Esta transcrição é mais um exemplo da inexistência de referência completa a obras citadas pelo autor. Conforme indicado pelo asterisco (*) no excerto, há neste ponto uma nota de Kidder que, desta vez, foi reproduzida na edição da «Reconquista»:

(*) Both words have evidently a common origin, being derived from the Portuguese *mare* the sea, and *não* not, *not the sea*, as a great river near its mouth appears to be. (Kidder, 1845, vol. II:307)

(*) Ambas as palavras têm, evidentemente, a mesma origem: derivam do português “mar” e “não”, isto é, mar não, como parece ser o rio em sey desaguadouro. (*op. cit.*)

²⁰⁶ Southey, Robert. *History of Brazil*. London: Longman, Hurst, Rees, and Orme: 1810, 1817, 1819. Referência em tradução brasileira: Southey, Robert. *História do Brasil*. Tradução de Luiz Joaquim de Oliveira e Castro. Tomos I, II e III (vol. 133). Brasília: Edições do Senado Federal, 2010 [1862].

²⁰⁷ Primeiro conquistador europeu a explorar o Rio Amazonas.

²⁰⁸ No original: “As a discoverer, he surpassed any of his countrymen, and if, as a conqueror, he was unfortunate, it is now the happier for him, having never had the opportunity of committing those atrocities which blackened the characters of many of his contemporaries.” (Kidder, 1845: 306). A tradução *empanaram* para o termo sublinhado soa estranha, achamos melhor dizer: *macularam*, *mancharam*.

No que se refere à designação Maranhão, que na verdade no original é *Marañón*, é o nome pelo qual o rio foi originalmente conhecido pelos europeus e que corresponde até hoje à parte peruana do rio Amazonas. Quanto à homenagem de Southey a Orellana, diz Kidder:

Contudo, a tentativa do grande poeta inglês não encontrou eco no Brasil. Amazonas é o nome que geralmente dão ao rio, os que navegam em suas águas e os que habitam suas margens. Por isso, também nós preferimos chamá-lo Amazonas, já que nenhuma simpatia especial nos liga ao aventureiro que, para aumentar o brilho de suas bravatas, inventou a fábula²⁰⁹ que acabou por fazer sombra ao seu próprio nome. (*idem*)

Com relação à ‘fábula’ das Amazonas, e como é característico de todas as lendas, há contradições e diferentes versões. Embora Frei Gaspar de Carvajal²¹⁰ (1504-1584), membro da expedição de Orellana, também confirme a existência da tribo de guerreiras que enfrentou os soldados de Orellana, há, entre os viajantes aqui estudados, outras versões, como a relatada por Wallace, com base em sua própria experiência e convivência com várias tribos indígenas. Segundo ele, a forma como os índios da tribo Uaupés se apresentavam fazia com que fossem confundidos com mulheres, pois:

Nos rapazes, o cabelo é conservado comprido fazendo-se-lhes longas tranças, que lhes caem sobre as costas. No alto da cabeça, invariavelmente, prega-se-lhes um pente, o que lhes dá um aspecto muito efeminado. Com os seus enormes colares e braceletes de contas e a cuidadosa extirpação das barbas, ainda mais se acentua esta aparência. (Wallace/Torres, 2004: 593)

Desta forma, Wallace é favorável à seguinte teoria sobre as índias guerreiras conhecidas como Amazonas:

Tomando em consideração tal circunstância, sou decididamente de opinião que a lenda das amazonas foi criada, assim, pelos primeiros viajantes que os viram, e pelo aspecto efeminado desses guerreiros. Sou levado a ter essa opinião pelas primeiras impressões que eu mesmo recebi, pois foi somente depois de um exame mais detido que reconheci serem homens. Com as partes dianteiras do corpo, especialmente o peito, cobertas pelos escudos – pois é assim que eles sempre os usam –, estou convencido de que qualquer pessoa, que desse modo os vir pela primeira vez, acreditará que são mulheres. Resta-nos, por isso mesmo, supor simplesmente que índios, possuindo costumes semelhantes aos desses que agora vivem no rio Uaupés, habitavam as regiões onde dizem que as amazonas foram vistas pela primeira vez. E temos assim uma

²⁰⁹ Refere-se à lenda das Amazonas, recriada durante a passagem de Orellana pela região e inspirada nas índias icamiabas [como as Amazonas eram conhecidas pelos índios].

²¹⁰ Padre dominicano espanhol, autor de: Carvajal, Gaspar de; Alonso de Rojas e Cristobal de Acuña. *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. Traduzido e anotado por Cândido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. [Coleção Brasileira, no. 203]

explicação muito racional daquilo que tanto tem confundido os geógrafos. (Wallace/Torres, 2004: 593-594)

Encontra-se aqui um bom exemplo de como a tradução de narrativas de viagem contribui para que o leitor brasileiro se confronte com visões estrangeiras do Brasil que o levam a pensar/repensar a sua própria identidade.

Retomamos o texto de Wallace para ilustrar que as perspectivas apresentadas em cada narrativa variam de acordo com a experiência e a ideologia de cada viajante. A narrativa de Kidder, de cunho acentuadamente religioso, difere bastante da de Wallace, que, além de naturalista, era geógrafo, antropólogo e biógrafo e viveu por mais tempo na Amazônia em contato com a população local, que pretendia conhecer e estudar, por isso apresenta uma visão mais racional da realidade brasileira.

Para finalizar a caracterização da obra de Kidder, apresentamos um quadro-síntese com o resumo do conteúdo de *Reminiscências* e respectivo TP. Inserimos também a referência dos volumes editados pelo Senado Federal, que mesmo sendo republicações da edição da «Reconquista» nos ajudaram na seleção dos excertos presentes nas versões digitalizadas.

Quadro-síntese dos conteúdos dos volumes de Kidder
Edição em inglês, 1845
Kidder, Daniel Parish. <i>Sketches of residence and Travels in Brazil, embracing historical and geographical notices of the empire and its several provinces</i> . In two volumes — with illustrations. Philadelphia: Sorin & Ball, 1845. TP para a tradução brasileira. Descrição do conteúdo: Volume II – 419 páginas. Capa, folha de rosto, dados editoriais, sumário com títulos e subtítulos dos capítulos, índice das gravuras do vol. II, 22 capítulos. Total de notas: 9
Edição Brasileira, 1980
Kidder, Daniel Parish. <i>Reminiscências de Viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias</i> . Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. (Coleção Reconquista do Brasil; nova série, v. 16) Descrição do conteúdo: Volume II – 280 páginas. Capa, orelhas sem indicação de autor, lista dos volumes da nova série já publicados e dos próximos a publicar pela «Reconquista», título, dados catalográficos, dados editoriais, folha de rosto, sumário dos capítulos, títulos e subtítulos, índice das gravuras, 22 capítulos, nota com informações gerais sobre o

<p>livro – conteúdo e especificações gráficas de impressão nos padrões das editoras, lista dos volumes da coleção no formato 18x27 e dos próximos a serem publicados.</p> <p>* Tradução: Moacir N. Vasconcelos.</p> <p>* Notas do autor traduzidas: 6</p> <p>* Total de notas: 6</p>
Edição Brasileira, 2008
<p>Kidder, Daniel Parish. <i>Reminiscências de Viagens e permanências no Brasil: províncias do Norte</i>. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. (Edições do Senado Federal – vol. 103).</p> <p>Descrição do conteúdo: Volume II – 312 páginas.</p> <p>Capa, orelhas com a lista de edições do Senado Federal, foto de Kidder, título, dados editoriais, folha de rosto, dados catalográficos; sumário dos capítulos – títulos e subtítulos, índice das gravuras, foto de Kidder, 22 capítulos, índice onomástico, nota com informações gerais sobre o livro – conteúdo e especificações gráficas da impressão nos padrões da Editora do Senado.</p> <p>* Tradução: Moacir N. Vasconcelos.</p> <p>* Notas do autor traduzidas: 4</p> <p>* Total de notas: 4</p>

Quadro 7

II.1.4.2. James Cooley Fletcher: “O missionário amigo do Brasil”²¹¹

James Cooley Fletcher (1823-1901) foi um missionário metodista norte-americano cuja missão evangélica no Brasil decorreu entre os anos de 1851 e 1865, com interrupções entre 1854 e 1855 — período em que esteve nos Estados Unidos. Fletcher também se dedicou ao estudo das ciências naturais e durante sua viagem ao Amazonas colheu material que enviou ao Prof. Agassiz, que, por sua vez, o utilizou em suas pesquisas ictiológicas na mesma região. Fletcher resume, desta forma, sua estada no Brasil:

Since 1857, one of the authors (J. C. F.) has visited Brazil in four different years, passing much time at Rio de Janeiro; so journeying on plantations, and observing the phases of Brazilian slavery; making extensive journeys along the sea-coast, and penetrating the interior. In 1862 he ascended the Amazon to the verge of Peru, — more than two thousand miles up the most marvellous river in the world. (Kidder & Fletcher: 1867: III – Preface to the sixth edition)

Enquanto ali permaneceu, conquistou influente círculo de relações no seio da colônia inglesa e norte-americana, bem como entre os brasileiros. Compartilhava com

²¹¹ Título do artigo de onde foi extraída a expressão: Rosi, Bruno Gonçalves. “James Cooley Fletcher, o missionário amigo do Brasil.” *Almanack*. n.05 (2013): 62-80.

Kidder a visão de que a situação do Brasil não era das melhores devido à influência da “pátria-mãe” (Portugal), como bem exemplifica em sua conclusão da obra *Brazil and the Brazilians*:

It is impossible to appreciate the present condition of Brazil without taking into view the influences of the mother-country. Notwithstanding the wealth and glory of Portugal during the short period of her maritime supremacy, there are few countries in Europe less fitted to become the model of a prosperous state in modern times. In whatever light we consider Portugal or her institutions, we find them altogether behind the spirit of the age. Yet that country, as insignificant in size as it is indifferent in condition, held nearly half of South America under the iron sway of colonial bondage from the period of its discovery until 1808, —we might almost say 1822. (Kidder & Fletcher, 1867:583)

É impossível fazer um juízo sobre as condições presentes do Brasil, sem levar em consideração a influência da sua mãe-pátria. Não obstante a riqueza e a glória de Portugal durante o período de sua supremacia marítima, poucos países na Europa são menos apropriados a servirem de modelo de um estado próspero atual. Sob qualquer ponto de vista em que consideremos Portugal e suas instituições, achá-las-emos aquém do espírito do século. E, assim mesmo, esse país, tão insignificante em tamanho como inexpressivo em suas condições, manteve quase metade da América do Sul sob o jugo de ferro da escravidão colonial durante um período que vai de sua descoberta até 1808 — quase poderíamos dizer até 1822. (Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941:351-352)

Antes de iniciarmos a apresentação da segunda obra do cotejo, *O Brasil e os Brasileiros*, atentaremos em trechos dos prefácios da primeira e sexta edições, pois eles introduzem a obra e seus autores e encerram o pensar dos viajantes estrangeiros sobre o Brasil e o povo brasileiro. Ao começar o prefácio da primeira edição, Fletcher desmistifica a ideia vulgar que as pessoas têm sobre o Brasil. Devido à tradução ser bastante fiel ao TP, apresentamos somente a versão em português. Quando houver necessidade de explicitação de algum aspecto da tradução que seja diferente do texto original, traremos ambos os excertos.

A ideia que vulgarmente se faz do Brasil é, de certo modo, a que vem indicada na ilustração ao lado. Rios caudalosos e florestas virgens, palmeiras e jaguares, cobras gigantes e crocodilos, macacos roncando e papagaios gritando, minas de diamante, revoluções e terremotos, são partes componentes do quadro que nos pinta a imaginação. Não seria exagerado dizer que a grande maioria dos leitores está mais inteirada sobre a China e a Índia do que sobre o Brasil. Quão poucos sabem que existe, no distante hemisfério meridional, uma estável monarquia constitucional, uma florescente nação, que ocupa um território de área maior que a dos Estados Unidos, e que os descendentes dos portugueses ocupam na América do Sul a mesma posição relativa que os descendentes dos ingleses na América do Norte. Quão poucos os protestantes que conhecem o fato de que, no território do Brasil, foi a religião protestante pela primeira vez proclamada no Continente Ocidental! (Kidder e Fletcher/Dolianiti, 1941: XI-XII)

As páginas abaixo foram extraídas do volume da primeira edição, de 1857. O quadro pintado pela imaginação dos autores coincide com a ideia que muitas pessoas fazem sobre a Amazônia — com exceção de terremotos, pois este fenômeno não é comum no Brasil. Nas ilustrações estão representados alguns dos elementos referidos pelos autores: palmeiras, o jaguar, a cobra, o rio, na primeira página, e o crocodilo, na segunda.

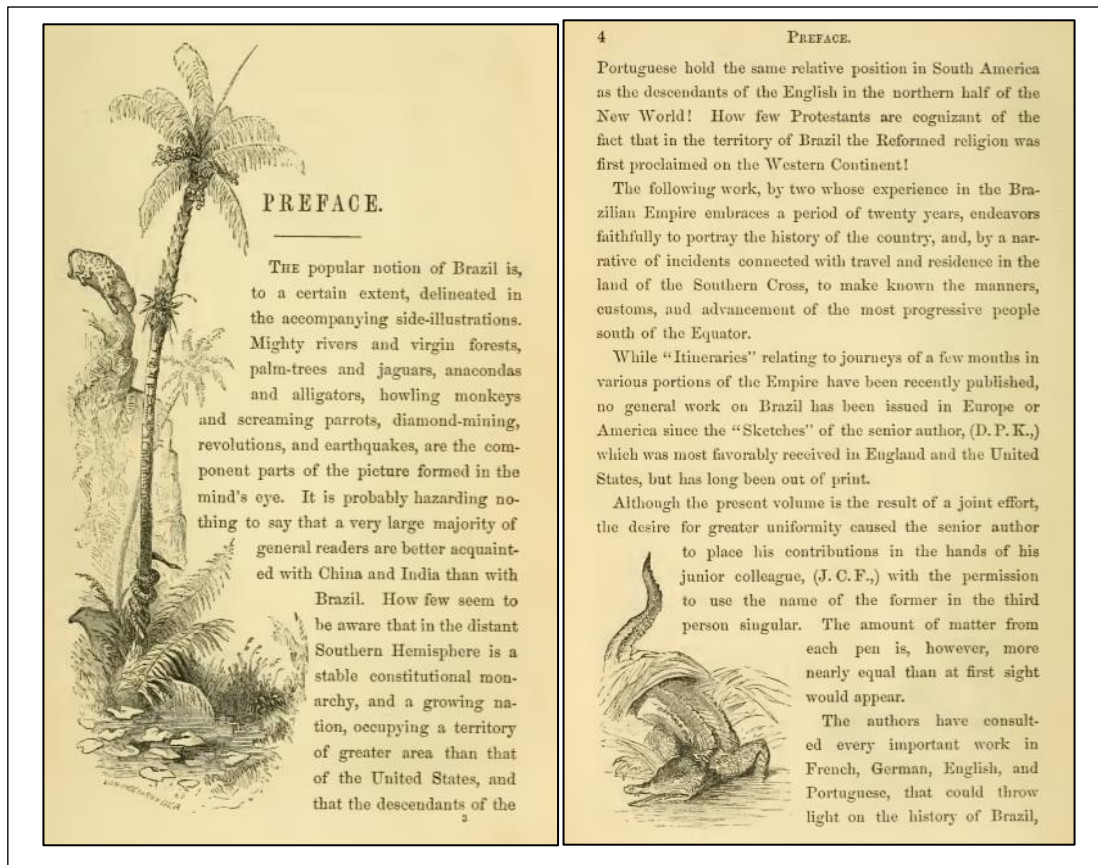


Figura 70 ²¹²

Na continuação do prefácio, os autores referem como a obra foi elaborada e qual seu objetivo:

A presente obra escrita por duas pessoas que têm vinte anos de experiência no Império do Brasil, pretende traçar um retrato fiel da história do país, e, pela narrativa dos incidentes relacionados

²¹² Kidder & Fletcher, 1857: 3-4 - Preface.

com as viagens empreendidas e durante a residência dos autores na Terra de Santa Cruz,²¹³ tornar conhecidos os costumes, os hábitos e o adiantamento do povo mais progressivo que vive no sul do Equador. Se bem que ultimamente hajam sido publicados alguns “itinerários” relatando viagens que duraram poucos meses em várias regiões do Império, nenhuma obra de caráter geral sobre o Brasil foi dada à luz da publicidade, na Europa ou América, após a publicação do “Esboço” do primeiro dos autores da presente obra D.P.Kidder, que foi muito favoravelmente recebido na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas que está há muito tempo fora do mercado. (XII)

Fletcher replica trechos inteiros da obra *Reminiscências*, com a permissão de Kidder:

Embora o presente volume seja o resultado de um trabalho comum²¹⁴ o desejo de maior uniformidade fez com que o primeiro dos autores entregasse ao Segundo J. C. Fletcher a sua contribuição, permitindo que este usasse o seu nome na terceira pessoa do singular. A soma de trabalho devida a cada uma das duas penas é mais igual do que à primeira vista pode parecer. (XII)

Logo de início, percebe-se que Fletcher procurou manter a imparcialidade ao tratar de aspectos polêmicos ou negativos relacionados com os lugares por onde passou.

Um exemplo disso é o excerto a seguir:

One must always bear in mind the origin of the Brazilians, their newness among the nations of the earth, and the fact that the only true mode of comparing Brazil is not to measure her progress with the United States, England, or France, but with the countries of America whose inhabitants are of the Latin race. (Fletcher & Kidder, 1867: IV – Preface to the sixth edition)

Deve-se ter sempre em mente a origem dos brasileiros, que o Brasil é um país novo entre os demais países do mundo, e que a única forma verdadeira de comparar o Brasil não é medir o seu progresso pelo dos Estados Unidos, Inglaterra ou França, mas sim pelo das demais nações de raça Latina da América. (Kidder & Fletcher/ Dolianiti, 1941: XVIII – Prefácio da 6ª edição – Vol. I).

Aqui já se vê uma diferença com relação à obra de Kidder, pois Fletcher se preocupa com a imagem que pode transmitir sobre o povo brasileiro através de sua narrativa, assim como demonstra preocupação com o futuro do Rio Amazonas e reitera

²¹³ Antes de receber o nome de *Brasil*, o país teve oito nomes: “Pindorama (nome dado pelos indígenas); Ilha de Vera Cruz, em 1500; Terra Nova em 1501; Terra dos Papagaios, em 1501; Terra de Vera Cruz, em 1503; Terra de Santa Cruz, em 1503; Terra Santa Cruz do Brasil, em 1505; Terra do Brasil, em 1505; Brasil, desde 1527. E por que Brasil? O país recebeu este nome porque nos primeiros anos de sua colonização era retirada das matas na costa brasileira a madeira da *Caesalpinia echinata*, chamada popularmente de pau-brasil. Desta madeira era extraída uma resina de cor vermelha cor-de-brasa, Brasil, que era usada para tingir tecidos.” <http://www.sohistoria.com.br/curiosidades/nomes/>

²¹⁴ Este foi o único termo que causou dúvida neste trecho, pois no TP diz-se “joint effort”, portanto o melhor seria ter traduzido como: ‘um trabalho em comum’.

que somente o Brasil tem soberania para decidir sobre a abertura do grande rio à navegação internacional:

As the case stands, Brazil certainly has the right, and the sole right, to control the rivers within her own borders, no matter if they do rise in other states ; and, as previous to the treaty which gave the United States the right of descending the St. Lawrence no other country would have had the right to force England to open to the United States that river because many of her tributaries have their rise in the territory of the Union, so there is no justice in any proposition to force Brazil to concede the free navigation of the Amazon. Still, although we rejoice to see Brazil developing her own resources, it would be of incalculable benefit to herself as well as to the neighboring states if she would apply to the Amazon question the principles for which she contended on the La Plata and throw the mighty river open to the commerce of the world. Hon. A. C. Tavares contends for the immediate freedom of the navigation of the Amazon. (Fletcher & Kidder: 1867: 580-581 – Chapter XXVII)

No caso em apreço, o Brasil, e só ele, tem o direito, de controlar os rios que estejam dentro de suas fronteiras, não importando que os mesmos nasçam ou não em outros países e, tanto quanto o tratado que deu aos Estados Unidos o direito de navegação sobre o São Lourenço, em que nenhum outro país, tem o direito de forçar a Inglaterra a abrir aos Estados Unidos aquele rio, pelo fato de muitos de seus tributários terem suas nascentes no território da União, também nenhuma justiça poderá forçar o Brasil a conceder a livre navegação do Amazonas. (Fletcher & Kidder/Dolianiti, 1941: 347-348 – Vol. II)

Após à pequena introdução com excertos que definem o perfil da narrativa de Fletcher, passaremos à apresentação da segunda obra assinada por Kidder, desta vez em parceria com Fletcher. Reportamo-nos à 7ª edição, publicada em 1867, que serviu de texto-fonte à tradução brasileira e cujo título é *Brazil and the Brazilians - portrayed in historical and descriptive sketches. Illustrated by one hundred and fifty engravings* (de ora em diante referida apenas como *Brazil and the Brazilians*):

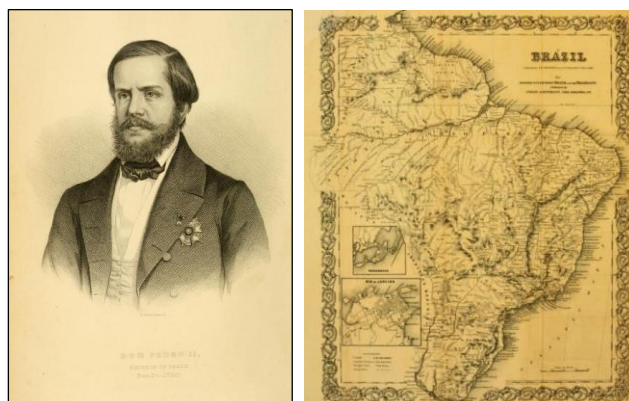


Figura 71 ²¹⁵

²¹⁵ Fletcher & Kidder, 1867: Frontispiece – D. Pedro II, and the Map of Brazil.

Após a capa, encontram-se a foto do Imperador D. Pedro II e o mapa do Brasil, mostrados acima. Já nas páginas de rosto, mostradas abaixo, um fato chamou nossa atenção: a diferença entre a ordem de inserção dos nomes dos autores nesta obra, de acordo com cada edição. Esta inversão de nomes será respeitada quando nos referirmos às duas publicações ao longo do trabalho: edição de 1857 (Kidder & Fletcher), edição de 1867 (Fletcher & Kidder).

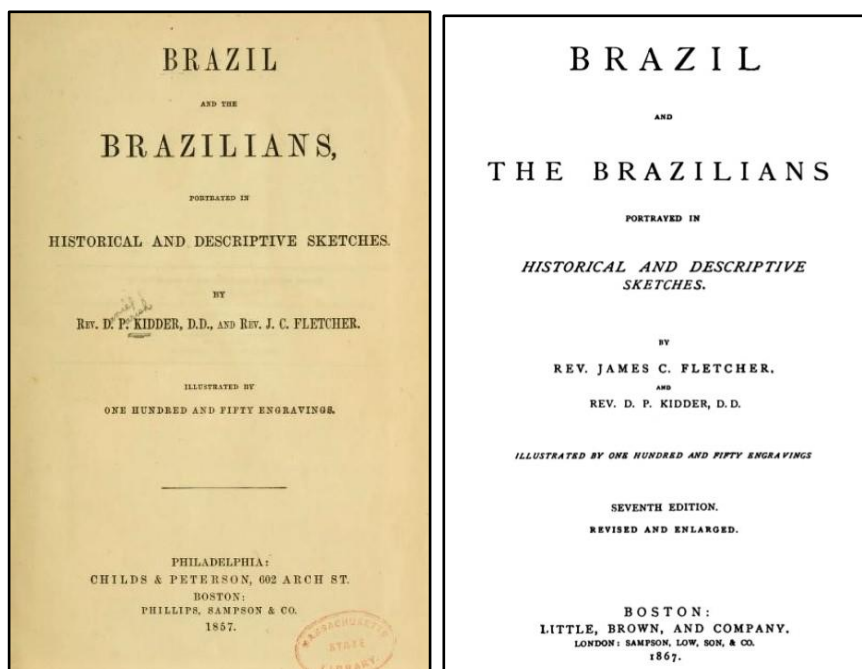


Figura 72

Reproduzimos agora a última página do sumário de ambas as edições — a primeira e a sétima—, para mostrar os acréscimos feitos na última, como a inclusão de dois apêndices (J – Professor Agassiz’s Labors on the Amazon) e (K – Themometrical Observations at Rio de Janeiro in 1864), assim como a substituição de temas em outros dois (H e I). A inclusão do tema “Religious disabilities” enfatiza a intenção principal da viagem dos missionários ao Brasil: conseguir angariar mais seguidores para a doutrina protestante.

12	CONTENTS.
CHAPTER XXVII.	
AMAZONS—Its Discovery—El Dorado—Gonçalo Pizarro—His Expedition—Cruelties—Sufferings—Desertion of Orellana—His Descent of the River—Fable of the Amazons—Fate of the Adventurer—Name of the River—Settlement of the Country—Successive Expeditions up and down the Amazon—Sufferings of Madame Godin—Present State—Victoria Regia—Steam-Navigation—Effects of Herndon and Gibbon's Report—Peruvian Steamers—The Future Prospects of the Amazon.....	PAGE 563
CONCLUSION.....	582
NOTES.....	590
APPENDICES.	
APPENDIX A.—Chronological Summary of the Principal Events that have transpired in the History of Brazil.....	591
APPENDIX B.—Abstract of the Brazilian Constitution, sworn to on the 25th of March, 1824, and revised in 1834.....	593
APPENDIX C.—Lines composed by D. Pedro II.....	595
APPENDIX D.—Slavery and the Slave-Trade in Brazil—England and Brazil.....	596
APPENDIX E.—Tables of Brazilian Coins, Weights, and Measures.....	597
APPENDIX F.—Population—The Yellow Fever of Brazil.....	599
APPENDIX G.—Imports, Exports, Revenue, &c. of Brazil.....	604
APPENDIX H.—Commerce and Steamship-Navigation between Brazil, and the United States and Europe.....	607
APPENDIX L.—Report from the Committee on the Post-Office and Post-Roads.....	623

Figura 73 ²¹⁶

12	CONTENTS.
CHAPTER XXVII.	
AMAZONS—Its Discovery—El Dorado—Gonçalo Pizarro—His Expedition—Cruelties—Sufferings—Desertion of Orellana—His Descent of the River—Fable of the Amazons—Fate of the Adventurer—Name of the River—Settlement of the Country—Successive Expeditions up and down the Amazon—Sufferings of Madame Godin—Present State—Victoria Regia—Steam-Navigation—Effects of Herndon and Gibbon's Report—Peruvian Steamers—The Future Prospects of the Amazon.....	PAGE 563
CONCLUSION.....	582
NOTES.....	599
APPENDICES.	
APPENDIX A.—Chronological Summary of the Principal Events that have transpired in the History of Brazil.....	601
APPENDIX B.—Abstract of the Brazilian Constitution, sworn to on the 25th of March, 1824, and revised in 1834.....	603
APPENDIX C.—Lines composed by D. Pedro II.....	605
APPENDIX D.—Slavery and the Slave-Trade in Brazil—England and Brazil.....	606
APPENDIX E.—Tables of Brazilian Coins, Weights, and Measures.....	607
APPENDIX F.—Population—The Yellow Fever of Brazil.....	609
APPENDIX G.—Imports, Exports, Revenue, &c. of Brazil.....	614
APPENDIX H.—Recent Discoveries of Coal in Brazil.....	617
APPENDIX I.—Religious Disabilities.....	625
APPENDIX J.—Professor Agassiz's Labors on the Amazon.....	627
APPENDIX K.—Thermometrical Observations at Rio de Janeiro in 1864.....	634

Figura 74 ²¹⁷

²¹⁶ Kidder & Fletcher, 1857: 12. Capítulo XXVII e Apêndices.

²¹⁷ Fletcher & Kidder, 1867: 12 – Acréscimos e substituição de temas.

Uma outra diferença entre as duas edições é a substituição de um texto presente na 1ª edição, intitulado “The Portuguese Language”, por outro, cujo conteúdo acrescenta e atualiza informações e passa a ter o título “Notes for those going to Brazil” na 7ª edição.

A demanda pelas edições de *Brazil and the Brazilians* era muito grande, dada a recepção positiva da obra, e este aspecto é destacado pelo próprio Fletcher nas edições que sucederam a de 1867, como mostra o excerto do prefácio à nona edição, de 1879, que também reitera o crescimento do Brasil do ponto de vista comercial:

The demand for a ninth edition of this work is an index that the reading public, in America and England, takes a deep interest in the subject of Brazil ; and that the authors, in their attempt to prepare an acceptable book on the leading country of South America, have not labored in vain. The eighth edition had become exceedingly scarce; copies commanded three times the original price; and standing orders for the book, both in London and New York, for four years resulted in obtaining but a single second-hand volume. Upon inquiring into the reason for this scarcity, it was found to consist in the fact (1) that the historical portion of " Brazil and the Brazilians " gave the book a permanent place in both public and private libraries ; and (2) that the interest aroused in the United States, by the statistics published in this work, which showed the increasing importance of Brazil in a commercial point of view, caused this volume to fall into the hands of parties who never send their books to what are termed in America "antiquarian book-stores." In this ninth edition there has been no abridgment of the descriptions of nature in Brazil, and the manners and customs of the people — descriptions which led the London Athenceum to say, in its review of the first edition, that " Brazil was never before so fully, so faithfully, so artistically photographed." (Fletcher&Kidder, 1879: Preface to the ninth edition)

Esta edição destaca também a renovação de gravuras, como por exemplo a substituição da foto de D. Pedro II por uma outra autografada e enviada pelo próprio Imperador:

Several full-page illustrations have been added, which cannot but enhance the value of this edition. The new portrait of the Emperor, engraved on steel, is from the last portrait taken of His Majesty in Europe, in 1877, and was sent by him, with his autograph, to the junior author. While Dom Pedro II. is an exceedingly healthy and energetic man, his hair and beard are prematurely gray, and give him the appearance of a person of greater age. He was fifty-three years old on Dec. 2, 1878, and has ruled, either by regents or in person, forty-eight years, a longer period than any other living monarch. The portrait of the Emperor when he was twenty-eight, has been retained as a matter of history. (Fletcher & Kidder, 1879: Frontispiece and Title page)

Abaixo, a reprodução das páginas da edição referida:

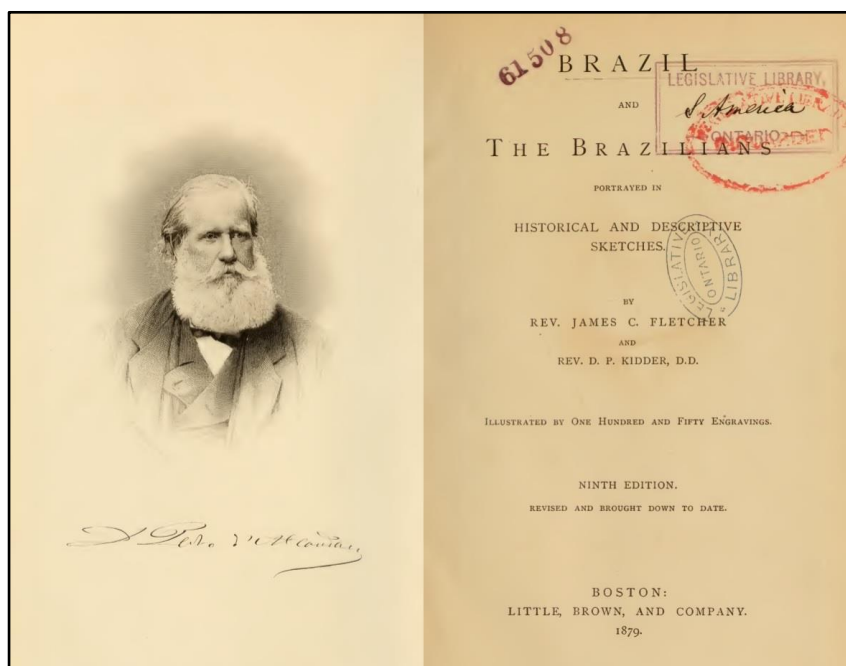


Figura 75 ²¹⁸

Esta edição salienta também a inserção de gravuras de pessoas ilustres, entre elas o grande compositor Antônio Carlos Gomes (1836-1896), que passou os seus últimos anos em Belém do Pará, após ter sido convidado pelo então governador do Pará, Lauro Sodré (1858-1944), a dirigir o Conservatório de Música Carlos Gomes, ainda em plena atividade nos dias atuais.²¹⁹ No prefácio, Fletcher justifica a inclusão da gravura de Carlos Gomes, nesta edição, por ser “the composer of *The Guarany*, which is at present esteemed one of the finest leading operas on the Continent of Europe.” (Fletcher & Kidder, 1879 – Preface to the ninth edition: VI). Segue-se a reprodução de uma fotografia de Carlos Gomes:

²¹⁸ Fletcher & Kidder, 1879: Frontispiece and Title page: Fotografia de D. Pedro II.

²¹⁹ Para mais informação sobre a Fundação Carlos Gomes, em Belém:
<http://www.fcg.pa.gov.br/content/iecg#overlay-context=content/iecg>

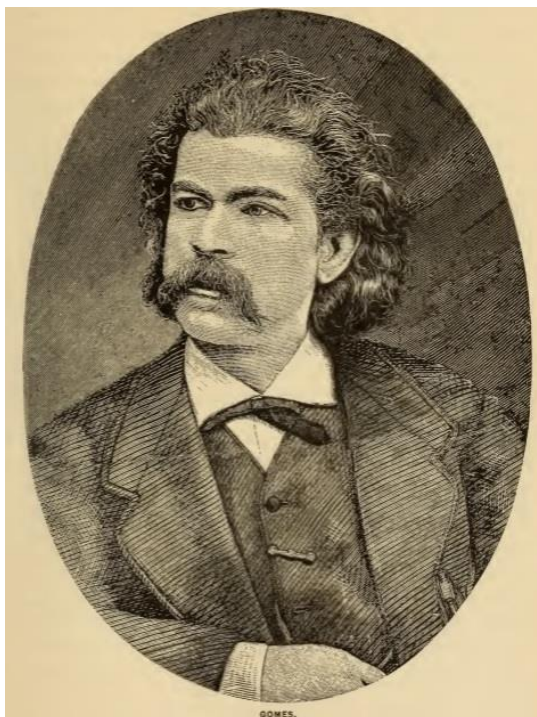


Figura 76 ²²⁰

As referências a pessoas ilustres do Pará na obra constituem também uma marca de alteridade, e servem para enlevar a imagem de brasileiros como Carlos Gomes, o qual figura entre os típicos representantes da mestiçagem no Brasil por ser mulato. Segundo Almeida, “talvez tenha sido o primeiro compositor brasileiro a utilizar elementos das matrizes culturais africanas e indígenas em suas composições, além de ser o primeiro músico brasileiro que estabeleceu uma carreira internacional.” (2016: 15)²²¹

O sucesso desta edição é igualmente reconhecido no Brasil, como podemos ver no recorte a seguir, retirado do *site* da Biblioteca do Senado Federal, que também disponibiliza a obra digitalizada não somente para visualização mas para fazer *download*. A mesma faz parte da coleção «Livros Raros»:

²²⁰ Fletcher & Kidder, 1879: 423 – Fotografia de Carlos Gomes.

²²¹ Almeida, Fernando Omar Silveira. “A Formação da Identidade Mestiça da Música Brasileira entre o Império e a República”. *Anais do XIII Encontro Estadual de História da ANPUR*. Santa Cruz do Sul: 2016. Disponível em: http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1475258085_ARQUIVO_t13.pdf . Acesso em 27/02/2020.

Brazil and the brazilians : portrayed in historical and descriptive sketches

Missionário presbiteriano norte-americano, trabalhou no Brasil entre 1851 e 1865 como Secretário de Legação. Escreveu, com o Missionário Daniel Paris Kidder, o livro *Brazil and the brazilians* (1867), traduzido para português (1941). Fletcher viajou pelo litoral e interior do Brasil, inclusive Amazônia. O seu relato é minucioso e fiel. De qualquer forma, tornou-se a obra principal de divulgação das coisas brasileiras nos Estados Unidos. Daí, suas inúmeras reedições.

Fletcher, James C.

Outros autores : Kidder, Daniel Parrish 1815-1891

Edição : 9th. ed. rev. and brought down to date.

Publicador : Boston : Little, Brown and Co.

Data de publicação : 1879

Descrição física : 646 p. : il. , front. (ret.), 2 mapas (1 desd.), grav.

Assuntos : Império (1822-1889), Brasil | Usos e costumes, Brasil, séc. XIX

Cobertura geográfica : Brasil, descrição, séc. XIX | Brasil, história, Império (1822-1889)

Responsabilidade : By James C. Fletcher and D. P. Kidder

Endereço para citar este documento : <http://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/518756>

Figura 77 ²²²

Passamos à apresentação da única tradução brasileira pela Coleção «Brasíliana», em dois volumes, cuja referência é a seguinte: Kidder, Daniel Parish; James Cooley Fletcher. *O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo*. Tradução de Elias Dolianiti. Revisão e notas: Edgard Süssekind de Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. 2 vol. (Coleção Brasíliana, série 5ª - vols. 205/205-A – Biblioteca Pedagógica Brasileira). Como já apontámos, apesar de a obra ter tido como texto-fonte a edição de 1867, a edição brasileira inverte a ordem dos nomes dos autores, preferindo colocar o nome de Kidder em primeiro plano.

Diferentemente do texto original, a edição brasileira não mostra a foto do Imperador Pedro II nem o mapa do Brasil, e as razões para esta retirada das gravuras não são justificadas na obra. Eis a capa do volume 1, que traz o mapa do Brasil e a relação de outras publicações na «Brasíliana»:

²²² Biblioteca Digital do Senado Federal do Brasil, disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/518756> . Acesso em 03/02/2021.



Figura 78²²³

A folha de rosto e a página com os dados editoriais sobre o original, encontram-se reproduzidos na página 66 desta tese. Deste volume I interessam-nos somente os dados biobibliográficos dos autores, os prefácios da primeira e da sexta edições e um texto introdutório intitulado “Informações para quem vai ao Brasil”. Do volume II atentaremos apenas aos Capítulos XXVI e XXVII, por serem os referentes à Amazônia paraense.

É importante também destacar a anotação feita sobre a participação de Edgar Süsskind de Mendonça no site da Brasiliana UFRJ, pois de acordo com a ilustração a seguir o seu nome aparece na folha de rosto do livro, à esquerda, como responsável pela revisão e notas, ao passo que na apresentação da obra, à direita, surge como colaborador. Além disso, na folha de rosto o nome de Kidder vem como primeiro autor, mas no texto de apresentação da obra, exibido no site e reproduzido a seguir, Fletcher é quem aparece em primeiro lugar:

²²³ Kidder & Fletcher/ Dolianiti, 1941 – vol. 1 – Capa.

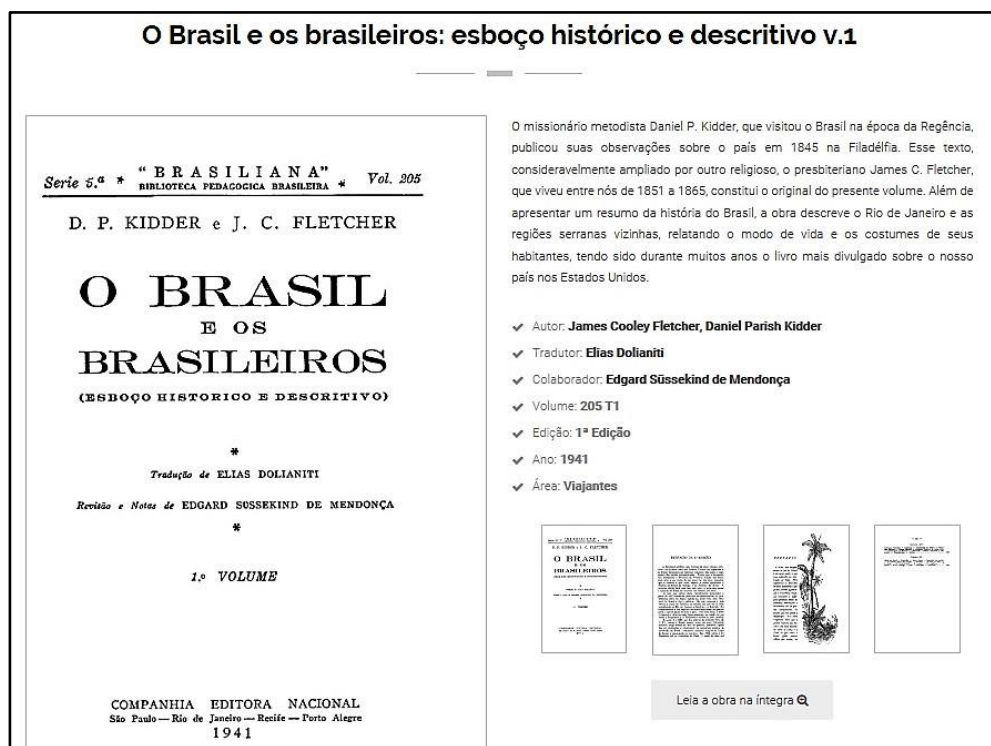


Figura 79 ²²⁴

Nos índices/sumários, de ambos os volumes, não há títulos dos capítulos, mas sim a indicação dos assuntos a serem tratados ao longo deles. É perceptível que a obra se organiza por assuntos e não de acordo com a cronologia do itinerário percorrido. Os dois primeiros capítulos são sobre o Rio de Janeiro; o Capítulo III passa a tratar a descoberta da América do Sul e de outros assuntos históricos, como lutas entre portugueses e franceses, etc.; no Capítulo IV, o autor volta a falar do Rio de Janeiro, mas intercala com assuntos históricos também. E assim por diante, ao longo de todo o livro. Diferentemente dos demais autores presentes no *corpus* da tese, as obras de Kidder e Fletcher têm um perfil mais histórico/descritivo.

Sequencialmente, encontram-se no volume I (vol. 205 – «Brasiliana») os dados biobibliográficos, por Edgard Sússekind de Mendonça, o prefácio à 1ª edição, o prefácio à 6ª edição, informações para quem vai ao Brasil e os 15 capítulos. Nas orelhas, temos a apresentação da «Brasiliana» como 5ª série da Biblioteca Pedagógica Brasileira e a lista das próximas publicações. Há 65 notas do tradutor, 41 notas do autor e 5 notas sem identificação; estas últimas geralmente servem para indicar um termo que no original

²²⁴<http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/128/o-brasil-e-os-brasileiros-esboco-historico-e-descritivo-v1>.

está em português. As notas do autor estão corretamente identificadas, no entanto as do tradutor, na nossa análise, parecem ser de Mendonça, que é de fato identificado como revisor e anotador dos volumes. No volume II (Vol. 205A – «Brasíliana»), encontram-se 12 capítulos sequenciais (Cap. XVI até ao Cap. XXVII), a conclusão, os apêndices, 30 notas do autor, 30 do tradutor e outras 8 notas, algumas atribuídas ao tradutor e outras sem autoria identificada.

As notas do tradutor, geralmente de cunho biobibliográfico, não vêm no final da obra, após os apêndices, como mostrado no índice do vol. II, e sim no final de cada capítulo, antecedidas por (*):

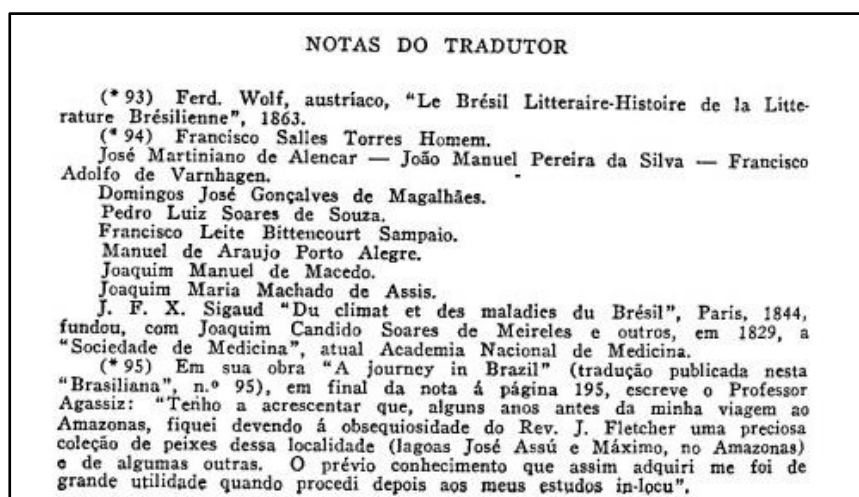


Figura 80 ²²⁵

Já as notas do autor, surgem no rodapé das páginas às quais se referem, como no exemplo citado de seguida. Destaque para os elogios ao Sr. Pimenta Bueno, à obra de Bates e ao tema do grande autor:

(63) Nota de 1866: — A cidade do Pará voltou ao seu estado anterior, a sua população sendo agora tão grande, se não maior como o era antes dos desastrosos dias de 1835-38. Em 1862, o segundo autor desta obra pôde ainda ver alguns poucos vestígios da rebelião nas fachadas de alguns prédios e, embora os habitantes mais antigos tenham inapagáveis recordações da revolta e das suas cenas sangrentas, a grande maioria da população cresceu sem essas tristes recordações. Muitos melhoramentos se deram. Um dos mais importantes no ponto de vista material foi o realizado pelo sr. Pimenta Bueno, gerente da "Amazonian Navigation Company". [...] O mais recente e fiel dos livros ingleses sobre o Amazonas é o *Naturalist on the Amazon*, por Henry Bates, Esq., Londres, 1863. É uma obra das mais encantadoras e valiosas. O sr. Bates viveu cerca de dez anos nessas regiões equatoriais ainda por conhecer, e deu ao mundo muitos fatos

²²⁵ Kidder & Fletcher/Doliani, 1941, vol. 2: 373 – Notas do tradutor.

importantes relacionados com o grande vale, além das informações que dizem respeito com a sua história natural. Apenas um defeito para muitos é o que se pode ver em suas opiniões "darwinianas"; porém essas são enunciadas tão modestamente, e suas investigações são tão melhores que a sua teoria que o leitor fica tão somente interessado pelo grande tema do livro o "Rei das Águas". (Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941, vol.2: 317-318)

As notas sem autoria identificada apresentam-se da seguinte forma: precedidas por asterisco dentro de parênteses (*), ou simplesmente com números dentro dos parênteses (41). Isso causa uma certa confusão, por não sabermos se são notas do autor traduzidas, ou notas do revisor.

Logo no ano seguinte à publicação da primeira edição do TP, 1857, alguém traduziu um excerto correspondente a 1/3 da obra do volume I, o qual foi publicado em pequenas partes no *Correio Paulistano* (1854-1963). Trata-se de um fato relevante por constituir um exemplo de recepção valorativa, apontando para uma boa aceitação da obra. Este destaque dado pela imprensa periódica terá eventualmente ampliado significativamente a sua divulgação. Tal tradução, contudo, não se faz acompanhar de qualquer apreciação crítica.

A publicação inicia-se no Capítulo I, com a primeira parte vinda a lume em uma quarta-feira, 27 de outubro de 1858, na seção "VARIEDADE" do Nº 779:3, do Anno V do *Correio Paulistano*, conforme mostramos a seguir, através de um recorte obtido na Hemeroteca Digital Brasileira:



Figura 81 ²²⁶

²²⁶ http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1858_00779.pdf. Acesso em 03/04/2020.

Os intertítulos aparecem somente no início de cada capítulo, como no original. A tradução brasileira, publicada em volume, que estamos analisando, traz por seu turno os intertítulos no corpo do texto, sinalizando a mudança de cada assunto. Cada capítulo é apresentado no *Correio Paulistano* em quatro partes, terminando a quarta parte deste primeiro capítulo em 30 de outubro de 1858. No entanto, a publicação dos demais capítulos deixa de ser sequencial no que se refere às datas. O Capítulo II, por exemplo, inicia-se no dia 31 de outubro de 1858, número 783:3 do mesmo jornal, e tem a segunda parte disponibilizada na edição de número 784:3, publicada em 03 de novembro de 1858. No entanto, as duas últimas partes aparecem bem mais tarde, nos números 792 (12 de novembro de 1858) e 798 (19 de novembro de 1858). Dá-se, nesses intervalos, a publicação de um romance intitulado “Alberto”.

Um outro problema é que na edição 806, de 28 de novembro de 1858, o capítulo referido é o IV, publicado na seção VARIEDADES, mas ao compararmos com o volume original (1867), mostrado na primeira ilustração abaixo, percebemos que se trata de parte do Capítulo VI, cujo intertítulo no original é “The church”, na edição do *Correio Paulistano*, de 1858, é “A igreja”, e na tradução de 1941 é “Igreja da Glória”, marcados a amarelo em cada uma das três ilustrações:

8		CONTENTS.	
CHAPTER VI.			
	PAGE		
The Praia do Flamengo—The Three-Man Beetle—Splendid Views—The Man who cut down a Palm-Tree—Moonlight—Rio “Tigers”—The Bathers—Gloria Hill— Evening Scene— The Church —Marriage of Christianity and Heathenism—A Ser- mon in Honor of Our Lady—Festa da Gloria—The Larangeiras—Ascent of the Cerrovado—The Sugar-Loaf.....	86		

Figura 82 ²²⁷

²²⁷ Fletcher & Kidder, 1879: 8 – Chapter VI - Contents.

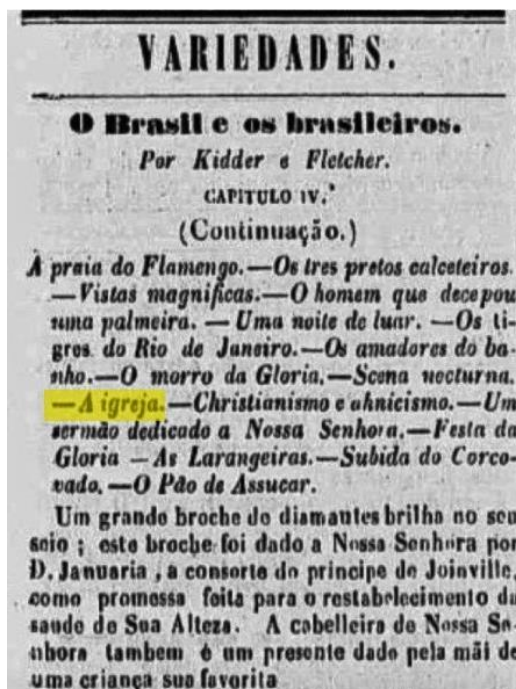


Figura 83 ²²⁸

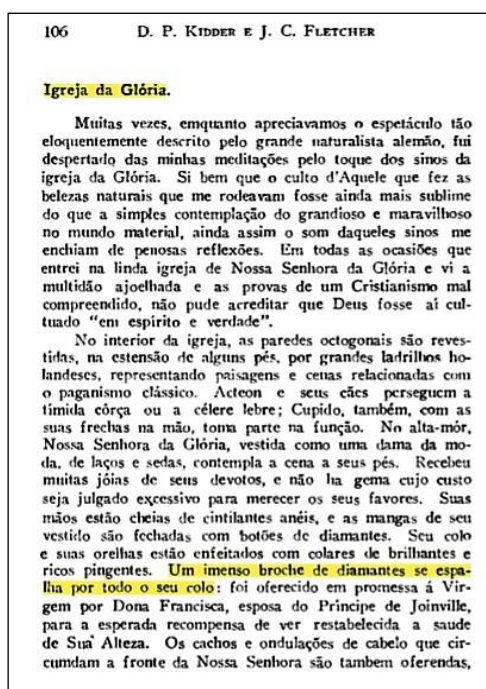


Figura 84 ²²⁹

Já o trecho destacado a amarelo, no corpo do texto da edição de 1941, "Um imenso broche" serve para mostrar o trecho que coincide com o excerto do capítulo na edição do Correio Paulistano, que inicia com "Um grande broche..."

Ao continuar a busca, verificamos que os capítulos estão desconexos, pois apresentam partes deslocadas da narrativa. Notamos também que, tal como sucede com a tradução de *O Brasil e os Brasileiros*, onde não informam o nome do tradutor. Em outras publicações, como o romance "Alberto", o apagamento se dá também com relação ao autor, o qual é remetido à total obscuridade através da marcação "Por ***", configurando uma prática frequente na imprensa periódica oitocentista, quer no Brasil, quer em Portugal.

²²⁸ per090972_1858_00806.pdf (bn.br) . Reprodução parcial da página 3 do jornal *Correio Paulistano* de 28 de novembro de 1858 – Ano 5 – Edição 806. Acesso em 03/04/2020.

²²⁹ Kidder & Fletcher/Doliani, 1941, vol.1: 106. Também disponível em: *Brasiliana | O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo* v.1 - Página: 106 (brasilianadigital.com.br). Acesso em 03/03/2021.



Figura 85 ²³⁰

As demais páginas publicadas no *Correio Paulistano* não incluem assuntos de grande interesse para a nossa tese, pois são todos integrantes do volume I, referente ao sul do Brasil. Desta forma, passamos aos cotejos, que serão feitos não entre as duas obras com o mesmo título, mas entre trechos de *Reminiscências* (Kidder/Vasconcelos, 1980) que foram inseridos em *O Brasil e os Brasileiros* (Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941). Seguindo a linha de apresentação das primeiras impressões dos viajantes, focamo-nos agora nas de Kidder ao chegar a Belém do Pará. Destacamos, para começar, a descrição da cidade como apresentada na obra *O Brasil e os Brasileiros*:

[...] At evening a clear full moon shed down from an unclouded sky new splendor upon a scene already sublime. A most fragrant breeze from the land became more and more perceptible as the river narrowed. Two boats were the only craft we saw during the whole ascent. Finally, we came alongside the Forte da Barra, two miles distant from the city of Belem, and were hailed as we passed. The lights of the town, and of vessels in front of it, then became visible. We described a semicircle around the harbor, passing between two vessels-of-war, and came to an anchor at ten o'clock.

The towers of the cathedral, of the palace, and of several churches, were distinctly visible in the moonlight. (Kidder & Fletcher, 1867: 542- Chapter XXVI)

[...] À noite, uma clara lua cheia derramou do céu sem nuvens um novo esplendor no cenário já por si sublime. Uma aragem das mais ricas em fragrâncias, vinda de terra, foi-se tornando mais sensível à medida que o rio se estreitava. Duas embarcações foram apenas vistas durante a viagem. Finalmente, passámos pelo forte da Barra, duas milhas distante da cidade de Belém, e fomos saudados à nossa passagem. As luzes da cidade, e os navios em frente dela, tornaram-se

²³⁰ http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1858_00789.pdf . Ou [per090972_1858_00789.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/090972_1858_00789.pdf) (bn.br) . Acesso em 03/08/2021. *Correio Paulistano*, nº 789:1, de 9 de novembro de 1858.

então visíveis. Descrevemos um semi-círculo em volta do porto, passando entre dois navios de guerra, e ancoramos às dez horas. As torres da catedral, do palácio e de várias igrejas, eram visíveis distintamente à luz do luar. (Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941: 288)

À noite, a lua cheia resplendendo num céu sem mácula, aumentava o encanto da paisagem, já de si sublime. À medida que a calha fluvial se ia estreitando, percebia-se, cada vez mais pronunciada, uma deliciosa brisa perfumada, vinda da terra. Durante todo o percurso, apenas cruzamos com dois botes. Finalmente chegamos à frente do Forte da Barra, duas milhas antes de Belém, o qual nos saudou quando passávamos. Já se podiam ver as luzes da cidade e dos navios ancorados em sua frente. O nosso barco descreveu um semi-círculo em torno do porto, e, passando por entre dois navios de guerra, deitou âncora às dez horas. Distinguiam-se perfeitamente, à luz prateada da lua, as torres da catedral, do palácio e de diversas igrejas. (Kidder/Vasconcelos, 1980: 182)

Destacamos o uso do termo *sublime*, replicado pelos tradutores, que representa uma categoria estética muito presente na escrita de viagem dos séculos XVIII e XIX. Na *Enciclopédia Itaú Cultural*²³¹ encontramos a seguinte definição:

O termo sublime, do latim *sublimis*, entra em uso no século XVIII indicando uma nova categoria estética, distinta do belo e do pitoresco, e remete a uma gama de reações estéticas com a sensibilidade voltada para os aspectos extraordinários e grandiosos da natureza.²³²

Apesar de este termo igualmente abrigar a ideia de que “a natureza é ambiente hostil e misterioso que desenvolve no indivíduo um sentido de solidão”, assim como a de temor reverencial perante a natureza, a estética do sublime também “interpela os valores reinantes ligados à ordem, ao equilíbrio e à objetividade, se dirige ao ilimitado, ao que ultrapassa o homem e todas as medidas ditadas pelos sentidos.” (*Enciclopédia Itaú Cultural*). Acreditamos que o termo *sublime* aplicado por Kidder tem o poder de representar as mais variadas sensações que o pastor pode ter experimentado ao chegar pela primeira vez à Amazônia: se sentindo sozinho, enfrentando uma natureza que apesar de bela poderia ser hostil e também porque a viagem em si já poderia ter lhe provocado um certo temor.

Voltando ao excerto, consideramos que, de um modo geral, ambos os tradutores expressaram a mesma ideia do texto original. Temos apenas duas observações a fazer com relação à tradução de Vasconcelos, a primeira a propósito da tradução de

²³¹ SUBLIME. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3655/sublime>>. Acesso em: 28 de Fev. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

²³² <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3655/sublime>

unclouded sky, porque o termo *mácula* pode conter conotações negativas e nuvens não necessariamente sugerem este sentido. A segunda é referente ao fato de *pessoas* terem *saudado* os passageiros de longe, provavelmente acenando, como é comum; no entanto, em sua tradução quem saudou foi o Forte. Estes dois aspectos revelam bem como traduzir é interpretar e como a prática tradutória é necessariamente feita de escolhas que variam de tradutor para tradutor, algo particularmente visível na tradução literária.

Por ter Fletcher replicado as impressões iniciais presentes em *Reminiscências*, da autoria de Kidder, como já foi dito, admite-se que ambos tiveram uma percepção agradável do Pará. As palavras de Fletcher revelam a intenção de divulgar junto do povo americano uma imagem positiva do Brasil, como afirmado no prefácio à primeira edição de *O Brasil e os Brasileiros*, no qual apresenta o objetivo da obra, no segundo parágrafo:

A presente obra escrita por duas pessoas que têm vinte anos de experiência no Império do Brasil, pretende traçar um retrato fiel da história do país e, pela narrativa dos incidentes relacionados com as viagens empreendidas e durante a residência dos autores na Terra de Santa Cruz, tornar conhecidos os costumes, os hábitos e o adiantamento do povo mais progressivo que vive ao sul do Equador. (Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941: XII)

Já no quinto parágrafo encontra-se a fundamentação teórica:

Os autores consultaram todas as obras importantes em francês, alemão, inglês e português, que lhes pudesse trazer esclarecimentos sobre a história do Brasil, assim como várias memórias publicadas e discursos lidos perante a florescente “Sociedade Geográfica e Histórica” do Rio de Janeiro. Para os dados estatísticos, examinaram pessoalmente os arquivos do Império e das províncias, ou fizeram citações diretas de publicações oficiais. (Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941: XIII)

São justamente os prefácios à primeira e sexta edições que reafirmam a imagem favorável que Fletcher formou sobre o Brasil e sua intenção de disseminá-la mundo afora, como em vários exemplos citados ao longo deste trabalho. Apresentamos, a seguir, o excerto do prefácio à sexta edição que destaca ao sucesso da obra e termina dando relevo ao progresso moral e material do Brasil, nos últimos dez anos:

A favorável acolhida que tiveram as cinco edições anteriores da presente obra nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil, demonstra um interesse crescente pela maior e mais estável das nações sul-americanas. Talvez que a ilustração que acompanha o Prefácio da Primeira Edição não tenha mais hoje a sua razão de ser como há dez anos passados, mas a verdade é que ainda impera a maior ignorância a respeito do Brasil na Europa e na América do Norte. A presente

edição dará uma boa ideia sobre o progresso moral e material do Brasil no decorrer dos últimos dez anos. (Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941: XVII)

É feita referência aos lugares por onde Fletcher passou, para depois informar os leitores sobre a experiência dos autores para interpretar o Brasil. Na parte sublinhada é possível perceber a grande empatia que o autor tinha pelo país:

A experiência dos autores sobre as coisas do Brasil se estende por um longo período de tempo, e foi com toda a consciência e imparcialidade que se esforçaram em manifestar o seu modo de julgar o país e os seus habitantes. Não tinham motivos para proceder de outra forma. Se é verdade que não pouparam o que lhes pareceu errado, quer em assuntos de religião quer em assuntos de escravidão, etc., também não regatearam louvores, quando devidos, e não foi intencionalmente que deixaram de enaltecer algum aspeto bom dos brasileiros. Para homens de negócio estrangeiros, mal sucedidos em suas empresas, ou para viajantes apressados que percorrem o país ignorando as línguas portuguesa e francesa, sem nunca se associarem à vida dos habitantes, as descrições feitas por quem residiu longos anos no Império ou percorreu-o demoradamente, poderão parecer exagerados. Deve-se ter sempre em mente a origem dos brasileiros, que o Brasil é um país novo entre os demais países do mundo, e que a única forma verdadeira de comparar o Brasil não é medir o seu progresso pelo dos Estados Unidos, Inglaterra ou França, mas sim pelo das demais nações de raça Latina da América. (Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941: XVIII)

Esta forma de interpretar o Brasil é um dos pontos positivos desta obra. Na parte final sugerem que não se deve comparar o progresso de um país novo como o Brasil com o de nações de outros continentes. E isso certamente justifica a “incorreção” da imagem propagada por tantos outros estrangeiros que colocavam o Brasil colônia no mesmo nível de comparação com nações mais velhas e/ou mais desenvolvidas.

Para finalizar, inclui-se o quadro-síntese com as informações dos conteúdos de *Brazil and the Brazilians* e de *O Brasil e os Brasileiros*, seguido de informações adicionais sobre a obra:

Quadro-síntese dos conteúdos dos volumes de Kidder & Fletcher
Edição em inglês, 1867
Fletcher, James C.; Kidder, D.P. <i>Brazil and the Brazilians — portrayed in historical and descriptive sketches</i> (Illustrated by one hundred and fifty engravings). Seventh edition. Revised and enlarged. Boston: Little, Brown and Company, London: Sampson, Low, Son & Co., 1867[1857]. TP para a tradução brasileira. Descrição do conteúdo: Volume único (650 páginas). Capa, título, foto de D. Pedro II, folha de rosto, dados editoriais, prefácio da sexta edição, prefácio da 1ª edição, informações para quem vai ao Brasil, sumário dos capítulos, mapa da baía do Rio de Janeiro, 28 capítulos, conclusão, notas do autor, apêndices, índice onomástico.

*Total de notas: 84, sendo 27 da edição de 1866.
Edição Brasileira, 1941
<p>Referência completa do 1º volume: Kidder, Daniel Parish; James Cooley Fletcher. <i>O Brasil e os brasileiros (esboço histórico e descritivo)</i>. 1º volume. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Coleção Brasileira, Biblioteca Pedagógica Brasileira ; Série 5ª, Vol. 205).</p> <p>Descrição do conteúdo: Volume I (378 páginas) (utilizado para consulta aos paratextos). Capa, título, folha de rosto, dados editoriais do volume original, índice, dados biobibliográficos, prefácio da 1ª edição, prefácio da 6ª edição, informações para quem vai ao Brasil, 15 capítulos (I ao XV) * Tradução: Elias Dolianiti. * Revisão e Notas: Edgard Sússekind de Mendonça. * Notas do Tradutor: 55. * Notas do autor: 41. * Total de notas: 96.</p>
<p>Referência completa do volume 2º volume: Kidder, Daniel Parish; James Cooley Fletcher. <i>O Brasil e os Brasileiros (esboço histórico e descritivo)</i>. 2º volume. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Coleção Brasileira; Biblioteca Pedagógica Brasileira ; Série 5ª, Vol. 205 – A)</p> <p>Descrição do conteúdo: Volume 2 (424 páginas) (utilizado para cotejo com a obra <i>Reminiscências</i>.) Capa, título, folha de rosto, dados editoriais do volume original, índice, 12 capítulos (XVI ao XXVII), conclusão, notas dos autores, apêndices, notas do tradutor. Tradução: Elias Dolianiti. Revisão e Notas: Edgard Sussekind de Mendonça. Notas do Tradutor: 30. Notas do Autor: 22. Notas não identificadas: 5. Total de notas: 57.</p>

Quadro 8

Podemos considerar Kidder e Fletcher como grandes propagandistas do Brasil. É inegável o sucesso que a publicação faz até nos dias atuais, tanto no exterior quanto em território nacional na versão traduzida. No prefácio à 6ª edição, escrito em 1866, os autores iniciam com um agradecimento pela “favorável acolhida que tiveram as cinco edições anteriores da obra nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil”, o que, segundo eles, “demonstra um interesse crescente pela maior e mais estável das nações sul-americanas” (Kidder & Fletcher/ Dolianiti: 1941: XVII – Prefácio). O prefácio à 6ª edição (1866), além de resumir a trajetória e as experiências dos autores, discrimina o conteúdo dos volumes de forma didática, relacionado-o com os capítulos. Entre os autores/viajantes ali referidos encontram-se o Professor Agassiz, que “realizou extensas e interessantíssimas explorações, cujo relato em breve será dado a público; suas investigações sobre a região amazônica despertam grande interesse entre os homens

da ciência” (XX), e Bates, a quem fazem elogios pela obra *The Naturalist on the River Amazons* (1864 [1863]), que consideram um livro encantador e o melhor publicado até à altura sobre as maravilhas da região amazônica.

II.2. As estratégias dos tradutores: (in)visibilidade, domesticação e estrangeirização

Por ser a tradução uma atividade que envolve múltiplas competências e o tradutor um reescritor do texto de partida, começamos por citar as palavras de Maria Angélica Deângeli para relacionar o estranhamento ou a familiaridade de um texto tanto na língua nacional quanto na traduzida:

(...) a estranheza ou a familiaridade da língua na qual se escreve, o estranhamento familiar e o ‘familiarmente estranho’ apontam para questões que dizem respeito diretamente à relação sujeito-escritura, relação fundamental na constituição da trama literária: o que se diz na língua com a qual (se) diz. A língua aparece, nesse contexto, como suporte da lei e objeto de uma lei que autoriza e interdita as formas do dizer e, desse modo, cria os lugares de legitimidade literária. (Deângeli, 2012: 70)

Esse suporte ao qual a investigadora se refere também tem a ver com as liberdades e/ou restrições que são permitidas ou impostas ao tradutor e que interferem em suas escolhas linguísticas; e tal legitimação dá-se igualmente por meio de outros aspectos que envolvem o ato de traduzir, entre eles o conhecimento de área, como veremos mais adiante.

Ao problematizarmos o conceito de tradução, recuperamos a seguinte definição: “A tradução consiste em *reproduzir* na língua de chegada o *equivalente natural* mais próximo da mensagem do texto de partida.” Nida e Taber (1969 *apud* Pym, 2013: 32). O princípio da equivalência tem sido questionado pelos teóricos funcionalistas (Hans J. Vermeer e Katharina Reiss) que o entendem como apenas uma das possibilidades de um encargo ou projeto tradutório. Para Nord (2016), “A equivalência continua a ser equiparada à fidelidade, e as traduções continuam a ser avaliadas de acordo com esse critério pouco claro.” (52-53) Segundo uma visão funcional de tradução, a equivalência entre texto-fonte (TF) e texto-alvo (TA) “é encarada como sendo subordinada a todo *skopos* de tradução” (53-54). Entendendo-se que *skopos* significa o propósito, a finalidade, os objetivos que são estabelecidos no momento da contratação da tradução,

o escopo, é “determinado pela função que o TA se destina a desempenhar.” (54) Deste modo, o escopo pode implicar uma mudança de função e o critério exigido já não é a fidelidade ou, como refere Vermeer, a “coerência intratextual” com o TF, mas passa a ser a adequação ou a apropriação em relação ao escopo.

Teóricos funcionalistas ampliaram a definição de tradução para além do processo linguístico ao agregarem a vertente cultural e considerarem a tradução como uma forma de comunicação intercultural, pelo fato de TF e TA pertencerem a sistemas culturais distintos. Por este motivo, devemos considerar também um outro elemento do processo tradutório: o receptor. De acordo com Nord (2016):

Em qualquer tradução (mesmo no sentido mais tradicional da palavra) que pretende permitir que as pessoas se comuniquem através da barreira cultural e linguística, pelo menos um elemento é diferente toda vez, e este é o receptor. [...] Tendo crescido em outra cultura, o receptor do TA tem um conhecimento diferente de mundo, um modo de vida distinto, uma perspectiva ímpar das coisas e uma experiência textual diferente, à luz da qual o texto-alvo é lido. Todos esses fatores afetam a forma como receptores lidam com um texto. Isso pode significar, por exemplo, que o leitor-alvo não é familiarizado com o assunto tratado no texto-fonte, com uma terminologia especial, supostamente bem conhecida do público do TF (ou vice-versa). (55)

Essas questões foram pensadas antes de selecionarmos os excertos a serem apresentados nesta parte da tese. Podemos dizer que, de um modo geral, as traduções encomendadas pelas coleções «Brasiliana» e «Reconquista do Brasil» têm em comum um propósito semelhante, que é oferecer aos brasileiros a oportunidade de ler, em tradução, obras que retratam o Brasil do século XIX pelo olhar de um conjunto de viajantes estrangeiros. Conforme apresentado na parte I.3. desta tese, a «Brasiliana» tinha por objetivo publicar obras de autores nacionais e estrangeiros que se debruçaram sobre o Brasil, inclusive a importante contribuição dos viajantes europeus e norte-americanos que percorreram o país no século XIX, e a «Reconquista» publicar reedições, em tradução, de relatos de antigos viajantes, alguns dos quais haviam sido lançados nos anos de 1940.

Durante a apresentação de excertos de todas as obras do *corpus* selecionado mostraremos que, mesmo gozando de liberdade para manipular os textos, nem todos os tradutores utilizaram recursos como cortes, acrescentamentos, inserção de notas, etc. A sequência estabelecida para abordar cada uma das perspectivas adotadas no processo tradutório das obras em análise é a seguinte: iniciaremos com o casal Agassiz,

seguindo-se Bates, Wallace, Kidder e Fletcher. Ao longo da análise, contrastaremos a obra original com as traduções e, em alguns momentos, destacaremos determinadas estratégias utilizadas, indicando que propósito terão servido e se os tradutores tenderam a optar pela *domesticação* do TP, construída através de uma reescrita de apropriação e assimilação; ou se, por outro lado, o tradutor dificultou de certa forma a leitura do TC por trazer ao leitor aspectos linguísticos e culturais presentes na obra original, *estrangeirizando* o texto traduzido. Para melhor explicitação de ambos os conceitos, tal como entendidos no âmbito dos Estudos de Tradução, citamos as definições apresentadas em *The Routledge Companion to Translation Studies*:

“DOMESTICATION (DOMESTICATING TRANSLATION STRATEGY). A term introduced by Venuti (1995/2008), although it is drawn from the nineteenth-century German philosopher and Classicist Friedrich Scheiermacher (1813/2004), who established the dichotomy of foreignizing translation (*verfremdende Übersetzung*) and domesticating translation (*einbürgernde Übersetzung*) to refer to the question of whether translators should ‘move the reader toward the writer’ or ‘move the writer toward the reader’. [...] This strategy is closely related to fluent translation, which is intelligible and familiarized but, at the same time, such transparent translation may lead to the invisibility of translators and may equate to appropriation of the text where some source culture features are partially or totally erased.” (Munday, 2009: 183-184)

e

“FOREIGNIZATION (FOREIGNIZING TRANSLATION STRATEGY). A concept that owes its origin to the German scholar Friedrich Scheiermacher (1813/2004) and refers to the question of whether translators should ‘move the reader toward the writer or the writer toward the reader’. The twentieth-century French theorist and translator Antoine Berman disapproved of the tendency to avoid the sense of foreignness in translation, claiming instead that ‘the properly ethical aim of the translating act is receiving the ‘foreign as foreign’ (Berman 1985/2004:277). [...] ‘Foreignization’ is the term used by Venuti (1995/2008) and is supposed to domesticate. Foreignization, which may involve lexical and syntactic borrowings and calque, reflects the SL norms and reminds the target culture readers that they are dealing with a translation, thus in some ways bringing them closer to the experience of the foreign text. These strategies retain a sense of foreignness of the original and have the advantage of resisting the ‘appropriation’ of the original text. Foreignization, however, may make a text more cryptic and thus harder to access by readers,” (Munday, 2009: 189-190)

Os efeitos de uma tradução podem revelar-se conservadores ou transgressores (Venuti, 2002), e isso depende principalmente das estratégias discursivas desenvolvidas pelo tradutor, além de outros fatores envolvidos em sua recepção, como o *layout* da página, a arte da capa do livro, a cópia para divulgação, a opinião dos resenhistas, o modo como as traduções são utilizadas, e os aspectos interculturais, socioculturais e pedagógicos que podem, ou não, estar explícitos nas escolhas do tradutor. Interessamos, em particular, investigar a dimensão da intervenção do tradutor. Será que ele

manipulou o texto de partida? Será que fez ouvir a sua voz e afirmou a superioridade do seu conhecimento da realidade brasileira representada na obra de partida? Na tentativa de elucidar estas questões, recorreremos, como dito anteriormente, aos dados obtidos com o cotejo entre os TP e os TC e, mais uma vez, aos paratextos presentes nas traduções, dada a relevância destes para os Estudos de Tradução:

The fairly recent and growing interest in the role of paratext continues the spirit of innovation that characterises translation studies in the twenty-first century. Scholars are concerned with the cultural implications of paratext, its cultural significance and political, ideological and commercial power. As with any aspect of translation, paratextual material creates complex decision making on the part of the translator, the editor and the publisher. (Pellat, 2013: 1)

Numa publicação recente sobre esta matéria, salienta-se:

If there has long been a basic awareness that we form opinions about texts based on surrounding or apparently superficial elements, it was not until the publication of Gérard Genette's book *Seuils* [Thresholds] in 1987 that scholars began to pay sustained attention to them. Genette labels such elements paratexts and, with great wit and erudition, analyses their importance to literary texts, anchoring his discussion in French publishing practices. Scholars have subsequently adapted Genette's term and theoretical framework to other kinds of texts, affirming the importance of the concept in allowing us to account more fully for the way in which texts are both produced and received. (Batchelor, 2018: 2)²³³

As contribuições dos tradutores de escrita de viagem do século XIX datadas do século XX são valiosas para a disseminação do conhecimento histórico, científico e cultural contido nessas narrativas. No entanto, não é comum encontrarmos dados pormenorizados sobre os tradutores e, menos ainda, testemunhos sobre suas estratégias e técnicas de traduzir; por isso, utilizamos os paratextos em tradução — alguns deles escritos pelos autores e pelos próprios tradutores, outros pelos revisores e anotadores — para obtermos pistas sobre as concepções de tradução, bem como para averiguar se nas anotações se encontram elementos que sirvam para validar a opinião, ou mesmo o fato, apresentado pelo autor, no que constitui uma instância de afirmação da voz do autor de tais paratextos. Esses paratextos poderão também servir para corrigir, acrescentar novos fatos, desmitificar alguns conceitos e especialmente para verificar se a imagem que o Outro (viajante) divulgou sobre o povo que retrata —

²³³ Batchelor, Kathryn. *Translation and Paratexts*. London and New York: Routledge, 2018.

no caso da nossa pesquisa o povo da Amazônia paraense — coincide ou, pelo contrário, entra em conflito com a imagem que os habitantes da região têm de si mesmos.

Pelo que pudemos constatar, de um modo geral as traduções das narrativas de viagem do século XIX em análise refletem a utilização de uma estratégia de tradução que privilegia uma proximidade com a letra do texto de partida; este fato pode ser atribuído ao “conceito romântico de autoria”, pois “o domínio deste conceito instaura nos tradutores e nas suas editoras um respeito ao texto estrangeiro que desencoraja o desenvolvimento de métodos inovadores de tradução que poderiam parecer deformadores ou falsos em suas interpretações.” (Venuti, 2002: 118). Mais ainda, sugere que uma tradução perfeita nunca será possível.

As bases onde se sustentam os argumentos de Venuti são compatíveis com as duas polaridades propostas por Schleiermacher (1813/2001), que favorece o pensamento romântico alemão fortemente atrelado a um movimento político em defesa da identidade nacional, surgido em resistência à expansão napoleônica. Para ele, a tradução é um elemento desagregador da cultura nacional — uma transgressão —, por representar a invasão de um inimigo (língua e cultura estrangeiras) nos “territórios” da língua e cultura nacionais. Isto justifica a preferência do autor pela tradução estrangeirizante. Em seu ensaio intitulado *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens* — “Sobre os Diferentes Métodos de Tradução” (2001 [1813]) —, aborda os dilemas enfrentados pelo tradutor que, ao tentar aproximar duas pessoas tão distantes como o escritor e o leitor, através da obra traduzida e, ao mesmo tempo, propiciar ao leitor uma compreensão da obra original, sem que ele seja obrigado a sair do círculo de sua língua materna, somente poderá fazê-lo através de dois métodos:

Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro. Ambos os caminhos são tão completamente diferentes que um deles tem que ser seguido com o maior rigor, pois, qualquer mistura produz necessariamente um resultado muito insatisfatório, e é de temer-se que o encontro do escritor e do leitor falhe inteiramente. (57)

Reitera ainda que “fora destes dois métodos, não pode haver outro que se proponha um fim determinado. Acontece que não há mais procedimentos possíveis. As duas partes separadas ou bem tem que ir encontrar-se em um ponto médio, e este sempre será o do tradutor, ou bem uma tem que se adaptar inteiramente à outra.” (59)

Pym diz o mesmo em outras palavras, ao afirmar que “Aparentemente, os tradutores não podem utilizar as duas formas, tendo de decidir onde posicionar os seus textos — num país ou no outro.” (2013: 74), e reitera que tais dicotomias teóricas são apresentadas como modos de trabalhar dos tradutores. Já Venuti considera que “a proximidade da relação entre tradução e texto estrangeiro não deve ser tomada como implicando que os dois trabalhos sejam idênticos ou que a tradução não seja um trabalho independente de autoria.” (2002: 119) Apesar dessa dicotomia teórica receber outras denominações, utilizaremos os termos tradução e/ou estratégia domesticante/ domesticadora (domesticação/etnocentrismo), e estrangeirizante/estrangeirizadora (estrangeirização /alteridade), na maioria das vezes.

No quadro a seguir apresentamos uma súmula de como vários teóricos da tradução denominam as estratégias que se abrem ao tradutor, ou seja, as polaridades da equivalência, como apresentadas por Pym (2013: 69-73):

Polaridades da Equivalência Direcional (Pym)		
Referência/Teórico	Denominação	Explicitação
Friedrich Schleiermacher (1813 [1963]) (Alemão)	estrangeirizante/ domesticante	Estrangeirizante – o tradutor deixa o autor em paz, tanto quanto possível, e aproxima o leitor do autor. Domesticante – o tradutor deixa o leitor em paz, tanto quanto possível, e aproxima o autor do leitor.
Eugene Nida (1964) (Norte-americano)	formal / dinâmica	Formal – segue de perto as palavras e estruturas do texto. Dinâmica – tenta recriar a função que as palavras poderiam ter tido na situação original.
Jiri Levý (1969) (Checo)	ilusória / anti-ilusória	Ilusória – o texto de partida é tão bem adaptado à cultura de chegada que pode muito bem ser um texto original. Anti-ilusória – retém algumas características do texto de partida, deixando o receptor perceber que se trata de uma tradução.
Gideon Toury (1980, 1995a)	adequação / aceitabilidade	Adequação – a tradução tende a subscrever as normas da língua

(Israelita)		e cultura de partida (LCP), ou seja, a adesão às normas da LCP determina a sua adequação. Aceitabilidade – a tradução procura o melhor espaço para o texto no sistema de chegada, ou seja, a subscrição às normas originadas na língua e cultura de chegada (LCC) determinam a sua aceitabilidade.
Peter Newmark (1988) (Inglês)	semântica / comunicativa	Semântica – tem em conta os valores formais do texto de partida e toma-os o mais possível em consideração. Comunicativa – olha para as necessidades do novo destinatário, adaptando-se a elas tanto quanto necessário.
Lawrence Venuti (1995) (Norte-americano)	resistente / fluente	Resistente – tradução que mostra ao leitor o carácter estrangeiro do texto. Fluente – tradução que domestica o texto de tal forma que o leitor acredita estar lendo o original, pois soa natural, fluente, como se não fosse uma tradução.
Juliane House (1997) (Alemã)	Aberta / encoberta	Abertas – são aquelas em que o receptor sabe que está perante uma tradução, refletindo, na medida do possível, todas as características do original, inclusive a cultura de partida. Encobertas – aquelas cujo texto se torna mais familiar, pois evita estranhamentos e busca uma maior proximidade com o leitor de chegada.

Quadro 9

Retomando o termo *estratégia*, percebemos que atualmente ele tem sido empregado como sinônimo de procedimento, técnica, método, abordagem, como é dito por Chesterman (2005, *apud* Kearns, 2011: 282): “Not only is the term ‘strategy’ itself often used in different ways in translation studies, but a variety of other terms can be used to mean the same thing: ‘procedures’, ‘techniques of adjustment’, ‘transformations’, ‘transfer operations’ etc.” Tal como sucede com o termo *estratégia*,

há também divergências de opinião relativamente ao termo *técnica* de tradução. De acordo com Molina e Hurtado Albir:

... there is some disagreement amongst translation scholars about translation techniques. This disagreement is not only terminological but also conceptual. There is even a lack of consensus as to what name to give to call the categories, different labels are used (procedures, techniques, strategies) and sometimes they are confused with other concepts. Furthermore, different classifications have been proposed and the terms often overlap. (2002: 499)

No entanto, após apresentarem as explicitações de alguns autores, como Vinay e Darbelnet (1958), Nida (1964), Margot (1979), Taber e Nida (1974), entre outros, sobre os procedimentos técnicos de tradução, Molina e Hurtado Albir (*op. cit.*) declaram ser necessário fazer uma distinção entre técnicas e estratégias:

Techniques describe the result obtained and can be used to classify different types of translation solutions. Strategies are related to the mechanism used by translators throughout the whole translation process to find a solution to the problems they find. The *technical procedures* (the name itself is ambiguous) affect the results and not the process, so they should be distinguished from strategies. We propose they should be called translation techniques. (507)

[...]Strategies are the procedures (conscious or unconscious, verbal or non-verbal) used by the translator to solve problems that emerge when carrying out the translation process with a particular objective in mind (Hurtado Albir 1996, 1999). Translators use strategies for comprehension (e.g. distinguish main and secondary ideas, establish conceptual relationships, search for information) and for reformulation (e.g. paraphrase, retranslate, say out loud, avoid words that are close to the original). Because strategies play an essential role in problem solving, they are a central part of the sub-competencies that make up translation competence.

Strategies open the way to finding a suitable solution for a translation unit. The solution will be materialized by using a particular technique. Therefore, strategies and techniques occupy different places in problem solving: strategies are part of the process, techniques affect the result. However, some mechanism may function both as strategies and as techniques. For example, paraphrasing can be used to solve problems in the process (this can be a reformulation strategy) and it can be an amplification technique used in a translated text (a cultural item paraphrased to make it intelligible to TT readers). This does not mean that paraphrasing as a strategy will necessarily lead to using an amplification technique. The result may be a discursive creation, an equivalent established expression, an adaptation, etc. (508)

No trabalho de Molina e Hurtado encontramos uma terminologia bastante extensa para denominar as técnicas de tradução: *adaptation, amplification, borrowing, calque, compensation, description, discursive creation, established equivalent, generalization, linguistic amplification, linguistic compensation, literal translation, modulation, particularization, reduction, substitution (linguistic, paralinguistic), transposition, variation*. Não é nosso objetivo utilizar trechos que exemplifiquem cada uma destas técnicas, mas ainda assim apresentaremos uma tipologia de recursos e

técnicas usados no *corpus* estudado — notas de tradutores com correções, acrescentamentos, conversão de unidades de medida, preservação de itálicos, etc.

A falta de consenso em torno do termo *técnica* talvez seja justificada pela dificuldade em definir *estratégia* de forma mais precisa. A nós interessa-nos em especial observar até que ponto as estratégias utilizadas pelos tradutores ajudaram a ratificar o retrato traçado pelos autores do texto original sobre o povo da região amazônica brasileira, através do uso das de processos de estrangeirização ou de domesticação.

Quando ainda estávamos constituindo o *corpus* para esta pesquisa, que se baseou principalmente nas obras publicadas por duas das coleções brasileiras detentoras de projetos editoriais de tradução que envolvem a escrita de viagem sobre o Brasil (a Coleção «Brasiliana» e a Coleção «Reconquista do Brasil»), encontramos algumas evidências de autonomização e valorização do tradutor, como veremos mais adiante.

Observa Venuti: “A tradução com frequência é vista com suspeita porque, inevitavelmente, domestica textos estrangeiros, inscrevendo neles valores linguísticos e culturais inteligíveis para comunidades domésticas específicas” (Venuti, 2002: 129). No caso dos relatos de viagem, o viajante-autor da obra original (texto de partida - TP) impõe ao seu relato seus valores linguísticos e culturais ao descrever e narrar o que viu na terra do Outro; por seu lado, o tradutor poderá ou não inscrever na sua tradução os seus próprios valores, especialmente quando pertence à comunidade do texto de chegada (TC), e poderá decidir comentar, rebater, criticar, prestar esclarecimentos, complementar informações, desfazer equívocos, discordar do olhar do Outro, principalmente ao emitir opiniões sobre a diversidade de características que compõem a identidade da nação à qual a tradução é destinada. As intervenções do tradutor dependerão do estatuto de que goza, da autonomia que lhe for dada pelos editores, ou mesmo pelos autores das obras, e das motivações que possam levá-lo a imprimir sua marca na obra traduzida.

Antes de iniciarmos o tratamento dos trechos das obras que evidenciam as estratégias a que os diferentes tradutores recorreram, temos a dizer que o que apresentamos aqui não esgota, evidentemente, as possibilidades de análise. As obras são bastante volumosas, por isso a seleção dos excertos foi baseada em assuntos que faziam parte da nossa proposta de investigação. Faremos uso de citações para ilustrar

as intervenções dos tradutores relativamente aos TP, citações essas que também salientarão certos aspectos da imagem do Brasil construída pelos viajantes — combinando assim Estudos de Tradução e Imagologia. É necessário informar que, em se tratando de notas, quer sejam do autor, do anotador ou do tradutor, teremos formas diferentes de apresentá-las, algumas vezes imediatamente após o excerto que deu origem a ela, no corpo do texto da tese, outras vezes em notas de rodapé. Todas elas, no entanto, serão identificadas com o nome do tradutor e escritas nas cores determinadas para cada coleção ou tradução. Faremos também uma marcação com asterisco (*) no corpo do texto imediatamente após a palavra ou a expressão que deu origem à nota. Terminaremos a análise de cada autor com uma gravura de um cenário amazônico.

Passamos então à análise das traduções da obra *Viagem ao Brasil 1864-1865*²³⁴ do casal Agassiz.

II.2.1. Edgar Sússekind de Mendonça e João Etienne Arreguy Filho

Começamos por lembrar que ambas as traduções brasileiras são indiretas, pois foram baseadas na tradução francesa de Vogeli (1869), *Voyage au Brésil*; sendo assim, as correções efetuadas em nota, pelos tradutores, são dirigidas tanto ao casal Agassiz como a Vogeli.

A tradução indireta, também denominada de “translation of a translation” (Gambier 1994; 2013, *apud* Rosa, Pięta e Maia, 2017), “second-hand translation” (Tourey, 1995), ou “mediated translation” (Pym, 2011), ainda nos dias de hoje, apesar de sua popularização, não atrai muito a atenção de teóricos da tradução. Considerada como uma tradução em segunda mão por alguns, também é referida como tradução intermediada ou tradução de desvio, etc. Uma justificativa para a não aceitação das traduções indiretas está relacionada ao fato de a norma regente dizer que o texto-fonte

²³⁴ As datas da primeira tradução são da primeira edição pela Coleção «Brasiliana» (1938) e da Edição do Senado, Coleção «O Brasil visto por Estrangeiros» (2000), que serão referidas nos excertos de forma intercalada, de acordo com a disponibilidade de acesso às versões *online* ou impressa durante a pesquisa. A da segunda tradução é 1975.

é o que detém a supremacia. Mesmo sem termos a intenção de aprofundar esta matéria, importa questionar as motivações que terão levado os tradutores a optarem por não traduzir a partir do original, neste caso em língua inglesa, e sim de uma tradução francesa. Entre as diversas razões para se optar por uma tradução indireta, destacamos:

It apparently occurs due to a lack of translators or of linguistic competence in the ultimate SL, or due to difficulty obtaining the original text or translating from a geographically and/or structurally distant language. The higher price of translating from a distant language, as well as power relations between languages, cultures and agents within the world translation system. (Rosa, Pieta e Maia, 2017: 114)

E foi justamente esse “lack of translators or of linguistic competence in the ultimate SL” (*op cit*) um dos primeiros motivos que colocámos como hipótese: a possibilidade de os tradutores envolvidos não serem fluentes na língua do TP, o que não foi confirmado visto que ambos os tradutores da obra de Agassiz traduziram outras obras a partir da língua inglesa. No entanto, podemos igualmente ter em conta o fato de a língua francesa ser considerada língua franca desde o século XVII até meados do século XX. No Brasil, o auge do ensino da língua francesa se deu durante a Era Vargas, com a Reforma Capanema, em 1942, quando chegou a ser disciplina obrigatória com carga horária significativa no ensino básico, à frente da língua inglesa.

Mesmo tendo em vista todas estas hipóteses, acreditamos que o motivo que os levou a traduzirem a partir do francês foi o fato de Vogeli ter acrescentado inúmeras notas, bastante relevantes e esclarecedoras, à obra do casal Agassiz, constituindo, pois, um precioso paratexto que, por via da tradução, podia ser disponibilizado ao leitor brasileiro. Ao procedermos à análise das estratégias utilizadas nas duas traduções, a de Mendonça, 1938 (Coleção «Brasiliana»), e a de Etienne Filho, 1975 (Coleção «Reconquista do Brasil»), apoiámo-nos também no artigo “As muitas vozes de *Viagem ao Brasil* em traduções indiretas”, de Cristina Carneiro Rodrigues (2014), que representou um valioso auxiliar para o nosso trabalho.

Iniciemos por Mendonça, autor de inúmeras notas que evidenciam a sua estratégia domesticadora, não dissimulando seus acréscimos e correções. Em sua tradução para a «Coleção Brasiliana», além das notas explicativas e/ou retificadoras, encontram-se presentes as notas do tradutor francês. Notamos que, em alguns momentos, o tradutor (Mendonça) reproduz os erros de ortografia cometidos pelo

autor do TP (Agassiz) no corpo do texto do TC, acrescentando um (*sic*) após o termo incorreto. Esse apontamento, algumas vezes, é acompanhado de nota do tradutor, na qual a palavra aparece grafada corretamente, fazendo desta forma uma correção indireta, como exemplificado a seguir na ocorrência 1:

[...] **the Cocoeiro**, with its slighter trunk and pendant branches of small berry-like fruit; [...](Agassiz, 1868: 68)

[...] o **cocoeiro** (*sic*), o mais esbelto, cujos ramos pendentes, carregam frutos pequeninos do tamanho duma cereja; [...] (Agassiz/Mendonça, 1938:99)

A correção do termo somente é feita na nota de rodapé, com a especificação de (Nota do tradutor - NT):

Coqueiro. [NT 48] - (Agassiz/Mendonça, 1938:99)

Já Etienne Filho atualiza/corrige os termos, grafando-os corretamente no corpo do texto:

[...] o **coqueiro**, mais esbelto, cujos ramos pendentes, carregam frutos pequeninos do tamanho duma cereja; [...] (Agassiz/ Etienne Filho, 1975:59)

Evidenciamos, nos trechos selecionados, oito ocorrências desse tipo, algumas exemplificadas a seguir. Para facilitar a visualização, utilizamos **negrito** nas palavras ou expressões em que o tradutor reproduziu o erro ou o corrigiu, e sublinhado para as diferenças (quando existirem) entre as duas traduções. Os trechos foram retirados de Agassiz, 1868; Agassiz/ Vogeli, 1869; Agassiz/Mendonça, 1938; 2000; Agassiz/ Etienne Filho, 1975. A partir do segundo grupo de excertos, colocamos apenas a numeração das páginas, entre parênteses, subtendendo-se que a referência completa já foi apresentada na primeira exemplificação. Nas notas de rodapé, apresentamos as observações relacionadas com “erros”, conforme indicados por Mendonça. Quando o erro tiver sido gerado a partir da versão em francês, incluiremos o trecho neste idioma nos excertos. Os extratos serão também identificados pelas cores referidas acima, por entendermos que facilita a referência e visualização. Com relação às referências do primeiro texto de chegada, traduzido por Mendonça, utilizamos maioritariamente os excertos retirados da Brasileira Eletrônica – UFRJ, de 1938; no entanto, tivemos de

recorrer à edição do Senado Federal, de 2000, nos momentos em que o *site* esteve inativo.

Ocorrência 2

Such a guide is invaluable here, for the Brazilians seem to remain in blissful ignorance of systematic nomenclature to most of them all flowers are "**flores**," all animals, from a fly up to a mule or an elephant, "**bixos**." (76)

Um guia como esse é dos mais preciosos; porque, em geral, os brasileiros parecem querer persistir numa doce ignorância de toda nomenclatura sistemática; para eles toda flor é "uma flor"²³⁵, assim como todo animal, desde a mosca até o burro ou o elefante, é um "**bixo**" (*sic*). (111)

Um guia como esse é dos mais preciosos; porque, em geral, os brasileiros parecem querer persistir numa bendita ignorância de toda nomenclatura sistemática; para eles toda flor é "uma flor"²³⁶ assim como todo animal, desde a mosca até o burro ou o elefante, é um "**bicho**". (64)

Na ocorrência de nº2, apesar de Mendonça apontar o erro ortográfico pela colocação de *sic* após a palavra "bixo", ele não o reescreve na forma correta em nota, apenas insere a observação sobre o termo *flores*. Etienne Filho mantém o procedimento de corrigir o erro ortográfico diretamente no corpo do texto. Ressalte-se também as mínimas diferenças entre as duas traduções, neste caso somente *blissful ignorance*, transposta como doce/bendita ignorância. Há aqui uma diferença sutil, porquanto se poderá pensar que nenhuma das duas soluções veicula o mesmo sentido do TP, *feliz*. Acreditamos que os tradutores optaram pelo termo que lhes era mais familiar. Mas tanto o autor como os tradutores suavizaram a *ignorância*, melhor dizendo, a falta de conhecimento especializado do povo local, ao utilizarem termos que dão uma conotação menos ofensiva.

Em se tratando das notas de rodapé, são também bastante semelhantes:

Ocorrência 3

At the station of **Correio**, in front of the building, is also an admirable opportunity for observing all the erratic phenomena, for here the drift, with large boulders interspersed throughout the mass, overlies the rock in place. (101)

²³⁵ "As palavras entre aspas figuram em português no original." [Nota do tradutor 58]

²³⁶ "As palavras entre aspas figuram em português no original." [Nota 23 – sem identificação de autoria]

Na estação de **Correio** (*sic*),²³⁷ em frente das construções, ainda se tem uma excelente ocasião para estudar os fenômenos erráticos; o drift, com grossos blocos dispersos em sua massa, aí cobre a rocha local. (139)

Na estação de **Correias**, em frente das construções, ainda se tem excelente ocasião para estudar os fenômenos erráticos; o “drift”, com grossos blocos dispersos em sua massa, aí cobre a rocha local. (77)

Ocorrência 4

It seems as if the mode of growth many of the trees shooting up to an immense height, but branching only toward the top were meant to give room to the legion of parasites, **sipos**, lianas, and climbing plants of all kinds which fill the intervening spaces. (109)

Parece que o modo de crescimento das árvores, sua maioria elevando-se a uma altura extraordinária e deixando os galhos crescerem apenas nos seus cimos, é uma precaução da natureza para dar espaço à legião de parasitas, **sipós** (*sic*), lianas, trepadeiras de toda espécie que enchem os espaços intermediários. (150)

Parece que o modo de crescimento das árvores, na maioria elevando-se a extraordinária altura e deixando os galhos crescerem apenas nos seus cimos, é uma precaução da Natureza para dar espaço à legião de epífitas, **cipós**, lianas, trepadeiras de toda espécie que enchem os espaços intermediários. (83)

Ocorrência 5

Her husband looks somewhat sombre; but his hearty laugh occasionally, and his enjoyment of the glass of **cachaça** which rewards him when he brings in a new lot of specimens, shows that he has his bright side. (177)

Le mari paraît un peu sombre, mais il rit de bon coeur à l'occasion, et la bonne humeur qu'il témoigne, en savourant le verre de **caxaça*** qu'on lui donne chaque fois qu'il apporte un spécimen nouveau, montre qu'il y a dans son caractère un certain côté gai. (Agassiz/Vogeli, 1869: 189)

O marido parece um tanto tristonho, mas ri de todo o coração algumas vezes, e o bom humor com que saboreia o copo de **caxaça** (*sic*) que lhe dão toda vez que traz um espécime novo, mostra bem que há um lado jovial no seu caráter. (233)

O marido parece um tanto tristonho, mas ri de todo o coração algumas vezes, e o bom humor com que saboreia o copo de **cachaça** (6) que lhe dão toda vez que traz um espécime novo, mostra bem que há um lado jovial no seu caráter. (121)

No caso deste último excerto, Mendonça, ao escrever a palavra cachaça (*sic*), não está reproduzindo o erro de Agassiz em seu original, mas sim o da edição francesa, que lhe serviu de texto-fonte, na qual Vogeli escreve o termo *cachaça* com “x”. Além disso, ele traduz em nota a explicação de Vogeli: “Espécie de tafiá extraída da cana-de-açúcar e que exala um ligeiro aroma empireumático (Nota da trad. francesa)”,

²³⁷ “Correias.” [Nota do tradutor 68]

(Agassiz/Mendonça, 1938:233). Etienne Filho corrige o erro ortográfico sem apontar o erro do TP, e também insere uma nota de rodapé com a tradução da nota de Vogeli: “Espécie de aguardente extraída da cana-de-açúcar e que exala um ligeiro aroma empireumático*(Nota da trad. francesa)” — (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 121).

Ocorrência 6

To-day we stopped at a small station on the north side of the river called **Barreira das Cudajas**. (197)
Mr. Thayer and Mr. Bourget to **Lake Cudajas**, to be gone ten days; (282)

O município de Codajás faz parte do estado do Amazonas. Mendonça acusa o erro na versão impressa; na versão *online* já está corrigido no corpo do texto. Isto demonstra que pequenas revisões ortográficas têm sido feitas na página da Brasileira UFRJ.²³⁸

Paramos hoje numa pequena povoação, situada na margem setentrional do rio, chamada "Barreira das Cudajás" (sic). (254)
Os Srs. Thayer e Bourget passarão dez dias na Lagoa Cudajás/ Codajás, (354)

Barreira de Cudajás

Paramos hoje numa pequena escala, situada na margem setentrional do rio, chamada Barreira das **Cudajás**. (130)
Thayer e Bourget passarão dez dias na Lagoa **Cudajás**, (175)

Ocorrência 7

In the course of the day two "Peixe-bois" (Manatees) were brought in, also a **Boto** (porpoise), and some large specimens of Pirarucu (Sudis). (234)

Dans le cours de la journée, on nous apporta deux peixes bois (lamantins), un **botó** (marsouin) et quelques gros spécimens de pirarucú (Sudis). (238-239)

No decorrer do dia, trouxeram-nos dois peixes-bois (fish-cow), um **botó** (sic) (por-poise) e uns grandes exemplares de pirarucu (Sudis). (293)²³⁹

Temos a ressaltar a nota em que Mendonça explicita as espécies referidas por Agassiz: “Peixe-boi (*Manatus inunguis*) é um Sirênio; boto branco da Amazônia (Inia amazônica) é um Cetáceo; pirarucu (*Arapaima gigas*), aqui ainda denominado Sudis, é

²³⁸ Observamos isto mesmo em vários momentos da coleta de excertos da versão *online*. No entanto, no ano de 2019 a página saiu novamente de circulação.

²³⁹ Em nota faz uma correção indireta ao reescrever, no meio de sua descrição, a palavra *boto*, sem acento.

um peixe Clupeídeo.” (Nota do Tradutor 118, p. 293). Etienne-Filho apenas traduz o excerto, sem acrescentar qualquer observação:

No decorrer do dia, trouxeram-nos dois peixes-bois, um **boto** e uns grandes exemplares de pirarucu. (148)

Ocorrência 8

Ever since he came to the Amazons he has been trying to obtain a specimen of a peculiar kind of **porpoise**, native to these waters. [...] Followed by the whole party of sympathizing friends, for all had caught the infection, Mr. Agassiz hastened out to behold his long-desired treasure; and there was his **Boto**, but sadly mutilated,... (Agassiz, 1868: 315)

Depuis qu'il est dans l'Amazonie, il cherche à se procurer un spécimen de **Botó**, espèce de marsouin propre aux eaux que nous explorons. [...] Suivi du cortège entier de ses amis, car la rage a gagné tout le monde, l'heureux naturaliste se hâta d'aller contempler le trésor depuis si longtemps convoité. C'était bien un **botó**! mais.... horriblement mutilé. (319-320)

O **boto**. Superstição dos índios [intertítulo]²⁴⁰

Desde que se acha na Amazônia, Agassiz anda a procurar um espécime do **botó** (sic), espécie de manatus próprio das águas que estamos explorando. [...] Seguido de todo o cortejo de seus amigos, pois a ansiedade se apossara de todos, o feliz naturalista se apressou em ir contemplar o tesouro há tanto tempo ambicionado. Era realmente um **boto**!. mas... horrivelmente mutilado. (392)

Desta vez, o termo *boto* aparece grafado de três formas diferentes. No intertítulo, Mendonça escreve *boto*, mas no corpo do texto volta a chamar a atenção para o erro de acentuação copiado da versão francesa, ao grafar *botó* seguido de (sic). No final escreve *boto* novamente, o que, quanto a nós, pode significar que o tradutor também fazia correções indiretas no corpo do texto.

O **boto**. Superstição dos índios (intertítulo)

Desde que se acha na Amazônia, Agassiz anda a procurar um espécime do **boto**, espécie de golfinho próprio das águas que estamos explorando. [...] Seguido de todo o cortejo de seus amigos, pois a ansiedade se apossara de todos, o feliz naturalista se apressou em ir contemplar o tesouro há tanto tempo ambicionado. Era realmente um **boto**!. mas... horrivelmente mutilado. (194)

²⁴⁰ A palavra [intertítulo] foi acrescida por nós, com o objetivo de mostrar que este é um diferencial das versões traduzidas, já que no original as mudanças dos temas não são realçadas.

É perceptível, ao longo do relato, o uso de termos do Outro que foram mantidos em língua portuguesa nos textos de partida (edição original em inglês e tradução francesa), sinais de uma alteridade extrema. Isso, segundo Cronin (2000), acontece porque:

Language is an important source of the detail that confers a plausibility on an account and makes the foreign textuality apparent. Words become the souvenirs brought home to the expectant reader. These words often relate to culture-specific items that have no equivalent in the target language of the traveller. (40)

Na narrativa do casal Agassiz, há três termos que se tornam bastante evidentes em vários trechos da obra por se referirem à miscigenação do povo da Amazônia: **mulato**, **mameluco** e **cafuzo**.²⁴¹ Percebemos que o tradutor da coleção «Brasiliana» utilizou duas formas diferentes de apresentá-los ao leitor: grafando-os em *itálico* nas partes do texto onde eles são definidos/conceitualizados/explicados, como por exemplo em Agassiz (1938:349; 371; 625), e em tipo normal quando ocorrem sem que haja qualquer explicação a eles associada. Assim, encontramos o trecho:

Todavia, é raro encontrar-se na sociedade uma pessoa que seja absolutamente de pura raça negra, mas vêm-se numerosos mulatos e *mamelucos*, como chamam aos mestiços de índio e negro. (Agassiz/Mendonça, 1938:349).

Nas imagens a seguir é possível encontrar mais dois exemplos dessa ocorrência, através da versão em imagem da primeira tradução da «Brasiliana». Na primeira, que pertence ao capítulo IX “Manaus e seus arredores”, atente-se à ocorrência dos termos *mulato* (linha 19), *mameluco* (linha 21) e *cafuzo* (linha 22) grafados em itálico porque há a explicitação do significado de cada um. No texto original, em inglês, e na tradução francesa, os referidos termos não aparecem em itálico.

²⁴¹ Grifos nossos.

o representante fiel de um dos dois. Detenho-me nesse fato, cuja importância é extrema quando se trata de determinar o valor e a significação das diferenças observadas entre as chamadas raças humanas. Deixo de lado a questão da origem provável ou mesmo do número dessas raças. Para o fim que tenho em vista, é indiferente que haja três, quatro, cinco ou vinte delas e que derivem ou não uma das outras. O fato de diferirem por traços constantes e permanentes já basta, por si só, para justificar uma comparação entre as raças humanas e as espécies animais. Sabemos que, entre os animais, quando dois indivíduos de sexo diferente e de espécie distinta concorrem na produção de um novo ente, esse híbrido não apresenta uma semelhança exclusiva nem com o pai nem com a mãe e participa do caráter de ambos. Não me parece menos significativo que tal fato seja igualmente verdadeiro para com o produto de dois indivíduos de sexo diferente, pertencendo a raças humanas distintas. O filho nascido de uma preta e de um branco não é nem preto nem branco, é um *mulato*; o filho de uma índia e de um branco não é nem um índio nem um branco, é um *mameluco*; o filho de uma negra e de um índio não é nem um negro nem um índio, é um *cafuzo*. Cafuzo, mameluco e mulato participam dos caracteres de seus autores tanto quanto a mula participa dos do cavalo e da jumenta. Logo, no que respeita ao produto, as raças humanas se acham, umas em relação às outras, na mesma relação que as espécies animais entre si e a expressão *raças*, na significação atual, deverá ser abandonada quando o número das espécies humanas for definitivamente determinado e quando os verdadeiros caracteres dessas espécies houverem sido claramente estabelecidos. Por mim julgo estar demonstrado que, a não ser que se prove que as diferenças existentes entre as raças índia, negra e branca são instáveis e passageiras, não se pode, sem se estar em desacordo com os fatos, afirmar a comunidade de origem para todas as variedades

Figura 86²⁴²

O mesmo ocorre no Apêndice, quando os termos *mulato* (linha 19), *cafuzo* (linha 23) e *mameluco* (linha 28) também são explicitados e, por isso, grafados em itálico.²⁴³

²⁴² Agassiz/Mendonça, 1938: 371.

²⁴³ Agassiz/Mendonça, 1938: 625.

No próximo excerto da «Brasileira», os três termos que definem os tipos miscigenados surgem em tipo normal, ou seja, sem qualquer destaque, por não acompanharem a definição de cada termo, obedecendo assim, coerentemente, à escolha de Mendonça (1938):

Uma única condição se exigia para a sua admissão, era que fossem de raça pura; não se recebiam negros nem mulatos. (169)

Em nenhuma outra parte do mundo se poderia estudar tão completamente como no Amazonas a mistura dos tipos, pois nela os mamelucos, os cafuzos, os mulatos, os caboclos,²⁴⁴ os negros e os brancos, produziram por suas alianças uma infusão à primeira vista parecendo indestrinchável. (370)

No entanto, no que se segue, todas as ocorrências estão em tipo normal, apesar de estarem relacionadas com definições. Conclui-se, portanto, que Mendonça não manteve a mesma padronização ao longo da obra. Não temos como avaliar se tal incoerência se fica a dever a um erro da gráfica:

Para se reconhecer inteiramente que as diferenças típicas não têm entre si nenhum laço genésico e que não convergem a uma mesma origem por graus intermediários imperceptíveis, basta comparar as suas misturas. O negro e o branco produzem o mulato, o índio e o branco o mameluco, o negro e o índio o cafuzo, e essas três qualidades de mestiços não formam qualquer ligação entre as raças puras; estão para com seus pais nas mesmas relações dos híbridos para com os produtores. O mameluco é positivamente um meio-sangue entre o branco e o índio, o cafuzo um meio-sangue entre o índio e o negro, o mulato entre o branco e o negro. [...] Nos lugares em que existem as raças puras, é raro se encontrarem filhos provenientes da união de mameluco com mameluca, de cafuzo com cafuza ou de mulato com mulata, ao passo que os filhos nascidos da união entre branco, negro ou índio e mulato, entre branco, negro ou índio e mameluco, ou entre cafuzo e uma das três raças puras, formam a base dessas populações heterogêneas. (Agassiz/Mendonça, 1938:373-374).

Já na tradução que integra a «Reconquista» não encontramos italicização dos termos regionais. Todos se encontram em tipo normal. Para Cronin, há duas maneiras de usar as palavras do Outro em uma narrativa: “Foreign-language terms can be italicised to draw attention to their conspicuous otherness in the text, or they can be included in a more discreet manner” (2000: 41). Nos trechos a seguir, percebemos que,

²⁴⁴ “Mistura de branco com índio. O caboclo é uma das “sub-etnias” que existe no Brasil e que se originou a partir dos processos de miscigenação que ocorreram no país durante o período da colonização. No norte do Brasil, este nome também é usado para adjetivar a figura do homem do interior, que possui modo rústico, desconfiado, ingênuo ou traiçoeiro.” (<https://www.significados.com.br/caboclo/>). Acesso em 15.10.2018.

ora o autor mantém o termo como no original (Cafuzo), ora faz uma adaptação da escrita de outros termos (Mulatto; Mammeluco) do mesmo campo lexical:

The hybrid between White and Negro, called Mulatto, is too well known to require further description. [...]The hybrid between the Indian and Negro, known under the name of Cafuzo, is quite different. [...] The hybrid between White and Indian, called Mammeluco in Brazil,[...] (Agassiz, 1868: 532)

L'hybride entre le blanc et le nègre, appelé mulâtre, est trop connu pour que j'aie besoin de le décrire; L'hybride entre l'Indien et le nègre, qu'on appelle cafuzo,[...] L'hybride entre blanc et Indien, appelé Mammaluco au Brésil, [...] (Agassiz/Vogeli, 1869:515)

Rodrigues (2014) observa que Mendonça utiliza maiúsculas, na «Brasiliana», para evidenciar que o estrangeiro utiliza palavras da língua portuguesa tanto no original em inglês como na tradução francesa, no que se refere a termos da fauna e da flora. No entanto, observamos também que os termos de espécies semelhantes são grafados entre parênteses em *itálico* e maiúsculas como exemplificados a seguir:

Depois do almoço, dispersamo-nos; uns se estiraram nas redes, outros foram para a pesca ou para a caça: quanto a Agassiz, ficou absorvido no exame dos peixes – Tucunarés (*Cichla*), Acarás (*Heros* e outros gêneros), Curimatãs (*Anodus*), Surubins (*Platystoma*), etc. – que acabaram de pescar na lagoa para ele. (Agassiz/Mendonça, 2000: 252)²⁴⁵

Depois do almoço, dispersamo-nos; uns se estiraram nas redes, outros saíram para pescar ou caçar; quanto a Agassiz, absorve-se no exame dos peixes – tucunarés (*Cichla*), acarás (*Heros* e outros gêneros), curimatãs (*Anodus*), surubins (*Platystoma*), etc. – que acabaram de pescar na lagoa para mostrar-lhe. (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 162)

Etienne Filho prefere grafar os nomes dos peixes em minúsculas, no entanto, os nomes científicos estão em *itálico*, maiúsculas e entre parênteses, como em Mendonça.

Ao analisarmos mais detalhadamente essa constatação de Rodrigues, contudo, percebemos que não há realmente uma padronização por parte de Mendonça, pois em se tratando dos exemplos da flora, o termo Imbaúba ou Embaúba²⁴⁶ aparece grafado na

²⁴⁵ Como dito anteriormente, utilizamos a edição de 2000 nas referências quando o acesso à plataforma da Brasiliana Eletrônica-UFRJ estava indisponível. Por isso a alternância entre os anos de 1938 e 2000 nos excertos de Mendonça.

²⁴⁶ “Os brotos e frutos da imbaúba são alimentos habituais da preguiça, o que justifica o nome de árvore-da-preguiça, pelo qual também é conhecida. Pelo nome de imbaúba, embaúba ou umbaúba são conhecidas cerca de cinquenta espécies, distribuídas por quase todo o Brasil, do gênero Cecropia, família das moráceas, a mesma da amoreira.” <https://biomania.com.br/artigo/imbauba>. Acesso em 22/10/2019.

«Brasíliana» com “I” maiúsculo (Imbaúba) na pág. 223, “i” minúsculo na pág. 287, e na página 451 aparece em minúscula grafado com “e” (embaúba). Quanto à palmeira Miriti, encontra-se grafada em maiúsculas em duas ocorrências (págs. 207 e 452) e em minúsculas nas páginas 211 e 215, e as palmeiras Jupati (*Rhaphia*) e a Buçu (*Manicaria*), na pág. 223.

Nos excertos abaixo, observemos o termo aninga, primeiramente na «Brasíliana» que aparece em maiúsculas no primeiro excerto, acompanhado do termo semelhante, entre parênteses, em itálico. Já no segundo exemplo, ambos aparecem grafados em minúsculas, mas o termo da espécie semelhante está em itálico. Apresentamos também os trechos da «Reconquista» para fins de comparação:

As margens desse trecho do rio são geralmente ornadas por duas espécies vegetais, formando algumas vezes uma como que muralha ao longo da praia; por exemplo, a Aninga (Arum), com suas folhas largas, cordiformes, em cima de grandes caules. (Agassiz/Mendonça, 2000: 167)

As margens desse trecho do rio são geralmente ornadas por duas espécies de plantas, que formam algumas vezes como uma sebe ao longo da beira; por exemplo, a aninga (Arum), cujas folhas largas, cordiformes, saem de cima de alto pedúnculo. (Agassiz/Etienne Filho, 1975:110)

O capim de um verde tenro misturava-se às flores da malvácea que abundava no meio do capinzal, e a aninga, essa espécie de arum aquático de folhas grandes, formava-lhe uma como que moldura. (348)

O capim, de um verde tenro, misturava-se às flores da malvácea que proliferava no meio do capinzal, e a aninga, essa espécie de arum aquático de folhas grandes, formava-lhe como que orladura. (223)

Como vimos, o tradutor da «Reconquista» grafa os termos em minúsculas nos excertos acima, mas, como já mostramos aqui, não há uma regra rígida para a grafia dos termos referidos. Algumas vezes ocorre que ambos os tradutores seguem as mesmas regras, como no exemplo do trecho em que estavam navegando pelo rio Ererê:

Esse filete d’água, estreito e pitoresco, muitas vezes tão cheio de vegetação que a canoa custa a prosseguir o seu caminho, passa através duma magnífica floresta de palmeiras com folhas em forma de leque, as miritis (Mauritia flexuosa), que se estende por várias milhas de distância e abriga à sua sombra, como num berço de verdura, uma porção de árvores menores e arbustos, alguns dos quais dão flores brilhantes e notáveis pela sua beleza. (347).

Esse filete d’água, estreito e pitoresco, muitas vezes tão cheio de ervas que a canoa custa a prosseguir na rota, passa através de magnífica floresta de palmeiras com folhas em forma de leque, as buritis²⁴⁷ (Mauritia flexuosa), que se estende por várias milhas de distância e abriga à

²⁴⁷ Os termos *miritis* e *buritis* não representam diferenças por serem sinônimos.

sua sombra, como num berço de verdura, uma porção de árvores menores e arbustos, alguns dos quais dão flores brilhantes e notáveis. (223).

Ainda na edição da «Brasiliiana», denominações indígenas tais como *mirim* (pequeno/estrito), *assu/açu* (grande/largo), *igarapé* (um canal em comunicação com o rio e que não tem saída), presentes no Capítulo VII “Em Tefé”, encontram-se todas grafadas em itálico porque a elas estão associadas definições. Já o vocábulo *paraná* está em itálico na primeira ocorrência, porque a ele está igualmente associada sua definição, mas paraná-assú e paraná-mirim estão grafados em tipo normal. Vejamos os trechos completos, com os termos colocados por nós em negrito, para facilitar a localização em todos os excertos:

A short walk brought us out upon a shallow forest lake, or, as the Indians call it, "round water". The Indian names are often very significant. I have mentioned the meaning of **igarapé**, "boat path"; to this, when they wish to indicate its size more exactly, they affix either the word "**assu**" (large) or "**mirim**" (small). But an **igarapé**, whether large or small, is always a channel opening out of the main river and having no other outlet. For a channel connecting the upper and lower waters of the same river, or leading from one river to another, they have another word, "**Paraná**" (signifying river), which they modify in the same way, as **Paraná-assú** or **Paraná-mirim**. **Paraná-assú**, the big river, means also the sea. A still more significant name for a channel connecting two rivers is the Portuguese word "**fúro**", meaning bore. (Agassiz, 1868: 232-233)

[Chegamos em muito pouco tempo na entrada dum lago interior, ou, como dizem os índios, duma "água-redonda". As denominações indígenas são frequentemente muito significativas. Já dei a tradução do vocábulo *igarapé* — passagem da **piroga**; para indicar com mais exatidão a largura, acrescentam as sílabas **assu** \(grande\) ou **mirim** \(pequeno\); largo ou estreito, porém, um **igarapé** é sempre um canal em comunicação com o rio e que não tem saída. Quando um canal se liga ao mesmo tempo às águas superiores e inferiores, ou leva de um rio a outro, os índios lhe dão outro nome, o de **paraná**, que quer dizer rio, e com que forma de maneira análoga **paraná-assú** e **paraná-mirim**. **Paraná-assú**, o grande rio, designa também o mar. Um nome mais significativo ainda para designar um canal entre dois rios é o vocábulo português "**furo**". \(Agassiz;/Mendonça, 1938: 291-292\)](#)

Na tradução de Etienne Filho, não há destaques em itálico:

[Chegamos depressa à borda dum lago interior, ou, como dizem os índios, duma "água-redonda". Os nomes indígenas são frequentemente muito significativos. Já dei a tradução do vocábulo *igarapé*²⁴⁸ — passagem da **piroga**; para indicar com mais exatidão sua largura, acrescentam as sílabas açu \(grande\) ou mirim \(pequeno\); largo ou estreito, porém, um **igarapé** é sempre um canal em comunicação com o rio e que não tem saída. Quando um canal se liga ao mesmo tempo às águas superiores e inferiores, ou leva de um rio a outro, os índios lhe dão outro nome, o de paraná, que quer dizer rio, e com que forma de maneira análoga paraná-açu e paraná-mirim.](#)

²⁴⁸ *Aqui, Etienne Filho resolve colocar *igarapé* em itálico, como faz Mendonça.

Paraná-açu, o grande rio, designa também o mar. Um nome mais significativo ainda para designar um canal entre dois rios é o vocábulo português "furo". (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 147)

No texto original, os termos em português ou aparecem entre aspas ou sem qualquer marcação, o mesmo ocorrendo na tradução francesa. Queremos também chamar a atenção para o fato de que Etienne Filho apenas substituiu algumas palavras da tradução de Mendonça por sinônimos. No excerto acima, a palavra *significativas* não concorda em gênero com o vocábulo ao qual se refere: *os nomes indígenas*. Fica evidente que, ao substituir palavras, Etienne Filho não revisou o texto na sua totalidade. E isso ocorreu em vários trechos da obra.

Quanto ao termo *igarapé*, encontramos trinta e três ocorrências em *Viagem ao Brasil-1865-1866*; na maioria das vezes está escrito em minúsculas e aparece dessa forma somente quando se refere a nomes próprios, como Igarapé-Grande, na página 518, o que é bastante coerente por se tratar de um nome próprio. No entanto, o termo *piroga*, introduzido por Mendonça e imitado por Etienne Filho, não é um termo muito comum; por isso deveria receber uma nota explicativa, especialmente por ter sido usado sete vezes ao longo da narrativa. *Piroga*, cuja definição é “antiga embarcação indígena, esguia e aberta, feita de um tronco de árvore escavado a fogo” (Ferreira, 2009: 1569), é chamada popularmente de *montaria* ou *canoas*. Podemos dizer que Mendonça manipulou o TC ao introduzir um termo que não estava presente no TP, desta forma domesticando sua tradução, enquanto promovia a alteridade da cultura local.

Passamos agora a um outro aspecto, a forma de datação, que vale a pena ressaltar, pois percebemos que ambos os tradutores domesticam ao utilizarem as datas de acordo com os parâmetros da língua portuguesa: dia/mês, como mostrados a seguir no excerto do Capítulo IV, cujo intertítulo é “Chegada ao Pará”:

Arrival at Pará

August 11th- Pará. Early yesterday morning, a few yellowish patches staining the ocean here and there gave us our first glimpse of the water of the Amazons. (Agassiz, 1868: 139)

Chegada ao Pará.²⁴⁹ *11 de agosto – Desde ontem de manhã cedo, que algumas manchas amareladas aqui e ali maculam a superfície do Oceano e, nos anunciam o Amazonas.* (Agassiz/Mendonça, 2000: 151)

²⁴⁹ Nota do Tradutor (89): “Mas propriamente à cidade de Pará, que é como os estrangeiros designam Belém do Pará.” (Agassiz/Mendonça, 2000:151)

Chegada ao Pará

11 de agosto – Pará - Desde ontem de manhã cedo, algumas manchas amareladas aqui e ali maculam a superfície do Oceano e, nos anunciam o Amazonas. Agassiz/Etienne Filho, 1975: 100)

Já no próximo excerto, apesar de Mendonça domesticar as medidas de comprimento, convertendo milhas em quilômetros, conforme usado no Brasil, mantém o original entre parênteses, tal como destacado em negrito por nós:

Presently the patches became broad streaks, the fresh waters encroaching gradually upon the sea, until, at about ten o'clock, we fairly entered the mouth of the river, though, as the shores are some **hundred and fifty miles apart**, we might have believed ourselves on the broad ocean. (139)

Logo adiante, essas manchas se transformam em largas faixas, e a água doce invade cada vez mais o mar; enfim, lá para as dez horas, estamos em plena embocadura do rio. Mas não vemos as suas margens; **240 quilômetros (150 milhas)** as separam uma das outras podemos nos acreditar ainda sobre o imenso oceano. (151)

Logo essas manchas se transformam em largas faixas, e a água doce invade cada vez mais o mar; enfim, lá pelas dez horas, estamos em plena embocadura do rio. Mas não vemos suas margens; **240 quilômetros (150 milhas)** as separam uma da outra e podemos nos acreditar ainda sobre o imenso Oceano. (100)

No próximo excerto encontra-se a descrição da Sra. Agassiz sobre a acolhida agradável que recebeu ao chegar ao Pará, mais especificamente à Chácara do Sr. Pimenta Bueno. A descrição das peculiaridades locais inclui marca de alteridade do povo paraense:

Mr. Agassiz and Major Coutinho soon returned to town, where no time is to be lost in beginning work at the laboratory. I remained at home and passed a pleasant morning with the ladies of the family, who made me acquainted with the peculiar beverage so famous in these regions, prepared from the berries of the Assaí palm. (Agassiz, 1868: 140)

Agassiz pouco se demorou; saiu quase imediatamente depois para a cidade em companhia do Major Coutinho, pois não há tempo a perder e é urgente começar os trabalhos de laboratório. Quanto a mim, fico na chácara e passo uma manhã encantadora com as senhoras da casa que me fazem conhecer a famosa bebida extraída dos frutos da palmeira açai. (Agassiz/Mendonça, 2000: 153)

Agassiz pouco se demorou; saiu quase imediatamente depois para a cidade, em companhia do Major Coutinho, pois não há tempo a perder e é urgente começar os trabalhos de laboratório. Quanto a mim, fico na chácara e passo uma manhã encantadora com as senhoras da casa que me dão a conhecer a famosa bebida extraída dos frutos da palmeira açai. (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 100-101)

Em seguida, a Sra. Agassiz descreve um dos frutos mais representativos da cultura local. Como mostrado nos excertos anteriores, quase não há diferenças significativas entre as duas traduções. Neste excerto, porém, uma única palavra vai influenciar a opinião dos leitores em relação ao gosto do suco de açaí:

They are about the size of cranberries, and of a dark-brown color. Being boiled and crushed they yield a quantity of juice, which when strained has about the consistency of chocolate, and is of a dark purplish tint like blackberry juice. It has a sweetish taste, and is very nice eaten with sugar and the crisp "farinha d'água," a kind of coarse flour made from the mandioca root. (140)

Ces fruits sont de la grosseur d'une mûre de ronce et d'une couleur brun foncé. Après qu'on les a fait bouillir, on les presse et ils donnent -un jus abondant d'une teinte pourpre sombre analogue à celle du jus de mûre. Une ' fois passé au tamis, ce suc a la consistance du chocolat. Le goût en est douceâtre, mais cela fait un mets très-délicat lors qu'on y ajoute un peu de sucre et de «farinha de agoa,» sorte de farine croquante en poudre grossière, que fournissent les tubercules du manioc. (Agassiz/Vogeli, 1869: 154)

Esses frutos são do tamanho dos da amoreira de espinho e de cor castanho muito escuro. Depois de fervidos, são espremidos e dão um suco abundante de cor púrpura análoga à do suco de amoras. Depois de passado na peneira, esse suco tem a consistência do chocolate. O gosto é **enjoativo**, mas dá um prato muito delicado quando se lhe junta um pouco de açúcar e “farinha-d’água”, espécie de farinha dividida em grossos fragmentos, fornecida pelos tubérculos da mandioca. (Agassiz/ Mendonça, 2000: 153-154)

Ao usar o termo *enjoativo* para caracterizar o gosto do açaí, Mendonça induz o leitor que não conheça a fruta e/ou que nunca tenha provado o seu suco/sumo, a inclinar-se para evitá-la, pela presunção de que seja uma bebida que não agrade ao seu paladar. Trinta e sete anos após a primeira tradução deu-se o resgate do sentido original e real do sabor do fruto — *adocicado*— e, desta vez, o mérito é do tradutor Etienne Filho:

Esses frutos são do tamanho dos da amoreira-de-espinho e de cor castanha escura. Depois de fervidos, são espremidos e dão um suco abundante de carregada cor púrpura análoga à do suco de amoras. Passado na peneira, esse suco tem a consistência do chocolate. O gosto é **adocicado**, mas dá um prato muito delicado quando se lhe junta um pouco de açúcar e farinha-d’água, espécie de farinha dividida em grossos fragmentos, fornecida pelos tubérculos da mandioca. (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 101)

Somente a título de esclarecimento sobre este fruto regional que atualmente já é referido, e até consumido, mundialmente, embora de forma totalmente diversa do seu local de origem, temos a dizer que no Pará toma-se esta bebida com ou sem açúcar,

com ou sem farinha d'água (de mandioca) ou de tapioca. O açaí também é apreciado como uma refeição se acompanhado de farinha, peixe ou camarão frito; além disso, o fruto proporciona outras formas de degustação: em forma de sorvete, licor e bombom. Portanto, mesmo que o tradutor da «Brasiliana» tivesse provado a bebida — o que é uma possibilidade — e tivesse achado o seu sabor enjoativo, não seria ético traduzir o termo com um sentido totalmente diferente do indicado nos TP. Este é um caso em que a subjetividade do tradutor, o seu paladar, deixa uma marca forte no texto de chegada, condicionando claramente a percepção do leitor do texto-alvo.

Na ótica da nossa investigação, não escolhemos excertos que tratem de assuntos de ordem técnica ou científica. O nosso olhar privilegiou a cultura local e esteve atento a possíveis erros cometidos ou reiterados pelas traduções brasileiras em circulação, os quais possam alterar a imagem da Amazônia e suas gentes.

Ao falar de erros de tradução, Nord (2016) explica o conceito de acordo com o viés da filologia tradicional e de disciplinas da área da Linguística que, de uma certa forma, ditam a maneira de definir o que é um erro de tradução:

Na filologia tradicional, no ensino de línguas estrangeiras e em outras disciplinas de linguística aplicada, tais como linguística contrastiva e psicolinguística, o quesito de como se definir um erro (linguístico), como detectá-lo e, acima de tudo, como desenvolver uma terapia do erro eficiente é discutida há algum tempo, enquanto a análise de erro nos estudos de tradução foi feita até agora apenas periféricamente.

É uma prática comum definir o erro como desvio de uma determinada norma ou um determinado sistema de regras. Aplicado a enunciados verbais, tal tipo de desvio é geralmente especificado como “desvio de um modelo gramatical selecionado”. Deste modo, um erro de tradução é definido como “uma ofensa a uma norma em uma situação de contato linguístico”, que como Wills afirma, pode ser resultado de competência linguística deficiente ou de uma falta de compreensão advinda de conhecimento temático deficiente.” O que temos aqui são dois tipos de erro completamente diferentes: a “falta de compreensão” é um erro em parte linguístico e em parte pragmático ligado à etapa de recepção do texto, enquanto a “ofensa contra as normas de uso pode ocorrer tanto na fase de transferência, devido à competência de transferência deficiente, quanto na fase de produção do TA, devido à competência deficiente na LA. (2016:291-292)

Na sequência, Nord sugere então uma análise de erro baseado em uma visão funcionalista, que “considera que uma expressão ou um enunciado específico não possui em si a qualidade de ser incorreto, mas essa qualidade é atribuída pelo receptor à luz de uma norma ou padrão específico” (292). E acrescenta:

Os erros de tradução são identificados em relação ao critério mais importante do *skopos* da tradução, [...]. Se, por exemplo, o *skopos* da tradução exige a reprodução de todo o conteúdo, a menor omissão, contanto que não aconteça devido a uma pressuposição específica do receptor do TA, será um erro de tradução. A mesma omissão não é marcada como erro se o *skopos* da tradução exigir apenas um breve resumo das informações relevantes contidas no texto. Vista assim, a “ofensa contra a norma”, de fato, pode ser uma tradução adequada, se o valor pretendido for informacional ou estilístico.

Deste modo, o erro de tradução é a falha em cumprir algumas das instruções do encargo de tradução. Alterando sutilmente a definição linguística dada acima, podemos dizer que o erro de tradução é “um desvio do modelo de ação selecionado (ou melhor, estipulado)”, do ponto de vista do tradutor, ou uma “frustração de expectativas” quanto a determinada ação, do ponto de vista do receptor.

Na época em que as narrativas foram escritas, durante o II Império, o Brasil era composto por Províncias, que por sua vez tinham suas capitais. *Belém* era a capital da *Província do Pará*, *Recife* era a capital da *Província de Pernambuco*, e assim por diante. Encontramos, por parte dos autores dos TP, alguns lapsos quando se referem às cidades (geograficamente menores) ou às capitais, pois utilizam os nomes das Províncias às quais estas cidades pertenciam. Por exemplo, escrevem *Pará* em vez de *Belém* (ou cidade do Pará, como alguns lhe chamavam), *Maranhão*, em vez de *São Luís*, e assim por diante. Quando as traduções foram realizadas, quase um século depois de os textos originais terem sido publicados, alguns tradutores mantiveram esses equívocos, talvez por desconhecimento geográfico ou terminológico, ou mesmo por preferirem generalizar, utilizando a figura de linguagem sinédoque,²⁵⁰ já que utilizam a nomenclatura do todo (província/estado) pela parte (cidade/capital), como mostrado nos excertos a seguir, retirados do Capítulo I “De Nova Iorque ao Rio de Janeiro”, com o intertítulo “Avistam-se as costas da América do Sul – Olinda e Pernambuco”.(51) / “Avista-se a costa da América do Sul — Olinda —Pernambuco”(37):

Desde ontem que divisamos, de quando em vez, algumas praias arenosas muito baixas, e, esta manhã, passamos muito perto da bonita cidadezinha de Olinda, dominada por um convento no alto de uma colina. Vimos também, muito nitidamente, a cidade, muito maior, de Pernambuco*, cujo casário branco desce até a beira-mar. (Agassiz/Mendonça, 2000: 51)

²⁵⁰ Figura de linguagem caracterizada pela substituição de um termo por outro, ocorrendo uma redução ou ampliação do sentido desse termo. Isso acontece porque a relação que o termo substituído e o termo substituto estabelecem é desigual. Maioritariamente, é estabelecida uma relação entre a parte e o todo. <https://www.normaculta.com.br/sinedoque/>

Desde ontem vimos avistando, de quando em vez, algumas praias arenosas muito baixas, e, esta manhã, passamos muito perto da linda cidadezinha de Olinda, dominada por um convento do alto duma colina. Vimos também, muito nitidamente, a cidade, bem maior, de Pernambuco cujas casas brancas descem até a beira-mar. (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 37)

Como visto atrás, a tradução de Etienne Filho, mais uma vez, se assemelha muito à de Mendonça. No entanto, apesar de ambos cometerem o mesmo erro, por não utilizarem *Recife*, em lugar de *Pernambuco*, o tradutor da «Brasíliana», diferentemente do tradutor da «Reconquista», insere uma nota, logo após o termo *Pernambuco*,* na qual diz: “Recife. É comum os estrangeiros designarem as capitais dos estados brasileiros pelos nomes dos respectivos estados.” (Agassiz/Mendonça, 2000: 51 – Nota do trad. 28).

No Brasil há apenas dois estados em que o nome da capital coincide com o nome do estado: *Rio de Janeiro* e *São Paulo*. Não é aceitável, pois, o uso com efeito de generalização, pois o fato de se manter o nome do estado para representar uma cidade, sem nenhuma explicação, faz com que o leitor (brasileiro ou estrangeiro) fique um pouco confuso: torna-se difícil saber o que significa, por exemplo, “porto do Pará”, já que há vários portos no Pará. Neste caso, o leitor teria de inferir que se trata do “porto de Belém” — a capital do Pará. Um outro exemplo é o intertítulo “Arredores do Pará”, no original “Environs of Pará” no Capítulo IV, o qual dá a impressão de que os viajantes estavam saindo do estado do Pará, quando o real significado era que eles iriam percorrer os arredores da cidade de Belém. No nosso modo de ver, o tradutor deve ter cuidado para não levar o público-leitor de chegada a equívocos ou erros de interpretação; afinal, é para ele que a obra está sendo traduzida, não mais para o primeiro leitor da obra original. E, para um leitor mais atento, pode-se dizer que em ambos os exemplos ocorre uma “frustração de expectativa do ponto de vista do receptor”.

No Capítulo IV “Do Rio de Janeiro ao Pará”, intertítulo “Pernambuco”, Mendonça («Brasíliana») ainda se refere a *Pernambuco* como *cidade*:

31 de julho – Eis-nos em Pernambuco, muito felizes, após uma noite de tempestade, por nos achar enfim abrigados pelo famoso recife que é a segurança deste porto. Um patrício nosso, Sr. Hitsch, nos esperava no cais e nos levou logo para a sua “chácara” (casa de campo), onde saboreamos com delícia o encanto de sermos recebidos como velhos amigos numa casa norte-

americana.²⁵¹ **Pernambuco** está longe de ser tão **pitoresca**, como a **Bahia** ou o **Rio de Janeiro**. A **cidade** tem uma fisionomia mais moderna; parece também mais cuidada e mais próspera. (Agassiz/Mendonça, 2000: 145-146)

31 de julho – Eis-nos em Pernambuco, muito felizes, após uma noite de tempestade, por nos acharmos enfim abrigados pelo famoso recife que é a segurança deste porto. Um patrício nosso, Hitsch, nos esperava no cais e nos levou logo para a sua “chácara” (casa de campo), onde saboreamos com delícia o encanto de sermos recebidos como velhos amigos numa casa norte-americana. **Pernambuco** está longe de ser tão **pitoresca**, como a **Bahia** ou o **Rio de Janeiro**. A **cidade** tem uma fisionomia mais moderna; parece também mais cuidada e mais próspera. (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 95-96)

Mendonça faz o mesmo com relação ao termo *Bahia* em lugar de *Salvador* (na época *São Salvador*). Havemos também de ressaltar que as duas traduções seriam totalmente idênticas, não fosse pela conjugação verbal *achar/acharmos* e por não ter o segundo tradutor incluído o termo “Sr.” antes de “Hitsch”. Além disso, as notas apresentadas a seguir, inseridas após a palavra *norte-americana*, também concorrem para a configuração de plágio por parte de Etienne Filho:

Agassiz deve ao Sr. Hitsch muitos exemplares importantes para as coleções e uma dedicação extrema por tudo que se relaciona com a expedição. (Agassiz/Mendonça, 2000: 145 – Nota do tradutor - 83)

Agassiz deve a Hitsch muitos exemplares importantes para as coleções e uma dedicação extrema a tudo que se relaciona com a expedição. (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 96)

Na nota do tradutor (58), Mendonça explica sua estratégia de utilizar aspas nas palavras que figuram em português no original, como no excerto: “para eles toda flor é ‘uma flor’” (Mendonça, 1938:111). Esta mesma nota é replicada por Etienne Filho na «Reconquista», com o nº 23:

As palavras entre aspas figuram em português no original. (Agassiz/Mendonça, 1938:111 – Nota do tradutor - 58).

As palavras entre aspas figuram em português no original. (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 64)

²⁵¹ “Agassiz deve ao Sr. Hitsch muitos exemplares importantes para as coleções e uma dedicação extrema por tudo que se relaciona com a expedição.” (Agassiz/Mendonça, 2000: 145 – Nota do tradutor)

Percebemos que a ausência de identificação dos autores das notas é recorrente nas traduções da Coleção «Reconquista» analisadas. Isso nos conduz a considerar que muitas das notas da «Brasiliana», na obra *Viagem ao Brasil–1865-1866*, foram simplificadas, modificadas e replicadas na «Reconquista», quer pelos tradutores, quer pelo presidente da comissão editorial da «Reconquista», Mário Guimarães Ferri, com ou sem assinatura dos respectivos autores. Além disso, a tradução, como um todo, é muito semelhante em ambas as edições, como já temos dito. Temos de contrariar ainda a ideia de que a tradução de Etienne Filho seja de “excepcional qualidade”, como dito pelo presidente da comissão editorial da «Reconquista», Ferri, na apresentação da obra, após detalhar o currículo do tradutor:

Com tal currículo, não é de admirar que a tradução feita por João Etienne Arreguy Filho, do livro de Agassiz, seja de excepcional qualidade. Tive apenas que fazer alterações em assuntos de natureza científica. Igualmente, em notas de rodapé, procurei trazer esclarecimentos e informações visando a atualizar conhecimentos que, com o decurso do tempo, especialmente em assuntos de ordem taxonômica, sofrem modificações. (Agassiz/Ferri, 1975: 7)

Embora a segunda tradução («Reconquista») seja assinada por João Etienne Filho, esta não pode precisamente ser considerada uma nova tradução, e sim uma revisão da tradução de Edgar Sússekind de Mendonça, de 1938, como julgamos ter deixado claro através dos excertos comentados ao longo do capítulo. Não pretendendo fazer um levantamento exaustivo, acrescentamos ainda um trecho em que o tradutor da «Reconquista» apenas substituiu algumas palavras do texto da «Brasiliana» por sinônimos, passando uma frase que estava no plural em Mendonça para o singular em seu texto, com isso gerando até erros de concordância:

[...] The "montaria," as the Indian calls his canoe, is a long, narrow boat, covered at one end with a thatched roof, under which is the living-room of the Family. [...] the women were preparing breakfast, cooking the coffee or the tapioca over a pan of coals. (Agassiz, 1868: 141)

[...] A “montaria” (é o nome que eles dão às suas embarcações) é longa e estreita, e tem numa de suas extremidades uma coberta de folhas secas, debaixo da qual mora a família; [...] as mulheres ocupadas em preparar o almoço, ferviam o café ou cozinhavam a tapioca ao fogo; (Agassiz/Mendonça, 1938: 154)

[...] A “montaria” (é o nome que eles dão à sua embarcação) é longa e estreita, e tem numa de suas extremidades um teto de folhas secas, debaixo da qual mora a família; [...] as mulheres ocupadas em preparar o almoço, ferviam o café ou cozinhavam a tapioca ao fogo; (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 101)

Desta vez, Etienne Filho não teve o cuidado de revisar a estrutura frásica como um todo. Em vez de escrever “um teto debaixo **do** qual mora...”, disse “um teto debaixo **da** qual mora...”, do que resultou uma concordância errada derivada de ter substituído *coberta* por *teto*, sem ter feito o devido ajuste em termos de gênero gramatical.

Não só na narrativa dos Agassiz, mas nas dos demais autores estudados nesta tese, assim como há relatos das dificuldades e perigos enfrentados pelos viajantes, há também descrições de momentos de calma e encantamento desfrutados pelos aventureiros quando estes se permitiam observar e fruir o melhor que a natureza, as pessoas e os costumes locais proporcionavam em suas jornadas, como sucede no Capítulo VIII da obra do casal Agassiz. Por se tratar de um trecho longo, optamos por colocar as alterações da tradução da «Reconquista» a marrom, imediatamente ao lado do texto previamente publicado na «Brasiliana», a azul. Antes, porém, virá o original em inglês, que sempre aparecerá a preto. A fim de facilitar a leitura, e nos trechos em que as diferenças forem mínimas, não repetiremos todo o texto da segunda tradução; em vez disso, mostraremos as diferenças no próprio texto da primeira tradução ao colocarmos uma barra / e acrescentarmos as mudanças da segunda tradução na cor marrom. O único acréscimo pelo tradutor da «Reconquista» virá entre aspas ().

The afternoon row through the lake and igarapé was delicious; but the sun had long set as we issued from the little river, and the Rio Negro, where it opens broadly out into the Amazons, was a sea of silver. The boat with the music presently joined our canoe, and we had a number of the Brazilian "modinhas," as they call them, songs which seem especially adapted for the guitar. These modinhas have a quite peculiar character. They are little graceful, lyrical snatches of song, with a rather melancholy cadence; even those of which the words are gay not being quite free from this undertone of sadness. This put us all into a somewhat dreamy mood, and we approached the end of our journey rather silently. But as we drew near the landing, we heard the sound of a band of brass instruments, effectually drowning our feeble efforts, and saw a crowded canoe coming towards us. They were the boys from the Indian school which we visited on our previous stay at Manaos. The canoe looked very pretty as it came towards us in the moonlight; it seemed full to overflowing, the children all dressed in white uniforms and standing up. This little band comes always on Sunday evenings and festa-days to play before the President's house. They were just going home, it being nearly ten o'clock; but the President called to them to turn back, and they accompanied us to the beach, playing all the while. Thus our pleasant three days' picnic ended with music and moonlight. (Agassiz, 1868: 274-275)

A volta, a remo, pelo lago e pelo igarapé foi deliciosa; o sol se deitara havia muito quando saímos do pequeno canal, e o Rio Negro, largamente aberto sobre o Amazonas, parecia um mar de prata. A canoa dos músicos estava colocada lado a lado com a nossa; regressamos, pois, ao som das modinhas, canções do país que parecem especialmente feitas para serem acompanhadas ao violão/terem acompanhamento de guitarra e que têm um quê particular/algo de particular ; são

pequenas estrofes graciosas, líricas, de um ritmo melancólico e cujo canto é sempre um pouco triste, mesmo quando as palavras são alegres. Caímos (**todos**) pouco a pouco numa espécie de devaneio confuso, e um silêncio quase absoluto reinou até o fim da viagem. Quando, porém, nos aproximamos da praia em que devíamos desembarcar, irromperam de súbito os sons de uma banda de música, dominando **os violões/as violas** plangentes, e vimos avançar em nossa direção uma grande piroga cheia de meninos. Eram os órfãos da escola de índios que visitáramos na nossa primeira passagem por Manaus. A embarcação deles fazia um encantador efeito ao luar; parecia que ia afundar ao peso de todas aquelas **crianças/ sombras** que, vestidas uniformemente de branco, **havam surgido diante de nós /se haviam erguido à nossa aproximação**. A pequena banda **do colégio costuma todos os domingos e feriados tocar sob as janelas presidenciais/ A pequena banda, todos os domingos e feriados, vai tocar sob as janelas presidenciais e agora já voltava para a terra, / escola, pois eram perto de dez horas;/quase dez horas;** a um sinal, porém, de nossa parte, ela virou de rumo e acompanhou-nos tocando alegres números de música até à margem. E assim o nosso passeio campestre terminou ao luar e ao som **da banda/das fanfarras**. (Agassiz/Mendonça, 1938: 340-341; Agassiz/Etienne Filho, 1975: 170)

Uma pequena mas significativa marca de alteridade do vocabulário brasileiro é o termo “modinhas”, nas linhas 4 e 5 do excerto do TP. Percebemos que Etienne Filho fez pouquíssimas substituições de termos por sinônimos, e inverteu a ordem de algumas palavras em certas frases. Mas, o que nos pareceu mais estranho, foi a substituição da palavra “crianças” por “sombras”, nas linhas 13 e 14. Neste caso, Etienne Filho seguiu a tradução francesa, que usa a palavra “ombres” (1869: 278), e Mendonça o original em inglês, “children” (1868: 275). O mesmo se deu com a expressão fanfarra, que foi traduzida do francês “fanfare” (278); no original em inglês a palavra usada é “music” (275). Estes e outros exemplos, ao longo da obra, além da nota do tradutor que a seguir se transcreve, reiteram o que temos dito sobre o fato de Mendonça ter tido acesso às duas versões, em língua inglesa (original) e na francesa:

No original, algumas dessas frutas vêm assim denominadas: *abacatyts, frutas do Conde*, e, na tradução francesa, *sapotilles*. (Agassiz/Mendonça, 2000: 277- Nota do tradutor 143)

Corroboramos o pensamento de Rodrigues ao dizer que “Nas traduções para o português outras vozes são ouvidas. A terceira é a do tradutor francês, cujas notas são conservadas nas duas edições.”²⁵² (2014: 119-120) Porém, consideramos que Mendonça faz ouvir amplamente sua voz na tradução da «Brasiliana» com relevantes 77 notas, de conteúdo científico ou biobibliográfico, utilizadas para fins de esclarecimento,

²⁵² Aqui fazemos uma pequena observação com relação ao fato de algumas notas configurarem apenas na edição da «Reconquista» (páginas 274, 275, 277).

acréscimo, atualização de informação ou até mesmo correção. O mesmo não podemos dizer da tradução da «Reconquista», onde não existem notas declaradas como sendo do tradutor. Há algumas notas que estão sem identificação de autoria, além das notas da edição francesa que aparecem identificadas como (Nota da trad. francesa) e das notas de Mário Guimarães Ferri, identificadas como (M.G.F.). Desta forma, supõe-se que as notas que não estão identificadas sejam de autoria de Etienne Filho, assim como as notas traduzidas da edição francesa que não estão na edição da «Brasiliana».

Com relação à Vogeli, Rodrigues diz que “o francês Vogeli, que morou no Brasil por 12 anos, eventualmente defende o Brasil do olhar do casal de viajantes.” (2014: 132), referindo-se à voz do tradutor francês quando este, em nota, manifesta discordância com relação a algum assunto. Apenas a título de ilustração, e também por se tratar de uma matéria que diz respeito à imagem da educação no Brasil, transcrevemos um excerto escrito pela Sra. Agassiz que dará origem a uma nota de Vogeli:

Pouca coisa tenho também a dizer sobre a escola para meninas. Em geral, no Brasil, pouco se cuida da educação das mulheres, o nível de ensino dado nas escolas femininas é pouquíssimo elevado; mesmo nos pensionatos freqüentados pelas filhas das classes abastadas, todos os professores se queixam de que se retiram as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver. A maioria das meninas enviadas à escola aí entram com a idade de sete ou oito anos; aos treze ou quatorze são consideradas como tendo terminado os estudos. O casamento as espreita e não tarda em tomá-las. Há exceções, sem dúvida. Alguns pais mais esclarecidos prolongam a permanência no pensionato ou fazem dar instrução em casa até dezessete ou dezoito anos; outros mandam as filhas para o estrangeiro. Habitualmente, porém, salvo uma ou duas matérias bem estudadas, o francês e a música, a educação das jovens é pouco cuidada e o tom geral da sociedade disso se ressentido. Claramente, na sociedade brasileira, mulheres há cuja inteligência recebe um alto grau de cultura; mas a minha afirmação nem por isso deixa de ser verdadeira; são meras exceções e nem outra coisa poderia ser com o atual sistema de educação, e as mulheres que o personificam sentem amargamente a influência deste sistema sobre a situação que para o seu sexo criam os costumes nacionais. (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 277)

A propósito deste parágrafo, Vogeli insere a seguinte nota:

Esta apreciação da Sra. Agassiz, filha de Boston, não admirará aos que a visitaram os Estados Unidos e sabem qual é a educação das mulheres da Nova Inglaterra. Pode-se dizer que este severo julgamento também atinge a França, pois as mestras (leigas ou religiosas) e os métodos franceses monopolizam, por assim dizer, o ensino feminino no Rio. (*op. cit.*)

Aqui se presencia não exatamente uma defesa de Vogeli da educação das meninas brasileiras, mas sim uma defesa de um francês orgulhoso de sua origem por ter sido, mesmo que indiretamente, ofendido pelas palavras de uma norte-americana.

Como dito anteriormente, são poucas as notas da «Reconquista» que diferem em conteúdo das notas da «Brasiliana», tenham sido elas escritas pelo tradutor ou pelo editor desta coleção. Até as notas da edição francesa são, na sua grande maioria, idênticas às traduzidas por Mendonça, excetuando-se as que estão apenas na edição da «Reconquista». Para evitar que o trabalho se tornasse cansativo, não achámos conveniente acrescentar a descrição de todas as notas, mas podemos assegurar que o cotejo, tanto entre o corpo dos textos como entre as notas, reafirma que a grande similaridade entre as duas edições nos leva a não considerar a edição da «Reconquista» uma nova tradução.

Encerramos esta seção sobre a obra do casal Agassiz com uma bela imagem do Rio Maués, reproduzida nas duas edições do texto de chegada, pois a narrativa dos dois viajantes vive também da complementaridade entre texto verbal e texto visual:



Figura 87²⁵³

²⁵³ Agassiz, 1868: 304 – Maués River.

II.2.2. Cândido de Mello-Leitão e Regina Régis Junqueira

Iniciaremos a análise das estratégias usadas nas traduções da obra de Bates com um trecho em que o autor relata a surpresa experimentada por ele e Wallace à chegada a Belém, quando vislumbram a imensidão do rio Pará:

The immensity of the river struck us greatly, for although sailing sometimes at a distance of eight or nine miles from the eastern bank, the opposite shore was at no time visible. Indeed, the Para river is 36 miles in breadth at its mouth ; and at the city of Para, nearly 70 miles from the sea, it is 20 miles wide ; but at that point a series of islands commences, which contract the river view in front of the city. (Bates, 1863: 2-3)

A imensidade do rio nos impressionou profundamente, pois embora navegássemos, às vezes, a uma distância de oito ou nove milhas da margem direita, nunca era visível a margem oposta. O rio Pará tem, efetivamente, 36 milhas de boca, e em frente à cidade do Pará, que está a quase 70 milhas da foz, conta ainda 20 milhas de largura, mas aí começa uma série de ilhas, que diminui a visão do rio defronte da cidade. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 29)

A imensidão do rio nos causou assombro, pois embora navegássemos às vezes a uma distância de oito ou nove milhas da margem oriental, nem sempre a margem oposta se tornava visível. De fato, o Rio Pará mede 54 quilômetros de largura em sua foz, e na cidade do Pará, distante do mar cerca de 100 quilômetros, sua largura é de 30 quilômetros. Nessa altura, porém, surge uma série de ilhas que impedem uma visão global do rio defronte do porto. (Bates; Junqueira, 1979: 11-12)

É possível visualizarmos, nesses primeiros excertos, uma diferença entre as duas traduções. Percebe-se que a tradução de Mello-Leitão, tradutor da coleção «Brasíliana», demonstra ser mais estrangeirizadora, pelo uso de milhas em vez de quilômetros ao se referir a medidas de comprimento. Já Junqueira, tradutora da coleção «Reconquista», num único trecho, utiliza milhas e depois faz a conversão das medidas para quilômetros, utilizando estratégias estrangeirizadores e domesticadores ao mesmo tempo. Nas palavras de Rodrigues (2011), Junqueira ora se pauta por uma ética de igualdade, ora por uma ética de diferença. A nota a seguir foi escrita por Mello-Leitão, após o excerto apresentado:

Bates, como Wallace, referindo-se à capital da província, escreve sempre Pará ou cidade do Pará. Assim deixamos na tradução. Mas já Martius, mais rigorosamente, fala na cidade de Santa Maria de Belém, capital da província do Grão Pará. Mas, os dois naturalistas ingleses dão a designação mais comum porque era conhecida a cidade no seu tempo, como, aliás, já diz Martius no terceiro volume de seu livro. (Mello-Leitão, 1979: 29 – Nota do tradutor 13)

Nesta nota, Mello-Leitão esclarece, opina e acrescenta informação, demonstrando conhecimento dos temas que estavam presentes no volume que traduziu. Sua referência a um dos mais importantes pesquisadores alemães, Carl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), que explorou a bacia amazônica por um período de oito meses, no ano de 1891, evidencia que ele não se restringiu apenas a traduzir a obra, mas fez pesquisa e acrescentou fatos e informações relevantes para o leitor. É na quantidade de notas que encontramos a maior diferença em relação à visibilidade dos dois tradutores em causa, pois apenas uma é atribuída a Junqueira, diferentemente das 561 notas de Mello-Leitão. Mário Guimarães Ferri também restringe o número de suas notas a 3. Quanto às notas do autor traduzidas, temos um total de 17 na «Brasiliana» e 13 na «Reconquista».

Mello-Leitão mantém a estratégia estrangeirizadora com relação a medidas de comprimento quando se refere aos canais que os navios mercantes percorrem na viagem do Pará para o Amazonas, pois diz terem umas “80 milhas de comprimento” e mais de “cem jardas” de largura (Bates/Mello-Leitão - Vol. I, 1944: 30). Desde a primeira referência até ao final do Volume I, localizamos 109 utilizações da palavra “milha(s)” para se referir a extensões de rios, distâncias de uma localidade a outra, etc. A opção de utilizar as medidas inglesas foi justificada ao leitor não no primeiro uso do termo mas somente na página 53, ao se referir ao tamanho dos formigueiros de saúvas. Diz, na seguinte nota que antecede a descrição dos “cômoros de terra”:

Naturalmente Bates dá todas as suas referências em medidas inglesas; achei preferível deixar tais referências a fazer a cada passo sua redução para as medidas do sistema métrico, o que se encontrará em qualquer aritmética. (Mello-Leitão, 1944, vol. I: 53 – Nota do tradutor 47)

A justificativa de Mello Leitão demonstra que ele provavelmente quis poupar-se a um trabalho a mais na tradução: o de fazer a conversão de todas as medidas. No entanto, pode argumentar-se que não vislumbrou que a não equivalência em medidas brasileiras poderia representar uma dificuldade para os leitores.

Já em se tratando de datação, Mello-Leitão traz o leitor ao cenário brasileiro ao utilizar o formato padrão em língua portuguesa — dia-mês-ano: “Sete de novembro de 1856” (Vol.II: 350); “Onze a trinta de novembro” (Vol.II: 354), e assim sucessivamente, ao longo de quase todos os capítulos. Contudo, no Capítulo IV, já data de forma

diferente, aderindo ao TP: “Agosto, 26, de 1848” (Vol. I: 146), início do parágrafo; “Setembro, 2” (Vol. I: 157); “Setembro, 3 a 7” (Vol. I: 160). Depois, volta a domesticar, na pág. 261 do mesmo volume: “3 de outubro”, ao iniciar o parágrafo, e “27 a 30 de setembro”, na página 256, oscilando, portanto, entre as opções de estrangeirizar ou domesticar o texto traduzido. Junqueira, por sua vez, usa a datação de forma domesticada.

Os próximos excertos, também sobre unidades de medida, incluem o texto de partida (1864) e os de chegada (1944;1979), possibilitando-nos observar as estratégias tanto de Mello-Leitão como de Junqueira:

We were amazed at seeing ants an inch and a quarter in length, and stout in proportion, marching in single file through the thickets. [...] In our first walks we were puzzled to account for large mounds of earth, of a different colour from the surrounding soil, which were thrown up in the plantations and woods. Some of them were very extensive, being forty yards in circumference, but not more than two feet in height. We soon ascertained that these were the work of the Saúbas, being the outworks, or domes, which overlie and protect the entrances to their vast subterranean galleries. (Bates, 1864: 10-12)

Ficamos aturcidos, vendo formigas de mais de uma polegada de comprimento e proporcionalmente robustas, caminhando em fila indiana pelas moitas. [...] Em nossos primeiros passeios sentíamos-nos embaraçados, sem poder explicar os cômoros de terra que encontrávamos nas plantações e na mata, de uma cor diferente da do solo vizinho. Alguns eram enormes, com umas quarenta jardas de circunferência e sem ter mais de dois pés de altura. Breve nos certificamos de que era obra das saúvas, sendo a saliência ou cúpula que cobre e protege as entradas de suas vastas galerias subterrâneas. (Bates/Mello-Leitão, 1944:52-53)

Causou-nos admiração ver formigas com mais de uma polegada de comprimento, e de constituição robusta, marchando em fila indiana através da mata. (Junqueira, 1979:17) [...] Nos nossos primeiros passeios encontramos dificuldade em explicar a existência de vários montículos de terra que se elevavam do meio das plantações e das matas, e cuja cor diferia da do solo ao redor. Alguns deles eram muito extensos, chegando a medir trinta e seis metros de circunferência, não se elevando porém, a mais de sessenta centímetros de altura. Contudo, não tardamos a perceber que esses montículos eram o resultado do trabalho das saúvas e constituíam a parte exterior dos seus formigueiros, tendo por finalidade proteger a entrada das suas vastas galerias subterrâneas. (Bates/ Junqueira, 1979: 18)

Note-se que, desta vez, Junqueira usa polegada em vez de centímetro, na primeira linha, diferentemente de como fez no primeiro exemplo com relação a medidas, e no segundo, com relação à datação. Esta oscilação nos leva a admitir que não há uma estratégia pré-determinada, já que ora a tradutora adere ao contexto de partida, ora ao contexto de chegada. Já quando se referem às temperaturas, ambos,

Mello-Leitão e Junqueira, optam pela estrangeirização, utilizando graus Fahrenheit em vez de Celsius para o clima de Belém:

Although lying so near the equator (1° 28' S. lat.) the climate is not excessively hot. The temperature during three years only once reached 95° of Fahrenheit. The greatest heat of the day, about 2 p.m., ranges generally between 89° and 94°; but on the other hand, the air is never cooler than 73°, so that a uniformly high temperature exists, and the mean of the year is 81°. (Bates, 1864: 19-20)

Embora situada tão perto do equador (1° 28' S.) o clima não é excessivamente quente. Durante três anos só uma vez o termômetro subiu a 95° Fahrenheit. A temperatura máxima, por volta das duas horas, apenas chega a 89° e 94°; mas, por outro lado, nunca desce abaixo de 73°, havendo, portanto, uma temperatura uniformemente elevada, sendo a média anual de 81°. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 65)

Embora muito próxima do equador (1° 28' lat. sul) o seu clima não é excessivamente quente. Num período de três anos a temperatura ali só chegou a 95° Fahrenheit uma única vez. Na hora mais quente do dia – cerca de duas horas da tarde – a temperatura geralmente oscila entre 89° e 94°, mas por outro lado nunca desce abaixo de 73°, de forma que de um modo geral prevalece uma temperatura alta, sendo que a média anual é de 81° Fahrenheit. (Bates/Junqueira, 1979: 22)

Desta vez, Mello-Leitão não revela o motivo que o levou a utilizar referências britânicas para as temperaturas locais. A nota acrescentada por ele é relativa à obra de Wallace sobre as características climáticas da cidade de Belém e demonstra bem como as expectativas de um viajante podem ser defraudadas:

Encontrando a temperatura menos quente do que esperava escreve Wallace: "Nunca tive tão grande e tão completo desapontamento. A temperatura não era tão ardente, os costumes do povo não eram tão exóticos, nem mesmo a vegetação era tão espantosa como eu imaginara". (Mello-Leitão, 1979: 65 – Nota do tradutor 62)

São interessantes os paralelos que Mello-Leitão estabelece entre as duas obras. A de Wallace, traduzida em 1939 por Torres, é bastante referida por Mello-Leitão, e isso é justificável pelo fato de os dois naturalistas terem viajado para o Brasil juntos e partilhado alojamento por um bom período enquanto estavam na região amazônica. Em ambos os relatos eles se referem a um serviçal. No século XIX era comum, no Brasil, as pessoas de posses e posição social elevada terem serviçais em suas residências. Ao chegarem a Belém, os naturalistas Bates e Wallace foram “amavelmente recebidos pelo agente do navio Sr. Miller” (Bates/Mello-Leitão, 1944: 32), que os convidou a ficarem em sua casa nos primeiros dias. Pouco depois, o mesmo Sr. Miller ofereceu sua casa de campo nos subúrbios, para que os dois naturalistas se acomodassem até

que se decidissem por uma moradia definitiva. Foi nessa ocasião que tomaram como cozinheiro, e para todo o serviço de casa, um negro forro²⁵⁴ chamado Isidoro. Segundo Bates, “Isidoro já fora antes empregado de ingleses e, embora não tivesse pescado nem duas palavras de inglês, julgava ter um grande talento para compreender e se fazer compreendido.” (37). Bates faz considerações sobre a personalidade e o amor próprio de Isidoro e acredita que se devam ao tratamento bondoso que os senhores de escravos lhes davam nesta parte do Brasil. Em trechos como o apresentado a seguir encontramos marcas da visibilidade do tradutor da «Brasiliana», que, em notas, explica, intervém, corrige, etc., de forma habilidosa, polida e elogiosa. Primeiramente transcrevemos um trecho do corpo do texto, sobre o serviçal Isidoro:

Algun tempo depois dele ter entrado para o nosso serviço, chamei a sua atenção por tardar em preparar o almoço. Não fora culpa sua pois ficara retido muito contra a vontade, no açougue. Respondeu à minha observação sem insolência, mas de modo tranquilo e respeitoso, dizendo-me como as coisas se tinham passado e que eu não devia esperar no Brasil a mesma regularidade que encontrava na Inglaterra, e que *paciência** era uma prenda necessária ao viajante brasileiro. (Bates/Mello-Leitão, 1944, vol. 1: 38)

É após a palavra “*paciência*”* que Mello-Leitão se manifesta em nota:

Em português no original. Frequentemente emprega Bates palavras portuguesas, grafando-as sempre corretamente, pois os seus onze anos de Brasil lhe deram bom conhecimento da língua. Seria estender demasiado estas notas chamar a atenção cada vez que Bates escreve o termo ou a frase em português. Achamos, por isso, de melhor alvitre, não lembrar a cada passo essa particularidade. (Mello-Leitão, 1944:38 – Nota do tradutor 22)

A narrativa original não era direcionada aos brasileiros, então o uso desses marcadores culturais no texto de partida — como no caso do termo “*paciência*”, além de frases grafadas em português, quando, por exemplo, os habitantes locais se recusavam a vender aos viajantes a pequena reserva de suprimentos que tinham e diziam “Não há, sinto que não possa lhe ser bom”, ou “Não há, meu coração”/“We have none; I am sorry I cannot oblige you”, ou ainda “There is none, my heart.” (Bates, 1863: 125) — remete para a alteridade da cultura retratada. Serve para aproximar o leitor de valores, comportamentos, dados geográficos e históricos das culturas visitadas, além de proporcionar familiaridade com termos que muito provavelmente iriam ser ouvidos e

²⁵⁴ Negro liberto.

utilizados por hipotéticos futuros viajantes quando estivessem em contato com os locais.

Vejamos agora um trecho em que Bates descreve uma cena ocorrida num subúrbio de Belém:

Logo de madrugada, quando o sol mal rompe uma cortina de neblina e o orvalho ainda goteja, essa parte da cidade já está cheia de vida: negros palradores e galegos* resingentos, proprietários das carroças d'água, tagarelando ou discutindo ou tomando aguardente nos imundos botequins das esquinas. (Bates/Mello-Leitão, 1944, vol.1: 41)

Esta passagem foi acrescida de uma nota do autor (NA) sobre o termo *galegos*, na qual explica: “Naturais da Galícia, na Espanha, que têm esta ocupação em Lisboa e no Porto, assim como no Pará.” (41 – Nota do autor 25). Sem pretender desmerecer a explicação de Bates, Mello-Leitão acrescenta: “De fato o nome de galegos é dado no Brasil, como pejorativo, a todos os portugueses das classes mais baixas, provindo esta designação dos misteres que eles aqui exerciam e que eram os dos galegos em Lisboa. (Bates/Mello-Leitão, 1944:41 – Nota do tradutor 25). Estamos, sem dúvida, em presença de uma nota mais informativa sobre a cultura local.

Além disso, Mello-Leitão, em apenas duas páginas, 42 e 43, insere nove notas de rodapé (26 a 34) com observações complementares às apresentadas pelo autor relativas às várias espécies da fauna brasileira, e assim sucessivamente até à nota 46, sendo todas elas referências de natureza científica. Há nessas notas descrições e atualizações com relação a nomes de espécies, locais onde podem ser encontradas no Brasil, entre outras.

A visibilidade de Mello-Leitão aparece também ao comentar, igualmente em NT, a situação atual dos salários dos professores após a afirmação de que “Existe um sistema de educação popular e cada aldeia tem sua escola de primeiras letras, cujo professor é pago pelo governo, recebendo um ordenado de cerca de setenta libras anuais, que é igual ao que recebem os padres.” (Bates/Mello-Leitão, 1944: 66-67):

Aos padres era paga no tempo do Império um estipêndio que se chamava a côngrua. A situação financeira dos professores primários no Pará, dada a diferença de custo de vida no tempo de Bates e agora, piorou bastante, pois varia de três mil a 4.800 cruzeiros, ou sejam, no máximo, sessenta libras anuais. (Vol.1: 67 – Nota do tradutor 64)

As notas de Mello-Leitão são importantes especialmente pelo seu cariz esclarecedor, que muitas vezes serve de alerta para quem as lê. Tendo em conta o tamanho do Brasil e as diferenças de vocabulário de uma região para outra, Mello-Leitão preocupa-se em evitar equívocos, como na nota 133, da página 134, em que esclarece que “A jararaca do Pará é a mesma caissaca do Nordeste, a *Bothrops atrox* (L.)”. Através de notas deste teor, Mello-Leitão torna-se visível, deixando uma marca pessoal na sua tradução e assumindo a missão de informar os leitores de forma rigorosa.

É importante realçar que o grau de familiaridade que cada tradutor tem com o conteúdo do texto de partida contribui grandemente, como facilmente se compreende, para uma maior qualidade da tradução. Mello-Leitão era um naturalista traduzindo um outro naturalista (Bates). Rodrigues salienta tal fato, ao dizer:

Até em pequenos detalhes, podemos perceber a pena de um tradutor naturalista culto, que acaba por compor a imagem do Naturalista Bates para o leitor dessa tradução. Enquanto na tradução de Junqueira o mameluco se alimenta de “peixes”, “mariscos” e “cocos” (BATES, 1979, p. 58) [*fish, shellfish, fruits of palm trees*, p. 124] e vive em “choupana de barro coberta de folhas de palmeiras” (p. 59) [*a mudplastered and palm-thatched hut*, p. 127], erguida “num barranco elevado” (p. 62) [*on a high bank*, 125], para Mello-Leitão a alimentação do mameluco é composta de “peixes”, “moluscos” e “frutos das palmeiras” (BATES, 1944, p. 159).” (Rodrigues, 2011: 293-294)

Apesar de Bates utilizar algumas vezes os termos regionais em seu original, Mello-Leitão também se apropria de tais termos mesmo quando estes não eram utilizados no TP, como *igarapé* (braços longos de rios), *curuperés* (pequenos riachos, afluentes dos igarapés), entre tantos outros, desta forma naturalizando/domesticando a sua tradução. Quanto a isso, Rodrigues, no artigo “As traduções de Bates: dois naturalistas no Rio Amazonas”, observa que “o uso reiterado de termos próprios da região que Bates visita parece fazer parte da constituição da alteridade do outro, do estrangeiro, mas, ao mesmo tempo, é parte da constituição da identidade do próprio, do que é doméstico para o tradutor” (2011: 298). Acrescentaríamos que a utilização de tal vocabulário confere cor local ao relato, para além de constituir uma prova de que o autor esteve realmente nos locais que descreve e que o seu conhecimento é em primeira mão. Citamos um trecho do Cap. II, vol. 1, no qual Bates narra sua experiência nos rios e igarapés do Pará, para ilustrar o que dissemos acima:

The land is so level, that the short local rivers have no sources and downward currents like rivers as we generally understand them. They serve the purpose of draining the land, but instead of having a constant current one way, they have a regular ebb and flow with the tide. The natives call them, in the Tupi language, Igarapés, or canoe-paths. The igarapés and furos or channels, which are infinite in number in this great river delta, are characteristic of the country. [...] For short excursions, and for fishing in still waters, a small boat, called montaria, is universally used. [...] The montaria takes here the place of the horse, mule, or camel of other regions. Besides one or more montarias, almost every family has a larger canoe, called Igarité. [...] The natives are all boat-builders. (Bates, 1863, vol. 1: 75-76)

A terra é tão plana, que os curtos rios locais não têm nascentes e curso tais como geralmente imaginamos. Servem para drenar a terra e suas águas não correm sempre na mesma direção, mas obedecem ao fluxo e refluxo das marés. Chamam-nos os naturais igarapés que quer dizer, em língua tupi, passagens de canoa. Os igarapés e furos em número infinito nesse grande delta do rio, são característicos da região. [...] Para pequenas excursões ou para a pescaria em águas tranquilas usam todos um pequeno bote, chamado montaria. [...] A montaria substitui aqui o cavalo, a mula ou o camelo de outras regiões. Além de uma ou mais montarias, quase todas as famílias possuem uma canoa maior, chamada igarité. [...] Todos os nativos são construtores de embarcações. (Bates/Mello-Leitão, 1944, vol.1: 110).

Neste primeiro excerto, e no que se refere aos rios, vimos que Mello-Leitão traduz os termos conforme o TP, ou seja, utiliza *curtos rios locais* primeiramente, como fez Bates, mas, a partir do momento em que o termo regional “igarapé” e outros termos regionais são introduzidos, o tradutor opta por usá-los em outras partes da narrativa, enquanto Junqueira permanece fiel ao original:

The creek Iritiri is not so picturesque as many others which I subsequently explored. (81)

O igarapé Iritiri não é tão pitoresco como muitos outros que explorei mais tarde. (116)

O riacho Iritiri não é tão pitoresco quanto alguns outros que explorei mais tarde. (41)

Mas Mello-leitão, após traduzir o trecho “There are many other ramifications, creeks or channels” (74) como “Há muitas outras ramificações, furos e curuperés*” (109), insere a seguinte nota que justifica sua estratégia domesticadora:

Emprega Bates os termos ingleses para ribeiros e regatos ainda menores, que traduzimos pelos termos regionais da Amazônia igarapés (muito frequentemente empregados pelo próprio Bates) e curuperés que são, segundo Alberto Sampaio, os pequenos riachos, afluentes dos igarapés. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 109 – Nota do tradutor 114)

Por sua vez, Junqueira, opta por traduzir o mesmo trecho assim: “Há vários outros riachos ou canais” (38), mostrando que não privilegia os termos regionais, como o faz Mello-Leitão.

Na edição da «Reconquista», no trecho em que Bates fala sobre a descoberta do Rio Amazonas pelos espanhóis, Junqueira traduz da seguinte forma: “O rio, entretanto, foi descoberto primitivamente pelos espanhóis, tendo Pinzon visitado a sua foz em 1500 e Orellana percorrido quase todo ele em 1541-42...” («Reconquista», 1979: 92. Como dito anteriormente, Junqueira não acrescenta notas à sua tradução, e desta vez não foi diferente. No entanto, o sempre atento, Mello-Leitão, escreve em nota uma contestação sobre esta afirmativa de Bates. Abaixo, apresentamos o fragmento do TP, o TC da «Brasiliana», por Mello-Leitão, e, em seguida, a nota do tradutor:

The river, however, was first discovered by the Spaniards, the mouth having been visited by Pinzon in 1500, and nearly the whole course of the river navigated by Orellana in 1541-2. (Bates, 1864: 132-133)

O rio, contudo, foi descoberto primeiro pelos espanhóis, tendo sido sua foz visitada por Pinzon em 1500, e quase todo o curso do rio navegado por Orellana em 1541-42). (Bates/Mello-Leitão, 1944, vol. 1: 248)

Contesta D. Duarte Leite que Pinzon tenha chegado até ao Amazonas, parecendo mais provável que a descoberta do Amazonas se deva a Diogo de Lepe, na sua viagem de 1501 ou 1502. (Bates/Mello-Leitão, 1944, vol.1: 248 – Nota do trad. 252)

Por ter sido este tradutor o que mais escreveu notas entre todos os demais de nosso estudo, apresentamos um pequeno quadro que resume alguns dos temas e a localização de suas notas no Vol. I da «Brasiliana». É de destacar a divulgação que o tradutor-autor faz de suas próprias publicações (auto-promoção) e também o fato de dar indicação de leituras de outros autores, como já foi mencionado. Observe-se que o número de notas, já neste primeiro volume, ultrapassa o número de páginas:

Exemplificação dos tipos de notas de Mello-Leitão	
N.T/Pág.Cap.	Assunto / Nota
12 – 27 – I	<u>Chegada de Martius ao Pará, referência aos tradutores das obras referidas:</u> “Martius, indo do Sul, assim se refere à chegada ao Pará: “Às três horas da tarde, ancoramos na profundidade de oito braças, defronte da costa de Salinas, e avisamos, com alguns tiros de canhão, ao piloto, na casa de guarda da Ponta da Atalaia, que precisávamos dele a bordo. Este práctico é mantido aqui com um soldo de 600\$000, para guiar os

	navios ao Pará. À noite, deu-nos ele a entender, com dois sinais luminosos, que estava presente e que na manhã seguinte viria ter conosco". Mais de uma vez compararemos as impressões de Bates e de Martius e de Wallace. Para Martius nos servimos sempre da tradução do Instituto Histórico, e nos foram de proveito as eruditas notas de Basílio de Magalhães. (As de história natural são, muitas delas, defeituosas, o que é desculpável no revisor da tradução de Martius que, sendo um grande historiador, não é naturalista). Para Wallace nos servimos do original inglês e da tradução de Orlando Torres."
15 – 34 – I	<u>Referência a um de seus livros:</u> "Em meu livro O Brasil visto pelos Ingleses já tive ocasião de comparar as impressões de Bates, Wallace e Spruce com as notas de Alexandre Rodrigues Ferreira (pp. 26-38)"
23 – 40 – I	<u>Flora da região:</u> "A mungubeira do Pará, tão bem resumida na bela descrição de Bates, é de fato a <i>Bombax munguba</i> . O grande botânico bávaro aí chama a atenção para a sumauma que ele cita como <i>Ceiba sp</i> "
55 – 61 – I	<u>Outros livros de sua autoria:</u> "Em meus livros A vida maravilhosa dos animais e No mundo dos humildes já tive a ocasião de contar essa história da fundação das novas colônias de saúvas e a vida de penúrias e sacrifícios da içá (ou tanajura, como chamam igualmente a gigantesca fêmea da saúva)"
57 – 63 – I	<u>Chama atenção para o texto de Bates no final do livro:</u> "Veja-se no fim do livro a descrição muito lisonjeira que dessa mesma cidade faz o autor, ao regressar de sua longa viagem pelo Alto Amazonas."
160 – 153 - III	<u>Discordância entre as narrativas de Bates e Wallace com relação à chegada a Vista Alegre:</u> "Neste ponto não concordam as narrativas de Bates e Wallace; Bates diz, como se viu, que chegaram em companhia de La Roque a Vista Alegre. Conta Wallace que, tendo desaparecido o piloto de sua embarcação, ficaram em Cameté, tendo La Roque seguido sozinho."
178 – 167 - IV	Mais uma referência a um viajante: "Jorge Gardner visitou o Brasil de 1826 a 1841."
196 – 191 - IV	Sobre o texto de Bates "porque as suas belas flores vermelhas e alaranjadas se parecem, na forma e na disposição, com os três dedos dos pés das aves", Mello-Leitão escreve em nota: "É curiosa a explicação dada por Bates para o nome comum da planta mais geralmente conhecida por erva-de-passarinho."

Quadro 10

Finalizamos com um trecho no qual Bates fala da sua experiência durante as excursões na floresta. Interessa-nos mostrar como o tradutor conversa com o leitor através de suas notas e estabelece paralelos entre as descrições de Bates e Martius das florestas equatoriais locais. Invertemos a ordem dos excertos aqui para que a nota acompanhe a tradução de Mello-Leitão, que será seguida de uma ilustração de Bates que revela o lado majestoso e primitivo da floresta:

E nunca estamos especificamente na primavera, no verão ou no outono, pois cada dia é uma combinação dessas três estações. Com o dia e a noite contando com o mesmo número de horas, e as alterações atmosféricas neutralizando-se antes de cada amanhecer; com o sol seguindo o

seu curso exatamente no meio do céu e a temperatura se mantendo sempre constante durante o ano inteiro, com variações de apenas dois ou três graus — não podemos deixar de achar extraordinária, em seu perfeito equilíbrio e simplicidade, a marcha da Natureza sob o equador! (Bates/Junqueira, 1979: 33 – cap. II)

Nunca há primavera, verão ou outono, mas cada dia é uma combinação das três estações. Com o dia e a noite sempre da mesma duração, as perturbações atmosféricas do dia se neutralizam antes da manhã seguinte. Com o sol fazendo igual trajeto no céu, e a temperatura média conservando-se quase inalterada, apenas com uma diferença de dois ou três graus o ano todo, como é grandiosa em seu perfeito equilíbrio e simplicidade, a marcha da natureza no equador! (Bates/Mello-Leitão, 1944: 97)

(NT) As expressões de Martius afinam com as de Bates. Escreve o grande botânico bávaro: "Pará, 16 de agosto de 1819. Como sou feliz aqui! quão profunda e intimamente ocorre à minha compreensão tanta coisa que antes me era inacessível! A majestade deste lugar, onde todas as forças se congregam, concordes, e ressoam conjuntas em hino triunfal, amadurecem sensações e pensamentos. Quero dizer que melhor compreendo o que é ser historiador da natureza. Aprofundo-me diariamente na grandiosa e inexprimível pulsação de vida da natureza e, se não consigo compenetrar-me da sua divina essência, entretanto pressinto, em arrebatamento nunca antes experimentado, a ideia de seu esplendor". (Bates/Mello-Leitão, 1944: 97 – Nota do trad. 98)



Figura 88 ²⁵⁵

II.2.3. Orlando Torres e Eugênio Amado

A leitura da identidade do Outro realizada pelo viajante, em si mesma um ato de tradução, como salienta Amorim, é condicionada, necessariamente, pelas origens,

²⁵⁵ Bates, 1863: 73 – Vol. 1 — *Interior of primeval forest on the Amazons.*

personalidade, sensibilidade, formação, anseios e expectativas do forasteiro, pela sua própria identidade.²⁵⁶ Ao chegar ao Pará, Wallace sentiu um certo desapontamento porque a visão que teve nos primeiros dias não coincidiu com a “fantástica imagem” que havia construído previamente: “My previous wanderings had been confined to England and a short trip on the Continent, so that everything here had the charm of perfect novelty. Nevertheless, on the whole I was disappointed.” (Wallace, 1889: 3 – Chapter I). A tradução de Torres intensifica sobremaneira o grau de desapontamento do viajante, ao transmitir a ideia de que aquela fora a maior decepção que Wallace tivera na vida; alteração esta que, adicionalmente, desmerece o local visitado. Por outro lado, Amado segue de perto a formulação do original, não modifica o sentido, embora a sua literalidade gere uma construção algo estranha:

Minhas anteriores excursões haviam-se limitado à Inglaterra e a um curto passeio pelo continente europeu, de sorte que tudo aqui para mim deveria ter o encanto de perfeita novidade. Eu nunca tive, entretanto, tão grande e tão completo desapontamento. (Wallace/Torres, 2004: 38-39 – Cap. I)

Minhas anteriores excursões limitaram-se a passeios pela Inglaterra e a uma curta viagem pelo Continente, de modo que tudo por aqui tinha para mim o encanto de uma completa novidade. No todo, entretanto, eu estava desapontado. (Wallace/Amado, 1979:18 – Cap. I)

“My previous wanderings”, traduzido por ambos como “*Minhas anteriores excursões*”, demonstra uma adesão ao texto-fonte, pois em português do Brasil seria mais comum dizer “Minhas excursões anteriores”, já que diferentemente da língua inglesa o uso sintático da construção adjetivo + substantivo ocorre muito raramente e com propósito semântico e enfático, ao contrário do uso corrente em inglês. Ocorrências como esta estão presentes em outros trechos da narrativa, denunciando que a tradução se fez da língua inglesa: “O aspecto geral da vegetação pouco difere do da Europa, excetuando-se as *palmeiras, de abundante folhagem*, e que ostentam *graciosas formas.*” (37), ou ainda, “caminhada sobre *ásperas pedras, ou profunda areia*” (40), na opção de Torres. Amado revela-se mais sintético: “elegantes palmeiras de diversas espécies” e “pedras irregulares ou areia fofa” (19). Estas constatações, porém,

²⁵⁶ “Embora se afirme que o tradutor faça uma leitura da identidade do Outro estrangeiro em sua própria língua e cultura, deve-se salientar que a identidade é, em si mesma, uma forma de tradução (em um sentido mais amplo) de significados e valores tanto sociais e comunitários quanto psicológicos, na medida em que traduz a complexidade de sentimentos e autoimagens dos indivíduos em uma sociedade.” (Amorim, 2015:158)

não podem ser tomadas para considerar o projeto tradutório de Torres como mais estrangeirizante e o de Amado como mais domesticante, já que em outras partes da narrativa as posições se invertem.

Percebemos, em certas passagens, também falta de fluidez em ambas as edições, por apresentarem construções estranhas:

A piece of fine scenery, as beheld from a given point, can scarcely be overdrawn; and there are many such, which will not disappoint even the most expectant beholder. (3)

Uma paisagem, quando observada de um determinado ponto, poderá dificilmente ser sobrepujada, ao passo que, de outros muitos, não causará impressão alguma, mesmo ao mais esperto observador. (38)

Um belo cenário paisagístico, desde que contemplado de um determinado ponto, produz uma tal impressão que dificilmente poderia ter sido imaginado de maneira exagerada. (18)

Se apreciarmos os intertítulos do Capítulo I, verificaremos que há poucas diferenças entre as duas traduções:

CHAPTER I.

PARÁ

Arrival at Pará — Appearance of the city and its environs — The inhabitants and their costumes — Vegetation — Sensitive plants — Lizards — Ants and other insects — Birds — Climate — Food of the inhabitants. (Wallace, 1889: 1)

CAPÍTULO I

BELÉM DO PARÁ

CHEGADA A BELÉM DO PARÁ — ASPECTO DA CIDADE E DE SEUS ARREDORES — OS HABITANTES E SEUS COSTUMES — VEGETAÇÃO — PLANTAS SENSITIVAS — SÁURIOS — FORMIGAS E OUTROS INSETOS — PÁSSAROS — CLIMA — ALIMENTAÇÃO DOS HABITANTES. (Wallace/Torres, 1939: 1)

CAPÍTULO I: PARÁ

Chegada ao Pará. — Aspecto da cidade e de seus arredores. — Os habitantes e seus costumes. — Vegetação. — Plantas sensitivas. — Lagartos. — Formigas e outros insetos. — Pássaros. — Clima — Alimentação dos habitantes. (Wallace/Amado, 1979: 17)

A primeira diferença entre o texto-fonte e as referidas traduções está na colocação de cada palavra dos intertítulos em maiúsculas. Torres optou por colocá-las todas em maiúsculas. Mesmo que isso não afete a tradução, são marcas de estilo do tradutor, a não ser que estejamos em presença de um critério estabelecido pela própria editora. Torres, tradutor da «Brasiliana», dá um sentido diferente do do texto original

quando diz “Chegada a Belém do Pará”, que foi onde exatamente Wallace chegou. Desta forma esclarece que Pará (estado) e Belém do Pará (capital) são duas coisas distintas. Mesmo que isso pareça ser uma mudança pequena, representa o cuidado que o tradutor teve em corrigir um erro do texto original, visto que todo o conteúdo deste primeiro capítulo se refere à cidade de Belém, e não ao estado do Pará. Além do tradutor da «Brasileira», Basílio de Magalhães, cumprindo seu papel de anotador, e desta vez de forma assertiva, também esclarece a diferença entre Pará (estado) e Belém do Pará (cidade – capital), que na altura era também chamada de Cidade do Pará. Logo na primeira página do Capítulo I, após o trecho em que se diz “Daí a pouco, num céu sem nuvens, surgia o sol, e avistamos, então, cercada de densa floresta, a cidade do Pará,²⁵⁷ com suas bananeiras e palmeiras, que se destacavam magnificamente, oferecendo aos nossos olhares um espetáculo duplamente belo, [...]”, insere a seguinte nota:

O autor escreve sempre “Pará”, em vez de “Belém do Pará”; algumas vezes, quando puder haver dúvida sobre se se trata da capital ou da província, faremos a necessária modificação no referido topônimo. (Wallace/Magalhães, 2004: 36)

Quanto ao termo “Lizards”, traduzido por “Sáurios”, denota que Torres preferiu usar um vocábulo especializado do ramo da zoologia, em vez do nome popular “lagartos”, como fez Amado.

Ainda com relação aos intertítulos, agora do Capítulo II, é possível apreciarmos menos semelhanças entre as duas traduções:

CHAPTER II.

PARÁ.

Festas —Portuguese and Brazilian currency — M. Borlaz' estate — Walk to the ricemills — The virgin forest, its plants and insects — Milk-tree — Saw and rice mills — Caripé or Pottery-tree — India-rubber-tree — Flowers and trees in blossom — Saüba Ants, Wasps, and chegoes — Journey by water to Magoary — The monkeys — The commandante at Laranjeiras — Vampire bats —The timber-trade — Boa constrictor and sloth. (Wallace, 1889: 13)

²⁵⁷ Sublinhado nosso.

CAPÍTULO II

BELÉM DO PARÁ

FESTAS — PADRÕES MONETÁRIOS, PORTUGUÊS E BRASILEIRO — SÍTIO DO SR. BORLAZ — EXCURSÃO AOS ENGENHOS — FLORESTA VIRGEM — PLANTAS E INSETOS — ÁRVORE-VACA — ENGENHO DE SERRA E MÁQUINAS DE BENEFICIAR ARROZ — CARIPÉ OU ÁRVORE PARA CERÂMICA — SERINGUEIRAS — FLORES E ÁRVORES EM FLORESCÊNCIA — FORMIGAS SAÚVAS, VESPAS E BICHOS-DE-PÉ — PASSEIO POR ÁGUA A MAGUARI — MACACOS — O COMANDANTE DE LARANJEIRAS — MORCEGOS-VAMPIROS — COMÉRCIO DE MADEIRAS — *BOA CONSTRICTOR* — PREGUIÇAS. (Wallace/Torres, 1939: 21)

CAPÍTULO II

PARÁ

Festas. — Moedas correntes portuguesas e brasileiras. — A propriedade de Monsieur Borlaz. — Excursão aos moinhos de arroz. — A floresta virgem, suas plantas e seus insetos. — Árvore-de-leite. — Engenho de serra e moinhos de arroz. — O caripé ou árvore-dos-potes. — Seringueira. — Árvores em flor. — Formigas-saúvas, vespas e bichos-do-pé. — Viagem por água a Maguari. — Os macacos. — O Comandante de Laranjeiras. — Morcegos-vampiros. — Tráficos de madeiras. - *Boa constrictor* e preguiça. (Wallace/Amado, 1979: 27)

Merecem destaque as palavras sublinhadas no texto-fonte pelos seguintes motivos: Wallace grafou a palavra “Festas” em língua portuguesa, apesar de haver correspondente em inglês, revelando uma marca da alteridade da língua do Outro. Quanto ao termo “Saüba”, o uso de trema poderá ter sido para marcar o hiato / sa-ú-ba/. O acento agudo em “Caripé”, por sua vez, para marcar a sílaba tônica, distingue a alteridade do falar local. Já no termo “Commandante”, o “m” dobrado deve-se à interferência da palavra inglesa “Commander” na escrita do termo correspondente em português.

Observamos que os títulos dos capítulos e intertítulos estão agrupados no início de cada capítulo tanto no texto-fonte quanto nas duas traduções, diferentemente do que sucede nas edições das duas traduções da obra do casal Agassiz, em que os intertítulos surgem dentro dos capítulos para sinalizar as mudanças de assunto. As imagens a seguir ilustram o que acabamos de dizer:

simples indução. Estava reservado ao Coast-Survey dos Estados Unidos, sob a alta e competente direção do doutor Bache, ir mais longe e determinar com certeza a origem e o curso do Gulf-Stream.²⁵⁸

Mar forte. Achamo-nos presentemente na zona tropical. Os ventos alísios sopram com força, e o dia de ontem foi mau para quem receia o enjôo. As ondas apresentam uma cor azul magnífica, um reflexo metálico especial, cuja nuança me parece ser tão notável como a do lago de Genebra; eis um fraco consolo, entretanto, para os coitados que se encontram nesse medonho estado de prostração física e moral do enjôo. O abatimento diminuiu um pouco hoje, e tudo o que nos rodeia nos parece mais amável e risonho; o navio joga sempre muito, mas já vamos nos habituando com o seu balanço.

3ª palestra: “O que a expedição deve fazer no Brasil.” A palestra desta manhã, pela primeira vez, se referiu diretamente aos objetivos da expedição. O assunto tratado foi o seguinte: “Como se observa e qual o objeto das explorações científicas nos tempos modernos.”

“Meus companheiros e eu, tão rápida e inopinadamente tivemos que nos reunir para a nossa atual missão, que não tivemos tempo de organizar o nosso trabalho. Um plano geral de operações é, portanto, a primeira coisa, senão a mais importante, que se deva agitar entre nós. O tempo das grandes descobertas passou. Os curiosos pela natureza não se põem mais em caminho para achar um novo mundo, da mesma forma que não estudam o céu para procurar uma nova teoria do sistema solar. A tarefa do naturalista dos nossos dias é explorar mundos cuja existência já é conhecida, aprofundar e não descobrir. Os primeiros exploradores no sentido

⁹ Lendo os relatórios das explorações do Gulf-Stream empreendidas e continuadas durante longos anos pelo Coast-Survey, assim como as introduções dadas aos oficiais encarregados desses trabalhos pelo doutor A. D. Bache, superintendente da Comissão, é impossível deixar de reconhecer que inteligência larga e penetrante, que enérgica perseverança demonstrou o homem que dirigiu esse setor dos nossos trabalhos públicos. Resultou dessas explorações um minucioso estudo da corrente, principalmente da parte que costeia os Estados Unidos. Poderam-se assim determinar “correntes” que dão a conhecer a temperatura até uma grande profundidade, as relações entre as águas frias e quentes, o relevo do fundo do oceano, certos fatos relativos à direção e à força da corrente, a densidade e a cor das águas, as produções animais e vegetais que ancoram, etc.

Figura 89 ²⁵⁸

.....
Capítulo I
Belém do Pará

CHEGADA A BELÉM DO PARÁ – ASPECTO DA CIDADE E DE SEUS ARREDORES – OS HABITANTES E SEUS COSTUMES – VEGETAÇÃO – PLANTAS SENSITIVAS – SÁURIOS – FORMIGAS E OUTROS INSETOS – PÁSSAROS – CLIMA – ALIMENTAÇÃO DOS HABITANTES

COM 29 dias de rápida viagem, desde Liverpool, na manhã de 26 de maio de 1848 foi que ancoramos em frente ao braço sul do rio Amazonas, tendo assim ensejo de contemplar, pela primeira vez, as plagas sul-americanas.

À tarde, entrou a bordo de nosso navio um práctico, e, na manhã, seguinte, com vento favorável, navegamos rio acima, o qual penetra no Atlântico cerca de dez milhas, e deste se distingue tão-somente pela calma e descolorido das águas.

As praias do norte estavam invisíveis e as do sul achavam-se distantes de 10 a 12 milhas.

Ancoramos novamente na madrugada de 28.

Figura 90²⁵⁹

Tais opções estruturais e gráficas poderão ser mais ou menos apelativas para o leitor.

O autor do texto-fonte tem o privilégio de construir seu texto de acordo com as ideias que pretende compartilhar. O tradutor, por sua vez, precisa inicialmente de considerar as ideias originalmente concebidas e expressas no texto de partida, mas poderá, em sua reescrita, introduzir elementos linguísticos e culturais próprios da cultura de chegada. Além disso, a maneira como o texto será recebido e entendido pelo leitor da cultura de chegada depende, em grande medida, do tradutor, pois a ele cabe a responsabilidade de recodificar o texto na língua-alvo de forma a não provocar equívocos ou ambiguidades, tendo à sua disposição diferentes estratégias de tradução. Não sendo possível apontar, passo a passo, as estratégias usadas em cada uma das traduções da obra de Wallace, decidimos criar um quadro representativo das opções dos tradutores quanto ao recurso à domesticação ou à estrangeirização em relação a determinados elementos textuais, a começar pela datação e as medidas de

²⁵⁸ Agassiz/Mendonça, 2000:28.

²⁵⁹ Wallace/Amado, 2004:35.

comprimento, temperatura, etc. Os trechos estão acompanhados das respectivas páginas e as letras **D** e **E** no quadro significam que o tradutor Domestica e/ou Estrangeiriza.

Viagem pelo Amazonas e Rio Negro, 1939 – Trad. Orlando Torres – «Brasiliana»			
Nº	Trecho (Pág.) – Edição Senado, 2004.	D	E
1	Na manhã de 26 de maio de 1848 (35); Na madrugada do dia 23 de junho (59); No dia 31 de dezembro de 1849 (213)	x	
2	À tarde, entrou a bordo de nosso navio um prático, e, na manhã, seguinte, com vento favorável, navegamos rio acima, o qual penetra no Atlântico cerca de <u>dez milhas</u> , e deste se distingue tão-somente pela calma e descolorido das águas. As praias do norte estavam invisíveis e as do sul achavam-se distantes de <u>10 a 12 milhas</u> . (35)		x
3	Alguns usam casacas pretas e gravatas e, quando assim trajados, com o termômetro a <u>85 ou 90 graus</u> , à sombra, parecem incomodamente vestidos. (42)		x
4	A canoa era provida de dois mastros com velas, um na proa e outro na popa, e tinha um comprimento de <u>24 pés por 8 de largura</u> . (88)		x
5	Nas estradas, nos bosques, nos jardins, encontram-se, às vezes, as de uma espécie gigante, que costumam vagar isoladamente ou aos pares, medindo cerca de <u>uma polegada e meia de comprimento</u> . (47)		x
Viagens pelos Rios Amazonas e Negro, 1979 – Trad. Eugênio Amado – «Reconquista»			
Nº	Trecho (Pág.)	D	E
1	Foi na manhã do dia <u>26 de maio de 1848</u> (17); Na manhã do dia <u>23 de junho</u> (29); No dia <u>31 de dezembro de 1849</u> (109)	x	
2	À tarde, veio um piloto a bordo, e, na manhã seguinte navegamos rio acima com o vento na feição. Por cerca de <u>50 milhas</u> não se podia distinguir se aquelas águas tranquilas e descoloridas seriam do rio ou do oceano, pois não se enxergava a margem setentrional, enquanto que a meridional se achava a uma distância de <u>10 ou 12 milhas</u> . (17)		x
3	Alguns não dispensam as casacas pretas e gravatas, por certo desconfortabilíssimas quando o termômetro marca <u>85 ou 90 graus</u> à sombra...(20)		x
4	No mais, era uma embarcação dotada de dois mastros com velas, uma à proa e outro à popa. E quanto às suas dimensões, estas eram de cerca de <u>24 pés de comprimento por 8 de largura</u> (45)		x
5	Nas trilhas da mata e nos quintais avistamos frequentemente uma espécie negra, perambulando sozinha ou em pares, medindo cerca de <u>uma polegada e meia de comprimento</u> . (23)		x

Quadro 11

No excerto 2, Torres comete um lapso em relação à extensão da penetração do rio Amazonas no mar, que ele diz ser de *10 milhas*, quando na verdade se trata de *50 milhas*, de acordo com o original citado a seguir:

In the afternoon the pilot came on board, and the next morning we sailed with a fair wind up the river, which for fifty miles could only be distinguished from the ocean by its calmness and discoloured water, the northern shore being invisible, and the southern at a distance of ten or twelve miles. (Wallace, 1889: 1)

Nenhum dos tradutores declara abertamente a adesão ao texto-fonte no que se refere a medidas de comprimento mas, por termos encontrado 90 ocorrências do termo “milha” em Torres, podemos dizer que ele estrangeirizou as medidas na maioria das vezes. Já Amado, apesar de manter as medidas de temperatura do TP, como mostra o excerto 3, especifica em nota: “Graus Fahrenheit, que correspondem a 29,4°C e 32,2°C, respectivamente.”(25). E no trecho 5, no qual se refere ao tamanho das formigas negras, esclarece também em nota a medida equivalente em português: “Ou seja, 3,8 cm” (25). Por isso, constatamos que este tradutor estrangeiriza ao utilizar as medidas britânicas no corpo do texto, mas tem a preocupação de apresentar as correspondentes no sistema métrico brasileiro em nota.

Ainda em relação à datação, mas sem ligação com estratégias tradutórias, encontramos alguns erros que se prendem com a sequência cronológica da deslocação do viajante na tradução de Torres:

At length, on the 23rd of April, I bade adieu, with much pleasure, to São Jeronymo.[...]On the 26th we reached São Joaquim, where I stayed a day,[...] On the 28th I went on to São Gabriel, and paid my respects to the new Commandante,... (Wallace, 1889: 256)

Afinal, no dia 25 de abril de 1852, com muita satisfação, despedi-me de São Jerônimo. [...]No dia 26, alcançamos São Joaquim, onde demorei um dia [...]. No dia 23, descemos para São Gabriel, onde apresentei os meus cumprimentos ao novo comandante, ... (Wallace; Torres, 1939: 475)

Finalmente, no dia 23 de abril, despedi-me prazerosamente de São Jerônimo e continuei a viagem interrompida. [...] No dia 26, chegamos a São Joaquim. Parei aqui um dia inteiro, [...] Chegando no dia 28 a São Gabriel, fiz uma visita de cortesia ao novo Comandante, ... (Wallace; Amado, 1979: 229)

Sabemos que muitas vezes este tipo de erro pode ser também da responsabilidade do revisor ou anotador da obra, que no volume em questão é Basílio de Magalhães. O que é certo é que os erros não foram detectados; mas aos olhos do

leitor atento podem não escapar, principalmente por se tratar de datas sequenciais colocadas na página inicial do Capítulo XIII. Basílio de Magalhães, como foi dito anteriormente, um conhecido historiador, escreveu um prefácio repleto de informações de cunho histórico e biobibliográfico. Nos dois últimos parágrafos refere-se ao volume em termos encomiásticos: "...posso dizer, agora, que a vernaculização do livro de Alfred Russel Wallace, "Travels on the Amazon and rio Negro", vai constituir um valioso adminículo à riqueza entesourada por aqueles dois inesquecíveis sábios tudescos, em tudo quanto concerne à imensa e opulentíssima bacia do nosso rio-mar." (Wallace/Magalhães, 2000: 29). E elogia também o trabalho do tradutor: "Aplaudindo, muito de coração, ao meu prezado amigo Dr. Orlando Torres a sua meritória iniciativa de tornar acessível aos que não manejam o inglês a obra de Wallace sobre o Brasil." (30).

Um outro aspecto chamou nossa atenção durante a leitura, a utilização de formas variadas de Wallace se referir às pessoas com quem estabeleceu contato. Para alguns, usa formas de tratamento como "Senhor", "Sr.", "Mr.", antes do nome, a outros não atribui título algum, e, às vezes, utiliza o título seguido apenas da inicial do nome, como "Sr. C", mantendo o anonimato. Há ainda aqueles que são apresentados ao público leitor somente pelo apelido, sem nome próprio, como no caso do americano Baker:

There was also a deaf and dumb American, named Baker, a very humorous and intelligent fellow, who was a constant fund of amusement both for the Brazilians and ourselves. (119)

Havia ainda outro estrangeiro, um norte-americano, de nome Baker, que era surdo-mudo. Era um rapaz muito inteligente e bem-humorado, que trazia tanto os brasileiros, como nós outros, em constante alegria. (Wallace/Torres, 2004: 226)

Havia também um americano, chamado Baker, que era surdo-mudo. Era um rapaz muito inteligente e bem-humorado, que trazia tanto os brasileiros, como nós outros, em constante alegria. (Wallace/Amado, 1979: 115)

Foi somente durante o cotejo com a obra original que identificamos que os tradutores não mantêm o mesmo critério para uso dos pronomes de tratamento em suas traduções. Amado, mostrando-se fiel ao TP, utiliza o título em inglês "Mr.", quando assim está no TP, e o correspondente em português "Sr.", também copiando o TP. Mas, quando se refere ao Mr. Miller, usa "Sr. Miller", destoando do que seria um possível critério uniforme de tradução. Torres, por sua vez, domestica todos os títulos ao utilizar

“Sr”. Em ambas as traduções, quando o nome não vem acompanhado do pronome de tratamento, também não virá na tradução, como no caso de “Baker”.

Uso dos pronomes de tratamento – TP e TC - Wallace		
Texto-fonte (1889)	Torres (1939/2004)	Amado (1979)
Senhor Henrique Antony (112)	Sr. Henrique Antony (215)	Sr. Enrico Antonio (109)
Senhor Balbino (114)	Sr. Balbino (217)	Sr. Balbino (111)
Baker (119)	Baker (226)	Baker (115)
Senhor Brandão (120)	Sr. Brandão (227)	Sr. Brandão (115)
Mr. Hauxwell (120)	Sr. Hauxwell (227)	Mr. Hauxwell (115)
M. Borlaz (15)	Sr. Borlaz (57)	Monsieur Borlaz (29)
Mr. Upton (16)	Sr. Upton (59)	Mr. Upton (29)
Mr. Miller (2,3)	Sr. Müller (37,38)	Sr. Miller (18)
Mr. Leavens (16)	Sr. Leavens (59)	Mr. Leavens (29)
Mr. Spruce (235, 256)	Sr. Spruce (313, 406, 424) Dr. Spruce (460)	Spruce (203,212) Mr. Spruce (229)

Quadro 12

Note-se também que Amado italianizou o nome do principal comerciante italiano estabelecido há muitos anos na cidade de Manaus, na altura conhecida como “Barra do Rio Negro”, para “Sr. Enrico Antonio”. Para melhor contextualização, seguem-se os excertos:

We brought letters to Senhor Henrique Antony, an Italian gentleman settled here many years, and the principal merchant in the city; (112)

Trazíamos cartas de apresentação para o sr. Henrique Antony, um súdito italiano ali estabelecido há muitos anos, — e um dos principais negociantes da cidade. (199)

Hávamos trazido cartas de apresentação para o Senhor Enrico Antonio²⁶⁰ um cavalheiro italiano aqui estabelecido há muitos anos, e que era atualmente o principal comerciante da cidade. (109)

²⁶⁰“Achamos mais conveniente italianizar o nome, que o autor cita como Henrique Antony”. (Wallace/Amado, 1979: 124 – Nota do trad. 2)

Em um e-mail, por nós enviado, ao tradutor Eugênio Amado, questionamo-lo pelo fato de ter italianizado o nome do Sr. Henrique Antony:

Em nossa análise, percebemos que o senhor utiliza tanto estratégias domesticadoras quanto estrangeirizadoras na sua tradução. No exemplo a seguir, traduz o nome do Sr. Henrique Antony. Apesar de dizer em nota que “Achamos mais conveniente italianizar o nome, que o autor cita como Henrique Antony”. (Wallace/Amado, 1979:124 – Nota do trad. 2), ficamos sem saber o motivo concreto dessa italianização.

O tradutor apenas respondeu: “Um italiano chamado *Henrique*?! Bem esquisito...”. Mas esta curta resposta nos levou a reunir os seguintes fatos com relação e este senhor italiano a quem Amado chamou de Enrico Antony. Em um artigo intitulado “Instrumentos e sinais da civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense.”²⁶¹ Daou afirma que no Brasil, desde o século XIX, “portugueses e demais estrangeiros estabeleceram descendência e, com isso, garantiram a permanência de nomes de projeção na vida social local.” (2000: 872). E continua:

É o caso de Enrico Antony²⁶², nascido na Córsega e, já na década de 1820, instalado na antiga sede da capitania do Rio Negro. Representava o imperador no Amazonas, quando ainda não havia sido constituída a província do Amazonas. Na antiga Barra do Rio Negro, o italiano gozou de notável prestígio, atuando junto aos índios remeiros e fornecendo montaria, imprescindíveis para dar prosseguimento às viagens antes do evento do vapor. (*idem*)

Ao final deste parágrafo, ela insere a seguinte nota:

Enrico Antony tornou-se Henrique²⁶³, como indica o nome da rua de Manaus que lhe rende homenagem e o verbete do *Dicionário* (Bittencourt, op. cit.). Enquanto viveu, recepcionou quase todos os viajantes que estiveram no Amazonas, como se conclui da leitura dos muitos relatos de viajantes que estiveram em Manaus entre 1820 e 1870. (*op.cit.*)

Juntando esses dois excertos, poderíamos inferir que o italiano se chamava mesmo Enrico e que aportuguesou seu nome para Henrique, a fim de estabelecer descendência, como dito por Daou. Sendo assim, Amado apenas reconduziu, pois, o nome do comerciante italiano à sua forma original, o que achamos uma opção deveras

²⁶¹ Daou, Ana Maria. “Instrumentos e sinais da civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense.” *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. v. 6, supl. Rio de Janeiro, 2000: 867 888.

²⁶² Sublinhado nosso.

²⁶³ Sublinhados nossos.

interessante. Mas, no Capítulo IX, ele próprio critica Wallace, em nota, por ter aportuguesado alguns termos originalmente do espanhol em seu original:

Demonstrando seu pequeno domínio do espanhol — o que ele, aliás, faz questão de frisar — Wallace aportuguesa involuntariamente diversos topônimos venezuelanos, assim como “Yavita” (que grafa Javita), “San Carlos” (São Carlos), etc. Dá-se o mesmo também com nomes comuns castelhanos, vindo no original nação, senhor, serra, etc. ao invés de nación, señor, sierra. Na tradução, fizemos as devidas correções. (Wallace/Amado, 1979: 173 – Nota do Trad.)

Com relação às demais ocorrências no quadro apresentado, fizemos uma segunda pergunta ao tradutor Amado: “Haveria alguma justificativa para as mudanças de estratégia?”, e obtivemos a seguinte resposta: “Para dizer a verdade, não estou bem certo das razões que me levaram a tal atitude. Provavelmente saberia responder em 1979.”²⁶⁴

Uma outra ocorrência, de teor diverso mas igualmente sobre nomes, nos merece também destaque, neste caso em especial, por se tratar da abreviação de um nome, “Sr. C”, que foi reproduzido por ambos os tradutores de acordo com o TP. Num excerto da «Brasiliana», a inserção de uma nota de Magalhães chama a atenção para o possível motivo da não identificação do nome do comandante:

Uma hora mais tarde, passamos por Laranjeiras, bela localidade constituída de umas poucas cabanas, onde se situava a residência do Sr. C., o Comandante do distrito. (38)

Com uma hora mais, passamos por Laranjeiras, um bonito sítio, onde havia algumas moradas, sendo ali a residência do Sr. C.,* comandante do distrito. (77)

(*) Assim está no original, talvez porque o autor se haja esquecido do nome do oficial. (77-Nota de Magalhães)

Note-se, porém, que este tipo de apagamento do nome das figuras com que os viajantes se cruzam é frequente nos relatos oitocentistas, sendo o uso de uma inicial específica uma forma de criar um efeito de autenticidade, ao mesmo tempo que se bloqueia a possibilidade de se fazer uma identificação concreta da pessoa envolvida.

No final do Capítulo II, há algumas notas, sem identificação de autoria, com determinados termos locais escritos em português, acompanhados de seus referentes no texto original. Conforme anota Amado (1979):

²⁶⁴ Amado, 2020 – resposta através de *e-mail* a mim.

O fruto *biribá* (29) — No original *berribee*. (42)
As toras de *maçaranduba* (29) — No original *masseranduba*. (43)
A formiga *saúva* (37) — No original *saüba*. (43)
O estreito *igarapé* (38) — No original *igaripé*. (43)

As notas pretendem apenas corrigir a ortografia dos termos típicos da região, não adicionando quaisquer outras informações. Pode admitir-se que não o fez por ter pensado não ser necessário, já que a tradução se destinava precisamente aos leitores brasileiros. Mas noutros casos Amado introduz notas de cunho informativo, tais como a explicação do termo *mundurucus* e indicação de bibliografia, por exemplo:

No original *mundurucus*. A respeito dos usos, costume e habilidades dos *mundurucus*, veja-se o estudo sobre esta tribo que consta da “Viagem ao Tapajós”, de Henri Coudreau, obra que faz parte desta coleção. (Wallace/Amado, 1979: 106 – Nota do Tradutor)

O livro em que o Príncipe Adalberto da Prússia narra sua viagem constitui o volume nº 34 da Coleção Reconquista do Brasil, tendo recebido em português o título de “Brasil: Amazonas-Xingu”. (107— Nota do Tradutor)

O fato de o tradutor indicar bibliografia da Coleção «Reconquista do Brasil», como no excerto acima citado, evidencia estratégias de promoção da própria coleção. Amado também corrige o autor, em nota, quando ele se refere à cobra *sucuruju* como “a poisonous snake” (Wallace, 1889: 115):

In the names of animals the same vowel is often repeated, producing a very euphonious effect; as *parawá*, a parrot; *maracajá*, a tiger-cat; *sucurujú*, a poisonous snake. (Wallace, 1889: 115)

Há aqui um pequeno engano do Autor. A *sucuruju* também conhecida por *sucuri*, não é venenosa, matando suas vítimas por estrangulamento. (Wallace/Amado, 1979: 124 – Nota do Tradutor)

Torres, por sua vez, não insere nota mas corrige o erro de Wallace no próprio corpo do texto:

Nos vocábulos que designam animais, a mesma vogal repete-se muitas vezes, produzindo um efeito bastante eufônico. Assim, temos as seguintes palavras: *parauá*, “papagaio”; *maracajá*, “gato do mato”; *sucuruju*, “cobra não venenosa.” (Wallace/Torres, 2004: 219)

O próximo trecho refere-se a uma conversa que Wallace teve com um prático e sua família, enquanto esperava que a maré ficasse favorável para continuarem a viagem pelo rio Tocantins. O tema é a brevidade da vida e sua incerteza. Ao reproduzir uma

lenda sobre a morte, contada pela esposa do prático, Wallace atribui o gênero masculino ao termo *morte*. Amado altera, declarando em nota o motivo de sua modificação, que foi feita no corpo do texto. No entanto, tal correção não pode ser considerada de sua autoria, visto que Torres já a tinha feito, em 1939, quando traduziu a obra para a coleção «Brasílica». Os sublinhados neste trecho marcam os gêneros do TP e TC:

A man and his wife were conversing together, and remarking on the unpleasantness of being subject to death. 'I should like to make friends with Death, some way,' said the man; 'then perhaps he will not trouble me. That you can easily do,' said his wife; 'invite him to be padrinho (godfather) to our little boy, who is to be baptized next week; you will then be able to talk to him on the subject, and he will surely not be able to refuse a slight favour to his "compadre.'" (Wallace, 1889:268)

Um homem e sua mulher estavam a conversar, lamentando com profundo desgosto, se não com terror, a fatalidade da morte. – “Se eu pudesse arranjar um meio de fazer-me amigo da Morte – dizia o marido –, talvez assim eu não tivesse tanto temor dela. – “Isso você consegue facilmente – replicou-lhe a mulher. Basta, para tanto, que você a convide para madrinha de nosso filho, que deve ser batizado na próxima semana. Nessa ocasião, você poderá falar-lhe a respeito desse assunto, e, certamente, ela não se recusará a prestar-lhe um pequeno favor, qualquer que seja. (Wallace/Torres, 2000: 480)

Um homem estava conversando com sua mulher. Num dado momento, a palestra passou a girar em torno do quanto era desagradável estar-se sujeito à morte.
—Eu gostaria de achar um jeito de travar amizade com a Morte —disse o marido —, para que ela nunca me atormentasse.
—Mas isso é fácil! —exclamou a mulher. —Basta convidá-la para ser madrinha do nosso filho que vai ser batizado semana que vem. Assim você poderá conversar com ela sobre o assunto, e ela por certo não será capaz de recusar um favorzinho para o seu compadre” (Wallace/Amado, 1979: 237-238)

A seguir a nota de Amado, que foi sinalizada após a palavra *madrinha* no corpo do texto:

Na lenda recontada por Wallace, a Morte é despojada de seu tradicional sexo feminino, sendo tratada de “Padrinho” e “Compadre” pelos personagens. Na retradução, tomamos a liberdade de corrigir esse presumível cochilo do Autor. (Amado, 1979:246 – Nota do tradutor)

Além de ser um trecho bastante interessante, pois alude às histórias contadas pelas pessoas que tiveram contato com o naturalista, serve igualmente para reiterar a alteridade da cultura local na narrativa, que desta vez revela a peculiaridade da crença inocente do povo ribeirinho da Amazônia e leva até ao público leitor estrangeiro vocabulário em língua portuguesa como “padrinho” e “compadre”.

Daremos relevo agora a um aspecto linguístico interessante da escrita de Wallace e valorizado por Amado, patente quando o viajante descreve a descoberta dos pássaros da Amazônia, em companhia do seu amigo Bates. Trata-se do fato de Wallace estabelecer analogias entre os nomes ou cantos dos pássaros que acabava de conhecer e a sua língua materna. O excerto mostra que, durante essas excursões pelos subúrbios do Pará (de Belém), os dois naturalistas observaram na natureza muito mais do que seus interesses de pesquisa:

In the forest are constantly heard the curious notes of the bush-shrikes, tooo-too-to-to-t-t-t, each succeeding sound quicker and quicker, like the successive reboundings of a hammer from an anvil. In the dusk of the evening many goat-suckers fly about and utter their singular and melancholy cries. One says "Whip-poor-will," just like the North American bird so called, and another with remarkable distinctness keeps asking, "Who are you?" and as their voices often alternate, an interesting though rather monotonous conversation takes place between them. (Wallace, 1889: 11)

Na floresta, constantemente ouvimos os curiosos ruídos tuuu-tuu-tu-tu-t dos pica-paus, cada nota sucessiva, como as sucessivas percussões de malho sobre bigorna. À tarde, ao escurecer, aparecem os caça-insetos, que ficam voando e soltando os seus curiosos e melancólicos cantos. Um fica a dizer "peito ferido", justamente como o "whip-poorwill", o pássaro assim chamado na América do Norte, e outro, com igual e notável clareza, fica perguntando "Quem é?", e, como as suas vozes se alternam, trava-se então um interessante e monótono diálogo entre eles. (Wallace/Torres, 1939: 18)

No interior da floresta, escuta-se constantemente o curioso canto dos pica-paus, sucedendo-se as notas cada vez mais rapidamente, txuuu- txuu-txu-txutxutxu, como o som dos ricochetes de um martelo de bigorna. Quando a noite começa muitos curiângos passam voando e emitindo seus curiosos e melancólicos gritos. Um diz "whip-poor-will", do mesmo modo como o pássaro norte americano que tem esse mesmo nome*, enquanto que um outro fica repetindo distintamente a pergunta "who are you?" (quem é você?), e como seus cantos alternam-se frequentemente, estabelece-se então uma curiosa conversação entre eles, bem que um tanto ou quanto monótona... (Wallace; Amado, 1979: 24)

Acerca desta tradução, Amado insere a seguinte observação:

*Cada um "traduz" os cantos dos pássaros para sua língua natal. É possível que o som "whip-poor-will" conforme o entendeu Wallace, soe "uirapuru" aos nossos ouvidos brasileiros... (Amado, 1979: 25 – Nota do tradutor)

Estamos aqui diante do problema da tradução de onomatopeias — processo de criação de palavras através da imitação de sons naturais, neste caso o som do canto de pássaros. Percebe-se que tanto o autor como os tradutores procuram relacionar a forma das onomatopeias com sua significação. Há um pássaro brasileiro, de nome

científico *Pitangus sulphuratus*, que é conhecido como *bem-te-vi* (português brasileiro). Este nome popular representa uma *onomatopeia linguística* integrada no sistema fonológico da língua, por apresentar uma forma similar à das palavras comuns, assim como o termo *Uirapuru* (“*whip-poor-will*”). Estes dois exemplos se diferenciam das *onomatopeias não-linguísticas*, aquelas que usam combinações fônicas e representações gráficas que fogem aos padrões fonéticos e ortográficos da língua, como sejam os sons que o *pica-pau* emite quando está bicando a árvore, aqui representado por *tooo-too-to-to-t-t-t* / *txuuu- txuu-txu-txutxutxu* ou *tuuu-tuu-tu-tu-t*. Tais fonemas foram organizados em uma sequência sonora para transmitir o significado do que eles podem representar, pois descrevem acusticamente o *objeto* ou *ser* através da ação que exprimem. Neste caso, variam de acordo com os fonemas de cada sistema linguístico.

No próximo excerto, um erro cometido por Wallace foi corrigido em ambas as traduções no próprio corpo do texto, mas apenas Amado acrescenta uma pequena nota, como veremos a seguir:

[...] we removed to Mr. Miller's "rosinha," or country-house, situated about half a mile from the city, [...] (3)

[...] transferimos a nossa residência provisória para uma "rocinha" ou casa de campo, de propriedade do Sr. Miller, situada a cerca de meia milha da cidade, [...] (37-38)

[...] mudamo-nos para a rocinha (casa de campo) do sr. Miller, situada a cerca de meia milha da cidade, [...] (18)

Neste caso, o erro do autor pode ter sido originado por um problema fonético, pois muito provavelmente ele apenas ouviu a palavra e, por não dominar a língua portuguesa, a grafou erroneamente. Amado diz em curta nota: “No original, *rosinha*.” (25).

Encerramos o comentário às traduções da obra de Wallace com a referência a um trecho em que este e Bates passeiam de barco pelos igarapés, nos arredores de Belém. Ao chegarem a Laranjeiras, demonstram o desejo de visitar a floresta. Em uma conversa com o Comandante, que ali os guiava, este teve curiosidade de perguntar aos viajantes o significado de algumas palavras em língua inglesa. Os desencontros linguísticos, presentes no trecho abaixo, proporcionam um tom espirituoso à narrativa:

During our makeshift conversation, carried on with our very slender Portuguese vocabulary, Senhor C. would frequently ask us what such and such a word was in "Americano" (for so the English language is here called), and appeared highly amused at the absurd and incomprehensible terms used by us in ordinary conversation. Among other things we told him that we called "rapaz" in Americano "boy," which word (*boi*) in Portuguese means an ox. This was to him a complete climax of absurdity, and tickled him into roars of laughter, and he made us repeat it to him several times, that he might not forget so good a joke ; even when we were pulling away into the middle of the stream, and waving our "adeos," his last words were, as loud as he could bawl, "O que se chama rapaz ?"(What do you call rapaz ?) (31)

Durante a nossa palestra, entretida com o nosso muito escasso vocabulário português, o sr. C.²⁶⁵ frequentemente nos perguntava qual era o significado de tal ou qual palavra em americano (assim se denomina aqui a língua inglesa), e muito se divertiu à custa dos absurdos e incompreendidos termos, por nós usados na conversação comum. Entre outros, nós lhe dissemos que a um "rapaz" chamamos em americano *boy*, palavra que em português significa "bói". Isso foi para ele um completo clímax de absurdos, tanto que riu a bandeiras despregadas. E até nos fez repetir várias vezes o caso, a fim de que não se esquecesse de tão bom gracejo. Quando já estávamos remando para o meio do rio e lhe dizíamos nosso "adeus", as suas últimas palavras, tão alto quanto ele nos pôde gritar, ainda foram as seguintes: — "Como se chama rapaz?" (Wallace/Torres, 1939: 52-53)

Durante nossa precária conversação, mantida a duras penas devido ao nosso parco vocabulário português, o Comandante perguntou por diversas vezes como é que se dizia isso ou aquilo em "americano", que é como aqui se denomina a língua inglesa. Nossas respostas pareciam divertir-lo enormemente, assim como os absurdos e incompreensíveis termos que às vezes éramos obrigados a empregar. Entre outras coisas, dissemos-lhe que a palavra rapaz, em "americano", era *boy*, que soa em português quase como *boi*, ou seja, "bovino". Para ele, isso foi o cúmulo do absurdo, provocando-lhe um verdadeiro acesso de gargalhadas. Tivemos de repetir a coisa várias vezes, para que ele não esquecesse nunca daquela "piada" tão boa. Quando iniciávamos a viagem de volta e acenávamos nosso adeus no meio do rio, ouvimo-lo gritando da margem o mais alto que podia: "Como é mesmo que se diz rapaz?" (Wallace/Amado, 1979:40)

A construção "tanto que riu a bandeiras despregadas" (Torres) é uma expressão típica do português de Portugal e aparece no romance brasileiro *O Cortiço* (1890), da autoria de Aluísio de Azevedo, mas não é usada há muitos anos no Brasil. Amado deu um tom mais moderno à narrativa ao optar por "acesso de gargalhadas".

No final do parágrafo, Amado acrescentou a nota abaixo transcrita, que mais uma vez assinala a visibilidade declarada do tradutor de Wallace. Mesmo que Torres tenha também deixado sua marca ao corrigir a frase em português de Wallace para "Como se chama rapaz?", no português coloquial brasileiro certamente a tradução de Amado é bem mais apropriada e fluente: "Como é mesmo que se diz rapaz?". Segue-se a nota:

²⁶⁵ O prefaciador Magalhães adicionou a seguinte nota sobre o Sr. C.: "Assim está no original talvez porque o autor se haja esquecido do nome do oficial." (Wallace/Magalhães, 1939: 48 – Nota do prefaciador)

O autor reconstituindo cinco anos mais tarde uma frase ouvida ao longe e gritada numa língua que ele próprio admite não dominar, por certo se equivocou, citando-a assim no original: “O que se chama rapaz?”. Por essas razões e também para não estragar o fecho da anedota, tomamos a liberdade de “traduzir” o português de Wallace. (Wallace/Amado, 1979: 43 – Nota do tradutor)

Antes de passarmos à última dupla de viajantes, encerramos esta seção com uma imagem da cidade de Belém do século XIX, à qual acrescentamos uma pequena observação: a capela de Nazaré, atualmente Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, retratada por todos os viajantes que estiveram na Amazônia oitocentista e bastante conhecida devido à festividade do Círio de Nazaré, não está localizada próxima de Belém do Pará, e sim no centro da cidade. Esta gravura que tão bem traduz o largo de Nazaré do século XIX, foi retirada do volume original de 1889 e encontra-se também reproduzida nas duas edições brasileiras:



Figura 91²⁶⁶

²⁶⁶ Wallace, 1889: 15 - *Chapel at Nazaré, near Pará.*

II.2.4. Moacir N. Vasconcelos e Elias Dolianiti

As narrativas escritas em separado pelos dois presbiterianos norte-americanos, Daniel Parish Kidder e James Cooley Fletcher, certamente refletem a forma como olharam o Brasil. Kidder, bastante convicto de sua missão de evangelizar, empenha-se em distribuir números significativos de Bíblias, ao mesmo tempo em que faz severas críticas às manifestações religiosas da Igreja Católica e também ao povo brasileiro. Fletcher, por seu turno, aponta problemas da sociedade brasileira e se mostra bastante contrário às práticas da Igreja Católica. Contudo, tece igualmente muitos elogios, sempre tentando ressignificar alguns estereótipos sobre o Brasil, como foi já mostrado por ocasião da apresentação de excertos do prefácio de *O Brasil e os Brasileiros* nas pág. 203-204 desta tese. A comparação entre o primeiro parágrafo de *Reminiscências* e o primeiro de *Brasil e os Brasileiros* indica como as ideias construídas antes da chegada ao Brasil e a disposição em enfrentar o que se apresentaria diante deles, viriam a marcar o rumo de suas narrativas. Os excertos foram extraídos do Volume I de cada obra e ambos se referem ao Rio de Janeiro, porta de entrada dos pastores no Brasil:

O Rio de Janeiro, como poucas outras grandes cidades, congrega em si a capital política do país e o seu maior empório comercial. Ao mesmo tempo que o Brasil dilata os seus limites por uma extensão territorial sem igual nas Américas e dispõe de recursos naturais sobre os quais poucos países no mundo levarão vantagem, a situação, os belos cenários que ostenta e o progressivo desenvolvimento de sua capital, fazem dela metrópole digna do império a que serve. O Rio de Janeiro é a maior cidade da América do Sul e orgulha-se de antiguidade mais remota que de qualquer cidade norte-americana. (Kidder/Vasconcelos, 1972: 1)

A Baía do Rio de Janeiro.

A Baía de Nápoles, a "Corno de Ouro" de Constantinopla e a Baía do Rio de Janeiro são sempre mencionadas pelos turistas como merecendo ser classificadas juntamente em primeiro lugar, pela sua extensão e beleza e pela sublimidade dos cenários que as rodeiam. As duas primeiras, porém, têm que ceder a palma á última, que, num perpétuo verão, está encerrada num círculo de montanhas singularmente pitorescas, salpicada de ilhas cobertas de vegetação tropical. Quem quer que, na Suíça, haja contemplado do Cais de Vevay, ou das janelas do Castelo de Chillon, o vasto panorama da margem superior do lago de Genebra, pode fazer uma idéia da vista de conjunto da Baía do Rio de Janeiro; e há muita verdade e beleza na observação feita por um Suíço que, vendo pela primeira vez o esplendor selvático da baía brasileira e seu círculo de montanhas, exclamou: "C'est l'Helvétie Méridionale !" ("É a Suíça Meridional!"). (Fletcher/Dolianiti, 1941: 1)

Como os excertos mostram, Kidder apresenta uma percepção mais materialista, caracterizada por interesses comerciais e políticos, e mostra um Brasil onde os recursos naturais e a vasta extensão territorial podem atrair muitos de seus compatriotas a investirem no país. Fletcher, por sua vez, centra seu olhar na sublimidade, beleza e extensão da Baía de Guanabara (à altura *Baía do Rio de Janeiro*) e até ao final do parágrafo compara-a com cenários europeus, ressaltando sua superioridade em relação aos demais.

Após esta breve introdução, passamos ao objetivo principal desta seção: apreciar as práticas tradutórias de Vasconcelos e Dolianiti, presentes em excertos em comum nas obras de Kidder e Fletcher. Utilizaremos maioritariamente excertos dos volumes II dos textos de partida *Sketches* e *Brazil and the Brazilians*, grafados a preto, seguidos de suas respectivas traduções, *Reminiscências* a marrom, na tradução de Vasconcelos, e *O Brasil e os Brasileiros*, a azul, com tradução de Dolianiti. Faremos referências personalizadas a Kidder e Fletcher quando for necessário explicitar quem é o autor do excerto.

Iniciamos com um trecho em que Kidder descreve sua entrada no Pará, retirado do Capítulo XV de *Reminiscências*, traduzido por Vasconcelos, que será comparado com a tradução de Dolianiti em *O Brasil e os Brasileiros*, Capítulo XXVI “Norte do Brasil”, intertítulo “Entrada no Amazonas”. Fletcher introduz desta forma o excerto de Kidder a ser apresentado: “Durante a predominância de certos ventos, e devido a fortes correntes que forçam as águas doces fluviais até bem dentro do mar, a entrada do rio Pará é muitas vezes difícil e perigosa. O meu colega²⁶⁷ assim descreve a sua experiência (Fletcher/Dolianiti, 1941, vol. II: 286):

We entered this mouth of the Amazon at a fortunate juncture. The weather was so clear that we distinctly saw the breakers on both the Tigoca and Braganza banks, and the tide had just commenced flowing upward. For nearly an hour we could observe, just ahead, the conflict of the ascending and descending waters. Finally, the mighty force of the ocean predominated, and the current of the river seemed to recoil before it. (Fletcher & Kidder, 1867: 542)

Entramos no estuário do Amazonas numa feliz conjuntura. O tempo estava tão claro que distintamente vimos as ondas se quebrarem tanto nas barrancas de Tijoca como nas de Bragança, e a maré estava justamente começando a subir. Durante quase uma hora, pudemos observar, bem em frente a nós, o conflito entre as águas ascendentes e descendentes. Afinal, prevaleceram as poderosas forças do oceano, e a corrente fluvial pareceu encolher-se diante delas. (Fletcher & Kidder/Dolianiti, 1941, vol.1: 286-287)

²⁶⁷ Aqui, Fletcher refere-se a Kidder. O trecho é um de muitos em que ele reproduz fielmente o texto de Kidder do livro escrito anteriormente: *Reminiscências*.

Passamos a foz do Amazonas em uma ocasião feliz. O tempo estava tão límpido que víamos claramente as ondas se quebrarem em Tigoça e Bragança; a maré tinha apenas começado a subir. Durante quase uma hora contemplamos, pela proa, o embate entre as águas que subiam e as que desciam. Finalmente venceu a força do oceano e a corrente fluvial pareceu retrair-se ante o ímpeto do mar. (Kidder/Vasconcelos, 1980: 180)

Nota-se que, apesar dos estilos diferentes de cada tradutor, os dois conseguem transmitir a mesma ideia do TP. Chamamos a atenção, porém, para o nome da localidade *Tijoca*, que está grafado corretamente por Dolianiti. Aliás, é a tradução dele que não apresenta nenhum erro. Vasconcelos não traduz o termo *banks* que é bastante significativo na estrutura da frase, pois as ondas se quebram nas *barrancas* (margens) do oceano Atlântico (neste exemplo). Ao dizer simplesmente em *Tijoca e Bragança*, entende-se que as ondas quebram nessas localidades — no entanto, o mar fica a uns 40 km do município de Bragança. O nome *Bragança* (*Braganza* no TP) foi corrigido por ambos os tradutores. A tradução de *Finally* (*Finalmente*) é correta em Dolianiti, mas não em Vasconcelos, pois *Afinal* em inglês é *After all* e não faz tanto sentido na oração. No final, ao dizer *ante o ímpeto do mar*, Vasconcelos enfatiza a força da corrente marinha face à da corrente fluvial, que é o sentido mais completo. Por último, observa-se neste pequeno trecho uma tendência estrangeirizadora por parte de Dolianiti quando diz uma *feliz conjuntura*, ao colocar o adjetivo antecedendo o substantivo, e também por não usar um sinônimo de conjuntura, como fez Vasconcelos.

Mas nem sempre o ímpeto do mar faz retrair a onda do rio. Em algumas épocas do ano ocorre um fenômeno natural chamado *Pororoca*, termo de origem tupi (*poro'roka*) que significa *estrondo*, uma alusão ao barulho causado por ondas grandes e violentas que se formam devido ao encontro das águas do mar com as águas do rio e que ocorre mais frequentemente, nos dias atuais, nos estados do Pará e Amapá, nos meses de março e abril, período das grandes cheias nos rios da Amazônia:

This phenomenon is called, from its aboriginal name, pororoca, and gives character to the navigation of the Amazon for hundreds of miles. No sailing-craft can descend the river while the tide is running up. [...] The pororoca is much more violent on the northern side of the island of Marajó, where the mouth is wider and the current becomes more shallow." (Brazil and the Brazilians, 1867: 542)

Esse fenômeno é denominado, de acordo com a sua designação indígena, *pororoca*, que constitui um aspecto característico da navegação do rio Amazonas, centenas de milhas acima da foz. Nenhuma embarcação a vela pode descer o rio quando o fluxo da maré sobe. [...] A pororoca é muito mais violenta na parte norte da ilha do Marajó, onde a embocadura é mais larga e a correnteza do rio diminui. (Fletcher & Kidder/Dolianiti, 1941, vol.2: 288)

Esse fenômeno é conhecido pelo seu nome indígena, “pororoca” e influencia a navegação do Amazonas por centenas de quilômetros. Nenhuma embarcação a vela consegue descer o rio quando a maré está enchendo. [...] A pororoca é muito mais violenta ao norte da ilha de Marajó onde o canal é mais amplo e menor a profundidade. (Kidder/Vasconcelos, 1980: 180)

Note-se a preocupação de Dolianiti em fazer uma tradução mais ao pé da letra e presa ao detalhe, e também em levar o leitor até ao TP através do uso de vocabulário inerente à cultura de partida, desta vez representado pela utilização do termo *milha* em vez de *quilômetros*, como utilizou Vasconcelos, que simplificou e domesticou sua tradução.

Nos trechos extraídos do Capítulo XVIII, sobre negociações de ouro e de gado nos estados de Mato Grosso e Goiás, quem desta vez apresenta traços estrangeiradores é Vasconcelos, ao traduzir “A pound of gold could scarcely buy a bushel of corn [...] A drove of cattle arrived, and flesh and bone together were sold for an ounce and a half of gold per pound.” (329) como “Uma libra de ouro dificilmente compraria um alqueire de trigo...” [...] Uma ponta de gado que chegou às lavras foi vendida, carne e osso indistintamente, à razão de onça e meia de ouro por libra de carne.” (223)

Uma outra evidência de que Vasconcelos oscila entre estrangeirizar e domesticar pode ser vista em um mesmo parágrafo: “O ruído dessa enchente tremenda é audível a cinco ou seis milhas de distância”. E, logo a seguir: “De perto, vê-se o promontório líquido de três ou mais metros de altura” (182).

Em se tratando de datação, ambos os tradutores seguem o padrão do português do Brasil, no que se refere à sequência dia/mês/ano: “No dia 12 de maio, fez ele uma tentativa, sob as ordens do vice-presidente constitucional Senhor Corrêa, para tomar posse da cidade” (293). Vasconcelos, por sua vez, traduz: “A 12 de Maio deu-se uma tentativa da restauração da cidade, chefiada pelo vice-presidente constitucional, Senhor Correia” (215). Notamos uma pequena influência do TP em Vasconcelos, por escrever sempre os meses com maiúsculas, enquanto Dolianiti opta pela norma em vigor no português do Brasil, desde 1943.²⁶⁸ As datações, ao longo dos capítulos, seguem os

²⁶⁸ Acordo Ortográfico. Formulário Ortográfico de 1943 - Oficial no Brasil- XVI - EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS – 49: 3º “Os nomes dos meses devem escrever-se com inicial minúscula: *janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro*.” Fonte: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php%3Faction%3Dacordo%26id%3D16-49%26version%3D1943>. Acesso em 24/04/2020.

mesmos padrões estabelecidos por cada tradutor, Dolianiti: “A 24 de junho; a 14 de agosto” (293); Em maio (294); e Vasconcelos: A 24 de Julho; a 14 de Agosto;(215); Em Maio (216). No texto original a data correta é “On the 24th of June” (Fletcher & Kidder, 1867: 546), sendo assim, Vasconcelos comete um lapso ao escrever Julho.

O Capítulo XXVI de *Brazil and the Brazilians* é o que mais trata de assuntos da região amazônica. Focar-nos-emos na seção intitulada “Turtle-egg butter” / “Manteiga de tartaruga”²⁶⁹ por ser um assunto que chama bastante a atenção dos viajantes. Fletcher reproduz o texto de Kidder que se inicia do seguinte modo:

The turtle-egg butter of Amazonia (manteiga da tartaruga) is a substance quite peculiar to this quarter of the globe. At certain seasons of the year the turtles appear by thousands on the banks of the rivers, in order to deposit their eggs upon the sand. The noise of their shells striking against each other in the rush is said to be sometimes heard at a great distance. Their work commences at dusk and ends with the following dawn, when they retire to the water. (Fletcher & Kidder, 1867:556)

A manteiga de tartaruga do Amazonas é uma substância inteiramente peculiar a essa região do globo. Em certas estações do ano, as tartarugas aparecem aos milhares nas barrancas dos rios, afim de depositarem os seus ovos na areia. O ruído de suas cascas umas contra as outras, é ouvido à longa distância, segundo afirmam alguns. Este trabalho começa na vazante e termina na enchente seguinte, quando elas se retiram d’água. (Fletcher & Kidder/Dolianiti, 1941, vol.2: 309).

A manteiga da tartaruga da Amazônia é um produto peculiar à região. Em certas épocas do ano as tartarugas aparecem aos milhares sobre as margens dos rios, para desovar na areia. Dizem que se ouve a distância o ruído de suas cascas batendo umas contra as outras, na agitação da corrida. O trabalho dos quelônios começa à tarde e termina com os primeiros albos da madrugada, quando de novo se retiram para o seio das águas. A operação se repete até que cada tartaruga tenha depositado de sessenta a cento e quarenta ovos. (Kidder/Vasconcelos, 1980: 198).

A tradução de Dolianiti de “The turtle-egg butter of Amazonia” não acompanha completamente o original, visto que o mais idêntico seria “Manteiga de tartaruga da Amazônia”, mas ele corrige o termo em português, entre parênteses no TP, ao dizer “manteiga de tartaruga” em vez de “da tartaruga”. Com relação ao trabalho deste tradutor, apontamos dois erros, “afim de”, que deveria estar grafado “a fim de”, por se

²⁶⁹ Segundo Dr. Antonio José Souto Loureiro, médico e profundo pesquisador da História da Amazônia, residente em Manaus, “A manteiga de tartaruga foi uma das grandes produções extrativas de origem animal de toda a Amazônia, durante os períodos colonial e imperial e era a principal gordura usada nas frituras, pela inexistência de outras, na Amazônia de então:
<https://www.facebook.com/pardieiros/posts/725062847629238/>. Acesso em 03.03.2020.

tratar de uma locução prepositiva que significa *com o objetivo de*, e “suas cascas”, porque quelônios não possuem *cascas* e sim *cascos* (portanto, do gênero masculino). Vasconcelos comete o mesmo erro ao não grafar *seus cascos*. O sentido geral não foi prejudicado, porém. A última informação no excerto de Vasconcelos somente aparece em *Reminiscências*, mas decidimos acrescentar aqui para preservar a integridade do excerto da edição. Nos excertos abaixo, os autores referem-se à recolha dos ovos:

During the daytime the inhabitants collect these eggs and pile them up in heaps resembling the stacks of cannon-balls seen at a navy-yard. These heaps are often twenty feet in diameter, and of a corresponding height. (Kidder, 1845: 287; Fletcher & Kidder, 1867: 556)

Durante o dia os sertanejos colhem os ovos e os empilham como balas de canhão no arsenal. Esses montes não raramente atingem a seis metros de diâmetro e altura correspondente. (Kidder/Vasconcelos, 1980: 198)

Durante o dia, os habitantes recolhem esses ovos e os empilham como balas de canhão vistas no passadiço dos navios. Esses ovos têm, às vezes, vinte pés de diâmetro, e uma altura correspondente; (Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941: 309)

Como é possível ver nos trechos sublinhados, Vasconcelos continua a domesticar a tradução ao converter os valores referentes a “pés” para *metros*. Já Dolianiti adere ao texto de partida ao manter o termo *pés*. Sua tendência estrangeirizadora é bem marcada no texto da «Brasíliana»: encontramos 76 ocorrências do uso de “milhas” e nenhuma de “quilômetros” em trechos que se referem a distâncias. Para medir peso, apenas o termo “libra” foi utilizado. Mais uma vez comete um erro ao dizer que os “ovos” atingiam vinte pés de diâmetro, em vez de “os *montes*”. Esta repetição de erros, por parte de Dolianiti, não foi detectada pelo revisor, Mendonça. A seguir, uma gravura que representa o fabrico de manteiga dos ovos de tartaruga:

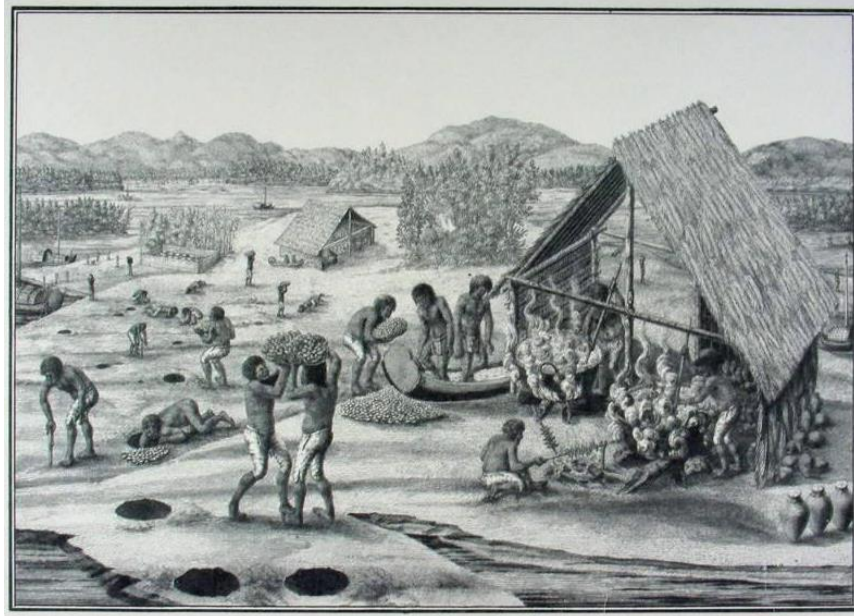


Figura 92 ²⁷⁰

Ainda no mesmo excerto, estranhemos as diferentes formas como o termo *inhabitants* foi transposto para o português do Brasil por Vasconcelos: *sertanejos*. O estranhamento deve-se ao fato de no Brasil a expressão *sertanejos* ser utilizada para referir o povo do sertão nordestino. Mas, como ainda hoje há brasileiros que acham que norte é o mesmo que nordeste, assim como sul e sudeste, pode ter sido este um dos motivos da escolha do termo. Uma outra possibilidade seria uma possível influência da obra *Os Sertões*²⁷¹ de Euclides da Cunha, na qual o autor apresenta dois tipos de sertanejos do Brasil, os das terras desérticas (áridas) do nordeste e os das terras úmidas da Amazônia. Neste contexto, diríamos antes “os habitantes locais”.

E assim, algum vocabulário típico da região brasileira por onde Kidder passou foi registrado na sua narrativa na forma original, sem tradução, representando uma marca de alteridade absoluta (falta de termo equivalente na língua de partida) de que é também exemplo “Pacifico conducted me to the best, and perhaps the only establishment in the place in which we could be accommodated for the night, (arranchado.). I think that in respect to filth and disorder, it exceeded all the places in which I had hitherto put up.” (Kidder, 1845, vol. 2: 201). Vasconcelos traduziu assim:

²⁷⁰ Ferreira, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. (1783-1792). Portugal: Real Jardim Botânico. Data do documento: 1800 (n.p.). Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/457> Acesso em 07.03.2020.

²⁷¹ Cunha, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003 [1902].

“Pacífico conduziu-nos ao melhor e talvez único estabelecimento do lugar onde poderíamos arranchar. Em matéria de desordem e falta de asseio, esse lugar ultrapassava em muito todos os outros em que até então tínhamos estado.” (Kidder/Vasconcelos, 1980: 142).

No caso da palavra *arranchar*, tanto Kidder quanto Vasconcelos poderiam ter explicado o seu significado, por não se tratar de um termo de uso comum, e também por ser utilizado mais na região onde havia *ranchos*. O leitor mais atento poderá inferir o real sentido da palavra se associá-la ao fato de os viajantes terem de se *abrigar em um rancho*, sendo *rancho* o mesmo que: *quinta, fazenda, herdade*.

Em um outro momento, Kidder comete um erro que foi ratificado por seu tradutor, ao se referir ao que ele chamou de *monastery of the mercenaries* e que Vasconcelos traduziu como “Mosteiro dos Mercenários”,²⁷² mas que na realidade se chamava “Convento dos Mercedários”, pois pertencia à ordem das Mercês. Consideramos este um grande descuido, especialmente porque a palavra mercenário nos remete para um significado bem distante do significado do termo aqui em questão.

Registramos mais uma gralha, desta vez somente do tradutor, ao referir-se à estrada do *Utinga*, no original “on the road of Utinga” (292), como estrada do *Uringa*:

Em 1774, construíram na estrada do Uringa uma capela consagrada a Nossa Senhora de Nazaré. (Kidder/Vasconcelos, 1980: 201)

No caso apresentado, a mudança de *Utinga* para *Uringa*, para a maioria dos leitores leigos em assuntos da Amazônia, pode representar apenas um pequeno deslize

²⁷² A Igreja de Nossa Senhora das Mercês foi fundada pelos padres Mercedários Pedro de La Rua e João das Mercês, que se fixaram no Pará em 1640, iniciando a construção de um pequeno convento, feito com taipa coberta por palha. Logo, a igreja foi reformada com taipa-de-mão e pilão. Projetada pelo arquiteto italiano Antônio José Landi (1713-1791), a obra possui fachada convexa e linhas onduladas. O templo atual foi erguido, em alvenaria de pedra. Em 1794, os mercedários foram expulsos da província, o Rei mandou sequestrar seus bens e incorporá-los à Coroa e a igreja ficou abandonada por muitos anos, até que D. Santino reabriu o local, em 1913, quando assumiu a arquidiocese e fez a restauração. Em outubro de 1978, ocorreu um incêndio no convento, que atingiu parcialmente o templo; em 1986, foi feita a reintegração do conjunto, pelo Instituto do Patrimônio Histórico - IPHAN. Reinaugurado em 4 de junho de 1987, o prédio da Alfândega de Belém, o antigo Convento dos Mercedários, destinou-se a sediar a Inspeção da Receita Federal no Porto de Belém e outras repartições fazendárias, entre elas o NESAF - Núcleo da Escola de Administração Fazendária, até este ano de 2015 quando foi entregue para a construção do Colégio Militar de Belém. (Baseado no livro do historiador paraense Ernesto Cruz.). Fonte: www.belem.pa.gov.br/ver-belem/detalhe.php?i=1&p=285 . Acesso em 24.04.2020.

de grafia, mas, por se tratar de um termo utilizado para denominar uma localização geográfica ou endereçamento, deveria ter sido grafado corretamente. O que era uma estrada tornou-se o bairro do *Curió-Utinga*, considerado o maior bairro da cidade de Belém, onde se encontra a maior área de lazer e preservação ambiental e o maior símbolo da diversidade biológica existente na Região Metropolitana de Belém: o Parque Estadual do Utinga.²⁷³ Quanto ao topônimo, é de origem Tupi e significa "água branca", através da junção dos termos 'y ("água") e *ting* ("branco").

Vasconcelos também não esclarece erros presentes no TP, como: "Most of the villages are on the tributary streams and *iguarapés*, or bayous" (311), no qual a palavra *igarapé*, muito comum na região amazônica, está grafada de forma errada. E, muito embora o tradutor tenha escrito certo no corpo do texto, "A maioria das vilas assenta-se sobre a margem de cursos tributários e igarapés" (212), caberia uma observação em nota. De todas as obras integrantes do *corpus* desta tese, *Reminiscências* é a que apresenta mais erros desta natureza. Sendo assim, acreditamos que não somente o tradutor não se preocupou em fazer uma releitura e revisão apuradas, antes de enviar o seu trabalho para publicação, como não houve revisão da parte editorial da «Reconquista». A quase total ausência de notas tira visibilidade ao tradutor.

Omissões relevantes, gralhas, deslizos como as apresentadas aqui tornam a leitura do texto menos interessante e algumas ocorrências configuram, em certos casos, *erros de tradução* (Nord, 2016).

Nos capítulos relativos à Amazônia, mais especificamente nos Capítulos XXVI e XXVII, não encontramos cortes de trechos com relação ao original, pois, conforme mostramos nos excertos já apresentados, Dolianiti faz questão de transpor o TP com total fidelidade, incluindo todos os pormenores. No entanto, no Capítulo IX do primeiro volume há uma parte grande do texto original que foi omitida no TC. Por não haver informação sobre o escopo do projeto tradutório, usamos as imagens a seguir para comprovar tal omissão.

²⁷³<https://ideflorbio.pa.gov.br/unidades-de-conservacao/regiao-administrativa-de-belem/parque-estadual-do-utinga/>
<https://www.oliberal.com/belem/conheca-a-historia-do-bairro-curió-utinga-engenhos-natureza-e-a-cabanagem-1.160357>

Na imagem 93, os intertítulos marcados a amarelo representam as partes que foram retiradas, “The corruption of the clergy” e “Monsignor Bedini” no texto de chegada:

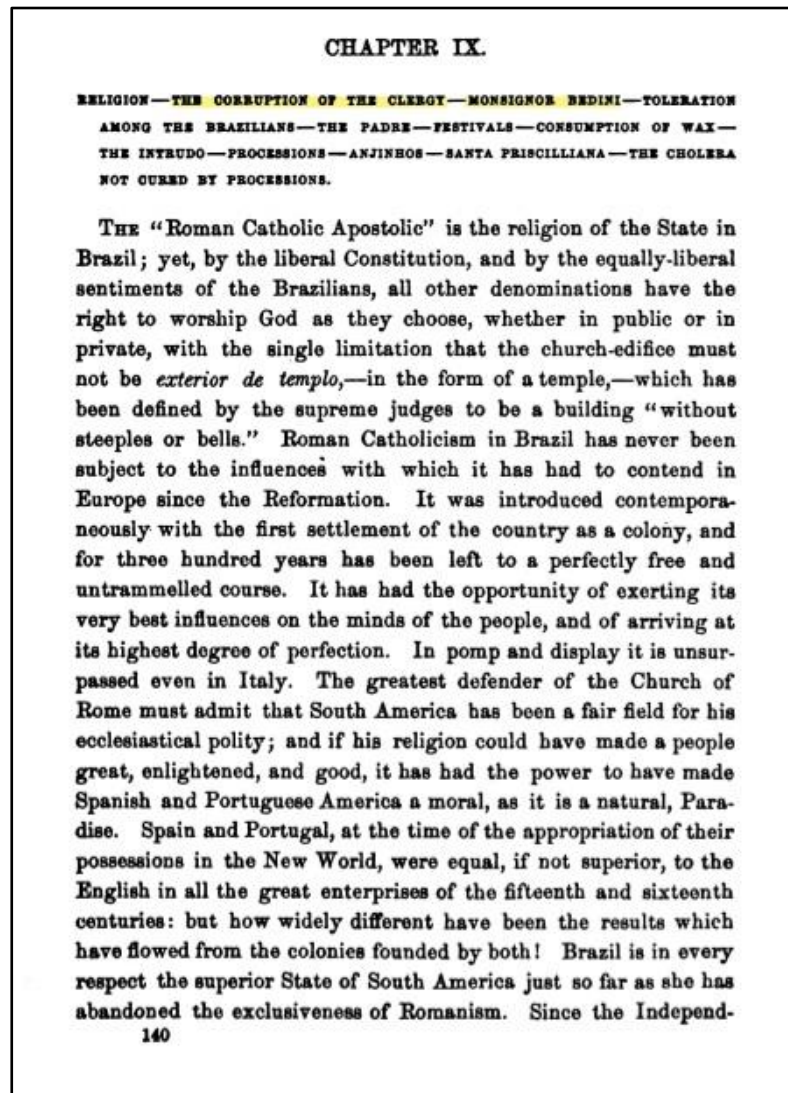


Figura 93²⁷⁴

A seguir, apresentamos uma segunda imagem na qual destacamos o intertítulo relativo à primeira parte do TP que foi omitida na tradução. No corpo do texto, mostramos a parte que antecedeu o corte:

²⁷⁴ Fletcher & Kidder, 1867:140.

ence, the priest-power has been broken, and the potent hierarchy of Rome does not rule over the consciences and acts of men as in Chili or Mexico. On numerous occasions, measures have been taken in the Assembleia Geral to curtail the assumptions of the triple-crowned priest of the Eternal City; and once,* at least, it was proposed to render the Brazilian Church independent of the Holy See.

It may be said that the advancement in liberality which the Empire has displayed has been owing to political considerations. Granted: but every reader of history knows that the commencement of the English Reformation was largely implicated with politics, and England's independence of the Papal power was the beginning of her greatness as a state, and paved the way for the rapid moral advancement which characterizes England to-day.

In Brazil, however, other than political views must be taken of the present freedom from bigotry. The priests, to some extent, owe the loss of their power to their shameful immorality. There is no class of men in the whole Empire whose lives and practices are so corrupt as those of the priesthood. It is notorious. The *Relatorios* (messages) of the Minister of Justice and the Provincial Presidents annually allude to this state of things. Every newspaper from time to time contains articles to this effect; every man, whether high or low, speaks his sentiments most unreservedly on this point; no traveller, whether Romanist or Protestant, can shut his eye to the glaring facts. In every part of Brazil that I have visited I have heard, from the mouths of the ignorant as well as from the lips of the educated, the same sad tale; and, what is worse, in many places the priests openly avow their shame. Dr. Gardner, the naturalist, lived in Brazil from 1836 to '41, and the greater part of that time in the interior, where foreigners are very rarely found. In speaking of the banishment of the laborious and indefatigable Jesuits, whose lives in this portion of America were without reproach, this distinguished botanist says, "What different men they must have been from the degraded race who now undertake the spiritual welfare of this nation! It is a hard thing to say,

* This was during the Regency, when *Padre Antonio Maria de Moura* was nominated to the vacant bishopric of Rio de Janeiro.

Figura 94²⁷⁵

Como é possível ver, a supressão corresponde à parte na qual Fletcher começa a criticar o clero de forma mais ofensiva, ao usar termos como "shameful immorality" e "corrupt", e prossegue aludindo à opinião do naturalista Gardner que elogia o trabalho dos Jesuítas mas condena o daqueles que os sucederam, chamando-os de "degraded race" e "more debased and imoral than any other class of men." (142). Desta maneira dá-se uma aproximação entre Fletcher e Kidder no que diz respeito ao rigor das críticas

²⁷⁵ Fletcher & Kidder, 1867: 141

à Igreja Católica. As duas páginas do TC que comprovam o corte encontram-se na imagem a seguir:

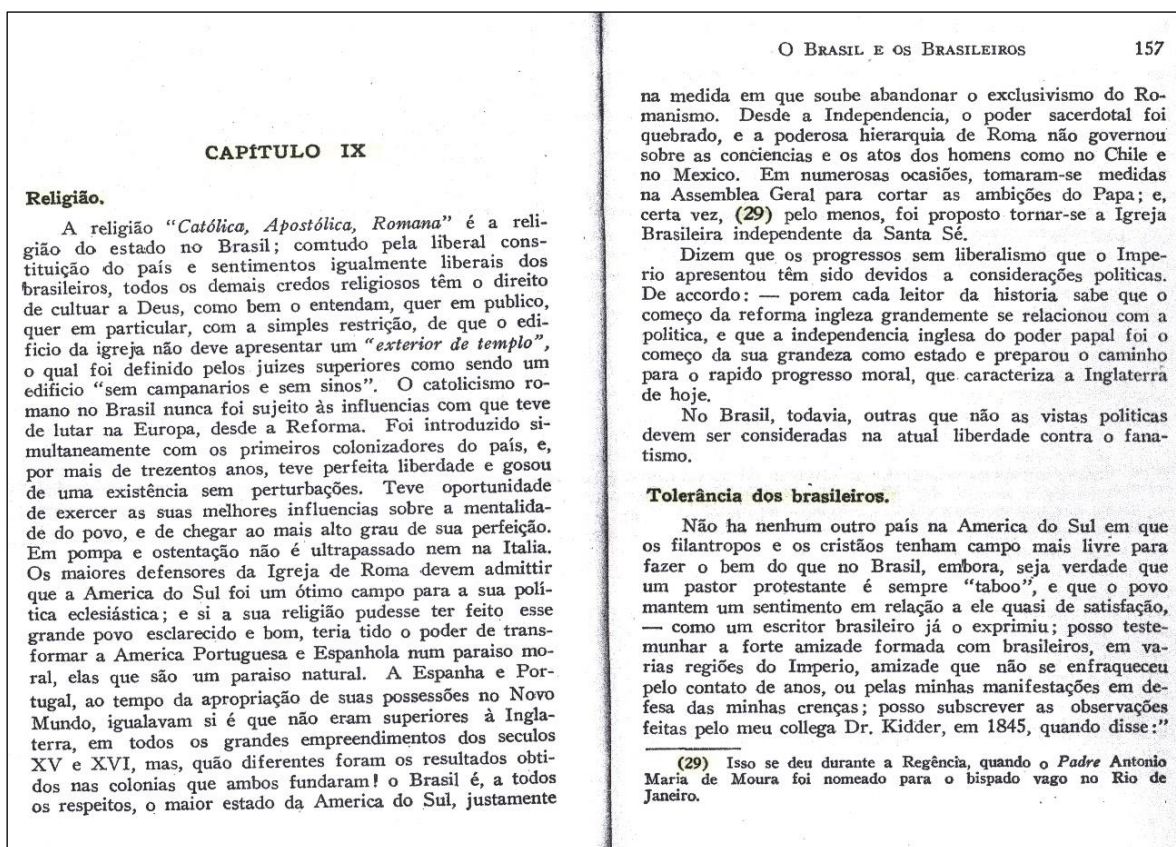


Figura 95²⁷⁶

Conforme dito atrás, no Capítulo XXVI, sobre a região norte, não houve supressão de trechos, apenas a omissão de alguns intertítulos, permanecendo o conteúdo íntegro. As imagens a seguir mostram os intertítulos de cada edição. No TP, os intertítulos marcados a verde não estão na edição da «Brasiliana»:

²⁷⁶ Kidder & Fletcher/ Dolianiti, 1941: 156-157

CHAPTER XXVI.

MAGNIFICENCE OF NATURE IN THE BRAZILIAN NORTH—THE CITY OF PARÁ—THE ENTRANCE OF THE AMAZON—THE FIRST PROTESTANT SERMON ON THESE WATERS—PARALLEL TO THE BLACK-HOLE OF CALCUTTA—EFFECTS OF STEAM-NAVIGATION—IMPROVEMENTS IN PARÁ—THE CANOA—BATHING AND MARKET SCENES—PRODUCE OF PARÁ—INDIA-RUBBER—PARÁ SHOES—THE AMAZON RIVER—MR. WALLACE'S EXPLORATIONS—THE VACA MARINA—CETACEA OF THE AMAZON—TURTLE-EGG BUTTER—INDIAN ARCHERY—BRAZILIAN BIRDS AND INSECTS—VISIT TO RICE-MILLS NEAR PARÁ—JOURNEY THROUGH THE FOREST—THE PARANESE BISHOP'S SUSPICIONS OF DR. KIDDER—STATE OF RELIGION AT PARÁ.

Figura 96²⁷⁷

A seguir, os títulos como estão na edição da «Brasiliana», em tradução de Dolianiti:

CAPÍTULO XXVI

Norte do Brasil; magnificência da natureza — A cidade do Pará — Entrada do Amazonas — Revolução de 1835 — Efeitos da navegação a vapor — Progressos urbanos — As “canôas” — Produtos do Pará — A borracha — “Sapatos do Pará” — O Rio Amazonas; Wallace — Tartarugas — Manteiga de tartaruga — Aves e insetos do Amazonas — Visita a um moinho de arroz — Excursão pela floresta — O Bispo do Pará e o Dr. Kidder — Orellana — Lenda das Amazonas

Figura 97²⁷⁸

Os intertítulos que não foram nomeados na edição brasileira encontram-se inseridos nas seguintes páginas do TC: “THE FIRST PROTESTANT SERMON ON THESE WATERS”, página 289; “PARALLEL TO THE BLACK-HOLE OF CALCUTTA”, página 292; “BATHING AND MARKET SCENES”, página 301; “CETATEA OF THE AMAZON”, página 307; e “STATE OF RELIGION AT PARÁ”, página 317.

²⁷⁷ Fletcher & Kidder, 1867: 539

²⁷⁸ Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941: VI – Índice – vol. II

Segue-se uma ilustração de um elemento que caracteriza muito bem a região amazônica e que foi referido e representado através de gravuras por todos os viajantes que ali estiveram: a *canoa*. Segundo Kidder, “Poucas coisas atraem mais a atenção, no Pará, aos olhos do estrangeiro, que as belas embarcações do rio. Embarcações de todos tamanhos, desde a chalupa até a catraia, são aí chamadas *canoas*.” (Fletcher & Kidder/Dolianiti, 1941: 300). As embarcações fluviais, não somente no interior do estado mas na capital, Belém do Pará, constituem um dos maiores atrativos da cidade. Ainda hoje a *canoa* é o único meio de transporte capaz de penetrar os mais remotos lugares da grande floresta, portanto as referências textuais e iconográficas sobre ela representam uma marca de alteridade muito significativa. Segue-se a gravura retirada do TP *Brazil and the Brazilians*, cuja legenda representa uma mistura de duas línguas: *Amazonian canoa*.

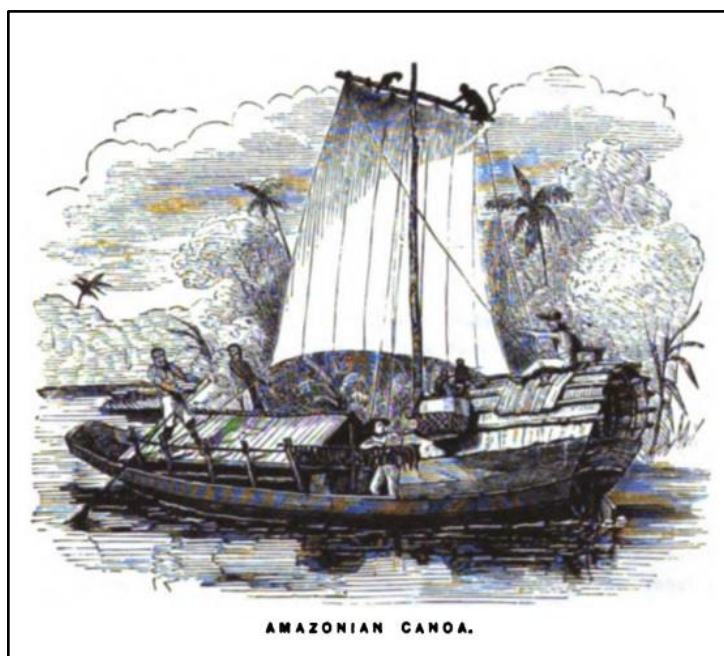


Figura 98²⁷⁹

A invisibilidade de um tradutor, para além da derivada da opção de proceder a uma tradução fluente, transparente, não se dá apenas quando o seu nome não se encontra estampado na capa ou contracapa de um livro, como em alguns volumes da

²⁷⁹ Fletcher & Kidder, 1867: 551: Amazonian Canoa

Editora do Senado, ou quando seu trabalho não é identificado num artigo de um periódico, como o *Correio Paulistano* já mencionado nesta tese, o qual publicou partes de uma tradução de *Brazil and the Brazilians* sem informar sobre o nome do tradutor; ela pode ser fruto de uma vontade do próprio tradutor, como Torres, Vasconcelos e Etienne Filho, que não se tornaram visíveis através do acrescentamento de notas às suas traduções, e Junqueira, que escreveu somente uma.

Por outro lado, há os que, por terem conhecimento de áreas de interesse e especialidade comuns à obra traduzida, como Mello-Leitão, tradutor de Bates para a «Brasíliana», oferecem informações adicionais pertinentes e relevantes através de notas de rodapé e da escrita de prefácios que cativam o leitor e lhe dão pistas para a leitura da obra. Além de Mello-Leitão, também merece destaque a participação de Mendonça, tradutor de Agassiz para a «Brasíliana», que construiu sua visibilidade ao escrever algumas notas que inclusive foram reproduzidas pelo tradutor de Agassiz para a «Reconquista», Etienne Filho.

Se pensarmos na questão das estratégias usadas nas traduções em apreço, dificilmente diremos que algum dos tradutores não oscilou entre domesticar e estrangeirizar, mas o que mais se manteve fiel ao texto de partida foi Dolianiti, tradutor de Fletcher e Kidder no Brasil, sem considerar, obviamente, a omissão daquele trecho que já apontamos. Aliás, não há evidência de que tal omissão tenha se dado por iniciativa do próprio tradutor, poderá ter-lhe sido imposta.

Ao corroborarmos o pensamento de autores que defendem que “Translation is not a replication of the original, but a ‘developmental stage’ of the text.” (Venuti s/d, *apud* Lowe, 2014: 414) e que “Translation is the process through which written works acquire history” (Montgomery 2000: 284, *apud*, Lowe 2014:414), a tradução de Mello-Leitão é a que mais se adequa a estas definições, pois é rica em detalhes e anotações que ajudam o leitor a ampliar seus conhecimentos, corrige eventuais equívocos, valoriza o Outro estrangeiro, ao mesmo tempo que se apropria de termos próprios da cultura de chegada e os usa com maestria, sugere leituras complementares, entre outras especificidades já mencionadas, infundindo assim uma nova *vida* no relato original. Sem desmerecer as demais, acrescentamos que todas contribuem significativamente para que os brasileiros conheçam como a história do seu país foi escrita pelos olhos de viajantes estrangeiros que ali estiveram no século XIX. Mesmo considerando que tais

opiniões possam não coincidir com a imagem que o povo faz de si, é fato que através dessas traduções os leitores têm a possibilidade de tomar conhecimento e, conseqüentemente, refletir sobre as heteroimagens do Brasil construídas em função das interações entre europeus, norte-americanos e brasileiros, pois, como afirma Lowe: “Translation forges new zones of contact between cultures and eras. This not only gives readers access to new texts, but enriches the language and literature of the culture into which the text is translated; indeed, more aspects of the texts themselves are revealed as they move into new languages, times, and cultures.” (413)

O valor de tais narrativas é inquestionável. Além disso, se tivermos em conta que as últimas traduções foram feitas em 1980, e que já se passaram entretanto 40 anos, não se encontrando atualmente disponíveis para venda a maior parte dos volumes e continuando a plataforma da Brasileira - UFRJ a estar indisponível, torna-se bastante oportuno não só que se façam reedições das traduções existentes mas também necessário que novas traduções surjam: “Without the constant creative and scholarly work of translation, we would lose our way to the texts that matter most to us.” (Lowe 413)

Em “Revisiting Re-translation: Re-creation and Historical Re-vision”, Elizabeth Lowe aponta razões que justificam a prática da retradução, que aqui defendemos para as narrativas de viagem em estudo:

A number of reasons have been given to justify the re-translation of a work. The first is that a publisher believes that available translations are not well done and that there is a market for a better version of the text. This is not necessarily related to problems of mistranslation or errors of omission or insertion of material not in the source text; it can also concern questions of style. Often, the publisher will have determined that extant translations lack literary quality, that a new rendering can bring out aspects of the text or author’s “voice” that were suppressed in earlier versions, or that the language of earlier translations is no longer accessible to the contemporary audience.” (Lowe 415)

Em se tratando das narrativas de viagem em questão, as retraduições poderiam contar com a colaboração de historiadores, naturalistas, antropólogos, sociólogos, linguistas, no sentido de atualizar, em paratextos críticos, informação, e apresentar pontos de vista fundados em pesquisa igualmente atualizada e cientificamente validada, que possibilitariam contextualizar as opiniões difundidas pelos viajantes e evitariam a continuidade da propagação de concepções construídas tomando por base a realidade

da cultura de partida, sem um enquadramento que poderia ser muito útil aos leitores de hoje. A parte iconográfica sobre a Amazônia, tratada com os recursos tecnológicos disponíveis atualmente, poderia ser também um grande atrativo para o público leitor, especialmente porque retrata elementos típicos de uma região que foi descrita por unanimidade pelos viajantes como prodigiosa, encantadora, maravilhosa, grandiosa, entre outros adjetivos.

No entanto, apesar de o Brasil ter uma grande quantidade de boas editoras, a comunidade de leitores não é tão numerosa como seria desejável e calcula-se que este tipo de narrativas de viagem atraia um público restrito, pelo que nosso desejo de que tais retraduições aconteçam se torna pouco provável; o que nos reconduz à relevância que acreditamos que a presente tese possui, por contribuir para um maior conhecimento da escrita de viagem sobre a Amazônia em tradução, e para um maior reconhecimento do seu interesse histórico e cultural enquanto difusora de imagens do estrangeiro, cuja análise permite também apresentar nossa visão crítica sobre certos estereótipos acerca dos habitantes da região norte do Brasil, como os relacionados a questões étnico-raciais, e outros de caráter sociocultural, construídos pelo pensar oitocentista.

Capítulo III - O Outro amazônico: imagens da terra e das gentes

Antes de iniciarmos a caracterização da Amazônia e do povo que nela habitava no século XIX, sob a perspectiva do Outro estrangeiro, faremos uma breve introdução recorrendo a alguns trechos de Young sobre pós-colonialismo e conceitos inerentes ao nosso estudo. Primeiramente, destacamos que “Postcolonialism claims the right of all people on this Earth to the same material and cultural well-being.” (2003: 2), por entendermos que ao se colocar em prática esta afirmação nas interações interculturais há que haver o direito à diferença, à possibilidade de relações dialógicas igualitárias entre participantes que pertencem a mundos e culturas diferentes, e também que as possíveis divergências e/ou conflitos — bastante expectáveis em casos desta natureza — devem ser solucionados através da utilização de estratégias efetivas que considerem os valores culturais dos povos envolvidos.

No entanto, temos de admitir que nem sempre era possível manter diplomacia e isonomia entre os participantes de tais interações durante a época em estudo, visto que no período colonial elas refletiam grandes desigualdades:

Colonial and imperial rule was legitimized by anthropological theories which increasingly portrayed the peoples of the colonized world as inferior, childlike, or feminine, incapable of looking after themselves (despite having done so perfectly well for millennia) and requiring the paternal rule of the west for their own best interests (today they are deemed to require ‘development’). (*ibid.*)

Young ainda acrescenta que “The basis of such anthropological theories was the concept of race. In simple terms, the West-non-west relation was thought of in terms of whites versus the non-white races. White culture was regarded (and remains) the basis for ideas of legitimate government, law. Economics, science, language, music, art, literature — in a word, civilization.” (2-3). Sendo assim, e apesar de as interações tratadas neste trabalho não se referirem à dualidade Ocidente/Oriente, e sim entre as culturas europeias, norte-americana e brasileira, a relação assimétrica mantém-se. Tal é perceptível nas narrativas de todos os viajantes que chegavam às terras amazônicas convictos da sua superioridade, acreditando que encontrariam serviços ao seu dispor e que o desenvolvimento da região somente se daria sob o comando de europeus e/ou norte-americanos e sem o jugo dos portugueses, como se pode ver em seguida, nas

vozes de três autores integrantes de nosso *corpus* (com os devidos sublinhados feitos por nós):

Era quase impossível obter quaisquer empregados em Santarém;²⁸⁰ a gente livre era muito orgulhosa e não se alugava; os escravos eram muito poucos e indispensáveis aos seus senhores, para ser cedidos aos outros. (Bates/Mello-Leitão, 1944, vol.2: 7)

Toda a região²⁸¹ é entrecortada por rios e igarapés que podem fornecer água com fartura para qualquer fazenda que aí se estabeleça. Mas a indolente disposição do povo e a escassez de mão-de-obra entravam o desenvolvimento das potencialidades dessa excelente terra, pelo menos até que aí se estabeleçam colônias de europeus ou de norte-americanos. (Wallace/Amado, 1979: 60)

Um tal passo, porém, é essencial para a prosperidade do Brasil, e, quanto mais cedo a nação se aperceber de sua importância, tanto melhor. Sem o auxílio da imigração, passar-se-ão séculos antes que o país possa dar mostras de sua capacidade. De feito, pode-se mesmo duvidar que, à vista do contínuo tráfico negreiro e do aumento da população escrava, e, sem o concurso do contingente estrangeiro, a população livre se não veja reduzida à condição de minoria dependente. (Kidder/Vasconcelos: 1980: 264)

Agassiz, pelo menos na nota a seguir, demonstra apreço pelos portugueses na figura do Imperador que o apoiou desde antes de sua chegada ao Brasil, e pelos brasileiros a quem atribui as facilidades de condução de suas pesquisas:

É absolutamente necessário que, na minha volta, eu faça uma mais longa estação/estada no Pará para preencher essas lacunas. Estou maravilhado com a natureza grandiosa que tenho diante dos olhos. Vossa Majestade reina incontestavelmente sobre o mais belo império do mundo, e ainda que sejam pessoais as atenções que eu recebo por onde quer que passe /me detenha, não posso deixar de acreditar que, se não fossem /fosse o caráter generoso e hospitaleiro dos brasileiros e o interesse das classes superiores pelos professores/pelo progresso²⁸² da ciência e da civilização, não teria absolutamente encontrado as facilidades que se me deparam/seguem os passos. (Agassiz/Mendonça, 1938: 199; Agassiz/Etienne Filho, 1975: 106)

Nas narrativas selecionadas, os trechos que nos interessam não são maioritariamente os que se referem a aspectos científicos — nos quais são descritos fauna, flora, natureza, fenômenos geográficos, entre outros — mas sim aqueles que revelam opiniões sobre o modo de viver, agir, pensar e expressar dos habitantes do lugar, evidenciando assim a dimensão etnográfica dessas narrativas de viagem, ao

²⁸⁰ Cidade do interior do estado do Pará, localizada na confluência dos rios Tapajós e Amazonas, na parte oeste do estado.

²⁸¹ Região Amazônica: neste caso, mais especificamente, a referência diz respeito ao interior do estado do Pará.

²⁸² Note-se o fato de Mendonça ter traduzido *progress of science/progrès des sciences*” (Agassiz, 1868: 151; 1869:162) como professores da ciência.

descreverem os costumes das diversas comunidades amazônicas. Os habitantes locais, frutos de um meio bem diverso do de quem os descreve, não compartilham os mesmos objetivos do Outro estrangeiro que, para além dos interesses científicos, chegava com a intenção de modificar, julgar, explorar e, mesmo, se apossar do que pertencia somente aos verdadeiros “donos” da terra. Vale ressaltar, no entanto, que não relataremos somente aspectos negativos dessas convivências, pois aprendizados significativos foram compartilhados. Os viajantes realmente aprenderam muito através do contato com os locais, fossem eles índios, negros, brancos, mestiços, eruditos ou leigos, mas também “Ensinaram o Brasil a conhecer o próprio Brasil. A se olhar em espelhos. E legaram ao país, como parte dele, uma identidade cultural calcada na mistura, na assimilação, na permanente descoberta.” (Martins & Sochaczewski, 2014: 16)

É importante ressaltar igualmente que, apesar de todo o interesse pela exuberância da natureza e a possibilidade inesgotável de descobertas científicas —, como bem disse Bates após ele e Wallace cumprirem o propósito de uma das visitas aos arredores da cidade de Belém, recolhendo depois às suas redes e sentindo-se “encantados com o que havíamos visto e cheios de expectativa com relação às vastas riquezas naturais que tínhamos vindo estudar.” (Bates/Junqueira, 1979: 13-14) —, pouco foi dito sobre a “verdadeira” identidade dos povos da Amazônia. Neste trabalho temos a oportunidade de descrevê-los sob diversas óticas: pelos olhos dos viajantes e de seus tradutores, mas também de historiadores, literatos, artistas, entre outros que podemos convocar para revelar o que ainda nos dias atuais é invisível aos olhos de muitos.

Diferentemente da sequência seguida nos subcapítulos anteriores, nos quais apresentamos os excertos de cada viajante separadamente, preferimos aqui destacá-los em função de um tema geral relacionado com **o povo da Amazônia**: caráter, costumes e hábitos, práticas religiosas, interação com os viajantes, natureza. Nem sempre será possível isolar cada um desses aspectos, mas todos serão evidenciados ao longo da seção. Em nossa análise recorreremos a alguns conceitos da imagologia embasados em Beller (2007), Beller e Leerssen (2007), Flynn, Leerssen e Doorslaer (2016) e Sousa (2004;2009).

III.1. A imagologia: algumas concepções teóricas

Ramo dos Estudos Literários e Culturais que tem a sua origem na Literatura Comparada, “imagology studies the origin and function of characteristics of other countries and peoples, as expressed textually, particularly in the way in which they are presented in works of literature, plays, poems, travel books and essays.” (Beller, 2007: 7). Esse foco na representação do Outro — mas também na representação de Si Mesmo, ou auto-representação — tem implicado uma abordagem interdisciplinar em que os estudos imagológicos se interligam com outras áreas do conhecimento como a sociologia, a antropologia, a psicologia, a linguística, entre outras. Como o presente trabalho possui também uma finalidade didática, no sentido em que pretendemos implementar discussões sobre estudos imagológicos no grupo de pesquisa ao qual pertencemos no Brasil,²⁸³ torna-se necessário explicitar os conceitos utilizados nesta seção para uma melhor compreensão.

Iniciamos com uma definição do termo *imagem* que, de uma forma bastante abrangente, significa: “the mental or discursive representation or reputation of a person, group, ethnicity or ‘nation’” Leerssen (2007: 342). A representação ou descrição de uma pessoa, povo, localidade, quer seja de forma textual ou através de imagens, sofrerá variações que são decorrentes da perspectiva de quem as elabora. Beller, em seu capítulo introdutório “Perception, image, imagology” do livro *Imagology – the cultural construction and literary representation of national characters*, explica o termo *imagem* da seguinte forma:

In this handbook we use the term *image* as the mental silhouette of the other, who appears to be determined by the characteristics of family, group, tribe, people or race. Such an *image* rules our opinion of others and controls our behavior towards them. Cultural discontinuities and differences (resulting from languages, mentalities, everyday habits, and religions) trigger positive or negative judgements and images. (2007: 4)

Esta definição se adequa totalmente aos propósitos do nosso estudo, visto que os viajantes procuravam caracterizar os habitantes da Amazônia com base nas pesquisas sobre as características físicas e morais das raças, mas também considerando as observações *in loco*, resultantes das interações face a face. Desta forma, encontramos

²⁸³ Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

em Agassiz/Etienne Filho, 1975, índios da Amazônia descritos como criaturas possuidoras de “uma cortesia natural realmente cativante” (112) e generosidade (192); mas também como pessoas “pouco sensíveis aos afetos de família” (226). E são descontinuidades e diferenças culturais desta natureza que nos incitam a reproduzir os questionamentos feitos por Beller: “Are we sure that we see what we think we see? Are our opinions about other persons or peoples true? And what do we know about the way we see ourselves? (2007: 4). Perguntas deste cariz têm sido feitas por historiadores brasileiros, quer seja através de artigos ou livros, e mais recentemente também em um documentário da TV Senado²⁸⁴ sobre o qual falaremos mais adiante. Citamos porém, desde já, o que no início do primeiro episódio se afirma:

Quem você pensa que é, o que somos, ou pensamos que somos são temas recorrentes em nossa história e em boa medida fazem parte daquilo que herdamos do passado e de como lidamos com isso. É lá que podemos encontrar as respostas para essas dúvidas primordiais, ou a razão delas existirem. (Episódio 1 – 3:40-3:53 min)

Para além do interesse de investigação de historiadores, falamos aqui dos interesses dos imagologistas, que “have particular interest in the dynamics between those images that characterize the Other (*hetero-images*) and those that characterize one’s own domestic identity (*self-images* or *auto-images*)” (Beller e Leerssen, 2007: xiv). Estes termos, *heteroimagem* e *autoimagem*, surgem como desdobramentos do conceito de *imagem*. Segundo Leerssen (2007: 342): “Images can vary according to their perspective. A fundamental distinction is the one between *auto-image* (or ‘*self-image*’) and *hetero-image*: the referring to a characterological reputation current within and shared by a group, the latter to the opinion that others have about a group’s purported character.” Ou seja, a *autoimagem* refere-se à auto-representação, enquanto que a *heteroimagem* diz respeito à imagem que fazemos do Outro ou que o Outro faz de nós (Beller e Leerssen, 2007; Sousa, 2004). Esses conceitos coexistem e mantêm relações bem intrincadas.

Para o nosso trabalho é importante a perspectiva de que “A imagologia propõe-se pôr a descoberto a falta de plausibilidade de algumas teorias relativas ao ‘caráter

²⁸⁴ Documentário “Brasil no Olhar dos Viajantes”.

popular' ou à 'alma dos povos'. (Sousa, 2004: 70). Havemos de considerar a complexidade dos dados analisados, bem como a repercussão que as autoimagens veiculadas pelos textos de partida tiveram pela forma como foram traduzidas. Por termos observado que, pela intervenção dos tradutores, tais imagens quase não sofreram modificações, se comparadas às dos TP, e pelo fato de quisermos refletir sobre as consequências "nocivas" da continuidade da propagação de tais imagens, procuraremos justificar a fragilidade delas através da falta de consistência de opiniões apresentadas nos próprios textos.

Os julgamentos de valor disseminam opiniões com tendência a fazer generalizações que transformam singularidades de um lugar em características de todo um estado ou nação, como bem refere Leerssen (2007: 343): "Since images tend to invoke generally current commonplaces and reduce the complexity of historical contingency to the invariance of ingrained topoi and clichés, they are considered a form of stereotype." E acrescenta: "In practice, images are mobile and changeable as all discursive constructs are." (*idem*). Dois conceitos dos estudos imagológicos com particular relevância para a análise da escrita de viagem são *estereótipo* e *imagotipo*, na medida em que esta é particularmente propensa a caracterizar tipologias nacionais. Em termos gerais, ambos os conceitos "trabalham" com o mesmo objeto, que é a *imagem*, e resultam do contato entre o Eu e o Outro, assumindo um papel de relevo no desenho das identidades. No entanto, pelo fato de que o termo *estereótipo* "pressupõe uma estrutura e um significado inalteráveis", ele é por vezes substituído pelo termo *imagotipo*, visto que a *imagem*, "mesmo podendo manter a sua essência inalterada, suas formas e expressões revestem-se normalmente de múltiplas nuances e apresentam-se através de tons cambiantes" (Sousa, 2004: 26). Esta ideia bem se aplica ao contexto das narrativas em foco na presente tese.

Podemos argumentar que nem todas as imagens apresentadas nos relatos são "realmente" representativas do povo da Amazônia e que, mesmo que o fossem na época em que foram emitidas, hoje não seriam mais as mesmas, pois o tempo faz com que muitas mudanças ocorram. O tradutor, dando a conhecer essas narrativas de viagem estrangeiras num outro momento histórico (o período em que as obras foram traduzidas varia entre 70 a 100 anos após as publicações dos TP no caso das traduções da «Brasiliana», e aproximadamente 100 a 130/40 anos para as traduções da

«Reconquista»), tanto pode ser um veículo “passivo” das opiniões e *clichés* nelas expressos, como pode ser interventivo e fazer ouvir a sua voz ao anotar, por exemplo em rodapé, o desfasamento que existe entre a percepção do Outro e a *autoimagem* que o povo amazônico tem de si mesmo. A este propósito, contudo, é preciso ter em mente as considerações de Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux (Machado e Pageaux 51-52):

Uma outra perspectiva errada, estéril, é a que consiste em determinar a «falsidade» de uma imagem, o grau de «fidelidade» de uma imagem em relação ao real observado. Na verdade, a imagem não é um duplicado ou um análogo do real e as imagens não são «erros» de percepção. A partir de que grau se pode considerar uma imagem «falsa»? O estudo da imagem deve dar menos importância ao grau de «realidade» de uma imagem do que ao seu grau de conformidade com um modelo cultural previamente existente, de que importa conhecer os componentes, os fundamentos, a função social. Incontestavelmente, a imagem é, até certo ponto, linguagem, linguagem sobre o Outro; neste sentido, ela retoma necessariamente uma realidade que designa e significa. Mas o verdadeiro problema é o da lógica da imagem, da sua «verdade» e não da sua «falsidade». Sendo representação, a imagem é necessariamente falsa. Eça, ao falar da França, mais propriamente de Paris, dá uma imagem «falsa» da realidade francesa. Todavia, o investigador comparativista deverá, para citar apenas este exemplo, estudar a verdade da imagem queirosiana. Assim, o estudo da imagem leva à determinação das linhas de força que regem a cultura, quer de um escritor, quer de um grupo social, quer de um país, nos seus representantes letrados: o estudo das imagens é, conseqüentemente, indissociável daquilo a que chamamos história das ideias, das mentalidades, digamos mesmo das sensibilidades.

No domínio da imagologia, a análise é feita sobre um discurso (do autor), não sobre fatos sociológicos, e procura-se compreender as motivações que estão na base da *construção* das imagens. Desta forma, o termo *imagotipo* (literário) é mais adequado à investigação imagológica, já que tem no horizonte:

[...] promover a desconstrução e a destruição dos imagotipos e enriquecer o processo de intercâmbio literário, cultural e político internacional, dando conta da manipulação de correntes ideológicas e políticas que circularam ou ainda circulam entre os homens. Pode ainda, repetimos, melhorar o entendimento entre os povos, na medida em que se preocupa em trazer à tona ‘o outro’ em sua especificidade, enfatizando a pesquisa da multi e interculturalidade como caminho viável para uma compreensão satisfatória da alteridade (Sousa, 2004: 27-28)

A análise das diversas evidências encontradas no próprio texto, ou através de outros autores, ajuda o leitor a formar suas próprias opiniões e pode evitar a propagação de imagens que pretendem passar por “verdades absolutas”:

[...] é preciso estar em constante alerta perante esses imagotipos, a fim de que não se tomem por verdades absolutas o que não passa de recorte da realidade, traduzido segundo convenções (e interesses) relativos a um determinado espaço e a uma determinada época, a um determinado

grupo social, e mesmo a uma determinada pessoa (o autor). Desta forma, ao desvendar os processos, as intenções, as motivações subjacentes à criação de determinados imagotipos (às vezes nem mesmo percebidos pelo próprio escritor que se acha inconscientemente inserido num determinado sistema), o estudioso da imagologia estará contribuindo, em última análise, para a superação de mal-entendidos, isto é, para um melhor entendimento do mecanismo de pensar pertencente ao outro, desenvolvendo assim a tolerância; ao fim e ao cabo, estará contribuindo também para um melhor entendimento entre os povos. (27)

É justamente esta possibilidade de “promover a desconstrução e a destruição de imagotipos e enriquecer o processo de intercâmbio literário, cultural e político internacional” (*idem*) que reforça um dos objetivos basilares desta tese, por acreditarmos que é sempre possível haver trocas interculturais entre povos, nas quais o respeito, a integração, a busca pelo bom convívio prevaleçam, e em que um não se considere ou se coloque em posição superior ao outro; que saberes sejam revelados e compartilhados, que a empatia — ferramenta principal para o entendimento entre os povos — seja cultivada e que o resultado seja uma “compreensão satisfatória da alteridade” (28).

Identidade é outro dos conceitos bastante utilizados nos estudos imagológicos: sua etimologia provém do Latim, *identitas.atis*. e significa “idem”, “o mesmo”. De acordo com Leerssen, há duas formas de conceituar tal termo: uma forma antiga, de viés diacrônico, segundo a qual “Identity involves the meaning of ‘being identifiable’, and is closely linked to the idea of permanence through time: something remaining identical with itself from moment to moment” (2007: 335), e outra mais atual, que entende o termo *identidade* de uma forma sincrônica, considerando-o como “a separate and autonomous individuality” (*idem*). Para os estudos imagológicos, ambas as visões, diacrônica e sincrônica, são consideradas, tendo em vista que a identidade diacrônica é aquela que carrega o sentido de permanência e continuidade ao longo do tempo, refere-se à *autoimagem*, enquanto que a identidade sincrônica, que considera o sentido de que cada um representa uma identidade e individualidade única no mundo, servirá para fazermos a distinção entre nós mesmos e os outros, relacionando-se assim à *heteroimagem*.

Várias características do povo da Amazônia são referidas por quase todos os autores: a hospitalidade, o espírito ordeiro, a passividade, mas também a indolência e a falta de ambição. Algumas delas coincidem com autoimagens que os brasileiros têm de si, outras não, e uma forma de entender melhor esses desencontros de opinião é

considerarmos também o conceito de *group identity*, para que possamos identificar quais características individuais foram tomadas como pertencentes à coletividade, e vice-versa. Para Leerssen, “group identity is changeable in size and coverage over time.” (338). Mais ainda, reitera que “Although the notion of identity tends to connote a categorical fixture, unchangeable and permanent through time, group identities (even more than personal identities) are highly volatile.” (*ibidem*).

Por seu turno, o conceito de *alteridade*, comum a muitas outras áreas, entre elas a Antropologia, a Psicologia e a Sociologia, prende-se com a ideia de diferença e contrasta com a noção de *identidade* (heteroimagem *versus* autoimagem). Segundo o *E-Dicionário de Termos Literários*, *alteridade* significa: “Facto ou estado de ser Outro; diferiçãõ do sujeito em relação a um outro.” (Ceia, 2009: n.p.). Tal consciência da singularidade de cada ser humano pode gerar um respeito ético pelo Outro, que consequentemente leva à prática da tolerância. Foi a valorização do Outro e a relativização de seus próprios costumes (*alteridade*) que buscamos encontrar nas obras dadas a conhecer ao público brasileiro em tradução, diferentemente da prática *etnocêntrica* — na qual se julga a cultura do Outro de acordo com os valores da própria cultura. Ceia acrescenta ainda que o termo *alteridade*:

Opõe-se a identidade, mundo interior e subjectividade. Este tema aparece com alguma insistência nos mais recentes estudos pós-coloniais, feministas, desconstrucionistas e psicanalíticos, e é também tratado no dialogismo de Bakhtin. A questão da alteridade (ing. otherness; fr. alterité; al. Anderssein) corre o risco de se tornar simplisticamente universal, no caso de considerarmos o Outro como uma categoria omnipresente, porque tudo está em oposição em relação a alguma coisa ou a alguém. É necessário delimitar a aplicação do conceito e, de preferência, pelo menos no que toca à literatura, considerá-lo apenas nas relações poéticas, dramáticas e nas que se abrem nos textos literários. (*op. cit.*)²⁸⁵

Ao concluirmos esta seção, chamamos ainda a atenção não para um conceito relevante da imagologia mas para a ideia de *mobilidade*, a qual também remete para o título da presente tese: “Trânsitos textuais e geográficos”. A imagologia tem na escrita de viagem um dos seus mais férteis campos de investigação, pois trata-se de um gênero que problematiza fortemente a questão das diferenças culturais, que *traduz* o Outro, como bem demonstram as narrativas sobre o Brasil em estudo. O fenômeno da tradução

²⁸⁵ Ceia, Carlos: s.v. “Alteridade”, E-Dicionário de Termos Literários (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/alteridade/>. Consultado em 06/05/2020.

é também, em si mesmo, uma prática de *deslocação*, de uma língua/cultura para outra, sendo o Outro, no caso vertente, a realidade amazônica com todo o seu exotismo. Este paralelismo coloca em evidência o uso amplo da noção de *tradução* nos nossos dias, não se restringindo à tradução em sentido estrito mas aplicando-se a processos de comunicação intercultural em acepção mais lata.

A partir da próxima seção, os sublinhados nos excertos servem para dar destaque a algum aspecto relevante ou característica realçada por cada autor. Quando as marcas tipográficas não forem de nossa autoria, indicaremos em nota. Nem sempre traremos excertos do original seguido das traduções. Em alguns excertos, preferimos indicar as diferenças entre a segunda tradução em relação à primeira em um único excerto, colocando uma barra após a palavra da primeira tradução e cor diferente para a segunda, a fim de proporcionar melhor visualização da mudança.

III.2. O caráter e a cultura do povo amazônico pelos olhares anglófonos²⁸⁶

Poderíamos iniciar esta parte do trabalho apresentando uma visão edênica da Amazônia, uma visão naturalista, uma referência ao caráter polissêmico e à complexidade da terra, ou até mesmo uma descrição poética. Não constitui tarefa fácil falar da prodigalidade daquela região, considerada por muitos como “o pulmão do mundo” ou o “paraíso terreal”, um lugar onde tudo é frequentemente descrito através de superlativos e, algumas vezes, hipérboles. No entanto, optamos por utilizar um trecho de Reis (1982) que, ao prefaciá-la obra de Leandro Tocantins, *Amazônia: natureza, homem e tempo*, sintetizou com bastante propriedade o verdadeiro “estado de ser” da imensa Floresta:

A Amazônia tem tido um destino singular: oferecer ao mundo elementos de que esse mesmo mundo se vem valendo para erigir condições de bem-estar material e espiritual, sem que lhe criassem idênticas condições existenciais. [...] Desde o período em que os ingleses, holandeses, franceses, espanhóis e portugueses, em disputa militar e em concorrência mercantil, se lançaram

²⁸⁶ A partir desta seção, os sublinhados nos excertos servem para dar destaque a algum aspecto relevante ou característica realçada por cada autor. Quando as marcas tipográficas não forem de nossa autoria, indicaremos em nota. Nem sempre apresentaremos excertos do original seguidos das duas traduções brasileiras. Em alguns excertos, preferimos indicar as mudanças na segunda tradução em um único excerto, colocando uma barra após a palavra da primeira tradução e cor diferente para a segunda, a fim de proporcionar melhor visualização da mudança.

à grande empresa de descobrir, penetrar, dominar politicamente a região, impondo-lhe soberania europeia e criando o empório de matéria-prima que satisfizesse as exigências dos mercados consumidores do Velho Mundo, aos nossos dias, quando o próprio Brasil vê, na Amazônia, a sua imensa reserva de produtos primários essenciais à sua caminhada no campo da industrialização. (xiii)

E Reis persevera a dizer que a Amazônia não se libertou do destino aqui referido, “prossequindo no seu papel de região útil aos outros, ao bem-estar de regiões distantes, que se civilizaram na base de muito do que ela lhes mandou e que elas souberam manejar com a inteligência pragmática, utilitária e imediatista”. (xiv)

Essa soberania do Outro estrangeiro está sempre patente nos relatos, como quando a Sra. Agassiz, referindo-se à passagem de sua comitiva por Manaus (capital do estado do Amazonas), busca encontrar mordomias similares às do mundo de onde provinha, ignorando a peculiaridade da região e desconsiderando o fato de que cada povo tem o direito de ser diferente e de viver feliz ao seu modo:

Convém que nos entendamos a respeito; no caso desta narrativa decidir alguém a fazer uma viagem pela Amazônia, julgo dever acrescentar que, malgrado a rigorosa exatidão do que precede, há muitas coisas essenciais ao bem-estar do viajante que não se encontram aqui por preço algum. Não há, por exemplo, em toda a extensão do Amazonas um hotel decente; ninguém poderá aqui viajar sem se munir de cartas de recomendação que assegurem ao portador a hospitalidade nas casas particulares. Mas, uma vez assim apresentado, pode contar na certa uma acolhida cordial, ou pelo menos com uma assistência eficaz da parte dos habitantes para arranjar alojamento. (Agassiz/Mendonça, 2000: 277 – Nota do autor – 142)

Mais adiante, evidencia-se a alteridade como um processo de interação, neste caso ilustrado pelo convívio do Eu estrangeiro, na pessoa da Sra. Agassiz, com o “Outro” amazônico, representado pelo Sr. Epaminondas, presidente da Província, que os recebeu com uma festa em homenagem ao naturalista Agassiz e sua esposa, nos arredores de Manaus. O desapontamento de Elizabeth Agassiz por não haver gelo nem *champagne* no banquete. Nas palavras da Sra. Agassiz, essas duas exceções eram, no entanto:

sobejamente compensadas por uma profusão de frutas tropicais que em outro lugar qualquer não se conseguiria por preço algum: ananases enormes, abacates verdes e vermelhos, pitangas cor de púrpura, atas (frutas-de-conde), abios, sapotis, bananas das mais disputadas espécies, bem como grande variedade de maracujás (os frutos da *Passiflora*)” (277).

A compensação foi tão satisfatória que Elizabeth complementou a dizer que: “ O almoço foi muito alegre, os brindes numerosos, animados os discursos, e muito tempo depois que as senhoras se retiraram, a sala ainda ressoava com as saúdes e os vivas que se sucediam.[...]” (*idem*)

As atenções e gentileza dos amazonenses foram reconhecidas por Elizabeth Agassiz, que chega a incluir o texto da carta-convite, enviada pelo Sr. Epaminondas, como uma forma de exprimir sua gratidão:

Os trabalhos científicos, a que se dedica atualmente, em nossa província, o sábio e ilustre professor Agassiz, devem angariar-lhe o direito à consideração e gratidão dos amazonenses. É para nós um dever testemunhar ao nosso hóspede, numa pública demonstração, quanto apreciamos os méritos de sua alta inteligência. Muito desejaria eu para tal fim, poder dispor de mais extensos recursos, e que esta província estivesse em condições de manifestar mais condignamente a cordial estima e veneração que votamos ao sábio viajante, o respeito e a admiração que nos inspiram os seus trabalhos científicos. A incerteza, porém, da demora de sua permanência entre nós me obriga a oferecer ao eminente americano, desde já, uma prova, mesmo humilde, de nossa profunda estima. Para cumprir este dever, que não quero adiar por mais tempo, convido-vos a juntamente comigo, oferecermos ao Sr. e Sra. Agassiz, em nome da província do Amazonas, um modesto almoço campestre na "Casa dos Educandos", domingo 18 do corrente, às 11 horas da manhã. Espero que a vossa presença e da vossa família aumentem o brilho desta festa que, embora simples demais em relação aos méritos dos nossos homenageados, será digna deles pela cordialidade dos sentimentos que exprime. Palácio do Governo, Manaus, 13 de novembro de 1865. Antonio Epaminondas de Mello. (275)

As palavras do Sr. Epaminondas refletem sua subserviência ao Outro. E esse comportamento é reiterado em outras interações. A grande admiração pela inteligência do Outro, e a veneração das suas qualidades, impediam o povo local de perceber as reais intenções daqueles ilustres pesquisadores e de tantos exploradores que passaram por terras brasileiras. Mas, se considerarmos que os Outros estrangeiros não reconheciam geralmente o caráter nobre dos habitantes locais, somos levados a pensar que os viajantes, ao agradecerem a presteza de seus anfitriões, os locais, o faziam apenas por mera educação. Mesmo assim, o termo *hospitalidade* foi um dos mais recorrentes nas narrativas: quer tenham sido recebidos por pessoas influentes da capital, pelos ribeirinhos, indígenas e demais habitantes da região, é unânime a opinião dos forasteiros de que o povo do norte do Brasil é naturalmente hospitaleiro. Através dos volumes traduzidos disponibilizados no portal da Brasileira UFRJ, conseguimos contabilizar os seguintes números de ocorrência do termo e seus derivados por cada autor: Agassiz, em *Viagem ao Brasil*, dezoito ocorrências; Bates, em *O Naturalista no Rio*

Amazonas, seis; Kidder & Fletcher, em *O Brasil e os Brasileiros*, onze; e Wallace, em *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, cinco. Se contabilizarmos termos de sentido semelhante, como *gentileza, presteza, generosidade, acolhida, cordialidade*, o número aumenta significativamente. Para ilustrarmos o uso de tais ocorrências, apresentamos o excerto do casal Agassiz, do Capítulo IV, que tem como intertítulo “*Demonstrações públicas de simpatia/pela expedição*” (Agassiz/Mendonça, 2000: 158; Agassiz/Etienne Filho, 1975: 103), no original “Public Expressions of Sympathy for the Expedition. Generosity of the Amazonian Steamship Company” (Agassiz, 1869: 126). Como já referido anteriormente, em se tratando das duas traduções de Agassiz não há diferenças significativas entre ambas, mesmo assim apontamos as poucas diferenças percebidas no cotejo com o original:

Mr. Agassiz has not only to acknowledge the untiring kindness of individuals here, but also the cordial expression of sympathy from public bodies in the objects of the expedition. A committee from the municipality of the city has waited upon him to express the general satisfaction in the undertaking, and he has received a public demonstration of the same kind from the college; The bishop of the province and his coadjutor have also been most cordial in offers of assistance. Nor does the interest thus expressed evaporate in empty words. Mr. Pimenta Bueno is director of the Brazilian line of steamers from Pará to Tabatinga.* The trip to Manaos, at the mouth of the Rio Negro, is generally made in five days, allowing only for stoppages of an hour or two at different stations, to take or leave passengers and to deposit or receive merchandise. In order that we may be perfectly independent, however, and stop wherever it seems desirable to make collections, the company places at our disposition a steamer for one month between Para and Manaos. There are to be no passengers but ourselves, and the steamer is provided with everything necessary for the whole company during that period, food, service, &c. I think it may fairly be said that in no part of the world could a private scientific undertaking be greeted with more cordiality or receive a more liberal hospitality than has been accorded to the present, expedition. I dwell upon these things and recur to them often, not in any spirit of egotism, but because it is due to the character of the people from whom they come to make the fullest acknowledgment of their generosity. (Agassiz, 1869: 145-146)

Agassiz não teve aqui de reconhecer apenas a inesgotável benevolência das pessoas, mas também os testemunhos de calorosa simpatia que as corporações oficiais/entidades públicas manifestaram pelo/s objetivo/s da expedição. Uma deputação/delegação da municipalidade do Pará se dirigiu a ele para lhe exprimir a satisfação geral causada pelo/por seu empreendimento, e recebeu, dos professores do colégio oficial, uma demonstração pública da mesma natureza. Finalmente, o bispo e o vigário-geral da diocese vieram também oferecer-lhe muito cordialmente os seus préstimos. O interesse assim demonstrado não se manifestou só em palavras vãs. O Sr. Pimenta Bueno é diretor da companhia brasileira dos navios a vapor que vão do Pará a Tabatinga. O trajeto até Manaus, pequena cidade situada na embocadura do rio Negro, se faz geralmente em cinco dias e os navios a vapor só param nos diferentes pontos de escala uma hora ou duas, para tomar ou deixar passageiros ou carga. A fim de nos dar inteira liberdade/independência e liberdade de/para) estacionar onde bem/bem melhor nos pareça/parecesse útil aos interesses/no interesse das coleções, a companhia pôs à nossa disposição um navio/navio especial), por um mês, entre Pará e Manaus. Só levará a nós como passageiros, e vai/é provido de tudo o que possa ser necessário durante esse período de tempo: alimentos, criadagem/criados, etc. Creio poder dizer, sem receio de me enganar, que, em nenhum país do mundo, uma empresa científica particular haja sido/já foi acolhida com tanta cordialidade e

[hospitalidade mais liberal](#). Insisto sobre isso e volto várias vezes ao assunto, não num/por mesquinho espírito de egoísmo, mas porque essa homenagem é devida ao [caráter do povo brasileiro, cuja generosidade devemos proclamar/reconhecer](#). (Agassiz/Mendonça, 2000: 158; Agassiz/Etienne Filho, 1975: 103-104)

Vê-se no excerto acima uma forte marca da hospitalidade da comunidade paraense, expressada através dos termos sublinhados. Mais adiante, vem o reconhecimento de Agassiz, que em nota agradece ao Barão de Mauá, presidente da Companhia brasileira dos navios a vapor, pela sua liberalidade:

O presidente dessa companhia é o Barão de Mauá*, considerado pelos seus compatriotas como um financista de grande capacidade e homem de uma perseverança, uma energia e patriotismo raros. Estava na Europa por ocasião da minha viagem ao Brasil; não tive assim o prazer de travar com ele relações pessoais; por isso aproveito de bom grado a ocasião de agradecer-lhe a liberalidade de que deu provas, em todas as suas relações comigo, a companhia de que é a alma. (L. A.) – (Agassiz/Mendonça, 2000: 158)²⁸⁷

Esta nota foi reproduzida literalmente por Etienne Filho, mais uma vez sem indicar que era uma nota da tradução da «Brasiliana», traduzida por Mendonça. O asterisco após o nome do Barão indica que Mendonça ainda acrescentou uma outra nota, logo após a de Agassiz: “*Irineu Evangelista de Sousa. (Nota do trad.)”. Esta última não foi replicada na «Reconquista». No excerto que antecede a nota, há uma prova de que Mendonça intensificou as palavras de Agassiz, logo no início, ao acrescentar o termo “calorosa” à palavra “simpatia”. No entanto, nenhum dos tradutores traduziu a segunda parte do intertítulo do trecho apresentado: “Generosity of the Amazonian Steamship Company”, o que diminui o realce dado na obra original ao caráter hospitaleiro e à generosidade do povo local.

Passamos ao trecho de Bates referente à sua estada em Ega, na Amazônia, com o objetivo de recolher insetos, répteis e conchas que representariam um considerável acréscimo à sua coleção. Bates relata as interações com vários habitantes locais, como o delegado, Sr. Antônio Cardoso, que os havia recebido de “maneira cordial e encantadora” (Bates/Mello-Leitão, 1944:171), “maneira muito cordial e cativante”

²⁸⁷ * “The President of this line is the Baron de Mazá, esteemed by his countrymen as a financier of great ability and a man of rare energy, perseverance, and patriotism. As he was in Europe during the year of my visit to Brazil, I had not the pleasure of a personal acquaintance with him, and I therefore welcome this opportunity of thanking him for the liberality shown in all their dealings with me by the company of which he is the moving spirit. L. A.” (Agassiz, 1869: 145)

(Bates; Junqueira, 1979: 201) e a quem tece elogios: “Mais tarde tive ocasião de admirar a bondade sem limites desse homem/ilimitada prestimosidade desse excelente sujeito, cujo maior prazer parecia ser fazer sacrifícios por seus amigos” (171; 201). Continuando sua trajetória por Ega, rumo à propriedade de um venerável comerciante do lugar, o Sr. Romão de Oliveira, que descreve como:

Um velho alto, corpulento, simpático de aspecto, que nos recebeu com ingênua e original cortesia. [...] Esse velho esperto e capaz nada conhecia do mundo, fora das brenhas do Solimões e seus poucos milhares de habitantes isolados; mas podia conversar bem e com ponderação, fazendo comentários acerca dos homens e das coisas, de modo tão perspicaz como se poderia esperar da longa experiência da vida numa capital europeia. [...] Quando nos despedimos, ele pôs a casa e o armazém à minha disposição. Não era isto oferecimento de mera polidez, pois algum tempo depois, quando quis fazer as contas pelas mercadorias que dele recebera, não quis receber pagamento. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 172)

Um alto e corpulento ancião de bela aparência, que nos recebeu com uma cortesia ingênua e muito original, à sua maneira. [...] O velho senhor, ladino e capaz, nada conhecia do mundo além das selváticas terras do Solimões, com seus poucos milhares de habitantes; entretanto, sua conversa era interessante sensata e as observações que ele fazia sobre os homens e as coisas eram tão sagazes como se tivessem sido inspiradas por uma longa experiência de vida numa capital europeia.[...] Quando nos despedimos, ele pôs a casa e seu armazém à nossa disposição. Não se tratava de um gesto de cortesia vazio, pois mais tarde, quando eu quis acertar contas com ele a respeito de algumas mercadorias que havia adquirido em seu armazém, ele se recusou a receber qualquer pagamento. (Bates/Junqueira, 201-202)

Em um relato pequeno, Bates consegue ressaltar qualidades que confirmam o caráter hospitaleiro, cortês e generoso do povo de Ega, representado na pessoa do Sr. Romão, continuando, por algumas páginas, a nomear e descrever as pessoas com quem teve oportunidade de conviver, como o Sr. Gaspar José Rodrigues:

Cardoso e eu, com dois índios, tomamos pequena montaria e cruzamos o lago em visita ao senhor Gaspar José Rodrigues, abastado fazendeiro e principal morador de Caiambé. Sua filha mais velha, rapariga bem prendada e trabalhadora, casara com o português Miguel, meu velho companheiro de viagens, alguns dias antes de eu deixar Ega nestes passeios. Tínhamos assistido às festas de bodas, e a atual visita era em cumprimento da promessa de ir ver a família quando estivéssemos perto de Caiambé. O senhor Gaspar era desses numerosos proprietários mestiços, a alguns dos quais já fiz referências, que por seus hábitos regulares, amor ao trabalho, bom senso e maneiras leais honram a classe a que pertencem. Tínhamos ouvido tanta coisa na Inglaterra sobre a incapacidade da população mestiça da América Tropical, que é um real prazer poder testemunhar que não são todos assim. É verdade que estive em contato com eles em distritos retirados. Alguns, como esse amigo de quem estou falando, são, considerada sua educação defeituosa, homens tão prestantes como os que se possam encontrar em qualquer país.[...] Fomos recebidos com franca hospitalidade por essa gente trabalhadora e alegre. O senhor Gaspar tinha sete filhos; aos quais ele mesmo ensinara a ler e escrever. Os meninos eram muito espertos; um deles foi mais tarde escrevente da Câmara Municipal de Ega. Havia no lugar um ar de alegria e de abundância dos mais confortadores. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 287-288)

Encontramos sempre um lado positivo na escrita de Bates, mesmo quando, após relatar uns episódios que haviam lhe contado sobre o período de revoltas no Pará, reitera:

Não se pense, porém, que a gente amazônica seja habitualmente sanguinária. Ao contrário, a quietude e gentileza de caráter dos habitantes desta província, nos tempos de paz, são proverbiais em todo o Brasil. A raridade ou ausência de mortes violentas é comentada todos os anos pelo Presidente em seu relatório anual ao Governo Central. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 21)

Até aqui temos evidenciado a natureza hospitaleira e cordial da população local, mesmo que alguns critiquem a falta de infraestruturas das localidades, talvez por esperarem mais do que era possível encontrar em plena floresta. Percebe-se também que o tom elogioso e compreensivo de Bates era embasado em suas observações e em documentação como a apontada no excerto acima.

Em *O Brasil e o Brasileiros*, de Kidder e Fletcher, não encontramos pormenores sobre a forma como os pastores foram recebidos nos diversos locais por onde passaram. O texto é muito impessoal e cheio de inserções de textos de outros autores, inclusive de trechos da primeira obra escrita somente por Kidder, *Reminiscências*. Sendo assim, no que diz respeito ao Capítulo XXVI “Norte do Brasil — Magnificência da natureza”, que narra a estada dos autores no Pará, e após tecerem considerações sobre a natureza, os autores passam a descrever os produtos do Pará, a navegação a vapor, o Peixe-Boi, o rio Amazonas, tartarugas, aves e insetos, e relatam uma visita a um moinho de arroz, entre outros aspectos. Mesmo quando, em ambas as obras, referem ter sido recebidos por alguma pessoa importante, para quem levavam uma carta de recomendação, o fazem de maneira impessoal: o Bispo do Pará, o juiz de Direito, enfim, a maioria das pessoas a quem recorreram por algum motivo não são nomeadas (com exceção do Sr. Franco e do Marquês de Pombal). Segue um excerto, dividido aqui em duas partes, no qual Fletcher utiliza um trecho de *Reminiscências*, de Kidder, para explicar como foi recebido pelo Presidente da província, o Sr. Franco. O excerto é introduzido pela fala de Fletcher, aqui traduzida por Dolianiti de uma forma bem literal: “O meu colega Dr. Kidder teve também

alguma experiência do Pará, é verdade que não tão agradável como a que teve atravessando as florestas do Amazonas”²⁸⁸ (ver original em nota de rodapé):

Logo depois da minha chegada, em companhia do cônsul norte-americano, visitei o Sr. Franco, Presidente da província, para quem levava uma carta de recomendação. Esse senhor tinha sido, em outros tempos, empregado de uma firma comercial inglesa no Pará, tendo sido depois educado como pensionista da Província, da qual se tornou o primeiro magistrado. Recebeu-nos com grande cortesia e, em pessoa, fez-nos percorrer o seu palácio. Achei esse edifício um dos mais belos do gênero, no Brasil. Foi construído, bem como a catedral e algumas das igrejas, na época em que o talentoso Marquês do Pombal, porém, ambicioso primeiro ministro de Portugal, acariciava a ideia de transferir o trono de Portugal e todos os seus domínios, das margens do Tejo para as margens do Amazonas. Tal circunstância explica as amplas e magníficas proporções dessas construções numa cidade de pequena extensão. (Kidder & Fletcher; Dolianiti, 1941, vol. 2: 315)

Como é possível observar, os autores não demonstram empatia para com as pessoas que os recebiam, nem detalham a forma como foram tratados. Vemos que logo passam para descrições meramente físicas dos locais. O relato continua com pormenores de ordem prática:

Na hora oportuna visitei o juiz de Direito, primeiro oficial da polícia, para exhibir meus passaportes e obter uma licença de residência na muito leal e heroica cidade do Pará, e na província de que ela é a capital. Não encontrei embaraços no meu caminho, nem demoras. Obtive a licença pedida, e guardei-a até poder obter um novo passaporte no dia da minha partida. (*idem*)

Contudo, quando a acolhida não corria conforme o esperado, os viajantes não somente comentavam o ocorrido de forma mais minuciosa, como aproveitavam para propagar imagens negativas dos habitantes locais. Tais imagens eram muitas vezes construídas de acordo com seus preceitos religiosos, que no modo de pensar deles eram incompatíveis com a realidade eminentemente católica da Província:

Entretanto, aconteceu que, durante algum tempo, estive ameaçada a minha tranquila estada na cidade do Pará. O velho bispo do Pará, parece ter recebido contágio do alarma do seu colega no Maranhão, e ambos os prelados, indo além do que o sereno julgamento lhes teria permitido pensar a respeito de certas informações infundadas e maliciosas, que lhes chegaram de alguma parte, escreveram ao Sr. Franco, sobre a minha pessoa, dizendo-lhe que eu era um indivíduo muito perigoso, que não devia ter permissão para desembarcar na província. (315-316)

²⁸⁸ “My colleague also had some experience at Pará not quite so agreeable as riding through Amazonian forests.” (Fletcher, 1857: 560).

Já Wallace, em *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, assim como Bates, percebe o caráter generoso e hospitaleiro dos habitantes da região e, diferentemente de Kidder e Fletcher, registra os nomes de todas as pessoas com quem conviveu, demonstrando reconhecimento e gratidão. O seu relato não se restringe à especificação técnica das excursões, faz com que nos sintamos dentro da floresta e percebamos as diferenças de ambiente, dos sombrios aos ensolarados. É esse olhar desprovido de preconceito, de quem reconhece a alteridade do meio e de seus habitantes, que queremos particularmente ressaltar. O trecho a seguir registra a acolhida de um dos muitos senhores que ajudaram Wallace em sua jornada, o jovem Sr. Calisto,²⁸⁹ proprietário da Fazenda S. José, em S. Domingos do Capim, no Pará, que o recebeu com extrema cortesia e, ao saber dos objetivos da viagem de Wallace, insistiu para que ele permanecesse na fazenda pelo tempo que quisesse, dispondo-se a ajudá-lo em tudo o que lhe fosse possível. Wallace descreve-o assim: “Senhor C. was as kind and good-tempered a man as I have ever met with.” (Wallace, 1889: 84). Esta natureza do Senhor C. (p. 84), ou Senhor Calisto (pp. 80, 81,82,85), como referido por Wallace no seu texto original, foi transmitida pelos tradutores:

[...] **muito bondoso e muito bem-humorado, como poucos eu tenho visto.** Bastava eu fazer uma simples menção de qualquer coisa de que gostasse, e, se estivesse ela ao seu alcance, era eu imediatamente servido. Ele alterou a hora do jantar, unicamente para poder acompanhar-me em minhas excursões pela floresta, e fazia todos os esforços possíveis para a minha comodidade. (Wallace/Torres, 1939: 144)

[...] **um dos homens mais gentis e afáveis que encontrei em toda a minha vida.** Bastava a simples menção de um desejo meu para que ele envidasse todos os seus esforços no afã de providenciá-lo para mim, salvo, evidentemente, se se tratasse de algo fora do seu alcance. Alterou seu horário de refeições para poder acompanhar-me em minhas excursões pela floresta. Providenciou tudo o que pôde para alojar-me com todo o conforto. (Wallace/Amado, 1979: 84)

E assim os desejos e necessidades de Wallace foram todos realizados, como quando sinalizou que “gostaria muito de apanhar uns peixes para tentar conservá-los em álcool” (86). Sr. Calisto destacou alguns índios para “fazer pequenas barragens nos igarapés e envenenar as águas, enquanto outros iriam pescar à noite com linha ou com arco e flecha.” (*idem*). Outros exemplos foram quando enviou caçadores índios por um

²⁸⁹ A grafia do nome deste senhor é variável. No original de Wallace aparece Senhor Calisto ou Senhor C.; na tradução de Torres, Sr. Calixto; e na de Amado, Sr. Calisto ou Sr. C. Portanto, grafamos o nome nos excertos de acordo com a forma como aparecem em cada edição.

igarapé, a fim de trazerem carnes diferentes para sortir a despensa; e quando emprestou uma canoa, índios e homens pelo tempo que fosse necessário para que o viajante conseguisse suas amostras. Sobre estes últimos, refere Wallace: “O meu bondoso hospedeiro, entretanto, mandou encher a minha canoa de frangos, ovos, bananas, abacaxis, cacau, etc., e assim fez para que eu fosse bem provido dessas coisas e nada me faltasse.” (Wallace/Torres, 1939: 149)

É significativo que um pesquisador como Wallace se dedique a relatar casos em que o que prevalece é o total compartilhamento de experiências, o debruçar-se sobre a vida do Outro, tão próximo, mas, ao mesmo tempo, tão diferente, o familiarizar-se ao ponto de não somente usufruir da acolhida de seu anfitrião, mas participar nela com todo o interesse e satisfação. O próximo excerto exemplifica que o amazônida²⁹⁰ é desprovido de preconceitos e acolhe a todos, sem distinção de raça, cor, ideologia, como sucede quando um judeu aparece na Fazenda do Sr. Calixto, que era católico, e que já havia se juntado ao evangélico Wallace:

De uma feita, ali apareceu um cavalheiro judeu, que estava de viagem rio acima, fazendo cobranças de dívida. Ao chegar, fez entrega de uma carta de recomendação, que havia trazido para o sr. Calixto. Demorou-se alguns dias conosco. De conformidade com os preceitos de sua religião, ele não comia qualquer espécie de carne, desde que o animal não houvesse sido abatido segundo o costume judaico, nem mesmo a de qualquer peixe, a não ser os de escama que, na verdade, são os que abrangem as melhores espécies que estes rios produzem. No primeiro dia, ao jantar, não encontrou à mesa coisa alguma de que pudesse servir-se conosco. Nos dias seguintes, entretanto, enquanto ele se demorou em nossa companhia, havia uma variedade tal de peixes de escamas, cozidos, assados, ensopados e fritos, ovos, arroz, verduras e legumes com tanta fartura que, daí por diante, ele se regalou deveras, tendo sempre excelentes refeições e passando, afinal, muito bem. O Sr. Calixto muito se divertia por causa dos escrúpulos do judeu; fazia-o, porém, com o maior respeito, mantendo uma atitude perfeitamente polida e delicada. Deliciava-se em fazer-lhe perguntas a respeito dos rituais da religião hebraica, e bem assim sobre os da minha propriamente. Depois, então, fazia comentários a respeito da doutrina católica, em torno dos mesmos assuntos. (144-145)

Ao deixar a generosa acolhida do Sr. Calixto, após inúmeras viagens de ida e volta à sua fazenda, Wallace termina o seu relato dizendo:

Após alguns dias de permanência ali, deixei, carregado de presentes, aquele hospitaleiro teto. Ovos, tapioca, um leitão assado, abacaxis e doces, foram enviados para a minha canoa, à hora da minha partida. E assim, com muito pesar, despedi-me de meu bondoso hospedeiro. (153)

²⁹⁰ Aquele que nasce ou vive na Amazônia.

No entanto, não foram somente imagens positivas que foram disseminadas sobre as gentes da Amazônia. A ideia de que o povo do Pará era *indolente* derivou da expectativa, por parte dos viajantes anglófonos, de que o paraense se comportasse como o europeu ou o norte-americano, como fez Kidder (1845) ao dizer que o povo do Pará perdia a oportunidade de ter milhões de acres das terras mais férteis do mundo “por falta de iniciativa e energia” (Kidder/Vasconcelos, 1980:190). Tal ficou evidente nas caracterizações generalistas dos participantes nas interações multirraciais, conforme mostraremos através dos diversos excertos selecionados. A afirmação da falta de iniciativa e energia, contudo, fica de certa forma fragilizada quando, mais adiante, o próprio Kidder diz:

Os brasileiros são, em geral, madrugadores, e, via de regra os comerciantes estrangeiros são os últimos a abrirem seus estabelecimentos. Entretanto, poucos são os que saem pela manhã, a passeio, ou para fazer exercício. As únicas pessoas que geralmente se encontram no Pará, pela manhã, são negros e índios com potes de barro à cabeça, a caminho da fonte. (Kidder/Vasconcelos, 1980, vol. II: 204)

O termo *indolente* foi utilizado por Kidder por diversas vezes, como quando se juntou a Fletcher na obra *O Brasil e os Brasileiros* e elogiou o Sr. M., dono de uma fábrica de tecidos na província:

Embora seja apenas na fabricação dos tecidos comuns de algodão que os fabricantes podem competir com as mercadorias inglesas e americanas, ele [o Sr. M.] ainda merece uma medalha de honra do Governo, e o auxílio de todo o Império, não apenas pela fundação da fábrica, mas pelo exemplo de vida — diante de uma província de habitantes indolentes e vadios — dado pela energia *yankee*, engenhosidade, infatigável esforço e inflexível perseverança. (Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941, vol. 1: 318)

Elizabeth Agassiz, tal como o marido, considera os habitantes com quem teve contato em Tefé, no Amazonas, seres inferiores, mesmo após observar os costumes dos indígenas. Falou da labuta diária de homens e mulheres e, na subseção “Caça aos peixes”, desmistifica, de certo não intencionalmente, o caráter indolente das mulheres locais:

O nosso passeio no rio durou cerca de uma hora; depois saltamos em terra numa espécie de pequeno promontório e entramos na mata. Os homens caminhavam na frente, abrindo o caminho a facão, cortando os galhos, afastando as plantas parasitas, tirando os troncos caídos

que obstruíam a passagem. Fiquei admirada do vigor com que D. Maria, a sogra do nosso hospedeiro, abria o seu caminho nessa vegetação emaranhada e ajudava a desimpedir a passagem abatendo os galhos com o seu facão. Nessa terra tão quente, seria de supor que as mulheres fossem indolentes e moles, e assim bem o é nas cidades onde têm hábitos de lânguida indolência desconhecidos das mulheres de nossos países; no Alto Amazonas, porém, as que são criadas fora das cidades e vilarejos, no meio dos índios, são às vezes muito enérgicas; metem mãos ao remo e à rede tão valentemente como o próprio homem. (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 147)

Na narrativa deste casal a falta de coerência entre o visto/testemunhado e a opinião/juízo de valor é uma constante. Fica claro, no texto sublinhado, pelos adjetivos usados para caracterizar o caráter do povo brasileiro, que a viajante tinha ideias pré-concebidas, formadas à luz de padrões e modos de viver dos países de onde provinham,²⁹¹ e que mesmo diante de atitudes que provassem o contrário o estereótipo e o estigma prevaleciam. Esta atitude face ao Outro põe em evidência o processo de seleção operado pelo autores das narrativas de viagem, os quais evidenciam ou silenciam determinados aspectos em detrimento de outros, de acordo com os seus interesses e agendas: “Our images of foreign countries, peoples and cultures mainly derive from selective value judgements (which are in turn derived from selective observation) as expressed in travel writing and in literary representations” (Beller, 2007:4).

Como disse Venuti (2002): “A tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras” (130). Se considerarmos que não encontramos nos paratextos das traduções analisadas qualquer comentário acerca dos preconceitos veiculados nos textos originais, entendemos que as traduções contribuíram para disseminar os estereótipos advindos da cultura de partida, vinculando “estigma a grupos étnicos raciais e nacionais específicos” (*idem*), neste caso aos habitantes da Amazônia, gerando eventualmente aversão pela diferença cultural baseada no etnocentrismo, e até mesmo no racismo, como continuaremos a ver em seguida.

²⁹¹ Ressaltamos que o Sr. Agassiz era suíço, naturalizado norte-americano e a Sra. Agassiz norte-americana.

III.3. Os diferentes olhares sobre a mestiçagem: da mácula à plenitude do ser

As raças puras e miscigenadas foram marcadamente descritas na obra do casal Agassiz. Refere Elizabeth: “Em todos os portos de mar, o mercado de peixes é o ponto favorito de Agassiz; há para ele aí um interesse todo especial, pela variedade e beleza dos peixes que todas as manhãs são trazidos.” (Agassiz/Mendonça, 1938: 119). E depois complementa, dizendo que costuma “muitas vezes acompanhá-lo pelo prazer de ver os mostruários cobertos de laranjas, flores e legumes, e para observar os grupos pitorescos dos negros tagarelando e vendendo as suas mercadorias.” (*idem*). Há, contudo, diferenças entre os olhares de ambos ao descreverem os representantes das raças encontradas pelo caminho. Atente-se, no próximo excerto, à perspectiva da Sra. Agassiz:²⁹²

Sabemos agora que esses negros atléticos, de traços corretos e tipo mais nobre que o dos negros dos Estados Unidos, são *os minas*, originários da província de *Mina* na África ocidental. É uma raça possante, e as mulheres em particular têm as formas muito belas e um porte quase nobre. Sinto sempre o mesmo prazer em contemplá-las, quer na rua quer no mercado, onde se veem em grande número, pois as empregam mais como vendedoras de frutas e legumes do que como criadas. Dizem que há, no caráter dessa tribo, um elemento de independência indomável que não permite empregá-la nas funções domésticas. As mulheres têm sempre a cabeça coberta com um alto turbante de musselina e trazem um longo xale de cores berrantes, ora cruzado sobre os seios, ora negligentemente atirado ao ombro, ou então, se faz frio, estreitamente enrolado em volta do busto, com os braços metidos em suas dobras. A diversidade de expressões que elas sabem, por assim dizer, tirar das diferentes maneiras de usar esse xale é de fato surpreendente. (120-121)

As xilogravuras de registros fotográficos feitos por Augusto Stahl²⁹³, representando a raça mina, e mostradas a seguir, receberam também um comentário da senhora Agassiz sobre a utilidade do xale: “Quando é preciso, esse xale serve também de berço; enrolado frouxo em volta da cintura, recebe nas suas dobras o filhinho que, montado nas costas de sua mãe, adormece docemente embalado pelo balanço pronunciado dos quadris.” (Agassiz/Mendonça, 1938: 121)

²⁹² O relato do casal, como dito anteriormente, foi majoritariamente escrito pela Sra. Agassiz.

²⁹³Theophile Auguste Stahl (1828 – 1877). “É considerado um dos melhores fotógrafos paisagistas a atuar no Brasil durante o século XIX, tendo se dedicado tanto aos retratos como às paisagens — rurais e urbanas — sempre com uma alta qualidade técnica e estética.” (<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=6150>). Acesso em 11.01.2020. Stahl efetuou também retratos de tipos humanos brasileiros, como os incluídos no livro *Viagem ao Brasil, 1865-1866* do casal Agassiz.



Figura 99²⁹⁴

Estas xilogravuras que acompanham o texto acentuam a alteridade da raça negra que, pelas palavras da Sra. Agassiz, não deixa de a fascinar também, pois declara sentir prazer em contemplar as mulheres de raça Mina em quaisquer lugares por onde passavam. Note-se que tal admiração se estende ao modo de ser, ao caráter. Souza comenta o olhar de Elizabeth Agassiz sobre a mulher indígena nos seguintes termos:

Em uma época em que o controle dos corpos e da intimidade era regra, na Amazônia as índias e mestiças aparecem no relato dos Agassiz como portadoras de um grau diferenciado de autonomia, trabalhando na roça sozinhas durante o dia, deslocando-se de canoa pelos igarapés, movimentando-se e trabalhando sem a supervisão dos homens. (2005: 19)

O marido, Louis Agassiz, foi o viajante que mais se interessou em registrar as características físicas e morais do povo da Amazônia, tentando sempre evidenciar a superioridade das raças puras, o que significa considerar a raça branca superior às demais, como teremos oportunidade de mostrar nos excertos que se seguem:

[...] Outra particularidade que impressiona o estrangeiro é o aspecto de depauperamento e fraqueza da população. Já o havia anteriormente assinalado; porém, nas províncias do Norte, o fato é mais frisante que nas do Sul. Já não é que se trate apenas do fato de se verem crianças de todas as cores: a variedade de coloração testemunha, em toda sociedade em que impera a escravidão, o amálgama das raças. Mas é que no Brasil essa mistura parece ter tido sobre o desenvolvimento físico uma influência muito mais desfavorável do que nos Estados Unidos. É como se toda a pureza do tipo houvesse sido destruída e resultasse um composto vago, sem caráter e sem expressão. Essa classe híbrida, ainda mais marcada na Amazônia por causa do elemento índio, é numerosíssima nos povoados e nas grandes plantações; o fato, tão honroso

²⁹⁴ Agassiz/Vogeli, 1869: 99. Agassiz, 1868: 84. Xilogravuras a partir de fotografias de Augusto Stahl.

para o Brasil, de o negro ter pleno e inteiro acesso a todos os privilégios do cidadão tende a aumentar antes que diminuir a sua importância numérica. (Agassiz/Mendonça, 1938: 365)

Abaixo, a nota de Agassiz sobre o excerto:

Aqueles que põem em dúvida os efeitos perniciosos da mistura de raças e são levados, por uma falsa filantropia, a romper todas as barreiras colocadas entre elas, deveriam vir ao Brasil. Não lhes seria possível negar a decadência resultante dos cruzamentos que, neste país, se dão mais largamente do que em qualquer outro. Veriam que essa mistura apaga as melhores qualidades quer do branco, quer do negro, quer do índio, e produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu. Numa época em que o novo estatuto social do negro é, para os nossos homens de Estado, uma questão vital, seria bom aproveitar a experiência de um país onde a escravidão existe, é verdade, mas onde há mais liberalismo para com o negro do que nunca houve nos Estados Unidos. Que essa dupla lição não fique perdida! Concedamos ao negro todas as vantagens da educação; demos-lhe todas as possibilidades de sucesso que a cultura intelectual e moral dá ao homem que dela sabe aproveitar; mas respeitemos as leis da natureza e, em nossas relações com os negros, mantenhamos, no seu máximo rigor, a integridade do seu tipo original e a pureza do nosso. (L. A.) (Agassiz/Mendonça, 1938: 366 – Nota de rodapé)

Os trechos transcritos demonstram o quanto o olhar/a escrita de viajantes estrangeiros é capaz de ojerizar a miscigenação identificada no Brasil e tal está relacionado ao fato de os autores considerarem os negros e, de forma mais intensa e frequente, os índios, como seres humanos de certa forma incapacitados, ou seja, desprovidos de inteligência social e emocional. Quando escrevem que a miscigenação “produz um tipo mestiço indescritível cuja energia física e mental se enfraqueceu”, na verdade deixam transparecer implícita e claramente que consideram o mestiço inferior e fraco, porque resultante da perda das melhores qualidades do branco, principalmente de sua pureza étnica, física e mental. A seu ver, esse hibridismo significa uma mistura que “apaga” as melhores qualidades quer do branco, quer do negro, quer do índio; no fundo, porém, lamentam apenas o apagamento étnico da raça branca, que consideram pura e plena de qualidades. Assim prossegue Agassiz, nas suas considerações, os detalhes sobre as raças:

O resultado de ininterruptas alianças entre pessoas de sangue misturado é uma classe de indivíduos em que o tipo puro desapareceu, e com ele todas as boas qualidades físicas e morais das raças primitivas, deixando cruzados, que causam horror aos animais de sua própria espécie, entre os quais não se descobre um único que haja conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural²⁹⁵ que fazem do cão de pura raça o companheiro e o animal predileto do homem civilizado. O que complica o problema das relações existentes entre as raças humanas,

²⁹⁵ Sublinhados nossos.

é que a definição de espécie longe está de haver sido estabelecida em bases definidas. (Agassiz/Mendonça, 1938: 374)

Considerando os realces acima, sobre a mistura de raças do povo brasileiro, nota-se que essa escrita de viagem de origem anglófona destaca o quanto é lamentável a existência de uma classe de *indivíduos* (a escolha deste termo já demonstra o traço menos pessoal, ou humano, que atribuem a essa classe miscigenada) em que o tipo puro (o branco) desapareceu, com todas as boas qualidades físicas e morais inerentes. Percebe-se que o uso do pronome indefinido *todas* destaca, justamente, o quanto o cruzamento com as raças negra e indígena criou seres etnicamente pobres, “cruzados/bastardos tão repulsivos quanto os cães amastinados, que causam horror aos animais de sua própria espécie.” (Agassiz/Mendonça, 1938: 374; Agassiz/Etienne Filho, 1975: 184). Sentimos uma profunda necessidade de chamar especial atenção para a declaração em destaque, por ter sido a que mais nos causou repulsa e estarrecimento: pelo fato de Agassiz comparar seres humanos com animais irracionais, igualmente pelo desprezo demonstrado para com os animais, e pela enorme depreciação dos miscigenados.

Agassiz, com base em ideias filiadas no racismo científico, constrói uma imagem dos índios como seres desprovidos de inteligência, nobreza e afetividade natural, seres na condição de animais impuros, selvagens, sem alma e religião; inferiores ao animal de raça pura do branco civilizado. Perguntamo-nos como foi possível Agassiz apresentar uma visão tão negativa dos índios brasileiros, e não levar em consideração os modos revelados durante as inúmeras vezes em que conviveu com eles, e se abrigou em suas modestas mas acolhedoras moradas. E foram inúmeras as vezes em que teve oportunidade de apreciar, juntamente com sua esposa, o lado cordial dos índios, como o episódio registrado pela senhora Agassiz: “Fizeram-nos afável e doce acolhida. As mulheres juntam-se em volta de mim e passam revista às minhas vestimentas, porém sem grosseria nem rudeza.” (Agassiz/Etienne Filho, 1975: 119). Ou um outro que ocorreu quando hospedados pelo Sr. Maia e sua família: “fazem o que podem para nos sentirmos bem sob o seu teto; também as crianças, como seus pais, nos dão mostras dessa cortesia espontânea que tanto nos admirou encontrar entre os índios.” (123). Quanto à suposta falta de sabedoria dos índios, dos caboclos e de todos os miscigenados, perguntaríamos: o que seria dos viajantes se não fossem eles a conduzi-

los pelas matas e rios da Amazônia? Quantas vezes tiveram que fazer uso de ervas, óleos e plantas extraídos das florestas com a orientação dos habitantes locais para se curarem de males como as sezões,²⁹⁶ por exemplo? Infelizmente, os conhecimentos dos habitantes locais e o seu caráter afável não foram suficientes para que as ideias pré-concebidas e disseminadas por alguns dos viajantes oitocentistas fossem aos poucos ressignificadas através de olhares mais desprovidos de preconceitos.

O trecho de Elizabeth Agassiz que apresentamos de seguida está inserido no Capítulo V “*De Pará a Manaus*”, na subseção “Cortesia dos índios”, e refere-se a um passeio pela floresta que se estende depois por um canal e desemboca no rio onde o navio dos Agassiz estava fundeado. Em destaque surge a maneira como os índios tratavam os viajantes estrangeiros:

Mas voltemos ao nosso passeio. Um dos índios nos convida a prolongá-lo até a sua casa, que, diz ele, *é/fica* um pouco mais distante, na floresta. Decidimo-nos sem custo pois que o caminho que ele aponta é dos mais atraentes e mergulha nas profundezas da floresta. Ele nos precede, marchando nós alguns passos atrás; a todo instante temos que atravessar, por cima de um tronco de árvore, algum pequeno córrego, e, como não estou muito segura de mim, o meu guia o percebe: corta incontinentemente uma vara comprida onde eu possa ter um ponto de apoio, e eis-me mais corajosa. Logo, porém, chegamos a um lugar em que a água é tão profunda que meu bastão se torna curto demais, e como o tronco arredondado em que/*sobre* que tenho de passar sacode e balança um pouco, não ousou avançar. Declaro, no meu mau português, ao índio o medo que estou sentindo: “não, minha branca”, diz-me ele, para me encorajar, “não tenha medo”.²⁹⁷ Então, como que tocado por uma ideia/*ideia súbita*, ele me previne/*avisa-me* que espere, e, remontando o canal de alguns passos desprende a sua canoa, fá-la deslizar até o ponto em que estou e me transporta para a margem oposta. Mesmo em frente, estava a sua linda e pitoresca cabana: trouxe-me os seus filhos e me apresentou à sua mulher. Há nessas *pobres criaturas* uma *cortesia natural* realmente cativante. **O major Coutinho²⁹⁸, que viveu muito tempo no meio deles, assegura que ela é geral e caracteriza todos os índios da Amazônia.**

Quando, depois de nos despedirmos, embarcamos na canoa, pensávamos que iríamos, simplesmente atravessar o curso d’água/*a água*, mas o índio virou a proa da sua ligeira embarcação no sentido da corrente, e afundou-se na floresta. Jamais esquecerei este passeio, tanto mais encantador quanto menos previsto, sobre a estreita trilha líquida, na sombra quase negra/*negra*, sob os arcos espessos dos cipós que o cobrem com suas abóbadas. E, entretanto, o dia não estava escuro: fora, o sol /*Sol* poente tingia o céu de ouro e púrpura, e os seus derradeiros raios, vindo quebrarem-se/*quebrar-se* por entre as espessas ramagens, acendiam quentes

²⁹⁶ O mesmo que malária, impaludismo. É uma doença infecciosa transmitida por mosquitos e provocada por protozoários parasitários do género *Plasmodium*. Manifesta-se através de sintomas como febre e dores de cabeça, que em casos graves podem progredir para coma ou morte. Fonte: <https://educalingo.com/pt/dic-pt/impaludismo>. Acesso em 20.02.2020.

²⁹⁷ Mendonça introduz a nota: “Em português no texto original as palavras entre aspas”. (Agassiz/Mendonça, 1938: 205 – Nota do trad. 97)

²⁹⁸ João Martins da Silva Coutinho (1830-1889). Matemático, militar, funcionário público (inspetor geral das terras públicas na província do Pará; membro da Comissão Científica encarregada da exploração de algumas províncias do norte; explorador dos rios que banham o Amazonas). Exerceu várias comissões do governo imperial. Fonte: Biblioteca Digital de Literaturas de Língua Portuguesa. <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=16437>. Acesso em 12/03/2020.

clarões/iluminavam com quentes clarões no interior da floresta. Não esquecerei também a amável acolhida do nosso amigo índio, nem a sua figura risonha quando nos escapava alguma exclamação de prazer diante da cena tão bela de que nos tinha proporcionado a surpresa. O pequeno canal, depois de uma última volta, desembocou no rio, e nós nos encontramos a algumas braças do embarcadouro em que estava fundeado o nosso navio. O amável remador nos deixou sobre os degraus da escada, e depois com uma cordial despedida de sua parte e muitos agradecimentos da nossa, afastou-se. (Agassiz/Mendonça, 1938: 213-214; Agassiz/ Etienne Filho, 1975:112-113)

O trecho destacado em *bold* serve para enfatizar o caráter cortês da família indígena, reiterado pelo major de engenheiros Coutinho,²⁹⁹ que é citado em várias passagens da narrativa do casal Agassiz pela colaboração relevante prestada à expedição. Diferentemente das expectativas da Sra. Agassiz, que considerava os índios “pobres criaturas”, o índio demonstrara ser possuidor de qualidades nobres: cavalheirismo, ao ajudá-la a caminhar na floresta e a trafegar pelo canal, assim como cortesia ao apresentar sua mulher e filhos. Amabilidade, cordialidade e destreza também estão presentes na conduta do guia.

No excerto a seguir, da seção intitulada “Partida de Maués – Índio Mundurucu e sua mulher”, a Sra. Agassiz explica que haviam convidado um casal de índios para viajar com eles até à cidade de Manaus, na tentativa de convencê-los a se deixarem fotografar. Como grande observadora, ao longo da viagem estuda com interesse a maneira de agir dos Mundurucu, relatada nos seguintes termos, com realce em sublinhado:

20 de dezembro – Partimos esta manhã de Maués, levando connosco o índio mundurucu e sua mulher; o presidente espera que em Manaus eles deixem tirar o retrato e que as suas fotografias venham a fazer parte do nosso álbum. Estudo com muito interesse a sua maneira de agir. Caracterizam-se por guardarem perfeita conveniência, o que lhes assegura o respeito: não deixaram as cadeiras em que o capitão os fez sentar, e daí só se mexeram para trazer para perto de si a sua pequena bagagem; a mulher tirou desta a sua costura e pôs-se a trabalhar, enquanto que o marido enrola cigarros numa palha que os índios empregam para esse fim. São certamente ocupações bem civilizadas para selvagens. Como não falam português, não podemos conversar com eles, senão por intermédio do intérprete ou do major Coutinho, que tem grandes conhecimentos da “língua geral”. Respondem mais à vontade e parecem mais dispostos a conversar do que quando os vimos pela primeira vez. Mas, quando se dirige a palavra à mulher ou se lhe oferece qualquer coisa, ela se volta invariavelmente para o marido, como se toda decisão devesse partir dele. Poder-se-ia imaginar que as tatuagens desses índios fariam necessariamente desaparecer todo traço de beleza física. Isto não se dá para com o casal que temos diante de nós. Os traços são finos; a estatura sólida e firme, mas não pesada, e, no seu

²⁹⁹ O major Coutinho, teve atuação relevante não somente na Expedição Thayer, mas por ter participado na “definição do território nacional através da demarcação das fronteiras e da exploração de áreas e rios ainda pouco conhecidos da Amazônia. [...] Foi responsável por estudos e pela implantação de longos trechos de estradas de ferro, visando ao desenvolvimento econômico e à integração nacional.” (Silva et al., 2013: 458) <https://doi.org/10.1590/S0104-59702013000200006>.

porte, há mesmo uma dignidade passiva que se nota apesar da tatuagem. Não conheço nada mais calmo que a fisionomia do homem; não é uma estupidez obtusa, pois o olhar é observador e denota sagacidade, mas conserva uma expressão de tranquilidade tal que não se pode imaginar que possa ter alguma vez outro diferente. A fisionomia da mulher tem mais mobilidade; ilumina-se de quando em vez com um sorriso, e os traços têm uma amável suavidade; mesmo as pseudo lunetas pintadas não destroem a doçura e a languidez do olhar, expressão comum nas mulheres de raça indígena, e parece que característica das judias pertencentes às tribos da América do Sul,³⁰⁰ pois Humboldt já o observara nas populações das províncias espanholas situadas ao norte do Brasil. (Agassiz/Mendonça, 1938: 395-396; Agassiz/Etienne Filho, 1975: 195-196)

Apesar de os Agassiz procurarem atitudes e expressões menos civilizadas no casal de índios, a narrativa aponta traços positivos e em sentido contrário ao esperado; mais uma prova de que tais expectativas eram embasadas em ideias racialistas-poligenistas, defendidas pelo cientista ao longo de muitos anos.

Convém frisar também que a Expedição Thayer contou com o trabalho de especialistas que contribuíram para retratar a fauna e a flora da região, como o desenhista Jacques Burkhardt (1808-1867)³⁰¹ e o fotógrafo Walter Hunnewell (1844-1921),³⁰² que registrou as diferentes fisionomias da população mestiça no Amazonas e cujas fotos antropométricas se encontram hoje arquivados no *Peabody Museum of Archeology and Ethnology* da Universidade de Harvard. Contou também com a colaboração dos Srs. Stahl e Wahnschaffe,³⁰³ que se encarregaram de fotografar os “negros de puro sangue” no Rio de Janeiro. As fotos foram capturadas de Agassiz/Etienne Filho, 1975: 195.

³⁰⁰ Os sublinhados marcam a forma de caracterizar não somente os aspectos de natureza física, mas comportamentais dos índios Mundurucus, pela voz da Sra. Agassiz.

³⁰¹ Artista suíço associado por muitos anos a Agassiz, era funcionário do Museu de Zoologia Comparada. Sua colaboração na Expedição Thayer concretizou-se pela produção de um conjunto de quase três mil aquarelas da flora, da fauna e das paisagens visitadas. (Machado, 2010: 172)
Para os desenhos científicos de Burkhardt, acessar:
<https://curiosity.lib.harvard.edu/jacques-burkhardt-scientific-drawings>

³⁰² Estudante de Harvard e coletor voluntário da Expedição Thayer, que produziu uma série de mais de 100 fotografias das raças mestiças do Amazonas.

³⁰³ Não encontramos dados sobre o Sr. Wahnschaffe. Tanto nos TP quanto nas traduções o seu nome vem sempre associado ao de Stahl. Aparece mencionado também na *Encyclopedia of Nineteenth-Century Photography*, pág. 486, na referência “Stahl & Wahnschaffe (1862)”. Acreditamos ser um dos auxiliares de Jacques Stahl, no Rio de Janeiro.

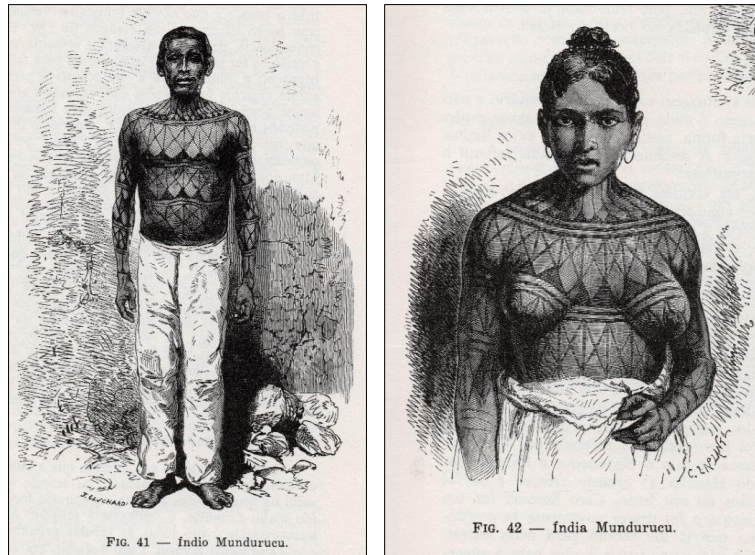


Figura 100³⁰⁴

Nas fotos apresentadas, percebe-se o constrangimento nos olhos da índia, por ter de baixar o vestido para mostrar os seios. A fisionomia do índio deixa transparecer perplexidade, talvez por não entender o motivo de ter de se deixar fotografar. No entanto, a narrativa descreve algo totalmente diferente: sorriso e “mobilidade” no rosto da mulher e calma na fisionomia do homem. Sem se importar com a cultura dos índios, a Sra. Agassiz diz que o grande obstáculo para conseguirem as fotografias dos locais foram os preconceitos populares, pois “Reina entre os índios e os negros a superstição de que um retrato absorve alguma coisa da vitalidade do indivíduo nele representado e que está em grande perigo de morte aquele que se deixa retratar. Tal ideia está tão profundamente arraigada que não foi fácil vencer as resistências.” (Agassiz/Mendonça, 1938: 343-344). E continua, dizendo que o desejo de se verem em imagem ia crescendo, até que os mais tímidos eram convencidos pelos mais corajosos a se deixarem fotografar. Como podemos ver, os objetivos da comitiva dos Agassiz eram sempre alcançados.

A mestiçagem no Brasil não integra somente a identidade nacional do seu povo, também agrega valores culturais singulares e muito ricos e promove uma diversidade valiosíssima. A mestiçagem é, sem dúvida, um cruzamento biológico, mas também um

³⁰⁴ Agassiz/Etienne Filho, 1975: 195 – Índios Mundurucu, reproduzidos na «Reconquista».

cruzamento de culturas, com efeitos sociais e históricos (Sousa Filho: 2001: 12). A carga intensa de preconceito e de juízo de valor negativo revelada por Agassiz acerca dos miscigenados prende-se não somente às características físicas, mas também ao caráter moral das pessoas das raças a que chama “primitivas”. A ideia de superioridade da raça branca em relação às demais aponta para um posicionamento da era pós-colonialista:

Postcolonialism involves first of all the argument that the nations of the three non-western continents (Africa, Asia, Latin America) are largely in a situation of subordination to Europe and North America, and in a position of economic inequality. Young (2003: 4)

Infelizmente, a visão depreciativa sobre as “raças” brasileiras não partiu somente de olhares anglófonos, em especial do cientista Agassiz. O escritor pré-modernista Euclides da Cunha (1866-1909), em sua obra *Os Sertões*, publicada em 1902, onde narra acontecimentos da sangrenta Guerra de Canudos, na Bahia, no período de 1896 a 1897, também se refere aos sertanejos (nordestinos) como uma raça inferior, isolada geograficamente e que não pode ser comparada aos sulistas brasileiros. A contestação a este ponto de vista expresso na obra de Agassiz surge pela mão do tradutor da «Brasílica», que remete para a voz de Roquette-Pinto, o qual, com autoridade disse: “O esmagamento fatal das raças fracas pelas fortes é outra doutrina que Euclides, como todos os neodarwinistas, defendia.” (Agassiz/Mendonça, 1938: 374). Mais ainda, que Euclides acreditava que: “O mestiço é quase sempre um desequilibrado; os nossos em particular, mulato, cafuz, ou mameluco, são decaídos, sem a energia dos ascendentes selvagens, sem a atitude intelectual dos ascendentes europeus.” (*op. cit.*). Citando uma vez mais Roquette-Pinto a propósito de Euclides da Cunha:

Ao escritor fulgurante dessas heresias antropológicas, que atualmente nem mesmo os mais ferrenhos darwinistas aceitam integralmente, coube a glória, imorredoura, de demonstrar, no mesmo livro-monumento, onde se encontram tais reminiscências de entusiásticas leituras de Agassiz, o valor insofismável, esmagador, de mestiços que o solo do Brasil permitiu se gerassem cobertos pelo céu dos trópicos. Porque Euclides mostrou que o jagunço é mestiço; e da maneira por que provou o seu valor moral e prático não é preciso dizer, tão brilhante ainda ela perdura na consciência dos que lêem no Brasil. (*idem*)

Roquette-Pinto finaliza suas observações dizendo que o pessimismo de Euclides sobre o futuro dos mestiços brasileiros era “a repetição dos conceitos errados de

Agassiz” e que o naturalista “saiu do Brasil deixando, atrás de si, a tradição de três erros colossais: os blocos erráticos da Tijuca, as espécies ictiológicas individuais do Amazonas e a mestiçagem da população do país.” (374). Para reiterar o que foi dito por Roquette-Pinto sobre os equívocos de Agassiz, estudiosos que tiveram acesso à tradução de Mendonça, reeditada pelo Senado em 2000, acrescentam que “a viagem constitui-se então de uma incessante busca de provas, ainda que retóricas, contra a teoria evolucionista. Trata-se de um dos casos mais pungentes da presença de motivações ideológicas e culturais no discurso das ciências naturais.” (Freitas 54-55, *apud* Meirelles Filho, 2009: 146). Além disso, segundo Machado (2010), Agassiz era o principal defensor do poligenismo nos EUA, ligado aos pensadores racialistas do sul pós-guerra civil Josiah Clark Nott (1804-1873) e Samuel George Morton (1799-1851), foi um dos maiores defensores da ideia de que o mulatismo (“mulattoism”), o casamento inter-racial, a miscigenação, eram nefastos e deveriam ser evitados a todo o custo. (63-65)

Na perspectiva imagológica com que temos vindo a tratar os excertos selecionados, interessa-nos também comparar “as imagens veiculadas por um autor com a(s) imagens veiculadas por outro autor de uma mesma época”, conforme sugerido por Sousa (2014:22). Desta forma, focaremos agora excertos de Bates para os contrapor aos apresentados por Agassiz:

O povo³⁰⁵ era conhecido em toda a província por sua energia e perseverança e tido por tão sagaz nos negócios como os portugueses. As classes baixas são tão indolentes e sensuais como nas outras partes da província, condição moral que não é de admirar num país onde reina um verão eterno e onde as necessidades da vida são facilmente cumuladas. Mas são alegres, perspicazes, comunicativos e hospitaleiros. [...] É interessante encontrar mamelucos demonstrando talento e iniciativa, pois isto prova que não resulta necessariamente a degeneração da mistura de sangue de índio e branco. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 186-187)

Até agora, pode perceber-se que a imagem transmitida ao público europeu e norte-americano no século XIX foi a mesma apresentada através das traduções brasileiras publicadas no século seguinte. Embora tenhamos plena consciência de que o papel do tradutor é traduzir o discurso dos outros, e que ele tem todo o direito de permanecer invisível no texto traduzido, também havemos de considerar que há teóricos que partilham das ideias de Theo Hermans (1996: 27), segundo o qual a

³⁰⁵ Refere-se aqui o autor à população da cidade de Cametá, no interior do Pará.

presença discursiva do tradutor pode permanecer “entirely hidden, unable to be detected and may be directly or forcefully present in paratexts, like prefaces, footnotes, translator’s notes etc.” Desta forma, e principalmente por estarmos tratando de manifestações explícitas de preconceito racial, esperávamos encontrar alguma intervenção do tradutor, nomeadamente através de notas de rodapé em que se sugerisse, por exemplo, a leitura de narrativas de viajantes que estiveram no Brasil antes de Agassiz, como Bates, Wallace e Fletcher, para poderem ter acesso a opiniões diferentes, ou mais moderadas, como se pode ver pela citação atrás, em relação às apresentadas em *Viagem ao Brasil*. E isso temos feito ao longo desta tese.

Os três excertos que se seguem dizem respeito ao serviçal contratado por ele e Wallace, chamado Isidoro. Recordamos que eles se encontram apenas na tradução da «Brasiliana», baseada na primeira edição do texto original, de 1863. Desta forma, somente os leitores da tradução de Mello-Leitão terão acesso aos trechos nos quais a alteridade do negro Isidoro é realçada; quem ler a tradução da «Reconquista», mais facilmente encontrada no mercado após a interrupção da *Brasiliana* eletrônica UFRJ, não terá oportunidade de conhecer a visão de Bates sobre Isidoro, já que o trecho na «Reconquista» diz apenas: “Compramos redes de algodão — que geralmente substituem as camas, na região — louça e utensílios de cozinha, e contratamos um negro livre, chamado Isidoro, como cozinheiro e factótum.” (Bates/Junqueira, 1979:14).

Passemos ao primeiro trecho:

Compramos redes de algodão, (o substitutivo universal da cama nessa região), trens de cozinha, louças de barro e tomámos como cozinheiro e para todo o serviço da casa, um negro fôrro,³⁰⁶ chamado Isidoro. Isidoro já fora antes empregado de ingleses e, embora não tivesse pescado nem duas palavras de inglês, julgava ter um grande talento para compreender e se fazer compreendido. Era divertidíssimo em seus esforços para atender-nos. Como não tivéssemos outro meio de tornar conhecidos nossos desejos, fazíamos rápidos progressos no aprender o português. Fiquei muito surpreendido por não encontrar em Isidoro nem vestígios daquela vileza de caráter, que lera ser a regra entre os negros dos países escravocratas. Isidoro era um negro velho, com uma expressão ansiosa e melancólica no semblante e mostrava sinais de ter sofrido trabalhos excessivos em sua mocidade, que se consumira na escravidão. Os primeiros traços que nele percebi foram um certo amor próprio e espírito de independência. Verifiquei mais tarde que tais qualidades não são raras nos negros fôrros. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 37-38)

³⁰⁶ No original: “a free negro” (Bates, 1864: 5).

No excerto acima, percebe-se um olhar cuidadoso sobre os habitantes locais com quem o viajante conviveu. Este olhar, apesar de Bates ter chegado ao Brasil com determinadas expectativas acerca do caráter de algumas raças, foi capaz de formar uma opinião independente e produzir descrições singulares das pessoas, justificando algumas vezes as características de acordo com a história de vida de cada uma delas. No excerto que se segue, o destaque é primeiramente para a atitude de Isidoro após ter sido repreendido por Bates:

Algum tempo depois dele ter entrado para o nosso serviço, chamei a sua atenção por tardar em preparar o almoço. Não fora culpa sua pois ficara retido muito contra a vontade, no açougue. Respondeu à minha observação sem insolência, mas de modo tranquilo e respeitoso, dizendo-me como as coisas se tinham passado e que eu não devia esperar no Brasil a mesma regularidade que encontrava na Inglaterra, e que *paciência*³⁰⁷ era uma prenda necessária ao viajante brasileiro. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 38)

Bates não se deixava influenciar pelo que tinha ouvido dizer e lido sobre o caráter das raças. Foi um dos poucos que teceram considerações particularizadas sobre as pessoas que encontraram no caminho, sempre procurando estabelecer uma relação entre o comportamento e o meio:

Não havia nada de ridículo em Isidoro. Ele possuía uma gravidade de conduta e um senso de justeza como se poderia exigir em um criado de qualquer país. O amor próprio é devido, na minha opinião, em parte ao tratamento bondoso que os escravos recebiam geralmente de seus senhores brancos nessa parte do Brasil, e em parte à ausência quase completa de preconceitos contra a gente de cor por parte dos habitantes. Este último modo de agir é uma coisa muito auspiciosa. Parece ser animado pela classe dirigente do Brasil e esse amálgama de raças dará, sem dúvida, os mais felizes resultados. Pude mais tarde, como terei ocasião de referir, contar negros livres entre meus melhores amigos: homens de costumes morigerados, quietos, desejando o progresso mental e moral, observando as pequenas cortesias da vida e tão honrados, em assuntos mais importantes, como os brancos e mestiços da província. Isidoro não era, talvez, escrupulosamente honesto em todos os casos, mas a honestidade escrupulosa é qualidade rara nos criados de qualquer parte do mundo. Ele se esforçava por demonstrar que sabia que tinha feito um contrato para cumprir com determinados deveres e procurava, evidentemente, executá-los da melhor maneira ao seu alcance. (39)

Wallace, que compartilhou muitos momentos com Bates, era menos atento a estas minúcias e apresentou Isidoro da seguinte forma: “Contratamos um negro velho chamado Isidoro, para nos servir como cozinheiro e “pau para toda obra”, e fomo-nos

³⁰⁷ De acordo com o tradutor, Mello-Leitão, o termo *paciência* está em português no original: “Frequentemente emprega Bates palavras portuguesas, grafando-as sempre corretamente, pois os seus onze anos de Brasil lhe deram bom conhecimento da língua. Seria estender demasiado estas notas chamar a atenção cada vez que Bates escreve o termo ou a frase em português. Achamos, por isso, de melhor alvitre, não lembrar a cada passo essa particularidade.” (Bates/Mello-Leitão, 1944:39 – Nota do tradutor)

acostumando ao dia-a-dia de arranjar a casa, aprender português e investigar os produtos naturais da região.” (Wallace/Amado: 1979:18). De fato, Wallace não faz comentários sobre a personalidade ou a aparência do negro serviçal. Acrescenta apenas uma ou outra nota em momentos isolados, como: “Isidoro era um ótimo cozinheiro. Ele fazia toda sorte de assados, guisados e cozidos, de carne de vaca, além dos pratos do trivial. (Wallace/Torres, 2004:51); ou “Chegando ao referido local, lá estava o nosso velho Isidoro, que havia acabado de preparar um excelente guisado de tartaruga, ao qual rendemos ampla justiça.”(112) O uso da expressão “pau para toda obra” por parte do tradutor introduz um sabor idiomático, uma marca do falar local, e significa que Isidoro estava pronto para desempenhar qualquer tipo de papel ou função na casa.

Bates fala com propriedade também sobre tribos indígenas, como no caso da tribo dos Mundurucu do Cuparí, protegida contra os maus-tratos pelos missionários da região que zelavam para que as leis brasileiras em defesa dos aborígenes fossem respeitadas:

Seria um erro chamar selvagens aos Mundurucus do Cuparí e de muitas partes do Tapajós. Seu modo de vida regular, seus costumes agrícolas, a lealdade a seus chefes, a fidelidade aos tratados, a delicadeza de trato, lhes dão direito a um título melhor. No entanto eles não mostram aptidões para a vida civilizada das cidades e como o resto das tribos brasileiras, parecem incapazes de qualquer progresso cultural. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 126 – vol.2)

[...]

Os Mundurucus são considerados como os trabalhadores mais hábeis em plumaria de todas as tribos sul-americanas. Mas é muito difícil conseguir que eles se separem destes objetos, pelos quais têm uma espécie de superstição. (130)

[...]

Os índios são vistos aqui sob um ângulo dos mais favoráveis; abandonaram muitas de suas práticas mais bárbaras, e não se deixaram corromper pelo íntimo contato com os brancos das classes inferiores e com os mestiços dos povoados civilizados. Suas maneiras são mais singelas, a conduta mais afável, alegre e franca do que as dos índios que vivem perto das cidades. Eu não podia deixar de notar o contraste entre a sua condição de fartura, e as mostras de costumes ordeiros e trabalhadores, com a pobreza e preguiça da gente semicivilizada de Alter do Chão. (131)

Apesar de os excertos acima transcritos mostrarem uma visão de certa forma romantizada do indígena, provam que as imagens dos índios variam de acordo com o olhar de cada viajante. As impressões de Bates, ajustadas à sensibilidade do tradutor Mello-Leitão, realçam mais as habilidades e condutas positivas das tribos, se comparadas com as descrições de Louis Agassiz. Já em Wallace encontramos uma

descrição da mesma etnia Munduruku/Mundurucu,³⁰⁸ atendo-se a aspectos físicos, sem utilizar adjetivos depreciativos quanto às capacidades dos referidos índios:

O comércio local consiste principalmente na exportação de castanhas, salsaparrilha (que é a melhor do Amazonas), farinha, peixe salgado, sendo alguns desses artigos obtidos dos índios Mundurucus, industriosa tribo que habita o rio Tapajós. (Wallace/Torres, 1939:168)
[...] Na região entre os rios Tapajós e Madeira, no labirinto formado pelos lagos e canais da grande ilha de Tupinambarana, moram os índios Mundurucus, que são os mais guerreiros da Amazônia. Constituem, assim o creio, a única nação perfeitamente tatuada da América do Sul: as suas tatuagens estendem-se-lhes por todo o corpo; fazem-nas, picando a pele com a ponta de um espinho da palmeira pupunha, esfregando nelas, em seguida, a fuligem de breu queimado, a qual produz uma indelével tinta de cor azulada. (662-663)

Em alguns momentos da narrativa de Elizabeth Agassiz, deparamo-nos com uma visão que corrobora a imagem positiva que acabamos de apresentar, desta vez referindo-se primeiramente à cordialidade das índias da comunidade Vila Bela, junto da qual a comitiva de Agassiz procurou novas espécies de peixes:

Fizeram-nos afável e doce acolhida. As mulheres se agrupam/se juntam em volta de mim e passam em revista as minhas vestimentas, porém sem grosseria nem rudeza. A rede que prende os meus cabelos muito lhes/as preocupa; depois pegam em meus anéis, meu correntão/minha corrente de relógio, e, evidentemente, discutem entre si a "branca". (229/119) [...]
Já era dia feito quando fui acordada pelas mulheres da casa, trazendo-me, com seus bons-dias, um apanhado/um ramalhete encantador de rosas e jasmims colhidos nas proximidades/nos arbustos nas proximidades. Depois de uma tão/de tão amável atenção, não lhes pude recusar o prazer de assistirem à minha toailete, a ainda menos deixar de consentir/impedir que abrissem a minha maleta e retirassem dela, um a um, todos os objetos. (Agassiz/Mendonça, 1938: 230; Agassiz/Etienne Filho, 1975: 119)

Mais adiante, Elizabeth Agassiz traça o perfil da família indígena ao dizer que o homem ribeirinho exerce primordialmente a função de pescador; a mulher, ao contrário, é muito laboriosa e está constantemente ocupada com afazeres como ralar mandioca, secar farinha, comprimir tabaco, varrer a casa, cozinhar, etc.; as crianças mais velhas têm como tarefa ir buscar água ao rio/lago, lavar a mandioca e cuidar dos menores. Mesmo com tantas ocupações, a mulher ainda revela sua vaidade ao mudar de roupa, após terminar seus afazeres, e enfeitar os cabelos; no entanto, o hábito de fumar cachimbo tira-lhe um pouco o ar sedutor, na visão da Sra. Agassiz. Já os homens

³⁰⁸ Nos volumes encontram-se os termos grafados de ambas as formas, sem que isso signifique alguma diferença.

se alegram ao saborearem um copo de cachaça que lhes é oferecido todas as vezes que trazem um espécime novo para a coleção dos naturalistas.

Um outro aspecto interessante realçado pela Sra. Agassiz é o compartilhamento de diversão entre a comitiva da expedição Thayer e as famílias indígenas. É ela quem toma a iniciativa ao convencer um seu anfitrião, cujo nome lhe parece ser Laudigari,³⁰⁹ a tocar alguma coisa para que eles ouvissem, e ao pedir à esposa daquele, Esperança, e a uma outra índia, Miquelina, que lhes mostrassem algumas de suas danças. Após se recusarem por algum tempo, as índias aceitaram dançar, mas sem muita animação. Foi então que Esperança pediu à Sra. Agassiz para lhes mostrar uma dança do seu país. A partir daí a interação é perfeita, como descreve Elizabeth Agassiz:

Concordei de bom grado e tomando o braço do nosso amigo R. , fiz algumas voltas de valsa, com grande alegria deles. Pareceu-me que estava tendo um estranho sonho; conosco rodavam o fogo aceso e os seus trêmulos reflexos sobre a palha do alpendre, e mais o pitoresco interior iluminado em cheio, e as figuras maravilhadas das índias. Rodeando-nos de perto, elas exclamavam de tempos em tempos para nos animar: — “Muito bonito, minha branca! Muito bonito!”³¹⁰. Os divertimentos se prolongaram até muito tarde, porque muito tempo depois de estar eu deitada em minha rede, ainda ouvia num meio sono os sons plangentes do violão [...] (Agassiz/ Mendonça, 1938: 235)

Em todos estes excertos, a ideia que fica é a de que, respeitada a cultura dos indígenas, havia empatia nas interações com os viajantes. No entanto, o olhar positivo patente nas descrições da autoria da Sra. Agassiz apresentadas até agora parece não ter tido a menor influência sobre o pensamento do seu marido cientista, como veremos nos excertos que se seguem, retirados do “Apêndice V - Permanência dos traços característicos nas diferentes espécies humanas”. Primeiramente, citamos a justificativa de Louis Agassiz sobre os seus estudos das raças locais:

Sendo o principal objetivo dos meus estudos na Amazônia verificar o caráter e o modo de distribuição das faunas fluviais, não pude empreender sobre as raças humanas observações cuidadosas, baseadas em medidas minuciosas e mil vezes repetidas, que caracterizam os recentes trabalhos dos antropologistas. Um estudo aprofundado das diferentes nações e dos indivíduos de sangue misturado, que habitam o vale amazônico, exigiria anos de exame e paciente observação. Fui forçado a contentar-me com os dados que pude colher por assim dizer à margem dos meus outros trabalhos, e de me limitar, no estudo das raças, ao que chamarei de método da história natural: isto é, a comparação de indivíduos de uma e outra categoria, tal como fazem os naturalistas que confrontam exemplares de espécies diferentes. Foi coisa relativamente fácil numa região quente, onde a parte inculta da população anda seminua e às vezes mesmo não usa a menor roupa. Numa longa estadia em Manaus, o Sr. Hunnewell tirou

³⁰⁹ Assim soou o nome do anfitrião aos ouvidos da Sra. Agassiz.

³¹⁰ Nota do tradutor (102): “Em português no original.” (Agassiz/ Mendonça, 1938: 235)

grande número de fotografias características de índios, negros e mestiços, nascidos quer dessas duas raças quer de uma delas e da branca. Todos esses retratos representam indivíduos escolhidos em três posições normais: de frente, de costas e de perfil. Espero um dia publicar esses retratos assim como os de negros de puro sangue tirados para mim no Rio pelos Srs. Stahl e Wahnschaffe. (621-622)

O próprio Agassiz demonstra a fragilidade de sua teoria sobre as raças: primeiro, por não ter sido seu objetivo principal estudá-las, mas sim verificar a distribuição das faunas fluviais; segundo, por não ter validado sua pesquisa através de medidas cuidadosamente repetidas; terceiro, por saber que seria necessário um estudo aprofundado durante anos de comparações e confrontos das diferentes nações e dos indivíduos miscigenados; finalmente, por admitir que suas conclusões foram baseadas no que ele chamou de “método de história natural”. Acrescentaríamos que as ideias de Agassiz e dos que pensavam como ele são fruto de práticas de dominação externa, em que não há uma preocupação em analisar e compreender os verdadeiros valores do Outro. Os termos utilizados nas comparações entre as raças humanas e animais irracionais demonstram que o autor não teve o menor escrúpulo em estabelecer esse tipo de analogia:

O que desde logo me impressionou, vendo índios e negros reunidos, foi a diferença marcada que há nas proporções relativas das diferentes partes do corpo. Como os macacos de braços compridos, os negros são em geral esguios; têm pernas compridas e tronco relativamente curto. Os índios, ao contrário, têm as pernas e os braços curtos e o corpo longo; a sua conformação geral é mais atarracada. Prosseguindo na minha comparação, direi que o porte do negro lembra os Hilobatas esguios e inquietos, ao passo que o índio tem algo do orango inativo, lento e pesado. (622)

Após uma longa descrição das “diferenças primordiais entre as raças puras” (625), Agassiz retoma o assunto da miscigenação, caracterizando os habitantes miscigenados da seguinte forma:

Algumas palavras apenas para fazer ver quão profundamente arraigadas são as diferenças primordiais entre as raças puras. Como as espécies distintas de animais, as diferentes raças humanas dão mestiços pelo cruzamento e os mestiços nascidos de raças diversas apresentam uma grande diferença. O mestiço de branco com preto, chamado mulato, é por demais conhecido para que eu necessite descrevê-lo; tem os traços elegantes e a cor clara; é cheio de confiança em si, porém indolente. O mestiço de índio com negro, que se designa por cafuzo, é muito diferente: seus traços nada têm da delicadeza dos do mulato; a sua cor é carregada, seus cabelos longos, finos e anelados, e o seu caráter apresenta uma feliz combinação do humor afável do negro e da enérgica rusticidade do índio. O mestiço de branco com índio, denominado mameluco no Brasil, é pálido e efeminado, fraco, preguiçoso, embora obstinado. Parece que a

influência do índio tem a força justamente precisa para anular os altos atributos do branco, sem comunicar ao produto nada da sua própria energia... (625)

Da descrição da mistura do branco com o preto, do índio com o negro e do branco com o índio resulta aqui uma visão pejorativa, principalmente quanto à mistura do índio com o negro e com o branco, traduzida por adjetivos como “enérgica rusticidade”, “pálido e efeminado”, “fraco”, “preguiçoso”, qualificativos de uma imagem negativa que, na verdade, começou a ser propagada desde os primeiros contatos dos estrangeiros com os indígenas no Brasil.

Os adjetivos desempenham um papel central no discurso que constrói as imagens nacionais que são disseminadas através da literatura e que passam a funcionar como estereótipos. Beller (2007:4), nas palavras de Lippmann (1922: 81), equaciona o papel das ideias preconcebidas, apriorísticas, na avaliação do Outro: “For the most part we do not first see, and then define, we define and then see”. E acrescenta: “This implies that our way of seeing and judging is conditioned by preconceived notions, prejudice and stereotypes.” (*idem*). Foi isso que acabamos de testemunhar nos excertos apresentados sobre a mistura de raças do povo do Pará, primeiramente através dos tradutores de Agassiz, e agora nas palavras dos tradutores de Wallace que, embora de uma forma menos depreciativa, replicam alguns estereótipos, os quais, por natureza, têm tendência a cristalizar no tempo:

The inhabitants of Para present a most varied and interesting mixture of races. There is the fresh-coloured Englishman, who seems to thrive as well here as in the cooler climate of his native country, the sallow American, the swarthy Portuguese, the more corpulent Brazilian, the merry Negro, and the apathetic but finely formed Indian; and between these a hundred shades and mixtures, which it requires an experienced eye to detect. (Wallace, 1889: 6 - Chapter I)

Os habitantes do Pará apresentam a mais variada e a mais curiosa mistura de raças. Veem-se o inglês, de faces coradas, parecendo tão bem adaptado como nos climas frios de sua terra natal, o americano pálido, o português trigueiro, os brasileiros corpulentos, os sorridentes negros, os índios indolentes, de corpo em geral bem-conformado, e entre estes umas cem sombras e misturas, que exigem vista esperta para as diferenças. (Wallace/Torres, 1939: 9 – Cap. I)

Os habitantes do Pará apresentam a mais variada e interessante mistura de raças. Temos aqui o inglês corado, que parece não estranhar esse clima tão diferente do de sua terra natal; o pálido americano, o português trigueiro, o brasileiro robusto, o negro jovial e o índio de ar impassível e de físico atlético. Entre estes, uma centena de gradações e misturas que somente olhos muito sagazes poderiam discernir. (Wallace/Amado, 1979: 24 – Cap. I)

É interessante notar que há uma prática de generalização por parte dos autores, ao tomarem casos individualizados por representações de todo um povo. Será que todo o americano é “corado” e todo o português “trigueiro”? Dá-se também relevo aos traços de personalidade, e aqui encontramos o uso de termos diferentes para traduzir “apathetic”, pois “ar impassível” nos remete para uma impressão, o que significa dizer que os índios podiam parecer apáticos, enquanto que “indolentes” sugere mais um traço de temperamento ou de caráter, que não está presente no texto original e é, pois, acrescentado pelo tradutor Torres. Do nosso ponto de vista, tais caracterizações não levavam devidamente em conta fatores externos, como as condições climáticas, a rotina dos índios, seus hábitos e valores, enfim todo um ambiente e uma cultura que propiciavam e explicavam certos comportamentos, inclusive a falta de motivação, ou até de ambição dos índios em prestarem serviços aos viajantes por períodos longos, somente porque estavam sendo bem pagos.

O modelo de estereótipo apresentado por Mason (2007) acomoda-se à construção da imagem do Outro amazônico pelo europeu:

An alternative model for the construing of the other in terms of self is a system of concentric circles of increasing distance from self. Rendered in terms of degrees of civility, such a model informs many of the allegories of the four continents (in which Europe is more civilized than Asia, which in turn is more civilized than Africa or America³¹¹). It can also be found in the textual and visual record of the Amerindian, Afro-Brazilian, Mestizo and European populations of North-East Brazil in the seventeenth century, and in genre of *casta* painting in eighteenth-century Mexico. (88-89).

Esses graus de “civildade” parecem guiar o modo de pensar dos viajantes anglófonos que, de acordo com os interesses que os levaram ao Brasil e o tipo de interação que estabeleceram com os indígenas, traçaram perfis diversos, uns evidenciando aspectos físicos, outros comportamentais, e também a situação social dos indígenas do Pará, como faz Bates no primeiro volume de *O Naturalista no Rio Amazonas*. Veja-se o seguinte excerto, aqui traduzido de forma bastante fiel ao TP por Mello-Leitão:

³¹¹ Sublinhado nosso.

As tribos originais do distrito estão atualmente civilizadas ou amalgamadas com os imigrantes brancos e negros. Os nomes pelos quais se distinguiram as tribos ficaram de há muito olvidados, e todos são agora conhecidos pela designação geral de tapuios, que parece ser um dos antigos nomes dos Tupinambás. Os índios do interior, que ainda se conservam em estado selvagem, são chamados pelos brasileiros *índios* ou *gentios*. Todos os tapuios semicivilizados das aldeias, bem como os habitantes dos retirados lugarejos, falam habitualmente a Língua Geral, adaptada pelos missionários Jesuítas do idioma primitivo dos Tupinambás. [...] O tapuio civilizado do Pará não difere do índio do interior em nenhum ponto essencial, físico ou moral. É mais robusto, por ser melhor alimentado; mas a este respeito há grandes diferenças entre as tribos. (Bates/Mello-Leitão, vol. 1, 1944: 112-113)

[...] As feições quase não mostram mobilidade de expressão, o que está ligado ao caráter excessivamente apático e indiferente da raça. Nunca demonstra as emoções de alegria, tristeza, espanto, medo, que efetivamente parece não sentir com intensidade. Nunca pode ser levado ao entusiasmo, mas possui fortes afeições, especialmente as ligadas à família. Os brancos e negros dizem geralmente que o índio é ingrato. As donas de casa brasileiras, que têm muita experiência do índio, contam sempre aos estrangeiros uma longa fieira de casos, demonstrando a sua ingratidão. Na verdade, ele parece não recordar ou pensar em pagar os benefícios recebidos, mas isto é devido, provavelmente, a que não considera ou não avalia os benefícios do mesmo modo que os seus patrões. Conheci casos de dedicação e fidelidade de índios para com seus patrões, mas são casos excepcionais. Todos os atos do índio provam que o seu desejo dominante é que o deixem só: está muito arraigado ao seu lar, à sua floresta monótona e tranquila e à vida do rio; gosta de ir à cidade uma vez por outra, para ver as maravilhas introduzidas pelo branco, mas tem uma grande aversão pela vida no meio da multidão. Prefere os trabalhos manuais à agricultura e sobretudo não gosta de alugar-se para um trabalho regular. É tímido e canhestro diante de estranhos mas, se estes o visitam em casa, trata-os bem, pois tem uma noção profunda do dever de hospitalidade. Há nele certo orgulho e, sendo naturalmente formal e polido, trata o hóspede com grande dignidade. Foge das cidades logo que o tumulto da civilização começa a se fazer sentir. (113-114)

O perfil geral dos índios do Pará traçado por Bates revela qualidades positivas e negativas que podem ser encontradas em qualquer raça. O fato de o índio ser o dono da terra e tê-la visto ser invadida pelo Outro, incluindo-se aqui os colonizadores portugueses e todos os demais exploradores e/ou imigrantes europeus que estiveram no Brasil, assim como os brancos e negros que também lhes eram estranhos, pode justificar seu comportamento arredo em alguns momentos. Mas há que dar relevo ao fato de, mesmo sem demonstrarem emoções, os índios serem afeiçoados às famílias e, apesar de tímidos para com estranhos, se mostrarem hospitaleiros, tratando o Outro com polidez e dignidade, conforme já demonstrado em excertos anteriores.

Wallace aprofunda a questão e, com base na sua própria experiência, distingue as características particulares dos aborígenes do Vale do Amazonas da seguinte forma:

Comparando as narrativas feitas por outros viajantes com as minhas próprias observações, os índios do vale do Amazonas parecem ser, a muitos respeito, tanto física como intelectualmente, superiores aos de outras tribos do sul do Brasil e de muitas outras partes da América do Sul. Assemelham-se muito exatamente às nobres e inteligentes raças que habitam as pradarias ocidentais da América do Norte.

Este meu ponto de vista é plenamente confirmado pelo príncipe Adalberto da Prússia, que foi o primeiro que viu e estudou os índios incivilizados do sul do Brasil e, em seguida, os do Amazonas, e registra a sua surpresa e mesmo admiração pela grande superioridade destes últimos sobre aqueles, não só pelo vigor físico e pela beleza do corpo, mas também pela nobreza das disposições de caráter. (Wallace/Torres, 1939: 609)

Acrescenta ainda: “Os índios verdadeiramente incivilizados têm sido pouco vistos pelos viajantes, e somente podem ser ainda encontrados em tal estado, indo-se muito além das zonas habitadas pelos brancos, e fora das ordinárias rotas comerciais.” (*idem*) Quanto ao índio em ambiente “civilizado”, Wallace refere que ele “muito perde dos seus costumes caraterísticos: troca os seus modos de vida e os de sua casa, os seus hábitos, a sua língua; torna-se imbuído de preconceitos da civilização; e adota as práticas e ritos da religião católica romana.” (*op. cit.*) Encontramos aqui um olhar mais aberto, de alguém que não se deixa dominar pelo preconceito e revela uma atitude de independência de julgamento.

Resta-nos complementar a visão de Bates com as suas observações sobre o desequilíbrio de poder entre os índios e os europeus e o sentimento de impotência dos verdadeiros donos da terra:

O resultado inevitável do conflito de interesses entre um europeu e um indígena mais fraco é o sacrifício deste último. No distrito do Pará, os índios já não são escravizados, mas são espoliados de suas terras, coisa de que amargamente se queixam, como ouvi de um deles, homem trabalhador e diligente. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 114-115)

Finalizamos esta seção relativa à caracterização das raças com uma referência aos missionários Kidder e Fletcher que, apesar de não aprofundarem o tema, apresentam uma visão desprovida de preconceito, argumentando, num olhar comparatista, que as raças afro-brasileiras gozavam até de mais oportunidades do que, na altura, os negros norte-americanos:

No Brasil, tudo é a favor da liberdade; e tais são as facilidades que encontra o escravo para se emancipar, que, quando emancipado, se possui qualidades próprias, pode galgar as mais altas eminências do que um preto simplesmente livre, em nosso país. [...] Alguns dos homens mais inteligentes que encontrei no Brasil — homens educados em Paris e Coimbra, — eram descendentes de africanos cujos antepassados foram escravos. Assim se um homem tiver liberdade, dinheiro e mérito, não importa de que cor seja a sua pele, não encontrará posição nenhuma que lhe seja recusada na sociedade. É surpreendente também observar a ambição e os progressos dos homens, que têm sangue preto correndo em suas veias. A Biblioteca Nacional fornece não somente salas sossegadas, grandes mesas, e grande coleção de livros para os que procuram conhecimentos, como também papel e penas para os que precisam desse auxílio em

seus estudos. Alguns dos mais assíduos estudantes que aí se encontram, são mulatos. Antigamente uma grande e próspera tipografia do Rio de Janeiro — a do Sr. F. Paulo Brito - pertencia e era dirigida por um mulato. Nos colégios, nas escolas de Medicina, Direito e Teologia, não há distinção de cor. Deve-se entretanto admitir que exista um pouco embora nunca muito pronunciada — havendo sempre certo preconceito em todo o país a favor dos homens de pura descendência branca. [...]. O aspeto dos escravos brasileiros é muito diferente dos de sua classe nos Estados Unidos. Naturalmente os servidores domésticos, nas grandes cidades, vestem-se decentemente por via de regra; mas, mesmo neste caso, andam quase sempre descalços. (148) [...] O aspeto da população preta masculina,³¹² que vive ao ar livre, é tudo menos agradável, a sua indumentaria é a mais grosseira e suja que se possa imaginar. Centenas de pretos vagueiam pelas ruas, com grandes cestos redondos de vime, prontos a carregar tudo o que se deseje. (Kidder & Fletcher/Dolianiti, vol. 1, 1941: 147-148-149).

III.4. A percepção dos viajantes estrangeiros sobre as práticas religiosas locais

Passamos agora a apreciar a opinião dos viajantes sobre as práticas religiosas dos habitantes locais. Antes, porém, ressaltamos que o Catolicismo foi a religião oficial do Brasil até ao ano de 1891, quando a Constituição Republicana instituiu o Estado laico. O Censo de 2010 apontou que a população do Brasil continua sendo majoritariamente cristã (87%). Considerado o maior país católico do mundo, mesmo com a redução do número de fiéis ao longo das últimas décadas ainda conta com 123 milhões (64,6%) de católicos.³¹³ A cidade de Belém do Pará é conhecida por celebrar a maior manifestação cristã do Brasil: o “Círio de Nazaré”, desde 1793. Reconhecida como patrimônio cultural imaterial pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e declarada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, a grande festividade da Igreja Católica atrai milhares de peregrinos à capital do Pará todos os anos. Estende-se pelo período de quinze dias, tendo início no segundo sábado de outubro com a Romaria Fluvial pela manhã e a Trasladação à noite e, no domingo pela manhã, a Procissão maior que reúne mais de 2 milhões de pessoas. A festividade engloba eventos culturais bem diversificados, além de outras romarias. Representa uma comunhão entre pessoas das mais variadas crenças, ou mesmo daqueles que se dizem ateus; uma celebração de amor, paz, acolhimento, fraternidade e fé.

³¹² Os sublinhados foram acrescentados para fazermos a distinção entre negros, mulatos, escravos, etc.

³¹³ Fonte: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/07/brasil-ainda-e-o-maior-pais-catolico-do-mundo-mesmo-com-reducao-de-fieis.html>. Acesso em 07/01/2020.

Os viajantes que estiveram em Belém do Pará tiveram oportunidade de perceber a devoção do povo paraense à Nossa Senhora de Nazaré. Escolhemos um aspecto cultural da referida festividade para comparar as diferentes visões dos visitantes estrangeiros. Iniciamos com Bates:

A festa maior e mais imponente era a que se realizava em honra de Nossa Senhora de Nazaré, e que é, segundo penso, privativa do Pará. [...] Quando se deposita a imagem na capela, considera-se a festa como inaugurada, e a aldeia é, todas as noites, o ponto de reunião da população que procura divertir-se, sendo a parte festiva do programa precedida, naturalmente, por um serviço religioso na capela. O aspecto da praça é então o de uma feira, sem o bom humor e a galhofa de festas semelhantes na Inglaterra, mas também sem a sua algazarra e grosseria. Preparam-se grandes salas para vistas panorâmicas e outros divertimentos onde o público tem entrada grátis. Há todas as noites grande queima de fogos de artifício, tudo obedecendo a um programa publicado da festa. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 126-127)

Passando a Kidder e Fletcher:

A situação da religião do Pará não é absolutamente lisonjeira, e o coração está longe de ser alcançado pelas formas vazias e as pompas vistosas, tanto no Amazonas como no Tibre ou no Danúbio. A grande festa anual de Nazaré atrai sempre, da cidade, uma imensa multidão, que não comparece para se edificar na religião, mas por causa dos nove dias de festas, danças, fogos de artifício e folguedos populares.

Parece desnecessário um comentário geral a respeito do caráter e das tendências de tais festividades tão absorventes de toda uma comunidade, e de tão longa duração. Se não tivessem finalidades religiosas, seriam mais excusáveis; mas um povo ser levado a pensar que se pode misturar o serviço de Deus com tais divertimentos e loucuras, é um fato tristemente lamentável. (Kidder & Fletcher/Dolianiti, vol. II, 1941: 317)

Se compararmos a forma como foi descrita a mesma festividade religiosa, percebe-se que Bates não agrega à descrição juízos de valor, diferentemente de Kidder que retrata o lado prazeroso da festividade, sem mencionar o serviço religioso que o precede, e se revela bastante crítico da falta de solenidade que, a seus olhos, a celebração exigiria.

Ainda com relação à religiosidade do povo, mas agora no que diz respeito aos índios “civilizados”, a Sra. Agassiz apresenta o seguinte relato:

Dando-nos a ver alguma coisa dos costumes religiosos desses índios. De manhã, a mãe de Esperança, uma velha muito feia,³¹⁴ entrou no meu quarto para me dar bom dia, e, com grande surpresa minha, vi-a ajoelhar-se antes de sair, a um canto do quarto, diante de um pequeno cofre de que levantara levemente a tampa. Ela levava frequentemente os dedos aos lábios, como para atirar beijos que pareciam ser dirigidos ao interior do cofre, e fazia também numerosos sinais da cruz. Voltou à noite para a festa, e, com outras mulheres, iniciou uma dança religiosa

³¹⁴ No original, “a hideous old Indian woman” (Agassiz; 1868:181).

acompanhada de cantos. Todas tinham na mão um pedaço de madeira cortado em forma de grande leque, que abaixavam e levantavam com lentidão, acompanhando o ritmo do canto. Indaguei de Esperança a significação de tal cena. Ela me informou que essas mulheres, que vão, no entanto, regularmente à cidade vizinha de Vila Bela para assistirem à festa de Nossa Senhora de Nazareth, não deixavam de celebrar, na volta, essa espécie de cerimônia que faz parte dos seus antigos ritos. Ela, depois, me convidou a acompanhá-la e levou-me até o meu quarto. Abriu o precioso cofre e mostrou-me o seu conteúdo. Eram uma Nossa Senhora de Nazareth, uma grosseira estampa numa moldura malfeita de madeira, duas ou três outras imagens coloridas e alguns círios. Tudo estava cuidadosamente coberto por uma gaze azul. Este cofre era o oratório da família, e a ingênua índia, para me mostrar esses objetos, tomava-os nas mãos um de cada vez com um respeito feliz e enternecido que a falta de valor desses toscos objetos ainda tornava mais tocante/comovente. (Agassiz/Mendonça, 1938:236-237/122)

Se retomarmos os últimos excertos apresentados na seção anterior, sobre os negros, e os relativos à religiosidade do povo paraense, no início desta seção, percebemos que os preconceitos se apresentam de acordo com as ideologias de cada viajante. Kidder e Fletcher se mostram solidários quanto ao tratamento dado aos negros no Brasil e não demonstram preconceito racial, mas quando se trata da religiosidade, os pastores são tão preconceituosos em relação aos católicos quanto as opiniões de Agassiz são em relação aos negros e miscigenados em geral. E é por isso que se deve ter em mente os objetivos de cada viajante estrangeiro por ocasião de sua estada no Brasil.

Encontramos em Bates as seguintes observações referentes ao modo de pensar do índio e de como o viajante entendeu sua relação com o mundo espiritual:

É difícil ter uma noção de suas ideias em assuntos que requerem uma certa dose de raciocínio abstrato. Sua mente se encontra num estágio de desenvolvimento muito primitivo. Creio que o índio não pensa em nada que não seja diretamente ligado às suas necessidades materiais cotidianas. (Bates/Junqueira, Cap. IX: 183)

Não tem nenhuma noção da existência de um Ser Supremo; ao mesmo tempo, porém, acha-se livre de perniciosas superstições, não indo suas noções de religião além da crença num espírito mau, encarado por ele como um simples duende que está sempre por trás de seus pequenos insucessos e dificuldades nas pescarias, caçadas, etc. (183)

Com tão pouca atividade mental, e sentimentos e paixões que não se inflamam com facilidade, a vida desse povo é por natureza monótona e insípida, e suas virtudes são, na realidade, negativas. (183)

Mas é muito agradável este aspecto de prazer inocente e singelo que mostram, se o comparamos com o estado das raças selvagens de muitas outras partes do mundo. (Bates/Mello-Leitão: 130-132)

Os comentários sobre a mentalidade dos índios, aqui numa tradução bastante fiel ao original, não levam em consideração que são povos de tradição oral, que seus ensinamentos e pensamentos advêm de saberes contados, praticados e aprendidos em

seus grupos familiares, geração após geração. Esta visão depreciativa do índio, segunda a qual “Sua mente se encontra num estágio de desenvolvimento muito primitivo”, apresentada por Bates (183), talvez se deva ao fato de achar que, por não pertencerem a uma sociedade grafocêntrica, os índios pensam pouco e possuem um conhecimento muito limitado.

Afirmar também que a “vida desse povo é por natureza monótona e insípida, e suas virtudes são, na realidade, negativas.” (*op. cit.*) representa um juízo feito a partir de um ponto de vista baseado nos valores da civilização à qual o viajante pertence e demonstra pouco conhecimento dos costumes e usos próprios dos índios, bem como de suas habilidades no manejo do arco e flecha, na construção e condução de barcos, no cultivo da terra, na caça e pesca, entre outras tantas capacidades, assim como de suas crenças religiosas, saberes acerca da utilidade e usos de plantas e ervas e das causas das doenças, sua organização social e filosofias peculiares, transmitidas de geração a geração.

Observemos também um outro tipo de caracterização, desta vez elaborada por Kidder e Fletcher que, no segundo volume de *O Brasil e os Brasileiros*, abordam o tópico da vivência religiosa dos índios de acordo com a sua visão de pastores metodistas episcopais:

As tribos existentes, em suas maneiras e costumes, são estreitamente aliadas ao nosso índio norte-americano, mas com essa diferença: que os selvagens ao sul do equador, foram todos encontrados não possuindo absolutamente qualquer ideia religiosa. Nenhum deles, quando pela primeira vez visitados parecia ter a mais fraca concepção do grande espírito, que caracteriza tão admiravelmente a teologia simples dos aborígenes do Mississippi e do São Lourenço. Tentativas para civilizá-los têm falhado, salvo quando são recolhidos em estado de menoridade, como o foram pelos jesuítas, ou sob a rígida disciplina do exército brasileiro. (Kidder & Fletcher/Mendonça, 1941: 194-195)

Seriam os índios incapazes de acreditar em seres superiores? Buscamos um especialista na área, o indigenista brasileiro Lucio Flores Terena, que é também bacharel em Teologia, licenciado em Ciências Sociais e mestre em Ciências da Religião. Selecionamos um de seus textos, publicado na *Revista Diálogo*, da Paulinas,³¹⁵ intitulado

³¹⁵ Paulinas Editora, *Revista DIÁLOGO – RELIGIÃO E CULTURA*. Organizada em editorias de Cultura, Atualidade, Religiões e Educação, a revista publica reportagens, artigos, prosa e crônica, para quem quer saber, pensar e trocar ideias sobre as grandes questões atuais, a diversidade, a paz, os Direitos Humanos, a cidadania, a convivência, o Planeta, a vida, as religiões e Deus.

“O Mundo dos Separados”, do qual extraímos o seguinte excerto, que apesar de ser referente aos povos indígenas brasileiros dos tempos atuais, nos informa sobre a relação dos índios com o sagrado e o quanto têm a partilhar com aqueles interessados em conhecê-los:

O que é o Sagrado? O que é o profano? Onde acaba um e começa o outro? O desafio na busca desse limite é constante na história do ser humano. É sempre difícil encontrar respostas que sejam aceitáveis e coerentes com as nossas práticas. Para nós, povos indígenas, não é diferente. Cada povo, com sua bagagem cultural distinta, tem também maneiras diversas de entender e interpretar o Sagrado e conviver com ele. Assim acontece com os 215 povos indígenas do Brasil, distribuídos em todas as regiões, falando 170 línguas distintas, mostrando que o País é mesmo pluriétnico. Esses povos, no entanto, estão no pleno exercício das suas espiritualidades, sejam elas com sinais de culturas vizinhas ou do cristianismo que tem marcado sua presença em muitas comunidades indígenas. O ser humano apto e disposto a adorar é uma marca de todo indígena. Havendo a compreensão de que a fé é contextual, torna-se mais fácil o entendimento dessa prática religiosa. [...] para nós, a majestade dos templos não está na imponência das suas construções ou nos seus detalhes artísticos, mas na serenidade dos nossos templos naturais: as matas, os rios, as cachoeiras, as montanhas. A nossa fé e prática religiosa se evidenciam diante da natureza, nos seus muitos mistérios e magias nos quais nos banhamos e nos aprofundamos. Nesse nível, nossos limites são maleáveis, é muito difícil encontrar a fronteira que possa impedir que se desfrute do sobre mundo que temos, onde Criador e criatura são todos sagrados, separados. Poderíamos dizer que profano é não desfrutar desse paraíso envolvente, diante do olhar radiante do Criador. (n.p.)³¹⁶

Apesar de acreditarmos que obviamente não é necessário ser especialista na matéria para saber que os povos indígenas creem em um Ser Supremo, em espíritos e na força e poder da natureza, pois isso é ensinado nas escolas brasileiras do ensino básico, sabemos que ainda há pessoas que preferem propagar imagens estereotipadas não somente sobre os povos indígenas, mas também acerca dos habitantes da região norte do Brasil.

A tolerância (religiosa) dos brasileiros também foi observada por Kidder e Fletcher no primeiro volume da obra *O Brasil e os Brasileiros*, Capítulo IX “Religião”, seção “Tolerância dos brasileiros”. A primeira parte do excerto foi escrita por Fletcher, o segundo parágrafo, por sua vez, diz respeito a Kidder, pois trata-se de um trecho da obra *Reminiscências* citado por Fletcher:

Não há nenhum outro país na América do Sul em que os filantropos e os cristãos tenham campo mais livre para fazer o bem do que no Brasil, embora seja verdade que um pastor protestante é sempre tabu, e que o povo mantém um sentimento em relação a ele quase de satisfação — como

³¹⁶ Por se tratar de uma revista, não é paginado o artigo que está disponível em: <https://www.paulinas.org.br/dialogo/pt-br/?system=paginas&action=read&id=11475>

um escritor brasileiro já o exprimiu; posso testemunhar a forte amizade formada com brasileiros, em várias regiões do Império, amizade que não se enfraqueceu pelo contato de anos, ou pelas minhas manifestações em defesa das minhas crenças; posso subscrever as observações feitas pelo meu colega Dr. Kidder, em 1845, quando disse:

“É minha firme convicção, que nenhum outro país católico do globo existe, onde prevaleça maior grau de tolerância e liberalidade de sentimento para com os protestantes. Posso afirmar que, durante toda a minha estada e viagens no Brasil, na qualidade de missionário protestante, nunca recebi a mais leve oposição ou afronta do povo. Como se podia esperar, alguns poucos padres fizeram toda oposição que lhes foi possível, mas o fato mesmo dessa oposição ter sido incapaz de excitar o povo, mostra a pequena influência que possuem; por outro lado, também, a maioria do clero e os mais respeitáveis homens do Império manifestaram em relação à nossa pessoa e à nossa obra favor e amizade. Deles, assim como das inteligentes autoridades leigas, ouvi as mais severas repreensões contra os abusos que eram tolerados, no sistema religioso, e nas práticas do país, juntamente com sincero pesar de que não mais dominasse maior espiritualidade na mentalidade pública.” (Kidder & Fletcher/Dolianiti, 1941: 157-158)

Como é possível ver, especialmente nas linhas em destaque, o povo brasileiro é aberto a todas as manifestações religiosas, receptivo e acolhedor mesmo para com aqueles que não respeitam as crenças religiosas diferentes das que praticam, como no caso de Kidder e Fletcher, que desmerecem a capacidade dos “poucos padres” que se opuseram a eles considerando-os incapazes de manter o rebanho.

Acrescentamos ainda um pequeno trecho de Agassiz, retirado do Capítulo IX, no qual analisa o “Caráter geral das instituições brasileiras” e insere as seguintes observações sobre a relação entre a liberdade religiosa no Brasil e as políticas governamentais sob as quais o povo vivia:

[...] nenhuma religião é perturbada no exercício do seu culto; há uma liberdade nominal absoluta.
[...] Não pode haver o menor laço orgânico entre uma forma de governo muito liberal e um povo a cuja grande maioria não foi ministrada nenhuma ou quase nenhuma educação, que pratica a religião sob a direção de um clero corrompido, e que, de cor branca ou de cor negra, está sob a influência da escravidão. (Agassiz/Mendonça, 1938: 281-282)

Mais adiante, no Capítulo XVI “Religião e Clero”, Agassiz faz um retrato detratador do clero no Brasil, numa demonstração de que as narrativas de viagem são muitas vezes um espaço de crítica social e política e um palco para a proposta de reformas:

Não desejo expressamente fazer qualquer alusão à religião nacional; quando falo do caráter do clero, não me refiro absolutamente à crença que ele personifica. Seja qual for a organização da Igreja, o que, sobretudo, importa, num país em que a instrução está ainda inteiramente ligada a uma religião do Estado, é que o clero se componha, não somente de homens de alta moralidade, mas também de homens de estudo e pensamento. Ele é o professor do povo; deve, portanto, deixar de acreditar que o espírito se possa contentar, como forma exclusiva de alimento, com grotescas procissões de rua, carregando círios acesos e enfeites baratos. Enquanto o povo não reclamar outro gênero de instrução, irá se deprimindo e enfraquecendo.

Exibições dessa espécie se veem, por assim dizer, todos os dias, em todas as grandes cidades do Império; interrompem o curso das ocupações comuns e tornam os dias de trabalho, não a regra, mas a exceção. É impossível dissimulá-lo; não existe absolutamente no Brasil uma classe de padres trabalhadores, cultos, como os que honram as letras nos países do Velho Mundo; não há, instituições de grau superior ligadas à Igreja; a ignorância do clero é geralmente universal, a sua imoralidade patente, sua influência extensa e profundamente arraigada. Há, sem dúvida, honrosas exceções, mas são em número por demais reduzido para elevar a dignidade da classe em que se produzem. Todavia, se a sua vida privada dá margens a censuras, os padres brasileiros se distinguem pelo seu patriotismo; em todos os tempos ocuparam altas funções públicas, na Câmara dos Deputados, no Senado, junto mesmo do Trono; e, até agora, o seu poder não se exerceu em favor das tendências ultramontanas. De resto, a liberdade de pensamento em matéria religiosa parece coisa bem rara no Brasil; duvido que haja nisso ceticismo e antes quero crer o contrário, pois, instintivamente, os brasileiros são mais inclinados à superstição que à dúvida. O constrangimento em matéria de crenças repugna, aliás, profundamente ao espírito de suas instituições e costumes; deixam-se os pastores protestantes pregar em inteira liberdade; mas em geral o protestantismo não atrai os povos meridionais, e duvido que esses missionários obtenham algum dia um amplo sucesso. Como quer que seja, todos os amigos do Brasil devem desejar que os seus padres atuais cedam lugar a um clero mais moralizado, inteligente e trabalhador. (Agassiz/Mendonça,1938: 588-591)

É possível observar que até em relação ao tema religião há uma certa incoerência no discurso de Agassiz, pois em um momento reitera a liberdade religiosa que se vivia no Brasil, em outros põe em dúvida essa mesma tolerância, conforme assinalado nos trechos sublinhados. Se os compararmos com os dos viajantes protestantes Kidder e Fletcher, apresentados atrás, vemos que para eles não há o que questionar sobre esse assunto.

Encerramos este tema reforçando a ideia de que para o leitor comum, as representações de países estrangeiros traçadas pelos olhos dos viajantes, incluindo as que lhe chegam ao conhecimento por via da tradução, podem ser tomadas como um retrato autêntico das realidades retratadas, podendo daí advir mal-entendidos, animosidades, rejeições, intolerâncias:

Para o leitor médio — não preocupado ou até ignorante da complexidade dos fenômenos aí envolvidos — as imagens de outros países plasmadas nas obras lidas são recebidas como se fossem, realmente, retratos dos países aí referidos. Neste ponto a literatura passa a atuar como uma fonte de grandes mal-entendidos; mal-entendidos estes que a imagologia se propõe a analisar para, tanto quanto possível, desemaranhá-los e, neste esforço, coloca as literaturas em diálogo. (Sousa, 2004:143)

Por isso, tais imagens devem ser confrontadas, analisadas e avaliadas à luz de outras fontes, inclusivamente as que difundem autoimagens, no caso vertente do povo da Amazônia.

III.5. A Amazônia: identidade e autoimagem

Por considerarmos a importância dos povos originários, iniciamos com um trecho da obra de Tocantins, *Amazônia: natureza, homem e tempo*, que realça a importância do índio da Amazônia ao lado dos estrangeiros:

[...] não só o mais ponderável co-participante do *melting pot*, mas, também valiosíssimo agente do processo econômico. Foi ele que instruiu o homem branco nas singularidades da terra, nos segredos da floresta e das águas, ensinou a maneira prática de explorar as riquezas naturais, maneira que, embora rústica ou primitiva, tinha a sua lógica, a sua razão de ser, a experiência aprovada em um meio completamente estranho ao europeu. Transmitindo a sua técnica de trabalho, colaborando nas tarefas comuns à sociedade, o íncola tornou-se a peça mais importante na colonização amazônica, valorizado pela interferência cultural do missionário. (Tocantins, 1982: 29)

Trazemos também um pequeno trecho do poeta Thiago de Mello (1926 -)³¹⁷ como forma de registrar a voz deste grande poeta, que dedica sua vida e sua arte à defesa da floresta Amazônica e de seus habitantes, o seu olhar sobre o modo de ser dos que vêm de fora e ignoram totalmente a sabedoria e o conhecimento do povo originário e habitante da Amazônia. Ao mesmo tempo, é um protesto perante a passividade dos habitantes locais com relação a tudo e a todos que vêm de fora e também a falta de zelo pela grande floresta:

Os de fora continuam a chegar, cada vez mais poderosos da ciência e cobiça. Já chegam sabendo, mais do que nós, sobre o que querem de nós. Já chegam sabendo onde é que estão as mais preciosas riquezas da floresta, até mesmo as que dormem debaixo do seu chão. Sabendo o melhor jeito de acordá-las e de seduzi-las. Sabendo mais do que nós. A Amazônia, contudo, nos espera, a nós que a abandonamos. (Mello, 2002: 17)

317 “Amadeu Thiago de Mello nasceu em Barreirinha, Amazonas, em 30 de março de 1926. Além de tradutor e ensaísta, é um dos poetas mais influentes e respeitados do país, sendo reconhecido como um ícone da literatura regional. A luta política, o lirismo, as relações de família e os amores são facetas marcantes em sua obra. Preso durante a ditadura militar (1964-1985), exilou-se no Chile, encontrando em Pablo Neruda um amigo e colaborador. Da amizade veio a decisão de traduzirem os poemas um do outro. Mello morou na Argentina, no Chile, em Portugal, na França e na Alemanha. Voltou à sua cidade natal, onde vive até hoje, apenas após o final do regime militar no Brasil. Publicou, entre outros livros, *Acerto de Contas, Como Sou, Melhores Poemas e Amazonas – Pátria da Água*. Suas obras foram traduzidas para mais de trinta idiomas.”

Fonte: <https://globaleditora.com.br/autores/biografia/?id=2740>. Acesso em 21.02.2020.

No que se refere à população local e à sua utilidade para os viajantes, Meirelles Filho (2009: 17), após dizer que seu livro não pretende ser uma monografia universitária, declara:

Se arriscasse uma tese, a que certamente me dedicaria, esta seria para demonstrar que, com honrosíssimas exceções, os viajantes não tratam os habitantes locais — índios, caboclos, quilombolas e mesmo os migrantes europeus recentes — como pares, com direitos iguais, merecedores de respeito; ao contrário, querem-nos como cidadãos de segunda classe. Mesmo os jesuítas se enquadram, como superiores, nessa visão. Os povos do lugar se prestam enquanto seres úteis, fonte de informação para a sobrevivência (fornecer alimento, remar, guiar, guardar, carregar, atos quase animais etc.)

Em síntese, subscrevo o que diz Sousa (2004: 157-158):

Os brasileiros não são apenas negros e mulatos, mas compõem uma mistura racial fantástica, onde há lugar também para brancos e amarelos. Os antropólogos afirmam, aliás, que a cultura brasileira define sua riqueza exatamente a partir da diversidade e multiplicidade dos elementos que a constituem. [...] Sabe-se que a primeira imagem do Brasil foi elaborada pelos europeus. Sabe-se que os brasileiros a aceitaram e a incorporaram durante muito tempo. Questionaram-na e ainda a questionam, mas, estando num “salão de espelhos”, onde muitos dos refletores de imagem são ainda europeus da gema, descendentes de europeus ou de outras nacionalidades, a autoimagem não se apresenta de forma clara. Tal fenômeno se manifesta no indivíduo e na coletividade, e só se tem poder e capacidade de determinar o rumo a seguir, quando se tem consciência de quem se é e quando se gosta de ser o que se é.

As afirmativas de Souza justificam de certa maneira as diferentes formas de reagir às imagens apresentadas até aqui. Se buscarmos opiniões de escritores, músicos, artistas plásticos, tradutores, pesquisadores amazônicos que têm orgulho de ser e de viver na região, encontraremos várias formas de refutar a maior parte das heteroimagens construídas pelos viajantes aqui apresentadas. Ouçamos a voz do antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), cuja obra *O Povo Brasileiro* ainda é a chave para entendermos a formação étnica e cultural do Brasil (Ribeiro 73):

Não somos e ninguém nos toma como extensões de branquitudes, dessas que se acham a forma mais normal de se ser humano. Nós não. Temos outras pautas e outros modos tomados de mais gentes. O que, é bom lembrar, não nos faz mais pobres, mas mais ricos de humanidades, quer dizer, mais humanos. Essa singularidade bizarra esteve mil vezes ameaçada, mas afortunadamente conseguiu consolidar-se.

Nesta seção apresentaremos excertos e imagens nos quais os viajantes revelam seus olhares sobre a natureza da região, por ser este o tema que mais aproximou os

viajantes anglófonos do povo da Amazônia. Apesar de todas as diferenças culturais, os estrangeiros se permitiram fruir sensações agradáveis, como as proporcionadas por um passeio por um igarapé, experimentadas pela Sra. Agassiz:

It seemed to me strange on this Sunday morning, when the bells must be ringing and the people trooping to church under the bright October sky, in our far-off New England home, to be floating down this quiet igarapé, in a boat full of half-naked Indians, their wild, monotonous chant sounding in our ears as they kept time to their oars. In these excursions one learns to understand the fascination this life must have for a people among whom civilization is as yet but very incomplete; it is full of physical enjoyment, without any mental effort. Up early in the morning and off on their fishing or hunting excursions long before dawn, they return by the middle of the day, lie in their hammocks and smoke during the hours of greatest heat; cook the fish they have brought with them, and, unless sickness comes to them, know neither want nor care. (Agassiz, 1868: 234)

Era um domingo; e eu me pus a pensar na singularidade da minha situação. A essa hora, todos os sinos estavam tocando em Boston e a multidão acorria às igrejas, sob o céu luminoso que os belos dias de outubro dão à nova Inglaterra; ao passo que eu, descia suavemente o curso dum calmo igarapé,³¹⁸ sentada numa piroga,³¹⁹ no meio de índios seminus que moviam os seus pangaios /papagaios³²⁰ ao ritmo monótono duma canção bárbara. É nas excursões como essa que a gente se dá conta da fascinação exercida sobre um povo, cuja civilização se acha apenas em esboço, por esse gênero de vida em que as sensações são extremamente fortes sem que nada desperte a inteligência. Muito cedo em atividade, já na pesca ou na caça desde muito antes do nascer do sol, o amazonense volta no meio do dia, deita-se em sua rede, fuma enquanto dura o calor, depois se levanta para cozinhar o peixe, e, a não ser que se sinta doente, não conhece apreensões nem necessidades. (Agassiz/Mendonça, 1938: 293)

Como se pode ver, através de seu olhar observador Elizabeth Agassiz testemunhou que o modo simples de viver do povo que a acolheu satisfazia totalmente seus anseios e necessidades. Era um vivenciar difícil de ser expresso ou entendido, mas que aproximava culturas tão distantes: de um lado, os estrangeiros oriundos de mundos civilizados, de outro, os habitantes de um local cuja civilização se achava apenas em “esboço”, nas palavras da autora. Entrelaçando lembranças do local onde vivia com o que se lhe apresentava durante aquele passeio, Elizabeth entende que é possível também haver fascinação na singularidade e na simplicidade.

No trecho que se segue encontramos mais um exemplo da alteridade do povo local através da descrição, seguida de ilustração, de um dos locais onde a comitiva de Agassiz ficou hospedada e que, segundo a Sra. Agassiz, constituía “Um dos melhores

³¹⁸ Curso de um rio ou canal amazônico, cujo termo, oriundo do Tupi, significa “caminho de canoa”.

³¹⁹ O termo piroga (de origem indígena) significa canoa.

³²⁰ Aqui os dois termos estão equivocados. A tradução correta seria *remos*. O termo *pangaio* significa pequena embarcação asiática; o termo *papagaio* significa um tipo de ave típica da região.

modelos da casa indígena”: denominada de *A choça de Esperança*,³²¹ ficava localizada no estado do Amazonas. É uma evidência de que os indígenas também viviam “decentemente”, e que podiam receber os viajantes com o conforto que era possível oferecer nos arredores da floresta:

Descobrimos ontem que o nosso abrigo se torna dos menos agradáveis à proporção que o sol lhe bate em cima, e já que é necessário aguardar a noite para pescar, resolvemos atravessar o lago e alcançar um "sítio" (é o nome que os habitantes dão às suas plantações) situado na outra extremidade do lago. Desta vez demos com um dos melhores modelos da casa indígena. Num dos lados da habitação se estende a galeria aberta, que alegam neste momento as cores vivas das nossas redes. Nos fundos há um grande quarto dando para esta galeria por uma larga porta de palha, ou antes, de folhas de palmeira, não fixada em gonzos, mas flutuante e suspensa como uma esteira, em frente da qual se acha uma janela sem vidraça, que se fecha à vontade por meio duma outra esteira de folhas de palmeira. Esse quarto, por agora, está exclusivamente reservado para mim. Do lado oposto, há uma outra dependência em forma de varanda, aberta aos quatro ventos, a cozinha, suponho, pois aí está o grande forno feito de barro onde se torra a farinha, as cestas cheias de raízes de mandioca, prestes a serem descascadas e raladas e, ainda, a mesa tosca em que jantaremos. Tudo tem um ar de decência e de asseio. O chão de terra batida está varrido, o terreno que circunda a casa está limpo, sem cisco, a pequena plantação de cacau e mandioca, onde se veem também alguns cafeeiros, está cuidadosamente tratada. A habitação está situada sobre uma pequena elevação que se inclina suavemente na direção do lago; bem embaixo, abrigadas pelas grandes árvores, da margem, estão amarradas as "montarias" dos índios e as nossas canoas. (Agassiz; Mendonça, 1938: 128-129)



FIG. 26 — A choça de Esperança.

Figura 101³²²

Em narrativas como a de Wallace, por outro lado, detectamos um tom poético nas descrições, como ilustram os dois excertos em que o naturalista admira a beleza do amanhecer antes de uma viagem ao interior do Pará, navegando pelo rio Moju:

³²¹ Esperança era como se chamava a índia, dona do sítio no qual ficaram por alguns dias.

³²² Agassiz/Etienne-Filho, 1975: 118 – A choça de Esperança.

A manhã estava deliciosa. As saracuras e uma espécie de codornizes estavam entoando os seus melancólicos cantos, que se ouvem quase sempre, de manhã e à noite, nas margens dos rios. Altas palmeiras erguem-se ali, na beira do rio. Quando o sol surgiu, com aquela manhã tão fresca e tão agradável, o espetáculo era realmente belo. (Wallace/Torres, 2004: 89)

E mais adiante, quando admira o pôr-do-sol, a caminho da cidade de Cametá:

[...] À tarde, ao pôr-do-sol, o cenário era de uma admirável beleza. Viam-se grupos de elegantes palmeiras, enormes árvores de algodão-seda, as casas dos negros rodeadas de mangueiras e laranjeiras, o majestoso rio com as suas margens alcantiladas, estendendo-se, lá no fundo, a eterna floresta. Tendo isso, suavizado pelos pálidos clarões de um mágico crepúsculo de meia hora, formava um quadro indescritivelmente belo. (90)

E não é somente à beleza da natureza que ele se refere, observa também a paisagem construída, identificando a influência do estilo europeu em algumas edificações:

Saindo do canal, navegamos ao longo de um rio sinuoso, por vezes completamente murado de luxuriantes árvores e lindas trepadeiras. Uma vistosa árvore, carregada de flores purpúreas, era ali muito comum, e os grandes aruns³²³ aquáticos, carregados de alvas flores e curiosos frutos, cresciam em todas as margens alagadiças, ao longo das praias. A palmeira miriti cobre por vezes, aqui, extensos tratos de terras, atingindo a grande altura. Às cinco horas da manhã, alcançamos Santana, povoação onde há uma bonita igreja, do pitoresco estilo italiano, usual no Pará. (91)

É realmente interessante que Wallace, após tantas dificuldades e depois de ter perdido num naufrágio quase tudo o que escreveu, tenha tido a capacidade de reescrever uma narrativa que intercala de forma bem harmoniosa poesia e ciência, e que certamente prende a atenção do leitor. Escolhemos um trecho de um poema que teve como inspiração sua estada na aldeia Yavita, onde coletou e desenhou peixes e concluiu que “as picadas dos maruins são preferíveis às dos mosquitos, dos puins e das mutucas, cujos efeitos são sentidos durante muitos dias seguidos.” (Wallace/Amado, 1979: 160). Antes de apresentar o poema intitulado “Descrição de Yavita”, escrito em março de 1851, o autor descreve em pormenor a vida nessa aldeia de índios. A composição do poema é contextualizada por Wallace da seguinte forma:

Para passar o tempo, durante minhas enfadonhas noites, dediquei-me a compor uma poesia descrevendo a aldeia e seus habitantes. Fiz o poema em versos brancos, arranjando uns decassílabos por certo muito mal feitos, mas que refletem positivamente o meu modo de pensar e o meu estado de espírito naquele momento. [...] Os pontos de vista que então expus não concordam “in totum” com os meus atuais, agora que os transcrevo em Londres, no ano de 1853. (Wallace/Amado, 1979:162)

³²³ Os “grandes aruns”, são chamados por Amado “uma enorme arácea aquática” (47). São plantas aquáticas com flores de vários formatos e tamanhos, pertencentes à família Araceae.

Apresentamos a parte inicial do poema, na qual o autor caracteriza o local onde a aldeia estava situada e descreve alguns hábitos de seus habitantes e suas práticas religiosas:

A DESCRIPTION OF JAVITA (Wallace, 1889: 176-177)	
<p>'Tis where the streams divide, to swell the floods Of the two mighty rivers of our globe; Where gushing brooklets in their narrow beds Lie hid, o'ershadow'd by th' eternal woods, And trickle onwards, these to increase the wave Of turbid Orinooko ; those, by a longer course In the Black River's isle-strewn bed, flow down To mighty Amazon, the river-king, And, mingled with his all-engulfing stream, Go to do battle with proud Ocean's self, And drive him back even from his own domain. There is an Indian village; all around, The dark, eternal, boundless forest spreads Its varied foliage. Stately palm-trees rise On every side, and numerous trees unknown Save by strange names uncouth to English ears. Here I dwelt awhile the one white man Among perhaps two hundred living souls. They pass a peaceful and contented life, These black-hair'd, red-skinn'd, handsome, half-wild men.</p>	
DESCRIÇÃO DE JAVITA (Wallace/Torres, 2000: 326-327)	DESCRIÇÃO DE YAVITA (Wallace/Amado, 1979: 162-163)
<p>Lá, onde as águas se separam e vão formar os afluentes De dois dos mais poderosos rios do nosso globo; Lá, onde, ocultos e encobertos pelas sombrias e eternas selvas, Apertados e em estreitos leitos, nascem e correm os córregos, Que vão, a pouco e pouco, aumentando de volume, – Uns, para crescer as ondas do túbido Orenoco, Outros, de maior curso, para formar o rio Negro, O rio, todo semeado de ilhotas, que vai desaguar No majestoso amazonas, rio-mar, rio-rei, E, misturados todos os seus engolfantes afluentes, Orgulhosamente vai ele, então dar batalha ao próprio oceano, Repelindo-o mesmo para fora dos seus domínios: Lá, em tão remotas paragens, há uma aldeia indígena. Em torno, estira-se a sombria floresta, perpétua e ilimitada. Ostentando a sua variadíssima e linda folhagem. Erguem-se, por toda parte, esbeltas e majestosas palmeiras, Conjuntamente com inúmeras e desconhecidas árvores, Apelidadas todas por nomes estranhos a ouvidos ingleses. Ali demora, por instantes, um único homem branco, Entre duas centenas, talvez, de almas viventes.</p>	<p>Lá longe, no altiplano que reparte As águas rumo a dois passantes rios Onde há claros regatos murmurantes, À sombra das florestas milenares, Descendo alguns, pras águas pardacentas Do túbido Orinoco, enquanto os outros Primeiro caem no Negro, e vão seguindo Por entre as ilhas mil do seu percurso, Até que no Amazonas, rei dos rios, Misturam-se à corrente destemida Que enfrenta o poderio do Oceano, Fazendo-o recuar de seus domínios: Os índios lá fizeram sua aldeia, Em meio à mata infinda, escura e eterna. Palmeiras majestosas se destacam Dentre árvores dos nomes mais estranhos Pra nós, os da Inglaterra, que os ouvimos Só eu sou branco aqui; os outros, todos, Duzentos moradores, mais ou menos, São índios: têm a pele cor de cobre, Cabelos negros, índole pacífica. —Semicivilizados e felizes.</p>

<p>É gente pacífica, que leva uma vida simples e contente. Belos tipos de homens, semi-selvagens, semicivilizados, De cabelo negro, e pele vermelha,</p>	
<p>Directed by the sons of Old Castile, They keep their village and their houses clean; And on the eve before the Sabbath-day Assemble all at summons of a bell, To sweep within and all around their church, In which next morn they meet, all neatly dress'd, To pray as they've been taught unto their God.</p>	
<p>Todos, porém, dirigidos pelos filhos de Castela. A sua aldeia e as suas casas estão sempre limpas; E, na véspera de festas, ao toque de sino, Todos acorrem e reúnem-se em sua capelinha. Para varrê-la por dentro e também por fora, em derredor. Ali no dia seguinte, todos bem trajados se reúnem de novo, Para orar ao seu Deus, como lhes foi ensinado,</p>	<p>Dos mestres castelhanos aprenderam Bons hábitos de asseio e moral, Mantendo limpos corpos, casas, ruas, E orando a Deus na alegre capelinha, Assim todos os sábados à tarde, Repica o sino e chama o povo à tarde, E todos colaboram na limpeza Da praça e da capela pro domingo. E quando é de manhã, retomam todos, Trajando brancas vestes domingueiras, Cantando e orando a Deus contritamente.</p>

Quadro 13

As traduções são bastante diferentes entre si. A que demonstra ser mais fiel ao texto original é a de Torres, que opta por usar tanto o título do capítulo como o nome do poema da mesma forma aportuguesada escolhida por Wallace: JAVITA. Amado, por sua vez, mantém o nome original em espanhol da tribo, Yavita, e faz questão de escrever uma nota, logo no início do capítulo, realçando precisamente esse fato:

Demonstrando seu pequeno domínio do espanhol — o que ele, aliás, faz questão de frisar — Wallace aportuguesa involuntariamente diversos topônimos venezuelanos, assim como “Yavita” (que grafa Javita), “San Carlos” (São Carlos), etc. Dá-se o mesmo também com nomes comuns castelhanos, vindo no original nação, senhor, serra, etc., ao invés de nación, señor, sierra. Na tradução, fizemos as devidas correções. (Wallace/Amado, 1979: 173 - N. do Trad.)

Achamos interessante e significativo que Amado tenha mantido os nomes de acordo com o TP, no entanto isso não é uma constante em sua tradução pois, como mostramos na seção II.2, “As estratégias dos tradutores”, ele não segue tal padrão com rigor. Com relação a este poema, e em troca recente (março de 2020) de *e-mails* entre

nós e o tradutor, Amado declara lembrar-se “de que havia uma poesia que me deu algum trabalho pra traduzir, mas já faz tanto tempo...”

Apesar de a tradução de Torres incluir mais detalhes do que a de Amado, ambas conseguem expressar o significado que Wallace deu ao seu poema. No entanto, a tradução de Amado é mais direta, o que faz com que o tom poético desapareça. Há também alguns acréscimos por parte de Amado, como quando se refere às *águas pardacentas* do Rio Orinoco,³²⁴ o que não foi referido por Wallace mas que Amado, por ser um professor de geografia, tem conhecimento para dizer. Em alguns momentos Amado inverte a ordem dos versos do poema, como quando refere as características físicas dos indígenas antes daquelas que caracterizam a sua índole. *They pass a peaceful and contented life, These black-hair'd, red-skin'd, handsome, half-wild men* é traduzido como “São índios: têm a pele cor de cobre, Cabelos negros, índole pacífica. — Semicivilizados e felizes,” enquanto Torres opta por “É gente pacífica, que leva uma vida simples e contente. Belos tipos de homens, semi-selvagens, semicivilizados, de cabelo negro, e pele vermelha,”. Mas, o que mais nos chama a atenção nesta pequena parte do poema é quando Amado traduz “neatly dress'd” como “brancas vestes” e acrescenta o canto à cerimônia religiosa, “cantando e orando”, além de dizer que os índios rezavam “contritamente”, como se eles estivessem cheios de pecado, remorso, arrependimento, conforme sugere o termo. No entanto, o que Wallace disse foi simplesmente “Para orar ao seu Deus, como lhes foi ensinado”, na voz de Torres, que não acrescentou juízo de valor ao ato praticado pelos habitantes da aldeia Yavita.

Todos os viajantes se dedicaram a escrever sobre a natureza do Brasil. Para muitos, ela representa o motivo principal de suas viagens, mas a forma de descrevê-la depende do olhar e dos interesses de cada um. Como vimos acima, Wallace aproveita as noites enfadonhas para compor um poema que descreve não somente a beleza do local, mas valoriza o modo simples de viver e o caráter dos habitantes do lugar. No Brasil,

³²⁴Principal rio da Venezuela, o Orinoco tem a terceira bacia em importância da América do Sul, com 948.000 km², que abrange quatro quintos do território venezuelano e um quarto do da Colômbia. Nasce a 1.074m de altitude, na serra Parima, sul da Venezuela, próximo à fronteira brasileira. Descreve uma ampla curva em forma de arco, convexa para oeste, e percorre 2.740km em terras venezuelanas. Em seus primeiros trechos, corre por uma forte inclinação na direção oeste-noroeste. Ao alcançar 500m de largura, seu leito se bifurca. A partir daí, o curso do rio segue a direção noroeste. No alto curso o rio lança um braço, o canal Casiquiare, que desemboca no rio Negro, afluente do Amazonas. Fonte: <https://biomania.com.br/artigo/rio-orinoco>.

o grupo de historiadores que estuda a literatura de viagem entende que a natureza influencia fortemente a construção da identidade do brasileiro:

Durante o século XIX, o que que nos informa como nação moderna? É termos uma natureza exuberante —está colocada a natureza no lugar da história — já que não tivemos uma idade média, uma história vigorosa, mas temos uma natureza monumental. E se você quiser, até hoje, a importância da natureza no imaginário da identidade do brasileiro é ainda um ponto fortíssimo. (Mariza Veloso³²⁵ – Episódio 4 – 50:40-51:40)³²⁶

Esses viajantes — missionários, homens de negócios, cientistas —, cada um a seu modo e ao serviço de uma atividade própria, para os quais o Brasil tinha muitas potencialidades futuras, foram unânimes em reconhecer que a natureza era esplendorosa, contudo desafiadora. Perigos os rondavam a todo o momento, quer fosse pelos males causados pelas doenças tropicais, quer pela navegação perigosa dos rios, ou pela possibilidade de serem atacados por animais peçonhentos, etc. Em momentos de dificuldade, e na falta de sabedoria para lidar com as adversidades, eles haviam de elogiar as capacidades dos habitantes locais:

O calor esteve muito forte durante o dia; mas, lá para as cinco horas, voltou a brisa e eu desci para passear. Não se passeia aqui como em um lugar qualquer, e, enquanto a gente não se acostuma, chega a ser mesmo perigoso. Grande parte do solo se acha coberto pelas águas, e atravessa-se um simples tronco de árvore sobre todos esses pântanos e canais. Os habitantes passam por sobre eles tão fácil e tranquilamente como se caminhassem sobre uma larga estrada; os recém-chegados, porém, só se sentem meio garantidos. (Agassiz/Mendonça, 1938: 212)

Temos no relato de Bates outro exemplo de sabedoria dos habitantes locais ligada à natureza, desta vez relacionado com a enorme mais-valia do conhecimento fitoterápico naquelas terras tão longínquas onde o viajante reencontrou o seu ajudante José, enfermo. A alteridade do mestiço e sua cultura própria são postas em destaque:

Chegando ao ponto onde tínhamos deixado nossa canoa, encontramos o pobre José muito pior, de modo que nos apressamos em seguir para Juquerapá, em busca de auxílio. Uma velha mestiça tomou conta dele. Fez cataplasmas com a polpa de um fruto silvestre; administrou beberagens

³²⁵ Mariza Veloso Motta Santos - Doutorada em Antropologia pela Universidade de Brasília (1992) e Pós-doutorada pela New York University (2002-2003) em Estudos Urbanos, Professora do Instituto Rio Branco Ministério das Relações Exteriores e Professora Associada III da Universidade de Brasília, ver: <https://www.escavador.com/sobre/1315093/mariza-veloso-motta-santos>. Acesso em 12.04.2020.

³²⁶ Episódio 4: <https://www.youtube.com/watch?v=nh9ntKXYKXE>

frescas, feitas com ervas colhidas perto de casa e exerceu admiravelmente as funções de enfermeira. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 171)

Por estes e outros inúmeros episódios e comentários, consideramos ser Bates o viajante que cultivou mais respeito pela natureza e pelos habitantes locais, e o que expressou os seus sentimentos de forma mais cativante:

Penso que há muita coisa na natureza tropical suficiente para apagar qualquer impressão desagradável que a energia inquieta da vegetação possa produzir. A incomparável beleza e variedade da folhagem, as cores vivas, a riqueza e a exuberância que se notam por toda parte e que fazem, na minha opinião, o mais rico cenário florestal do norte da Europa parecer um deserto estéril, é uma delas. Mas é especialmente a alegria de viver, manifestada de modo tão nítido por todos os indivíduos, que compensa a destruição e a dor causadas pela inevitável competição. Embora essa competição aí seja mais ativa e mais numerosos os perigos a que cada indivíduo está exposto, a alegria de viver é sentida com ardor mais intenso. (Bates/Mello-Leitão, 1944: 87)

E é sobre este excerto de Bates que seu tradutor Mello-Leitão escreve em nota:

As impressões dos naturalistas pela selva tropical são muito desencontradas, mas os que ficam deslumbrados e, de regresso às regiões temperadas, guardam a lembrança de seus encantos "como de uma história ouvida na meninice da qual apenas ficassem impressões comparáveis às de um sonho atravessado por figuras indistintas mas admiráveis" é muito maior do que os que se mostram tão falsos como Burmeister. Em meu livro *A Vida na Selva*, resumi as impressões dos grandes naturalistas que nos visitaram. (Mello-Leitão, 1944: 87)

De Kidder & Fletcher apresentamos parte do trecho inicial do capítulo sobre o Norte do Brasil, no qual reconhecem as potencialidades da região norte do Brasil, que foram reiteradas por Wallace, como provam os trechos sublinhados:

Rapidamente navegámos as quatrocentas milhas que separam Maranhão do Pará, alcançando os limites orientais do Norte brasileiro, a costa oceânica dessa vasta bacia que contém uma área igual aos dois terços da Europa. Estamos prestes a penetrar numa das regiões mais assombrosas da natureza, onde tudo é construído na mais elevada escala. O rio mais poderoso do mundo nasce nas altíssimas montanhas da parte ocidental do continente sul-americano, e percorre milhares de milhas através de florestas sem rival em beleza, grandeza e fecundidade. É nessa região que a "Vitoria Régia", gigante do reino da Flora recolhe-se ao seio das lagoas sombrias, ou repousa nas águas paradas, protegidas por alguma faixa de vegetação contra as águas velozes da corrente que incessantemente desce dos Andes. Milhões de aves e insetos, das mais brilhantes cores, curiosos répteis e quadrúpedes, habitam essa quase "terra incógnita". Talvez não haja no planeta outra região que, possuindo tantas maravilhas, seja tão acessível e tão pouco explorada. Estamos, porém, nas vésperas de grandes transformações: o vapor está cumprindo a sua legítima missão, e as gerações presentes poderão ainda ver o Vale do Amazonas, se não como o de Mississippi, povoado por milhões de seres humanos, pelo menos conhecido na totalidade de seus vastos recursos. [...] Mas, se é verdade que o Sul do Brasil é que será para sempre o campo apropriado às iniciativas dos europeus e norte-americanos, não deixará por isso de ter razão, em suas afirmações, o mais completo explorador do Vale do Amazonas, Wallace, quando escreve:

"Pela riqueza de seus produtos vegetais e pela fertilidade do seu solo, é ele sem rival no globo, e constitui, na nossa opinião, a região natural que, numa mesma área, é capaz de sustentar uma maior população, proporcionando-lhe, da forma mais completa, a satisfação das necessidades e luxos da vida". (Kidder & Fletcher/ Dolianiti, vol. 2, 1941: 283-284)

Numa outra passagem, Kidder & Fletcher traçam um belo panorama das riquezas brasileiras e apontam para uma prosperidade futura, começando por ressaltar a extensão geográfica do Brasil:

Não é, todavia, sua extensão que terá atraído a nossa atenção, tanto quanto o fato de que nenhuma parte do globo é tão apropriada à cultura e ao sustento do homem.

Já vimos que os recursos internos deste Império estão de acordo com a sua situação privilegiada e sua grande extensão. Não é o ouro de suas minas nem os diamantes que brilham nos leitos de seus rios interiores que constituem a maior fonte de sua riqueza. Embora a natureza tenha conservado no Brasil os mais preciosos minerais, ainda assim ela tem sido mais pródiga na dádiva de riquezas vegetais. Compreendendo quase cinco graus ao norte do equador, toda a latitude do tórrido sul e dez graus da zona temperada sul, e estendendo sua longitude do Cabo de Santo Agostinho, (o ponto mais a leste do continente) atravessa as montanhas de seu próprio interior, até as verdadeiras bases dos Andes, seu solo e seu clima oferecem um terreno propício a quase todas as plantas valiosas. Em adição às inumeráveis variedades de frutos indígenas, há apenas uma produção das duas Índias que se não poderia naturalizar perfeitamente sob o equador ou em suas proximidades, enquanto as terras elevadas do seu interior e do extremo sul acolhem muitos dos frutos, dos grãos e dos mais resistentes vegetais da Europa.

Cada ano este Império mais se desenvolve; mas assim mesmo, ainda precisará de dois séculos de seu progresso atual para chegar a uma situação igual a dos Estados Unidos. Os indícios atuais são, porém, que o Brasil não continuará no passo vagaroso que o caracterizava até à abolição do tráfico negro; e os melhoramentos internos auspiciosamente iniciados sob D. Pedro II desenvolverão rapidamente os recursos do país. (Kidder & Fletcher/Dolianiti, vol. 2, 1941: 148)

Até agora temos vindo a apresentar vários exemplos de *heteroimagens* do povo brasileiro. O excerto que se segue diz duplamente respeito à *heteroimagem* e à *autoimagem* dos brasileiros e foi retirado do documentário “Brasil no Olhar dos Viajantes”, com direção de João Carlos Fontoura, resultado do trabalho de pesquisadores sobre os registros de estrangeiros que estiveram no Brasil desde a época do descobrimento até ao século XIX. A obra é fruto de dois anos de pesquisa e produção e baseou-se na coleção de livros «O Brasil visto por Estrangeiros», da Secretaria de edições gráficas do Senado Federal do Brasil. Foram coletados textos, imagens, documentos e teses referentes ao tema, que é introduzido no Episódio 1 através da seguinte tese:

O Brasil é uma paisagem. Um paraíso tropical, habitado por uma gente alegre, exótica. Uma gente misturada, espontânea e amistosa. O país do futebol, da praia, do samba e de outras bossas eventuais. As imagens desse Brasil e desses brasileiros genéricos, estão presentes no cotidiano de muita gente, aqui e lá fora, como aquilo que melhor representa um país com um povo tão

diverso quanto desigual. Perto do paraíso, ou distante da civilização. Entre virtudes e defeitos, nossa forma de ser e estar no mundo é parte desse processo de buscar aquilo que nos identifica ou faz diferentes. Pertencer a um lugar em especial, ou apenas a uma parte a mais do mesmo e velho mundo. (Episódio 1 – 0:45 - 2:47min.)

Uma particularidade deste documentário é o fato de alguns brasileiros terem sido provocados a se autodefinirem durante uma abordagem informal no meio da rua. Em alguns casos os entrevistados foram solicitados a responder às seguintes questões: “Quem sou eu? / Quem eu penso que sou?”. Coletamos algumas dessas autodefinições de homens (H) e mulheres (M), retiradas do Episódio 1 (2:50min – 3:35min):³²⁷

Eu sou eu (M)

Oh, meu irmão, eu não sou nada. Sou uma criança. Sou pequenino, né? (H)

Um cidadão brasileiro, honesto e trabalhador. (H)

Talvez seja diferente dos outros, porque eu me orgulho de ser brasileira. (M)

Em outros momentos, os entrevistados teriam que dizer o que achavam do Brasil:

O Brasil é um país abençoado e tranquilo. (H)

O que mais me agrada no Brasil é esse clima. (H)

É um país que não tem preconceito. (H)

Muita gente trabalhadora e mal remunerados. (M)

Eu nunca andei no mundo não, mas dizem que é a melhor terra do mundo, não é? (H)

A parte da introdução do primeiro episódio encerra com a seguinte afirmativa que, de certa forma, justifica o propósito dos estudos dos historiadores, antropólogos, sociólogos e outros pesquisadores que participaram deste documentário, mas que se adequam perfeitamente aos objetivos do nosso estudo:

Quem você pensa que é, o que somos, ou pensamos que somos são temas recorrentes na nossa história e em boa medida fazem parte daquilo que herdamos do passado e de como lidamos com isso. É lá que podemos encontrar as respostas para essas dúvidas primordiais, ou a razão delas existirem. (Episódio 1 – 3:37min.- 4:08min.)

O documentário tem um narrador que introduz os fatos e a estes são adicionadas informações pormenorizadas sobre os relatos de viagem e seus autores, tendo sempre como base o tema “O Brasil no Olhar dos Viajantes”. As falas dos entrevistados não são

³²⁷ Episódio1- <https://www.youtube.com/watch?v=k-tb3ov8kkg>

contínuas, ou seja, são entrecortadas por trechos de outros participantes do ato interlocutório, que complementam o pensamento do primeiro narrador sobre cada assunto ou tema. Isso dificultou um pouco a compilação e a organização dos trechos selecionados, mas colocamos a demarcação do início e do fim de cada fala, com os nomes dos interlocutores e a identificação do episódio em que elas ocorreram.

Pedro Corrêa do Lago,³²⁸ bibliófilo e ex-presidente da Fundação Biblioteca Nacional, faz observações bastante relevantes a propósito da função dos relatos de viagem e de sua importância para a construção da *autoimagem* do povo brasileiro:

Os relatos tiveram uma função inicial de revelar o Brasil para a Europa culta, obviamente, não era para o povo europeu que não sabia nem ler, então para as elites europeias. Só que esses relatos hoje em dia têm uma função muito mais importante passada a atualidade deles, que é revelar o nosso passado para nós mesmos brasileiros. Essas imagens que eram feitas para fascinar os europeus, fascinam, na verdade, os brasileiros por nos revelar antigos, digamos assim, ou como nós éramos antigamente. (Pedro Corrêa do Lago - Episódio 3 — 53:10-53:29/ 53:38-53:47)³²⁹

Complementando a linha de pensamento de Pedro Corrêa do Lago, o Professor Doutor de História da UFT (Universidade Federal do Tocantins) e Diretor do Arquivo Público do Rio de Janeiro, Paulo Knauss,³³⁰ reitera:

No fundo eu acho que, todos nós, de algum modo, continuamos vivendo dessa iconografia. (53:30-53:37). Em grande medida, apesar de ela ter sido feita por estrangeiros, e em geral por viajantes, e não homens da terra, ou nativos, na ausência de outras imagens que poderiam ser caracterizadas como nativas, essas imagens se tornaram a nossa auto-representação. (Paulo Knauss - Episódio 3 — 53:48min.– 54:06min.)

³²⁸ Pedro Aranha Corrêa do Lago é um editor, escritor, historiador, colecionador, curador e administrador brasileiro, com atuação destacada na história da arte. Um dos maiores especialistas na iconografia colonial do Brasil. Coordenou equipes responsáveis pela pesquisa primária a respeito dos mais destacados artistas atuantes no Brasil do século XVII ao século XIX. É autor de 22 livros sobre a arte e a cultura brasileiras e sobre manuscritos. Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Corr%C3%AAa_do_Lago#Biografia. Acesso em 11/05/2020.

³²⁹ Episódio 3 - https://www.youtube.com/watch?v=8t_WVzU2IUo

³³⁰ Paulo Knauss de Mendonça é Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense, tendo realizado pós-doutorado na Universidade de Estrasburgo, França. É professor do departamento de História e membro do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) e exerce o cargo de Diretor do Museu Histórico Nacional (MHN). É sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ), membro do Comitê Brasileiro de História da Arte (CBHA), do Grupo de Estudos de Arte Pública na América Latina (GEAP). Desenvolve pesquisa sobre as relações entre Arte, Imagem e Cultura Visual, bem como, História, Memória e Patrimônio Cultural. Fonte: <https://www.escavador.com/sobre/1905375/paulo-knauss-de-mendonca>. Acesso em 11/05/2020.

Estes argumentos concorrem para o corroborar da importância das narrativas de viagem na construção de identidades e, conseqüentemente, para o papel significativo que as suas traduções podem desempenhar nesse processo. O conteúdo de originais e traduções ganha em ser confrontado com publicações científicas que, por exemplo, refutem ideias como as de Agassiz. O trecho abaixo, transcrito de um artigo do sociólogo brasileiro Alípio de Sousa Filho,³³¹ que também se baseou em leituras de viajantes que estiveram no Brasil nos séculos XVIII e XIX, resume bem o que representa a mestiçagem para a identidade do povo brasileiro:

Convém agora explicar o que na nossa interpretação da cultura brasileira chamamos de mestiçagens. O emprego por nós da palavra mestiçagem – quase sempre utilizada no plural – é um deslizamento semântico do sentido original do termo na acepção de "cruzamento", "hibridismo", "mistura", seja da maneira como aparece nas ciências naturais, seja, como vimos, da maneira como é empregada pelas próprias ciências humanas. Ao falarmos das mestiçagens nacionais, inclui-se aí naturalmente o sentido primeiro do termo pela referência às misturas (biológicas) que nos fundaram como tipo humano e como povo, mas, principalmente, o termo mestiçagem é por nós ressignificado para a referência às práticas de outras mestiçagens: misturas, fusões, sincretismos, hibridismos, associações, combinações, junções, etc. de valores, ideias, princípios, costumes, códigos, etc. tal como ocorrem na sociedade brasileira e que particularizam nossos hábitos culturais.³³² (Sousa Filho, 2001: 14)

O Episódio 4, sobre o século XIX, apresenta a visão das professoras Mariza Veloso³³³ e Maria Angélica Madeira sobre a formação da identidade do povo brasileiro:

Nós tivemos a nossa identidade enquadrada, definida pelo Outro estrangeiro desde o nosso nascimento, digamos assim. Este outro que nos definiu com o outro que se definiu, desde o princípio, como superior, como civilizado, em oposição a nós, os bárbaros, os canibais, os mestiços, os incivilizados. Durante o século XIX, o que que nos informa como uma nação moderna? É termos uma natureza exuberante. Está colocada a natureza no lugar da História. Já que nós não tivemos uma Idade Média, uma história vigorosa, mas nós temos uma natureza monumental. E se você quiser, até hoje, a importância da natureza no imaginário da identidade do povo brasileiro é ainda um ponto fortíssimo. (Mariza Veloso – Episódio 4 — 50:15min. – 51:40min.)³³⁴

³³¹ Professor Titular de Teoria Social do Instituto Humanitas e professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (Ética e Filosofia Política) da UFRN, Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris-Sorbonne (2000). Entre outros trabalhos, é autor do livro *Medos, mitos e castigos* (São Paulo: Cortez, 2001). Ver: <http://lattes.cnpq.br/4671867942395393>

³³² Artigo intitulado: "Somos mestiços, e daí?: arqueologia de representações depreciativas do mestiço e das mestiçagens na interpretação da cultura brasileira." (2001: 11-53.)

³³³ Doutorado em Antropologia pela Universidade de Brasília (1992) e pós-doutorado pela New York University (2002-2003) em Estudos Urbanos. Professora do Instituto Rio Branco, Ministério das Relações Exteriores, e Professora Associada III da Universidade de Brasília.

Fonte: <https://www.escavador.com/sobre/1315093/mariza-veloso-motta-santos>. Acesso em 12.04.2020.

³³⁴ Episódio 4 - <https://www.youtube.com/watch?v=nh9ntKXYKXE>

Quanto ao assunto das teorias racialistas e climáticas, as professoras se referem à mudança de visão sobre a identidade do povo brasileiro que se operou a partir do Modernismo. Como as falas se entrelaçam, marcamos as falas com cores diferentes:

Foi no século XIX que se descobriu a Carta de Caminha, que se descobriram outros documentos importantes. Por outro lado estão sendo elaboradas teorias científicas que vão nos inferiorizar sobremodo. (Maria Angélica Madeira – Episódio 4 - 51:43-51:48)

Para nós foi muito dramático passar três séculos de colonização sendo definidos pelo outro. E no século XIX que a partir de teorias racialistas, das teorias climáticas, das teorias ditas científicas, que tinham na época um teor de verdade sobre a mestiçagem, sobre o clima tropical, tudo isso visava uma inferiorização nítida. E aí é que eu acho que se complica muito a situação da autoimagem do brasileiro ao longo do século XIX. (52:18) Tudo vai se modificando até o Modernismo. Só com o Modernismo que vão buscar historicizar os nossos processos a nossa formação enquanto nação, deixando essa perspectiva da biologia, da natureza e tentando buscar a cultura, a ênfase na diversidade cultural do brasileiro (Mariza Veloso e Maria Angélica Madeira - Episódio 4 - 51:49 min. - 52:43min)

As pesquisadoras citam também “Gilberto Freyre,³³⁵ Sérgio Buarque, Caio Prado, todos eles se voltam para esses relatos coloniais, mas já se voltam com uma perspectiva crítica” (Episódio 4 - 52:50 min. - 52:58min.).

Os depoimentos dos pesquisadores no documentário continuam, mas à frente na voz de Mariza Veloso e Jean Michel de Carvalho França:

Os Modernistas buscaram também a ideia da unidade, aonde está a nossa identidade? Gilberto Freire diz que o que nós temos de diferente é a nossa mistura, é a nossa miscigenação. Nenhuma experiência colonial permitiu esse tipo de organização social como houve no Brasil. (Mariza Veloso – Episódio 4 - 53:00 min. - 53:23min.)

Ao dizer que “O Modernismo brasileiro tem muito dessa coisa do povo feliz, do povo sem compromisso, etc. Só que você inverteu os sinais, onde o estrangeiro via uma mácula, você vê uma virtude.” (França – Episódio 4 - 53:43min. - 53:51min.), França revela que foi a partir de então que a autoimagem dos brasileiros começou a mudar, já

³³⁵ Gilberto Freyre (1900-1987) - foi um sociólogo, historiador e ensaísta brasileiro. Autor de "Casa Grande & Senzala" que é considerada, uma das obras mais representativa sobre a formação da sociedade brasileira. Sérgio Buarque de Holanda (1902-1988) - foi um historiador brasileiro. Autor do clássico "Raízes do Brasil". Foi também crítico literário, jornalista e professor. Sua vida foi praticamente dedicada ao trabalho acadêmico. Caio Prado Júnior (1907-1990) - foi um importante intelectual interessado em compreender a história política e social do nosso país tendo sido um dos maiores nomes da historiografia brasileira. Fonte: (https://www.ebiografia.com/gilberto_freyre/).(https://www.ebiografia.com/sergio_buarque_de_holanda/) . (https://www.ebiografia.com/caio_prado_junior/). Acesso em 11/05/2020.

que não era mais definida pelo Outro estrangeiro e sim pelos autores nacionais, ou pelo próprio povo brasileiro, como testemunhamos na autodefinição de um jovem entrevistado no documentário que desmistifica a ideia de que o povo brasileiro é *parvo* por ser feliz mesmo sem ter motivos para isso. Ele se refere a uma frase bastante verbalizada por pessoas estrangeiras quando encontram brasileiros: “Como é que um povo que sofre tanto consegue ser feliz?” — E responde em tom de incredulidade: “Isso é ridículo, não é?” (Episódio 2 – 57:05min-57:08min.)

O brasileiro pensa predominantemente de forma positiva. Para os brasileiros, “sorrir mesmo perante dificuldades” significa ser *resiliente*, ser capaz de ter leveza de espírito e ser grato pelo pouco que tem, em vez de sofrer pelo que lhe faz falta; mais ainda, é olhar a dificuldade como motivação para prosseguir e se preparar para construir um futuro melhor.

No entanto, não constitui tarefa fácil eliminar estereótipos construídos há tantos anos e para os quais muito contribuiu a escrita de viagem, como sublinha França no Episódio 4 do documentário:

O contraponto da felicidade é a preguiça, quer dizer, o brasileiro é muito feliz porque é descompromissado, ele é meio preguiçoso, ele é cordial, no sentido que entende o Sérgio Buarque de Hollanda, ele é cordial porque ele vai te pedir um favor, porque ele quer quebrar as hierarquias e com isso ele quebra qualquer princípio de racionalidade na condição da sua sociedade também. Isso é uma ideia muito forte da literatura de viagem. Que o brasileiro é emocional, ele não tem muita racionalidade porque ele não tem cultura. Ele se deixa levar pelos seus instintos, digamos assim, meio bárbaro. (França – Episódio 4 - 54:03min. - 54:40min.)

Na sequência deste pensamento, Mariza Veloso complementa:

E isso é uma consequência histórica desses relatos dos viajantes: internalizar uma estrutura de sentimento colonizada, inferiorizada, como se o brasileiro tivesse uma identidade ligada a uma essência ontológica, imutável. Eu acho que desde o Modernismo esse estigma vem sendo revertido.³³⁶ (Episódio 4 – Veloso - 54:57min. - 55:08min.)

É importante ressaltar uma outra característica do povo brasileiro que não foi observada em nenhuma das narrativas traduzidas estudadas na presente tese, e que é a *irreverência*. No excerto abaixo aponta-se o riso como forma de resistência ao

³³⁶ Aqui, Veloso explica que o termo *revertido* é empregado no sentido *reverter* o nosso complexo de inferioridade.

colonizador, ao mesmo tempo que se realça a multiculturalidade como um traço definidor da identidade brasileira de hoje:

Nunca fomos catequizados, fizemos foi carnaval. Quer dizer ri do Colonizador, que ele não é o dono absoluto da verdade, nós temos o que dizer. Nós estávamos felizes aqui e podemos ser felizes de outras maneiras. [...] E justamente hoje nós estamos tentando encontrar outros conceitos que rompam essa ideia de Centro x Periferia. Não, a nossa identidade foi se modificando, foi sendo reconstruída, como diria Darcy Ribeiro³³⁷ “regiões culturais tão diferenciadas”, você tem o índio, tem o caboclo, você tem o mulato, você tem o mestiço, você tem o caipira, você tem imigrantes, a variedade cultural é muito maior do que o negro, do que o índio, do que o branco! (54:02 min. - 56:05min.)

Como vemos, Mariza Veloso ressalta a relação assimétrica entre Centro e Periferia representada pelos viajantes europeus e norte-americanos *versus* o povo brasileiro durante muitos séculos, mas que desde a primeira metade do século XX tem sido combatida. Veloso observa, a propósito da definição esquemática, redutora, estereotipada do Brasil: “A nossa construção de forma de sociabilidade diferenciada, a nossa capacidade de convivência com a diferença, a nossa capacidade de reinvenção, de criatividade, ela talvez tenha sim alguma coisa a dizer pro mundo e não apenas os estereótipos do praia, caipirinha e carnaval. (56:40min. -57:22min.)

O documentário “O Brasil no Olhar dos Viajantes” tem um valor inestimável não somente para este estudo, mas para todos aqueles que se interessem em saber como foi construída a imagem de um país tão plural e ao mesmo tempo tão singular como o Brasil. Encerramos com a visão do Professor Ronaldo Vainfas, que sem enaltecer a natureza exótica do país nem pormenorizar as características de seu povo, insiste, como outros, na multiculturalidade como uma das suas grandes riquezas:

O Brasil, com opressões, escravidão, discriminações, o que seja, tem uma experiência de cinco séculos em conviver com diversidades culturais, raciais, religiosas, sem passar por nenhuma espécie de apartheid, como na África do Sul; sem ter nunca em sua história uma instituição como a Ku Klux Klan. (Ronaldo Vainfas³³⁸ – Episódio 4 - 56:07min. – 56:38min.)

³³⁷ Darcy Ribeiro (1922-1997) - antropólogo, sociólogo, professor, escritor, indigenista e político – foi uma das mentes mais brilhantes de nosso país. No início de sua carreira, enquanto antropólogo, dedicou-se a estudar a cultura indígena, tendo prestado serviços como indigenista ao Serviço de Proteção ao Índio. *O Povo Brasileiro* é o título do último e mais completo livro de Darcy Ribeiro sobre a sociedade brasileira. Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/darci-ribeiro.htm>

³³⁸ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado pela Universidade de Lisboa em 2007. Pós-doutorado na USP em 2013-2014. Professor titular de História Moderna da Universidade

A escrita de viagem enquanto repositório de representações, visões, percepções do Brasil, constitui um fértil campo de investigação para a reconstituição do processo de construção da identidade brasileira, a qual se formou em grande medida à imagem do olhar do Outro estrangeiro:

Estudar Literatura de Viagem hoje no Brasil tem um pouco este sentido de entender como chegamos hoje onde chegamos, que a perspectiva que nós temos de nós mesmos veio em larga medida de fora e é preciso pensar isso, para que ela passe a ser também um pouco mais de dentro também. Isso é muito importante. (Jean Marcel de Carvalho França – Episódio 4 - 57:27min.-57:44min.)

No que diz respeito especificamente ao povo da Amazônia, interesse principal deste estudo, temos a dizer que é um povo trabalhador, hospitaleiro, acolhedor, prestativo, solidário, pacificador, religioso, otimista e feliz. Um povo que tem orgulho de dizer de onde é, que gosta de partilhar aspectos de sua cultura, desde a culinária às danças típicas, às festividades, ao jeito de falar, e que recebe muito bem aqueles que os visitam. Não é por caso que a hospitalidade e a cortesia são as características mais ressaltadas nas narrativas aqui estudadas e que o público leitor brasileiro tem à sua disposição em mais de uma tradução.

Considerações Finais

Ao concluirmos a presente tese, gostaríamos de fazer um balanço da nossa trajetória. O percurso deste longo e árduo trabalho, diferentemente da dissertação de Mestrado, foi bastante singular. Durante toda a nossa vida acadêmica sempre nos dedicamos ao estudo e ensino do inglês. Desde a Licenciatura, passando pela Especialização, até ao Mestrado, todo o nosso esforço se concentrou na Linguística Aplicada — Ensino-Aprendizagem do Inglês como Língua Estrangeira. De repente surgiu a oportunidade de, pela primeira vez na vida, sermos uma estudante em terras d'além-mar e inserir-nos em um universo acadêmico completamente estranho e desafiador. Felizmente, no seminário de Tradução e Estudos de Recepção do Doutorado Interinstitucional em Tradução e Terminologia (um consórcio entre a Universidade Nova de Lisboa e a Universidade de Aveiro, Portugal), lecionado pela Prof^a Doutora Maria Zulmira Castanheira, algumas ideias foram surgindo e pensamos em fazer-lhe o convite para ser nossa orientadora, o qual foi aceito de imediato. Foi um misto de alegria e preocupação, visto que o projeto era ainda muito incipiente. Felizmente, as apreensões sentidas de início foram recompensadas pela enorme motivação que foi crescendo durante a compilação do *corpus*, pois a cada novo autor nossa vontade de adentrar o fascinante mundo da Escrita de Viagem foi se alargando. Devo ressaltar o apoio da nossa orientadora, que nos conduziu a leituras que embasariam todo o trabalho de pesquisa e redação. Posso afirmar que, apesar dos percalços que sempre sucedem em projetos desta natureza, ambas fomos resilientes. Com um profundo sentimento de gratidão por todos os que, de alguma forma, nos apoiaram neste projeto, direta ou indiretamente, chegamos agora às necessárias, mas não definitivas, *Considerações Finais* — termo que preferimos ao mais convencional *Conclusão*. Um trabalho desta natureza oferece imensas possibilidades de continuidade, o que pretendemos fazer, nomeadamente alargando o *corpus* a outros autores e épocas que não foram agora contemplados e até a viajantes de outras nacionalidades que visitaram o Brasil. Não foi nossa pretensão esgotar um tema que cada vez mais requer reflexão: a imagem da Amazônia e de seus habitantes.

O título desta tese, *Trânsitos Geográficos e Trânsitos Textuais - Narrativas de viagem oitocentistas de autoria estrangeira sobre a Amazônia em tradução brasileira: o caso dos olhares anglófonos*, espelha bem, a nosso ver, todos os aspectos abordados no trabalho. O fato de tratarmos de viagens reais, que incluem deslocamentos geográficos bastante longos, com alguns viajantes provenientes da Inglaterra (Bates e Wallace) e desembarcando diretamente em Belém do Pará, e outros oriundos dos Estados Unidos (Kidder, Fletcher e os Agassiz) e começando por chegar à capital do Império, Rio de Janeiro, para depois seguirem de navio pelo litoral nordestino até atingirem a região amazônica, justifica a expressão *Trânsitos Geográficos* (e há ainda que considerar as outras movimentações pelo interior de algumas províncias e as longas viagens de barco pelo Rio Amazonas e seus afluentes). *Trânsitos Textuais* refere-se à transferência dos textos originais em inglês para a língua portuguesa (variante brasileira) por via da tradução e respectiva circulação no Brasil. O subtítulo da tese define o *corpus*, já que tratamos de narrativas de viagem do século XIX sobre a Amazônia, escritas em língua inglesa, com o objetivo principal de investigar que imagem do povo amazônico tais obras veicularam e se as suas traduções brasileiras as confirmaram ou manipularam.

Nesta tese vemos a tradução como parte de um vasto sistema de comunicação intercultural, que enquadra a viagem entre o texto/cultura de partida e o texto/cultura de chegada. Por isso, a caracterização das obras, dos projetos editoriais, dos autores dos textos originais, dos tradutores das coleções e de todos os autores de textos e paratextos se tornou necessária. É importante destacar a relevância das três coleções em foco pela difusão de conhecimentos sobre a memória histórica e cultural brasileira: «Brasiliana», «Reconquista do Brasil» e «O Brasil Visto por Estrangeiros». Havemos de ressaltar também sua relevância por terem proporcionado ao público brasileiro a oportunidade de ter acesso a obras de viajantes estrangeiros por via da tradução, principalmente porque ainda hoje a porcentagem de público-leitor brasileiro que lê em língua inglesa não é muito expressiva. De acordo com a pesquisa “Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil” (*British Council*, 2013), “apenas 5,1% da população com 16 anos ou mais afirma possuir algum conhecimento da língua inglesa. A afirmação, no entanto, está mais no âmbito da percepção e não necessariamente se traduz em

possuir conhecimento da língua.” (2019: 9).³³⁹ Não há estudos acadêmicos que revelem atualizações sobre este índice, mas considerando nossa experiência no contexto acadêmico, podemos afirmar que a dificuldade com o idioma é bem evidente. O ensino de línguas estrangeiras na educação básica é muito deficiente, devido à carga horária baixa, salas superlotadas de alunos, além de as aulas serem primordialmente centradas no ensino de capacidade de leitura e compreensão de gêneros textuais que preparem os alunos para o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.³⁴⁰ Somando-se a outros fatores, relativos à falta de proficiência na língua inglesa no Brasil, que não cabe mencionar neste trabalho, as obras aqui estudadas ficariam com um público leitor muito mais restrito se não tivessem sido traduzidas. Durante a recolha de estudos críticos sobre escrita de viagem do século XIX para serem considerados no travejamento teórico, percebemos que nesses trabalhos a bibliografia indicada incluía majoritariamente versões em português dos relatos.

Ainda com relação às coleções, o fato de haver um intervalo de pelo menos 30 anos entre a publicação das primeiras traduções pela «Brasiliana», nos anos de 1930, e as da «Reconquista», publicadas a partir da década de 1970, permitiu-nos fazer o cotejo entre as duas edições para verificarmos se houve atualizações, diferenças e até mesmo possíveis plágios. Quanto à Coleção do Senado Federal «O Brasil Visto por Estrangeiros», da série Viajantes, lançada aproximadamente vinte anos após as traduções da «Reconquista», oferece ao leitor mais jovem o acesso à leitura de alguns dos volumes da «Brasiliana», republicados e disponibilizados *online* atualmente. Como mostramos no Capítulo II, “Dos textos de partida aos textos de chegada”, nas duas primeiras coleções não há explicitação ou sistematicidade de seus projetos tradutórios, talvez pela ausência deles ou por não ser esta uma prática dos tradutores à altura. No entanto, pela falta de um escopo a ser seguido por quem encomendava as traduções, os tradutores

³³⁹ Fonte: British Council. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ENSINO DE INGLÊS UM PANORAMA DAS EXPERIÊNCIAS NA REDE PÚBLICA BRASILEIRA. 1ª edição. São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/final-publicacao_politicaspUBLICASingles-compressed.pdf. Acesso em 20.03.2020.

³⁴⁰ “ENEM - é hoje a principal porta de entrada no ensino superior do Brasil. A prova viabiliza o acesso às instituições de educação públicas e privadas (sendo critério para conquista de bolsas de estudo e financiamento estudantil do governo federal). O resultado também é usado para o ingresso direto em universidades que utilizam a avaliação de forma integral ou como complemento aos seus vestibulares próprios para entrada em seus cursos de graduação.” Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/programas-do-governo/enem>. Acesso em 15/05/2020.

tiveram espaço para reescrever seus textos de acordo com suas preferências em ambas as editoras. Mas é nos volumes da «Brasíliana» que encontramos mais intervenções por parte dos tradutores, nomeadamente através de paratextos, como no caso de Mello-Leitão, tradutor de Bates, que demonstra ter tido total liberdade para elogiar, criticar, corrigir e até justificar algumas das estratégias utilizadas em sua reescrita, assim como para recomendar bibliografia, de forma bastante ética e polida. Já nos volumes da «Reconquista» a voz do tradutor não é tão evidente. Quando comparamos a tradução de Bates, por Junqueira, com a de Mello-Leitão, temos a impressão de que aquele não teve direito a se tornar mais visível, pois escreveu apenas uma nota. Na verdade, todos os tradutores da «Reconquista» escreveram poucas notas, com exceção de Eugênio Amado, tradutor de Wallace, que foi o autor da maioria das 158 notas presentes nessa edição. Contudo, reunimos provas de que também os tradutores da «Reconquista» gozavam de autonomia para decidir o direcionamento que dariam às suas traduções. Muito recentemente tivemos acesso ao Sr. Eugênio Amado,³⁴¹ através de um contato inicial com sua esposa, a Sra. Maria do Carmo Arreguy Amado, pelo Messenger, que gentilmente intermediou a nossa solicitação para que o tradutor se disponibilizasse a responder a algumas perguntas relativas à tradução de *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro*. Tal pedido foi prontamente aceito e as respostas ao nosso pequeno questionário foram enviadas por *e-mail*. Uma das perguntas disse respeito à política da comissão editorial com relação ao modo de conceber a tradução, como mostramos abaixo:

Havia por parte da comissão editorial da Coleção Reconquista do Brasil um direcionamento de como deveria ser a tradução? Ou os tradutores tinham total liberdade para imprimir sua marca e decidir como seria seu projeto tradutório? (Minha pergunta) **Total liberdade** (resposta do tradutor Eugênio Amado)

A resposta de Amado aponta, pois, para a ideia de que se os tradutores da Coleção «Reconquista» não se mostraram mais visíveis foi, muito provavelmente, por opção pessoal. Mas nem sempre uma menor visibilidade parte do próprio tradutor. Em algumas edições do Senado Federal, o apagamento se dá quando o nome do tradutor de Kidder, Moacir N. Vasconcelos, não aparece em nenhuma parte do volume II da obra

³⁴¹ O *e-mail* foi respondido no dia 26 de março de 2020.

Reminiscências; assim como o de Orlando Torres, tradutor de Wallace, na mesma coleção. Na edição de *Viagem ao Brasil*, dos Agassiz, apesar de o nome do tradutor estar presente, há um texto, em dois parágrafos na contracapa, sobre a escrava “Alexandrina”, cuja autoria não é apontada. Somente um leitor bem atento perceberá que os parágrafos, retirados do Capítulo VII da referida obra, foram escritos pela Sra. Agassiz.

Ainda com relação ao projeto tradutório, não é possível delimitarmos quais tradutores apresentam preferencialmente estratégias domesticadoras ou estrangeirizadoras, pois em quase todas as narrativas traduzidas encontramos o uso de ambas. Isto faz com que concluamos que o uso de certas estratégias não era planejado e muito menos apontado pelas editoras. Eugenio Amado corroborou, quando evidenciamos que além de oscilar entre uma ou outra estratégia, na sua tradução ele italianiza o nome original de uma pessoa citada na narrativa, como mostramos anteriormente.

Pelo perfil dos tradutores que tivemos oportunidade de analisar, e considerando uma outra resposta de Amado, inferimos que os tradutores da «Reconquista» eram selecionados por sua competência tradutória, muito elogiada pelo Presidente da Comissão Editorial da Coleção, Mário Guimarães Ferri, mas que a proximidade com os proprietários das editoras também influenciava a escolha do tradutor, como prova a resposta a seguir:

Como surgiu o convite para traduzir a obra de Alfred Russel Wallace *A Narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro...*, traduzida como *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*, pelo senhor? (Minha pergunta). Que me lembre, fui chamado pelo editor Pedro Paulo Moreira, proprietário da editora Itatiaia, que me perguntou se eu toparia fazer aquela tradução. Eu respondi que sim. (Resposta de Amado)

Na Coleção «Brasiliana» o destaque dado aos nomes dos tradutores nos volumes é justificada, segundo Rodrigues (2008), por haver um grande interesse em enfatizar a colaboração de intelectuais reconhecidos, o que acrescentavam valor à Coleção. No entanto, a autora remata: “Assim, parece que a identificação do tradutor na capa é mais para evidenciar a importância do nome e qualificação do tradutor, que para focar a relevância da tarefa do tradutor.” (4-5)

Ambas as Coleções, «Brasíliana» e «Reconquista», oferecem ao leitor a oportunidade de conhecer um pouco da história do Brasil através dos olhos de viajantes estrangeiros. Os diferentes modos de traduzir, a ênfase dada por cada autor a um tema específico, os aspectos gráficos, entre outras especificidades apresentadas ao longo desta tese, nos permitem perceber as particularidades das traduções. Ao compararmos os dois tradutores de Agassiz, pusemos em evidência um nível de maior competência na tradução de Mendonça («Brasíliana») em relação à de Etienne Filho («Reconquista»), especialmente pelo fato de o segundo não ter feito uma nova tradução e sim uma revisão da tradução de Edgar Süsskind de Mendonça, de 1938. Por termos analisado várias obras, foi possível também fazer uma comparação entre tradutores de obras diferentes, como entre o tradutor de Agassiz, Mendonça, e o de Bates, Mello-Leitão. Ambos integrantes do grupo de tradutores da coleção «Brasíliana», Mendonça e Mello-Leitão utilizam estratégias diferentes: Mendonça leva o leitor a perceber os erros presentes na obra original, em vez de corrigi-los no corpo do texto, e isso o distingue bastante do polido tradutor Mello-Leitão, que dá um tom bem sutil às correções e tem o cuidado de justificar as escolhas do autor, assim como as suas, ao fazer alguma alteração no TP, o que para nós representa uma forma de escrita compartilhada. Mello-Leitão, como naturalista, não estava competindo com Bates e sim enriquecendo sua escrita, conforme exemplificamos, desde já nos excertos que se seguem, onde faz correções em notas, em uma escrita bastante modalizada, ou seja, utiliza mecanismos discursivos que lhe possibilitam manifestar o seu posicionamento perante os lapsos cometidos pelo autor do TP em relação ao que é dito na narrativa, de forma respeitosa:

Há neste trecho de Bates alguns enganos. Parece que ele deu a designação geral de cobras às anfisbenas e ao licranço para que o leitor comum tivesse uma ideia daqueles curiosos animais... [...] (Mello-Leitão, 1944: 135 – Nota do tradutor 134)

As aranhas não são insetos, mas já vimos que Bates emprega o termo de um modo geral, como era ainda corrente em seu tempo. (195 – Nota do tradutor 203)

Penso haver engano na interpretação de Bates; o nome bandeira refere-se antes ao aspecto da cauda, com longos pelos e que, quando o animal caminha, parece uma bandeira. (212- Nota do tradutor 215)

Mas há aqueles tradutores que preferem se manter invisíveis, como Orlando Torres, tradutor de Wallace na «Brasiliana», que não escreve notas e prefere uma estrita fidelidade ao TP. Tanto é que reproduz até um problema de escrita do texto fonte, conforme apontamos na parte II.2.3., quando utiliza o termo *Amazonas* se referindo ao estado, quando na verdade o referente é o rio. Os “erros” da tradução, no entanto, não são cometidos somente pelo tradutor, mas também pelo anotador e prefaciador, Basílio de Magalhães. A tradução de Wallace, por Amado («Reconquista»), oferece maior legibilidade, já que elimina a possibilidade de dúvida por parte do leitor e porque atualiza dados. Em termos gerais, diríamos que a tradução de Amado é mais cuidada e fluente, enquanto a de Torres é mais resistente. Mas isso não significa que os tradutores tenham se mantido desta forma durante toda a obra, pois observamos mudança de estratégia em outros momentos. O mesmo ocorre com Mello-Leitão e Junqueira, tradutores de Bates, muito embora Mello-Leitão se preocupe com as necessidades dos leitores brasileiros, a quem se dirige diversas vezes acrescentando um ou outro detalhe e praticando, desta forma, o que o crítico de tradução inglês Peter Newmark (1988) chama *tradução de tipo comunicativo*: ou seja, que “olharia para as necessidades do novo destinatário, adaptando-se a elas tanto quanto necessário.” (*apud* Pym, 2013: 70), ao domesticar o texto com o uso de termos regionais e valorizá-lo ressaltando o mérito do Outro com o emprego de termos próprios das ciências naturais. Por outro lado, Junqueira tem em conta os valores formais do TP, tomando-os o mais possível em consideração, ao praticar o que Newmark chama *tradução do tipo semântico*, pois “teria em conta os valores formais do texto de partida e tomá-los-ia o mais possível em consideração.” (*idem*). Mesmo assim, e mais uma vez, não podemos rotular a tradução de Mello-Leitão como domesticante e a de Junqueira como estrangeirizante, já que ambas as estratégias são praticadas pelos dois tradutores.

O mais estrangeirizador de todos os tradutores de nosso *corpus* é Dolianiti, tradutor de Fletcher & Kidder, que, apesar de ter suprimido uma parte bem significativa da obra *O Brasil e os Brasileiros* na qual mostraria um Fletcher tão rigoroso quanto Kidder em seu julgamento sobre assuntos religiosos no Brasil, e não ter explicado o motivo de tal supressão, como mostrado na seção II.2.4., é bastante formal e fiel ao texto de partida, pois segue de perto as palavras e estruturas do original.

Com relação aos aspectos imagológicos de tais narrativas, é importante ressaltar que tais traduções dão a conhecer as motivações ideológicas do Outro estrangeiro que levaram à construção de uma determinada imagem da Amazônia, assim como veiculam uma certa caracterização do próprio observador estrangeiro (britânico e norte-americano) e do colonizador. No excerto abaixo apresentamos a visão de Kidder (norte-americano) sobre Portugal e o povo português, presente na narrativa *Reminiscências*:

Torna-se impossível apreciar devidamente as condições brasileiras sem levar em linha de conta as influências metropolitanas. Apesar de riqueza e da glória que Portugal desfrutou durante o curto período de supremacia marítima, poucos países europeus estão menos que ele em condições de servir de paradigma a um estado próspero dos tempos modernos. Sob qualquer prisma que se considere a nação portuguesa ou suas instituições, encontramos-la sempre muito aquém do espírito da época. Entretanto, esse país tão insignificante em tamanho, quão tardo em seu desenvolvimento, manteve quase metade da América do Sul sob férreo regime colonial, desde o seu descobrimento até 1822.

Vinte e três anos, apenas, foi o espaço de tempo que o Brasil até agora teve para a tarefa gigantesca de traçar linhas mestras de sua vida de nação independente. Durante este período, profundas e numerosas têm sido as dificuldades com que se viu a braços. Grande parte de sua população era constituída de indivíduos nascidos ou educados em Portugal, e, portanto, dotados de estreita visão e imbuídos do sentimento reacionário tão comum aos portugueses. As leis, os métodos comerciais, a maneira de pensar e de agir eram todos lusitanos. E tudo isso necessita de uma completa renovação a fim de se adaptar às condições de um novo império que surge para a vida durante o surto de progresso do século dezenove. (Kidder/Vasconcelos, 1980: 262).

Em outras partes da narrativa, Kidder acrescenta aspectos negativos com relação à língua e à literatura portuguesas:

Talvez seja de lastimar, do ponto de vista literário, que a língua do Brasil seja o português. Há grande prevenção contra esse idioma, no estrangeiro. Conquanto seja em grande parte injusto esse preconceito, não se dissipará ele tão rapidamente. Até aqui a pobreza da literatura portuguesa, se não deu origem ao sentimento aludido, pelo menos o robusteceu. (268).

Recuperamos agora a imagem revelada sobre a posição privilegiada de que gozava a Inglaterra no Brasil e a exploração comercial imposta pelos ingleses a este país:

Nem todas as relações comerciais do Brasil lhe são proveitosas. A Inglaterra, através de uma política em que é hábil, acomodou-se perfeitamente nesse recanto do Novo Mundo. Seus súditos têm igrejas próprias, cemitérios, tribunais, correio, vapores, companhias de mineração e um vasto monopólio de mercadorias manufaturadas. Além disso, é o dinheiro inglês que preside as trocas e governa a moeda. E, apesar de tudo isso, a Inglaterra recebe poucos produtos brasileiros, exportando o pouco numerário que encontra no país, para liquidação de seus créditos. De há muito que os brasileiros se mostram descontentes com esse estado de coisas, mas não tinham outra alternativa de que lançar mão antes do recente vencimento do tratado entre os dois países. (266)

Estes excertos mostram que a tradução, aqui pela mão de Vasconcelos (1980), difundiu exatamente a imagem do povo português e do povo inglês projetada pelo viajante norte-americano que esteve no Brasil no século XIX. Os excertos remetem também para as disputas entre os povos da Europa para conquistar e explorar o Brasil, sendo uma das formas de ganhar espaço e depreciar os oponentes. Mais adiante, ao falar da instrução pública no Brasil e ao informar que “O novo sistema escolar inspirou-se na instrução francesa” (266), Kidder comenta: “Não será fora de propósito sugerir aos brasileiros o sistema atualmente em voga nos Estados Unidos, como adaptável ao seu ambiente e capaz de atender às conveniências brasileiras acima de qualquer expectativa.”(*op. cit.*). Com este ponto de vista revela que por detrás do seu propósito de distribuir Bíblias pelo Brasil, na tentativa de persuadir o povo a adotar a religião protestante, havia igualmente motivos comerciais, visto que era grande o interesse dos Estados Unidos em dominar a região amazônica. Na ânsia de conquistar a confiança e o apoio do governo brasileiro, após ter apresentado aspectos negativos dos povos já referidos, Kidder decide elogiar o potencial do Brasil, condicionando seu progresso a um movimento de renovação:

Essa renovação, é verdade, não pode ser trabalho de um dia, mas se se evidenciar que tal movimento já está pelo menos iniciado, o Brasil se apresentará perante o mundo como merecedor da mais alta consideração. A nação conseguiu partir dos laços que, de longa data, a tolham. Emergiu da condição servil de colônia, para uma situação elevada e respeitável, no concerto das nações. E, o que talvez seja ainda mais interessante, o Brasil nutre o anseio de melhorar. Observa constantemente os outros países, estuda o funcionamento de suas instituições e manifesta disposição de adotar as que lhe parecem boas, tão logo possam ser elas adaptadas ao ambiente brasileiro. No momento atual duas causas tolhem, fortemente, o desenvolvimento nacional. Em primeiro lugar a má situação financeira que se agrava cada vez mais, e depois a falta de uma população livre e inteligente que corresponda, em número, à extensão territorial desta nação. (Kidder/Vasconcelos, 1980: 263)

Termina a dizer que sem seguir o exemplo norte-americano o Brasil não iria prosperar. Este modo de pensar o Brasil, através dos modelos e valores próprios do Outro estrangeiro que o visita, é ratificado através desta tradução, assim como é replicado na obra de Fletcher escrita em parceria com Kidder, *O Brasil e os Brasileiros*. Esta forma de ver o Brasil como uma nação continuamente receptiva a tudo o que vem de fora ainda persiste nos dias atuais, haja vista o grande interesse de diversas nações em se instalarem na Amazônia, quer seja através de companhias mineradoras, quer através de ONGs internacionais. A exploração das riquezas naturais pelo Outro e a ideia

de que o povo local não tem capacidade para gerir os próprios recursos e preservar a natureza é algo que aflige e ofende os paraenses. Por isso achamos interessante estabelecer uma associação de ideias com trechos da canção de Edmar Rocha, interpretada pelo grupo Mosaico de Ravena, intitulada “Belém Pará Brasil”, um misto de ironia e verdade sobre a “Região Norte (do Brasil): ferida aberta pelo progresso, sugada pelos sulistas e amputada pela consciência nacional...”.³⁴²

Na verdade, o preconceito não vem somente dos estrangeiros, há muitos brasileiros, especialmente das regiões sul e sudeste, que se acham superiores ao povo da região norte e nordeste do Brasil, e isso pode ser porque “a culpa é da mentalidade criada sobre a região”; mas, infelizmente, é comum ouvirmos de pessoas que não conhecem a região norte a ideia de que viver na Amazônia é muito perigoso, o que gera uma indagação: “Por que é que tanta gente teme? Norte não é com M”. A canção responde em tom bastante irônico aos que cultivam o estereótipo sobre tais perigos: “Quem quiser venha ver, mas só um de cada vez, não queremos nossos jacarés tropeçando em vocês”. A letra realça assim a alteridade do povo que, mesmo não vivendo no meio de animais peçonhentos, prefere-os aos humanos cheios de preconceito. O compositor acrescenta que “Nossos índios não comem ninguém”, e indaga: “Por que ninguém nos leva a sério? Só o nosso minério.” A exploração mineral realmente acontece desde a época da colonização, quando ouro e pedras preciosas foram retirados do solo brasileiro e levados para Europa para decorar museus, castelos e igrejas. Atualmente a exploração mineral continua, levada a cabo por empresas multinacionais que têm causado impactos ambientais enormes e nefastos e a morte de tantas pessoas. A canção realça ainda a triste ideia, meio enraizada, de que “O que é bom vem lá de fora”, que retrata exatamente a influência da cultura do Outro estrangeiro sobre os povos locais, “Transformados até a alma, sem cultura e opinião”. Toda esta carga de preconceito e negatividade gera no povo algum desânimo, o que a canção também capta: “O nortista só queria fazer parte da Nação”. Porém, esta termina com um protesto de “Basta” na estrofe final, e com a afirmação de que, apesar de tudo,

³⁴² <https://www.youtube.com/watch?v=r5JM9PL3M1w>
<https://www.last.fm/pt/music/Mosaico+de+Ravena/+wiki>

a autoestima do povo não se deixa abater e o orgulho de pertencer à região fala mais alto:

Ah! chega de malfeituas
Ah! chega de tristes rimas
Devolvam a nossa cultura!
Queremos o Norte lá em cima!
Por quê? Onde já se viu?
Isso é Belém!
Isso é Pará!
Isso é Brasil!

De certa forma, esta canção contribui para esclarecer que as opiniões formuladas pelos europeus e norte-americanos acerca desse Outro tropical, e que foram dadas a conhecer ao Brasil em mais ampla escala por via da tradução, condicionaram eventualmente a *autoimagem* do povo amazônico, já que tais opiniões foram, e continuam a ser, disseminadas pela republicação dessas traduções (no caso da Coleção «O Brasil Visto por Estrangeiros»), pela versão digitalizada de tais obras, e também pelos volumes das duas coleções «Brasiliana» e «Reconquista» que ainda são vendidos em suas edições originais. Na falta de iniciativas para promover novas traduções das narrativas estudadas nesta tese, gostaríamos de ver cumprida pelo menos a promessa da plataforma da Brasiliana Eletrônica UFRJ, que ainda continua fora do ar, de apresentar resenhas sobre todas as quase 500 obras do acervo. Esperamos que tais resenhas ofereçam apreciações criteriosas, com emissão de juízos críticos embasados em profundo rigor científico.

O conhecimento de narrativas de viagem como as que foram objeto de estudo na presente tese contribui para que o público-leitor brasileiro perceba como sua identidade nacional foi construída. Pensamos que grandes traços da imagem criada pelo forasteiro europeu e norte-americano sobre o Brasil e o seu povo ainda prevalecem, se bem que em menor escala. A ideia apresentada pelos viajantes aqui estudados, e replicada pela voz dos tradutores, de que o Brasil é um país exótico, com uma potencialidade de desenvolvimento econômico enorme, com recursos naturais em abundância e uma extensão territorial invejada por muitas nações não deixa de ser verdadeira. Entretanto, o problema reside no fato de esses Outros, que ainda continuam a vir de fora, propagarem que o Brasil é uma nação aquém do desenvolvimento

alcançado por outras nações do Velho Mundo e até de outros países localizados nas Américas devido à incapacidade intelectual, cultural e laboral do povo brasileiro, e de que somente se tornaria uma grande nação se continuasse na condição de “colonizado”. Tal perspectiva é primitiva, injusta e ofensiva para um povo afável, otimista, bem-humorado, trabalhador e feliz, que tão bem recebe os que vêm de fora mas que, muitas vezes, é mal recebido quando para o estrangeiro vai.

Ainda não são muitos os brasileiros que têm noção do teor das descrições feitas nas narrativas de viagem escritas por estrangeiros, pois estes relatos sobre o Brasil não figuram entre os gêneros mais consumidos pelo público-leitor. Por este motivo temos interesse em implementar a sua leitura entre os alunos da Licenciatura em Língua Inglesa e Portuguesa da Universidade do Estado do Pará - UEPA, para que não somente possamos fomentar a discussão em seu torno, mas para, a partir deles, realizar pesquisas em estudos culturais, linguísticos e futuramente de tradução em nosso estado, com enfoque na Amazônia, suas gentes e seus costumes.

A investigação sobre tradução de escrita de viagem, quer a nível textual quer contextual, é um território com muito por desbravar. Estudar em mais ampla escala as narrativas produzidas por viajantes estrangeiros sobre a Amazônia, atendendo aos agentes envolvidos, ao cenário editorial em que surgiram, às intervenções textuais operadas pelos tradutores e outros protagonistas, a fenômenos de retradução de obras já anteriormente traduzidas para a mesma língua — interessando aqui indagar as possíveis motivações para tal iniciativa (históricas, ideológicas, literárias, estilísticas), as diferentes normas de tradução que as regem, a ocorrência de intertextualidades, possíveis plágios... —, permitirá compreender como a escrita de viagem e a tradução se aproximam, por proporcionarem ambas ao leitor o acesso ao Outro, como quer uma quer outra projetam e põem em circulação imagens e representações dos povos que têm o potencial de exercer grande impacto no imaginário coletivo, e também conhecer como a Amazônia e o Brasil têm sido vistos, pensados, sentidos de fora. Tencionamos dar prosseguimento e alargar o projeto que aqui teve início, esperando que no futuro se juntem a nós na investigação outros companheiros de viagem.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Primária

Agassiz, Jean Louis and Elizabeth Cary Agassiz. *A journey in Brazil*. Boston: Ticknor and Fields, 1868 [1867].

Agassiz, Mme.; Agassiz, Louis. *Voyage au Brésil*. Traduit de l'anglais avec l'autorisation des auteurs par Félix Vogeli. Paris: Hachette, 1869.

_____. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. Tradução e notas: Edgar Sússekind de Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Coleção Brasileira; v. 95)

_____. *Viagem ao Brasil: 1865-1866*. Tradução: João Etienne Filho. Apresentação: Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. (Coleção Reconquista do Brasil; v. 12)

_____. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Tradução e notas: Edgar Sússekind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. (Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros)

Bates, Henry Walter. *The Naturalist on The River Amazons, a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the equator, during eleven years of travel*. In two volumes. London: John Murray, Albemarle Street, 1863.

_____. *The Naturalist on The River Amazons, a record of adventures, habits of animals, sketches of Brazilian and Indian life, and aspects of nature under the equator, during eleven years of travel*. Second edition, with map and illustrations. London: John Murray, Albemarle Street, 1864.

_____. *O Naturalista no Rio Amazonas*. 2 vols. Tradução, prefácio e notas: Cândido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. (Coleção Brasileira; v. 237-237-A)

_____. *Um Naturalista no Rio Amazonas*. Tradução: Regina Regis Junqueira. Apresentação: Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. (Coleção Reconquista do Brasil; v. 53)

Kidder, Daniel Parish. *Sketches of residence and Travels in Brazil, embracing historical and geographical notices of the empire and its several provinces*. Vol. II. Philadelphia: Sorin & Ball, 1845.

_____. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil (Províncias do Norte): compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Tradução: Moacir N. Vasconcelos. Vol. II. São Paulo: Martins, Ed. da Universidade de São Paulo, 1943. (Biblioteca Histórica Brasileira)

_____. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Tradução: Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. (Coleção Reconquista do Brasil; nova série; v.16)

_____. *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil — Províncias do Norte*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. (Edições do Senado Federal; v. 103)

Kidder, Rev. D.P., D.D.; Rev. J. C. Fletcher. *Brazil and the Brazilians - portrayed in historical and descriptive sketches*, (illustrated by one hundred and fifty engravings). Philadelphia: Childs & Peterson; Boston: Phillips, Sampson & CO, 1857.

Fletcher, Rev. James C.; Rev, D. P. Kidder, D.D. *Brazil and the Brazilians - portrayed in historical and descriptive sketches* (illustrated by one hundred and fifty engravings). 7th edition. Revised and enlarged. Boston: Little, Brown and Company, London: Sampson, Low, Son & Co., 1867 [1857].

Kidder, Daniel Parish; James Cooley Fletcher. *O Brasil e os brasileiros (esboço histórico e descritivo)*. Tradução de Elias Dolianiti. Revisão e Notas de Edgard Sússekind de Mendonça. 1º volume. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Coleção Brasileira, Biblioteca Pedagógica Brasileira ; Série 5ª, vol. 205)

_____. *O Brasil e os Brasileiros (esboço histórico e descritivo)*. Tradução de Elias Dolianiti. Revisão e Notas de Edgard Sússekind de Mendonça. 2º volume. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Coleção Brasileira; Biblioteca Pedagógica Brasileira; Série 5ª, vol. 205 – A)

_____. *O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo*. Vol. 2. Tradução de Elias Dolianiti. Revisão e Notas de Edgard Sússekind de Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Coleção Brasileira, v. 205-A/T2)

Wallace, Alfred Russel. *A narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro, with an account of the native tribes, and observations on the climate, geology and natural history of the Amazon valley*. Second edition. Ward, Lock and Co., London: 1889 [1853].

_____. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Tradução de Orlando Torres. Prefaciada, anotada e revista por Basílio de Magalhães. Edição Ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. (Coleção Brasileira; Biblioteca Pedagógica Brasileira série 2ª - vol. 156)

_____. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Tradução: Eugênio Amado. Apresentação: Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. (Coleção Reconquista do Brasil, v. 50)

Bibliografia Secundária

Abreu, João Capistrano de. *Ensaaios e estudos: crítica e história*. 4ª ed. 4 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975-1976.

_____. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989.

Acuña, Cristobal. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. Trad. Helena Ferreira. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

Aguiar e Silva, Vitor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 4ª edição. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

Albuquerque, Luís de et al. *O confronto do olhar. O encontro dos povos na época das navegações portuguesas*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

Almeida, Fernando Omar Silveira. “A Formação da Identidade Mestiça da Música Brasileira entre o Império e a República”. *Anais do XIII Encontro Estadual de História da ANPUR*. Santa Cruz do Sul: 2016.

Amorim, Lauro Maia. “Tradução & Identidade”. Amorim, Lauro Maia; Rodrigues, Cristina Carneiro; Stupiello, Érika Nogueira de Andrade (Orgs.) *Tradução e perspectivas teóricas e práticas*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.

Argoni, Mirella. *Translating Italy for the Eighteenth Century. British Women, Translation and Travel Writing (1739-1797)*. Manchester, UK & Northampton, MA: St. Jerome Publishing, 2002.

Arreguy Filho. [Orelhas]. “A Esfinge Amazônica”. *Um Naturalista no Rio Amazonas*. Tradução: Regina Regis Junqueira. Apresentação: Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979. (Coleção Reconquista do Brasil; v. 53)

Bhabha, Homi K. *O Local da Cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

Baker, Mona and Gabriela Saldanha, eds. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Second Edition. Abingdon: Routledge, 2011.

Barreiro, J.C. *Imaginários e Viajantes do Brasil do Séc. XIX: Cultura e Cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

Bassnett, Susan. “Authenticity, Travel and Translation”. Mira Kadric, Klaus Kaindl and Franz Pöchhacker, eds. *Translationwissenschaft: Festschrift für Mary Snell-Hornby*. Tübingen: Stauffenberg, 2000: 106.

_____. "Culture and Translation". *A Companion to Translation Studies*. Edited by Piotr Kuhiwczak and Karin Littau. Clevedon, Buffalo, Toronto: Multilingual Matters Ltd., 2007.

_____. *Translation*. London and New York: Routledge, 2014.

_____. *Translation Studies*. Fourth Edition. London and New York: Routledge, 2014.

Bassnett, Susan and André Lefevere, eds. *Translation, History & Culture*. London and New York: Pinter Publishers, 1990.

Bassnett, Susan and Harish Trivedi, eds. *Post-Colonial Translation. Theory and Practice*. London and New York: Routledge, 1999.

Batchelor, Kathryn. *Translation and Paratexts*. London and New York: Routledge, 2018.

Batista, Eduardo Luís Araújo de Oliveira. "Literatura de viagem e tradução literária como criadores de imagens culturais: um estudo de sua influência no desenvolvimento da história cultural brasileira". *Tradução e Comunicação — Revista Brasileira de Tradutores*, 2009, vol. 18: 119-130.

_____. "Tradução, viagem, literatura: (re)escrevendo e colonizando uma cultura." *Alea: Estudos Neolatinos*, 2009, vol.11- nº 2: 296-308.

<https://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2009000200008>

Beller, Manfred. "Perception, image, imagology." *Imagology. The cultural construction and literary representation of national characters. A critical survey*. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007: 3-16.

Beller, Manfred and Joep Leerssen, eds. *Imagology. The cultural construction and literary representation of national characters. A critical survey*. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007.

Berman, Antoine. *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*. Tradução Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

Bernardo, Ana Maria Garcia. *A Tradutologia Contemporânea: Tendências e Perspectivas no Espaço de Língua Alemã*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, 2009.

Blanton, Casey. *Travel Writing: The Self and the World*. New York and London: Routledge, 2002.

Borm, Jan. "Defining Travel: On the Travel Book, Travel Writing and Terminology". *Perspectives on Travel Writing*. Edited by Glenn Hooper and Tim Youngs. Aldershot: Ashgate, 2004: 13-26.

Bradley, Peter T. *Navegantes britânicos*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.

Brems, Elke; Sara Ramos Pinto. "Reception and Translation". *Handbook of Translation Studies*, edited by Yves Gambier and Luc van Doorslaer. John Benjamins Publishing Company, Volume 4, 2013: 142-147.

Burke, Peter e Ronnie Po-chia Hsia, orgs. *A Tradução Cultural – os primórdios da Europa Moderna*. Tradução Roger Moiola dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

Buzelin, Hélène. "Agents of Translation". *Handbook of Translation Studies*. Volume 2 2011: 6-12.

Caeser, Terry. "South of the border: American Travel Writing in Latin America". *The Cambridge Companion to American Travel Writing*, edited by Alfred Bendixen and Judith Hamera. New York: Cambridge University Press, 2009: 180-194.

Cândido, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9ª edição, revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

Cardozo, Mauricio Mendonça. "Tradução, apropriação e o desafio ético da relação". Oliveira, Maria Clara Castellões de; Verônica Lucy Coutinho Lage (Org.). *Literatura, crítica, cultura*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2008, Vol. 1: 179-190.

Carvalho, Tania Franco. "Prefácio". Sousa, Celeste H. M. Ribeiro de. *Do cá e do lá: introdução à imagologia*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004: 9-13.

Ceia, Carlos. *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <http://www.edtl.com.pt>.

Clifford, James. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge: Harvard University press, 1997.

Cribelli, Teresa. "O império das palmeiras. Os Estados Unidos descobrem o império brasileiro". Jean Marcel Carvalho França, Teresa Cribelli, Maurício Parada (textos); Ana Cecília Impellizzeri Martins e Monique Sochaczewski (organização). *AS DESCOBERTAS DO BRASIL. O olhar estrangeiro na construção da imagem do Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014: 70-128.

Cristóvão, Fernando, dir. *Condicionantes culturais da literatura de viagens, estudos e bibliografias*. Lisboa: Cosmos, 1999.

Cronin, Michael. *Across the lines: travel, language, translation*. Cork: Cork University Press, 2000.

_____. *Translation and Identity*. London and New York: Routledge, 2006.

Cruz, Norma Maria da C., ed. "In Memoriam: Elias Dolianiti (1911-1985)". *Revista Foco e Escopo*. USP: Boletim IG-USP. Série Científica, vol. 17, 1986:3-4. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-8986.v17i0p3-4>. Acesso em 19/12/2017.

Cunha, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003 [1902].

Daou, Ana Maria. "Instrumentos e sinais da civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense." *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. v. 6, supl. Rio de Janeiro, 2000: 867-888.

Darwin, Charles. [Comentário de Carlos Darwin]. *O Naturalista no Rio Amazonas*, de Henry Walter Bates. Tradução: Cândido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944: 18-24. (Coleção Brasileira; v. 237)

Deângeli, Maria Angélica. *A Literatura na língua do outro: Jacques Derrida e Abdelkebir Khatibi*. Tese Doutorado em Teoria da Literatura – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2010.

_____. "Literaturas magrebina de expressão francesa: o desafio identitário de traduzir o(s) outro(s)". *Tradução & Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores*. Nº 24 – Ano 2012: 66-67.

Delisle, Jean and Judith Woodsworth, eds. *Translators through History*. Revised Edition. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

Denis, Ferdinand. *Uma festa brasileira*. Rio de Janeiro: Epasa, 1944.

Doorslaer, Luc van; Peter Flynn and Joep Leersen, eds. *Interconnecting Translation Studies and Imagology*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016.

Duarte, João Ferreira, org. *A Cultura entre Tradução e Etnografia*. Lisboa: Vega, 2008.

_____, ed. *A Tradução nas Encruzilhadas da Cultura*. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

Duncan, James and Derek Gregory, eds. *Writes of Passage: Reading Travel Writing*. London and New York: Routledge, 1999.

Eco, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Tradução de Eliana Aguiar; revisão técnica de Rafaella Quental. Rio de Janeiro: Record, 2014.

Editor, O. "In Memoriam: Elias Dolianiti (1911-1985)". Boletim IG-USP. Série Científica, [S.l.], v. 17, p. 3-4, jan. 1986. ISSN 2316-8986. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/bigsc/article/view/45049/48661>>. Acesso em: 26 dec. 2017. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-8986.v17i0p3-4>.

Esteves, Lenita e Viviane Veras, orgs. *Voices da tradução: éticas do traduzir*. São Paulo: Humanitas, 2014.

Even-Zohar, Itamar. "Introduction to Polysystem Studies". *Poetics Today-International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication*. Volume 11, number 1: 1990.

_____. "The position of translated literature within the literary polysystem." *In The Translation Studies Reader*, Lawrence Venuti (ed.). 3rd edition. London/New York: Routledge, 1978/1990: 192-197.

_____. "Translation Theory Today: A Call for Transfer Theory". *Poetics Today*, Vol. 2, No. 4, Translation Theory and Intercultural Relations (Summer - Autumn, 1981: 1-7) Published by: Duke University Press Stable URL: <https://www.jstor.org/stable/1772481> Accessed: 29-11-2019.

Fares, Josebel Akel. "Percurso Amazônico de Viajantes Estrangeiros I: paisagens no relato dos Agassiz." *Diversidade cultural: diálogos literários*. Org. de Paulo Jorge Martins Nunes. 1ª ed. Vol. 2. Belém: EDUNAMA, 2008: 53-68.

Feijó, Diogo Antônio. *Demonstração da necessidade de abolição do celibato clerical pela Assembleia Geral do Brasil e da sua verdadeira e legítima competência nesta matéria*. Rio de Janeiro: Typographia King, 1887.[1828]
<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=livrossp&pagfis=6981>

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. — 4. ed. — Curitiba: Ed. Positivo; 2009.

Ferreira, Rubens da Silva. "Henry Walter Bates: um viajante naturalista na Amazônia e o processo de transferência da informação." *Revista ibict*, v. 33, n. 2, 2004: 65-75.

Ferri, Mário Guimarães. [Apresentação]. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Tradução: Eugênio Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979
Coleção Reconquista do Brasil, v. 50: 1979: 9-10.

Filho, Arreguy. [Orelhas]. Wallace, Alfred Russel. *Viagens pelos Rios Amazonas e Negro*. Tradução: Eugênio Amado; apresentação: Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, Coleção Reconquista do Brasil; vol. 50: 1979.

Flynn, Peter, Joep Leerssen and Luc van Doorslaer. "On translated images, stereotypes and disciplines." *Interconnecting Translation Studies and Imagology*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016: 1-18.

França, Jean Marcel Carvalho. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: antologia de textos (1591-1808)*. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Unesp, 2012.

_____. *AS DESCOBERTAS DO BRASIL. O olhar estrangeiro na construção da imagem do Brasil*. Jean Marcel Carvalho França, Teresa Cribelli, Maurício Parada (textos); Ana Cecília Impellizieri Martins e Monique Sochaczewski (organização). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

Franco, José Luiz de Andrade; Drummond, José Augusto. “Cândido de Mello Leitão: as ciências biológicas e a valorização da natureza e da diversidade da vida.” *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 14, n. 4, p. 1265-1290, Out/Dez.2007. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702007000400009>

Freitas, Marcos Vinícius. *Hart: expedições pelo Brasil imperial 1865-1878*. São Paulo: Metalivros, 2001.

Gama e Abreu, José Coelho da. *A Amazônia, as províncias do Pará e Amazonas, e o governo central do Brasil*. Lisboa: Typographia Minerva, 1883.

Genette, Gérard. “Fronteiras da Narrativa”. *Análise Estrutural da Narrativa*, Roland Barthes [et al]. Tradução: Maria Zélia Barbosa Pinto; introdução à edição brasileira por Milton José Pinto. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. *Paratextos Editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009. (Artes do livro:7).

Gil, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. - 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

Guerini, Andréia, Marie-Hélène Catherine Torres e Walter Costa, orgs. *Literatura & tradução: textos selecionados de José Lambert*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

Hallewell, Lawrence. *O livro no Brasil sua história*. Tradução: Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira; Geraldo Gerson de Souza. 2ª ed. revisada e ampliada. São Paulo: EDUSP, 2005 [1985].

Hartt, Charles Frederick. *Geologia e Geografia Física do Brasil*. Tradução: Edgar Sússekind de Mendonça e Elias Dolianiti. Introdução: E. Roquette-Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série 5ª Brasileira, Vol.200)

Hatim, Basil and Jeremy Munday. *Translation. An advanced resource book*. London and New York: Routledge, 2004.

Hermans, Theo. "The translator's voice in translated narrative." *International Journal of Translation Studies*, Target 8(1), 1996: 23-48.

Hermans, Theo, ed. *Cross Cultural Transgressions. Research Models in Translation Studies. Historical and Ideological Issues*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2002.

_____, ed. *Translating Others*. Manchester: St. Jerome, 2006.

Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Visão do Paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

Holliday, Adrian, Martin Hyde and John Kullman. *Inter-cultural Communication: An Advanced Resource Book*. London and New York: Routledge, 2004.

Holmes, James S. "The Name and Nature of Translation Studies". *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam: Rodopi, 1972: 67–80.

Holmes, James S., Jose Lambert and Raymond van den Broeck, eds. *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies with a Basic Bibliography of Books on Translation Studies*. Leuven: Acco, 1978.

Hooper, Glenn and Tim Youngs, eds. *Perspectives on Travel Writing*. Aldershot: Ashgate, 2004.

House, Juliane. *Translation*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Hua, Zhu. *Exploring Intercultural Communication: language in action*. New York: Routledge, 2014.

Hulme, Peter and Tim Youngs, eds. *The Cambridge Companion to Travel Writing*. UK: Cambridge University Press, 2002.

Hurtado Albir, Amparo. 2001. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. Madrid: Gredos.

Iser, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.

James, William. *The Letters of William James*, edited by his son Henry James, in two volumes. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1920.

Jauss, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

_____. "O Prazer Estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Aesthesis e Katharsis". *A literatura e o leitor - Textos de Estética da Recepção*, 2ª ed. Org. de Luís Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002: 67-84.

Katan, David. "Translation as Intercultural Communication." *The Routledge Companion to Translation Studies*. Munday, edited by Jeremy Munday. London: 2009: 81-92.

Kearns, John. "Strategies". Baker, Mona and Gabriela Saldanha, eds. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Second Edition. Abingdon: Routledge, 2011: 282-285.

Kuhiwczak, Piotr and Karin Littau, eds. *A Companion to Translation Studies*. Clevedon, Buffalo and Toronto: Multilingual Matters Ltd., 2007.

Kury, Lorelai B. "A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil". *Revista Brasileira de História*, v. 21, n. 41, 2001. *On-line version* ISSN 1806-9347. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882001000200009>

La Condamine, Charles-Marie de. *Viagem na América Meridional descendo o rio Amazonas*. Tradução de Cândido Jucá; apresentação por Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, 2000. (Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros).

Lefevere, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London and New York: Routledge, 1992.

Leite, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira, 2003.

Leite, Ilka Boaventura. *Antropologia da Viagem – Escravos e libertos em Minas Gerais no Século XIX*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

Leite, Miriam Moreira. *Livros de Viagem, 1803-1900*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

Lima, Luís, org. *A literatura e o leitor: Textos de Estética da Recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Lindley, Thomas. *Narrativas de uma viagem ao Brasil*. Tradutor: Thomaz Newslands Neto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Coleção Brasileira, v. 343, 1969.

Lopes, Alexandra e Maria do Carmo Correia de Oliveira, org. *Deste Lado do Espelho. Estudos de Tradução em Portugal. Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*. Colóquio realizado na Universidade Católica Portuguesa em 21 e 22 de Fevereiro de 2002. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002.

Lowe, Elizabeth. "Revisiting Re-translation: Recreation and Historical Re-vision". *A Companion to Translation Studies*. Edited by Sandra Bermann and Catherine Porter. Malden, MA, USA/ Oxford, UK: Wiley Blackwell, 2014: 413-424.

Machado, Álvaro Manuel e Daniel-Henri Pageaux. *Da literatura Comparada à Teoria da Literatura*. 2ª edição, revista e aumentada. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

Machado, Maria Cristina Gomes. *Rui Barbosa*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

Machado, Maria Helena Pereira Toledo. “A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo degeneracionista”. *Revista USP*, v. 75, 2007: 68-75.

_____. (org.). *Brasil a Vapor. Raça, Ciência e Viagem no século XIX*. Tese de livre-docência inédita, FFLCH/USP, 2005.

_____. *O Brasil no Olhar de William James: cartas, diários e desenhos (1865-1866)*. São Paulo: Edusp, 2010.

Magalhães, Basílio de. [Prefácio]. Wallace, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*. Tradução de Orlando Torres. Prefaciada, anotada e revista por Basílio de Magalhães. Edição Ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. (Coleção Brasileira; série 2ª - vol. 156 - Biblioteca Pedagógica Brasileira)

Mansfield, Charles Blachford. *Paraguay, Brazil and the Plate. Letters Written in 1852, 53... With a Sketch of the Author's Life by C. Kingsley*. Cambridge, U.K.: Macmillan, 1856.

Mason, Peter. “America 2: Native South Americans.” Beller, Manfred and Joep Leerssen, eds. *Imagology. The cultural construction and literary representation of national characters. A critical survey*. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007: 86-89.

Martin, Alison E. and Susan Pickford, eds. *Travel Narratives in Translation, 1750-1830: Nationalism, Ideology, Gender*. New York and London: Routledge, 2012.

Martins, Ana Cecília Impellizieri; Monique Sochaczewski. “Jogos de espelhos: uma proximidade distante, uma distância próxima”. *As descobertas do Brasil*. Jean Marcel Carvalho França, et al. 1 ed. Rio de Janeiro: casa da Palavra, 2014.

Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied. *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*. Organização de Olivério Mário de Oliveira Pinto. Tradução de Edgard Sússekind de Mendonça e Flávio Poppe de Figueiredo. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Série 5ª. Vol. 1 da Brasileira – Grande Formato – Biblioteca Pedagógica Brasileira, 1940.

Mawe, John. *Viagens ao interior do Brasil: principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes*. Tradução de Solena Benevides Viana. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.

Medeiros Lahuerta, Flora. “Viajantes e a construção de uma idéia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822)”. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2006, vol. X, núm. 218 (64), n.p. <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-64.htm>> [ISSN: 1138-9788]

Meier, Albert. "Travel Writing". *Imagology. The cultural construction and literary representation of national characters. A critical survey*. Edited by Manfred Beller and Joep Leerssen. Amsterdam/New York: Rodopi, 2007: 446-450.

Meirelles-Filho, João. *Grandes Expedições à Amazônia Brasileira – 1500-1930*. São Paulo: Metalivros, 2009.

Mello-Leitão, Cândido de. *O Brasil visto pelos ingleses*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. (Coleção Brasileira, v.82)

_____. [Prefácio e Notas]. *O Naturalista no Rio Amazonas*, de Henry Walter Bates. Tradução: Cândido de Mello-Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. (Coleção Brasileira; v. 237-237-A)

Mendes, Ana Paula Coutinho. "Imagologia Literária: contornos históricos e princípios metodológicos". *Cadernos de Literatura Comparada* 1 (Dezembro de 2000): 93-100. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/23368?mode=full>

Mendes, Elizabeth de Camargo. *Os Viajantes no Brasil 1808 – 1822*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1981.

Mendonça, Edgar Süssekind de. [Revisão e Notas]. *O Brasil e os Brasileiros: esboço histórico e descritivo*, de Kidder, Daniel Parish e James Cooley Fletcher. Vol. 2. Tradução: Elias Dolianiti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (Coleção Brasileira, v. 205/T2)

_____. [Notas]. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*, de Agassiz, Jean Louis and Elizabeth Cary Agassiz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Coleção Brasileira; v. 95)

Mello, Thiago de. *Estatutos do homem*. 2 ed. São Paulo: V&R, 2002.

Mills, Sara. *Discourses of Difference. An analysis of women's travel writing and colonialism*. London and New York: Routledge, 1991.

Milton, John and Paul Bandia, eds. *Agents of Translation*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

Molina, L. & Hurtado Albir, A. "Translation Techniques Revisited: A Dynamic and Functionalist Approach." *Meta*, 47 (4) (2002): 498-512. <https://doi.org/10.702/008033ar>

Moniz, Maria Lin & Teresa Seruya, eds. *Translation and Censorship in Different Times and Landscapes*. Cambridge: Cambridge Scholars Press, 2008.

Moraes, Rubens Borba de. *Bibliografia Brasileira*. 2 vols. Rio de Janeiro: Colibris Editora Ltda., 1958.

_____. *O Bibliófilo Aprendiz*. 2ª Edição, revista e aumentada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

_____. *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; S.C.C.T., 1979.

_____. [Apresentação]. *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*, de Johannes Nieuwhof; Tradução do inglês: Moacir N. Vasconcelos. Confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia: José Honório Rodrigues. São Paulo: Livraria Martins, 1942: 13. (Biblioteca Histórica Brasileira, Vol. IX)

_____. [Apresentação da obra e do autor]. Kidder, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Brasília: Senado Federal. Conselho Editorial, 2001. (Coleção O Brasil Visto por Estrangeiros)

Moraes, Rubens Borba de e William Berrier. *Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros*. 2º volume. Brasília: Senado Federal, Coleção Brasil 500 anos, 1998.

Munday, Jeremy. *Introducing Translation Studies. Theories and Applications*. Second Edition. London and New York: Routledge, 2008 (2001).

_____, ed. *The Routledge Companion to Translation Studies*. London and New York: Routledge, 2009.

Nieuwhoff, John. *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*. Traduzido do inglês por Moacir N. Vasconcelos. Confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Honório Rodrigues. São Paulo, Livraria Martins: 1942. (Biblioteca Histórica Brasileira, Vol. IX.)

_____. *Voyages and Travels into Brazil and the East-Indies: Containing an Exact Description of the Dutch Brazil, and Divers Parts of the East-Indies...*. London: Awnsham and John Churchill, 1703.

Nord, Christiane. *Análise Textual em Tradução: base teóricas, métodos e aplicação prática*. Tradução e adaptação por Meta Elisabeth Zipser et al. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

Nunes, Carmen. *O eco dos descobrimentos na literatura portuguesa*. Lisboa: Replição, 1990.

O'Sullivan, Emer. "Englishness in German translations of Alice in Wonderland". *Interconnecting Translation Studies and Imagology*, edited by Luc van Doorslaer, Peter Flynn and Joep Leerssen. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016: 87-107.

Oliveira, Maria Clara Castellões de. Verônica Lucy Coutinho Lage (Orgs.). *Literatura, crítica, cultura*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2008. Vol. 1: 191-201.

Paes Loureiro, João de Jesus. *Cultura Amazônica. Uma diversidade diversa*. Série Aula Magna / UFPA, nº2. Belém-Pará: 2005.

Palumbo, Giuseppe. *Key Terms in Translation Studies*. London and New York: Continuum, 2009.

Pascual, A. D. *Ensaio crítico sobre a viagem ao Brasil em 1852 de Carlos B. Mansfield*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1861.

Pellat, Valerie (ed.). *Text, Extratext, Metatext and Paratext in Translation*. Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2013.

Peyrefitte, Alain. *O império imóvel ou o choque dos mundos*. Niterói: Casa Jorge, 1997.

Pickford, Susan & Alison E. Martin, eds. *InTRAlinea. Online Translation Journal — Travel Writing and Translation: Special Issue*, 2013.

Pinto, Janes Mendes. “A arte nas traduções mineiras”. Mitalle, Karina; Queiroz, Sônia (Org.). *Editoras mineiras: o lugar da tradução*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Edições Viva Voz, 2015: 41-65.

Pinto, Júlio Pimentel (Prefaciador). “Deslocamentos e Fronteiras”. Francielle Maria Modesto Mendes, *Imaginário na Amazônia: os diálogos entre história e literatura*. Rio Branco: Edufac, 2016:13-14.

Polezzi, Loredana. “Mobility”. Mona Baker and Gabriela Saldanha, eds. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Second Edition. Abingdon/New York: Routledge, 2011 [2009]:172-178.

_____. “Translation, Travel, Migration”. *The Translator — Studies in Intercultural Communication*. Edited by Loredana Polezzi. Manchester: St. Jerome Publishing, Special Issue, Volume 12, Number 2, 2006:169-188.

Pratt, Mary Louise. *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*. Second edition. London and New York: Routledge, 1992.

_____. *Os Olhos do Império. Relatos de Viagem e Transculturação*, traduzido por Jézio Gutierre e com revisão técnica desta autora e de Carlos Valero. Bauru: EDUSC, 1999.

Pym, Anthony. *Teorias Contemporâneas da Tradução – uma abordagem pedagógica*. Tradução de Ana Maria Chaves; Eduarda Keating e Fernando Ferreira Alves. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

_____. *Method in Translation History*. Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 1998.

Pym, Anthony, Miriam Shlesinger and Zuzana Jettmarová, eds. *Sociocultural Aspects of Translating and Interpreting*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006.

Reis, A.C.F. [Prefácio]. *Amazônia: natureza, homem e tempo*, de Leandro Tocantins. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944: 5-10.

Revista de Estudos Anglo-Portugueses, 28 vols. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica / Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1990-2019.

Ribeiro, Darcy. *O Povo Brasileiro — A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Rizzini, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822)*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Kosmos, 1946.

Robinson, Douglas. *Translation and Empire. Postcolonial Theories Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

Rodrigues, Aryon. D. I. [Introdução]. *As línguas gerais sul-americanas*. Brasília: PAPIA. Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico, 1996:6-18.
Disponível em: <http://www.revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1791/1602> .
Acesso em 28/10/2018.

Rodrigues, Cristina Carneiro. “Anotadores de relatos de viagem: um historiador e um naturalista”. Sousa, Germana Henriques Pereira, org. *História da tradução: ensaios de teoria, crítica e tradução literária*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015: 69-92.

_____. “As muitas vozes de Viagem ao Brasil em traduções indiretas”. Esteves, Lenita; Viviane Veras, orgs. *Vozes da tradução: Éticas do Traduzir*. São Paulo: Humanitas, 2014: 117-147.

_____. “As traduções de Bates: dois naturalistas no Rio Amazonas.” *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, v. 50, n. 2 (jul./dez.2011): 281-300.

_____. “Brasiliana e Reconquista do Brasil: projetos editoriais de traduções.” *Revista Letras*, Curitiba, Editora UFPR., n. 85 (jan/jun. 2012):219-230.

_____. “Prefácios e notas do tradutor: tensão e acolhimento na relação com o outro.” *Revista Tradução e Comunicação*, v. 20, 2010: 47-59. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/122280>>. Acesso em 20/6/2018.

_____. “Republicação de traduções: o caso da coleção Reconquista do Brasil”. Pereira, Germana Henriques; Thiago André Veríssimo. (Org.). *Historiografia da tradução: tempo e espaço social*. Campinas, SP: Pontes Editores, v. 4, 2018: 75-108.

_____. “Tradução e viagem: O Brasil de Richard Burton.” *Revista do GEO (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo)*: v.5, n.1 (2008): 69-79.

_____. “Traduções da Coleção Brasileira: fontes primárias”. *Tradução em Revista*, v. 5, (2008): 1-17.

Rodrigues, José Honório. *As fontes da história do Brasil na Europa*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

_____. [Introdução]. *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*, de Johannes Nieuwhof; Tradução do inglês por Moacir N. Vasconcelos. Confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Honório Rodrigues. São Paulo: Livraria Martins, 1942: XVII. (Biblioteca Histórica Brasileira, Vol. IX)

Rosa, Alexandra Assis, Hanna Pieta & Rita Bueno Maia. “Theoretical, methodological and terminological issues regarding indirect translation: An overview”. *Translation Studies*, 2017, vol.10, Nº2: 113-132. <http://dx.doi.org/10.1080/14781700.2017.1285247>

Sabin, Joseph. *A Dictionary of Books Relating to America, from its Discovery to the Present Time*. Mansfield: Martino, 2002.

Said, Edward W. *Orientalism*. London: Penguin Books, 2003 [1978].

Saint-Hilaire, Auguste de. *Viagem às nascentes do rio S. Francisco e pela província de Goyaz*. Tradução e notas de Clado Ribeiro de Nelson. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Série V. Brasileira; v. 68, 78)

Sanches, Francisco. *Que nada se sabe*. Lisboa: Veja, 1991.

Santos, Fabiane Vinente dos. “Brincos de ouro, saias de chita: mulher e civilização na Amazônia segundo Elizabeth Agassiz em Viagem ao Brasil (1865-1866)”. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, v. 12, n. 1, jan.-abr. 2005: 11-32.

Schleiermacher, Friedrich. “Sobre os diferentes métodos de tradução” [1813]. *Antologia Bilingue. Clássicos da Teoria da Tradução*. v. 1. alemão-português. 2ª edição revisada e ampliada. Werner Heidermann (Org). Tradução de Margarete Von Mühlen Poll. Florianópolis: UFSC. 2001: 26-87.

Schneider, C. I. “A Construção da Identidade Brasileira Através do Estudo dos Relatos de Viagem.” *Akrópolis*, 13(1) (2005): 49-50.

Disponível em: <http://revistas.unipar.br/akropolis/article/view/453>

Schulte, Rainer. *The Geography of Translation and Interpretation: Travelling between Languages*. Lewiston/ Queenston/ Lampeter: Edwin Mellen Press, 2001.

Seruya, Teresa, org. *Estudos de Tradução em Portugal. Novos Contributos para a História da Literatura Portuguesa*. Colóquio realizado na Universidade Católica Portuguesa em 14 e 15 de Dezembro de 2000. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2001.

Silva, Marina Jardim; Antonio Carlos Sequeira Fernandes; Vera Maria Medina da Fonseca. (2013). "Silva Coutinho: uma trajetória profissional e sua contribuição às coleções geológicas do Museu Nacional." *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 20(2), 2013: 457-479. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702013000200006>

Snell-Hornby, Mary. *The Turns of Translation Studies: New Paradigms or Shifting Viewpoints?* Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2006.

_____. *Translation Studies. An integrated approach*. Revised edition. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995 (1988).

Sousa Filho, Alípio de. "Somos mestiços, e daí?: arqueologia de representações depreciativas do mestiço e das mestiçagens na interpretação da cultura brasileira". *Café Filosófico*. Oscar Federico Bauchwitz (Org.). Natal: Argos, v. 1, 2001: 11-53.

Sousa, Celeste H. M. Ribeiro de. "A imagologia no Brasil: primeira tentativa de sistematização". *Revista Brasileira de Literatura Comparada* 14 (2009): 37-55.

_____. *Do cá e do lá: introdução à imagologia*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2004.

Southey, Robert. *História do Brasil*. Tradução: Luiz Joaquim de Oliveira e Castro. Notas: Cônego Dr. J.C. Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro, Garnier. 6v. 1862. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242344>

Spix, Johann Baptist von e Carl Friedrich Philipp von Martius. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. 3 volumes. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer, revista por B.F. Ramiz Galvão e Basílio de Magalhães, que a anotou. 3ª edição revista por Ernst Winkler. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976 [1938].

Spix, Johann Baptist von e Carl Friedrich Philipp von Martius. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. 3 volumes. Prefácio: Mário Guimarães Ferri; Tradução: Lúcia Furquim Lahmeyer; Revisão: B. R. Ramiz Galvão, Basílio de Magalhães e Ernst Winkler; Anotações: Basílio de Magalhães. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

Strobridge, Rev. G. E. *Biography of the Rev. Daniel Parish Kidder, D.D., LL.D., by his son-in-law Rev. G.E. Strobridge, D.D.* New York: Printed by Hunt and Eaton, 1894.

Taunay, Afonso de. *Visitantes do Brasil colonial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

Terena, Lúcio Flores. "O Mundo dos Separados". *Revista Diálogo - Experiências do sagrado*. Ano IX - Nº 34 – Maio de 2004: n.p. Disponível em:

<https://www.paulinas.org.br/dialogo/pt-br/?system=paginas&action=read&id=11475>

Thompson, Carl. *Travel Writing*. London and New York: Routledge, 2011.

Tocantins, Leandro. *Amazônia: natureza, homem e tempo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército: Ed. Civilização Brasileira, 1982.

_____. "Introdução". *Tesouro descoberto no Rio Amazonas, padre João Daniel*. Rio de Janeiro, Anais da Biblioteca Nacional, v.95. t. 1-2, 1975:23.

Todorov, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Toury, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____, ed. *Translation Across Cultures*. New Delhi: Bahri Publications, 1998.

Tylor, Edward Burnett. *Primitive Culture: researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. 2 vols. London: John Murray, 1871.

Varnhagen, Francisco Adolfo de. *História geral do Brazil - antes de sua separação e independência de Portugal*, pelo Visconde de Porto Seguro, natural de Sorocaba. 2ª ed., vol. 2. Rio de Janeiro: em casa de E. e H. Laemmert, 1877.

Venuti, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marleide Dias Esqueda e Valéria Biondo; revisão técnica de Stella Tagnin. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

_____. "Strategies of Translation". Mona Baker, ed. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2005, [1998]: 240-244.

_____. *The Translator's Invisibility: A history of translation*. London and New York: Routledge, 2003 [1995].

_____, ed. *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 2005 [2000].

Vespúcio, Américo. *Novo Mundo – As cartas que batizaram a América*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

Vieira, M. A., e S. Cobelo. "Tradução do Dom Quixote: Entrevista Com Eugênio Amado". *Caracol*, nº 1, Dec. 2010: 152-61, doi:10.11606/issn.2317-9651.v0i1p152-161.

Von Hagen and Victor Wolfgang. *South America, the Green World of the Naturalists*. London: Eyre & Spottiswoode, 1951.

Wolf, Michaela and Alexandra Fukari, eds. *Constructing a Sociology of Translation*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.

Young, Robert J.C. *Post-Colonialism – A Very Short Introduction*. New York: Oxford University Press, 2003.

Youngs, Tim, ed. *Travel Writing in the Nineteenth Century: Filling the Blank Spaces*. London, New York, Delhi: Anthem Press, 2006.

Youngs, Tim. *The Cambridge Introduction to Travel Writing*. New York: Cambridge University Press, 2013.

_____. *The Cambridge Introduction to Travel Writing*. New York: Cambridge University Press, 2013.